IVAR LISSNER



OS CÉSARES

APOGEU E LOUCURA

editora itatiaia

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



OS CÉSARES

Ivar Lissner

TRADUÇÃO OSCAR MENDES

Editora Itatiaia
1959

Tomo a liberdade de exprimir aqui minha gratidão ao DR. SIEGFRIED LAUFER, professor de História Antiga, na Universidade de Munique, pelas apreciações e sugestões tão pertinentes que me apresentou por ocasião da leitura dos capítulos que compõem este livro.

LISTA DOS SOBERANOS ROMANOS DE MÁRIO A CONSTANTINO

MÁRIO 107-86 antes de J.C.
SILA 82-79 antes de J.C
POMPEU 67-61 antes de J.C.
CÉSAR, Ditador 46-44 antes de J.C.
AUGUSTO (OTAVIANO) 30 antes de J.C a 14 depois de J.C.

TIBÉRIO 14-37
CALÍGULA 37-41
CLÁUDIO 41-54
NERO 54-68
GALBA, OTÃO, VITÉLIO 68-69
VESPASIANO 69-79
TITO 79-81
DOMICIANO 81-96
NERVA 96-98
TRAJANO 98-117
ADRIANO 117-138
ANTONINO PIO 138-161
MARCO AURÉLIO, VERO 161-180
CÔMODO 180-192
PERTINAX, DÍDIO JULIANO 193
SÉTIMO SÉVERO 193-211
CARACALA (BASSIANO) 212-217
OPÉLIO MACRINO 217-218
ALEXANDRE SEVERO 222-235
MAXIMINO 235-238
GORDIANO I, GORDIANO II, BALBINO, PUPIENO 238
GORDIANO III 238-244
FELIPE, O ÁRABE 244-249
DÉCIO 249-251
GALO (TREBONIANO) 251-253
VALERIANO 253-260
GALIANO 260-268
CLÁUDIO II, O GODO 268-270
AURELIANO 270-275
TÁCITO 275-276
PROBO 276-282
CARO, CARINO, NUMERIANO 282-284
DIOCLECIANO 284-305
GALÉRIO, CONSTÂNCIO CLORO, SEVERO, LICÍNIO, MAXIMIANO, MAXIMO DAIA, CONSTANTINO 325-337
CONSTANTINO, O GRANDE 325-337

OS CÉSARES

A SOBERBA POTÊNCIA DE ROMA

> Não compilei, com toda a verdade e exatidão, uma história desconhecida, sem autenticidade e exclusivamente tomada de empréstimo a outras, mas a História tal qual vive ainda na memória de meus leitores.
>
> HERODIANO, "História dos Imperadores", I, 1.
>
> Por esta razão, decidi-me a relatar com brevidade o fim de Augusto, depois o reinado de Tibério e de seus sucessores, sem ódio e sem amor... "sine ira et studio".
>
> TÁCITO, "Anais", I, 1.

Sempre me interessou saber que Júlio César tinha olhos negros e vivos, e que, sofrendo de calvície, puxava seus cabelos para a frente do crânio e trazia sempre em redor da cabeça os louros ou a coroa de ouro.

Cleópatra, moça sem a menor afetação, não era o que se costuma chamar uma beldade. Tinha gestos, atitudes, uma conduta marcados de distinção, que lhe davam um encanto fascinante. Amável, dotada de grande facilidade de elocução, exercia profunda atração sobre quantos dela se aproximassem. Rígido, grave, sombrio, taciturno, podia-se ver o imperador Tibério andando pelos seus jardins de Capri. Receioso, desconfiado, possuído dum medo doentio, era aquele velho extremamente cruel. Seu caráter adquire relevo saliente quando se consideram as particularidades tão características de suas mãos. Canhoto, tinha por costume, na presença de terceiros, furar com o dedo uma maçã de polpa dura. Quando conversava, o que era raro, aliás, os dedos de sua mão esquerda, sólidos e potentes, esboçavam no espaço gestos que, mau grado certo maneirismo e um preciosismo artificial, significavam bastante quanto à força e à tenacidade do homem. Homicida e pérfido, essa criatura medrosa, de grandes olhos temerosos, não estava atacado de alienação, nem de perturbações mentais no sentido clínico do termo, mas o sentimento de sua angústia íntima, tão profunda, havia-o levado até os confins da loucura. Possuímos exatíssima descrição de seu estado mental.

Inconstante, estouvado, irrefletido, era o imperador Cláudio tão esquecido e distraído que, depois do assassinato de Messalina, por ele ordenado, perguntou: "Por que a Imperatriz não vem para a mesa?" E não ignoramos que Nero, de seu próprio punho, escreveu poemas de valor. Houve uma testemunha que viu realmente as páginas manuscritas, corretas pela mão do Imperador.

Todos esses pormenores nos foram transmitidos com maravilhosa precisão pelos historiadores gregos e romanos. Ora, é preciso reconhecer que, se o tempo desbota e apaga a nitidez dos caracteres, os poetas, os escritores, os românticos e fantasistas de todos os tempos deformaram-nos, dissecaram-nos, fragmentaram-nos, deslavaram-nos, amoleceram-nos e tornaram-nos confusos e, por esta razão, os personagens tão interessantes do império romano aparecem a nossos espíritos como bonecos sem vida, desnaturados e desfigurados pela posteridade. Para escrever esta obra, consultei as fontes da Antigüidade. Traço a traço, migalha a migalha, reconstituí, segundo as fontes antigas,

aqueles personagens fascinantes. Espero que apareçam bem vivos aos meus leitores.
Apoiei-me igualmente na literatura científica moderna. As exposições analíticas e as críticas dos textos devidas aos sábios do mundo inteiro alargaram consideravelmente o horizonte de nossos conhecimentos. Ora, parece-me que a Ciência acometeu com demasiada violência as venerandas fontes antigas. Até meados do século XIX, não se havia deixado de acreditar nos retratos dos grandes biógrafos clássicos e nos relatos dos historiadores antigos. Somente em nossa época, pouco criadora aliás, mas tanto mais levada à crítica, é que se tentou dissociar da realidade histórica os grandes retratos psicológicos dum Tácito, dum Suetônio ou dum Plutarco. Ora, é sempre difícil fazer a "dissecação", a "autópsia", permito-me dizer, dos seres vivos. Os autores clássicos de Roma tinham-nos legado retratos transbordantes de vida e convém que nos aproximemos de seu legado com profundo respeito.
O passado e o presente acham-se ligados por elos misteriosos. Só Deus, cuja visão do tempo ultrapassa o tempo, a duração e o espaço e nossas convencionais dimensões, sabe que não há ontem, nem hoje, nem amanhã, e que a noção que temos do tempo é uma ilusão, pela simples razão de sermos mortais e de ter nossa existência um começo e um fim. Sabe que somos todos contemporâneos do imperador Tibério, no reinado do qual foi crucificado o Nazareno. Somos também contemporâneos dos homens que viverão mil anos depois de nós e que, se lhes for oferecida a ocasião, crucificarão outra vez o Cristo.
O passado e o presente estão acorrentados por elos indissolúveis. Ora, não sabemos quais sejam nossas cadeias. Ignoramos que carregamos em nossos ombros pesos milenares e que as gerações futuras deverão suportar a carga de todos os nossos atos e de todos os nossos pensamentos. Gemendo, sofrerão as conseqüências das guerras, ganhas ou perdidas, das bombas atômicas, de nossa literatura (boa ou má), de nossa ciência, de nossos pensamentos, inteligentes ou tolos. Infelizmente, temos o hábito de medir o que é passado pela escala dos valores incompletos e muito gabados de nossa época. Fazemos orelhas moucas ao ensinamento da história da Antigüidade porque não compreendemos mais que a Vida é sem cessar capaz de oferecer ao homem elementos novos e que só existe para nossos espíritos uma alternativa, isto é, que cada nova geração se acha colocada, desde o começo do mundo, a uma esquina da História, ou então que é absurdo pensar que uma geração nova possa encontrar-se "à esquina duma nova época", pois tudo o que é possível já existiu...
A maioria de nossos contemporâneos experimenta um constrangimento indizível ao abordar uma obra que trate do mundo grego ou romano. Os problemas que nossos contemporâneos não podem rapidamente compreender suscitam em seu espírito uma espécie de temor supersticioso. A literatura dita moderna evita aproximar-se das fontes antigas, como se fossem os abismos perigosos e insondáveis dum oceano desconhecido.
Assim, nos romances históricos, tanto como nos livros de história, os mesmos erros são sem cessar retomados e repetidos. Através dos séculos e das culturas, referindo-se a obras bem tardiamente compostas em relação com as épocas dos acontecimentos de que tratam, a sucessão dos autores chamados modernos nos apresenta personagens históricos que, edulcorados pela imitação e pela repetição, aparecem cada vez mais chatos, grotescos e vácuos, inchados por uma espécie de ênfase absolutamente inconsistente.

Cada qual pôs aí seu grão de sal. Revelado pela psicologia moderna, um Cláudio, fraco de espírito e dominado pelas mulheres e pelos libertos, torna-se um ser complexo. e até mesmo, disseram, "fundamentalmente bom"!

Suetônio consigna que os olhos de César eram negros e cintilantes de vida. Esse grande historiador viveu cerca de 75 até 140 depois de J. C. Nascido em Roma, duma família nobre, estudou direito e fez parte da comitiva do imperador Trajano. Mais tarde, foi o secretário do imperador Adriano. Responsável pela direção da chancelaria imperial, tinha acesso aos arquivos. Deve ter estudado um número imenso de documentos, de relatórios, de discursos, de correspondências, de obras de história, de processos do Senado e múltiplas coletâneas de anedotas. O leitor de sua Vita Caesarum tem a impressão de vogar num oceano de ciência, de cultura e de fatos, observados com uma precisão espantosa. Nenhum floreio. Mas fica-se confundido diante da realidade empolgante dos retratos de seus imperadores.

Se, quanto a nós, no liceu, foi-nos a história ensinada por um excelente professor, preocupado em instruir-nos o melhor que podia, todavia tais lições pareciam-nos fastidiosas e sem grande interesse. Ora, outros pedagogos souberam captar nossa atenção, porque seguiam o exemplo do grande Tácito. Graças à contribuição preciosa do material biográfico, "tornavam" a história viva.

Ora, de Tácito a Amiano, os historiadores romanos adotaram uma forma cada vez mais viva, isto é, biográfica. A biografia romana não procura e não descobre a evolução dum personagem; põe antes de tudo em evidência sua existência, descreve o ser tal qual é. Parece-me que circunscreve e se aproxima de muito perto da verdade. É mais fácil explicar uma individualidade em função de sua família e de seu caráter específico do que em função de sua evolução, porque o caráter ou o temperamento é uma constante, é "a Lei com a qual entraste na vida". Por esta razão, as biografias antigas oferecem uma imagem objetiva dos senhores do Império Romano. É certo que os historiadores e os biógrafos da Antigüidade nem sempre respeitaram a ordem cronológica dos acontecimentos e só na medida em que é ela indispensável à coerência de seu texto, descreveram a história política. Ora, não se trata aqui dum princípio, dum ponto de vista exclusivo, transbordante de parcialidade, isto é, duma espécie de impotência, como o acreditavam os historiadores do século XIX. Se Suetônio só registrou pequeno número de fatos, jamais alterou o espírito, a mentalidade e o clima psíquico dos homens. Em Nero, reconheceu Suetônio o poeta.

Quanto a Vespasiano, escreveu esse historiador que o imperador lamentava-se, em lágrimas, quando lavrava uma sentença, mesmo justificada e necessária. Parece-me que tais traços de caráter são tesouros essenciais e inestimáveis que compensam alguns erros cronológicos ou algumas datas erradas. Menino, adolescente, sob o reinado de Nero, adulto sob o de Domiciano, Tácito, após a morte dos tiranos, ocupava altas funções sob os reinados mais liberais de Nerva e de Trajano. Era uma criatura fina e sensível, que sofria profundamente com os excessos de sua época. Prematuramente envelhecido, retirou-se cedo da vida pública para consagrar-se às suas pesquisas e a seus trabalhos intelectuais.

Quando abordou a história, andava já pelos quarenta e dois anos. A liberdade de que gozara a República, antes do reinado de Augusto, inspirava-lhe grande admiração e profunda

inveja. É certo que o regime imperial, o principado, como diziam os romanos, assegurava e mantinha a paz. Ora, tal potência entre as mãos de um só homem devia obrigatoriamente perturbar e alterar o senso moral dum chefe, fosse ele o mais ajuizado, e provocar e ativar a cortesanice dos súditos. Em Roma, escreveu Tácito, vivia o homem sujeito, dos cônsules aos senadores e até aos cavaleiros. E, precisamente, os homens mais considerados eram os mais hipócritas.

Tácito, romano de velha cepa, viveu do ano 55 ao ano 120, depois de J. C. Acho que é o mais nobre historiador que haja atravessado essa época desconcertante e perturbadora que se chama a História, Sua superioridade é tão manifesta que parece que um sábio moderno seja incapaz de compreender o segredo mágico de seu método.

Ora, nem por isso deixa-se de atacá-lo. Censuram-lhe as pseudo-liberdades que teria tomado, acusam-no de ter "desprezado a exatidão do fato" e, para falar a verdade, tenho a impressão de que embirram com ele porque tratou a História como artista. Mas é bem porque o fato não é senão um fragmento dum todo e porque as vidas dum indivíduo e dum povo, semelhantes a mosaicos, compõem-se dum número infinito de elementos ínfimos, que não poderíamos privar-nos da contribuição criadora dum Tácito que, erguendo a História à altura duma arte, como que "autopsiou" sua época com uma clarividência sem igual. Ora, é preciso comprová-lo e proclamá-lo bem alto: é possível reconstituir os acontecimentos duma maneira objetiva, por assim dizer "tipológica", que, e é essencial, nada tem de comum com "a invenção pura e simples". O estilo de Tácito é muito pessoal, conciso e dinâmico. Com um traço, destaca o caráter preciso dum personagem, a exatidão dum acontecimento. Numa língua clara, direta, pintou quadros duma nitidez admirável e que exercem sobre nossos espíritos verdadeira fascinação. Basta aludir às figuras assustadoras de Tibério, de Sejano, da jovem Agripina e de Nero. Como é atraente e apaixonante a intuição profética desse historiador que nos deu dos antigos germânicos as descrições mais empolgantes e mais características da Antigüidade! Arte pura? Por que não? A arte caracteriza igualmente bem a história antiga.

As obras modernas de história, por mais precisas que sejam, guardam imperfeições, porque é impossível atingir a realidade por meio apenas da ciência exata, vazia de qualquer arte. Devo confessá-lo: Tácito ensinou-me que a verdade interior é capaz de ser, se possível, intensificada às custas das realidades exteriores.

Quanto a Salústio, o homem não é tampouco um "caso patológico", mas, pelo contrário, um historiador imparcialíssimo e vivo. É evidente que esse plebeu, admirador da época revolucionária, plainava demasiado "acima da refrega' e tomava demasiado à sua conta a doença do povo romano para ter escrito essencialmente com a finalidade de "recalcar seus próprios vícios"!

Após a leitura de Plutarco, Goethe, fazendo alusão aos personagens tão magistralmente pintados, escreveu que se sentia "excelentemente" que tinham sido eles seres vivos. E Plutarco declarara que a virtude ou o vício não era sempre posto em valor sob a luz dos atos mais heróicos! É nos escritos de Plutarco e nas obras de Horácio que se descobrem as informações mais matizadas a respeito de Cleópatra. Ora, não se deseja conhecer a verdadeira Cleópatra, filha duma civilização corrupta, mas mulher nobre, corajosa e culta? Uma européia e não uma egípcia? E, a este propósito, as três palavras de Horácio, non

humilis mulier (mulher sem baixeza) parecem muitíssimo mais exatas e evocadoras do que um longo romance de pura imaginaçãol

Creio que o homem moderno tem necessidade doutro alimento que o que encontra nos romances históricos; creio que tem sede de conhecer os fatos — verídicos e precisos — referentes às grandes figuras do passado. Ora, é fato provado que o homem moderno ignora o caminho que pode conduzí-lo a essas fontes puras!

Os artistas perfeitos do alto latim, Cícero e Horácio, Salústio, o maravilhoso biógrafo dos Césares, Suetônio, o curioso e hábil biógrafo imperial, Tácito, o historiador de gênio, o bitínio Dion Cássio, o alexandrino Herodiano, Lactâncio (cujos escritos parecem já libertar as chamas que, no futuro, jorrarão das fogueiras) e Eusébio que, como testemunho de sua fidelidade, depositou sua derradeira obra sobre a pedra sepulcral do imperador Constantino: todos esses grandes historiadores guiaram minha pena. Não me apoiando na autoridade de nenhum intermediário, deles aproximei-me de perto, no texto original.

Neste trabalho, e na nossa época que se deleita tantas vezes em desnaturar e em desfigurar as criaturas, os fatos e os acontecimentos, tentei fazer reviver os Césares, os bárbaros e os cristãos tais como — creio-o — existiram e viveram, a fim de que suas imagens se ergam diante de nossos olhos, por um breve instante que seja, sorridentes, graves ou sombrias, tais como seus destinos, seus caracteres e seus temperamentos os marcaram.

Teremos aqui um mundo desde muito desaparecido? Não creio.

A história da Antigüidade é a nossa história. Não somos somente os filhos de nossa época, carregamos também um fardo prodigioso, juntamente com todas as vantagens que devemos à civilização romana e cristã. Nossos atos, nossas aquisições, nossas riquezas foram-nos legados pela civilização mediterrânea e Roma. Nossa religião, nossas concepções do Estado, nossa legislação, nossa jurisprudência, a Igreja, a cavalaria, nossos costumes, nossos usos e hábitos de cortesia, nossas concepções de honra, o enfeite e o traje, depois a arte, a astronomia, a medicina, as bases matemáticas e físicas, o esporte, nossas idéias éticas e morais, em relação ao amor, ao casamento e à família, a estética, o calendário, o repouso semanal do domingo, e tantas outras conquistas cuja enumeração constituiria imenso tesouro acumulado que chamamos nossos valores hierárquicos: isto é o que se chama a cultura do Ocidente, da qual somos tributários, quer o queiramos quer não, e à qual estamos ligados.

A história romana é a história de uma cidade e de um povo cuja origem foi terreal e campônia. A virilidade, a energia da lei de Roma e dos romanos criaram o império mundial mais poderoso da Antigüidade. Sua história é rica de ensinamentos, cheia de recursos e de potencialidade, mais do que os comportam quaisquer outras, porque é possível acompanhar em todos os seus detalhes, sua própria evolução, sua existência, sua decadência até sua decomposição.

Ê porque na época dos impérios um só homem detinha os destinos do Estado em suas mãos, porque toda a atividade da cidade, todo o interesse da existência gravitavam em redor dum só homem que, em geral, era também o único oficiante no altar dos deuses, é por isso que, através da história dos imperadores, podemos acompanhar hoje a decadência de Roma. Não somente a expansão para o Leste impelia Roma para novos horizontes, para

civilizações desconhecidas, para hordas e povoados de "cavaleiros asiáticos", mas os imperadores se "orientalizavam" sempre mais.
Todo crescimento monstruoso, toda expansão desmedida, todo nivelamento da massa resultam inevitavelmente em decomposição. Se os valores culturais, tão preciosos, tiveram de perdurar, deverão ser exclusivamente apanágio dum escol. Toda adaptação, toda concessão ao gosto da massa, toda simplificação, toda "vulgarização" da vida espiritual resultam inexoravelmente num enfraquecimento da substância. A cultura é como um ser delicado, frágil e difícil de dirigir e que obedece unicamente a alguns privilegiados. Não se pode nutri-la artificialmente, nem adquiri-la com o dinheiro, nem suprimi-la arbitrariamente. É precisamente nas épocas de tirania que a força do espírito se intensifica, em segredo talvez, mas tanto mais viva! A cultura é um ser delicado, repito-o, É preciso velar por ela com ciumento cuidado. E somente alguns privilegiados são dignos em dela se aproximar. Cícero, o grande estilista, político e jurista de Roma; Pompeu, personagem um tanto seco e aborrecido, mas que depositou um império aos pés de Roma; César, o gênio mais universal da Antigüidade; Augusto, grande organizador de Estado, tão isolado no fim de sua vida; Calígula que, ao aproximar-se, desencadeava estes irônicos murmúrios: "Eis a cabra"; Sêneca, o imortal filósofo que Nero exaltou e depois assassinou; Vespasiano e Tito, os bons imperadores; Trajano, o melhor oficial romano; Adriano e Galiano, admiradores da Grécia; Marco Aurélio que, diante dos fluxos do mundo bárbaro, lutava solitário pela paz de sua alma; o perigoso púnico Sétimo Severo; Heliogábalo, o fantomático dançarino; Zenóbia, a jovem rainha dos altivos cavaleiros e Aureliano que a venceu; Diocleciano e seu gênio organizador; e Constantino, o primeiro imperador cristão do mundo: todos se aproximarão de nosso fervor, a fim de que possamos perceber o sopro ardente dum grande mundo desaparecido.
Foi num sonho (ou no curso duma existência anterior, como queirais) que percorrestes uma das províncias do império romano? Perdido na multidão romana, não vistes Augusto? Não saudastes um legionário, coberto de poeira e que, com a resignação e a simplicidade caras aos soldados, se preparava para afrontar a morte? Não vistes os prisioneiros conduzidos à deportação, reduzidos à escravidão, que os soldados levavam para as arenas onde foram presa dos animais ferozes? Não gritastes e não exultastes então com a turba? Não carregais com o remorso o peso desses crimes? Não conhecestes os estreitos becos de Roma? Vistes as liteiras suntuosas e macias carregadas pelos escravos? Ouvistes o martelamento dos caldeireiros, as implorações dos mendigos, o barulho das pesadas carroças e os gritos dos sirgadores e bateleiros do Tibre? É o Império Romano, altivo, glorioso, depravado e tão vaidoso dum esplendor enganador! Contemplemos, admiremos seui Césares, semi-deuses do Império! Evoquemo-los ainda uma vez, antes que pereça teu poder, ó Roma!, antes que tua riqueza se disperse a todos os ventos! antes que sejamos demasiado velhos e demasiado ignorantes para compreender e perceber que tu foste, ó Roma, alguma coisa mais que uma miragem dum conto de fadas!

MÁRIO E SILA

OS TIRANOS INVEJOSOS

> Sempre retribuí a meus amigos todo o bem que me fizeram, como também sempre retribuí a meus inimigos todo o mal que me fizeram.
>
> Epitáfio de Lúcio Cornélio Sila.
>
> Esses derradeiros acontecimentos fizeram que o romano mais comum e mais simples compreendesse que se podia crer numa mudança possível da tirania, não se devia esperar libertar-se dela. No começo de seu reinado, fora Mário um homem duro e cruel e, no apogeu de seu poder, suas disposições naturais haviam-se intensificado. Quando moço, foi Sila uma criatura sensível, amando a alegria e o riso mas, ulteriormente, entregou-se ao assassínio e aterrorizou a cidade pelas suas execuções sem número e sem freio.
>
> PLUTARCO, "Sila", 29.

No ano 113, antes de J. C, irrompendo do norte, um povo estranho, quase desconhecido do mundo mediterrâneo, aproximava-se das gargantas alpinas. Eram os cimbros, gentes originárias da península de Címbria, isto é, do Holstein do Schleswig e da Jutlândia.

Estrabão, o célebre geógrafo grego, relatou que um maremoto havia arrebatado grandes extensões de terra situadas nas costas do Mar do Norte e que os habitantes daquelas regiões viram-se obrigados a emigrar. Nas suas retiradas, a esses germânicos juntou-se mais tarde uma gente de raça vizinha, os teutões, que, segundo toda a probabilidade, eram originários das costas do Mar Báltico, ao nordeste da Alemanha. Nos confins do Danúbio, encontraram os cimbros os celtas que lhes detiveram o avanço. Ora, os cimbros conseguiram repelir os celtas e, povo errante, com suas mulheres, seus filhos e seus tesouros, continuaram a penetrar na direção do sul para ali descobrir nova pátria. Suas carroças, com toldas de couro, semelhantes a casas ambulantes, abrigavam suas mulheres, seus filhos e cães domésticos.

Estupefactos, viram os povos meridionais abaterem-se sobre suas terras aqueles estrangeiros de elevada estatura, de olhos bem azuis e de cabelos louros, com suas mulheres sólidas, robustas e belas e seus filhos "com cabeleira de ancião". Apareceram assim aos olhos dos italianos, os belos cabelos cor de línho dos filhos dos homens do Norte! Tinham os cimbros imitado as armas "modernas" dos celtas, quer dizer que à espada, ao punhal e ao escudo clássicos que, outrora constituíam seu armamento, haviam acrescentado o capacete de cobre ricamente trabalhado e o matéris, arma de arremesso e de ataque, e por fim a cavalaria. Submetiam-se também os cimbros a uma impiedosa e rigorosa disciplina de combate, segundo a qual, nas fileiras mais avançadas, eram os combatentes ligados, para a vida e para a morte, com correias e cordas.

Os, costumes desses germanos eram primitivos e rudes. Engoliam a carne crua e suas mulheres não hesitavam, quando necessário, em participar das batalhas. O rei desses exércitos era não só o mais corajoso, como também o homem de mais elevada estatura.

Os inimigos que se enfrentavam convinham de antemão na data e no local em que o combate deveria ser travado e, antes da abertura das hostilidades, os adversários se

encontravam em combates singulares. As zombarias e os insultos dirigidos aos adversários, os gritos de guerra dos homens, os golpes violentos que as mulheres e as crianças assestavam nas toldas das carroças, amplificados como os que teriam emitido monstruosos tambores, começavam as hostilidades. A morte no campo de honra era o único fim digno de um cimbro e, após a vitória, os objetos, os cavalos e as crianças eram sacrificados aos deuses da guerra. As sacerdotisas vestidas de branco presidiam os sacrifícios e vaticinavam no sangue que escorria dos ferimentos dos prisioneiros abatidos.
Como uma vaga imensa e poderosa, as filas móveis das carroças avançavam lentamente para o sul, passando pelos rios e montanhas... Por vezes os cimbros irrompiam com a rapidez do relâmpago, para desaparecer antes que o inimigo pudesse reunir suas forças.



GRAV. 1 — Desde o ano 500 antes de J. C., dirige a loba seu olhar inquieto e enigmático para o mundo. Na época em que viveram Mário e Sila, estava ela colocada no Capitólio, em Roma. Relata Cícero que, em 65, antes de J. C, atingida por um raio, caíra de seu soco. O bronze apresenta com efeito os sinais do raio. A escultura, que se encontra, em nossos dias, no Museu Capitolino, em Roma, foi provavelmente executada por um mestre italiano, de acordo com a encomenda de um soberano etrusco. Os gêmeos Rômulo e Remo foram

acrescentados por um artista da Renascença.

A primeira grande batalha teve lugar no ano de 113, antes de J. C., não longe de Noréia, na Caríntia. Uma tempestade salvou o exéreito romano da destruição total.
Oito anos mais tarde, perto de Arausio, às margens do Ródano (hoje Orange), sofreram os romanos tremendo desastre. Dois exércitos compreendendo oitenta mil homens foram destruídos. Foi um desastre tão grande quanto o banho de sangue que Aníbal provocara em Canes. No ano de 103, antes de J. C, os cimbros, os teutões e algumas tribos helvéticas aliaram-se para invadir a Itália por várias partes ao mesmo tempo. No ano de 102, antes de J. C, grande batalha se realizou em Aquae Sextiae (Aix), a vinte e cinco quilômetros ao norte de Marselha. Ora, favorecidos por um calor tórrido, conseguiram os romanos pela primeira vez varar o verdadeiro baluarte que constituíam os corpos dos teutões ligados uns aos outros. Os germanos contaram grande número de mortos e o rei Teutobod caiu prisioneiro. Em suas carroças, lutaram as mulheres com a coragem do desespero porque, para elas, era a morte preferível ao cativeiro, isto é, à escravidão.
Um ano mais tarde, em Verceil, na Itália do Norte, foram os cimbros, por sua vez, esmagados pelos romanos. Os adversários tinham firmado de comum acordo a data do embate para o dia 30 de julho do ano de 101, antes de J. C. (653 após a fundação de Roma). Na vasta planície do Piemonte, os cavaleiros romanos superiores em número, puderam ter grande liberdade de movimento e os cimbros foram aniquilados. Felizes os que tombaram no campo de batalha, porque os prisioneiros, vendidos como escravos no mercado de Roma, estavam destinados a terminar seus dias sob o azorrague implacável de seus senhores romanos, que os odiavam. Essa imensa vaga de seres humanos que, durante treze anos, do Danúbio até o Ebro, do Sena até o Pó, havia semeado a tormenta e o pânico em todas as nações mediterrâneas, estava agora domada, exterminada ou reduzida à escravidão. Expulso de suas terras de origem, após um cataclisma da natureza, foi então o povo dos cimbros dizimado. Qual foi, pois, o romano vencedor das batalhas de Aquae Sextiae e de Vercellae?
Chamava-se Caio Mário, filho dum modesto trabalhador de origem camponesa, Nasceu em Cereatae, aldeia hoje chamada Casamare (casa de Mário). Servindo no exército romano, assinalou-se na Espanha pela sua coragem e pela sua bravura. Promovido ao posto de oficial, regressou a Roma coberto de ferimentos e de citações honoríficas. Visando a um posto militar elevado, procurou obter cargo duma função política oficial. Ora, em Roma, tal ambição não podia realizar-se e ser coroada de êxito, quando se tratava (como era o caso) de um homem sem fortuna e desprovido de relações políticas. Todavia, na idade de quarenta anos, veio Mário a conhecer uma moça pertencente à nobre casa dos Júlios, uma das famílias mais distintas de Roma, e tomou-se ela mais tarde a tia de Júlio César.
Foi esse brilhante casamento a origem da prestigiosa carreira de Mário. No ano de 108, antes de J. C, foi eleito cônsul. Dois anos mais tarde venceu Jugurta, o rei africano. No decorrer duma marcha triunfal, tal como nunca Roma vira, fez desfilar pelas ruas da cidade e sob as vaias e risadas da multidão, o numida e seus dois filhos carregados de correntes. Mais tarde, lançado no Carcer mamertinus, prisão situada no subsolo do Capitólio, foi o rei Jugurta estrangulado. Dois anos depois, encarregado do comando

supremo dos exércitos enviados para deter as invasões dos cimbros e dos teutões, infligiu Mário sangrenta derrota aos povos gemânicos. Herói libertador de sua pátria, fèz nova entrada triunfal em Roma. Alcançou então Caio Mário o apogeu de sua glória. Por cinco vezes, elegeram-no cônsul.

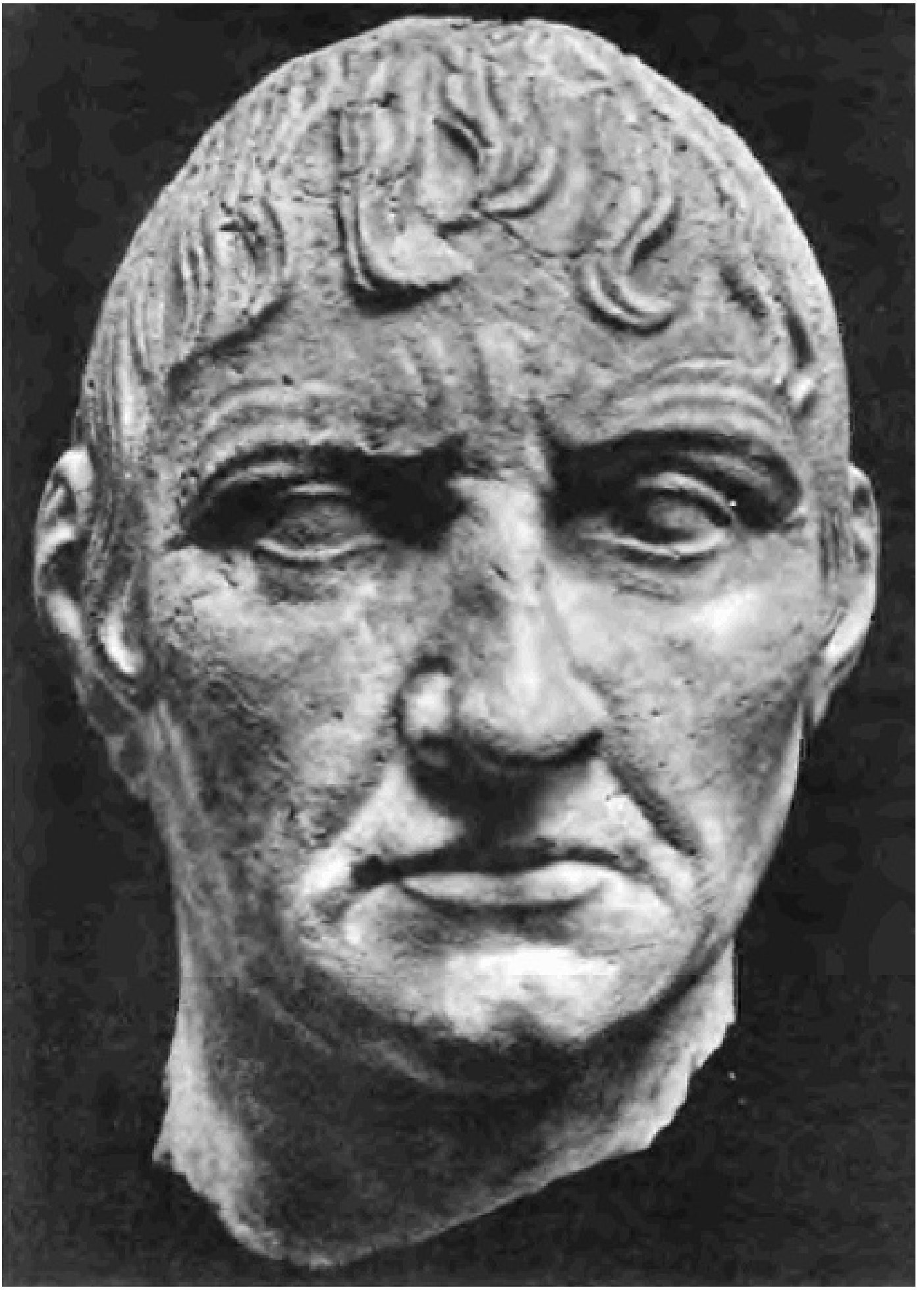
Havia reorganizado inteiramente o exército romano. Esse filho de camponês fizera desaparecer do exército os derradeiros traços do antagonismo que subsistia entre os burgueses e os aristocratas. Outrora, estava o exército dividido em corpos aristocráticos e corpos burgueses, segundo o nascimento e a fortuna, Mário aboliu essas distinções de classe e todo cidadão romano nativo da Itália pôde servir no exército. Andava o nome de Mário, libertador da pátria, em todos os lábios. Primeiro cidadão de Roma, foram os grandes obrigados a reconhecer seu valor. Oriundo do povo, gozava de grande popularidade entre os humildes. Tanta glória, tantas coroas, tantos panegíricos, tanto entusiasmo e exaltação haveriam de perturbar o espírito daquele plebeu. Chegara então o momento em que o grande favorito dos romanos deveria provar que era capaz de se manter sobre o terreno perigoso e escorregadio da alta política.

Ricos, corruptos, refinados, elegantes, eram os romanos, além disso no campo da palavra, oradores de primeira ordem. As pessoas de qualidade, de uma civilidade e de uma sociabilidade perfeitas, conheciam a arte de viver. Era Roma então a primeira cidade do mundo.

De repente, explodiu um acontecimento inesperado e com o qual Mário não havia contado: a paz! Nenhum inimigo no interior do imenso império, nenhuma ameaça no horizonte! As três penínsulas do sul da Europa: a Espanha, a Itália e a Grécia, a África do Norte e as vastas províncias da Ásia Menor estavam sujeitas ao domínio romano. Ora, se o mundo mediterrâneo gozava dum período de paz, Mário, no entanto, sempre conservara seu espírito violento e combativo. Suas maneiras e seu comportamento eram rudes, grosseiros, rústicos e barulhentos, e seu olhar agressivo, selvagem, parecia sempre assestado sobre as hordas guerreiras dos líbios, dos cimbros e dos teutões. O soldado, que sempre permanecera, parecia um anacronismo e destoava no meio dos homens de Estado romanos, bem educados, policiados, finos e perfumados. À noite, tinha por costume consultar os adivinhos etruscos, em segredo. E se lhes seguia docemente os conselhos absconsos, o mesmo não fazia com as regras da etiqueta, de rigor nas classes dirigentes.

Um dia, apareceu no Senado, com as vestes que levara no dia de sua reentrada triunfal em Roma. Houve uma risadaria geral e, com a rapidez do relâmpago, a divertida história deu volta à cidade. Comparada com a riqueza de que gozavam os senadores, a fortuna de Mário era ínfima! Pior ainda, seus gostos eram modestos por demais! Insulto suplementar: tinha horror às intrigas e à corrupção! E, vício imperdoável aos olhos de seu círculo, seu cozinheiro preparava comidas execráveis! De quais crimes o acusavam ainda? Como um simples campônio, Mário só sabia o latim. Se, em sua presença, entretinham-se em grego, constrangido, calava-se e proibia que seus interlocutores a ele se dirigissem naquela língua que não entendia. Como era, de resto, o caso para a maioria dos romanos, o teatro grego aborrecia-o profundamente. Ora, franqueza imperdoável em tal meio, confessava abertamente seu tédio! A fim de escapar às zombarias do mundo, procurou então o esquecimento no vinho. O cônsul embriagava-se! Sua falta de segurança, seus

complexos impeliam Mário a participar das intrigas intestinas que agitaram os meios políticos de Roma. A 10 de dezembro do áno 100, antes de J. C, na grande praça do mercado, em Roma, houve uma arruaça: foi a primeira guerra civil romana. Mário desempenhou nisso um mesquinho papel e o malogro que sofreu foi tão completo que aquele homem, seis vezes cônsul e chefe dos exércitos vitoriosos, ficou, por assim dizer, despojado da glória de que gozava aos olhos de todos.



GRAV. 2 — Este expressivo retrato de um romano da época republicana evidencia, a que ponto se mostravam preocupados os artistas romanos com a "descrição" naturalista e realista. Sua arte diferia essencialmente da idealização dos gregos. A escultura data do 2.° século antes de J. C.

Mário partiu então para uma longa viagem pelo Leste. De regresso a Roma, reabriu sua casa na intenção de dar grandes recepções mundanas, festas e banquetes. Ora, ninguém quis satisfazer-lhe o apelo e as grandes salas de seu luxuoso palácio permaneceram vazias. Acabrunhado de tédio, aguardava Mário com impaciência o fim daquela paz que parecia definitivamente instalada!

No ano de 91, antes de J. C, sublevou-se a Itália contra a capital. Desde longos anos, as províncias da península reclamavam a cidadania romana. Orgulhosos e ciosos de seus privilégios, tinham os romanos sempre oposto categórica recusa a essa reivindicação. Reuniram-se então as províncias contra Roma: foi a guerra dos Confederados. Mário, desta vez ainda, mostrou-se indeciso, hesitante, embaraçado. No ano de 89, obtiveram os itálicos oficialmente a cidadania romana. Desde esse dia, a história de Roma deixou de existir: tratar-se-á doravante da história da Itália.

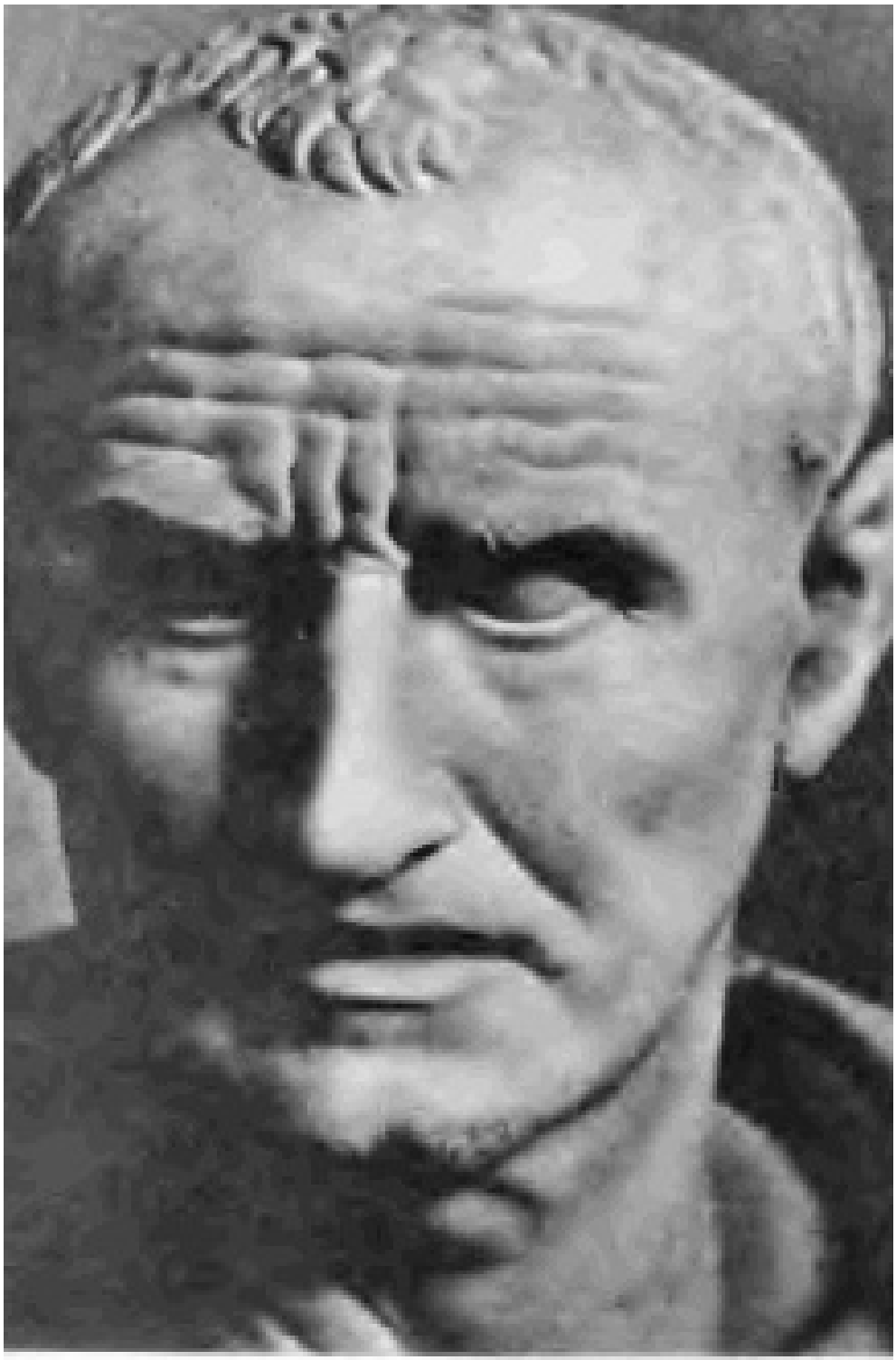
Em Roma, aparecera um homem novo: Lúcio Cornélio Sila. Eleito cônsul em 88, foi Sila encarregado do comando supremo dos exércitos enviados contra um inimigo temível, Mitídrates, rei do Ponto, na Ásia Menor. Era Mitídrates, presumivelmente, de origem persa. O Ponto, seu país, situado na atual Turquia, era limitado pelo Mar Negro, chamado outrora Pontos Euxeínos.

Sempre muito ambicioso, vê-se Mário suplantado por Sila. Após as numerosas vitórias que conquistou, deveria o comando da guerra contra Mitídrates ser-lhe por direito confiadol Após a partida de Sila, Roma se subleva e Mário retoma o poder. De volta a Roma, Sila não ousa mostrar-se em público, até o momento em que toma a resolução de apresentar-se a Mário em pessoa.

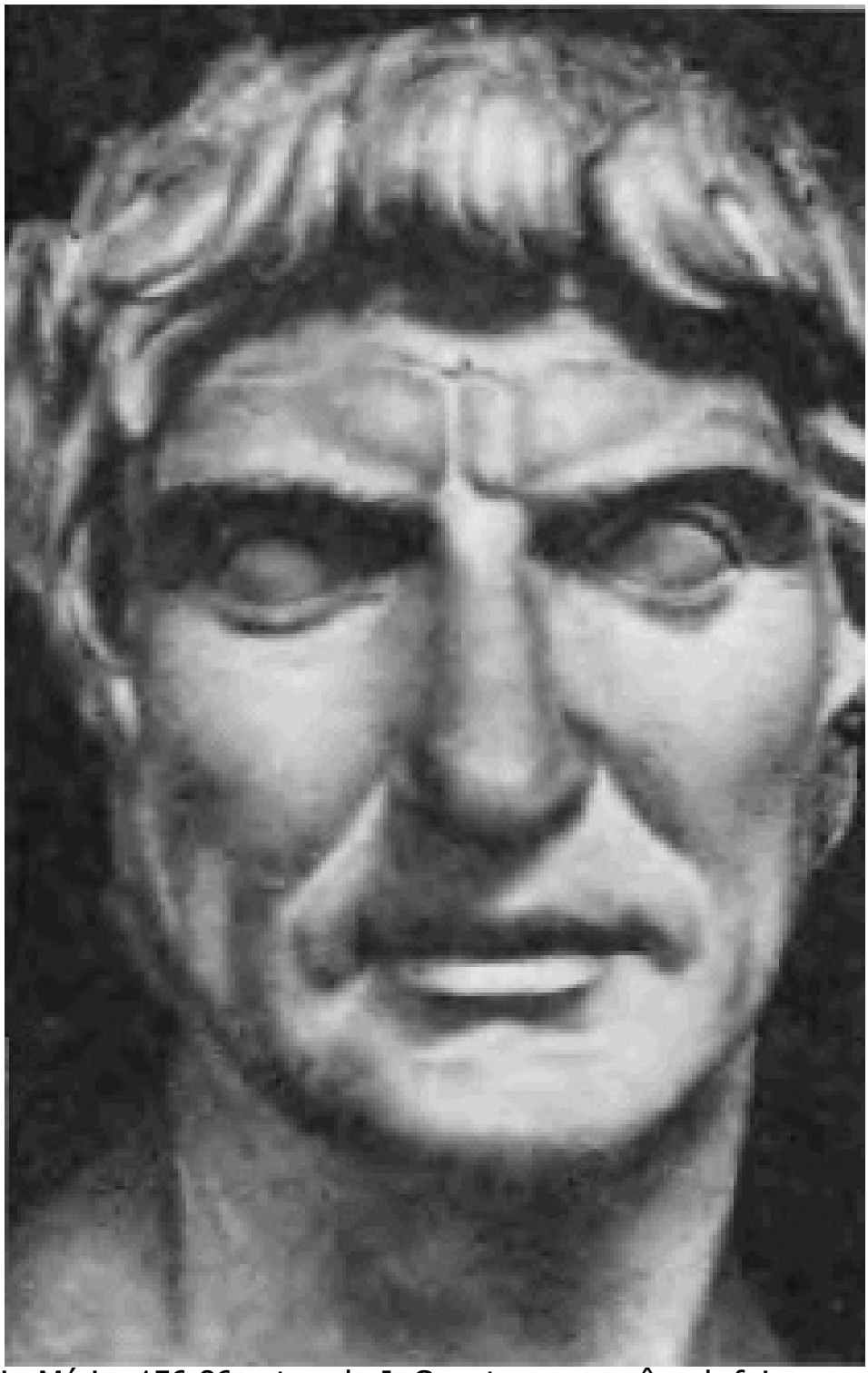
Caridoso, o cônsul autoriza Sila a deixar livremente Roma. Ora, na Itália do Sul, levanta Sila imponente exército de que assume o comando para marchar sobre Roma. Sem meios de defesa, a capital se rende. E Mário é proscrito. Em Óstia, o banido sobe a bordo dum barco que velejava para a África. Mas os ventos contrários, depois a falta de víveres, obrigaram o navio a abordar as costas da Itália. Como o rei Lear, o proscrito, sozinho, faminto, esgotado, vaga pelo país sobre o qual reinou. Foi então preso pelos esbirros de Sila que o descobrem um dia nos brejos de Minturno, atolado na lama até a cintura, com a cabeça oculta sob os caniços. Encarcerado em Roma, aguarda Mário sua execução. Foi um escravo cimbro o encarregado de matá-lo. Ora, quando o germano encontra o olhar dominador de seu antigo vencedor, quando ouve a voz poderosa de Mário que o insulta, como que paralisado, o cimbro larga o cutelo. Compreendem então os funcionários romanos que o escravo, diante do triunfador de outrora, fora tomado dum respeito que os burgueses romanos não mais experimentavam. Embaraçados, envergonhados, libertam Mário de suas cadeias e enviam-no deportado para a Dha de Isquia.

Na Ásia, Sila conquista numerosas vitórias contra Mitídrates. Viveu este rei de 132 a 63, antes de J. C. Era, no Oriente, um dos mais temíveis adversários de Roma. No decorrer das conquistas sucessivas das províncias da Ásia Menor, acabou por encontrar a

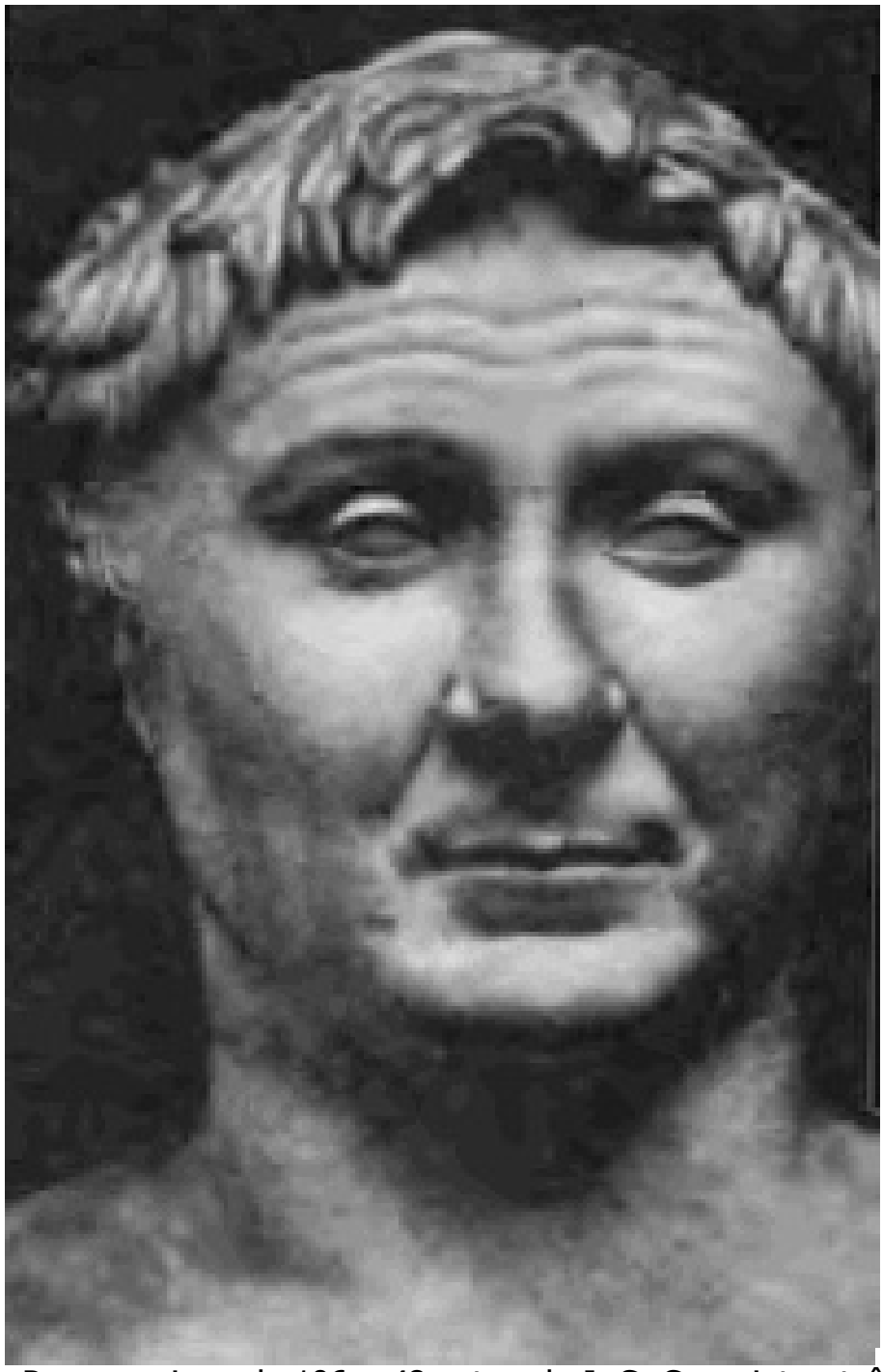
resistência romana. Em 88, antes de J. C, em Éfeso, mandara Mitídrates assassinar todos os italianos que se encontravam na Ásia Menor: pereceram de 80.000 a 100.000 homens.
Em todos os lugares em que se encontraram, infligiu Mitídrates sangrentas derrotas aos romanos. Seus generais acabaram por apoderar-se de Atenas. Ora, no ano de 84, tropeçou afinal Mitídrates com um adversário à sua altura: Sila conquistou a vitória! Foi Mitídrates obrigado a pagar um tributo de dois mil talentos, soma enorme para a época e que eqüivale a novecentos milhões de francos-ouro.
Em 74, retomaram-se as hostilidades. Mitídrates havia reconquistado a Ásia Menor. Um general romano avançou então ao seu encontro: o célebre Lúculo, cozinheiro de gênio, gastrônomo, importador de cereja na Europa e que foi, além disso, o general mais dotado de sua época. Mitídrates teve de refugiar-se na Armênia. Mas, tenaz, o oriental reuniu ainda uma vez suas forças armadas. Por três vezes bateu o exército romano. O grande Pompeu, por fim, esmagou-o no ano de 66.
Parecia todavia impossível vencer definitivamente Mitídrates, porque, de novo, restabeleceu seu poder e preparou uma campanha contra Roma. Seu filho se rebelou contra ele e Mitídrates abandonou então suas pretensões. Quis envenenar-se. Mas não tendo o tóxico produzido seu efeito, o rei fez-se apunhalar por um escravo.
Mitídrates parece personificar o tirano dos contos de fadas e das lendas: o autócrata, o soberano despótico, violento, invencível. Adolescente, sua mãe surpreendera-lhe a natureza cruel e tentara assassiná-lo. Mitídrates fugira para as montanhas, onde viveu do produto da caça. Mais tarde, lançou sua mãe na prisão, estrangulou seus irmãos mais moços, vários de seus filhos e, finalmente, sua própria mãe.
Falava Mitídrates correntemente vinte e duas línguas. Conferiu prêmios aos maiores poetas de seu império e também aos cidadãos mais comilões! Tirano oriental, vivia num medo constante, bem asiático, de ser assassinado; toda criatura que dele se aproximava era, a seus olhos, um assassino em potencial. Para imunizar-se contra os efeitos mortais dos venenos, submeteu-se ao hábito sistemático dos venenos e dos tóxicos mais usuais. Foi por esta razão que sua primeira tentativa de suicídio malogrou-se. Suprimiu igualmente sua irmã mais velha, que havia aliás desposado, e outra de suas irmãs! A fim de evitar que seu harém caísse nas mãos dos inimigos, mandou matar suas numerosas concubinas. Outrora, para obter as boas graças de Mônima, a bela grega, Mitídrates delegara-lhe um emissário munido de cinco mil peças de ouro.



GRAV. 3 — Lúcio Cornélio Sila, 138-78 antes de J. C. Gozador, monstro sanguinário, foi esse ditador, no entanto, um valoroso homem de Estado.



GRAV. 4 — Caio Mário, 156-86 antes de J. C, sete vezes cônsul, foi um general brilhante mas um estadista desastrado. Morreu como um animal, perseguido, acuado por uma matilha.



GRAV. 5 — Cneu Pompeu viveu de 106 a 48 antes de J. C. Conquistou três continentes e, soldado durante toda a sua vida, casou-se cinco vezes. General brilhante, avisado e prudente, não teve, como Alexandre, a sorte de morrer no apogeu de sua glória. Foi vencido por César.

— Oferece-me um diadema e a dignidade de rainha — mandou-lhe ela dizer em resposta, — senão ficarei em Mileto. Foi-lhe, pois, remetido o diadema e, desde então, a infeliz Mônima, encerrada por trás das grades do harém real, chorava sua liberdade perdida. Quando o rei lhe ordenou que se fizesse matar, tentou estrangular-se com a ajuda do famoso diadema. Este, porém, partiu-se totalmente.

— Ó miserável jóia! — exclamou ela. — Até na morte não terás sido senão uma vã promessa!

E a bela Mônima fez-se apunhalar.

O general Lúculo não se regosijara com a morte de Mitídrates. Desejara capturar o rei para exibi-lo, vivo, diante da populaçao romana, a exemplo de Mário que fizera desfilar pelas ruas de Roma o rei Jugurta e seus filhos acorrentados. Foi Sila, definitivamente, o primeiro que conseguiu opor resistência vitoriosa ao rei conquistador. Ora, assim que o general romano deixou a Itália para combater no Próximo-Oríente, Mário voltou a Roma, no ano 87. Hirsuto, o queixo coberto por uma longa barba grisalhante, aparecia o banido como a encamação da vingança.

Nessa época, estava Roma sob o domínio do implacável Cina, detestado pelo povo. Por ocasião dum levante, foi Cina expulso de Roma. Aliou-se então com Mário e, à frente dum exército que havia reunido, voltaram os dois antigos cônsules a Roma. Mário, sórdido, vestido de farrapos, de olhos vítreos, percorreu as ruas da cidade e quem quer que deixasse de saudá-lo tinha a cabeça cortada. Pela sétima vez, retomou seu cargo de cônsul — mas por indicação própria. Como um furioso, entregou-se Mário à bebida e morreu numa crise de delirium tremens, a 13 de janeiro, do ano de 86 antes de J. C. Se Mário foi um grande soldado, foi também um lamentável e mísero político.

Três anos após a morte de Mário, voltou Sila do Próximo-Oriente. Também ele fora banido; Roma, como Atenas, feria muitas vezes com o ostracismo seus grandes homens de Estado quando, no exterior, estavam de costas voltadas. Toda a família de Sila fora exterminada e Sila, declarado inimigo público, teve seus bens confiscados.

Ora, apenas pôs os pés no solo italiano, rebentou a guerra civil. Legiões inteiras passaram para o seu lado e Sila tirou então sua vingança. Dos países do Ocidente (de Mitídrates, quem sabe?) aprendera os métodos próprios para tornar eficaz a vingança. Milhares de homens foram massacrados. De rosto exangue, como que pintado pelas manchas vermelhas da febre héctica, foi Sila um carrasco feroz e monstruoso. As "proscrições", com os nomes dos homens abatidos durante a noite, eram afixadas no Fórum. Aquela espécie de Ivã, o Terrível, antecipado, mandou massacrar os doze mil italianos que lhe ofereceram resistência na fortaleza de Preneste, perto de Roma. Sila mandou vender em leilão os bens das vítimas e libertar seus escravos. Favoreceu os comediantes, os cantores e as cortesãs que gozavam de suas liberalidades. Muitas vezes convidava a cidade inteira a gigantescos bródios e a comezaina que a população não conseguia engolir era lançada no Tibre. Ora, foi esse mesmo Sila quem — o fato é de admirar — reviu a Constituição romana duma maneira bastante judiciosa e reorganizou a jurisprudência. Sila erigira-se, por tempo indeterminado, ditador. Na verdade, foi o primeiro imperador de Roma porque (é preciso admitir) foi ele quem abriu o caminho para os futuros Césares. A população romana, sabe-se, tinha gosto pelos espetáculos e efusões de sangue. Sila deu ordem para que os prisioneiros de guerra se batessem em público. No decorrer duma festa popular desse gênero, Valéria, grande dama romana, acariciou a toga do ditador. E enquanto os prisioneiros se entrematavam na arena, Sila arruinava galanteios com Valéria, que veio a ser sua quinta esposa. Atingira então seus cinqüenta e nove anos.

Mas um dia, Sila, enfastiado, desgostou-se do mundo. Sozinho e sem proteção, retirou-se para sua propriedade de Puteoli (hoje Pozzuoli). Sem o menor temor de ser a vítima dum eventual assassinato, comprazia-se na companhia de comediantes e sobretudo das comediantes. Compôs poemas e escreveu suas "Memórias".

Pouco durou essa tranqüila felicidade. Após um ano de estada, doente, nervoso, sempre superexcitado, morreu Sila da rutura dum aneurisma.
Roma celebrou com fausto os seus funerais e duma maneira grandiosa. Incineraram seu corpo perante uma imensa multidão.

Foi Sila verdadeiramente pranteado?
Vivo, mandara gravar seu epitáfio: "Sempre retribuí a meus amigos todo o bem que me fizeram, como também retribuí a meus inimigos todo o mal que me fizeram". Se a História não nos deu informações a respeito da primeira parte dessa afirmação, em compensação, a segunda parte é sem dúvida alguma exata!

POMPEU E CRASSO

A ESPADA E O DINHEIRO

> Jamais um romano, de parte a vitória sobre um inimigo tão temível (Mitídrates), jamais um romano havia, ao mesmo tempo, sujeitado tão grande número de povos e recuado as fronteiras do Império tão longe, na direção do Eufrates.
>
> APIANO, História Romana, XII (A guerra dos romanos contra Mitídrates), 116.
>
> Pompeu instalou nas cidades piratas que, até então, tinham vivido de maneira bem diversa. Do vencido Tigranes, que pôde exibir em um desfile triunfal, fez um aliado. E declarou então que, para ele, Pompeu, valia mais a eternidade que um só dia por mais rico que fosse.
>
> PLUTARCO, comparação entre Agesilau e Pompeu.

No ano de 106, antes de J. C, contava Roma 700.000 habitantes. Numerosos becos tortuosos, guarnecidos de grandes casas até de cinco andares, eram tão estreitos que duas pessoas, postas em janelas fronteiras, podiam apertar-se as mãos. Mal arejados, constituíam esses edifícios verdadeiros focos de doenças. E como ocorre ainda em nossos dias, nas grandes cidades populosas, o indivíduo, no meio das multidões, andava, a bem dizer, bastante só. Em Roma, os aluguéis eram muito elevados e os moradores viviam apertados, uns sobre os outros, numa cidade que, na época, era muito menos extensa do que é hoje.

Mas da cúpula do Capitólio, oferecia a cidade um espetáculo grandioso. Os templos e os palácios, de mármore ou de pórfiro, esplendente e translúcido, destacavam-se, majestosos, do sombrio e acinzentado formigamento dos becos. E inúmeras esculturas em bronze e mármore, obras de arte de grande beleza que os romanos haviam pilhado dos países conquistados, ornavam as fachadas e os pátios dos templos. Os viajantes gregos que percorriam a cidade universal encontravam a cada passo e com um prazer, que se adivinha bastante amargo, as efígies de seus deuses que os romanos, haviam roubado. Os escafandristas modernos fotografaram navios romanos, no fundo dos mares, que continham tesouros de arte da Grécia antiga.

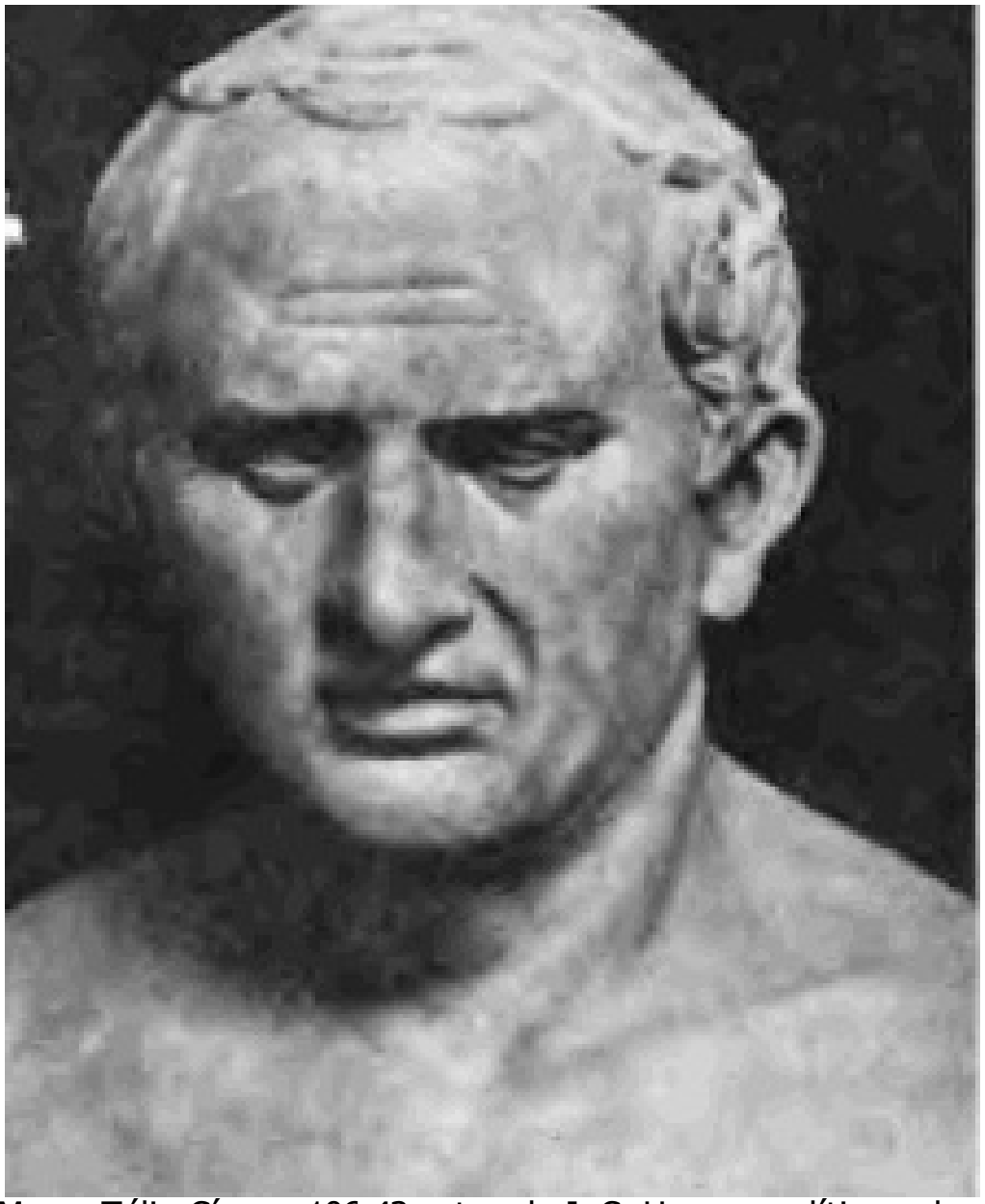
Havia também, em Roma, imensos entrepostos de mercadorias nos quais se armazenavam o sal, o trigo, o vinho e o papel importado do Egito. Quando a seca, naquele país, prejudicava a colheita do papiro, os escribas romanos viam-se reduzidos a escrever em tabuinhas de cera.

Durante as estações chuvosas, nos becos estreitos, os pedestres patinhavam na lama. Por baixo dos muros que cercavam a cidade, os tubos das canalizações vertiam as águas para o exterior. Roma tinha sua cloaca máxima e latrinas estavam instaladas em todas as casas. Nos edifícios particulares e, mais tarde, no palácio imperial, instalaram-se, em semi-círculo — antepassados dos w. c. modernos — assentos, a fim de que seus ocupantes pudessem conversar com toda a comodidadel Os célebres aquedutos romanos conduziam diariamente para o interior da cidade 290.000 metros cúbicos de água potável e de água para os banhos. Em cada encruzilhada, havia fontes e banhos públicos.

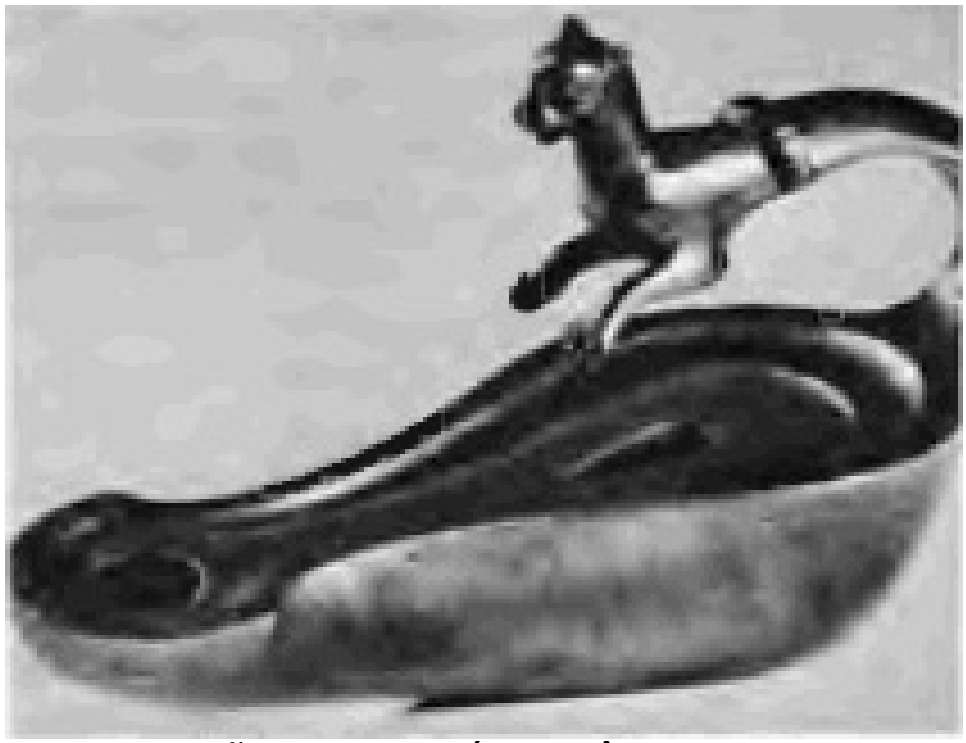
Foram os gauleses que introduziram o uso das calças na Itália e os germanos levaram

para lá as peliças. Além disso, usavam os romanos túnicas de todas as cores, sandálias ou botas (militares) entreabertas acima dos tornozelos, e somente os nobres revestiam a toga. Várias vezes por dia, procedia o romano ao ceremonial, por assim dizer sagrado, da lavagem dos pés.

"Por que tão grande número de romanos são infectados por doenças?", perguntaram a si mesmos os escritores da Antigüidade. Na verdade, eram os romanos privados de sono! Um tráfego intenso e um barulho incrível dominavam a cidade; os nobres, que nunca saíam sem serem acompanhados dum cortejo numeroso, eram precedidos por pregoeiros que tinham por tarefa abrir-lhes caminho; os pedestres apressados, gesticulando nos becos estreitos, os condutores de carroças, os freteiros, os carregadores de liteiras que provocavam a cada momento obstruções da circulação, os comerciantes ambulantes recomendando suas mercadorias: todo esse mundo fervilhante contribuía para a algazarra ensurdecedora que enchia as ruas. Havia igualmente importantes mercados em que se podia comprar peixe, aves, caça, frutas e iguarias refinadas de tpda espécie, vindas de todos os países do mundo. Perto da embocadura do Tibre, a vinte quilômetros de Roma, encontrava-se Óstia, o porto da cidade. Mais tarde, no ano de 48, depois de J. C, o imperador Cláudio mandou construir o célebre farol sobre a ilha situada no meio da embocadura. Esse edifício gigantesco de quatro andares, dos quais três eram de forma quadrangular e o andar superior de forma arredondada, era a exata reprodução do farol erigido na ponta da ilha de Faros, perto de Alexandria, concebido pelo arquiteto Sostratos de Cnida, em 280 antes de J. C. e cuja construção consumira uma fortuna. Só no século XIV, no decorrer dum terremoto, é que o farol de Alexandria desabou.



GRAV. 6 — Marco Túlio Cícero, 106-43 antes de J. C. Homem político, advogado, orador, filósofo e filólogo, foi um dos maiores educadores e mestres da humanidade. Tendo, na sua maior parte, chegado até nós a sua correspondência pessoal, é o único gênio da Antigüidade de quem temos, como homem, um conhecimento perfeito.



GRAV. 7 — Eis uma reprodução duma antiquíssima lâmpada de mesa, datando do primeiro século antes de J. C. O buraco à esquerda deixava passar a mecha; pela abertura à direita podia-se, com a ajuda de um gancho, levantá-la, depois verter o azeite. A asa permitia pendurar a lâmpada duma espécie de lampadário que, com várias lâmpadas, formava uma espécie de candelabro.



GRAV. 8 — Eis um passador com cerca de 2.000 anos de antigüidade! Este passador de vinho, trabalhado em bronze, foi encontrado em Pompéia. Está muito bem conservado e a decoração cinzelada revela a influência oriental.



GRAV. 9 — A Boca da Verdade (Bocca delia Verità). Este mármore antigo se encontra pregado na colunata da Igreja de Santa Maria de Cosmedln em Roma. Dizem que os romanos, quando prestavam juramento, punham a mão direita na "Boca da Verdade". Se a mão saísse intacta, era o juramento leal e verídico.

Ora, na França, em Boulogne-sur-Mer, existia ainda, no século XVII, um farol construído por Calígula, vendo-se sua reprodução em várias gravuras antigas. O farol romano de La Coruna, na Espanha, construído no ano de 100 depois de J. C, vem funcionando sem interrupção até hoje. Desde o ano de 100 até agora, sucederam-se quarenta e cinco guardas (dos quais cada qual prestou seu serviço durante quarenta anos em média). Considerando a História à luz desses números, não parece o império romano pertencer a um passado muito remoto!

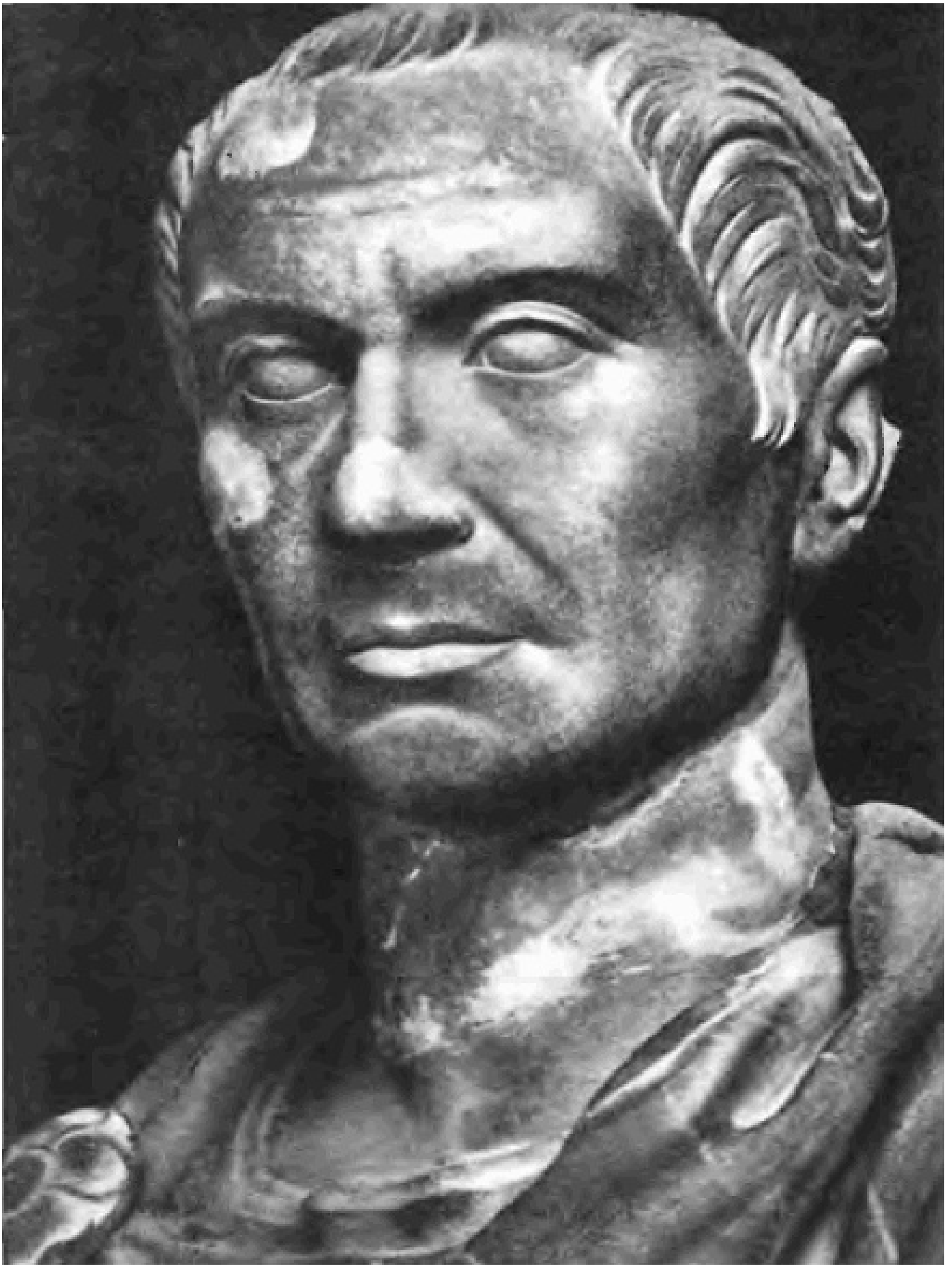
O ano de 103 antes de J. C. marca o nascimento de dois homens célebres: Cícero, orador e jurista eminente de Roma, e Cneus Pompeu, filho duma família de plebeus. Pompeu nasceu a 29 de setembro, sob o signo da balança. Em sua vida, a boa sorte e a desgraça estavam repartidas em pesos iguais.

Quando se observa atentamente o busto de Pompeu, parece que o historiador alemão Mommsen tivera razão quando escreveu que "o homem não passava de uma criatura comum" e se igualava ao que chamamos "segundo-sargento aplicado e competente". Todavia, foi Pompeu, na realidade, um homem superior e, durante um período, bem curto é verdade, o homem mais poderoso de sua época.

Era um bom soldado, senão um estrategista genial. Todos os seus atos, todas as suas empresas se caracterizavam e se faziam notar pela extrema prudência com que os encarava. Somente quando estava convencido da vitória e do bom êxito é que passava ao

ataque.
Esse militar, um tanto rígido e inábil, era um homem altruista, honesto, fiel às suas afeições, mas seco, frio e pouco inclinado à paixão. Se, na vida pública e com seus amigos, sua atitude era muitas vezes urn pouco canhestra, foi em compensação excelente cavaleiro e esgrimista perfeito. Menos "camponês" que o rústico Mário, mas como Mário, todavia, um mediocríssimo político. Ora, se Mário foi um apaixonado e um sensual, Pompeu mostrou-se aborrecido, severo e duma dignidade formalista, virtuosa e puritana.
Querido de seus soldados, gozou de menos popularidade entre os cidadãos romanos. No decorrer de suas campanhas, mostrava-se benévolo para com os que dele se aproximavam e esforçava-se por satisfazer os pedidos que lhe eram dirigidos. Mas em Roma, não gostava de conviver com os cidadãos comuns; evitava comparecer ao Fórum e só a contragosto se ocupava com os negócios alheios; sua energia concentrava-se em seus próprios projetos. Quando o julgava necessário, sua eloqüência era tal que enchia de admiração seus ouvintes e é permitido crer que bastavam sua presença, sua aparência exterior para inspirar simpatia. Porque, se os retratos esculpidos, que nos foram legados, não apresentam o rosto de um Adônis, a história escrita nos faz saber que foi um homem belíssimo. Na sua velhice, recordava-se a hetaíra Flora ainda com prazer e deleite das relações que tivera com ele. Plutarco, o historiador grego, escreveu a respeito dessa jovem de costumes levianos que "todas as vezes que ele a acariciara, jamais partira sem deixar na sua pele a marca de seus beijos". A bela Flora era tão célebre que se mandou fazer seu retrato para expô-lo no templo.
Se Pompeu foi uma espécie de encarnação da Espada, Marco Licínio Crasso parecia o símbolo vivo do Dinheiro. Crassus significa grosso, e o Grosso usava também o sobrenome de dives (rico). Seu pai, e também seus antepassados, já haviam sido apelidados "os Ricos". Ora, se herdara Crasso de sua família uma fortuna considerável, nem por isso era "gordo" no sentido exato da palavra, porque a glutonaria não se contava entre seus pequenos pecados. Nove anos mais velho que Pompeu, não foi Crasso nem um grande espírito nem uma bela inteligência, e seus dons literários e militares não existiram.
Em contraposição, trabalhador e tenaz, especulador de gênio, possuía o que se chama um "faro" particular quanto aos negócios de dinheiro. A preço vil, resgatava as propriedades que Sila confiscara. Ocupava-se com empresas de construção e, no plano financeiro, o custo dos edifícios, executados segundo seus orçamentos de arquitetura e que éle fiscalizava atentamente, era calculado de maneira exata e prudente. Banqueiro astuto e avisado, senadores ou magistrados, todos os que solicitavam um empréstimo dirigiam-se a Crasso.
Além disso, tinha o hábito de ocupar-se com questões legais em que se debatiam seus amigos e seu círculo: subornava os juizes, e depois, terminado o processo para satisfação do cliente, devia este pagar a Crasso pesada soma como reconhecimento dos serviços prestados. Quando o nome de Crasso figurava num ato testamentário, a peça estava, certamente, falsificada. E no entanto, essa singular criatura levava uma vida privada simples e burguesa.
Pouco antes de sua morte, estimava-se a fortuna de Crasso na enorme soma de 170 milhões de sestércios. Era na época o homem mais rico do Império. Excelente psicólogo,

agarrava todas as ocasiões que lhe permitissem alargar suas relações e cumprimentava pelo nome todos os patrícios de Roma. Cortês e amável, despertava a benevolência, até mesmo a filantropia. Grande trabalhador, não se poupava esforço, quando se tratava de arranjar um negócio amigável e, graças a seu senso comercial sempre desperto, o problema financeiro mais árduo encontrava uma solução. Em virtude de sua surdez, preparava cuidadosamente de antemão todas as pendências, todas as causas que era chamado a tratar. Boa metade da "toda Roma" era sua devedora. Emprestava sem juros, é certo, sob reserva de fixar ele próprio o montante total da soma a ser-lhe reembolsada. Por meio dessa prática, os homens de maior influência da cidade tornavam-se seus devedores e seus obrigados. Não ligava aos partidos, pela simples razão de que as ligações políticas eram (e o são ainda hoje) incômodas e atrapalhantes para um homem de finanças. Concordava Crasso, a príori em conceder empréstimos a todos aqueles que considerava como pessoas interessantes e solváveis.



GRAV. 10 — Caio Júlio César, 100-44 antes de J. C O historiador Teodoro Mommsen escreveu a seu respeito: "Todo historiador, por menos dotado que fosse, pôde captar, nas suas características essenciais, o retrato de César. Ora, nenhum conseguiu pintá-lo, duma maneira totalmente expressiva, sem dúvida porque César havia atingido a perfeição. Tanto no plano humano como no plano da História, situa-se César a um grau em que os eternos antagonismos da existência se anulam." O busto foi esculpido após a morte de César.

Entretanto, germinava lentamente no espírito de Crasso a ambição política. O financista não obedecia a uma idéia fixa e determinada, mas, pelo contrário, seguro e fortalecido pela sua fortuna, pelas suas relações como pelas suas intrigas, seguia, com toda a simplicidade, o caminho da menor resistência bem como do menor esforço. Jamais Crasso deixara transparecer a inveja que nutria contra Pompeu. Ora, industrial de primeira ordem e verdadeiro banqueiro ambulante, dominava Pompeu, seu grande contemporâneo, com toda a sua superioridade social, quando o general permanecia em Roma. Mas, ao contrário, quando Pompeu percorria o vasto mundo por ocasião de uma campanha militar, seus êxitos e conquistas lhe valiam, ao regressar a Roma, a consideração e um poder bem superiores aos que aureolavam Crasso. No ano de 82, antes de J. C, com a idade de vinte e quatro anos, Pompeu, à frente de seu exército, contemplava as ruínas de Cartago. Rindo, observa seus soldados que, como verdadeiros loucos furiosos, desentulham os escombros, cavam e escavam. Procuram o ouro e os tesouros enterrados na cidade fenícia. Depois, quando os homens compreenderam que ali nada descobrirão que valha a pena tal esforço, Pompeu e o exército empreendem sua campanha contra Domiciano a Aenobarbo. Em quinze dias, ganha várias vitórias. À frente de seu exército vitorioso, entra Pompeu em Roma, mas a entrada triunfal, precedida de uma junta de elefantes, não pode realizar-se: a porta da cidade é demasiado estreita! E o cônsul Sila saúda o jovem Pompeu com o nome de "Grande". Atingira Pompeu seu trigésimo ano de idade, quando o Senado decide nomeá-lo procônsul na Espanha, com a missão de combater Sertório, partidário de Mário. Mas Sertório, inteligente, sutil e ousado, acostumado à configuração do solo, organiza contra Pompeu uma guerrilha extremamente hábil. Apelidado pelos seus partidários de "Aníbal moderno", formara Sertório na Espanha um governo romano independente. Ora, em 72 antes de J. C, no decurso dum banquete, foi assassinado. Pompeu conseguiu então vencer o assassino, Perpena, e conquistou a província espanhola. Sertório resistira a Roma durante onze anos.

Entrementes, nova revolta rebenta em Roma. Prisioneiros de guerra, estrangeiros, escravos que tinham sido feitos esgrimistas ou gladiadores, sublevam-se sob o comando de Espártaco.

No ano de 73, antes de J. C, Espártaco quebrara as cadeias da escravidão e, tendo reunido seus companheiros de infortúnio que povoavam as casernas dos gladiadores, apossara-se do Vesúvio. Depois de ter esmagado várias legiões, penetrou até os primeiros maciços dos Alpes onde, durante curto período, contou com a ajuda dos gauleses. Cada vez mais numerosos, porém, passaram os escravos para seu lado; os revoltosos saquearam e incendiaram cidades e aldeias e massacraram as populações. Chefe dum exército de 120.000 homens, Espártaco marchou sobre Roma. Pretor nessa época, Crasso foi então encarregado do comando das forças de repressão. A revolta dos escravos que, durante

três anos, lançara a Itália na angústia e no terror, é domada. Crasso manda erguer seis mil cruzes que formam uma alameda sinistra, porque seis mil escravos nelas serão pregados. O pretor, notável comerciante de escravos, não ignorava o único tratamento que convinha. Todavia, a dar-se crédito a Plutarco, não era um senhor muito mau para os escravos a seu serviço.

Com trinta e cinco anos nessa época, visa Pompeu ao consulado, mas o Senado mostra-se hesitante. Volta-se Pompeu então para Crasso: a Espada associa sua sorte ao Dinheiro. E os senadores, perplexos, devedores de Crasso, não podem resistir à coligação do exército e da finança. No ano de 70, Pompeu e Crasso são ambos nomeados cônsules. Mau grado essa aliança, permanecerá Crasso sempre invejoso da popularidade de seu companheiro, bem mais dotado do que ele no plano militar. Quando Pompeu vem a ser encarregado da missão de limpar o Mediterrâneo dos ninhos de piratas que nele proliferam — missão que cumpriu brilhantemente em quarenta dias — procura Crasso minimizar a influência política de Pompeu e se aproxima de César.

Ora, nas suas campanhas militares, nas suas conquistas, obtém Pompeu êxitos fulminantes. Persegue Mitídrates, rei do Ponto, até o Cáucaso. Conquista a Síria, a Palestina, a Armênia. Quanto ao Eufrates, à beira do qual outrora se erguera a torre de Babilônia, marcará esse rio longínquo doravante a fronteira oriental do Império Romano.

Era Pompeu dotado dessa ciência sutil e sábia que consiste em saber deter-se no momento asado... Praticava a arte da espectativa e não perdia, apesar de tudo, nunca o seu tempo; fundava colônias, ligava províncias a Roma por laços sólidos, construía cidades e organizava as numerosas províncias do Oriente. Nunca se transviava em empresas ou campanhas que só apresentassem pouco interesse para Roma. Nunca teve como alvo conquistar países longínquos como o noroeste das índias, que Alexandre havia atingido. Essa prudência lhe poupava os riscos e os perigos encontrados nos caminhos de suas conquistas pelo grande general macedônio em Gedrósia, depois por Napoleão em Moscou. Não foram pois os povos estrangeiros e inimigos, os nativos dos países distantes que constituíram um perigo para Pompeu: foram sua pátria, os romanos, a inveja e a ambição dos seus que lhe causaram as mais profundas feridas. O destino do grande Pompeu estava determinado, ao mesmo tempo, pelo seu próprio temperamento e pelo caráter de seu povo.

CÍCERO

O MAIS ELOQÜENTE DOS ORADORES ROMANOS

Se Cícero não tivesse existido, a conjuração de Catilina teria certamente logrado êxito, para mergulhar em seguida no olvido do reino das sombras. Somente a oposição de Cís.ero elevou a importância dos desígnios de Catilina e de seus partidários à altura de um ato e de um fato de alcance histórico.

O AUTOR.

Se, no meu infortúnio atual, meu destino estiver determinado para sempre, querida vida, não tenho mais outro desejo senão o de te rever uma derradeira vez, para morrer entre teus braços.

CÍCERO, "Carta à sua esposa Terência". (59 antes de J. C).

Durante seis anos, de 67 a 62, antes de J. C, permanecera Pompeu afastado de Roma. Durante esse tempo, na capital, a agitação subterrânea, as conjurações visando à revolução e à subversão fermentaram sem descanso. Foi o começo do lento declínio da República romana. A derrubada, que César deveria em breve urdir, preparar, depois executar com tanta circunspecção e audácia, revelar-se-á lentamente então nas suas premissas.

A República romana fora proclamada em 510, antes de J. C, favorecida pelo desmoronamento da dominação estrangeira dos etruscos. Durou 480 anos mais ou menos, até o ano de 30 antes de J. C, que inaugura o verdadeiro Império com o principado de Otávio. Ora, não passam essas de datas "oficiais" e, na realidade, foi César quem derrubou a República. O declínio da República romana é um dos fatos mais interessantes da História; deu origem a quatro grandes homens: Pompeu, César, Catão e Cícero.

Era então Roma comparável a um navio que, sobre o mar convulsionado pelas tempestades, luta com desespero contra o assalto destruidor das ondas. Somente homens capazes de oferecer ao povo jogos e festas, de fraudar habilmente as eleições por ocasião dos escrutínios, alcançavam as honrarias e o poder. Procuravam ultrapassar uns aos outros, realçando o brilho das festas populares, por meio de atrações ou esplendores sem cessar renovados. Os nobres, os patrícios e os proletários, todas as camadas da sociedade romana eram presa dos desregramentos e da depravação dos costumes. Florescia a usura. As grandes fortunas desmoronavam-se. A especulação enriquecia uns e empobrecia outros. Existia um proletariado dos escravos e um proletariado dos libertos.

"Só o pobre está apto a compreender o problema dos deserdados": tal era a idéia nova na ordem do dia, e pensava-se então que, a exemplo da oligarquia dos ricos, era a grande massa popular capaz de constituir uma potência independente. Por que não exercer então alguém por si mesmo a tirania, em vez de se dobrar à tirania dos outros? Como é sempre o caso, no que concerne aos movimentos revolucionários, era essa sedição encorajada e ativada por jovens pertencentes às classes superiores. Vestidos com apuro, jovens patrícios de cabelos cuidados e perfumados, a barba cortada segundo a moda, dançavam alegremente ao som de cítaras e passavam suas noites em bebedorias.

Todo cidadão era um homem crivado de dívidas e todos os que se empobreciam, graças à

ociosidade, na prodigalidade e na libertinagem, aplaudiam e faziam coro quando os revolucionários reclamavam, com grandes gritos, a anulação de todas as dívidas. Era preciso distribuir as terras e os campos pelos cidadãos pobres! Nisso estava a única esperança, a tábua de salvação!

Enquanto os povos do Oriente-Próximo tremiam à aproximação do grande Pompeu, enquanto o Império romano se enriquecia com quatro províncias asiáticas, vinha a República sendo lentamente minada por profundos remoinhos subterrâneos. Se os valorosos tinham então tudo a temer, os malfeitores e os corruptos podiam tudo esperar.

Até nas províncias remotas, estava a sociedade romana minada por uma conjuração de grande estilo e de grande envergadura. Secreta, mas violenta, amarga e temível, a famosa conjuração de Catilina chocava na sombra.

Na verdade, era Catilina nem mais, nem menos que um criminoso sutil e astucioso. Já havia conseguido tornar-se pretor, depois governador da província africana. Oriundo duma família de patrícios, seu bisavô participara da campanha contra Aníbal e, militar de grande mérito, podia mostrar-se orgulhoso dos vinte e sete ferimentos recebidos nos campos de batalha.

Em compensação, o descendente desse valente guerreiro tinha uma conduta bem diversa: medroso, tímido, de aspecto doentio e muitas vezes negligente no trajar, quase sempre embriagado, percorria Catilina furtivamente as ruas de Roma. Em certos dias, parecia arrastar-se com grande dificuldade; em outros, corria, como um perseguido, para dirigir-se às suas equívocas combinações. Quando jovem, participara dos bandos terroristas devotados a Sila e manchara seu nome com crimes e infâmias. Apaixonado por Aurélia Orestila, "na qual, fora de seu corpo, ninguém jamais pôde descobrir uma qualidade digna de elogio" (Salústio), Catilina assassinou seu filho, a fim de ter mais liberdade para celebrar as bodas mais escandalosas de Roma.

Nenhuma privação, nem a fome, nem o frio, nem a insônia eram capazes de abater aquele homem. Pérfido, mestre na arte da dissimulação, da hipocrisia e do fingimento, foi eloqüente mas pouco psicólogo. Sem dificuldade, encontrou cúmplices em todos os jovens depravados e pervertidos que haviam perdido sua fortuna e dilapidado suas heranças no jogo, no vício e na crápula. Os devassos, os renegados, os adúlteros, os assassinos, os sacrílegos de toda a laia, os perjúrios notórios, os criminosos fulminados pelos raios da justiça e os que temiam ser encarcerados, esses malfeitores de toda a casta contavam bem reconquistar a fortuna e o poder na convulsão projetada.

Quanto aos móveis que motivaram os comportamentos de Catilina, tem-se de explicá-los por uma ausência de equilíbrio e de medida de ordem estritamente patológica, pela temeridade também, que é muitas vezes o resultado do malogro e da miséria, pela inveja e pelo ódio e pelo desprezo da sociedade. Foi esse homem a vítima de seu sinistro passado, que o corrompera e como que infectara. Certa forma de coragem, de ciência e de talento militares caracterizava-o, bem como um senso agudo de psicologia própria do "gangster" de grande envergadura, a energia violenta de jogador ou do criminoso fanático, depois a aptidão diabólica que consiste em empurrar para diante os seres fracos e inexperientes até o abismo do desespero para parecer, ao depois, em medida de "estender-lhes a mão", isto é, de torná-los cúmplices das empresas mais infamantes.

Por duas vezes, em 65 e 64, visara Catilina ao consulado, mas sem êxito. Uma conjura, que tinha por fim o assassinato dos cônsules então no poder, no ano de 65 (e que deveria, ao mesmo tempo, desencadear uma revolta) fracassara. Depois, em 63, foi o bom êxito dos projetos de Catilina contrariado graças à eloqüência convincente do grande orador da época: Marcos Túlio Cícero. Após a acerba derrota sofrida por ocasião das eleições, arquitetou Catilina a famosa conjuração. Foi marcado o golpe de Estado para a data de 28 de outubro de 63, dia do jubileu da vitória de Sila.

Visava a revolução à derrubada do governo. Encorajada pelos chefes do partido democrático, tomou como pretexto a revolta dos oprimidos contra a nobreza e contra os derradeiros sobressaltos da oligarquia aristocrática. Na realidade, o partido democrático havia conquistado a vitória desde muito tempo. Quanto ao poder dos aristocratas, não havia mais grande coisa a derrubar!... A revolução devia, pois, visar a um fim e perseguir um desígnio secreto e inconfessado, infinitamente mais importante para os conjurados, entre os quais, aliás, se contava o jovem César.

Ora, a secreta preocupação referia-se à ameaça latente que constituía para os conjurados, o regresso próximo de Pompeu. Se o general voltava do Oriente, dever-se-ia provavelmente contar com uma ditadura militar e queriam os democratas, a qualquer preço, evitá-la, esmagá-la na origem. Se, em altas vozes, erguiam louvores a Pompeu, chefe e orgulho de seu partido, se, apenas para a fachada, conspiravam os democratas contra a nobreza, visavam, na realidde, mas ocultando bem o seu jogo, tomar conta do poder, a fim de instaurar um governo capaz de contrabalançar a influência de Pompeu, depois, em último lugar, provocar sua queda. Ora, para atingir esse objetivo, era necessária a revolução e, de 66 a 62, preparavam os conjurados ativamente sua realização.

A áspera luta que Cícero travou contra Catilina constitui um dos dramas mais apaixonantes da história. Graças às cartas e os discursos de Cícero é possível acompanhar, passo a passo, essa justa fascinante entre a raposa e a serpente. Tribuno notável e o mais influente de Roma, foi Cícero eleito cônsul em 63, a fim de combater as pretensões de Catilina. Em 62, conseguiu abortar a aspiração de Catilina ao consulado, desmascarou a conjuração, obrigou Catilina a deixar Roma, descobriu as manobras e maquinações de seus partidários e, graças à sua maravilhosa eloqüência, logrou a execução de cinco dos conjurados. Quanto a Catilina e a três mil de seus partidários, sucumbiram no decorrer da batalha de Pistória, ao norte de Florença.

Roma escapara a um grande perigo. Ora, o homem que fizera malograr-se a revolta projetada por Catilina e que foi um dos mais eminentes espíritos da história romana, renovara também, melhorara e depurara a língua latina. Somos-lhe devedores duma boa parte das bases sólidas da cultura européia. Marcos Túlio Cícero nasceu a 3 de janeiro do ano de 106 antes de J. C, em Arpínio, situado entre Roma e Nápoles. Sua vinda ao mundo efetuou-se "sem dificuldades e sem dor". Atraído pelas disciplinas científicas, fez seus estudos em Atenas e em Rodes, centros culturais da época. Não rejeitou nenhum mestre ou ensinamento e nutriu em segredo grande predileção pela poesia. Seu modelo foi o grande Demóstenes. Perderam-se quarenta e oito dos discursos políticos de Cícero, mas os cinqüenta e oito que nos foram conservados não constituem um tratado do que poderíamos chamar uma suma da justiça e, no tempo deles, nenhuma possibilidade de

êxito deixaram aos adversários atacados pelo dialeta. Cícero acumula as acusações, as imputações irrefutáveis; amontoa os argumentos em detrimento do adversário; vale-se da ironia mais mordente e mais aguda, do aticismo mais espiritual; tanto dos bons como dos maus meios, que põe a serviço duma extraordinária eloqüência, duma dialética que influenciou a língua latina duma maneira que serve de regra e dela fez o que se chama a língua clássica.

Cícero esteve sempre informado dos fatos, das atividades e das circunstâncias que motivaram os gestos de seus adversários. E, pelo fato de um segredo permanecer raramente como segredo, no sentido exato da palavra, quando uma mulher bonita dele vem a ter conhecimento, foi Fúlvia que, pela sua tagarelice, serviu à causa de Cícero.

Fúlvia era uma patrícia de costumes libertinos. Foi loucamente amada por Cúrio, um dos conjurados de Catilina, que, insolente, amoral e vicioso, arruinou-se para cobri-la de suntuosos presentes. Ora, Fúlvia só concedia seus favores em troca de espécies sonantes e verdadeiras e de outros presentes de preço; e Cúrio, transtornado pela idéia de perdê-la, confiou-lhe suas grandes esperanças que, em futuro próximo, deveriam trazer-lhe fortuna e poder. Se, no começo, suas confidencias, quanto a seus fabulosos projetos, foram imprecisas e vagas, o ardor amoroso levou-o em breve a revelar os desígnios mais secretos. Enquanto prometia à bela montões de ouro, ameaçava-a com sua espada. Em suma, portava-se com um bruto e um criminoso.

Assim, penetrou a hábil Fúlvia pouco a pouco nos arcanos da conjura e como não soube ela — ou não quis — calar-se, surdos rumores, fazendo alusão a perigosas e subterrâneas revoltas, circularam em Roma.

Fúlvia estava sempre necessitada de dinheiro e seu "precioso segredo" foi uma excelente moeda de câmbio. Mediante forte recompensa, descobriu aos intermediários de Cícero as maquinações de Catilina. Ganhou Cúrio para sua causa e as informações filtraram-se então duma maneira segura e permanente.

Ora, o homem que se tornava o alvo das acusações de Cícero tinha bem pouca probabilidade de escapar sem perigo a tal requisitório. Quousque tandem? Quanto tempo ainda? Estas palavras célebres, que inauguram o terceiro discurso contra Catilina, conservaram até nossos dias sua realidade particular: "Quanto tempo ainda, Catilina, abusarás de nossa paciência? Quanto tempo ainda tua vergonhosa atividade nos ofenderá? Quando cessarás de vangloriar-te de tua insolência sem freio... ?"

É com a ajuda dos discursos de Cícero, verdadeiro pírrçcaro da estilística latina, que se reconhece o gênio do grande político e do jurista.

As cartas de Cícero revelam bem seu caráter e seu temperamento: sua vaidade, sua paixão da glória, sua coragem, indeciso e oscilante entre a certeza, a segurança confiante em período de oportunidade e de felicidade, depois a perplexidade, o desencorajamento absoluto na desgraça.

A maior parte de suas cartas são dirigidas a Ático que, durante vinte e três anos, de 88 a 65, vivia em Atenas onde, perseguido por Sila, havia-se refugiado. Ático, comerciante hábil, ocupava-se igualmente com finanças e edição. Possuía vastas terras no Epiro, protegia as artes; tinha o senso das realidades "práticas" e, sempre serviçal, era mais positivo, mais competente e experimentado que seu amigo Cícero, cujas dileções eram mais românticas.

Ático geria os bens de Cícero, editava seus discursos e sua correspondência e, durante toda a sua vida, aconselhou o amigo. Foi Ático o primeiro a ouvir as inúmeras esperanças, os apelos nascidos da miséria, as apreensões, as paixões e as alegrias de seu genial protegido. Foi a seu secretário e amigo Tiron que Cícero ditou muitas de suas cartas; fazia-o, andando com uma rapidez tal que Tiron, homem no entanto bem dotado, teve de inventar uma espécie de método de estenografia. Pôde assim taquigrafar os discursos de Cícero. Posteriormente, deu-se à estenografia latina o nome de "notas tironianas". Na Idade Média os monges ainda se serviam dela. Tiron, escravo liberto por Cícero, por causa de sua inteligência, escreveu uma obra sobre o uso e a significação da língua latina.

Não ignorou Cícero que estava destinado a entrar na história da humanidade como um de seus gênios mais raros e mais preciosos. Escreveu a Ático:

"Assim que tiver terminado a exposição histórica de meu consulado, remeter-ta-ei, e deves também aguardar uma versão em versos. Uma vez que quero fazer o elogio de mim mesmo, fa-lo-ei em todas as formas possíveis. Se o mundo produz algo de grande, deve elogiá-lo e não criticá-lo. Mas, na verdade, não se trata nos meus escritos de um panegírico, mas duma simples verdade histórica."

Se estas palavras são pelo menos audaciosas, testemunham também um sentimento autêntico que prova com que lucidez nosso gênio visionário reconheceu seu próprio valor, sua grandeza e sua significação.

As cartas de Cícero revelam um espírito vivo, amável, uma riqueza inesgotável na faculdade de desenvolver um assunto sob seus aspectos mais variados; cintilam de espírito, de humor, de ironia, de sátira, de melancolia e de graça. Fazem reviver os cuidados e preocupações dum trabalhador encarniçado, dum pai amoroso, do esposo duma companheira apaixonada, ciumenta e enérgica, junto da qual só encontrou ele a felicidade no momento do infortúnio.



GRAV.11 – Bem no alto na ponta leste de Capri, estava situado o castelo do Imperador Tibério. Tácito escreveu: "Ninguém podia ali desembarcar sem ser visto pelos vigias." Tibério ali viveu os onze derradeiros anos de sua existência e foi daquele castelo que partiram para Roma e para o mundo as ordens secretas das numerosas execuções capitais.



GRAV. 12 — Foi um semelhante denário de prata, ornado com o retrato de Tibério, que mostraram a Jesus Cristo, quando os fariseus lhe perguntaram se se devia pagar o

imposto ao imperador. No seu reverso, pode-se ver Lívia Augusta, mãe e co-regente do imperador.



GRAV.13 – Tibério, que morreu em Capri, na idade de 78 anos, foi um personagem tenebroso e temível. O ódio e o desprezo foram os traços dominantes de seu caráter. Tibério foi um homem extremamente cruel.

Terência trouxe ao casal um dote de 120.000 denários, depois uma herança de 90.000 denários. Plutarco escrevia: "Essa fortuna permitiu a Cícero viver honrada e sabiamente em companhia dos gregos e dos sábios romanos que gozaram de sua freqüentação."
Possuía Cícero além disso uma magnífica propriedade perto de Arpínio, duas fazendas nos arredores de Nápoles e de Pompéia, várias espaçosas casas de campo (dezoito provavelmente) situadas nas diversas províncias italianas. Essas casas eram contruídas e decoradas com galerias, estátuas, colunas e forros esculpidos, com salas de banhos aquecidas, salas de água, gabinetes de asseio e estufas.
Continham também galinheiros, bosquezinhos, canais e lagos artificiais. Cícero pediu a

Ático que lhe expedisse estátuas e Hermes megáricos:
"Aguardo-os com impaciência. Tudo quanto puderes encontrar no gênero e julgares digno de figurar na minha academia, envia-o sem hesitar, meu cofre está aberto. Estou à espera de todos os objetos que possam contribuir para o embelezamento de meu ginásio/'
Das suas "vilas" dava Cícero preferência a Túsculo, situada perto de Frascati, a vinte e dois quilômetros de Roma. As obras de filosofia e de retórica de que esse homem excepcional é autor encheriam uma biblioteca inteira. Escreveu numerosas obras tratando da arte oratória e da dialética, da forma ideal do Estado, das leis, dos deveres cívicos, da natureza dos deuses, da velhice, do destino, da amizade e de múltiplos outros assuntos. Foi no decurso de seu quinquagésimo segundo ano que escreveu A República. O sexto volume dessa obra, intitulado "o Sonho de Cipião", trata da vida após a morte. Se, naquela época se pensava que a terra tinha a forma de um disco, Cícero, como Platão antes dele, acreditava que ela tivesse a forma de uma esfera:
"Porque os homens foram criados para habitar esta esfera que tu avistas aqui, no centro do espaço, e que se chama a Terra... Os astros e as estrelas, de formas esféricas e redondas, estão animados dum espírito divino. Descrevem seus círculos e suas trajetórias com uma rapidez notável... Mas uma multidão de estrelas redondas ultrapassava as dimensões da Terra. A própria Terra parecia tão pequena que me invadiu um sentimento de vergonha à idéia de nossa atividade que, por assim dizer, só toca a uma ínfima parte dessa Terra minúscula/' Quando o Senado romano foi convocado por Cícero, a 5 de dezembro do ano de 63 antes de J. C, a fim de determinar qual a sorte dos catilinianos detidos, Júnio Silano, futuro cônsul, reclamou a pena de morte. Todos os antigos cônsules presentes concordaram. Somente César que, nessa época já estava designado como o futuro pretor, se opôs à sentença. Preconizou os trabalhos forçados perpétuos e, para justificar sua clemência, avançou razões duma sabedoria evidente e luminosa. Não havia ele próprio desempenhado o papel de conselheiro oculto nos bastidores da conjuração? Já Silano e outros amigos de Cícero, conquistados pelas razões de César, se dispunham a aprová-las, quando Marcos Pórcio Catão exigiu a morte dos acusados, com tanto ardor e convicção que os juizes hesitaram de novo. Salústio, o historiador romano, lançou magistralmente luz sobre os discursos antagônicos de César e de Catão. Catão, bisneto de Catão, o Antigo, destruidor de Cartago, era um homem singular. Mommsen chamou-o de "D. Quixote da aristocracia", "um utopista apaixonado pela moral abstrata". Ora, o julgamento de nosso historiador não parece equitativo. Catão, estoico, foi um perfeito homem de bem, severo quanto aos princípios da Roma antiga, tradicionalista e conservador. De espírito lento, foi um cidadão modelo que, na capital corrupta, tinha por costume "ensinar moral" a toda a gente. A exemplo de Rômulo, fundador lendário de Roma, não usava Catão jamais camisa e andava sempre a pé. Tinha esse homem virtuoso a nostalgia, confessada em voz alta, do "bom tempo de outrora" e, se bem que jamais passeasse sem sobraçar um livro, não o levaram muito a sério. Todavia, a honestidade a toda a prova que foi a sua, deveria ser da maior utilidade para seu país. Quando, em 58, foi a Ilha de Chipre colonizada, Catão para lá seguiu, a fim de organizá-la e administrá-la.
Era o único romano que, com certeza (sabia-se bem), não exploraria as riquezas de Chipre por sua própria conta. Ora, após o austero Catão, que insistiu para que o Senado

condenasse à morte os conjurados liberais e anarquistas, o orador foi Cícero. Pronunciou a derradeira das Catilinárias, verdadeira obra-prima de bravura e de sutileza psicológica. Nesse discurso, assumiu a aparência duma perfeita imparcialidade e, graças a uma espécie de rodeio hábil, levou seus ouvintes à conclusão de que desejava ele a pena de morte. Acompanhado por seus amigos e por numerosos cidadãos romanos, dirigiu-se Cícero ao Monte Palatino para tirar de sua prisão o primeiro dos conjurados, Lêntulo Sura. Conduziu-o pelas ruas de Roma para os carrascos que fizeram o desgraçado rebelde descer para um porão estreito, ò Tuliano, a fim de ali o estrangularem com uma corda. Desde tempos remotíssimos, no reinado do rei Sérvio Túlio, servia aquela masmorra para essas execuções. No decorrer da noite desse mesmo dia 5 de dezembro de 62, sofreram os outros condenados a mesma sorte.

Para Cícero, o dia em que salvara a República da conjuração foi o mais belo de sua existência. Os romanos o reacompanha-ram à sua casa em triunfo. Estavam iluminadas as ruas da capital e a multidão o aclamou. Nas janelas e nos telhados, o povo em júbilo proclamou Cícero o sustentáculo e salvação da pátria.

Mas Cícero haveria de pagar amargamente essa façanha. Quando se preparou, no último dia do ano, como era costume, para encerrar seu consulado com um discurso diante da Assembléia, o tribuno Metelo Nepos cortou-lhe imediatamente a palavra, significando que um homem que, sem ouvi-los mandara executar cidadãos romanos, não tinha o direito de falar de si. Cícero provou então sua presença de espírito afirmando que havia salvado Roma e a República da destruição e da ruína. O povo aclamou-o. Mas Cícero foi banido de Roma. Parece que, por duas ocasiões pelo menos, Terência, sua esposa, haja-o influenciado duma maneira decisiva. Fábia, meio-irmã de Terência, era vestal, isto é, devia viver em castidade absoluta. Ora, suspeitaram-na de ter entretido relações secretas com Catilina. Para Terência, o afastamento de Catilina apareceu então como uma oportunidade possível de abafar o escândalo e, por esta razão, encorajou seu marido nos ataques contra Catilina.

As coisas se passaram de maneira análoga para Clódio. Terência acreditava que Clódia, a irmã do demagogo, estava apaixonada por Cícero e queria desposá-lo. Ciumenta, incitou seu marido a testemunhar contra Clódio que, desde então, se tornou o inimigo mais encarniçado de Cícero e conseguiu obter o banimento do grande orador romano. Foi Clódio quem fez vender e incendiar as propriedades de Cícero.

Imensa foi a decepção de Cícero. Infligiu a si mesmo exprobações e censuras e enviou à sua querida Terência cartas comovidas, tocantes de amor e de gratidão:

"Mulher cheia de pesar — escrevia ele, — sofredora e enfraquecida de corpo e de espírito! Viver sem ti! Como o poderia eu? Se estivesses junto de mim, não me acreditaria totalmente perdido!" E mais tarde:

"Não foi sem verter lágrimas amargas que li como te expulsaram à força do templo de Vesta para levarem-te ao mercado público perante os tribunos. Ó minha vida! meu único amor!"

Dezesseis anos mais tarde, Pompeu revocou o banido. As cartas de Cícero fizeram ouvir então um som diferente: "O amor que me dedicam meu irmão e minha filha me indeniza de tudo. Quanto aos aborrecimentos que me perseguem, são duma natureza particular."

Os "aborrecimentos" referiam-se a Terência. Cícero havia atingido seus cinqüenta e nove

anos, quando se divorciou. Creu de repente que Terência não se mostrava muito escrupulosa quanto a seus negócios de dinheiro. Esquecera-se ele talvez da importância do dote dela? Casou-se então Cícero com sua jovem serva, Publília. Mas o destino feriu-o duramente: sua filha, Túlia, morreu. Cícero expulsou Publília. A morte de sua filha, a quem idolatrara, deixou-o desamparado. Publília jamais soubera amar a criança. Cícero achou na vida um gosto de cinzas.

"Uma filha e que filhai Como era presa a seu pai! Tão inteligente, tão mansa, tão virtuosa, tão amável! Meu rosto, minha língua, meu espírito!"

Eram estas palavras dirigidas a seu irmão Quinto.

Não pôde consolar-se da morte de sua Tulíola e retirou-se para Astura. Sozinho, passou dias e noites a percorrer florestas onde ninguém penetrava. Existe uma sobrevivência? Este problema era desde muito tempo uma de suas preocupações favoritas. E se no além houvesse uma sobrevivência, seria possível lá encontrar o ser amado? Cícero não pôde descobrir resposta para esta última questão da existência, da morte e da eternidade. Projetou elevar um templo à memória de sua filha, um altar para sua alma imortal.

Foi escrevendo seu belo livro Da Consolação que Cícero recuperou a calma e a paz do espírito. Dois anos mais tarde, tinha então 64 anos, sucumbiu ao ódio de Antônio, cuja violência atacara nas suas Filípicas. Cícero sobrevivera a César, a Pompeu e a Catão. Mas como levara sua vida? A esta questão, respondeu que jamais fizera outra coisa senão trabalhar, penar, sofrer.

"Tu me exortas de novo à ambição, ao trabalho — escreveu ele, um dia, a seu irmão. — Farei o que puder de melhor. Mas quando poderei viver?"

Agora, tudo estava passado. Nunca mais passeará pelos seus belos jardins; nunca mais comporá um poema, uma obra de pura filosofia! Sua vez chegara: devia morrer. Como era conveniente a um filósofo, encarou a morte sem nenhuma covardia, com coragem e serenidade.

Plutarco foi injusto quando escreveu que o ancião fez mal em fugir a seus assassinos, que adiantaram de pouco a obra da natureza. Não, é falso dizer isso, porque Cícero não se ocultou. De certo teve a intenção de fazer-se transportar de liteira para a beira-mar, a fim de escapar a seus inimigos — porque não foi um tolo, mas um filósofo que tivera consciência do valor da vida e de seu espírito genial.

Mas quando viu que seus perseguidores se aproximavam, mandou parar a liteira. E a cabeça que abrigou o cérebro mais eminente de Roma caiu sob os golpes dos assassinos, a 7 de dezembro do ano de 43, antes de J. C.

Se, no seu derradeiro suspiro, obteve Cícero a revelação esperada, a de reencontrar Tulíola, sua filha bem-amada, talvez não tenha tido o menor medo da morte.

POMPEU

SOB O SIGNO DA BALANÇA

> "Minha Cornélia, até este dia, só conheceste um aspecto da vida: a felicidade. Talvez te hajas enganado a ti mesma, porque a sorte me ficou fiel mais tempo do que é costume. Mas somos seres humanos e devemos suportar nossa parte de infelicidade".
>
> Pompeu, à sua quinta mulher, (segundo PLUTARCO).

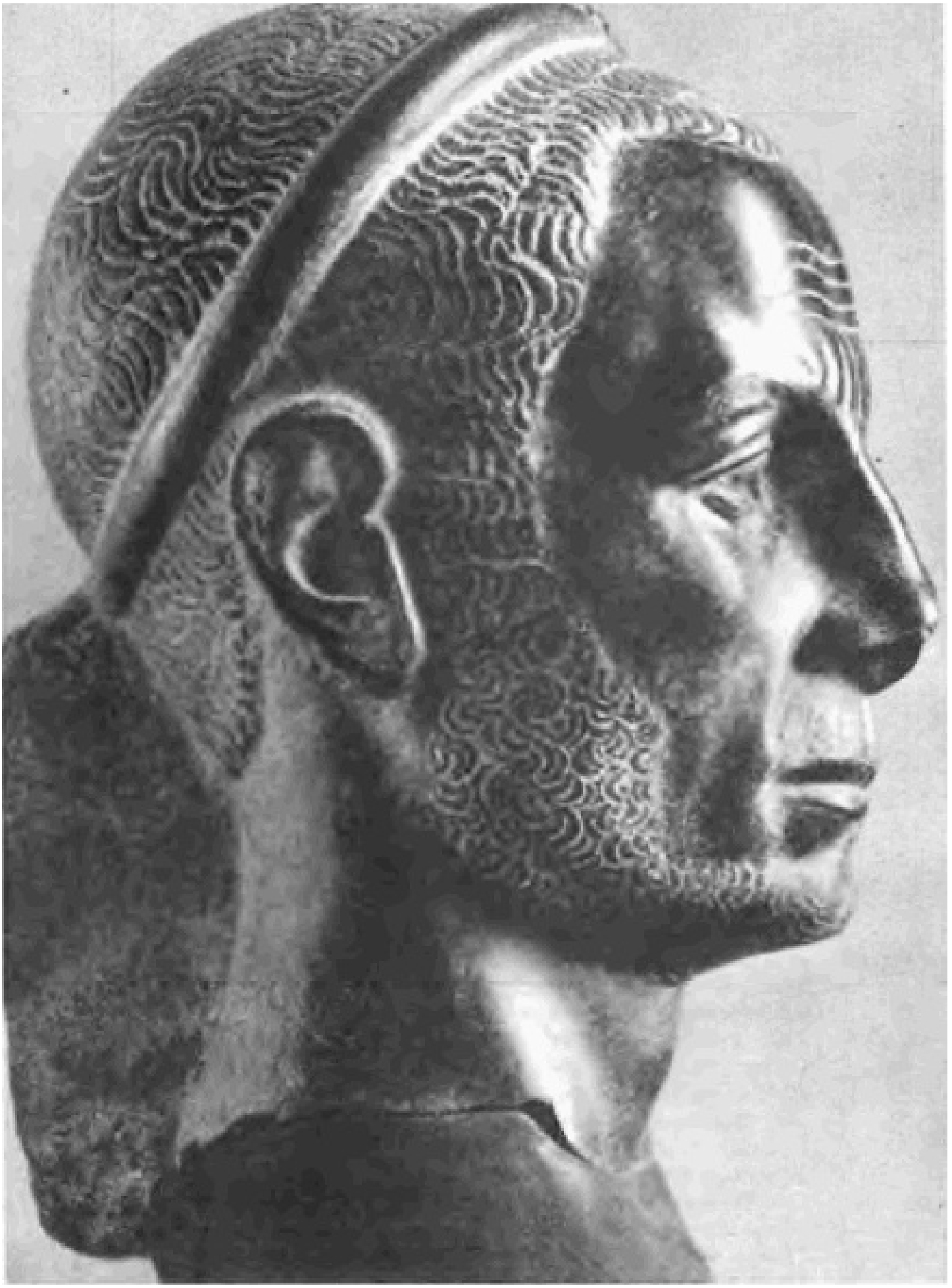
Após uma ausência que se prolongara por seis anos, Pompeu, no decorrer do verão do ano de 62 antes de J. C, voltou à Itália por longas etapas. O regresso do exército triunfante foi um espetáculo grandioso: dos países do Oriente trouxe Pompeu suntuosos presentes que ofereceu às cidades romanas, e por toda parte foi aclamado e festejado pelas populações arrebatadas de entusiasmo. Só no fim do ano de 62 é que Pompeu desembarcou em Brindisi. A expansão asiática do império romano estava ultimada e, pelo menos para o presente, estavam as colônias consolidadas e garantidas contra os perigos eventuais. Todavia, as usurpações na zona de influência dos partas, de que Pompeu se tornara culpado, deviam, no futuro, dar origem a medidas de represálias da parte dos asiáticos. Pompeu conquistara numerosos países e, se havia destruído cidades antigas, fundara novas: Nicópolis, Megalópolis, Ziela, Diópolis, Pompeiópolis entre outras. Destronara reis e elevara homens à dignidade real.

Raramente um comandante em chefe, munido de plenos poderes tão extensos quanto foram os de Pompeu, fez deles uso tão prudente, tão inteligente e tão sábio como esse grande general. A medida, a moderação de que deu prova não eram devidas a uma ausência de iniciativa ou a uma falta de segurança, como o pretendeu Mommsen. Nas suas funções de general e de estratego, seguiu Pompeu simplesmente uma linha de conduta extremamente sábia e previdente; atento ao menor movimento do inimigo, atacou de maneira refletida e prudente, segundo uma tática toda de paciência, difícil de penetrar e por assim dizer própria dos asiáticos. Foi um soldado, um cavaleiro que, durante trinta anos, lutou sem descanso pela grandeza de seu país.

Não obstante, a sociedade romana concedeu as palmas ao general Lúculo que, pensava ela, tinha na realidade conquistado e sujeitado o Oriente. Pretendeu-se mesmo que Pompeu só lhe sucedera para afastá-lo e ganhar os louros da vitória. Foi essa uma alteração grosseira e malévola da verdade. Porque, no momento em que Pompeu tomou o comando em chefe dos exércitos do Oriente, os êxitos anteriores de Lúculo estavam reduzidos a nada, e o país do Ponto perdido para Roma. Foi mesmo Pompeu quem repeliu Mitídrates, o adversário mais temível de Roma, até as províncias mais recuadas da Ásia; e se Farnaces, o filho de Mitídrates, obrigou seu pai, então octogenário, ao suicídio, foi esse ato diretamente inspirado pela vitória que Pompeu havia alcançado sobre Mitídrates.

Ao inverso dos nobres, o povo de Roma admirou e celebrou Pompeu. Proclamado super-herói, Pompeu não interferiu. E se a vida é comparável a uma vereda escarpada escalando as cristas das montanhas, essa vereda raramente conduz aos cumes mais elevados.

Plutarco tem razão quando escreve que, feliz como Alexandre, teria Pompeu merecido a sorte de acabar seus dias naquele instante sublime de sua existência. No ano de 61 antes de J. C. o desfile triunfal mais grandioso que o Império jamais vira, avançou pelas ruas de Roma. Pompeu foi exaltado na qualidade de conquistador de três continentes: a Europa (Espanha), a África e a Ásia. Foi um espetáculo de uma envergadura, de um fausto desconhecidos até então. Cativos originários de países longínquos: cinco filhos e duas filhas de Mitídrates, Aristóbulo, rei da Judéia, Tigranes, príncipe armênio, sua mulher e sua filha, os reféns albaneses, os iberos e os rei sírio Oltaces, o general dos cólquidos, os reis dos cilicianos, as princesas citas e menandas, o general comandante da cavalaria de Mitídrates, bem como tesouros dum esplendor e duma riqueza inauditos e maravilhosos, cofres repletos de milhões de peças de ouro, emblemas vitoriosos: todos aqueles homens, todas aquelas mulheres e aquele produto de saque foram arrastados e carregados através da capital.



GRAV. 14 — Esta escultura egípcia, em basalto, destaca o aspecto como que extático da personalidade de Júlio César. A boca amarga revela o sofrimento e as graves preocupações que minaram o homem de rosto cavado, envelhecido antes da idade. Os olhos negros, brilhantes duma vida ardente, observam-se melhor nos retratos das medalhas. Mas o busto egípcio exprime a incrível energia e a inteligência superior de César.

Havia também um quadro representando Mitídrates na agonia, cercado de suas mulheres que, "voluntariamente", pereceram com ele. Pompeu conquistara mil fortalezas e mais de novecentas grandes cidades. Verteu no tesouro do Estado moeda cunhada, vasos de prata e de ouro do valor de vinte mil talentos. Simples, sem fausto, avançou Pompeu no meio do desfile gigantesco. Diz-se que, naquele dia, usou ele o manto de Alexandre, o Grande. Essa relíquia, de duzentos e sessenta anos de antigüidade, fora descoberta entre os tesouros de Mitídrates.

O povo todo presente a esse triunfo mostrava-se arrebatado de alegria. Ocorreu isso no ano de 593 da fundação de Roma, isto é, em 61 antes de J. C. Era o dia 28 de setembro, véspera do quadragésimo quinto aniversário de Pompeu. Vencera vinte e dois reis. Em sua honra, Roma cunhou moeda. Existe um homem capaz de resistir à vertigem de tal glória? Veio então o lento desmoronamento, a confusão trágica. Durante trinta anos, Pompeu, longe da pátria, fizera a guerra sem cessar. O retorno a Roma, a brusca transição dum modo de vida estritamente militar a um modo de vida sedentária foi-lhe nefasta. Sofreu insônias prolongadas e seus curtos instantes de repouso noturno eram perturbados por horríveis pesadelos. Em sonho, reviveu os acontecimentos passados: os reis orientais na agonia, as cidades em chamas, o assalto das cavalarias inimigas, e todos esses pesadelos, com uma violência brutal, assombraram-lhe as noites. Por outro lado, a alta sociedade romana, com seu horror ao sublime e o espírito cáustico e sarcástico que" a caracterizava, não se privou de zombar do herói, de estigmatizá-lo e de crivá-lo de todas as espécies de apelidos mais ou menos maldosos e ridículos. Ora, Pompeu aspirava à calma, à tranqüilidade. Desejava, enfim gozar duma sossegada vida de família e da presença de sua mulher. E essa aspiração bem legítima inspirou-lhe um ato pesado de conseqüências: despediu seus legionários. O Senado recusou então homologar as medidas administrativas referentes a certas terras asiáticas que, segundo uma promessa que Pompeu fizera, deviam ser dadas a seus soldados. Nessa época, concluiu Pompeu uma aliança com Júlio César. Com a idade de quarenta e dois anos, era César um homem político influente. Brilhante orador, advogado e oficial, descendia da orgulhosa casa patrícia dos Júlios, cujos antepassados foram deuses e reis. Para selar esse pacto de amizade, Pompeu casou-se com a única filha de César, a bela Júlia, de vinte e três anos de idade.

Tinha então Pompeu o duplo dessa idade e sua união conjugai durou pouco; a amável filha de César morreu aos vinte e nove anos, em plena mocidade, e seu único filho também veio a falecer. O prato da balança, depositária da sorte, abaixou-se lentamente. No ano de 59 antes de J. C, Pompeu, César e Crasso formaram o primeiro triunvirato. O general, o político e o homem de finanças reuniram o poder entre suas mãos. Os veteranos de Pompeu receberam enfim as terras prometidas e sua política asiática foi sancionada. Pompeu tornou-se chefe da maior parte do Império romano. César foi nomeado governador da Ilíria e da Gália, país que iria constituir o trampolim que permitiria sua ulterior tomada

do poder. Enquanto César conquista a Gália (58 a 51 antes de J. C), Crasso tenta apoderar-se da Pérsia, mas cai prisioneiro e é morto. Os persas imaginaram uma vingança duma crueldade excepcional: na garganta de Crasso, o milionário, o maior traficante de escravos do Império, verteram ouro líquido! Após a morte de Júlia, o fosso que separava Pompeu de César alargou-se cada vez mais. Obedecendo às instâncias de Pompeu, ordenou o Senado a César que abandonasse as províncias gaulesas e dissolvesse seu exército. Mas César transpôs o Rubicão, fronteira que separava a Itália da Gália. — A sorte está lançada! — exclamou ele. E César tornou-se o senhor de Roma e da Itália. Pompeu fugiu para o Oriente e, perseguido por César, após sua derrota em Farsália, na Tersália, tentou alcançar o Egito. Tendo tido notícia da catástrofe de Farsália, decidiu o Egito impedir seu desembarque. Ora, o intendente da corte do rei do Egito inventou um ardil sutil: enviou-se ao navio de Pompeu um general encarregado de convidá-lo a apresentar-se perante o rei. Sendo a água pouco profunda, subiu Pompeu à embarcação do emissário.

Foi ao pôr pé em terra que Pompeu veio a ser apunhalado pelas costas, sob os olhos de sua quinta mulher e de seu filho que, a bordo de seu navio assistiram impotentes ao assassinato. Pompeu cobriu o rosto com sua toga. Não pronunciou uma palavra e nenhuma queixa lhe saiu da garganta. Expirou lançando um profundo suspiro. Era o dia 28 de setembro do ano de 48 antes de J. C, aniversário do dia em que, treze anos antes, triunfante, havia Pompeu regressado a Roma. A existência de Pompeu escoara-se, fiel, sob o signo da Balança. O homem que foi chamado, o Grande, que depusera um mundo e tesouros inestimáveis aos pés de Roma, perecera, assassinado numa duna da costa egípcia.

Pouco tempo depois de sua morte e sempre a perseguir Pompeu, César desembarcou no Egito. Apresentaram-lhe a cabeça cortada de Pompeu, seu genro e antigo amigo! Profundamente perturbado, César cobriu a face e chorou.

CÉSAR

O GÊNIO UNIVERSAL

> Um furacão sublevou o oceano. César lançou-se numa barca de pesca. Mas, diante da tempestade, quis o pescador renunciar à empresa. César exclamou então: "Coragem! Transportas César e sua sorte!"
>
> PLUTARCO, "César", 38.
>
> Mesmo nas províncias mais distantes, não estiveram as mulheres casadas ao abrigo de seus atentados.
>
> SUETÔNIO, "Doze Césares", 50.

— Que razão poderias invocar para justificar o assassinato dum homem tão jovem? — gritaram vários romanos, dirigindo-se ao ditador Sila.

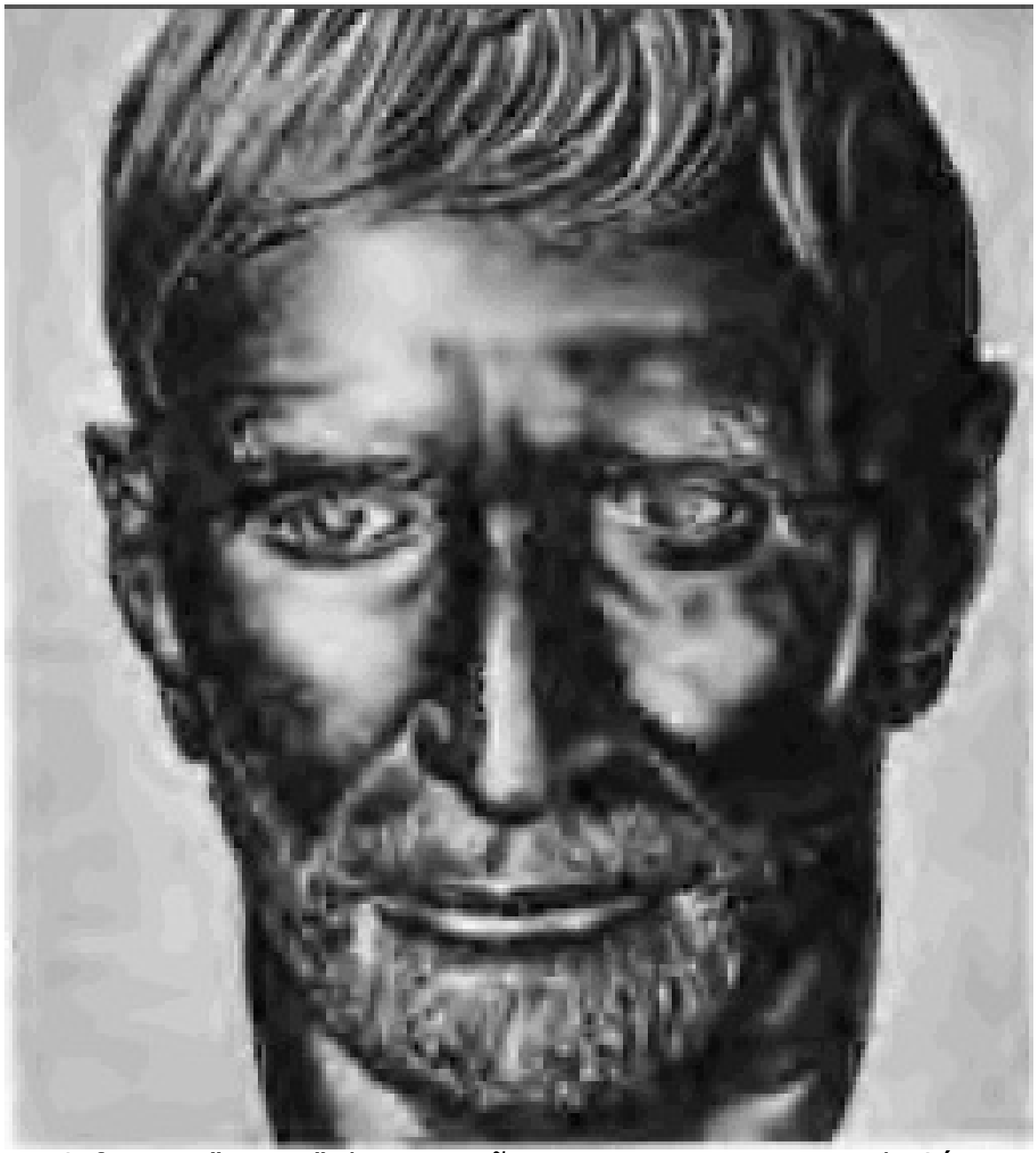
E Sila respondeu que o discernimento deles deveria ser bem fraco se não compreendiam que o jovem César representava um grave perigo para o futuro!

Oriundo da nobre família dos Júlios, foi César um dos adolescentes mais distintos de Roma, uma espécie de estrela brilhando em todo o seu esplendor no céu da alta sociedade romana; leitor cativante, bom conversador, freqüentou os meios literários e compôs poemas. Jovens romanas, as mais belas e as mais procuradas, concediam-lhe graciosamente seus favores. A arte do adorno e do trajar não tinha segredo para o jovem César, sempre vestido de acordo com a última elegância. Mas a vida mundana é por demais onerosa e César gastou com tanta prodigalidade que, sem cessar, teve de recorrer a empréstimos, a fim de poder pagar suas dívidas. Ora, se foi imprevidente, não lhe faltaram entretanto inteligência e sagacidade; e se levou vida airada, preservou sua saúde, sua "forma" física, dedicando-se aos esportes. Pesca, pratica a equitação e a natação.

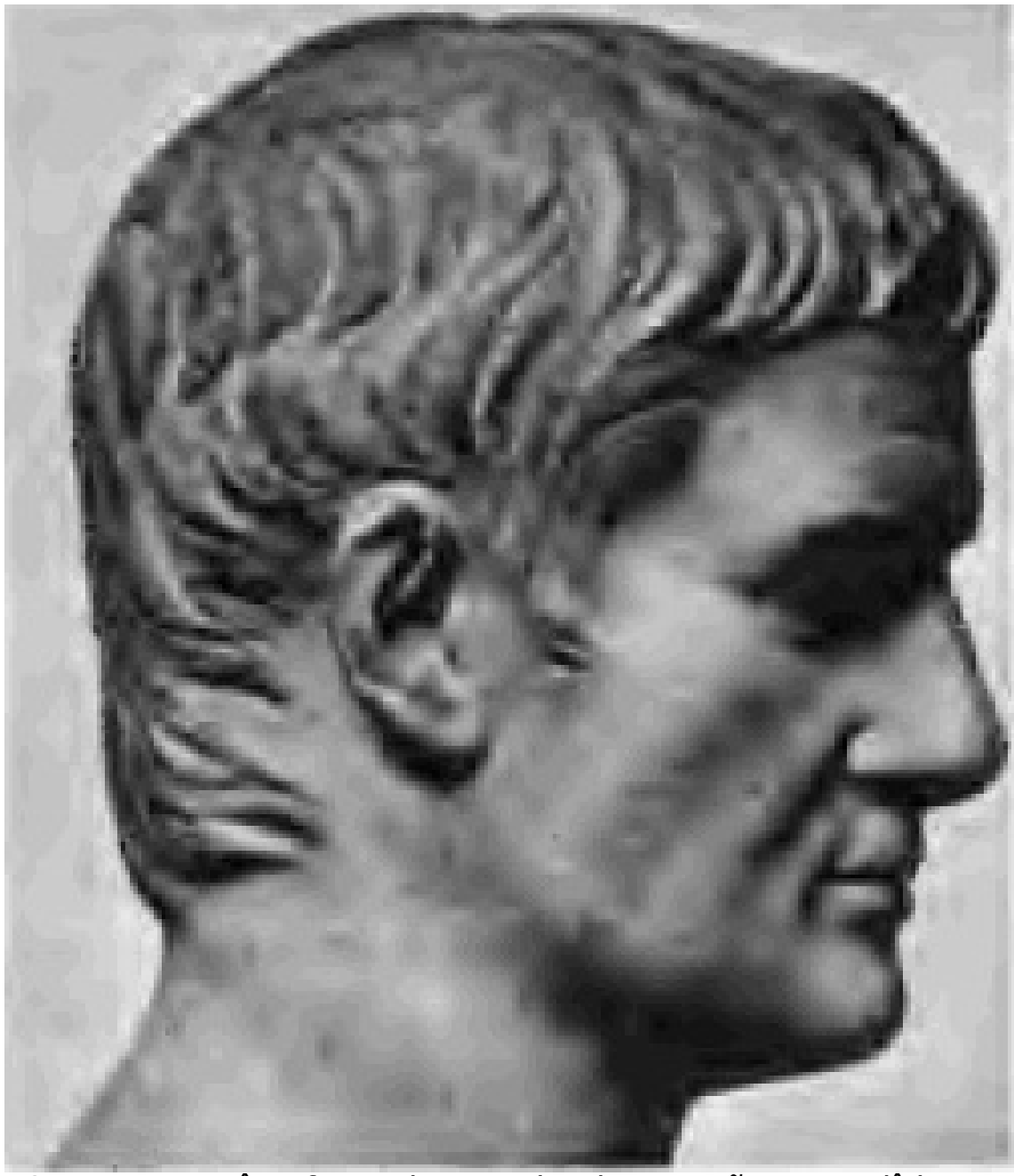
Perdeu seu pai, quando era ainda muito jovem. Adorava Aurélia, sua digna mãe. Teodoro Mommsen escreveu que "César era um ser apaixonado", não existindo o gênio sem paixão, mas acrescentou que "a paixão nunca o dominou totalmente".

Na idade de dezessete anos, festejou César seu noivado com Cossutia, filha dum rico romano. Mas em breve o rompe para casar com a bela Cornélia, filha de Cina. A vida é bela. Roma é uma cidade maravilhosa. E César é jovem. Mas ouviu as palavras de Sila, nada ignora do ódio que lhe vota o ditador. E por esta razão, leva uma espécie de vida errante e secreta. Atingido pela doença, faz-se transportar cada noite para uma casa diferente. Ora, um dia, os esbirros de Sila que o perseguem, detêm-no em um de seus esconderijos. César consegue subornálos e foge para o litoral onde embarca para a Bitínia. Acusaram-no então de ter-se abandonado ao desejo de Nicomedes, rei da Bitínia. Mas em breve torna a embarcar. Piratas dele se apoderam. César ri: zomba dos piratas que só exigem vinte talentos (noventa milhões de francos-ouro) de resgate. Ignoram eles o valor do homem que têm cativo? Oferece-lhes cinqüenta talentos e envia seus companheiros de viagem a várias cidades, a fim de reunirem os fundos necessários. Entrementes, leva uma vida rica e alegre em companhia dos piratas. Quando quer repousar, ordena-lhes que se calem; e os piratas devem comportar-se como sua guarda de corpo. Parece, com efeito,

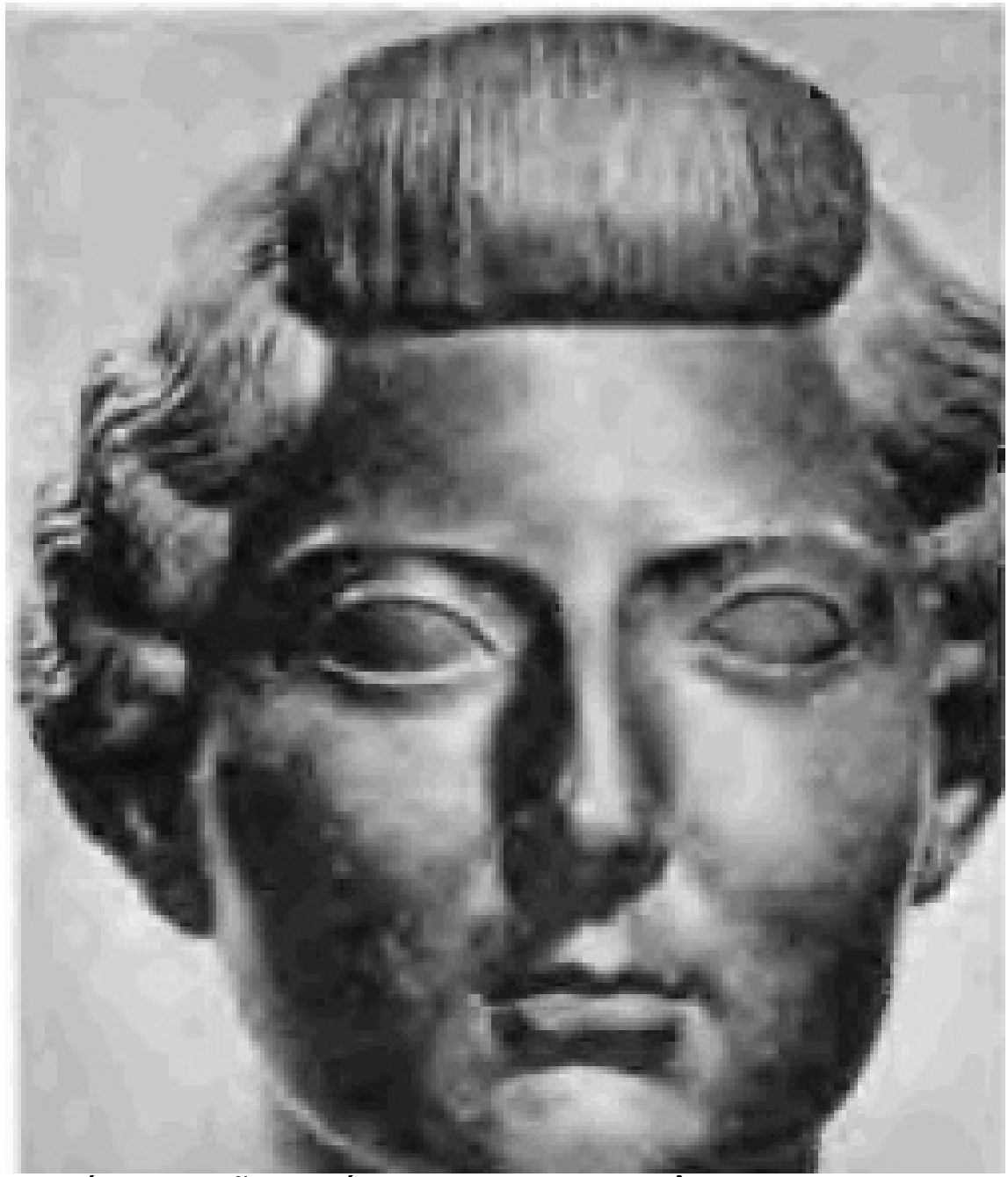
ser o senhor deles. Joga e diverte-se com eles, recita-lhes poemas satíricos, zomba deles e promete que um dia os fará enforcar!
Pago o resgate, César vê-se livre. Arma vários navios, navega em perseguição dos piratas e, depois de ter capturado grande número deles, acha que o ouro "deles" é um saque que lhe é devido. Em Pergamo, cumpre a promessa feita em brincadeira: manda pregar na cruz os prisioneiros.
Morto Sila, César volta a Roma. Em brilhantes defesas forenses, revela uma eloqüência fora do comum. Cortês, amável, solícito, sabe conquistar em breve o amor do povo. Roma inteira admira os banquetes de César. A consideração e a autoridade de que goza aumentam sem cessar e, não resta dúvida, César acaricia o projeto de derrubar o governo!
O célebre orador Cícero comparou as aptidões e as capacidades políticas de César com a calma sorridente do mar, essa calma temível de que se deve desconfiar. Por trás daquela máscara de gentileza e de bom humor, percebeu Cícero algo além do nobre caráter de César: adivinhou a evidente dileção pela tirania. E escreveu:
"Quando se observa o arranjo apurado de seus cabelos, quando se vê o homem cocar sua pele delicadamente e com um dedo só, não parece de certo que possa ele nutrir o projeto sacrüego de derrubar a Constituição."



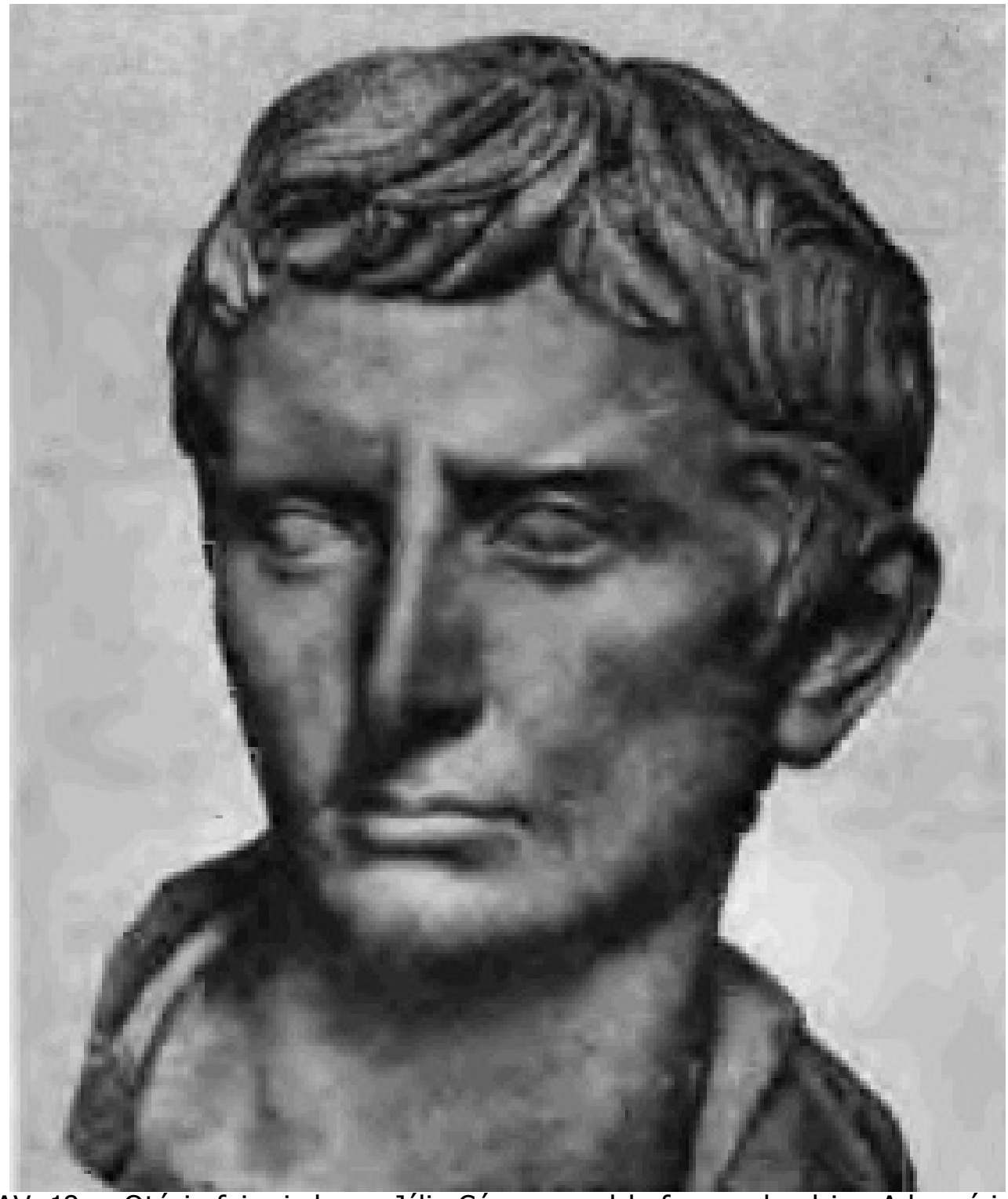
GRAV. 15 — O famoso "Brutus" de Roma não representa o assassino de César, mas Lúcio Júnlo Bruto, o primeiro cônsul da república romana (510 antes de J. C.). Foi Justamente porque esse primeiro Bruto derrubou o tirano Tarquínio que Marco Júnlo Bruto, seu descendente, matou Júlio César. O sobrenome de Bruto significa "lerdo", "insensível", "tolo". A palavra "brutal" vem do adjetivo "brutus". (Bronze, 32 cm.)



GRAV. 16 — Marco Antônio foi um homem dotado. A paixão iria perdê-lo. Reinou nas províncias orientais de Roma. Marco Antônio deixou-se escravizar pelo amor de Cleópatra. Viveu de 83 a 30 antes de J. C.



GRAV. 17 — Otávia, a irmã de Otávio, casou-se com Antônio em 41 antes de J. C. Amante de Cleópatra, Antônio obteve decretação de seu divórcio de Otávia, em 32 antes de J. C. Plutarco escreveu: "Precisamente, os romanos, que conheceram Cleópatra, lamentaram Antônio porque não ignoravam que Cleópatra não era nem mais bela, nem mais Jovem que Otávia, a esposa escarnecida.



GRAV. 18 — Otávio foi criado por Júlio César, que dele fez seu herdeiro. Adversário de Marco Antônio, fundou, sob o nome de Augusto, o Império Romano que deveria desenvolver-se durante 500 anos.

Amado e sustentado pelo povo, permitia-se César agir com uma liberdade que nenhum outro ousaria somente encarar. Em honra de Júlia, irmã de seu pai, esposa de Mário, pronuncia em público uma oração fúnebre e expõe o retrato do falecido Mário, o banido. O povo lança gritos de alegria e manifesta barulhentamente sua aprovação.
Pronunciar uma oração fúnebre por ocasião da morte de uma mulher idosa, ainda vai. Mas seria isso concebível em honra de uma mulher ainda bem jovem?

A Cornélia, sua mulher, morta aos vinte e nove anos, presta César essa insigne honra. O povo fica emocionado, transtornado. E quando César casa em segundas núpcias com Pompéia, conserva o favor das massas, favor que procura, que disputa por todos os meios colocados à sua disposição. E em breve suas dívidas se elevam à enorme soma de 1.300 talentos. O pontifex maximus de Roma, Cecílio Metelo Pio, morreu. César solicita esse posto de chefe supremo dos templos, cujas funções consistem em fiscalizar o culto. Mas não é o único pretendente e a luta é áspera. No dia da eleição, Aurélia em prantos acompanha seu filho à porta e, despedindo-se, exclama ele:

— Hoje, querida mãe, quando tomares a ver teu filho, será ou pontifex maximus ou banido.

César foi eleito. Tinha trinta e nove anos.

César visa à dignidade pretoriana. Sabe-se que o pretor era um dos dois magistrados mais altamente colocados de Roma.

Ora, fazer carreira em Roma não é empresa fácil. Cada qual age da melhor maneira para obter os favores dos plebeus.

Catão propõe ao Senado a distribuição de cereais aos pobres: a consideração de que César gozava diminui, porque não pode ele rivalizar com as prodigiosas despesas do Senado. Em Roma é o que mais oferece que ganha a partida.



GRAV. 19 — Este busto de Cleópatra (Museu Britânico, de Londres) é, sem dúvida, a escultura mais parecida que chegou até nós. Este retrato da rainha do Egito assemelha-se bastante aos reproduzidos em medalhas de bronze de Alexandria e à, de prata, de Ascalon. Somente porque a cabeleira, penteada diferentemente, nâo vem coroada pelo diadema, é que não se tem certeza absoluta de tratar-se do derradeiro retrato de Cleópatra.



GRAV. 20 — É provável que Cleópatra tenha conhecido o Templo de Edfu, o mais conservado dos templos egípcios. Começada em 237 antes de J. C, no reinado de Ptolomeu III Evergeta, foi a construção terminada por Ptolomeu XII Dionísio, pai da célebre Cleópatra.

Por outro lado, um incidente penoso intervém para alterar o renome de César. Públio Clódio, mundano, libertino insolente, mas muito rico e duma excelente família, apaixona-se por Pompéia, a esposa de César. Se Pompéia não se mostrava tão reticente às suas propostas como seria conveniente, seus aposentos vivem sob vigilância incessante de Aurélia, a mãe austera e virtuosa de César. O olho vigilante de Aurélia opõe obstáculos intransponíveis às entrevistas secretas dos amantes. Os romanos adoravam uma deusa, Bona Dea. Em sua honra, as mulheres, todos os anos, celebravam um culto ao qual nenhum homem devia assistir. Ora, Clódio, efeminado, imberbe, belo como uma mulher, disfarçado de tocadora de harpa, introduziu-se na casa de César. Evitando penetrar nas peças iluminadas, vagava assim pela vasta casa até o momento em que uma escrava reconheceu sua voz máscula. Imediatamente, Aurélia interrompeu a cerimônia, mandou cobrir os ídolos e expulsou Clódio. No dia seguinte, Roma inteira entretinha-se com o escândalo. César se separou então de Pompéia. Clódio é citado em juízo e César adota logo uma conduta estranha: mostra-se amável para com Clódio e finge ignorar tudo da culpabilidade do acusado.

Quando lhe perguntaram porque havia repudiado Pompéia, César respondeu:

— Porque exijo que minha esposa esteja acima de qualquer suspeita.

César foi nomeado governador da Espanha. Por ocasião de sua partida, seus credores

deram o alarme. Dirigiu-se èle então a Crasso, o homem mais rico de Roma, que pagou suas dívidas mais urgentes. Na Espanha, leu César a biografia de Alexandre, o Grande. Seus amigos, vendo-o derramar lágrimas, indagaram das causas de tal emoção.
— Não achais — respondeu César, — que minha tristeza seja bem fundada? Quando tinha a minha idade, Alexandre conservava sob seu domínio grande número de povos, e eu não executei ainda nada de grande e de glorioso!
César desempenhou brilhantemente sua missão na Espanha. De volta a Roma, reconciliou Pompeu e Crasso, e os três homens convieram entre si um acordo secreto segundo o qual seguiriam uma linha política comum. Foi o triunvirato. César concedeu a Pompeu a mão de sua filha Júlia e éle próprio desposou, em terceiras núpcias, Calpúrnia, filha de Piso. Na ano de 59, antes de J. C., a assembléia romana e o Senado designaram César para ocupar o governo da Gália, compreendendo os países que se chamam atualmente a França, a Bélgica, a Holanda e a Itália do Norte, acima do Pó. Dão-lhe quatro legiões, isto é, cerca de 24 mil homens. A duração de seu governo foi fixada em cinco anos, que César depois conseguiu duplicar.
É certo que o estudo das campanhas militares de Alexandre, o Grande, e de outros grandes estrategistas havia impressionado profundamente César. É evidente também que nutria ele idéias de conquista de que não revelou ao Senado, sempre muito prudente, se não temeroso, o menor projeto. Nos seus Comentários sobre a Guerra das Gálias, justificou sua política de agressão e procurou provar que cada uma de suas empresas "defensivas", felizmente levadas a cabo, o obrigava a preparar nova expedição.
César submeteu primeiro os helvécios, depois bateu-se com Ariovisto, rei dos suevos. Na verdade, é Ariovisto o primeiro personagem germânico que aparece no plano histórico e são os suevos os antepassados dos suábios. Devemos às descrições tão exatas e expressivas de César a quase totalidade das informações a respeito daquele rei.
Após intermináveis campanhas militares, Ariovisto tentou invadir e subjugar a Gália. No ano de 58, foi batido por César, entre Besançon e Schlestadt. Ariovisto fugiu para além do Reno, mas sucumbiu aos ferimentos recebidos em combate. César visou então à conquista da Bélgica e conseguiu dominar o norte da Gália. Não se deteve ali!
Por duas vezes, atravessou a Mancha (em 55 e 54), abordou a Inglaterra, onde se contentou em nomear o rei dos celtas tributário de Roma, "porque esse povo pobre e indigente não possuía nada que valesse a pena levar". (Plutarco). É preciso acrescentar que os "antigos ingleses" jamais puderam pagar o tributo que deviam a César.
César não tentou conquistar os países situados a leste do Reno, isto é, a Alemanha atual; todavia, a fim de provar sua força, passou o rio por duas vezes, em 55 e 53 antes de J. C. Naquela época, tornou-se o Reno a fronteira entre a Gália e a Germânia, a demarcação natural entre os países sob dominação romana e os onde os "bárbaros" sustentavam ainda a luta para atingir uma civilização e uma ética mais completas. Parece que essas aptidões naturais: o senso da medida, a faculdade de saber deter-se no momento em que o alvo visado é atingido, tenham constituído o verdadeiro gênio de César. Às margens do Tâmisa como às margens do Reno, bateu voluntariamente em retirada (Mommsen). Desde que pressentia que o "destino" estava realizado, sabia obedecer à voz interior que o advertia.
É precisamente nisso que o gênio de César parece ultrapassar o de Alexandre ou o de

Napoleão. Alexandre foi obrigado a bater em retirada em Hipanis, rio do Mar Negro, e Napoleão deixou Moscou, porque não tinha outro jeito. Se Alexandre e Napoleão desafiavam o destino, César sabia fazer cessarem as hostilidades, depois que conquistava a vitória. Jamais ultrapassava os limites atingidos e como que escolhidos pela sorte, contentando-se com eles!

Um jovem celta de origem nobre, nascido na região de Arvernes, o célebre Vercingétorix, reuniu os gauleses numa coligação contra César e contra a dominação romana. Com uma coragem excepcional, arrostou em Gergóvia os assaltos de César que, então, correu um grande perigo. Mas depois César cercou Vercingétorix em Alésia e o herói gaulês viu-se obrigado a render-se. Conduzido a Roma, acorrentado, nas fileiras dum desfile triunfal, foi mais tarde decapitado no Carcer mamertinus. É de todos sabido que Vercingétorix ficou, para os franceses, como o herói nacional, honrado da mesma maneira que Armínio entre os alemães.

Durante sete anos, prosseguiu César na conquista das Gálias. Plutarco, o historiador grego, estimava que, como estrategista, ultrapassara César todos os generais romanos que se tinham ilustrado antes dele: os Fábios, os Cipiões, os Metelos, Sila, Mário, Lúculo e até mesmo o grande Pompeu. E Plutarco acrescentou que César conquistara países imensos, travara mais batalhas e vencera o maior número de inimigos. Tomara de assalto oitocentas cidades, submetera trezentos povos, batera-se contra três milhões de homens, dos quais matara ou fizera prisioneiros mais de um milhãol

César enfrentava com coragem os perigos e os riscos e não hesitava diante de dificuldade alguma, de nenhuma fadiga. Desprezava a morte e sua robustez, sua tenacidade e sua resistência surpreendiam os que o cercavam. Tinha um corpo magro e seco, sua tez muito clara fazia-o parecer pálido. Ignora-se geralmente que sofria de ataques epilépticos. Para ele, as campanhas militares eram uma espécie de cura e as marchas forçadas, as refeições frugais, o exercício ao ar livre deviam, na sua opinião, curá-lo daquela doença. Dormia habitualmente numa carroça ou numa liteira. Durante o dia inspecionava as cidadelas, os campos e as cidades. Um secretário permanecia sempre a seu lado, escrevendo sob seu ditado, mesmo no decurso de suas viagens. Por trás de César velava comumente um soldado armado de espada. César se locomovia com tal rapidez que o percurso entre Roma e o Ródano não excedia de oito dias. Quando estava a cavalo, juntava as mãos atrás das costas e punha sua cavalgadura a galope. Durante suas campanhas, costumava ditar cavalgando, ocupando assim dois ou três escribas. Achava que as "conversas por correspondência" economizavam tempo e que as "longas conversações" eram mais fatigantes que as curtas missivas. César, em plena maturidade, entre quarenta e três e cinqüenta anos, foi um homem muito diferente do adolescente mimado, mundano e poeta que tinha sido aos vinte anos. Suas aventuras amorosas, muitas vezes coroadas de êxito, aliás, não haviam diminuído em número, mas mulheres eram agora para ele um recreio; brincava com elas e nunca lhes permitia que tomassem qualquer ascendente sobre ele. Dissimulava sua calvície sob sua coroa de louros e revelava sempre, em seus gestos e em seus atos, certa vaidade.

Foi César talvez o mais universal dos gênios que viveram na terra: homem de Estado perfeito, general que sempre soube subordinar suas empresas militares às vistas mais

essenciais da política, escritor dotado duma vivacidade e duma simplicidade de expressão excepcionais, soberano nato que soube encantar, do simples burguês ao rude combatente, das nobres damas romanas às princesas do Egito e da Mauritânia. Foi tanto um corajoso general de cavalaria como um astuto banqueiro.

Os historiadores, os escritores e os poetas, que tentaram penetrar essa perfeição única, não conseguiram destacar e comunicar a seus leitores uma qualidade essencial a César, quero dizer, o brilho misterioso, essa espécie de luz irradiante e calorosa que se desprendia daquele homem nos seus atos, nas suas obras, e tanto pela sua "presença" como no seu ser mais íntimo.

QUE É A SORTE?

> Na véspera, no decorrer do jantar, quando os convivas discutiram para saber qual a melhor dentre todas as mortes, somente César, com vigor, exclamou: "A que não se espera!"
>
> PLUTARCO, "César", 63.

De certo, os espíritos estreitos e mesquinhos jamais compreenderão porque e de que maneira se alia o gênio à sorte. Tal como um astro irradiante que atrai o êxito, seguiu César seu destino em nosso planeta que, para tantos seres, parece um lugar triste e desprovido de claridade. Ora, não se trata aqui do que se chama de pura sorte. Sua sorte, o próprio César a forjou. E soube retê-la e conservá-la.
Nós o chamamos César, mas os romanos pronunciavam Kaisar e seu nome tornou-se o título invejado dos soberanos supremos.
Crasso encontrara a morte por ocasião da guerra contra os partas. Haveria um homem capaz de opor-se à ascensão de César? Só havia Pompeu, seu rival, o valoroso general que, pelas suas conquistas na Ásia, ultrapassava talvez a glória de César.
Como um navio sem piloto, a anarquia invadia Roma. O homem que fizesse erguer na praça pública mesas bem lautas tinha o direito a seu lado. O Senado era corruptível, a Constituição estalava por todos os lados e as tribunas dos oradores estavam muitas vezes manchadas de sangue: numerosas vezes tribunos as deixaram, se assim se pode dizer, com os pés para a frente!
Tentou Pompeu impedir a reeleição de César ao consulado, no ano de 48. Das margens do Rubicão, rio que separa a Itália da Gália, refletia César longamente, sopesando as razões ou as loucuras do bom êxito dum golpe de Estado contra Roma, Senado e Pompeu. César transpõe o Rubicão. Sessenta dias mais tarde, sem efusão de sangue, era senhor da Itália.

Foi então que começou a perseguição. Para levar a cabo sua ruína, perseguiu César o homem que foi seu genro e que havia preparado o trampolim de sua ascensão. Na batalha de Farsália, a 9 de agosto de 48 antes de J. C, o destino decidiu a favor de César. Vencido, Pompeu em fuga foi assassinado na costa egípcia.

César desembarcou em Alexandria, onde desempenhou o papel de uma espécie de deus, intervindo em meio duma desordem, duma situação singularmente confusa e caótica. Era então o Egito governado por um eunuco, o ministro Poteinos. O rei e a rainha, Ptolomeu Dionísio e sua irmã Cleópatra, segundo o costume egípcio, eram casados. Ora, Ptolomeu tinha só dez anos, ao passo que Cleópatra tinha dezesseis. O tutor deles, o ministro Poteinos, expulsara do país a jovem rainha que, refugiada na Síria, projetava reconquistar seus direitos pelas armas.

A chegada de César não tranqüilizou o pérfido Poteinos. Fora o instigador do assassinato de Pompeu e, presentemente, premeditava o do conquistador. César não o ignorava e, prudente, não ousava mesmo mais repousar. Consagrava suas noites às festas e banquetes. O pai do jovem rei devia a César a soma de dezessete milhões e meio de dracmas e César, a fim de poder manter suas legiões, exigia o pagamento de dez milhões de dracmas. Poteinos aconselhou César a deixar o Egito, para prosseguir suas conquistas pelo vasto mundo. O general respondeu que zombava de seus bons conselhos e, em lugar de deixar aqueles lugares, mandou buscar em segredo a exilada Cleópatra.

Sem atingir o que se chama a beleza pura, possuía a jovem rainha um encanto fascinante. Acompanhada dum siciliano chamado Apolodoro, subiu a bordo duma embarcação ligeira e acostou, ao cair do dia, nas proximidades do palácio real. A fim de chegar até César sem ser vista, escondeu-se numa manta, feita de panos costurados (e não num tapete!) que Apolodoro amarrou com uma correia. Foi o bravo siciliano quem entregou a César a preciosa carga. Não é difícil imaginar o encantamento que deve ter sentido o soldado endurecido e rude, diante do encanto da jovem egípcia. Plutarco escreveu:

"Seus atrativos e as conversações que entreteve com ela impressionaram-no profundamente."

César reconciliou Cleópatra com seu irmão e a jovem rainha foi reentronizada em seus direitos. Uma cerimônia acompanhada dum banquete deveria selar a reconciliação do casal real.

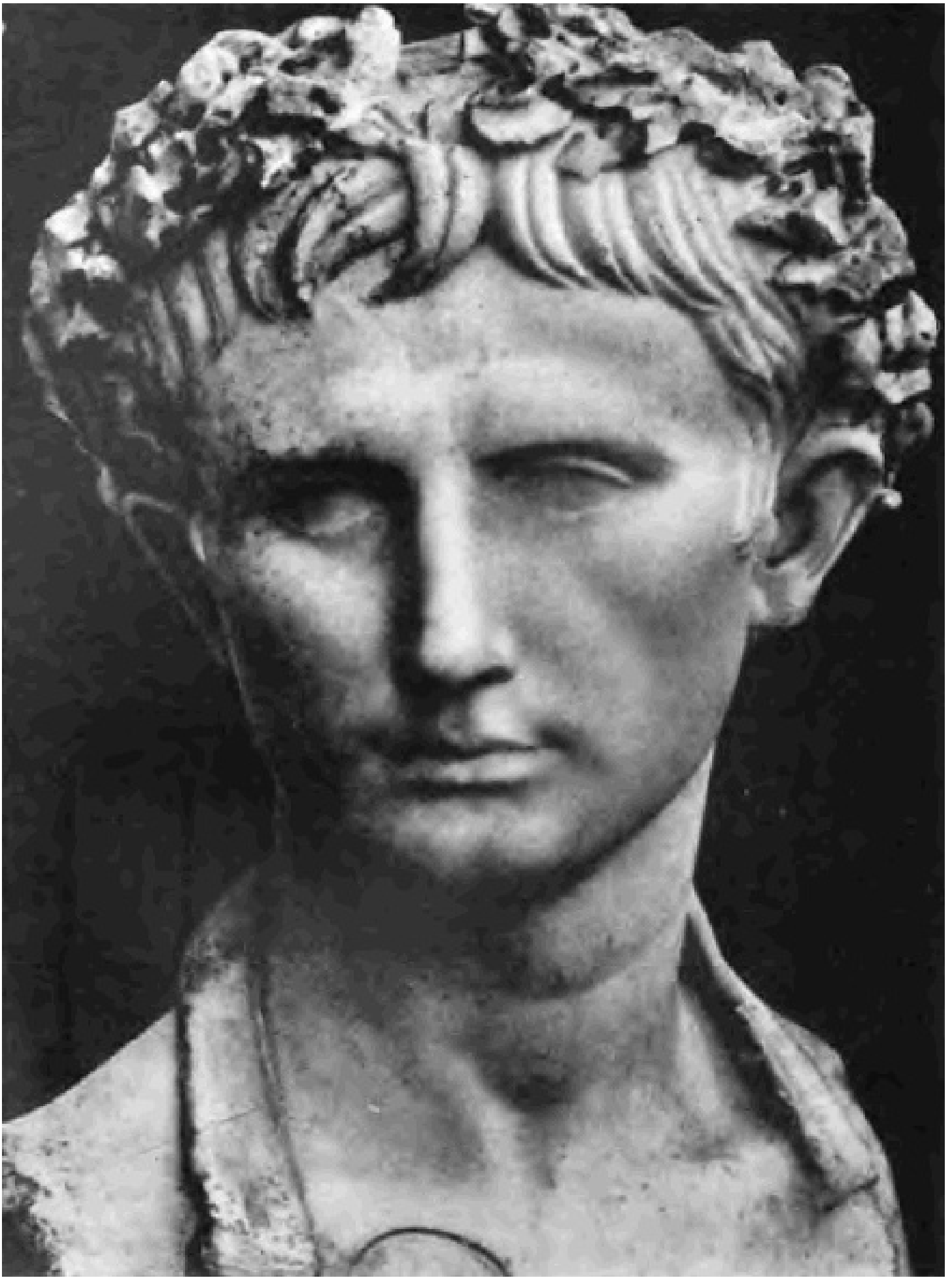
O barbeiro de César, um escravo, o homem mais medroso do exército, dissimulado e curioso, surpreendeu a conspiração tramada contra César por Poteinos e pelo general Aquilau. César mandou a guarda subir ao salão das festas e conseguiu dominar Poteinos, mas Aquilau logrou escapar. Depois, provocou ele César. Os egípcios obstruíram as canalizações de água e as tropas romanas estiveram a ponto de morrer de sede. Aquilau tentou mesmo apoderar-se da frota de César. Mas César mandou atiçar um gigantesco incêndio que, do arsenal, se propagou à cidade e destruiu entre outras coisas a célebre biblioteca de Alexandria.

Essa catástrofe, que ocorreu no ano de 47 antes de J. C, constituiu um dos acontecimentos mais trágicos da história do pensamento: a biblioteca de Alexandria continha quatrocentos mil rolos de papiro, tesouro que nos teria transmitido, se conservado, os conhecimentos de vários séculos, de vários milênios de cultura e de civilização pré-cristãs. Na confusão e desordem da peleja, encontrou-se César em perigo de morte. A batalha encarniçou-se perto da ilha de Faros, célebre por causa de seu farol. A fim de salvar suas tropas, saltou César do cais para uma embarcação. De todas as partes, ós barcos dos egípcios se aproximaram e César, para escapar-lhes, lançou-se ao mar e

salvou-se a nado, sob uma chuva de projetis. Tinha na mão papéis importantes que conseguiu assim salvar. Entrementes, o jovem rei colocara-se ao lado de Aquilau. César atacou então os egípcios e aniquilou-os. Segundo toda verossimilhança, o rei-menino afogou-se no Nilo.

César despediu-se de Cleópatra, rainha do Egito, e partiu para a Síria. Cleópatra deu à luz um filho que os alexandrinos, com justa razão, chamaram de Cesarion. No ano de 47, perto de Zela, ao sul do Mar Negro, derrotou César, Farnaces, filho de Mitídrates. Tendo alcançado a vitória após uma batalha que durou uma hora e a fim de anunciá-la a Roma o mais depressa possível, escreveu César a seu amigo Amíncio as célebres palavras:

"Cheguei, vi e venci" (Veni, vidi, vici).



GRAV. 21 — Nascido em 63 antes de J. C, morreu o imperador Augusto no de 14 depois de J. C„ com a idade de 77 anos. "Se bem que desdenhasse todos os artifícios, era duma beleza majestosa e duma graça insigne" (Suetônio). O mês de agosto tomou o seu nome.

A mestria com que César soube aparar os golpes da sorte, o gênio que revelou na improvisação, a independência de que deu prova para com o que se costuma chamar a "sorte" são testemunhados perante a História por essa campanha de inverno africano de 47-46. Ora, que é exatamente a sorte?

Não será bem simplesmente a inteligência em saber agir justamente no momento mais favorável?

Foi precisamente a campanha da África que provou que César sabia conquistar a vitória total, definitiva, a despeito das condições gerais mais desfavoráveis e dos reveses de fortuna sem cessar repetidos.

Na África, com efeito, formara-se um núcleo, um centro vital de oposição republicana. Ali se haviam "agrupado os adversários de César e da tirania, os destroços do exército derrotado em Farsália, as tropas de ocupação de Dirráquio (Durres), de Querquira e do Peloponeso e o que restava da frota ilírica. O comandante-chefe Metelo Cipião, sogro de Pompeu, e seu general-adjunto Petreu tinham-se ali reunido, bem como Marcos Catão, o chefe político da oposição republicana, hostil a César e que, segundo Mommsen, "preferia deixar soçobrar a República na legalidade a salvá-la de maneira ilegal". Cneu e Sexto, os dois filhos de Pompeu, bem como o excelente Labieno (que foi o melhor oficial de César na Gália e que se colocara ao lado de seus inimigos) haviam-se igualmente juntado à oposição na África. Os derradeiros e irredutíveis partidários de Pompeu tinham reunido dez legiões. Juba, o rei africano que punia de morte todo simpatizante de César, juntara-se à temível coligação.

Para preparar sua campanha da África, reuniu César suas tropas na Itália do sul. Mas os legionários protestaram; após intermináveis guerras, cediam a um legítimo desencorajamento. Estavam descontentes. Tinham esperado recompensas e vantagens mais substanciais que as que haviam obtido. Recusaram-se a obedecer. Pior ainda, marchavam sobre Roma. Queriam eles próprios falar com César. Os oficiais que tentavam deter os bandos indisciplinados eram liquidados pela soldadesca. Os legionários chegaram a Roma e se encontraram em presença de César que, sem se fazer anunciar, apareceu diante deles. Perfeitamente calmo e senhor de si, César interrogou-os:

— Que quer eis?

Sem emoção aparente, encarava-os. Os legionários achavam que deviam ser desmobilizados. Não ignoravam que César, mais do que nunca, tinha necessidade deles, se quizesse empreender a campanha da África. E sabiam também, naquele momento, que ele não podia despedi-los. Acreditavam que César satisfaria completamente aos seus desejos e exigências e que chegara o momento em que poderiam enfim colher os frutos de seus deveres e de seus esforços. Mas César nada cedeu.

— Tendes razão, quirites, — respondeu, — estais fatigados e esgotados pelas guerras e pelos vossos ferimentos. Podeis partir.

Chamava-os quirites (concidadãos) e não "camaradas", como se tivessem deixado de ser

soldados, como se já fossem civis! E acrescentou que, após a vitória, no seu próximo triunfo, receberiam também eles, ao mesmo tempo que os soldados vitoriosos, presentes e terras. Todavia, não tomariam parte nas cerimônias, no triunfo.

— Licencio-vos. Não tenho mais necessidade de vós. Recebereis o que vos é devido e vossa recompensa, e sem desconto!

Um instante, os soldados, confusos, permaneceram mudos. Depois, solicitaram autorização para ficar ao lado dele. Lendo-se essa narrativa, compreende-se dificilmente que os legionários amotinados se tenham acalmado tão depressa. Não foram as palavras de César que provocaram tal reviravolta. Foi um elemento bem diverso que, após dois milênios, é menos fácil de descobrir. Uma vez mais, a personalidade e a presença de César haviam fascinado seus soldados. Uma vez mais, estavam ali, perturbados, comovidos, envergonhados, indecisos, como instrumentos obedientes na mão do grande feiticeiro. Mommsen escreveu:

"A História não conhece maior obra-prima de psicologia." A campanha da África, com uma única exceção, foi uma verdadeira cadeia de revés de fortuna. A exceção, a batalha de Tapso, foi o encontro supremo e decisivo em que César, como sempre, arrebatou a vitória. Embarcou para a África a 25 de dezembro de 47. Tempestade de equinócio! A frota está perdida no mar convulsionado. César desembarca em Adrumetum (Sousa) com apenas três mil homens, dos quais a maior parte eram jovens recrutas. Pondo pé em terra, César tropeça e cai. Um terror supersticioso apodera-se dos soldados. César o percebe e age como se se tivesse lançado de propósito no chão: — Agarro-te, África! — exclama.



GRAV. 22 — Lívia Drusila. esposa de Augusto, foi uma das mulheres mais inteligentes de Roma. Quando, na idade de 20 anos, casou-se com Otávio, Roma ficou escandalizada, porque Tibério Cláudio Nero, seu primeiro marido, havia-a, por assim dizer, "dado" a Otávio. Multo ambiciosa, foi Lívia tão bela quanto inteligente e excelente conselheira de seu esposo.



GRAV. 23 — O Palatino era o mais importante das sete colinas de Roma. Dominando o Tibre, foram as primeiras construções da cidade ali erguidas e lá se levantaram as casas de Sila, de Cícero, de Crasso e de Marco Antônio. Depois de Augusto tornou-se o Palatino a residência Imperial. Tibério, Nero, Domiciano, Adriano e Severo ali mandaram construir suas moradas.

Um a um, os navios, que se haviam perdido na tempestade, encontram sua rota e acostam na terra africana. Atacado por Labieno, César salva suas legiões por um triz e sofre pesadas perdas. Nesses momentos, testemunha ele uma paciência e uma resistência nervosa admiráveis. Lentamente, com método, põe as vantagens de seu lado, evitando a batalha decisiva. Contra Juba, mobiliza tribos de pastores gétulos e alia-se aos reis da Mauritânia. Amotina os indígenas da costa africana contra os republicanos e consegue ganhar a simpatia das cidades.

A fim de garantir seus homens por ocasião duma retirada eventual, apodera-se dos portos de Ruspina (Monastir, perto de Sousa) e de Leptis, o Pequeno. Ali se entrincheira e se exercita, à frente dum exército inferior em número, na difícil arte da expectativa. César pensa em tudo: quando as reservas de forragem para os cavalos diminuem, manda colher sargaços. Temem seus soldados o combate contra os paquidermes de guerra do inimigo? Manda buscar na Itália elefantes de circo! Sistematicamente, adestra seus jovens legionários nas dificuldades das guerrilhas africanas, pelo exercício e pelas manobras cotidianas. Tornou-se mestre na arte de "arrastar" as coisas e os movimentos, na expectativa prudente e na arte do repouso. Durante cerca de quatro meses, soube César esperar até o dia em que suas legiões de veteranos, homens endurecidos e experimentados, desembarcaram por fim nas costas africanas. Depois, perto da fortaleza

de Tapso, ocupada pelo inimigo, com exatidão e no momento favorável, atraiu César o adversário a uma armadilha decisiva. A 7 de fevereiro do ano de 47 antes de J. C, Cipião e seu exército estão postados perto de Tapso, no local mais estreito do istmo, cercado de um lado pelo mar e do outro por uma laguna. Os veteranos de César trepidam de impaciência e seu general, a cavalo, precede-os no ataque.

Reflita-se bem nisso. Depois de tantas vitórias, de tantas guerras, joga-se a sorte de César. Está com cinqüenta e quatro anos. Seus legionários entregam-se a uma sinistra matança e aproveitam da ocasião para suprimir alguns de seus antigos oficiais, com os quais tinham contas a regular. A vitória de César foi completa.

Quando sua frota em fuga foi alcançada, Metelo Cipião, comandante-chefe do exército inimigo, suicidou-se. Quanto ao rei Juba, escolhera um fim dramático e espetacular; na sua cidade de Zama, sobre uma imensa fogueira, quis fazer-se incinerar com seus tesouros, sua família e todos os habitantes da cidade, Mas os cidadãos de Zama mostraram pouco entusiasmo em participar dessa sangrenta e fúnebre cerimônia e, quando seu rei se aproximou da cidade, fecharam-lhe as portas. Após um banquete suntuoso, o selvagem numida provocou Petreu a combate singular, até a morte. Ora, não foi ele, mas Petreu quem sucumbiu e Juba, ferido, fez-se apunhalar por um escravo. Labieno e os filhos de Pompeu fugiram então para a Espanha.

A morte de Catão em Ütica significava, de fato, a cessação da guerra civil, o fim da dissenção entre as forças da República e as de César. Quanto ao irredutível Catão, morreu fiel a uma idéia — mártir da República. Ainda que fosse somente agarrar a vantagem de poder exercer sua clemência aos olhos do mundo, teria César gostado de perdoá-lo e agraciá-lo! Mas Catão, amante apaixonado da liberdade, compreendeu bem que a compaixão de César fechar-lhe-ia para sempre o acesso à imortalidade. Aconselhou seu filho a ir ter com César.

— Por que não vais tu mesmo? — perguntou-lhe o filho. E Catão respondeu:

— Nasci numa época em que se podia agir e falar livremente. Estou demasiado velho para me habituar à servidão; mas tu, tu és filho dos tempos modernos e deves reconciliar-te com o espírito de tua época!

Catão, o mais probo republicano de seu tempo, mergulhou na leitura da obra de Platão, Da Alma, e, à meia-noite, abriu o próprio ventre com um punhal. Quando lhe pensaram os ferimentos, arrancou-se os intestinos. Dessa maneira, até mesmo o gênio de César ficou impotente diante da retidão, da lealdade daquele conservador da aristocracia, do estóico e do idealista.

— Conseguiu até recusar-me a glória de conceder-lhe a vida! — exclamou César, decepcionado e pesaroso. Mas a monarquia estava forjada. A apoteose que aguardava César em Roma — após tantas guerras — aquele triunfo foi bem o do gênio militar que defendera e estendera o império romano, e não o do vencedor da guerra civil. Um dos regosijos foi consagrado à Gália, outro ao Egito, o terceiro ao Ponto e o último à África. Por ocasião do desfile, foram exibidos, com o imenso saque, os numerosos cativos: Arsinoé, princesa do Egito, o jovem príncipe Juba da Numídia, o famoso Vercingétorix, o herói e chefe dos gauleses. César precedeu as carroças carregadas de ouro. Recompensou os legionários: cinco mil denários para cada um e dez mil denários para cada centurião!

César foi eleito ditador; a princípio pelo prazo de dez anos, depois vitalício: dictator perpetuus.
A batalha mortífera de Munda, na Espanha, que César travou com os filhos de Pompeu, foi tão terrível que ele declarou que, se muitas vezes combatera para alcançar a vitória, naquele dia havia lutado para preservar sua vida. Foi sua derradeira batalha.
Tinham-se os romanos habituado às vitórias de César. O triunfador reinava como senhor absoluto e Roma, a seus pés, estava sob o jugo de seus caprichos. Desejava-se mesmo que o regime monárquico preservasse o país das guerras civis e garantisse a manutenção da paz interior. Foi por causa desse temor e por essa razão que se nomeou César ditador perpétuo. Mas a partir do momento em que dispôs, sem constrangimento, com o poder absoluto, de um poder ilimitado, entrou César realmente no seu papel de ditador e de tirano autêntico. Foram então os louvores, os panegíricos, a incensação de sua pessoa, levados aos extremos limites do grotesco que, lenta mas seguramente, iriam ridicularizar o ditador. Sob os exageros, a adulação e as glorificações tão singulares e muitas vezes chocantes, apareceu César então aos olhos mesmos dos cidadãos mais sensatos e mais corajosos, como um tirano desprezível e execrado. Foram precisamente os irredutíveis adversários de César que o içaram ao pináculo, com o maior encarniçamento!
César mandou reerguer a estátua de Pompeu, que fora derrubada. Alguns amigos aconselharam-no a adjudicar-se uma guarda de corpo. César replicou:
— Vale mais morrer de uma vez que esperar para sempre a morte!
As distribuições de cereais, as festas e regosijos, as colônias destinadas aos soldados, todos esses dons, como iscas, ofereceu-os César ao povo. Amadurecia gigantescos projetos destinados a ultrapassar os êxitos militares do passado. Queria sujeitar os partas, ir até o Cáucaso, contornar o Mar Negro e penetrar na Cítia. Descrevendo um arco colossal, com a travessia da Germânia e da Gália, pensava alcançar a Itália e conquistar de passagem os países onde os oceanos "constituem os limites do mundo".
Projetou também cortar o istmò de Corinto. Tanta força e poder criavam futuras possibilidades tão proveitosas, tão excepcionais! Senhor do mundo, que não valia a pena empreender? Era preciso primeiro pôr diques ao Tibre. César tinha a idéia de desviar-lhe o curso para fazê-lo desembocar no mar perto de Terracina. Concebeu o projeto grandioso de secar os pântanos pontinos, para o bem-estar de milhares de seres humanos. Quis elevar diques nas praias, libertar o porto de Óstia dos escolhos e dos bancos de areia que o obstruíam, construir portos e postos de amarração. Interessou os filósofos e os matemáticos pelo estabelecimento dum novo calendário. Criou o ano solar, o calendário juliano, cujo uso conquistou o mundo e que, mau grado uma modificação ordenada pelo papa Gregório XIII, em Í582, está ainda em uso. E César achava que era preciso fazer mais ainda. Queria ser rei, o rei mais poderoso do mundo. Mas o povo se insurgiu. Suas ambições desmedidas suscitaram o ódio. Um dia, no Senado, quando lhe testemunhavam um respeito reverencioso e bem exagerado e que se queria saudá-lo como um rei, César não se levantou e significou secamente aos senadores que um pouco de moderação se impunha. Ora, essa atitude desagradou ao Senado tanto quanto ao povo: o romano sentiu-se ofendido. César voltou para casa, desembaraçou-se de sua toga e, num tom vivo, disse a seus amigos que entregaria a garganta a quem a quiserse feri-la. Depois, acusou-se.

Seus erros? A culpada deles era sua doença secreta, a epilepsia! O homem a ela sujeito era passível dum leve desarranjo mental, sobretudo se obrigado a falar em público, de pé, sobre uma tribunal Toda emoção, todo movimento brusco, com efeito, causavam-lhe vertigens: César tentava desculpar suas fraquezas, mas um dos aduladores, Cornélio Balbo, exclamou:

— Não esqueças que és César. Na qualidade de ser superior, tens o dever de deixar-te adorar!

Sentado numa cadeira de ouro, estava César paramentado com as suntuosas vestes de seu triunfo. Ofereceram-lhe uma coroa de louros, com um diadema. A cerimônia foi intercalada de aplausos leves e surdos elevando-se duma assistência seleta. Ora, quando César recusou aceitar o diadema, significou o povo ruidosamente sua aprovação. Estenderam ao chefe novamente o diadema. César recusou mais uma vez. A multidão tornou a aplaudir. César então se levantou, irado, e ordenou que levassem o ornato ao Capitólio.

Mas em segredo, seus adversários ornavam sua estátua com diademas, que dois tribunos do povo se apressavam em retirar. O ditador mandou meter na prisão os homens que o saudavam com o título de "rei". Com gritos de alegria, acompanhava o povo os condenados até sua prisão.

Marcos Bruto era inimigo aberto e declarado da tirania. Em Farsália, onde Bruto combatera ao lado de Pompeu, César o havia agraciado. Tinha César grande confiança em Bruto, que era pretor, e que ele queria nomear cônsul. Mas todas as manhãs, quando Bruto se preparava para presidir o tribunal, descobria no seu lugar breves missivas tais como: "Tu dormes, Bruto"! ou "Não és Bruto"!

Cássio, o instigador da conspiração contra a vida de César, compreendeu que era possível conquistar Bruto para sua causa, porque o pretor era ambicioso. Um dia, César exclamou:

— Não auguro nada de bom da palidez de Cássio!

E quando tentaram tornar-lhe suspeito Antônio Dolabela, o ditador replicou:

— Não são os homens obesos que me inquietam, mas os pálidos, os magros e os secos!

Pensava em Cássio e em Bruto.

Estrabão, o geógrafo grego, relatou que apareceram então sinais e presságios inquietadores; entre outros, homens de fogo! Por ocasião de um sacrifício, não encontrou César o coração dum animal imolado. Um adivinho advertiu-o de que estava ameaçado dum grande perigo a 15 de março. Na manhã desse dia, César, que se dirigia ao Senado, encontrou o adivinho e saudou-o nestes termos:

— Como é? Já chegou o 15 de março!

— Sim, já chegou — respondeu o adivinho, — mas o dia ainda não acabou!

Na véspera, no decurso do jantar, quando os convivas discutiram para saber qual a melhor dentre todas as mortes, somente César, com energia, exclamou:

— A que não se espera!

Depois, foi ter com sua esposa, Calpúrnia, e deitou-se. No meio da noite, as portas e janelas do quarto se abriram bruscamente. Calpúrnia lançava longos suspiros e falava em voz alta no seu sono. De manhã, ao acordar, suplicou a César que não saísse e mandasse adiar a sessão do Senado. César, inquieto, ficou perturbado; até então sua esposa jamais

dera prova da menor superstição.
Decidiu, pois, adiar, a sessão do Senado. Ora, um dos favoritos do ditador, zombando, ridicularizou tanto a profecia como o medo supersticioso de Calpúrnia. Tomando César pela mão, levou-o. Um escravo, desconhecido da casa, reclamava uma entrevista secreta e urgente com César e, não tendo conseguido aproximar-se dele, dirigiu-se a Calpúrnia. Tinha de comunicar a César fatos da mais extrema importância. Um tal Artemidoro conseguiu também introduzir na mão de César uma carta denunciando a conspiração. César tomou a carta e, sem mesmo olhá-la, entregou-a a um servidor. Artemidoro aproximou-se dele:
— Lê esse papel, César, imediatamente, sem perder um instante!
César retomou a carta, mas a afluência da multidão impediu-o de tomar conhecimento de seu conteúdo. O Senado estava reunido no suntuoso palácio que Pompeu mandara construir ao lado do teatro onde estava igualmente levantada sua estátua. Cássio, de olhos fixos no mármore, parecia implorar o socorro do conquistador. Quando César entrou, o Senado, respeitosamente, levantou-se. Um tal Túlio Zimbra entregou a César um pedido em favor de seu irmão banido e, implorante, acompanhou-o até sua cadeira. César sentou-se e recusou categoricamente levar em consideração o pedido. Com as duas mãos, Túlio agarrou a toga de César, desnudando-lhe os ombros. Foi o tribuno Casca quem lhe assestou na nuca o primeiro golpe de punhal. Mas o ferro penetrou pouco profundamente, porque a mão de Casca tremia. César arrancou-lhe a arma da mão e apostrofou-o:
— Celerado, que fazes?
Cada um dos conjurados brandiu então uma arma. De todos os lados, estava César cercado. Esquivou-se aos golpes desferidos contra sua cabeça e seus olhos. Como um animal selvagem apanhado numa armadilha, lutou contra seus assassinos. Mas estava convencionado que todos participariam do assassinato. Bruto assestou-lhe um golpe violento no ventre. Urrando de dor, César voltava-se desesperadamente para a esquerda e para a direita. Mas quando reconheceu Bruto, armado de uma espada, velou seu rosto com a toga e deixou-se abater sem resistência.
Jazia perto do pedestal da estátua de Pompeu, salpicada de seu sangue. Foi como se o próprio Pompeu se houvesse vingado de seu antigo amigo. O general, o homem de Estado mais poderoso de Roma, sucumbiu, ferido por vinte e três golpes de punhal e espada.
Ora, o gênio todo-poderoso que havia protegido César durante sua vida parecia ainda velar por ele, além da morte, para vingar sua memória! Em todos os países, sobre todos os oceanos, esse gênio perseguirá os matadores. Todos os seus assassinos perecerão de morte violenta ou se suprimirão. Vencido por Antônio e Otávio, Bruto refugiar-se-á num cume escarpado e se matará com um golpe de espada no peito.
— Vale mais morrer que esperar para sempre a morte! Tais foram as derradeiras palavras de César.

MARCO ANTÔNIO E CLEÓPATRA

O URSO E SUA PERDA

> Seu aspecto e suas palavras produziam impressão tão poderosa que atraía ela às suas redes o homem mais frio, o misógino mais endurecido.
>
> DION CÁSSIO, livro XLII, cap. XXXIV.
>
> O comércio íntimo com aquela beldade tinha um encanto irresistível; e as formas de seu corpo, sua conversação sedutora, seus costumes refinados, sua conduta causavam sempre profunda impressão,
>
> PLUTARCO, "Marco Antônio", cap. XXVII.

Depois da morte de César, seus assassinos mediram bem depressa que, se tinham abatido o homem, não haviam destruído sua popularidade. E era evidente que o que permitira a ditadura de um César permanecia como um alqueive sempre favorável a toda tentativa de cesarismo e de monarquia. Os punhais de Cássio e Bruto, o ódio e a resistência de Catão, os discursos inflamados de Cícero não tinham, por assim dizer, desviado o curso da História.

É pouco sábio destruir um tirano! É bem mais prudente deixá-lo correr sozinho para sua perda.

Catorze anos após a morte de César iniciou-se a era dos césares todo-poderosos, a dos imperadores romanos, dos grandes monarcas, dos senhores e dirigentes do mundo, bem muitas vezes caprichosos e depravados! Antônio e Otávio foram os maiores pretendentes à tomada do poder. Lugar-tenente de César na Gália, Marco Antônio, à sombra da ditadura de César, fora nomeado cônsul. No momento, era o homem mais em vista em Roma, porque conseguira conquistar a simpatia dos veteranos e do povo em favor da ditadura, atiçando-os contra os assassinos. Otávio estava então com dezoito anos. Depois de tê-lo adotado, César fizera-o o legatário universal de sua fortuna colossal e o executor testamentário de sua fortuna política. Usava os nomes de Caio Júlio César Otaviano. Era preciso certa dose de coragem para aceitar a herança de César. Dentro em pouco, Marco Antônio e Otávio tomaram armas contra Cássio e Bruto. Os assassinos de César foram esmagados perto de Filipes, no ano de 42 antes de J. C. Marco Antônio tornou-se senhor das províncias de Leste, enquanto que Otávio reinava sobre o Oeste, isto é, sobre a Espanha, a Itália, a África e a Gália: E se Marco Antônio parecia satisfeito, Otávio não o estava menos!

Esse gênero de partilha comporta sempre grandes eventualidades e grande número de riscos. A inimizade de César e Pompeu estava ainda presente à memória de todos. Pompeu casara-se com a filha de César, mas esse elo de família não pudera impedir a eclosão do ódio implacável que os dois homens se votavam. Marco Antônio e Otávio queriam evitar essa calamidade ao Império. Desejavam viver em boa harmonia. Ora, a ambição não se casa bem com a ambição e nisto ç que se ocultava a fonte dum conflito.

Marco Antônio possuía o que se chama uma bela figura: ombros largos, nariz bem acentuado, movimentos e atitudes marcadas de virilidade e de decisão, em poucas

palavras, um corpo de hércules. Era um rude latagão, gabarola, trocista, sempre pronto a beber, corajoso, audacioso na batalha, mas capaz de observar a prudência indispensável ao general de grande valor.

Seus soldados o estimavam; dirigia-lhes voluntariamente a palavra, amesendava-se com eles, bebia em sua companhia e distribuía-lhes presentes. Marco Antônio era pródigo, detestava as economias. A gentinha não lhe era simpática. Se lhe dirigiam um pedido qualquer, mandava pôr para fora o solicitante. Tinha horror às criaturas atormentadas e preocupadas. Em contraposição, gostava de mulheres. Passava suas noites em festins ou no teatro, em companhia de comediantes, de bufões, de mulheres de má conduta e, de preferência, com a bela Quiteris, escrava liberta cuja fama não era recomendável. De dia, dormia ou, de pé, com a cabeça pesada, caminhava, cambaleante. Quando viajava, fazia-se sempre acompanhar de uma liteira onde se enrodilhava a viciada e perversa Quiteris. As tendas tinham de ser obrigatoriamente erguidas no centro dum verdejante bosque ou à margem dum fresco rio, sendo as refeições servidas em pratos de ouro. Um dia, mandou atrelar leões ao seu carro.



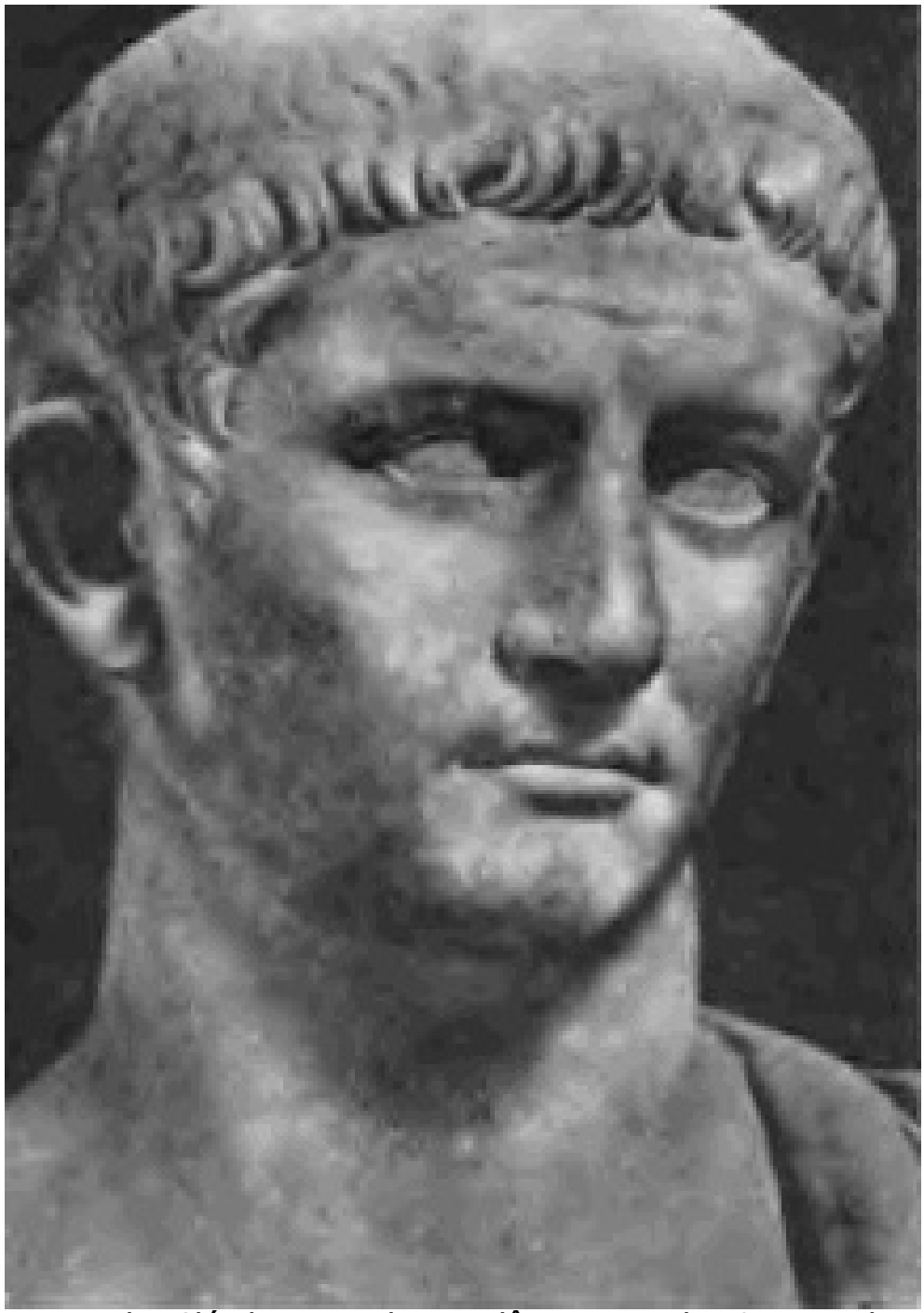
GRAV. 24 — A residência de Augusto. O imperador comprou aos herdeiros do orador Hortênsio uma casa situada no Monte Palatino, instalada com toda a simplicidade para ele e para Lívia, sua esposa. Desde a época em que, graças a Augusto, o "Palatium" se tornara residência imperial, as moradas principescas são chamadas, ainda em nossos dias, "palácios". As primeiras habitações de Roma foram construídas no Palatino.



GRAV. 25 — A Via Ápia partia de Roma e travessava a Campânia até Capua. Com 165 quilômetros de comprimento, foi construída em 312 antes de J. C. por Ápio Cláudio Ceco. Foi a estrada mais célebre do Império e de cada lado dela construíram os romanos imensos mausoléus.



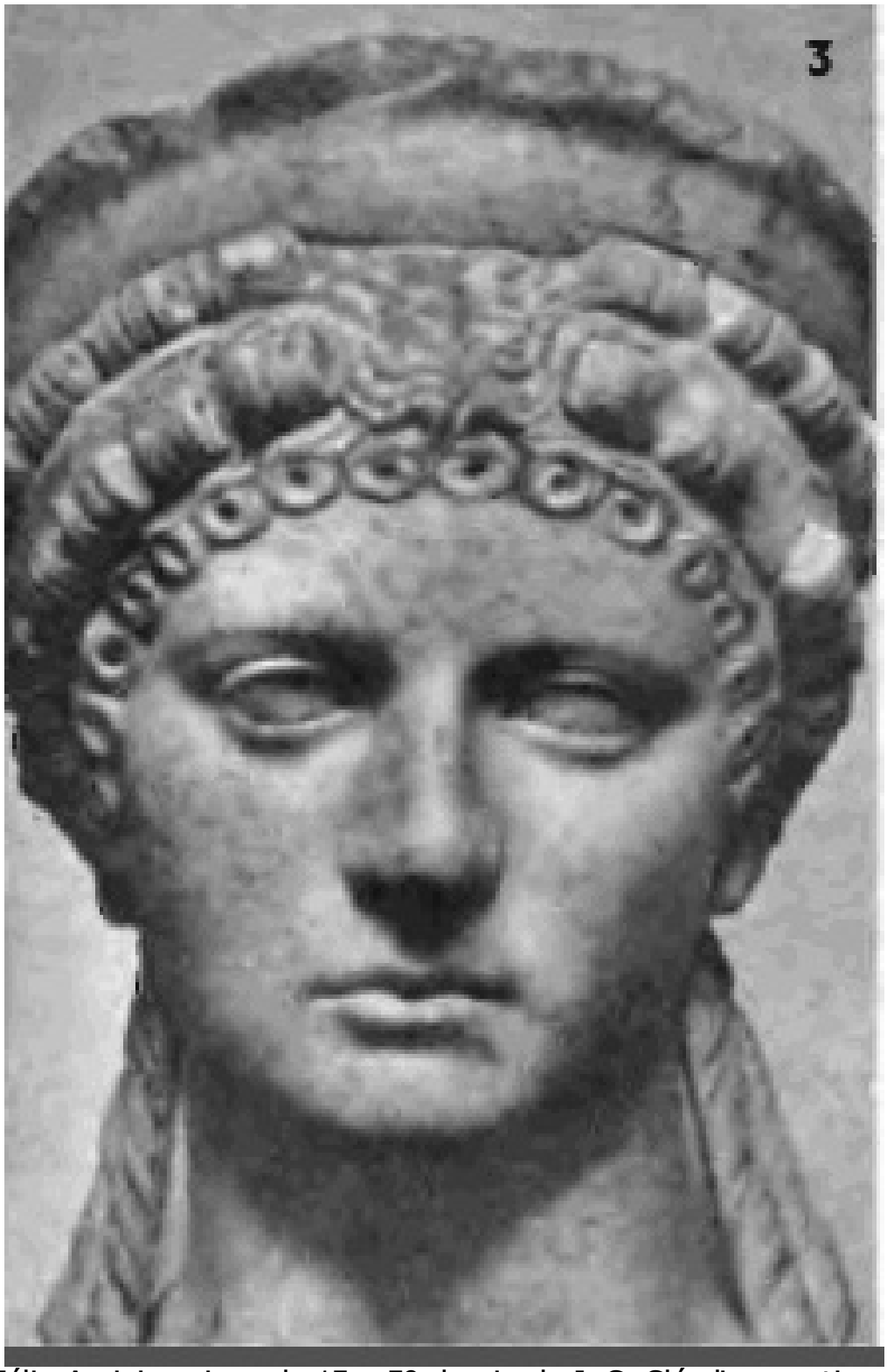
GRAV. 26 — Agripina, mãe de Calígula, esposa de Germânico, pôs fim a seus dias pela greve da fome; (33 depois de J. C.). Tibério havia-a banido e aprisionado.



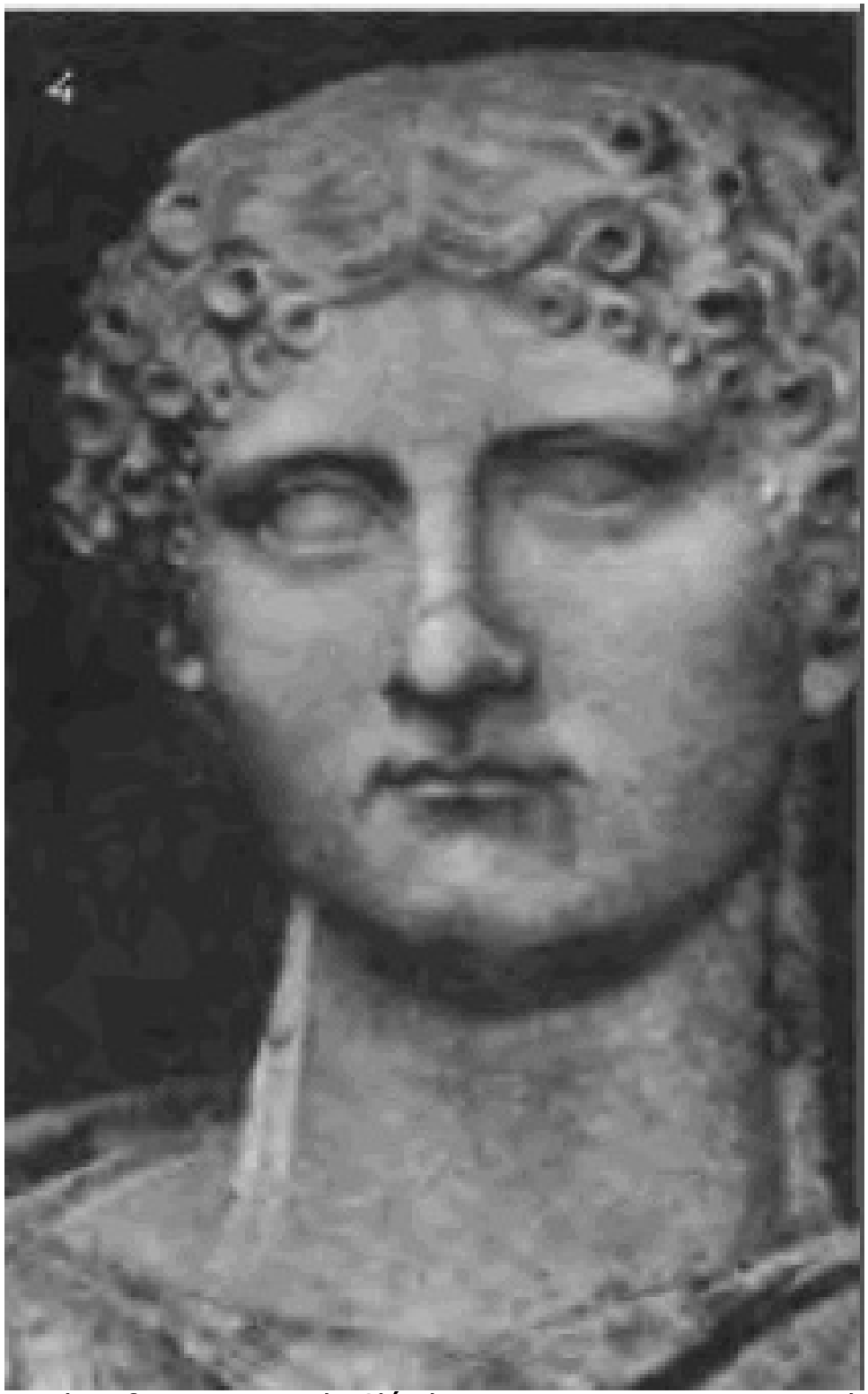
GRAV. 27 — O imperador Cláudio, nascido em Llâo, no ano de 10 antes de J, C, morreu em 54, depois de J. C., presumivelmente envenenado por Agripina. Tácito, Dion Cássio e Suetônio descreveram o comportamento grotesco de Cláudio que, na opinião deles, era dominado pelas mulheres e pelos libertos. Vários sábios e poetas modernos tentaram, sem possuir dados suficientes, explicar e desculpar as atividades desse imperador.



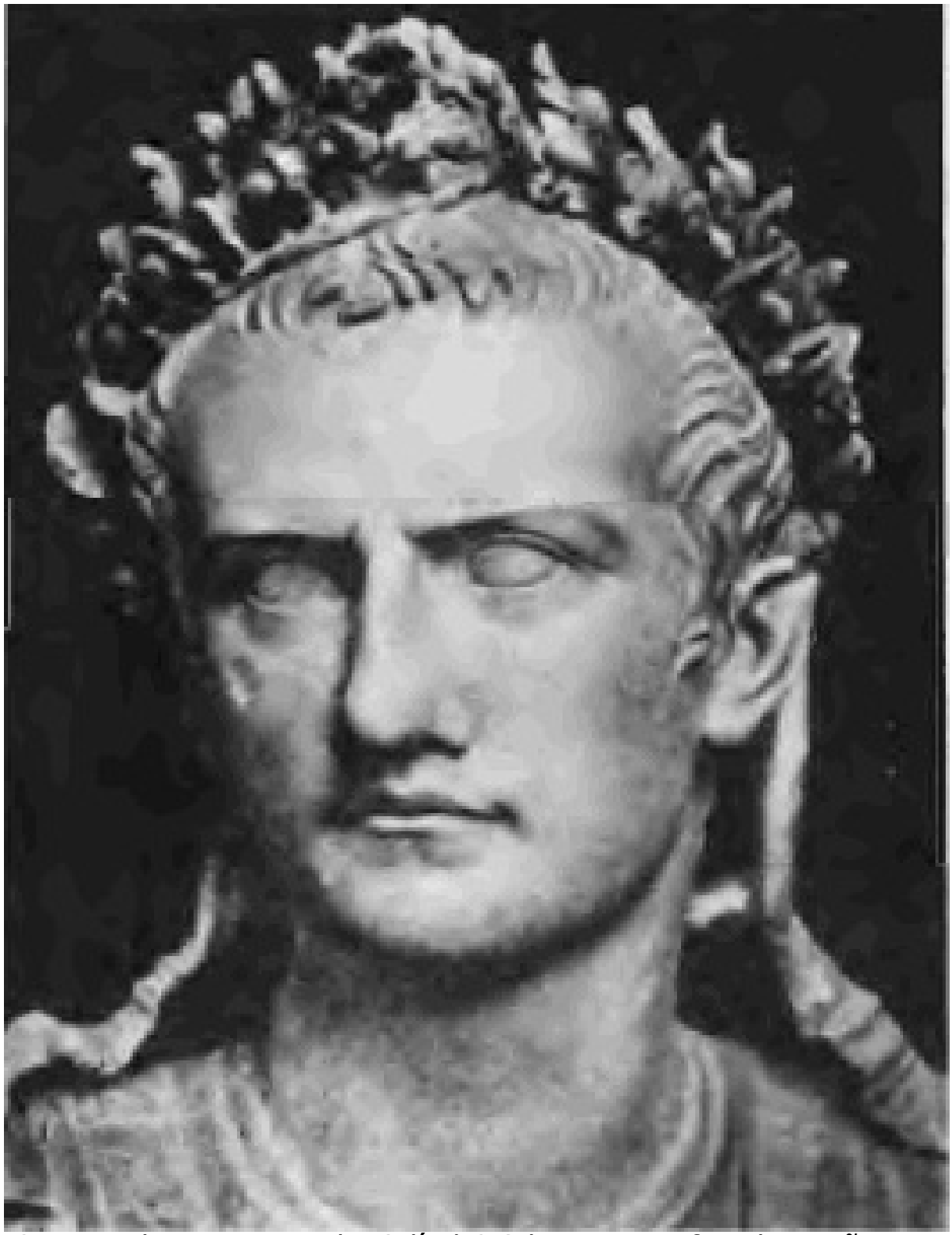
GRAV. 28 — Antônia (36 antes de J. C. a 37 depois de J. C.) tinha o costume de chamar seu filho Cláudio de "aborto" que a natureza não acabara! Antônia era a filha de Marco Antônio e de Otávia, irmã de Augusto.



GRAV. 29 — Júlia Agripina viveu de 15 a 59 depois de J. C. Cláudio, seu tio, casou-se com ela em 49. Dizem que, para fazer seu filho Nero subir ao trono, tramou o envenenamento de Cláudio.



GRAV. 30 — Messalina foi a esposa de Cláudio. Levava em Roma uma vida de devassidáo e celebrou suas núpclas com Silio, seu amante. Por ordem de Cláudio foi executada no ano de 41 depois de J. C.



GRAV. 31 — Era louco o imperador Calígula? Sabe-se que sofria alucinações e segundo toda probabilidade foi o que se chama um "caso limite". Suetônio escreveu: "Um dia, encontrando-se diante do altar o animal que devia ser Imolado, Calígula, vitimário, ergueu o machado e abateu... o servidor do altar!"

Tinha costume de designar as casas dos homens e mulheres respeitáveis para alojamento das meretrizes e tocadoras de citara que gozavam de seus favores.

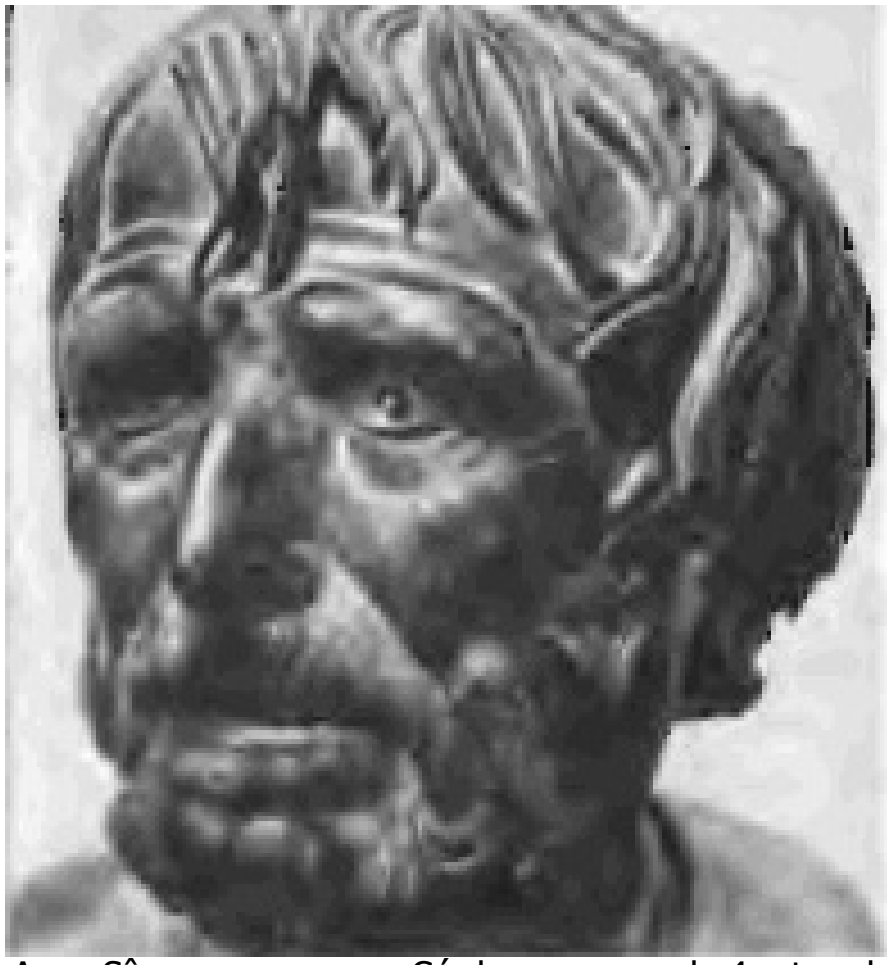
Fúlvia, terceira esposa de Marco, tinha a vontade, a energia e a autoridade necessárias para dominar um homem dum caráter e dum temperamento tão complicados e difíceis como os de Marco Antônio.

Mas se eram raras as estadas do general em Roma, nos países do Oriente, em companhia de tocadores de flauta, de dançarinos, de politiqueiros e de outros libidinosos como éle, levava vida airada com tal impudência, tal audácia que Roma fazia disso tema de chacotas.

Se Antônio era descuidado e frívolo, era também extremamente confiante. Por esta razão, a ralé, os corruptos e os vagabundos haviam-se introduzido na corte e abusavam de sua simplicidade bonachona. Se gostava éle de rir e de zombar dos outros, tolerava de boa vontade que zombassem dele, porque acreditava que as pilhérias de seus pretensos amigos não eram duvidosas e malévolas. Ora, só aduladores escorregavam habilmente algumas verdades nas suas hipócritas conversas e Marco Antônio ficava convencido de que tratava com homens "capazes de dizer a verdade" e que não tinham vergonha de "falar com franqueza".

Dotado de uma natureza semelhante mais ou menos à de um urso empanturrado de mel, teria podido Marco Antônio, a priori, passar dias felizes, se a fatalidade não lhe tivesse imposto o infortúnio que foi sua paixão por Cleópatra. Ora, a jovem rainha soube abafar, extinguir, depois aniquilar a inteligência e as sólidas qualidades daquele homem predestinado.

Estabelecido em Tarso, na Cilícia, não longe da costa mediterrânea da Turquia, ativou Marco Antônio os preparativos da campanha contra os partas (os persas). Mandou buscar com "urgência Cleópatra, a quem quis confundir, por haver suspeita de que houvesse dado dinheiro e soldados a Cássio, assassino de César.



GRAV. 32 – Lúcio Aneu Sêneca nasceu em Córdova, no ano de 4,antes de J.C. Preceptor de Nero, teve, por ordem do imperador de pôr fim a seus dias em 65 depois de J.C. Este busto em bronze espantosamente "realista" foi descoberto na "vila" dos Papiros em Herculano. Não está provado que represente Sêneca.



GRAV.33 – Apolônio, filho de Nestor, célebre escultor grego, criou, no meio do primeiro século antes de J.C. este bronze representando um boxeador. Esta estátua que mede mais de um metro encontra-se em nosso dias, no Museu das Termas, em Roma. A fim de aumentar a eficácia de seus golpes, usavam os gladiadores correias de couro reforçadas de metal.

Não era Cleópatra mais a adolescente ingênua que, aos dezesseis anos, se apresentara diante de César. Não ignorava sua influência sobre os homens e, forte da sedução que exercera sobre César, contava com um fácil êxito sobre a alma de Marco Antônio. Aos vinte e quatro anos, a altiva rainha egípcia estava em plena expansão de sua graça e de sua inteligência. E se levou em suas bagagens presentes suntuosos, ouro e jóias, tinha sobretudo confiança na sua irresistível sedução. Impaciente, Antônio ordenou a Cleópatra que ativasse os preparativos de sua viagem. Mas a finória zombava de suas exortações. No tombadilho de seu barco, repousava à sombra das velas purpúreas do navio. Os remos de prata eram manejados cadencialmente pelos remadores ao som das cítaras, das flautas e das charamelas.

Cleópatra mostrava-se ornada e pintada tal como naquela época as efígies de Afrodite. Adolescentes abanavam-lhe leques e belas escravas, vestidas como as nereidas e as graças, trabalhavam no leme e no cordame. Milhares de velas de incenso semeavam eflúvios perfumados até as margens do rio sobre o qual a galera maravilhosa vogava para o interior do pais. Da embocadura até o desembarcadouro, acompanhavam as multidões compactas o "fenômeno egípcio". No mercado público, preparava-se Antônio para exercer a justiça, mas o povo havia deixado a cidade para assistir à chegada da rainha do Egito. Quando Antônio soube da notícia, convidou Cleópatra para jantar. Ela, porém, rogou-lhe que fosse vê-la.

Marco Antônio obedeceu.

Ficou deslumbrado diante do luxo e do esplendor da galera. Cleópatra mandara acender dezenas de milhares de luzes cintilantes, dispostas em círculos e losangos de fogo. No dia seguinte, pagou visita a Antônio. O fausto que tentou éle a toda a pressa exibir era, certamente, de qualidade, mas modesto e éle próprio sorriu, cordialmente, diante daquela triste grandeza. A astuta Cleópatra compreendeu bem depressa, diante das pilhérias de Antônio, que não tinha de lidar com um homem refinado e culto como o fora César. Adotou uma atitude natural, muito livre, ousada mesmo. Abeberando-se apenas nas fontes do mundo antigo, afastando as lendas criadas pelas inúmeras biografias, romances, peças de teatro e narrativas, todos coloridos de romantismo, é interessante surpreender a verdadeira Cleópatra e as relações que entreteve com Antônio. Se se der crédito aos relatos sérios da Antigüidade, não era Cleópatra uma beleza excepcional e, à primeira vista, não aparecia como uma mulher desejável. Ora, nas conversações que com ela se travava irradiava-se, como o escreveu Plutarco, um encanto irresistível. A arte cativante de sua palavra, sua atitude, seu comportamento, todo cheio de distinção, de elegância e de refinamento, e sua plástica perfeita exerciam então verdadeiro fascínio. A voz era empolgante. Cleópatra sabia grande número de idiomas: o etíope, troglodita, o hebraico, o árabe, o sírio, o meda, o parta e, sem dúvida alguma, o latim e o egípcio.

Plutarco escreveu que os reis Ptolomeus, que reinavam no Egito antes de Cleópatra, nem mesmo se esforçavam em aprender o egípcio.

Cleópatra era de origem macedônia e o grego foi sem dúvida sua língua materna. O fundador da dinastia dos Ptolomeus foi um dos sete alabardeiros de Alexandre, o Grande. Uma vez que eram os reis do Egito, em geral, produtos consanguíneos de irmãos e irmãs,

conservara certamente a dinastia dos Ptolomeus o puro tipo macedônio. É preciso, pois, imaginar-se Cleópatra como uma mulher de pele branca, uma européia, diferente de seus súditos de pele morena. Antônio mandara chamar Cleópatra a Tarso para fazer-lhe censuras veementes. Mas no fim, acompanhou-a a Alexandria. Como um jovem ocioso, entregou-se ao amor e à volúpia, esquecendo o tempo, isto é, para ele o mais precioso de todos os bens. O casal fundou em Alexandria uma espécie de antecipado clube "existencialista", isto é, "um círculo unindo os que vivem duma maneira inimitável". Aqueles depravados abandonavam-se ali às inclinações mais baixas, às mais vergonhosas cupidezes. Um após outro, fazia o cozinheiro assar oito javalis, porque cada prato devia atingir a perfeição e o mestre-cuca nunca sabia em que momento desejavam os amorosos ser servidos! Era-lhe impossível, dizia ele rindo, adivinhar a hora em que devia trazer as comidas.

Nem de dia nem de noite se afastava Cleópatra dos braços de Antônio. Espirituosa, jovial, nunca lhe faltando imaginação para improvisar as diversões, sabia mimar como também amuar-se. Jogava dados com o romano e lhe fazia companhia durante suas libações, na caça, e também durante os exercícios militares.

No mais estrito anonimato, repleto como um odre, ébrio de vinho, tinha Antônio o hábito de percorrer de noite as ruas da cidade para fazer farsas muitas vezes cruéis às pessoas do povo. Disfarçada de escrava e de braço dado com ele, Cleópatra o acompanhava fielmente e, quando seu herói, cuja identidade não fora descoberta, recebia uma boa tunda, trepidava ela de alegria. Os alexandrinos viviam encantados com a conduta e dileçÕes tão divertidas do vitorioso general e verificavam com satisfação que se Antônio sabia ser sério e grave com os romanos, descobria, quanto a eles, o aspecto e o lado licencioso e alegre de seu caráter!

A fim de impor profunda admiração a Cleópatra, ordenava que mergulhadores fisgassem debaixo dágua peixes ao seu anzol e, triunfante, dela retirava dois ou três ao mesmo tempo. A jovem rainha manteve então um conciliábulo secreto com mergulhadores a seu soldo e fez fisgar um arenque salgado na ponta da linha de seu amante. Tendo Antônio acreditado haver feito uma boa pesca, puxou a linha e, sob as risadas e zombarias, Cleópatra exclamou:

— Ó imperador, abandona a pesca a nós outros, reis! E pela tua parte, contenta-te em tomar cidades e países!

MEXERICOS ROMANOS

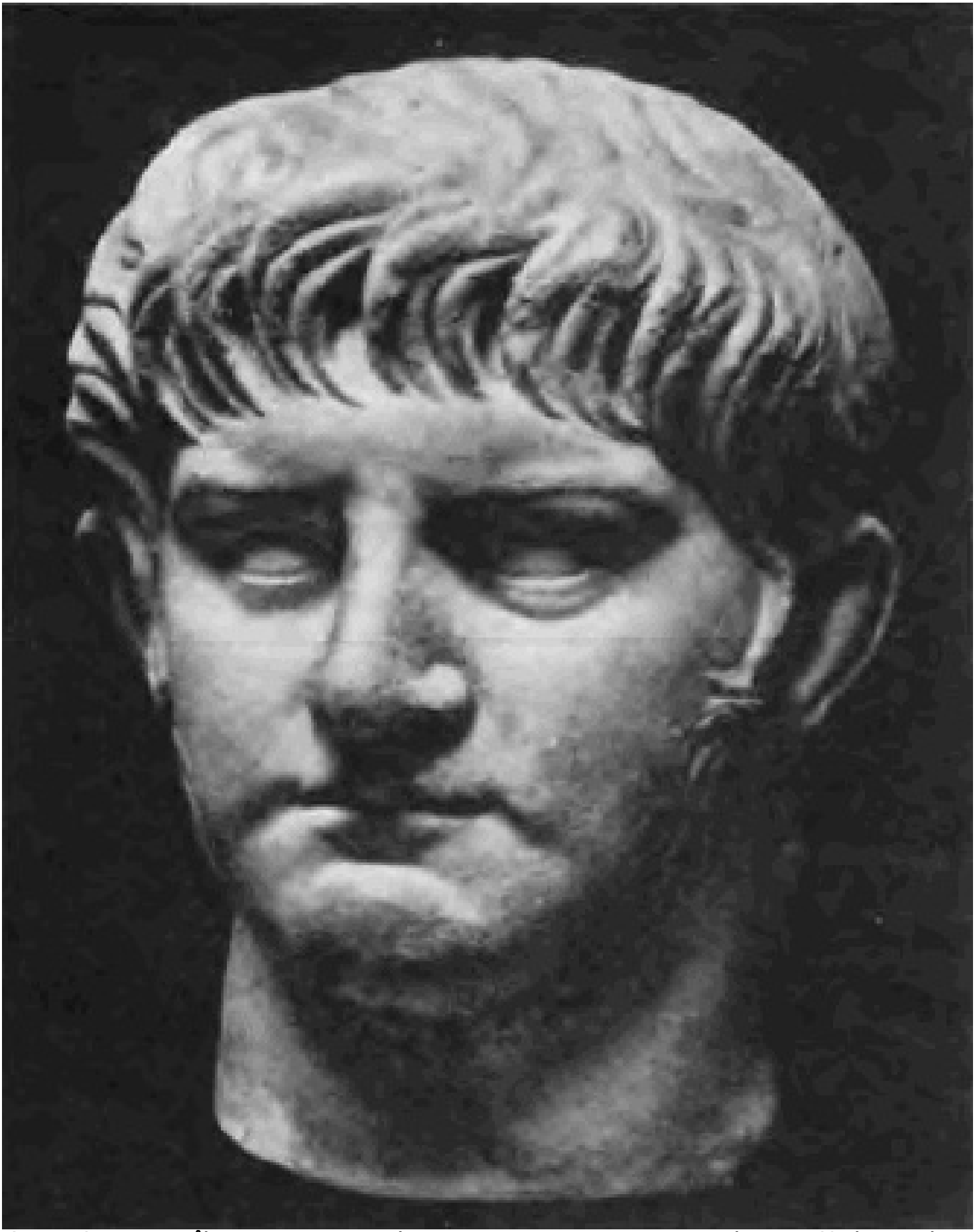
> Precisamente os romanos, que haviam visto Cleópatra "de visu", lamentaram Antônio, porque sabiam que Cleópatra não era nem mais bela, nem mais jovem que Otávia, a esposa enganada!
>
> PLUTARCO, "Marco Antônio", cap. LVII.

Ébrio de amor e de felicidade, passou Antônio os mais belos dias de sua existência nos braços de Cleópatra, em Alexandria.

A ambiciosa Fúlvia, sua terceira esposa, ansiosa, esperava-o em vão, em Rema. Se, naquela época, não existiam ainda os jornais, transmitiam-se as notícias rapidamente pelo mundo e as maledicências, os mexericos já andavam em voga. Bem depressa soube Fúlvia que Marco Antônio gozava das delícias do amor em companhia de Cleópatra.
Como seu esposo, estava Fúlvia casada pela terceira vez. Seus deveres de dona de casa não a atraíam muito. Apaixonada por política, sabia agir e até mesmo comandar, e a vista do sangue não lhe causava medo. Possuir um ascendente sobre um homem obscuro e medíocre parecia-lhe um jogo fácil e pueril. Sempre desejara dominar os reis e comandar os chefes de guerra. Em Roma, as más línguas pretendiam que Cleópatra devia a Fúlvia o "aprendizado" a que ela obrigara Antônio, a fim de habituá-lo a suportar o domínio das mulheres. Plutarco escreveu que Cleópatra se apoderara dum Antônio domado e ensinado perfeitamente por Fúlvia. Ora, Fúlvia jamais deixara de sustentar Antônio com constância e coragem e se não era unicamente por amor, sua sede de dominação e de poder também puderam ditar-lhe aquela atitude. Era Fúlvia, aliás, considerada em Roma uma mulher de grande beleza.
Por iniciativa própria e sem que seu marido de nada soubesse, fomentou Fúlvia em Roma um levante, arrolou tropas e, de espada em punho, tomou-lhes a direção contra Otávio. Nossa amazona, feroz, ávida de poder, quis suprimir o temível rival, a fim de ser a única a dominar Marco Antônio, e, por meio deste, o mundo! A vaidade ferida e o desejo de arrancar Antônio dos braços de Cleópatra estiveram, talvez, também entre os móveis que inspiraram seu ato. Mas Fúlvia experimentou um desastre total. Teve de recolher-se ao leito, acabrunhada pela decepção, pelo ciúme e pelo desespero. Quis então ir ter com Antônio no Egito, mas morreu no decurso da viagem. Antônio voltou à Itália e, como Otávio, fingiu ignorar que um acontecimento desagradável ocorrera. Os dois homens testemunharam mutuamente a mesma amizade do passado. Fúlvia foi a única a levar para o túmulo a falta de que se tornara culpada. Marco Antônio e Otávio desejaram viver em boa harmonia. E, para prová-lo, casou-se Antônio com Otávia, irmã de Otávio, na idade de trinta anos. Gaio Metelo, primeiro marido de Otávia, acabava de morrer, e a jovem viúva era não só duma beleza incomparável, mas bastante sensível e inteligente. Muito ligado à sua irmã, atribuía Otávio a essa união, que desejava que fosse feliz, a salvação e a salvaguarda de Roma e do Império.
Mas o homem a quem Otávio dera sua irmã não era o que se podia chamar um esposo ideal. Gozara dos encantos de Cleópatra e estava como que envenenado. Em Roma, se não negou a paixão que o ligava a Cleópatra, conveio sinceramente também que não se havia casado com ela. Naquela época, sua razão dominava ainda sua paixão e, com efeito, durante três anos, sua união com Otávia foi feliz. Antônio levou sua esposa à Grécia. Ela acompanhou-o também durante suas campanhas contra os partas. A jovem mulher soube estreitar os laços de amizade entre seu irmão e seu marido.
Depois, trouxe Antônio sua esposa para a Itália, onde a colocou, com seus filhos, sob a proteção de Otávio. E, sozinho, partiu para a Ásia. Em pleno mar, no navio que aproara para a Síria, sua paixão pela rainha do Egito ressurgiu mais ardente do que nunca. Mandou chamá-la. E ela acorreu. Juntou-se a ele na Síria e Antônio cobriu-a de presentes suntuosos. Pôs a seus pés países e ilhas tão ricas como a de Chipre.



GRAV. 34 — Popéia, favorita de Nero, levou-o ao assassinato de sua máe Agripina e de sua esposa Otávia. Tendo-se tornado mulher de Nero, em 62 depois de J. C. foi ferida mortalmente três anos mais tarde, quando o repreendeu por ter voltado tarde para casa.



GRAV. 35 — De pêlo ruivo, o imperador Nero reinou quatorze anos: de 54 a 68 depois de J. C. Com a idade de quinze anos, desposou a menina Otávia, de doze anos de idade. Aos

dezessete anos subiu ao trono. Nero foi poeta de mérito.

Roma ficou escandalizada. De certo, não se ignorava que Antônio era capaz não só de dar, mas de conquistar regiões inteiras. Mas Roma ofendida levou a mal o motivo dos dons que Antônio distribuía com tanta prodigal idade. Acharam os romanos que era desonroso perder províncias de seu vasto império, sob pretexto de querer um general envelhecente e louco de paixão amorosa consolidar os liames sentimentais que o prendiam a uma mulher! Uma vez mais, as línguas se moviam sem parar.

Quando Antônio reconheceu os gêmeos a quem Cleópatra acabara de dar à luz, quando chamou o menino Alexandros e a filha Cleópatra (nomes juntos aos sobrenomes de Sol e de Lua), recomeçaram os mexericos romanos cada vez mais intensos. Lastimava-se a bela e infeliz Otávia. Enquanto isso Antônio tentava justificar-se, afirmando que a grandeza do Império romano não se media pelas suas conquistas, mas antes pelas suas liberalidade, pois que o poder de Roma estava consolidado para sempre, graças a uma numerosa descendência, a de seus futuros reis. E acrescentava que Hércules tampouco não assegurara a continuidade de sua linhagem apenas por sua esposa.

Otávia fez uma tentativa desesperada para salvar sua união com Antônio e para evitar a rutura entre seu marido e seu irmão. Partiu ao encontro de Antônio, mas em Atenas, recebeu uma carta ordenando-lhe que ficasse na cidade. Cleópatra mediu o perigo que corria. Compreendeu que Otávia não hesitaria em travar luta contra ela. Temia a dignidade, a autoridade de Otávia e, mais do que tudo, o esplendor de sua beleza. Fingiu então ardente amor por Antônio. Deixou-se deperecer. Contemplava-a Antônio? Ela o fitava como em êxtase. Afastava-se dela? Assumia um ar desolado. Quando Antônio a olhava furtivamente, fingia secar pretensas lágrimas, a fim de que ele não se apercebesse de seu pesar. Cleópatra era excelente comediante.

Preparava Antônio uma campanha contra os partas. Mas Cleópatra prendia-o com mil liames, com todos os artifícios da paixão que a civilização egípcia lhe havia ensinado, com seus cinco mil anos de velhice, e de seu atavismo macedônio. Angustiada, em lágrimas, persuadiu Antônio de que Otávia só lhe estava ligada pelas razões de Estado e por causa de seu irmão. Ela, Cleópatra, pelo contrário, rainha dum povo imenso, não passava aos olhos do mundo de sua amante. Suportaria de bom grado sua sorte enquanto permanecesse ele a seu lado. Mas não sobreviveria a uma separação.

Obsecado pela idéia de que Cleópatra morreria de pesar se a deixasse, ficou Antônio então incapaz de encarar com sangue-frio o mais simples projeto. Esse tormento não lhe deixava nenhum repouso durante a guerra que travava contra os partas. Ora, essa campanha, é preciso dizê-lo, era uma expedição bem mais difícil e perigosa aue todas as empreendidas até então pelos generais romanos. Marco Antônio dispunha dum exército imponente e os países da Asia viviam apavorados. Mas, nas suas manobras, punha o general tudo em ação para poupar Cleópatra. A fim de permanecer a seu lado durante o inverno, começou sua campanha prematuramente. A estacar era desfavorável. Constantemente apressado, precipitava suas decisões e, em lugar de considerar as conseqüências de seus atos, vivia como que obsecado pela idéia fixa de sua paixão amorosa. Era para os tapetes suntuosos, para os coxins macios do quarto deles, para os doces encantos da rainha egípcia, para

suas lágrimas enternecedoras e para sua voz suave e sonhadora que ia todo o seu pensamento.
Em Roma, Otávio ordenou à sua irmã que pusesse termo à afronta e à vergonha. Aconselhou-a a abandonar o domicílio conjugai. Mas Otávia continuava fiel à sua palavra e ocupava-se, não só com seu próprios filhos, mas também com os de Fúlvia. Sustentava os partidários de Antônio, de quem permanecia a esposa devotada e que a recompensava tão mal de sua conduta exemplar.
Em Alexandria, sobre um estrado de prata, fez Antônio erigir dois tronos, um para ele, outro para Cleópatra, a quem proclamou rainha do Egito, de Chipre e das regiões de leste da África do Norte. Cesarion, o filho de Cleópatra e de César, foi nomeado co-regente. Alexandros, filho da rainha e de Antônio, recebeu a Armênia, a Média e os países dos partas. Seu segundo filho foi proclamado rei da Fenícia, da Síria e da Cilícia.
Doravante, Cleópatra, todas as vezes que aparecia perante o povo, tinha o direito de revestir-se com os trajes sagrados de Isis. Chamaram-na a "nova Isis". Se tais atos de autoridade tinham o mérito de agradar aos interessados, denotavam com certeza uma ausência total de psicologia. Depois sobreveio um golpe severo do destino, pesado de conseqüências: a campanha empreendida contra os partas fracassou.
Diante do Senado, elevou Otávio a voz contra Antônio, Desde então, os romanos lamentaram não só Otávia, mas também Antônio. Conheciam Cleópatra que, enquanto César vivera e até a sua morte, morara em Roma. Sabiam que a egípcia não era nem mais bela, nem mais jovem, nem melhor que Otávia. Acumulavam as censuras, as queixas e as acusações contra Cleópatra.
Pretendeu-se que Antônio lhe fizera presente da biblioteca de Pérgamo, que continha duzentas mil obras-primas. Diz-se que na presença de um numeroso areópago, Marco Antônio, de joelhos, havia esfregado os pés de sua amante. O Senado decidiu declarar guerra a Cleópatra e suspender de suas altas funções o homem que cedera seu poder a uma mulher. Otávio afirmou que o desvario de Antônio se devia ao abuso das drogas e dos filtros.
Logo que foi a guerra declarada, os adivinhos, os astrólogos e os ariispices afluíram para predizer as influencias maléficas e desastrosas que acabrunhariam Antônio. Pisaurum (hoje Pésaro), cidade que Antônio fizera construir à margem do Adriático, fora, entrementes, destruída por um terremoto. Em Alba, a estátua de Antônio deixava reçumar algumas gotas de suor que reapareciam assim que eram enxugadas. Antônio acampava em Patras, à entrada do golfo de Corinto e ali o raio atingiu o templo de Hércules, ficando o santuário inteiramente destruído. Em Atenas, a estátua de Dionísio foi arrebatada pela tempestade e caiu no teatro. Esse mesmo furacão lançou por terra os colossos de Eumenes e de Atalos, sobre os quais estava gravado o nome de Antônio.
A batalha naval entre as frotas de Antônio e Otávio travou-se perto de Actium, a 2 de setembro do ano de 31 antes de J. C. No decorrer do combate, avistou Antônio o barco de Cleópatra que se dirigia para o largo. Como louco, perdeu todo o domínio de si mesmo. Abandonou suas tropas e saiu no encalço da mulher que, naquele instante, lhe custou um império. Quando Cleópatra avistou no mastro o pavilhão de Antônio, deixou que o navio se aproximasse. Antônio subiu a bordo.

Sem saudar a rainha, avançou sozinho para a proa, sentou-se e ocultou a cabeça entre as mãos. Acusava Cleópatra? Tinha vergonha?
Durante três dias, ficou só na proa. Na manhã em que o navio aproou em Tainaron, perto do cabo Matapan, ao sul do Peloponeso, as criadas de Cleópatra conseguiram por fim arranjar uma entrevista do casal.
Em Actium, a frota de Antônio travou severa e corajosa batalha com Otávio. Mas os lugares-tenentes decidiram abandonar toda resistência, doravante inútil. Antônio rogou a Cleópatra que seguisse para o Egito. Abandonava-se à solidão. Ansioso, inquieto, minado pelo pesar, era bem o contrário de um herói! Vagava em companhia de dois amigos. Tentou suicidar, mas seus amigos o impediram e o acompanharam a Alexandria. Compreendeu então que Cleópatra era de outra tempera diversa da sua. A coragem, a decisão, o espirito empreendedor não a haviam abandonado. Cleópatra tentou arrastar sua frota através das areias das dunas do istmo até o Mar Vermelho. Dali, acariciava o projeto de dirigir-se para um país longínquo, a fim de pôr-se ao abrigo de Otávio e da escravidão que a esperava.
Os árabes incendiaram então os navios que eram arrastados até a margem com tanto esforço e como infelizmente havia Antônio acreditado que o exército terrestre de Actium estava são e salvo, abandonou Cleópatra seu projeto e contentou-se em reforçar as fortificações de fronteiras. Em Faros, sobre um dique que avançava profundamente no mar, fez Antônio construir uma casa de campo. Como o misântropo Timon de Atenas, cansado das traições, da hipocrisia e da deslealdade dos homens, quis Antônio viver uma existência solitária. Mas Cleópatra o trouxe de volta para seu palácio de Alexandria.
A famosa.'Sociedade dos "que vivem duma maneira incomparável" foi dissolvida, e o casal fundou o círculo "dos que morrerão juntos". Grande número de amigos decididos a morrer com Antônio e Cleópatra se reuniu ao grupo, mas enquanto esperavam sua hora derradeira, passavam dias felizes em festas e banquetes.

Ora, Cleópatra havia perfeitamente previsto o resultado fatal. Começou sinistros preparativos. Desejando conhecer o veneno cujo efeito mortal seria menos doloroso, experimentou diversos tóxicos em condenados à morte. Verificou que os venenos cuja ação era fulminante provocavam dores insuportáveis, ao passo que os venenos lentos causavam menos sofrimento. Depois dos criminosos escolhidos como cobaias, experimentou o veneno sobre animais, fazendo-os morder por serpentes venenosas. Todos os dias, dedicava-se com paixão a tais experiências. Descobriu por fim que somente a picada da áspide provocava o entorpecimento, o sono, ligeira transpiração da face e, por derradeiro, a síncope. Através de suas experiências, não hesitou em tirar suas vítimas da letargia e notou com satisfação que suas cobaias se mostravam cada vez mais recalcitrantes, quando eram tiradas daquele estado que precede a morte. Ao passo que o veneno das áspides age sobre os centros nervosos, o das víboras penetra na circulação sangüínea. O veneno das primeiras provoca uma espécie de paralisia, dificuldades respiratórias e a morte por sufocação. O que age sobre o sangue provoca morte mais dolorosa. Por esta razão, cremos que Cleópatra escolhera, graças às suas experiências, a áspide levantina, cujo veneno age sobre os centros nervosos. Era a áspide o segredo de

Cleópatra? Nos cestos dos encantadores de serpentes do Cairo, a áspide levantina ergue ainda em nossos dias sua sinistra cabeça triangular. Segura de si, Cleópatra aguardava.
Estava pronta a empreender o jogo com a morte, o mais sutil, o mais astuto que jamais existiu.

"OFEREÇO-TE MEU SACRIFÍCIO"

> Não choro porque te perdi. Juntar-me-ei a ti dentro em breve. Mas que uma mulher me ultrapasse pela coragem, a mim, tão grande general, isso é que me é doloroso e intolerável!
>
> PLUTARCO, "Marco Antônio", cap. LXXVI.

Para Cleópatra e para Antônio, o verão do ano de 30 antes de J. C. foi uma época pesada de inquietação e de angústia. As ruas ardentes de Alexandria pareciam dissimular um grave perigo.
Respirava-se uma atmosfera de declínio.
Vindo da Síria, Otávio aproximava-se do Egito. Otávio, o vencedor de Actium, ao qual podiam Cleópatra e Antônio opor apenas um exército tão fraco e tão reduzido! Parece que no decorrer das semanas que precederam a catástrofe, haja Cleópatra enviado em segredo emissários a Otávio. Parece também que Cleópatra tenha recebido, da parte de Otávio, a segurança de que a pouparia, se ela conseguisse desembaraçar-se de Antônio. Despachou a Cleópatra um tal de Tirsos, homem sutil e inteligente. Esse jovem general teve conversações hábeis com a rainha, confiante em sua beleza e segura de seu encanto.
Mas Antônio, desesperado, abandonado pela sua sorte, estava mais ciumento, mais suspicaz do que nunca. Depois de ter feito vigiar Tirsos, mandou prendê-lo e fustigá-lo. Depois remeteu-o de volta a Otávio a quem escrevia dizendo que ele, Antônio, acabrunhado pelo peso de seu infortúnio, havia-se tornado excessivamente irritável. Tirsos havia-o ofendido pela sua conduta.
"Se estás furioso porque mandei espancar teu emissário, tens aí junto de ti, Hiparcos, meu liberto. Basta que o mandes suspender pelos braços e fustigá-lo até que estejamos quites." Fora Hiparcos, entre os partidários de Antônio, um dos primeiros a passar-se para o partido de Otávio.
Esgotado, irritado, de humor instável, via Antônio inimigos por toda parte. Desconfiava de todos. Talvez não lhe faltasse razão em espionar os atos e gestos de Cleópatra. Esta, cheia de ternura, mimava-o e lisonjeava-o. Não ligando importância alguma ao seu próprio aniversário, celebrou ela o de seu amigo com um fausto inaudito. Os convidados à festa, pobres em geral, deixaram aquele "baile à beira dum abismo", com as mãos cheias de ouro,
Através dos desertos da África, os generais de Otávio e o exército se aproximavam de Alexandria. Ameaçadora, a sombra da derrota que se anunciava, estendia-se sobre eles. Previdente, a rainha Cleópatra mandara erigir um mausoléu randioso. Ignora-se se foi uma pirâmide ou algum sepulcro outra espécie. Que importa! Mas sabe-se que foi um

monumento duma extraordinária grandeza, talvez uma pirâmide, talvez uma alta torre, elevando perto do templo de Isis. Cleópatra mandou transportar para lá os objetos mais preciosos de seu tesouro real, ouro, prata, esmeraldas, pérolas, cbano, marfim, cinamomo e numerosas tochas cobertas de pez. Otávio teve conhecimento do projeto. Desconfiado, temia que Cleópatra destruísse o imenso tesouro antes que pudesse éle deitar-lhe a mão. A fim de impedir esse ato de desespero, enviou à rainha emissários encarregados das missivas mais cncorajadoras. Depois, à testa de seu exército, apresentou-se diante da cidade.

Antônio tentou uma sortida desesperada. Lutou com tanta coragem que pôs em fuga a cavalaria de Otávio. Orgulhoso de sua proeza, só pensou então em Cleópatra e dirigiu-se ao palácio para beijá-la. Revestido de seu equipamento de combate, bancou o fanfarrão. Enviou a Otávio um emissário para provocá-lo a combate singular. Otávio lhe respondeu:

— Tu dispões de numerosos caminhos que conduzem à morte.

Antônio compreendeu então que seu adversário tinha razão: estava ele preso como que numa ratoeira. Condenado a perecer, duma maneira ou doutra, só lhe restava escolher o gênero de morte.

Na refeição da noite, bebeu excessivamente, comeu com bom apetite e declarou a seus servidores que, talvez, no dia seguinte, estivessem obrigados a servir a outro senhor. A menos, acrescentou para atemorizá-los, que a aurora não os encontrasse estendidos, degolados, reduzidos a pó.

Os amigos choraram. Afirmou Antônio que não sonhava em conduzi-los a uma batalha em que também ele poderia encontrar uma morte gloriosa, mas de que não poderia esperar a vitória.

No dia seguinte, ao romper da aurora, colocou Antônio seu exército sobre as colinas que se elevavam diante da cidade. Trepado num pitão, observava sua frota que deixava o porto ao encontro da de Otávio. Ficou ali, imóvel, com a atenção fixa na sua derradeira oportunidade. Mas quando seus barcos se aproximaram da frota inimiga, seus partidários ergueram os remos num gesto de saudação. Toda a sua frota passou às ordens de Otávio. Reunidos os navios, singraram para Alexandria. No mesmo momento, sua cavalaria o abandonou. Fora de si, Antônio precipitou-se para a cidade, gritando para quem quisesse ouvi-lo que Cleópatra o havia traído. Ora, Cleópatra havia-se refugiado no interior de seu monumento funerário. Com um gesto brusco havia abaixado o alçapão. Ferrolhos rangeram e, com um golpe seco, as fechaduras se fecharam. Somente Eiras e Charmion, suas escravas devotadas, tiveram o direito de acompanhá-la àquele sinistro retiro. Antes de desaparecer, enviara a rainha a Antônio um emissário para anunciar-lhe que pusera fim a seus dias. Esgotado, achava-se Antônio nas últimas. Como que alucinado, exclamava bem alto:

— Esperar!... Que esperas ainda? Até hoje, o destino te ofereceu um pretexto que te permitiu viver! Hoje, não mais existe. Arrancaram-to!

Entrou no seu quarto e desembaraçou-se de seus arreios de guerra.

— Ó Cleópatra! Não choro porque te perdi! Juntar-me-ei a ti dentro em breve! Mas saber que uma mulher pode ultrapassar-me pela coragem, a mim, um grande general, como me é isso doloroso e intolerável!

Ordenou Antônio a Eros, seu escravo fiel, que o matasse. Eros puxou a espada, elevou-a acima de sua cabeça, voltou o rosto e matou-se a si mesmo. Caiu aos pés de seu senhor.
— Meu bom Eros! — exclamou Antônio. — Tu tens razão. Não podias executar tal ato! Mas mostraste-me o que me resta fazer.
Enfiou então a espada nas entranhas e caiu para trás sobre um leito de repouso. O sangue parou de correr. Antônio voltou a si e suplicou aos que o cercavam que lhe dessem fim. Torcendo-se de dor sobre seu leito, gemia e urrava. Mas seus amigos o abandonaram. Foi então que Diomedes, o escriba secreto de Cleópatra, entrou. Tinha ordem de levar Antônio ao mausoléu de Cleópatra.
Antônio, na agonia, pediu a seus servidores que o transportassem para lá. Mas Cleópatra não abriu o alçapão; apareceu numa janela donde mandou descer cordas. Amarraram-nas em torno do corpo de Antônio. Eiras e Charmion içaram-no para o interior. O sangue ainda corria do ferimento e Antônio, lutando contra a morte, estendeu os braços para Cleópatra. As forças abandonavam as duas criadas, mas Cleópatra não largou as cordas e o rude esforço que teve de fazer lia-se em seus traços.
Estendeu Antônio sobre um leito. No seu desespero, rasgou suas vestes e arrancou pedaços de carne de seu peito. Com seus cabelos, enxugou o sangue que corria da ferida de seu bem-amado. Chamava-o seu senhor, seu esposo, seu imperador. Esquecera-se de seu próprio infortúnio.
Antônio quis beber vinho. Quereria abreviar seus sofrimentos? Teria verdadeiramente sede? Rogou a Cleópatra que fugisse, se fosse possível, sem incorrer em desonra. E proferiu sábias palavras:
— Não me lastimes pelo infortúnio que me feriu. Pensa nas horas felizes que vivi; pensa na glória e no poder de que gozei e sabe que para um romano não há vergonha em ser vencido por um romano!
Depois, o grande Antônio expirou, cego até o derradeiro instante pela sua paixão.
Apresentaram a Otávio a espada ensangüentada com a qual Antônio pusera fim a seus dias. O orgulhoso general retirou-se para sua tenda. Verteu lágrimas pela morte do homem que foi seu cunhado, seu co-regente, seu amigo e seu companheiro no decorrer de memoráveis combates e de corajosas empresas! Leu a seus amigos cartas de Antônio para demonstrar que éle,



GRAV. 36 — A Casa de Ouro de Nero foi redescoberta na época da Renascença. Deram então às peças, cheias até em cima de cascalho, o nome de "grutas" (grotto) e os afrescos Inspiraram aos pintores do Renascimento os motivos para seus "grotescos".



GRAV. 37 — Corredores sinistros, que não acabam mais. As imensas salas e os corredores da Casa de Ouro que Nero mandou construir em Roma ocuparam um espaço dez vezes mais vasto que o grande Coliseu que continha 87.000 espectadores e que, mais tarde, foi construído por cima da casa e dos Jardins de Nero. O imperador Trajano encheu uma parte das construções de Nero sob as termas que mandou edificar.



GRAV. 38 — A sala octogonal com cúpula da Casa de Ouro de Nero: apartamentos privados, salões de recepção, banhos suntuosos, colunatas, afrescos artísticos que Nero mandou construir a altas custas, para viver aíinal como um homem.

Otávio, sempre quisera preservar sua amizade, mau grado ter Antônio sempre respondido com impertinência e arrogância. Depois, Otávio enviou Proculeio a Cleópatra, com a missão de impedi-la de atentar contra seus dias. Não havia, talvez, esquecido o tesouro e, sem dúvida, sonhava também com o desfile triunfal que o aguardava em Roma. . . Cleópatra recusou receber Proculeio. Entreabriu uma trapeira feita no alçapão e pediu que se autorizasse seus filhos a manterem suas prerrogativas sobre o Egito. Proculeio tentou até o fim reanimar-lhe a coragem.

Otávio enviou-lhe então Galo, um de seus fiéis generais. Outra conversa travou pela abertura do alçapão. Galo discorria, demorando-se o mais possível, enquanto que Proculeio, trepado numa escada, introduzia-se pela janela colocada por cima. Uma das criadas exclamou:

— Pobre Cleópatra, está acabado, serás cativa! Quando Cleópatra avistou Proculeio, tentou apunhalar-se. Mas Proculeio arrancou-lhe a arma. Suspeitando que trouxesse ela veneno consigo, deu busca em suas roupas. Depois deixou um guarda com ordem de tratá-la com

a maior deferência. Alguns dias mais tarde, apresentou-se Otávio diante de Cleópatra. Achava-se ela num estado deplorável, coberta de ferimentos, com o peito arroxeado de equimoses. Febril, mais morta que viva, fazia a greve da fome. Vestida com um leve quíton, a rainha, de cabelos despenteados, a face convulsa, cs olhos avermelhados pelas lágrimas e a voz trêmula, lançou-se aos pés de Otávio. A confiança que depositava em sua beleza ainda não se esgotara e parecia como que inscrita na sua face devastada. Otávio rogou-lhe que se tornasse a deitar. Começou ela então a justificar-se. Pretendia que o que acontecera era o resultado do medo constante que sentira diante de Antônio. Otávio, ponto por ponto, refutou seus argumentos. Ela suplicou-lhe, procurando despertar-lhe a compaixão. Agia como se se agarrasse ainda à vida por todas as fibras de seu corpo. Finalmente, entregou a Otávio a lista das maravilhas de seu tesouro.

Um dos intendentes da rainha que assistia à entrevista, acusou Cleópatra de ter omitido na lista certos tesouros. Vermelha de cólera, Cleópatra lançou-se sobre o homem, agarrou-o pelos cabelos e esbofeteou-o com furor. Otávio riu e tentou acalmá-la.

— Como! — exclamou ela. — Não é ultrajante e insuportável que meus próprios escravos me acusem, enquanto que tu, tu me tratas com respeito na minha desgraça?

Otávio ficou então convencido de que Cleópatra se agarrava à vida. Garantiu-lhe que a trataria com magnanimidade e que poderia ela viver na Itália, tranqüila, cercada das coisas que lhe eram caras. Deixou-a, certo de tê-la magistralmente enganado porque, na realidade, acariciava o projeto de exibir a rainha prisioneira, por ocasião do desfile triunfal em Roma. Ora, Cleópatra sabia, ou tinha adivinhado as verdadeiras intenções dele. E foi precisamente o medo que sentia diante daquele ultraje que a incitou a usar de astúcia com Otávio. Pediu permissão para oferecer a Antônio um sacrifício fúnebre. Lançou-se sobre o túmulo de Antônio, exclamando:

— Antônio! é como prisioneira, severamente vigiada, que te ofereço o derradeiro sacrifício. Não tenho permissão de alterar com lágrimas e com golpes este corpo cativo que se quer preservar para provar uma vitória conquistada contra ti! È o derradeiro sacrifício que Cleópatra te oferece. Se na vida, nada pôde separar-nos, parece que na morte não temos o direito de repousar lado a lado!

Enfeitou o ataúde com coroas de flores e ordenou que lhe preparassem um banho. Depois de ter feito suas abluções, estendeu-se sobre seu leito e serviu-se de suculenta refeição. Um camponês do campo vizinho apresentou-se, com um cesto no braço. Os guardas perguntaram o que trazia ali. O homem abriu o cesto, afastou as largas folhas que cobriam o conteúdo e mostrou figos. Os guardas ficaram maravilhados com o tamanho insólito e com o amadurecimento das frutas. O homem sorriu e ofereceu-lhes algumas. E eles lhe permitiram que entrasse com sua oferenda.

Terminada sua refeição, enviou Cleópatra a Otávio uma tabuinha sobre a qual escrevera uma carta que ela própria selara. Ordenou que a deixassem sozinha com suas duas criadas e mandou fechar a porta.

Otávio leu a mensagem de Cleópatra que lhe implorava que a enterrasse ao lado de Antônio. Compreendeu o que se tinha passado e despachou um emissário à rainha. Era tarde demais.

Encontraram Cleópatra estendida sobre seu leito, morta e ornada de suas magníficas jóias. Eiras, uma das escravas, expirava a seus pés. Charmion, sacudida por arrepios, estava ainda de pé e, titubeante, procurava reajustar o diadema que cingia a fronte da rainha.
— Como é comovedor! — exclamou um guarda, zombando.
— É assim que convém à descendente de tantos reis — respondeu a escrava que caiu por terra, vencida pela morte.
A áspide, cujo veneno Cleópatra havia experimentado, estava oculta na cesta, sob os figos e as folhas. Foi assim que quis ela secretamente morrer, mordida pela serpente, sem que o animal a houvesse apavorado. Depois que levantou algumas folhas, quando viu erguida a cabeça da áspide, gritara:
— Ei-la!
E estendera ao imundo animal o braço nu. Alguns acham que Cleópatra houvesse irritado a áspide com um fuso de ouro até que o animal saltou do cesto para se suspender a seu braço. Disseram também que duas picadas eram visíveis no braço da rainha. Por ocasião do desfile triunfal em Roma, mandou Otávio exibir um quadro no qual Cleópatra era representada com uma áspide agarrada a seu braço.
Por ordem de Otávio, Cleópatra, numa pompa toda real, foi enterrada ao lado de Antônio.

AUGUSTO

REPRESENTEI BEM A COMÉDIA?

> Depois da refeição principal, retirava-se para uma peça reservada aos estudos, onde se estendia sobre seu leito de trabalho. Ali ficava até tarde da noite para assegurar os negócios correntes. Depois deitava-se. Raramente dormia mais de sete horas e sempre seu sono era interrompido. Três ou quatro vezes despertava. E quando não podia readormecer, chamava para seu lado um leitor ou contador de histórias e deixava-se embalar dessa maneira... Jamais permanecia acordado, sozinho, sem que uma pessoa velasse junto de seu leito.
>
> SUETÔNIO, "Augusto", cap. LXXVIII.

Teve Otávio de sustentar catorze anos de lutas para afastar os verdadeiros (ou os possíveis) rivais ávidos de conquistar o poder supremo: Bruto e Cássio, os assassinos de César, o filho de Pompeu, Lépido e, após a batalha naval de Actium, Marco Antônio e Cleópatra, rainha do Egito.

Soberano prudente e ajuizado, reinou só durante quarenta e cinco anos. Tornou-se assim o iniciador de uma era nova da História, duma era que perdurou longos séculos e que, mau grado os tronos derrubados e os cetros depostos, prolonga-se até a época atual. Speude bradeos (a grande pressa é causa de retardamento), a divisa grega de Augusto, é a regra de ouro que guiou em todos os tempos os homens de Estado que realizaram uma obra durável.

— O que é bem feito, dizia Augusto, é sempre realizado bastante depressa.

Exercia várias funções de Estado. Foi nomeado Imperator. Chefe supremo do exército, fez-se eleger pontifex maximus. Era, pois, ao mesmo tempo imperador e "papa" pagão. O Senado conferiu-lhe o título honorífico de Augusto: "aquele que deve ser venerado com toda a piedade". Em sua honra, o mês de Sextilus foi desbatizado para Augustus, nosso mês de agosto, mês em que Otávio, no ano de 30 antes de J. C, conquistou o Egito, esse mês em que Antônio e Cleópatra se suicidaram. Em nossos dias ainda, numerosas cidades trazem o seu nome: Agsburgo, Aosta, Autun, Saragoça. Graças à autoridade que lhe conferia seu grande saber, soube atrair e utilizar os homens mais eminentes de sua época. Agripa dirigia suas tropas e Mecenas foi seu melhor diplomata.

A existência inteira de Augusto é o vivo testemunho da verdade que quer que seja um homem de Estado,, e não um general, quem dirija uma nação, porque um homem de Estado obtém sempre cedo ou tarde os melhores resultados e um grande político é, apesar de tudo, superior ao mais hábil estrategista. Nenhuma vitória militar havia causado mais orgulho a Otávio que seu pacto com o rei dos partas, o qual garantia a segurança das fronteiras de leste do Império. Graças à inteligência de suas negociações, todos os estandartes das legiões que, no passado, tinham caído nas mãos dos partas, voltavam a Roma. A Ara pacis Augustae (altar da paz) é a obra de arte mais célebre da época augustiniana.

Jovem ainda, abandonou Otávio a vida militar. Depois da conquista do Egito — estava então com trinta e três anos — não se interessou mais pelas armas. Como exercício

físico, jogava bola e dava curtos passeios.
Relata-se que, no decorrer duma batalha, havia tranqüilamente adormecido, e quando Públio Quintílio Varo, após a derrota que lhe havia infligido Armínio, chefe dos Queruscos, imolou-se sobre sua espada, Augusto, que atingia os 72 anos, não teve outra reação para exprimir seu pesar do que deixar crescerem os cabelos e os pêlos de sua barba! Seus guardas de corpo germânicos, homens sólidos e devotados, inspiraram-lhe então tal temor e tal apreensão que os despediu. Pensam os historiadores modernos que é extremamente difícil explicar o caráter e a personalidade tão complexos de Augusto. Dos setenta e sete anos de sua existência, viveu cinqüenta e sete à plena luz da vida pública e, contudo, bem parece que haja dissimulado seus projetos e seus móveis mais ocultos sob um véu espesso de silêncio.
Se nos curvamos sobre esse grande personagem, não é assim tão misterioso como parece à primeira vista. No ano de 40, antes de J. C, é ainda apenas um tirano, frio e intratável, exercendo antes de tudo a vingança. Que se pense em Perusa, no sangue que fez correr diante do altar de Júlio César, no aniversário da morte do ditador nos idos de março: Moriendum est! (Agora é preciso morrer!)
Mais tarde, do ano de 30 antes de J. C. ao ano de 14, isto é, durante quarenta e quatro anos, esse mesmo Augusto foi o soberano mais sábio, mais justo e mais venerado de que se hajam beneficiado Roma e o Império, habituados às efusões de sangue. Jamais haviam os romanos gozado de paz tão sólida e benéfica, dum bem-estar tão maravilhoso e duma prosperidade tão extensa como na época em que Augusto exercia o poder absoluto.
Se se considera o tipo ideal da beleza plástica em vigor naquela época, pode-se facilmente imaginar a aparência física de Augusto, que os romanos consideravam como um homem de rara beleza. Seus cabelos eram "quase louros" e, de estatura média, usava de preferência calçados de saltos altos. Era, parece, um prazer único e puro, observá-lo na cidade, no Fórum, tanto seus gestos, suas atitudes e seus movimentos tinham graça e harmonia. Sua voz, de timbre bem distinto, possuía uma sonoridade agradável e, de seu belo olhar cheio de luz, irradiava um encanto de que não ignorava éle, aliás, a força. Seus olhos eram excepcionalmente grandes, o que, para o povo, era sinal da divindade. Quando o encaravam, sentia-se penosamente afetado e preferia que o simples mortal desviasse seu olhar diante do dele.
Considerava-se perito no conquistar o coração das mulheres. Galante, suas estroinices foram tão notórias quanto as de César; seduzia as esposas de seus amigos tanto como as de seus adversários políticos! Se lhe censuravam a conduta, respondia invariavelmente que sacrificava tudo à política de Roma. Por felicidade, Lívia, sua mulher, foi bastante inteligente para suportar os laços do matrimônio com aquele "vagabundo do amor"! Apresentava-lhe mesmo moças, quando as noites de verão perturbavam os espíritos dos romanos decadentes. Lívia foi uma das mulheres mais inteligentes de Roma e, no curso dos anos seguintes, nomeada co-regente, espécie de "eminência parda" oficiosa dos negócios de Estado. Quando, com vinte anos apenas, desposou Otávio, Roma escandalizou-se: seu primeiro esposo, Tibério Cláudio Nero, oferecera-a, por assim dizer, a Otávio. Lívia já tinha um filho, o futuro imperador Tibério, e esperava um segundo. Mesmo para os romanos, apesar de corruptos, tais esponsais pareceram escandalosos. Admite-se muito

bem que os historiadores em geral experimentem muitas dificuldades em compreender Augusto, porque através de seus atos, aparece sua natureza complexa. Esse homem, guloso de aventuras amorosas, viveu por outra parte como um simples cidadão. Queria ser sem mais o primeiro cidadão e denominava-se de boa vontade prínceps, o primeiro. Quando os romanos, unanimemente, o chamaram de "pai da pátria", chorou. Não queria que se pronunciasse diante dele o título domine (senhor), mesmo por brincadeira. Quando lhe concederam o título de ditador, recusou-o horrorizado. A Constituição de que dotou o Estado não estava destinada a ser a de uma monarquia, mas um melhoramento do regime republicano. Se, posteriormente, os "palácios" tiraram seu nome de sua casa do Palatino, era esta de extrema simplicidade. Seu trem de vida era reduzido; comia de maneira frugal e bebia pouco. As raras vezes em que bebia, preferia a outros produtos o vinho da Rétia tirolesa. Existe certa semelhança entre Augusto e Frederico, o Grande; como este, foi um colecionador que favoreceu as artes.

Augusto mandou construir uma casa de campo em Capri e encheu-a de animais íósseis e de ossos de mamute. Tinha os gostos dum espartano e detestava as paradas militares, os bailes e os fogos de artifício. Barbeava-se diariamente, o que, na época, não era habitual.

Ora, quando se tratava de construções públicas, testemunhava Augusto uma inteligência, uma generosidade e uma audácia desconhecidas antes dele nesse domínio. As canalizações das águas do Nilo no Egito, os aquedutos e as pontes no sul da França, a normalização do curso do Tibre, o templo de Apoio no monte Palatino em Roma, essas construções de pedra e de mármore brotaram por assim dizer do gênio do imperador. Duma cidade de tijolos, passou Roma a ser uma cidade de mármore. Mandou erguer um Panteon suficientemente vasto para conter todos os deuses antigos de Roma, bem como os deuses novos dos povos conquistados.

— Nunca se pode tudo prever. Mais vale assegurar-nos sérias garantias para o futuro.

Augusto mandou reparar oitenta e dois templos. Construiu as termas de Agripa, o templo de Netuno, o teatro de Marcelo. Mandou traçar numerosas estradas e alamedas e uma espécie de via triunfal, que não passou de uma cópia duma maravilha estrangeira, porque, como a porta de Brandeburgo em Berlim, foi perfeita reprodução da arte grega.

Teve Augusto a sorte (ou o mérito) de contar entre seus contemporâneos poetas como Virgílio, Horácio, Propércio e Ovídio. Era com Tito-Lívio que gostava de conversar a respeito do passado do Império. Esses grandes homens içaram na verdade Otávio Augusto ao pedestal da divindade e conferiram-lhe, ainda em vida, a glória da imortalidade. E dessa glorificação ântuma, devia Augusto reter alguma coisa, porque nenhum outro imperador romano foi como ele venerado após sua morte, tal como um deus.

No entanto, enquanto vivo, não foi o homem um herói, nem de certo um santo, e, na verdade, nem mesmo um filantropo. Não amava ninguém. No Senado, andava com uma armadura sob a toga. Pensava sem dúvida no fim de César. Por ocasião das sessões importantes, dez colossos velavam pela sua segurança.

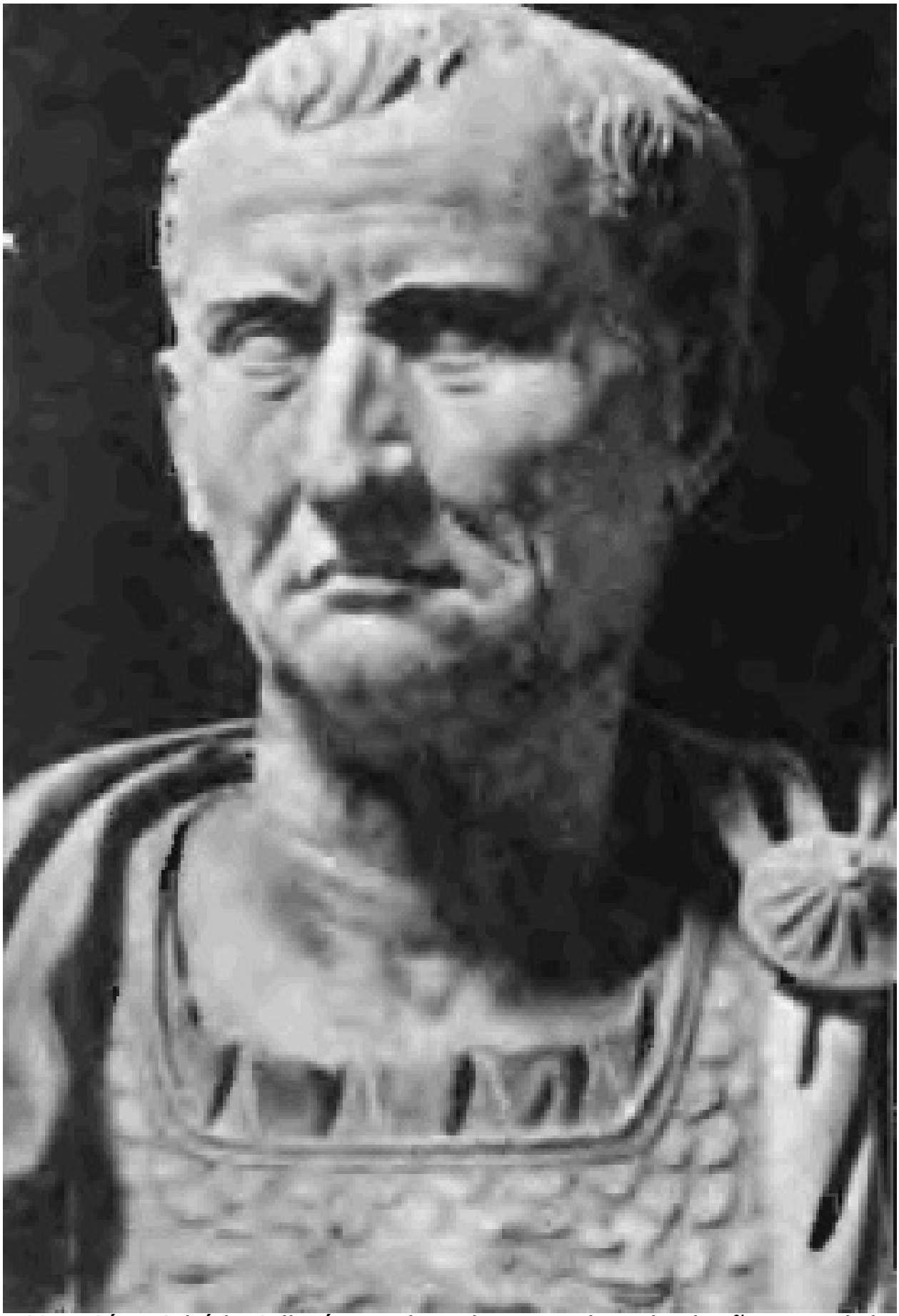
Se bem que tivesse vivido setenta e sete anos, sua saúde não foi sempre das mais perfeitas. Muitas vezes, fazia-se ungir e submetia-se a severas sessões de sudação perto dum fogo ardente. Tomava banhos sulfurosos na fonte de Albula que jorrava entre Roma e Tibur. Praticava a pesca à linha, jogava dados e nozes — jogos de que participavam jovens

escravos. Gostava dos risos, das brincadeiras e das tagarelices sem artifícios dos adolescentes sadios e ingênuos, que mandava vir de todos os países do mundo, de preferência da Síria e da Mauritânia. Um dia, dominado por um dos graves ataques a que estava sujeito, tinham perdido toda a esperança de salvá-lo, quando seu médico assistente fê-lo submeter-se a um tratamento hidroterápico frio. Ora,, quando Marcelo, seu sucessor presuntivo, submeteu-se à mesma cura, morreu, como que fulminado.

Ao povo oferecia Augusto pantomimas, combates de animais, jogos de gladiadores, uma batalha naval num lago artificial com três mil combatentes: Panem et circenses (pão e jogos do circo)!

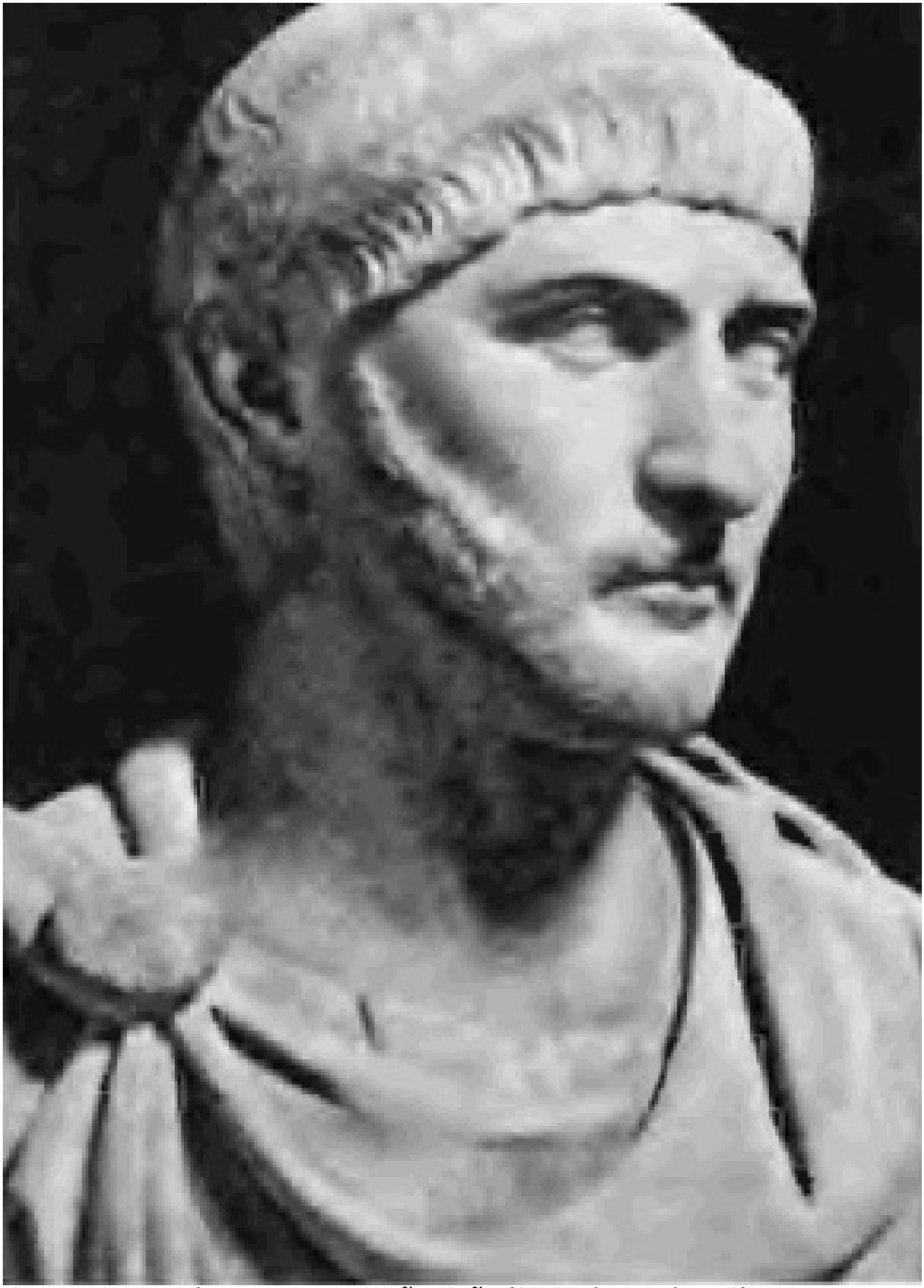
No decorrer dos séculos, havia o povo romano desenvolvido e entretido uma avidez, um apetite dos mais refinados e dos mais lascivos pelos prazeres e pela davassidão. Numerosos lares não tinham filhos. Para lutar contra esse flagelo, retirou Augusto dos homens celibatários o direito à herança. Tal um Atlas potente, o frágil, porém grande Augusto lutava contra a decadência do Ocidente que, desde aquela época, era anunciada e comentada por uma dúzia de Splenger. Com a publicação de livros e de estudos de todas as disciplinas, em nome da moral, tentava Augusto desesperadamente reanimar os espíritos. Durante a mesma época, na Palestina, o povo judeu vivia o acontecimento do nascimento do Messias. Com o aumento de seus encargos, de seus deveres e de seu poder, despojou-se Augusto do personagem de jovem tirano depravado que fora no passado. Mas as conseqüências dos erros e loucuras cometidos durante sua mocidade apareceram-lhe com tremenda realidade. Júlia, sua filha, levava uma existência vergonhosa com tal insolência que Augusto foi obrigado a. puni-la, como a uma criminosa vulgar e a bani-la de Roma. Quando adolescente, fora educada com severidade. Proibiu-lhe o mínimo gesto fora de lugar suscetível de escandalizar o grande público. Retirada do mundo, devia fiar lã. Por ocasião duma estada em Baies, tendo-se um rapaz honesto e respeitável permitido visitá-la, Augusto, numa carta, censurou-lhe severamente sua falta de discreção e sua indecência.

Ao mesmo tempo que ordenava o banimento da filha, suprimiu-lhe Augusto tudo quanto pudesse amenizar-lhe a vida. Não estava mais autorizada a beber vinho. Ninguém, nem mesmo um escravo, tinha o direito de penetrar em seus aposentos sem haver solicitado autorização de Augusto. Ora, mesmo depois de haver obtido o favor de avistar-se com a reclusa, devia o visitante submeter-se às formalidades que consistiam em consignar sua idade, sua estatura, a cór de seus olhos, os sinais particulares, as cicatrizes que caracterizavam sua identidade e sua pessoa. Vivia Júlia submetida a uma estreita vigilância.



GRAV. 39 — Sévio Sulpíclo Galba íoi proclamado Imperador pelas legiões espanholas, em 68 depois de J. C. Com a idade de 73 anos, avarento, deformado pela gota, calvo. fez Galba na verdade tudo quanto era preciso para tornar-se impopular. Torturado pela gota, não via

nenhum inconveniente em que os outros sofressem por sua vez.



GRAV. 40 — Vaidoso como um pavão, Otão (32-69 depois de J. C), usava peruca.

Adolescente, foi pródigo a ponto de pretender não lhe restar senão uma saíd: ser Imperador. Suicidou-se.



GRAV. 41 — Vitéllo (15-69 depois de J. C.) gostava do vinho e boa mesa. Obeso, de cara

vermelha, foi um homem enorme e ainda por cima coxo. Naquele ano de 69 depois de J. C, Vitélio, comparado a Galba e a Otão, foi certamente dos três a maior nulidade. Este busto antigo encontra-se no Museu Capitolino.

Durante sua velhice, viveu Augusto solitário. A maior parte de seus amigos havia morrido. Foi o aspecto trágico da existência de Augusto que, sem descendente masculino, viu desaparecerem antes dele homens que havia considerado como possíveis sucessores: Marcelo, Agripa e seus dois netos Lúcio e Baio, que tinham sido a consolação de seus velhos dias. A Itália e o Império romano haviam atingido o apogeu duma prosperidade florescente, tal como jamais existira. Mas Augusto estava cansado. Em Nola, perto de Pompéia, convocou Tibério, filho do primeiro leito de Lívia, e anunciou-lhe sua escolha para suceder-lhe no Império. Sem dúvida, não ignorava Augusto a instabilidade de Tibério de quem não se podiam prever nem os pensamentos nem os atos e que não era o sucessor sonhado! Mas era tarde demais. Augusto não podia mais escolher.
— O povo está triste ou maçado? — perguntou ele, pouco tempo antes de dar o derradeiro suspiro. — Representei bem a comédia? Se o espetáculo que ofereci a todos vós, agradou-vos, aplaudi!
Augusto expirou nos braços de Lívia. Enquanto vivo, mandara construir para si e para os seus, um mausoléu colossal que se elevava sobre o campo de Marte e que existe ainda. Com as cinzas de Augusto, haviam ali depositado duas tabuinhas de bronze sobre as quais estava gravada a lista, composta pelo imperador, das obras que havia realizado. Perderam-se as tabuinhas, mas mil e quinhentos anos depois da morte de Augusto, uma cópia do Index rerum gestarum foi descoberta, gravada na parede dum templo de Ancara. É o célebre monumentum Ancyranum.
Quando as chamas cercaram o corpo do ilustre defunto, quando as faíscas irromperam, como uma chuva incandescente, os discípulos de Augusto, ofuscados, acreditaram ver seu imperador subir ao céu]

TIBÉRIO

O INQUIETANTE PERSONAGEM DE CAPRI

> Tibério ao Tibre! Tal foi o grito do povo romano no ano 37 depois de J. C, quando a existência do imperador, com setenta e oito anos, parecia não ter mais fim! Nenhum outro imperador no poder atingira idade tão avançada.
>
> O AUTOR.
>
> Sei bem que se poderá pensar que numerosos fatos e acontecimentos que consignei e relatarei sejam insignificantes e fúteis... Não obstante, não é decerto inútil considerar esses acontecimentos que, à primeira vista, parecem de pouca importância. Ora, bem muitas vezes, foram causa de reviravoltas decisivas.
>
> TÁCITO, "Anais", livro IV, cap. XXXII.

Ignorando a alegria de viver, desconfiado, sombrio, sempre em conflito consigo e com o mundo, era o imperador Tibério um personagem tenebroso.

Faz parte das grandes personalidades históricas cujo caráter é extremamente difícil de penetrar.

Explica-se nossa carência pelo fato de ter querido a fatalidade que, em todas as circunstâncias, outros que não Tibério decidissem de seus atos. E é por isso que as interações de seu destino e de seu caráter são difíceis de destrinçar. Tácito, o historiador romano, escreveu sua obra principal, os Anais, cerca do ano de 115 depois de J. C., isto é, setenta e oito anos depois da morte de Tibério. Nos Anais, com uma psicologia penetrante, descreveu Tácito o ambiente de intrigas e de conspirações perigosas, de que foi centro o sombrio personagem de Tibério. Não foi Tácito injusto para com o imperador, porque a natureza fria e rígida de Tibério, sua desconfiança, feita de tenacidade, de misantropia e de temor, era também marcada por inteligência, medida e, por vezes, como um relâmpago fulgurante iluminando as trevas, por certo gênio.

Com o reinado de Augusto, que durou quarenta anos, a era chamada dos imperadores romanos, que deveria prolongar-se por quinhentos anos, tomara tal desenvolvimento, tal irradiação e grandeza tão excepcional, que nenhum outro imperador foi capaz de prolongar-lhe a existência.

Qual foi, pois, o homem que assegurou a pesada sucessão de Augusto e do qual, ainda em nossos dias, em Capri, as casas de campo e os palácios em ruínas conservam, a memória? No Evangelho segundo São Mateus (XXII, 19-22), Jesus manda que lhe mostrem um denário:

— De quem são esta efígie e esta inscrição? — perguntou êle aos fariseus.

— De César — responderam eles. Então Êle lhes disse:

— Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.

Se o denário que Jesus tem na mão trazia a efígie do imperador Tibério, por ocasião do nascimento de Cristo — provavelmente no ano 7 antes do começo de nossa era — vivia Roma sob o reino de Augusto e Tibério tinha então trinta e cinco anos. Quando Cristo, condenado pelo procurador Pôncio Pilatos, foi crucificado — cerca do ano de 30 de nossa era — atingira Tibério os seus setenta e dois anos.

— Crucificai-o! — gritaram os judeus em Jerusalém. Pouco tempo depois, o povo romano também gritava:
— Tiberium in Tiberim! (Tibério ao Tibre)!
Se foi isso um bom dito, jorrou duma terrível sinceridade! Tibério Cláudio Nero, o pai de Tibério, foi um dos lugares-tenentes de César. Mas a responsável pelo papel histórico de Tibério foi sua mãe Lívia Drusila. Duma beleza incomparável, essa mulher presa pelos laços matrimoniais conquistou o amor do grande Otávio, futuro imperador Augusto. Quando Otávio (com ou sem o consentimento do marido, ignora-se) a tomou como esposa, estava Tibério com a idade de quatro anos. Mostrou-se Otávio tão apressado em levar sua "presa", que não esperou, para as núpcias, o nascimento do segundo menino, de quem Lívia estava então grávida. Druso, seu segundo filho, veio ao 'mundo três meses após o casamento de Otávio com Lívia.



GRAV. 42 — O Fórum de Pompéia e o Templo de Júpiter.



GRAV. 43 — O anfiteatro de Pompéia é o mais antigo dos" anfiteatros romanos conservados. Construído em 80 antes de J. C, cavado na terra, tinha 35 fileiras de assentos para 20.000 espectadores. Um imenso toldo protegia a arena e o público.

Lívia era ambiciosa. Com amor, acompanha os balbucios e travessuras de seus dois filhos. Tibério passava boa parte de sua existência nos campos militares, na Espanha, na

Armênia, na Gália. Com seu irmão Druso, tomou parte nas campanhas contra os germanos. Estavam os legionários habituados à disciplina severa que Tibério lhes impunha. Obedeciam-lhe, mas em segredo, reunidos sob suas tendas, chamavam-no Biberius, "bêbado".

Aos vinte e nove anos, caiu Druso do cavalo e, enfermo, morreu. Lívia ficou só com um filho, Tibério, e, no segredo de sua alma, desejava que fosse nomeado imperador. Não era a esposa de Augusto, o onipotente? A fim de garantir para ela e seu filho, o acesso ao poder supremo após a morte de seu esposo, soube manobrar para garantir solidamente as possibilidades de seu filho que, segundo o sangue, não era um legítimo descendente do imperador. Ora, a astuta Lívia soube encontrar o meio que permitiu apertar os laços entre o imperador Augusto, seu esposo, e seu filho Tibério. Júlia, a filha de Augusto, desposara Agripa, o vencedor de Actium. Ficara viúva, com seus cinco filhos. Pressionado por sua mãe, foi Tibério obrigado a casar com Júlia.

Mas Tibério já era casado. Sua mulher chama-se Vipsânia e Tibério a amava. Além disso, Vipsânia era a filha dum primeiro casamento de Agripa. Tibério teve então de casar com a madrasta de sua esposa! Foi a primeira das duras provas que a sorte lhe reservava. Teve Tibério de beber a taça amarga para satisfazer "razões de Estado". Viu-se forçado a separar-se da única mulher que amou e casar com Júlia, criatura pouco simpática, cuja conduta escandalosa era conhecida. Júlia era estigmatizada pela cidade de Roma que a reprovava. Tinha apego a tudo, dizia-se, menos à fidelidade. Quando um dia o imperador Tibério veio a encontrar Vipsânia, com os olhos afogados em lágrimas, dela não desviou o olhar. Mais tarde, cuidou-se de fazer que ele não visse mais a única mulher a quem tanto amava!

O imperador Augusto adotou Tibério, seu enteado e seu genro, nomeou-o co-regente e co-detentor do supremo poder dos tribunos. Às suas legiões, apresentou Tibério como seu sucessor.

Após a morte de Agripa, confiaram-se a Tibério as tarefas militares mais ingratas. Quando, entre o Danúbio e o Adriático, os povos conquistados se sublevaram contra Roma, Tibério, em três anos de combates encarniçados, esmagou a revolta. Após a batalha da floresta de Teutoburgo, a Germânia, província romana situada entre o Reno e o Elba, desmoronou-se e a fronteira do Reno ficou assegurada e consolidada. Contudo, não se sentia Augusto feliz ao pensar que Tibério lhe sucederia. Não havia entre eles nenhum laço de consangüinidade. Não tinha Augusto confiança no estranho personagem. Talvez também não quisesse que o esplendor e a glória de seu reino fossem ultrapassados pelos de um estranho. No seu testamento, conferiu Augusto a Tibério o seu título. Tibério era imperador. Mas, nesse mesmo testamento, nomeou Augusta Lívia, sua esposa, co-regente.

Se César morreu aos cinqüenta e seis anos, tinha Tibério exatamente essa idade, quando subiu ao poder, no ano de 14 depois de J. C. Até então, personagem de segundo plano, vivera à sombra majestosa de Augusto. Agora, era preciso governar sob a direção (e sob a influência) de uma mulher, Lívia, sua mãe. Era de certo uma conseqüência lógica e natural da ambição de sua mãe, à qual devia o trono, mas Tibério sofria com a constante opressão que lhe era imposta. E o medo, a desconfiança e o ódio disputaram entre si então o seu espírito inquieto.

Quando o Senado lhe rogou que assegurasse efetivamente seu papel, tergiversou, alegando que a tarefa ultrapassava suas fracas forças e que só uma inteligência como a do falecido Augusto estaria na medida de assumir responsabilidades tão esmagadoras. Acrescentou Tibério que a experiência lhe ensinara a que ponto o governo absoluto era uma árdua empresa! Não o havia Augusto, quando vivo, feito participar das preocupações dos negócios de Estado? Eram na realidade, o acaso, os imponderáveis com suas temíveis conseqüências que faziam a lei. Mas em Roma, onde vivia uma plêiade de homens eminentes, seria verdadeiramente necessário sobrecarregar-se um só com responsabilidades tão esmagadoras? Bastante sutis e bastante bem apresentadas, faltava sinceridade às objeções de Tibério. E se as declarações do imperador foram aplaudidas, ninguém lhes deu fé. Instintivamente (ou em virtude de rotina), era Tibério atreito aos discursos obscuros, circunstanciados ou não. Desde o começo de seu reinado, observou grande prudência e suas palavras foram, se assim se pode dizer, mais ambíguas que de costume. Não desejava usar o título de imperador, afirmava. Quando os cônsules penetraram na sala, levantou-se. Mas a cada instante, vivia sob o império do medo. Acreditava-se ameaçado por quem quer que dele se aproximasse.

Quanto aos senadores, temiam que Tibério se desse conta de que haviam eles penetrado a verdadeira natureza de seu futuro senhor. Por esta razão, seus protestos de amizade foram ainda mais veementes; suplicaram aos deuses e à efígie de Augusto, depois abraçaram os joelhos de Tibério. Para com Lívia, co-regente que usava o título de Augusta, mantinham os senadores uma atitude de submissão e de respeito. Numa proposição de lei, desejaram que ela tomasse o título de mãe da Pátria. Tibério não estava contente. Podia-se honrar uma mulher, declarava ele, mas não se devia ultrapassar da medida. Quanto aos testemunhos de respeito que lhe eram devidos, desejava que lhe fossem tributados com mais moderação. Tinha medo de sua mãe, mulher inteligente, hábil e diplomata. Temia sua ambição desmedida, bem como o temperamento daquela mulher admirável cuja finura e cuja faculdade de adaptação tinham feito de sua união com Augusto um bom êxito fora do comum. Inspirava-lhe ela profunda desconfiança.

Imperador, foi Tibério antes de tudo um soberano firme e ajuizado. Abandonou os germanos às suas disputas intestinas, às suas eternas rixas, e vigiou unicamente a fronteira do Reno. Salvaguardava a paz das províncias. Ocupava-se com os negócios do Estado, com sagacidade, abstendo-se de todo abuso e de toda violência. Enquanto sua mãe foi viva e co-regente, os romanos, em caso de litígio ou de injustiça, podiam sempre recorrer à Augusta, porque Tibério mantivera para com sua mãe a mesma atitude de submissão e de temor de sua juventude. Augusta atingiu a idade de oitenta e quatro anos e morreu no ano de 29 depois de J. C.



GRAV.44 – É mais ou menos assim que se deve imaginar o "Trinclinium", onde se realizou o banquete de Trimalcião! Aulo Vetio Restito e Aulo Conviva mandaram decorar esta sala, no reino de Nero. A morada ficou soterrada por ocasião da erupção do Vesúvio, em 79 depois de J.C.



GRAV.45 – Corrente de lava, fotografada pelo soldado norte-americano Kenneth Ponter, por ocasião da erupção do Vesúvio, em 1944. Alguns minutos mais tarde, a casa estava soterrada.



GRAV.46 – O cão de Vesônio Primo morreu, sufocado sob a cinza. Obteve-se esta escultura vertendo-se gesso no cavado formado pelo esqueleto.

Após sua desaparição, a situação se agravou. O império liberal de Augusto havia, sob Tibério, evoluído para uma verdadeira ditadura. O Senado perdera sua autoridade. O povo não possuía mais o direito de eleger os funcionários e era o Senado que, segundo as diretrizes do imperador, os nomeava. Os processos de lesa-majestade, intentados contra os senadores, estavam na ordem do dia.

Foi, aliás, o triste privilégio de Tibério, ter instituído os processos de lesa-majestade. Quem quer que ousasse elevar a voz contra ele era arrastado ao tribunal. Estavam em moda as denúncias. Sucediam-se os erros judiciários, acumulando-se, e as execuções capitais cotidianas realizavam-se mesmo aos domingos, nos dias feriados e no primeiro do ano. Da colina do Aventino, escadarias desciam a pique até o Tibre. Outrora, somente os cadáveres dos criminosos mais infames eram transportados até em baixo daqueles degraus, chamados as gemonias, para serem precipitados no Tibre. Agora, todos os supliciados sem exceção, arrastados por um gancho, eram lançados pelas gemonias no rio. Todos os dias, havia uma vintena de execuções. Nem as mulheres, nem as crianças, eram poupadas. Os acusadores públicos viviam tanto mais sobrecarregados quanto ganhavam,

com as testemunhas principais, recompensas pingues. As denúncias, os falsos testemunhos e as mais veementes calúnias tomaram uma amplitude considerável. A espionagem, a traição dividiram as famílias e os escravos foram os mais pressurosos em denunciar seu próximo e tiveram oportunidade de imputar a seus senhores os crimes de lesa-majestade mais inverossímeis e de alarmar os chefes de famílias com pérfidas insinuações. Não era raro tampouco que os pais fossem denunciados por seus filhos.
Sob pretexto de processo legal, dirigia Tibério as perseguições, os veredictos e as execuções. Bem muitas vezes, com ar grave e pesaroso, fingia comiserações e agia como se tivesse desejado a suavização das penas. Deve ter sido mestre na arte da hipocrisia e numerosos historiadores deixaram-se enredar nisso. Do século XIX até nossos dias, têm os sábios duvidado das alegações de Tácito que, nos Anais, evocou com precisão os acontecimentos da época. Censuraram-lhe ter desfigurado o personagem de Tibério. Duma maneira geral pode-se afirmar que, desde Mommsen, os especialistas da história romana, convencidos de sua superioridade, acusaram um Suetônio, um Dion Cássio e um Tácito de terem enegrecido e exagerado o lado negativo dos personagens célebres da história. Procurou-se "justificar" imperadores tais como Tibério, Calígula e Cláudio.
Desde época mais recente, estudos aprofundados permitiram reconhecer a autenticidade dos julgamentos dos historiadores gregos e romanos, e os sábios modernos tendem a recolocar as fontes clássicas sob sua verdadeira luz.
A desconfiança de Tibério aumentou com a idade. Temendo os homens, procurava a solidão. Descobria alusões ocultas, insinuações pérfidas nas palavras mais inofensivas e nas brincadeiras sem malícia. Quando Tibério entrava numa sala, as conversas, como por encanto, cessavam. Perdera o hábito de conviver com seus semelhantes. Um único ser gozava de toda a sua confiança e esse homem era um criminoso. Sutil, astuto, humilde, solícito e sempre sorridente, é o celerado preferido por Shakespeare, o crápula difícil de desmascarar, quando o acotovelamos todos os dias na existência e cujo retrato um tanto forçado encontramos na cena do teatro. Lúcio Élio Sejano, o celerado em questão, era originário de Vulsinies. Oficial como o lago de Otelo de Shakespeare, assemelhava-se a este personagem por mais de um traço. Sob o reinado de Tibério, foi nomeado prefeito da guarda e detinha em Roma poderes por assim dizer ilimitados. Nada se podia fazer sem autorização de Sejano e quem quer que, sem ser por seu intermédio, procurasse aproximar-se de Tibério, expunha-se à vindicta do prefeito. Por meio de manobras subterrâneas e de artifícios sutis, sabia obter ou renovar as boas graças do imperador. Ganhara também os soldados para sua causa. Anteriormente, as coortes da guarda pretoriana tinham sido instaladas em diversos lugares, dispersos na cidade. Sejano reuniu-as numa imensa caserna. Assim facilitava-se o comando. As coortes capacitaram-se a medir sua importância e sua força. Estavam destinadas a inspirar temor aos cidadãos. Sejano visitava muitas vezes os oficiais e os soldados e se entretinha com eles confiantemente. Em lugar do imperador, decidia as promoções e os adiantamentos. Tibério jamais objetava a coisa alguma.
Diante do Senado e diante do povo, proclamara Sejano seu devotado colaborador e dera autorização para que colocassem a estátua do prefeito nos teatros, nas praças públicas e nos acampamentos das legiões. Tinha o imperador Tibério plena confiança na atividade e

no devotamento de Sejano. Que cobiçava Sejano? Visava a um único fim: ser nomeado imperador dos romanos. Para chegar a isso, precisava desembaraçar-se de todos os pretendentes e, no que se referia à numerosa prole da casa imperial, era o projeto dificilmente realizável.

"Era, escreveu Tácito, uma empresa delicada empregar a violência contra tantas pessoas ao mesmo tempo. Para eliminá-las pouco a pouco pela astúcia, pela traição e pela perfídia, precisaria de tempo."

Sejano optou, contudo, por esse meio lento e manhoso. Decidiu começar por Druso, filho de Vipsânia, a quem Tibério tanto amara. Sejano odiava Druso, que tinha um temperamento violento e arrebatado e que detestava os indivíduos que nutriam, abertamente ou em segredo, pretensões à sucessão no império. No decurso duma disputa, Druso esbofeteara Sejano.

É apaixonante observar de que maneira Sejano pôs mãos à obra para suprimir Druso. Quando se lêem essas linhas, não se deve esquecer que se trata de um fato histórico e não duma intriga imaginada por um poeta.

Sejano não surpreendeu Druso atacando-o de frente. Não era a sua maneira. Como lago, permaneceu prudentemente na sombra. O veneno destinado a suprimir Druso eram as calúnias, as difamações sorrateiras e odiosas. A princípio, aproximou-se de Lívia, a esposa de Druso. Quando menina, passara como sendo bastante desgraciosa, feia mesmo, depois transformara-se e tornara-se uma mulher de grande beleza. Desempenhou Sejano junto dela o papel dum adorador, dum amoroso tímido. Conseguiu seduzir Lívia e fez que a adúltera acreditasse que ele se casaria com ela mais tarde. Eloqüente, afirmava Sejano que alcançaria um dia o poder supremo e que ela, Lívia, seria honrada, a seu lado, pelo Império Romano inteirol Quando compreendeu que a imaginação da jovem mulher se exaltava com essa idéia, sugeriu-lhe o crime que havia concebido: era preciso suprimir Druso. E Lívia, sobrinha segunda de Augusto, nora de Tibério e esposa de Druso, arriscou e perdeu sua posição e sua honra em favor duma empresa criminosa bastante incerta.

Confiou-se a Eudemo, seu médico e seu amigo, que, sob pretexto de cuidados médicos, lhe fazia freqüentes visitas. Sejano, a fim de tranqüilizar completamente Lívia, repudiou Apicata, sua esposa, de quem tinha três filhos. Os três cúmplices, de completo acordo, construíram com cuidado seu sinistro projeto. Ora, cada qual por sua vez, Sejano, Lívia e Eudemo ficaram como que transidos de medo diante da monstruosidade do crime que iam perpetrar. Pacientemente, aguardaram na sombra.

Muitas vezes, diante do Senado e diante de seu pai, queixava-se Druso de Sejano. Era admissível que um estrangeiro fosse o conselheiro, o mais seguro sustentáculo do imperador, quando tinha este junto de si seu verdadeiro filho?

— Falta pouco, na verdade, para que Sejano não seja co-regentel De certo, os primeiros degraus que levam ao trono imperial são duros de galgar! Mas quando se começou a ascensão, amigos e cúmplices não faltam. Só resta implorar aos deuses para que tornem Sejano humilde e modesto!

Tais foram, mais ou menos, as palavras de Druso. Sejano ficou com medo. Ardia de vontade de executar seu plano. Lívia, a infiel, comunicava-lhe as confidencias de Druso. "Agora, pensava Sejano, não devia mais hesitar". Conseguiu um veneno de efeitos lentos, a

fim de que as indisposições aparecessem como as conseqüências naturais duma doença. Administrado pelo eunuco Lígido, o veneno operava. Druso, de cama, sofria perturbações graves.

O Imperador Tibério dirigia-se todas as manhãs ao Senado. Deixava-o indiferente a doença de seu filho? Queria dar prova de coragem na adversidade? Druso morreu. Tibério assistia regularmente às sessões do Senado e quando os senadores quiseram exprimir-lhe sua aflição, exortou-os a não comprometerem a dignidade própria.

— Ter-se-ia o direito de censurar-me porque apareço perante vós acabrunhado por um luto recente — disse ele, — mas meu devotamento aos interesses superiores do Estado deu-me força e consolação.

Foi sincero o seu pesar? Ignora-se.

Enquanto vivera Druso, a crise mantivera-se latente. Sejano conservava-se prudente. Temendo Druso, que não se privava de criticá-lo severamente diante do imperador, tomara Sejano o hábito de motivar escrupulosamente as medidas que se preparava a tomar.

Mas agora, verificava Sejano que seu crime passara por assim dizer despercebido e que Druso não era lamentado além da conta. Aguardava então a eventual ocasião de eliminar os outros pretendentes ao Império: os filhos de Germânico, sobrinho de Tibério. Diante da impossibilidade material de suprimir ao mesmo tempo três indivíduos, pôs-se Sejano de novo à obra e, sistematicamente, lançou o descrédito sobre os filhos de Germânico, bem como sobre sua mãe Agripina, a quem difamou vergonhosamente. As insinuações, as calúnias, as intrigas atingiam, apesar de tudo, lentamente os seus fins. Mas Lívia se impacientava. Queria que ele a desposasse imediatamente. Sejano dirigiu-se ao imperador e lhe pediu autorização para unir seu destino a Lívia. Tibério recusou, numa carta cortês mas cautelosa.

Concebeu então Sejano a idéia de persuadir o imperador a deixar Roma. Estava convencido de que, retirado para uma nova residência, seria Tibério feliz, em toda a confiança, e que deixaria seu prefeito livre de dirigir à sua vontade os negócios do Estado. Persuadiu o imperador de que lhe eram necessários os benefícios e vantagens do repouso, da quietação e da solidão.

Tibério obedeceu efetivamente. Fixou-se em Capri e naquela ilha de beleza viveu feliz durante onze anos, até sua morte. Por duas vezes, voltou ao continente, aos arredores de Roma. Mas não ousava entrar na cidade, tanto temia os homens. Uma das doze habitações que possuía em Capri estava situada no cume duma falésia que dominava o mar. Foi com toda a verossimilhança essa casa de campo que teve o nome de Io, a amante de Zeus. É permitido crer que o lugar de suplício donde eram os condenados precipitados no mar se encontrasse nas proximidades daquela moradia. Sabe-se que no sopé da falésia, marinheiros liquidavam a golpes de cacete os infelizes que ainda respiravam.

Parece ter o imperador ignorado a existência dos deuses e as exigências do culto religioso. Os dramas de consciência não deviam atormentá-lo. Tinha uma paixão: a astrologia. Um só homem conhecia o segredo de seu horóscopo, um liberto, um hércules talvez, mas pouco cultivado. Tinha por missão reacompanhar delicadamente os astrólogos vindos a entreter o imperador com sua ciência e que tiveram a desgraça de desagradar-lhe, e depois precipitá-los pela falésia. Um dia, pediu Tibério ao astrólogo Trasalo precisões

relativas às predições de seu horóscopo e insistiu em saber o que tinha ele, adivinho e profeta, a esperar naquele dia. Lívido, confessou o astrólogo, tremendo, que estava ele ameaçado dum terrível perigo, talvez mortal. Tibério abraçou o homem aterrorizado, congratulou-se com ele calorosamente e, desde aquele dia, considerou-o como um oráculo vivo, uma reencarnação da Pítia de Delfos e passou a acolher Trasalo da maneira mais cordial. Quanto às ocupações cotidianas a que se entregava Tibério em sua ilha, ignora-se a natureza das mesmas. A esse respeito, os rumores mais contraditórios circulavam em Roma. Tácito relata que, em Capri, o imperador "podia entregar se às suas inclinações cruéis e à pior devassidão, mais comodamente que em Roma". Queria dissimular à curiosidade dos romanos "seus gostos, seus instintos e suas predisposições tão esquisitas". Mas não negligenciou os negócios do Estado, que despachava por correspondência.

Oito anos após o assassinato de Druso, sofreu Sejano seu justo castigo. Estava o imperador a tal ponto preocupado com o exame dos crimes de seu antigo prefeito que, no seu nervosismo, mandou torturar por engano um amigo que residia em Rodes. De pé, sobre a falésia mais elevada da ilha, esquadrinhava o horizonte para perceber os sinais convencionados que deviam fazer-lhe, logo que fosse sufocada a conjuração de Sejano. Era tão prudente a velha raposa que, mesmo depois da detenção de Sejano, não abandonou a casa de campo Io durante nove meses. Tibério mandou, pois, executar o celerado. Com a garganta amarrada por cordas, a cabeça oculta numa cogula, foi Sejano conduzido ao local do suplício. Durante sua atroz agonia, gritou e chamou seus amigos. Mas as ruas e as praças esvaziavam-se à sua passagem. Seus filhos foram entregues ao carrasco. À vista dos inocentes sacrificados, Apicata, mãe deles, a esposa repudiada de Sejano, mergulhou na loucura do desespero. Suicidou-se. Acrescentemos que a tortura soltou as línguas de Eudemo, o médico, e de Lígido, o eunuco. Seis anos mais tarde, morreu o imperador em Capri, na idade de setenta e oito anos. Neurastênico, perturbado por macabras alucinações, tentará até o fim dissimular seu estado sob uma máscara de alegria artificial. A 16 de março do ano de 37 depois de J. C, só a muito custo respirava.

— Tibério morreu! — anunciaram os mensageiros imperiais. E Caio César Calígula, seu sucessor, estava pronto para receber as homenagens e as congratulações pela sua elevação à dignidade imperial.

De repente, chegou a Roma a notícia de que Tibério voltara a si da síncope e que pedia comida! Foi uma consternação! Alguns fingiram tristeza, outros exibiram rostos inocentes, Calígula ficou siderado. Ia atingir o alvo e eis que precisava esperar ainda a morte daquele homem cuja vida parecia não ter mais fim!

Ordenou que cobrissem o velho com pesadas cobertas. E Tibério morreu sufocado.

CALÍGULA

"EIS A CABRA!"

> Assim, uma vez, à meia noite, mandou chamar três cônsules. Convidou os homens, transidos de medo e que temiam o pior, a colocarem-se num estrado. De repente, em meio de sons estridentes de flautas e de matracas, apareceu ele, vestido com um longo manto e uma túnica que o cobria até os tornozelos. Executou uma dança, depois desapareceu!
>
> SUETÔNIO, "Calígula", cap. LIV.

Enquanto vivo Tibério, não ousavam os cidadãos romanos mostrar seu ressentimento. Era perigoso exprimir-se abertamente; uma palavra imprudente e pronto! a prisão. — Até mesmo a morte tem medo dele — dizia o homem da rua.

Mas quando o velho de Capri, o homem que não queria morrer, lançou o derradeiro suspiro, deu o povo livre curso a seus sentimentos. Proferiram-se maldições e alguns acharam que se devia recusar a seus despojos a honra dos funerais. Acreditava o povo estar por fim liberto do perigo sem cessar ameaçante das detenções arbitrárias, dos processos espetaculares e das execuções sumárias.

Mas os senadores tremiam de medo, se bem que a vida tivesse abandonado para sempre o corpo do tirano. Desde longos anos, viviam sob a opressão e o medo e continuavam a tremer por hábito! Não ousaram abrir as portas das prisões. No dia em que Tibério morreu, condenados deviam ser executados. Funcionário zeloso e modelar, e para não desobedecer à ordem, estrangulou o carrasco as vítimas. Em vão tinham os infelizes implorado graça. Aterrorizado, podia o carrasco prever o que lhe reservavam os dias e as semanas por vir? Estava o terrível Tibério, mudo deveras no seu túmulo? A crueldade do imperador continuava atuante, além mesmo da morte! O correio que partiu de Micenas para Roma percorreu os duzentos quilômetros em quarenta e oito horas! O nome do sucessor foi proclamado ao mesmo tempo que era anunciada a

agonia do velho imperador! O Senado se reuniu imediatamente para saudar o sucessor.

Caio César, chamado Calígula, tinha apenas vinte e quatro anos. Sua mãe, Agripina, era aquela mulher que Tibério havia banido, e seu pai, Germânico, o general tão popular, morrera havia muito tempo. Calígula pertencia à casa imperial cujos descendentes tinham sido as vítimas dos massacres de Tibério e de Sejano; e foi provavelmente sua extrema mocidade que o protegera dos atentados criminosos. Tinha três irmãs que haviam escapado às temíveis conspiratas. Após a detenção de sua mãe, foi Calígula colocado sob a proteção de Antônia, sua avó, depois enviado a Capri, à corte do velho imperador. Tinha então Calígula dezenove anos e, por bem ou por mal, teve de exercitar-se na arte da dissimulação.

O imperador tentou fazê-lo falar, surpreender as confidencias e as queixas que o rapaz pudesse dar a entender aos homens de confiança postos em seu caminho.

Mas Calígula teve a astúcia de nunca se deixar apanhar nisso. Parecia não ter guardado a lembrança do trágico destino que dispersou sua família e comportava-se como se nada de

grave houvesse acontecido nem à sua mãe, nem a seus irmãos. Seu domínio de si era indefectível e, para com Tibério, mantinha uma docilidade, um serviçalismo, uma "fidelidade" a toda prova. Seu comportamento, sua atitude foram tão obsequiosos que se pôde dizer dele, mais tarde, que jamais se vira melhor escravo e pior senhor.
Sem dúvida alguma, a fisionomia impenetrável do adolescente dissimulava já seu pendor pela crueldade, seu gosto pelo exagero e sua necessidade de prazeres baixos e vulgares. Gostava de assistir às torturas e as execuções. Coberto com uma peruca, envolto em vestes amplas e que se arrastavam pelo chão, visitava os botequins de má fama e os lupanares. Não ignorava o imperador Tibério suas secretas atividades. — É para desgraça minha e para perda do país que Caio ficou vivo! — dizia ele.
Com efeito, entre a numerosa descendência do imperador Augusto, somente os loucos e os celerados haviam sobrevivido. Ora, nas veias de Calígula corria, não somente o sangue de Augusto, seu bisavô, mas também o de Antônio. E naquele jovem fruto, roído já pelo verme, estavam presentes o vencedor e o vencido de Actium. Verificar-se-á posteriormente quanto seu parentesco com Antônio foi determinante, através de sua nostalgia oriental e egípcia, no seu desejo patológico do incesto.
Bichanou-se que Calígula havia envenenado o velho Tibério e retirado do dedo do velho, que ainda respirava, o anel que devia herdar. Diz-se também que sufocara com suas próprias mãos Tibério que tardava a morrer.
A procissão que deixou Micenas para Roma avançava lentamente pela Via Ápia. Era o corpo de Tibério transportado por simples legionários. Calígula precedia o cortejo e a cada aglomeração, a cada aldeia, a cada cidade, os habitantes o aclamavam. Dos dois lados da estrada, haviam instalado, às pressas, em sinal de regosijo, altares onde ardia o incenso. Nas proximidades de Roma, abandonou Calígula o comboio fúnebre, para entrar por primeiro na capital. No Senado, as habituais demonstrações de alegria e o povo aclamava Calígula. Como foi muitas vezes o caso, os romanos exaltados pela sua alegria, exageravam seu entusiasmo. Não imaginavam os gritos e lágrimas que os esperavam!
Solenemente, juraram por todos os deuses que estavam dispostos a morrer por Caio César. Foi este o nome que tomou, porque Calígula era apenas um sobrenome e o imperador não tolerava que o empregassem, abertamente ou em segredo! Quando menino, sua mãe Agripina, fizera-o vestir trajes de soldado e botas que se chamavam caligae e por isso os soldados apelidaram-no de Calígula.
Ordenou para Tibério funerais sem pompa excessiva, mas pronunciou um panegírico, ou antes uma oração fúnebre em que, sem grande alusão ao defunto, fez o elogio de seu pai Germânico e do imperador Augusto. Depois dirigiu-se ao golfo de Campânia, onde sua mãe e seus irmãos tinham encontrado fim tão atroz. Trouxe para Roma os despojos dos seus para transferi-los, no decurso duma cerimônia solene, ao mausoléu de Augusto. Exigiu do Senado que se prestassem as honras às suas três irmãs. Encarregou-se também de Tibério, seu jovem primo e co-herdeiro, de dezessete anos de idade. Calígula adotou-o e conferiu-lhe o título de "príncipe da Juventude".
Depois, fez-lhe saber que tinha, desde aquele instante, ordem de suprimir-se!
Macro, prefeito dos pretorianos, e sua esposa foram suas primeiras vítimas. Sucessor do infame Sejano, Macro havia secundado ativamente Calígula por ocasião de sua subida ao

trono. O imperador julgava-o incômodo. Nomeou-o vice-rei do Egito, depois, antes que os desgraçados subissem a bordo de seu barco, receberam Macro e sua esposa ordem de se matarem. O novo imperador procurou a princípio ganhar as boas graças do povo. Mandou distribuir dinheiro e organizou festas, corridas e caçadas ao leão, à pantera e ao urso. Nessa ocasião, foram transportados para Roma oitocentos animais selvagens. Ordenou a abertura de concursos de oratória, em grego e em latim, e concurso de poetas. O poeta mais medíocre era condenado a apagar com a língua os versos escritos nas suas tabuinhas, depois a ser fustigado ou imerso. Mas Calígula prometeu ao povo abolir os processos de lesa-majestade, repatriar os banidos e publicar regularmente as medidas concernentes à gestão do Estado. Seus começos, de certo, foram cheios de promessas!

Para apagar da memória popular as terríveis lembranças do triste reinado de Tibério, quis Calígula abrir uma era "dos tempos dos esplendores". Para isso, fez transportar do Egito obeliscos, mas nem chegou a perceber que os monumentos importados por Augusto estavam cobertos de hieróglifos, enquanto que seus obeliscos não passavam de vulgares imitações! Pouco depois de ter assumido os encargos da sucessão do império, caiu Calígula gravemente doente. Noites inteiras, o povo velava nas ruas, na proximidade do palácio. Estavam inquietos os romanos e alguns fizeram o voto de sacrificar sua vida, se o imperador recuperasse a saúde. Restabelecido, descobriu então Calígula ao povo o que era realmente. No dia primeiro de janeiro do ano de 38 depois de J. C, no Senado, fizera os senadores prestarem juramento separadamente. Deviam oferecer sua vida pelo imperador e pelas suas irmãs. No dia primeiro de janeiro do ano de 40, duas delas achavam-se prisioneiras em unas desertas. Drúsila, a terceira, acabava de morrer, e Calígula estava inconsolável pela sua perda. Depois de ha vê-la dado como esposa a um tal

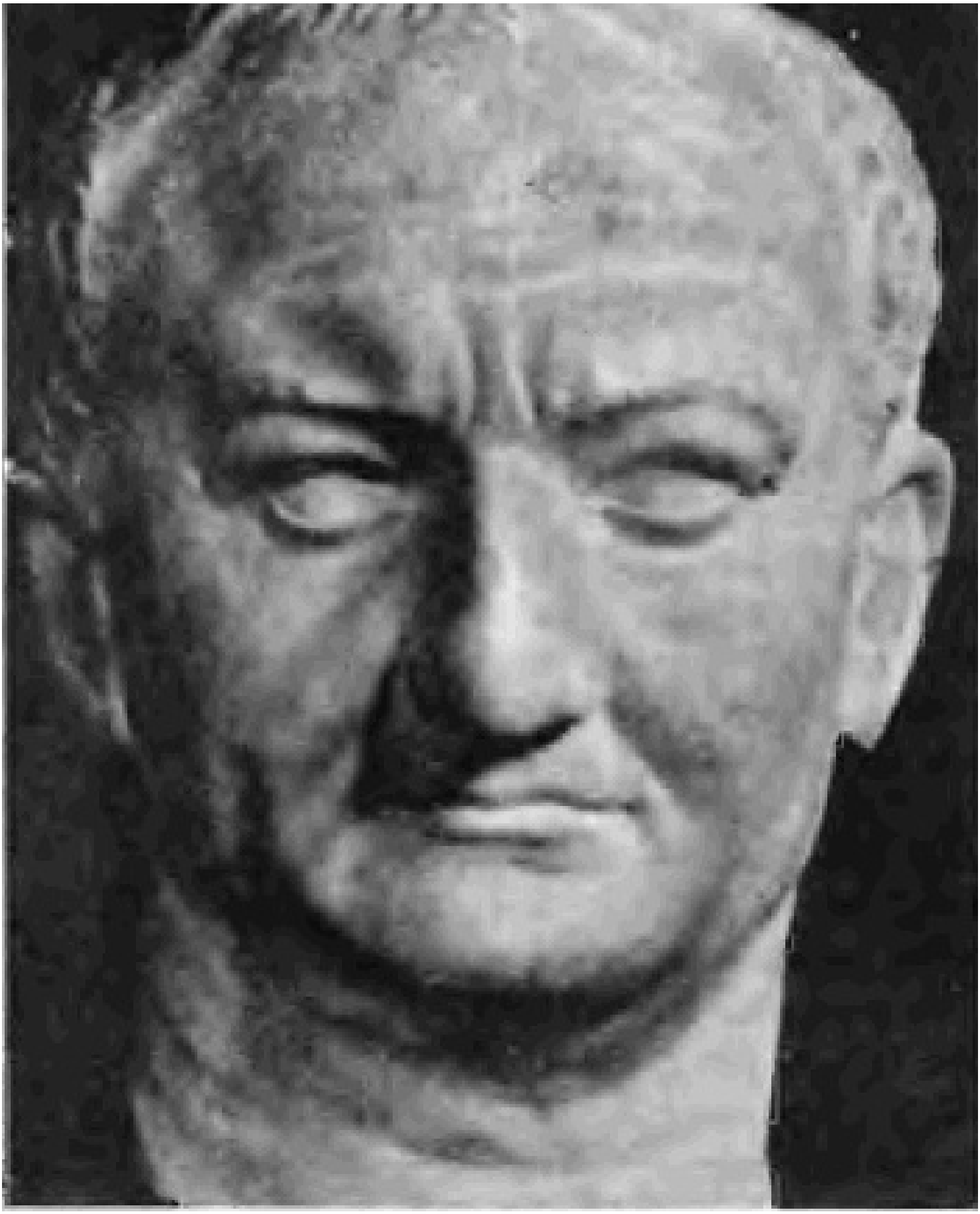
Lúcio Cássio Longino, raptara-a e tratara-a publicamente como sua esposa. Devia suceder-lhe na direção do império. Desesperado, Calígula, como um louco, percorria a Itália em todos os sentidos e exigia do povo que partilhasse do seu pesar. Ordenou que se guardasse "luto popular", durante dias, semanas e meses. As exclamações, as risadas dentro de casa, nos banhos, a alegria das refeições familiares, a das mulheres e crianças eram consideradas como delitos merecedores da pena de morte.

Mandou a efígie de Drúsila para o Panteon, templo do Estado romano, onde somente Júlio César e Augusto, fundadores do Império, eram venerados como deuses. Calígula ordenou que se erigissem altares à nova deusa. E no país inteiro, o povo se entregou à louca adoração de Drúsila. Um jovem senador afirmou, com toda a sinceridade, que vira Drúsila subir ao céu. Calígula recompensou-o regiamente, em honra de sua divina visão.

Por duas vezes, por ocasião de celebrações de casamentos, o imperador raptou as noivas de dois patrícios, para gozar da alegria de repudiá-las depois! Amava, pelo contrário, apaixonadamente Cesônia, criatura que não era nem jovem nem bela, mas dissipada e libertina. Procurava sua companhia. A cavalo, vestia-se ela com um manto de soldado e usava capacete e escudo. Por vezes, ele a exibia nua diante de seus íntimos. Quando deu ela à luz uma filha, declarou ele que Cesônia era sua mulher e reconheceu a criança. Estava certo, afirmava ele, de que a menina era de seu sangue, porque se mostrava de uma insolência sem par. E Calígula governava.

Os senadores mais honrados e mais respeitados, revestidos de sua toga, eram obrigados a

acompanhar a pé seu carro ou a servi-lo nas refeições com um grosseiro avental de pano, como escravos. Outros doutos senadores foram assassinados em segredo. Deu também ordem de fustigar seu questor, depois de ter-lhe arrancado as vestes que foram colocadas, para maior comodidade, sob os pés dos soldados encarregados de flagelá-lo.
Durante os jogos dos gladiadores, mandou retirar as toldas que protegiam a multidão contra os ardores do sol, a fim, dizia ele, de que o público transpirasse! Proibia-se que a multidão se retirasse do teatro!



GRAV. 47 — Com o imperador Vespasiano, a burguesia romana ascendeu de novo ao trono. Viveu de 9 a 79 depois de J. C. e reinou durante 10 anos. Construiu o Coliseu de Roma. A destruição de Jerusalém ocorreu durante seu reinado.



GRAV. 48 — O imperador Tito realizou, nas circunstâncias mais desfavoráveis, um reinado

benéfico. Foi Imperador durante dois anos somente, de 79-81 depois de J. C. O destino "reservara-lhe" as catástrofes de Pompéia e' Herculano, a grande epidemia de peste e o incêndio de Roma.



GRAV. 49 — Foi neste lugar ,que Vespasiano. Jovem general, desembarcou entre 43 e 45 depois de J. C E Wight. ilha inglesa na Mancha, outrora Vectls.



GRAV. 50 — No ano de 70 depois J. C, encarregado o imperador Vespasiano seu filho Tlto de conquistar Jerusalém. Quando o imperador Tito morreu, no ano de 81, o Senado erigiu em sua honra o Arco de Tlto, o arco de triunfo mais antigo de Roma a ficar de pé. Sob a abóbada, um baixo-relevo representa a retirada do candelabro de sete braços do Templo de Jerusalém.

Algumas vezes, por sua ordem, introduziam-se na arena animais esfaimados e, em lugar dos gladiadores, velhos fracos ou respeitáveis pais de família, a maior parte das vezes doentes, deviam combater as feras.

Mas o imperador visava a mais alto: queria ser adorado como um deus. Depois de ter fechado os armazéns onde se guardava o trigo, declarou a fome no país. Nas prisões, era ele quem escolhia os prisioneiros destinados a serem lançados como pasto às feras. Incapaz de fixar sua escolha, ordenava que entregassem todos aos animais, "da primeira à derradeira cabeça raspada". Homens honrados foram marcados a ferro em brasa ou condenados a lutar na arena com os animais ferozes. Encerrava os condenados em gaiolas de ferro estreitas, onde não podiam manter-se de pé. A abominável crueldade de seus atos era sublinhada por monstruosas palavras, duma ironia atroz e imunda. Mandou dizer às suas irmãs banidas que possuía não somente ilhas desertas, "mas também espadas". Ao assinar condenações de morte, murmurava:

— Ponho minhas contas em dia. Quantas vezes não recomendou ao carrasco:

— Golpeie de maneira que ele se sinta morrer!

— Que me detestem, contanto que me temam! (Oderint dum metuant), tal era a sua divisa.

Um dia, no hipódromo, tendo o público preferido outro favorito ao seu, exclamou:

— Quem dera que o povo romano tivesse apenas um único pescoço!
Tinha por costume deplorar o bem-estar e a opulência de que gozava o país; seu reinado, pensava, seria depressa esquecido porque não fora atingido por nenhuma grande desgraça e por nenhuma derrota. Desejava que surgissem carestias, epidemias, a peste, incêndios e tremores de terra. Um dia, no decurso dum faustoso banquete, foi Calígula, de repente, abalado por uma crise de riso histérico. Dois cônsules, estendidos a seus lados, perguntaram-lhe respeitosamente a razão de sua hila-ridade.
— Rio — respondeu o imperador, — porque pensava precisamente que poderia com toda a facilidade mandar cortar a garganta de vocês I
Jamais depositava um beijo na nuca de sua esposa ou de sua amante, sem proferir docemente:
— Até mesmo esta cabeça adorável cairá assim que eu o ordenar.
Os funcionários encarregados de preparar a cerimônia anual do aniversário da batalha de Actium foram objeto de uma pilhéria sinistra. Parente ao mesmo tempo de Augusto e de Antônio, declarou Calígula:
— Se a cerimônia se realiza, ofende-se a memória de Marco Antônio, o vencido, e é preciso então que as cabeças dos organizadores caiam; mas se a cerimônia não ostentar todos os seus faustos, é a memória de Augusto a achincalhada e, neste caso, arriscam-se os funcionários a perder a vida!
Mas aos olhos de Calígula, era tudo isso coisa de somenos: queria desempenhar o papel de um deus. Não representar somente a efígie de um deus — sua estátua de ouro encontrava-se desde muito tempo no templo — mas ser ele próprio um deus vivo. Vestia-se com roupas que os escultores gregos tinham escolhido para honrar suas divindades. Entusiasmados, seus íntimos e seus cortesãos pela beleza desses trajes, passava Calígula, boneco vivo, a exibir-se diante do povo fantasiado de Hércules, de Baco, de Apoio ou de Júpiter. Era sob o disfarce de Júpiter que presidia o Senado; e pouco faltou para que o povo romano, cedendo ao terror, não o venerasse como a um deus! Decidiu por fim o Senado erigir, às custas do Estado, um templo à glória de Calígula!
Junto ao povo judeu, em contraposição, as pretensões do imperador tropeçaram em séria resistência. Quando funcionários romanos quiseram colocar no templo de Jerusalém uma estátua de Calígula, os judeus — governados por Roma — revoltaram-se. Se Calígula tivesse vivido mais tempo, a guerra com os judeus teria sido inevitável. No Egito, sublevações explodiram, quando se tentou introduzir nas sinagogas o culto do imperador. Calígula recusou receber a missão diplomática que, conduzida pelo célebre filósofo judeu Filon, foi a Roma apresentar queixa. Inventou Calígula banhos dum gênero novo, comidas ridículas e bebidas extravagantes. Seus navios de prazer, arranjados com um luxo inaudito, vagavam sobre o lago Némi, perto de Roma. (Há uns vinte anos, o esgotamento do lago Némi trouxe a descoberto restos saqueados de tais navios).
Mandou o imperador construir diques nos lugares mais profundos, cavar as rochas mais duras e elevar montanhas sobre terrenos insalubres e planos. Foram esses imensos trabalhos realizados em tempo recorde, porque qualquer lentidão no trabalho era punida de morte. Depois de um ano de semelhante "reinado", dissipara Calígula mais de dois milhões de sestércios, a totalidade do tesouro que Tibério lhe legara. Oprimiu então o país com

impostos insensatos. Foram os ricos obrigados a designar Calígula como seu "herdeiro". O homem que, depois de assinada tal declaração, tinha a audácia de continuar a viver, recebia invariavelmente, da parte de Calígula, uma guloseima envenenada. Por outra parte, encheram-se as arcas do Estado por meio de confiscações arbitrárias.

Na preocupação de cobrir-se de glória, transpôs Calígula o Reno. Mas reinava a calma naquelas províncias de além-Reno e os generais do imperador, com grande trabalho, viram-se reduzidos a reunir "prisioneiros voluntários". Os guardas de corpo germânicos foram soltos no campo, com ordem de se esconder, para serem depois "capturados". Sonhou então o imperador em conquistar a Inglaterra. Conduziu as legiões até as margens da Mancha e colocou-as em posições de combate.

Havendo nigligenciado completamente tomar as mais elementares disposições para o embarque de suas tropas, ordenou aos homens que apanhassem conchas! Algumas galeras, contudo, haviam chegado a destino e, numa delas, empreendeu o imperador um cruzeiro de recreio. Assim que regressou, enviou a Roma emissários encarregados de anunciar ao Senado suas gloriosas façanhas. O único testemunho dessa expedição é o farol de sessenta metros de altura que Calígula mandou construir em Boulogne-sur-Mer, e que só veio a ser destruído em 1544.

A 31 de agosto do ano de 40 depois de J. C. regressou Calígula a Roma para festejar seu vigésimo oitavo aniversário. Projetara partir para o Egito onde queria reinar, não como um deus, mas como um super-deus. Alexandria tomar-se-ia a capital do Império Romano. Mas antes quis demonstrar ainda uma vez aos nobres romanos quem era Calígula.

Se tinha esta altura, seu torso desproporcionado prolongava-se por compridas pernas magras. De pescoço comprido, seu rosto, duma palidez mórbida, mostrava olhos profundamente cavados nas órbitas e sua larga testa, de fontes fundas, tinha um aspecte sinistro. Seu crânio calvo contrastava ridiculamente com um corpo cabeludo.

— Eis a cabra! — murmurava-se à sua passagem.

Inútil acrescentar que eram essas palavras perigosas para os que as pronunciavam.

Calígula, diante de um espelho, procurava acentuar a feiúra já patente de seu rosto e exercitava-se em caretas horrorosas. Sofria de insônias e nunca dormia mais de três horas por noite.

A tempestade causava-lhe tal pavor que se refugiava debaixo da cama. Muitas vezes, vestia-se de trajes femininos e colava ao queixo uma barba de ouro. Na sua mão direita, segurava o raio, o tridente ou o caduceu, insígnia dos deuses. De noite, exibia-se em danças ou executava seus solos. Durante quanto tempo exerceu o poder esse imperador semi-demente? Fica-se tomado de terror, quando se recorda que reinou ele três anos, dez meses e oito dias! Ter-se-ia esse reinado abominável prolongado se, no círculo de seus oficiais, não se houvesse erguido uma mão vingadora. As torturas, os assassinatos, os impostos, os ultrajes revoltavam a lealdade, a retidão dos oficiais. Um deles, velho de passado militar glorioso, tribuno duma coorte de pretorianos, Cássio Queréia, que durante toda a sua existência nunca recuara diante de perigo algum, precipitou o fim. Tinha o imperador o hábito de confiar-lhe as tarefas mais delicadas e de ridicularizá-lo diante de seus camaradas. Saiu-se mal. Queréia preparou uma conjura a cuja participação só admitiu uns poucos comparsas. A 24 de janeiro do ano de 40 depois de J. C, encontrava, de tocaia,

num corredor subterrâneo do teatro.
Preparava-se o imperador para deixar o espetáculo, quando Queréia lhe assestou violento golpe de espada na nuca. Outro conjurado traspassou-lhe o peito. Dizem que Queréia exclamou:
— Assim é que teu destino se cumpre! Calígula, que se torcia de dores, gritou:
— Vivo ainda!
Mas trinta ferros o liquidaram. Um centurião assassinou Cesônia, sua esposa. A soldadesca rebentou o crânio de sua filha, atirando-a contra uma parede.
Quando a incrível notícia do assassinato de Calígula se espalhou pela cidade, ninguém ousou dar-lhe o menor crédito.
— É a cabra que manda circular o boato — murmurava-se — para experimentar nossa fidelidade e depois liquidar conosco. Para além da morte, o imperador demente ainda causava terror.

CLÁUDIO

"TU TAMBÉM NÃO PASSAS DE UM POBRE DIABO!"

> Achacado, medroso desde sua mais tenra infância e fingindo, por este motivo, ser mais tolo do que não o era realmente, tendo vivido a princípio sob a guarda de Lívia, sua avó, e, duma maneira geral, educado como o foi pelas mulheres, era desprovido da virilidade que caracteriza o homem livre. O senhor de Roma e do Império tinha, na verdade, uma natureza de escravo.
>
> DION CÁSSIO, livro LX, cap. II.

Na Antigüidade, Lugdunum (Lião) foi a capital da Gália que César'conquistara e a base principal das operações militares empreendidas contra os germanos pelo general romano Druso, irmão mais moço de Tibério. É permitido crer que Druso tivesse sido melhor imperador que Tibério, mas morreu duma queda de cavalo.

Foi em Lugdunum, a 1.° de agosto do ano de 10 antes de J. C, que Antônia, esposa de Druso, deu à luz um filho chamado Tibério Cláudio Druso.

Meio século mais tarde, no ano de 41 depois de J. C, Cláudio subiu ao trono imperial. Tio de Calígula, sobrinho de Tibério, perdera o pai quando ainda criança. Adolescente, sofreu numerosas doenças — hereditárias ou outras...

Se o consideravam, com justa razão, um homem de constituição fraca e de saúde débil, erro havia, porém, em crê-lo destituído de inteligência, e até mesmo fraco de espírito. É verdade que Antônia, sua mãe, afirmara que ele não passava de um "aborto que a natureza começara a formar, mas sem nunca terminá-lo".

— Mais estúpido do que meu filho Cláudio! — dizia ela, quando corrigia um indivíduo especialmente tolo. Augusta, sua avó, tratava-o com desprezo. Raramente lhe dirigia a palavra. Quando lhe passava repreensões, escrevia-as ou encarregava uma terceira pessoa dessa comissão. Quando Lívila, a irmã de Cláudio, compreendeu que estava ele destinado a reinar, chorou o infortúnio do povo romano. O imperador Augusto preocupou-se com a sorte desse rapaz, a respeito do qual escreveu:

— Não acabamos de ser duchados, mas inundados de suor frio!

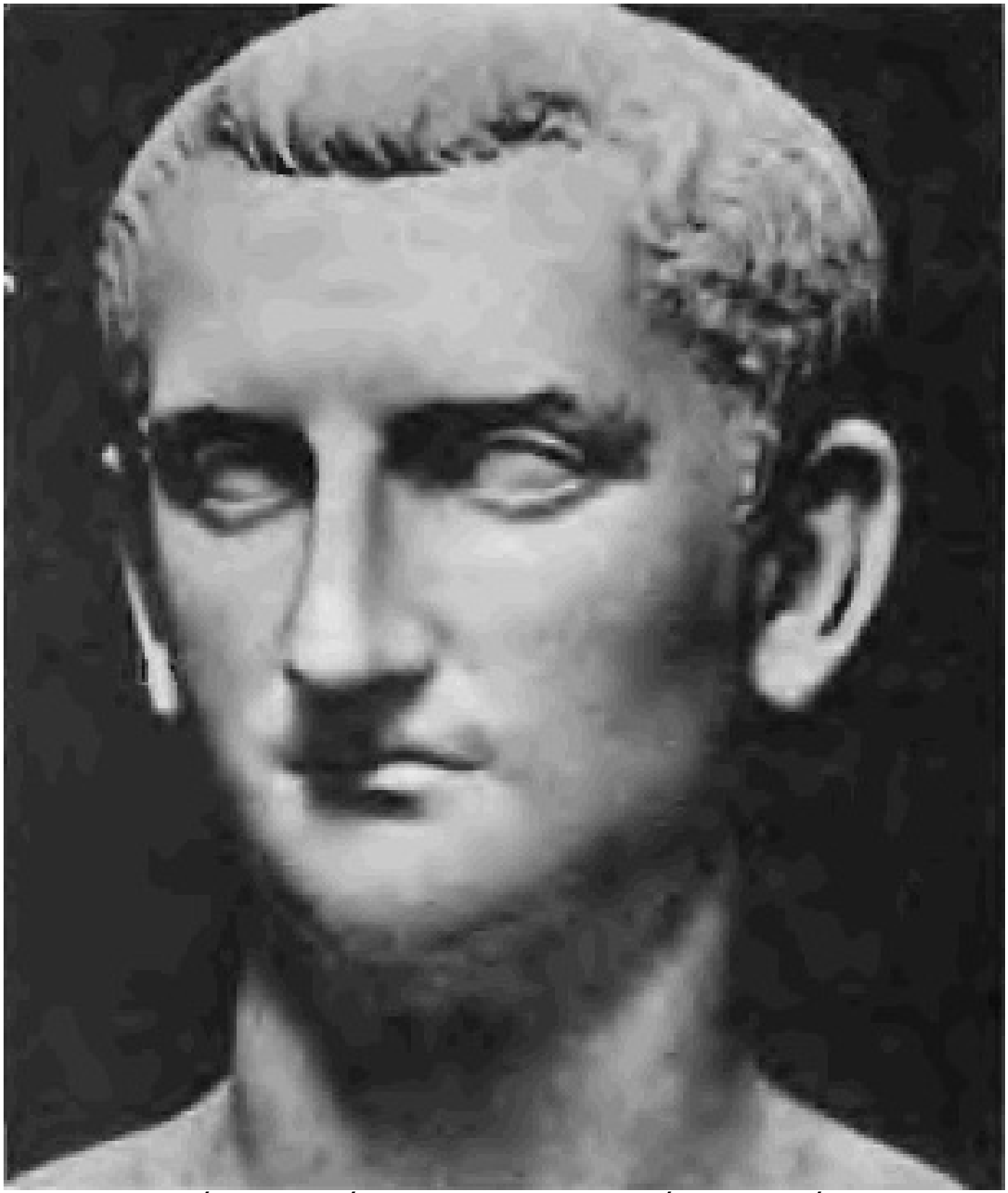
Recomendava que o fizessem sempre acompanhar dum conselheiro, "a fim de que não se comportasse jamais de maneira excessiva ou ridícula". Deu ordens para que, mesmo no circo, o jovem Cláudio jamais estivesse sentado no camarote imperial, de modo que o povo não lhe notasse a presença. No seu testamento, arrolou-o como um estranho entre os herdeiros do terceiro grau.

Quando o jovem Cláudio se dirigiu a seu tio para solicitar o cargo de cônsul, Tibério enviou-lhe quarenta peças de ouro para permitir-lhe divertir-se nas saturnais. Não o acreditava capaz de entregar-se a uma ocupação mais séria. Um incêndio destruiu completamente a casa de Cláudio. Tendo o Senado decidido reconstruí-la às custas do Estado, Tibério anulou o decreto. Declarou que pagaria os trabalhos com dinheiro de sua caixa particular, pois que Cláudio era na realidade um débil mental.

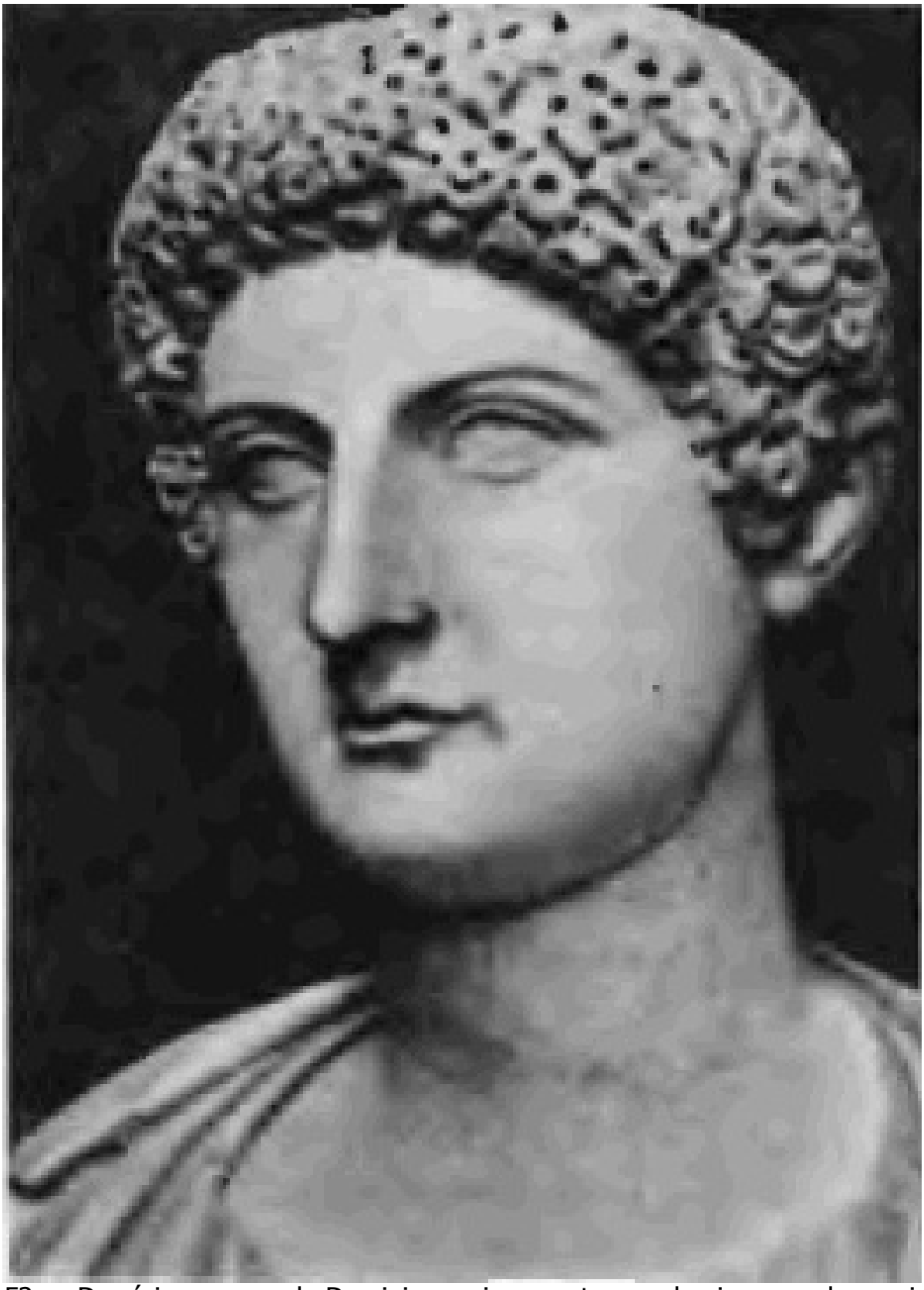
Quando designaram Cláudio para apresentar cumprimentos a seu sobrinho Calígula, por ocasião da descoberta de uma conspiração contra este último, encolerizou-se Calígula de

tal maneira que mandou lançar no Tibre aquele tio desprezado. Se Cláudio chegava atrasado às refeições, tinha de procurar muito tempo antes de encontrar um lugar desocupado. Durante as refeições, adormecia facilmente e os convivas se divertiam em bombardeá-lo com caroços de azeitona ou de tâmaras. Se começava a roncar, enfiavam-lhe chinelas nas mãos e quando ele acordava e queria esfregar os olhos, a assembléia ria a bom rir diante de seu espanto.

Sem atividades sérias e disciplinadas, vivia Cláudio retirado na sua vila situada na campanha .romana e passeava de bom grado pelos seus jardins. Gostava de beber; jogava muito e, como censurou-lhe Suetônio, ligava-se a indivíduos duvidosos. Mas foi Cláudio na verdade apenas um tolo? Teve como mestre o historiador Tito Lívio. Freqüentava sábios e eruditos gregos e estudava com eles a filologia e a fonética. Adquirira conhecimentos aprofundados da história. Foi autor de obras históricas do maior interesse que, infelizmente, se perderam. Imperador, introduziu no alfabeto latino três letras novas. Deve-se a diferença entre o u e o v que, até então, não era n:m admitida, nem usada.



GRAV. 51 — Nada é mais magnífico do que beleza e nada é mais agradável. "Suporto meu tédio com coragem, porque, jovem ainda, faz de mim um velho", escreveu o imperador Domiciano, a propósito de sua calvície. Imperador de 81-96 depois de J. C, perseguiu os cristãos e fez correr muito sangue.



GRAV. 52 — Domícia, esposa de Domiciano, viveu no temor da vingança de seu imperial esposo: O Imperador roubara-a de seu primeiro marido, Élio Lâmia. Domícia juntou-se aos conjurados e Domiciano foi assassinado.



GRAV. 53 — Este anfiteatro viu os jogos dos gladiadores e os combates de feras mais cruéis. Começado no reinado de Vespasiano, foi terminado o gigantesco anfiteatro no tempo de Tito e inaugurado com Jogos que se prolongaram por cem dias. Chamado "Teatro Flaviano", segundo o nome de família dos dois imperadores, recebeu o edifício, na Idade Média, o nome de "Coliseu", segundo a escultura colossal de Nero que se encontrava na proximidade. O teatro continha 87.000 espectadores sentados e 20.000 de pé, nas galerias. Os lugares sentados podiam ser protegidos do sol por enormes toldos. Dezesseis escadas e 80 arcadas conduziam para os lugares.

De certo é fácil conceber que aquela criatura estranha, à qual não se confiavam nem cargos nem funções, ridicularizada, achincalhada e oprimida, cujo criado era um palafreneiro brutal que se deleitava em torturá-lo, não poderia tornar-se mais tarde um

imperador ideal.
Atingira Cláudio os cinqüenta anos, quando um acaso singular o fez imperador. Calígula estava condenado. E os conjurados, para agir com toda a liberdade, afastaram as pessoas susceptíveis de contrariar seus projetos, Cláudio foi encerrado num pavilhão isolado.
Quando veio a saber do assassinato de Calígula, fugiu para o terraço e, tremendo de medo, ocultou-se atrás da pesada cortina duma porta. Um soldado, que atravessava a peça, avistou-lhe os pés por baixo da cortina. Tirou Cláudio de seu esconderijo, lançou-se a seus pés e saudou-o com o título de Imperator. Levou-o ao quartel dos legionários, que o colocaram sobre uma liteira e o acompanharam ao acampamento. Abatido, tremendo de medo, não compreendeu Cláudio imediatamente o que estava acontecendo. Os passantes que reconheceram a liteira pensaram que o levavam para o suplício. A multidão romana, aglomerada nas ruas e nas praças, reclamava barulhentamente um novo imperador. O Senado se reuniu e discutiu para saber se não era mais prudente encarar o fim do Império! Mas era tarde demais. Estavam os soldados resolvidos a prestar juramento a Cláudio, que deu seu assentamento. Prometeu pagar a cada um dos legionários a soma de quinze mil sestércios. Essa promessa marcou data na história romana.
No futuro, nenhum imperador pôde começar a reinar sem oferecer à guarda uma soma de dinheiro. Muitas vezes, a duração dum reinado dependeu do valor do dom.
Cláudio inaugurou seu reinado assinando larga anistia. Elevou sua avó Lívia à dignidade de deusa. Não jurou mais senão pelo nome de Augusto, querendo prestar homenagem à memória de seus antepassados.
Surpreendido, siderado mesmo, compreendeu o povo em breve que Cláudio estava possuído duma paixão estranha. Sua maior alegria, encontrava-a no exercício das funções de juiz. Dirigia habilmente os interrogatórios, pronunciava as sentenças e os calores mais acabrunhantes não o impediam de presidir o tribunal.
Suas reações eram sempre imprevisíveis. Por vezes, mantinha uma atitude refletida e circunspecta, a maior parte das vezes parecia pueril e comportava-se como um idiota. Um dia, recusando uma ré reconhecer seu filho, obrigou-a a confessar, ordenando-lhe que casasse com o adolescente. Quando uma parte de um processo não comparecia, optava sempre em favor da parte presente.
Fica-se estupefacto ao verificar até que ponto, bem muitas vezes, foi mdulgente o juiz imperial. Um dia, quando uma testemunha devidamente citada no correr dum processo teve de desculpar-se, fez seu defensor notar simplesmente que a dita testemunha se encontrava impossibilitada de comparecer. Só depois de um interrogatório cerrado é que o defensor, com toda a insolência, acrescentou:
— Esse homem está morto, penso que era livre de agir dessa maneira!
Outro advogado, com ênfase, agradeceu ao imperador ter obtido autorização de defender um acusado e, friamente, acrescentou:
— Se bem que a defesa seja um direito absoluto!
Os advogados, como se pode verificar, abusavam da paciência de Cláudio. Quando suspendia éle a sessão, chamavam-lhe a atenção dando gritos e gesticulando e o retinham pela toga ou por uma perna. Um grego apostrofou-o nestes termos:
— Tu também não passas de um pobre diabo!

Um romano acusado de luxúria criminosa e de proxenetismo, contra o qual estavam citadas prostitutas como testemunhas de acusação, atirou tabuinhas e furador na cara do imperador. Tratou-o de simplório e de cruel e feriu-o gravemente na bochecha. Os funcionários encarregados da instrução dos processos eram negligentes e preguiçosos. A venalidade da justiça, absoluta.

Homens a quem o imperador censura seu celibato provavam que eram pais de família; um adolescente, acusado de tentativa de suicídio, tirava a roupa calmamente diante do tribunal para mostrar seu corpo indene de vestígios de punhaladas. Depois, um dia, tomou o imperador o hábito de censurar tal ou qual personagem porque, "sem que o imperador tivesse sabido", ou "sem que o tivesse mandado embora", deixara a Itália. Essa lei era recente porque, antes, tinham os romanos liberdade de viajar à sua vontade.

Mas Cláudio foi outra coisa além de um juiz ridículo de idéias ora tolas, ora geniais. Aplicava-se com seriedade em dirigir os negócios do Estado e, no decorrer de seu reinado, executou um trabalho notável e eficiente. A jurisprudência das províncias, notadamente, deve-lhe múltiplos melhoramentos. Concedeu o direito de cidadania romana a numerosos gauleses. Em Lião, cidade natal de Cláudio, encontrou-se uma tabuinha de bronze onde se acha inscrita a alocução por ele dirigida a esse respeito no Senado. Teodoro Birt pretende, aliás, que no que se refere às atividades e aos progressos do domínio político e administrativo, ultrapassou o pobre Cláudio em cem côvados um Tibério ou um Calígula. Devia Cláudio esses resultados tangíveis, em grande parte, ao liberto Narciso, a quem encarregara de dirigir a chancelaria da corte. Possuía Narciso uma inteligência clarividente e positiva; ocupava-se ativamente com os negócios administrativos, e sem levar em conta explosões de humor ou idéias fantasistas de seu senhor. Com um cuidado consciencioso, vigiava Cláudio o abastecimento de Roma. Por ocasião dum incêndio, que se propagara a um quarteirão da cidade, mandou reunir todos os cidadãos, dominado o sinistro, recompensou pessoalmente cada romano de acordo com os esforços que fizera para extinguir o fogo, tirando de cestas postas a seu lado moedas de ouro. Nos meses de inverno, ficava assegurado o abastecimento de trigo. Concedia créditos e compensações pela construção dos navios mercantes e mandou recolocar em estado de servir o porto, entulhado de areia, de Óstia, trabalho que na época, apresentava problemas de ordem técnica extremamente difíceis os quais César em vão procurara resolver.

As fontes das montanhas foram captadas e, numa distância de sessenta quilômetros, levadas a Roma até o Monte Palatino.



GRAV. 54 — Eis um aspecto dos intermináveis corredores subterrâneos das Catacumbas

de Domitila. Em 95 depois de J. C., o imperador Domiciano acusou Flávio Clemente e Flávia Domitila, pais de seus filhos adotivos e sucessores, de serem favoráveis ao cristianismo. Clemente foi executado. Domitila e sua sobrinha do mesmo nome, banidas. As duas mulheres, bem como numerosas vítimas das perseguições de Domiciano foram enterradas nas catacumbas de Domitila, perto da Via Ardeatina, em Roma. Nos muros, à esquerda e à direita, encontram-se esqueletos.

que, outrora, era alimentado por cisternas. A aqua Claudia permaneceu até nossos dias como uma das construções romanas mais grandiosas. Trinta mil operários trabalharam durante onze anos no canal alimentado pelo lago Fucino. Antes de efetuar a junção entre o canal e as águas do lago, ordenou Cláudio a representação deslumbrante de uma batalha naval. Os homens que participavam desse combate gritaram:

— Ave, Imperator, morituri te salutant! (Salve, César, os que vão morrer te saúdam!)

E o imperador respondeu:

— A menos que não morram antes!

Compreenderam os homens obrigados ao combate que ele os agraciava e fingiram travar combate. Cláudio então, de um salto, levantou-se e, com seu andar irregular, deu a volta insultando os combatentes. Uma esquadra siciliana deveria medir-se com uma esquadra de Rodes. Cada esquadra compreendia doze navios de três pontes. Movido por um mecanismo complicado, um tritão de prata se ergueu no centro do lago e soprou numa concha para anunciar o começo das hostilidades. O imperador ofereceu ao povo subjugado espectáculos grandiosos, magníficas caçadas às feras cuja crueldade era reconhecida e apreciada. Eram as festas do Circo Máximo atrações de primeira ordem para o povo romano, ávido de sensações fortes. Conheciam-se as corridas de carros, quadrigas ou outros, e as caçadas aos animais selvagens da África. Cavaleiros tessálios perseguiam touros e, quando os animais ficavam esgotados, os cavaleiros saltavam-lhes na nuca, agarravam-nos pelos cornos para pregá-los no chão. Era pronunciando as palavras seguintes que o imperador anunciava os jogos de gladiadores de pequena envergadura:

— Convido o povo a um festim preparado às pressas e, por assim dizer, imprevisto!

Afável, encorajava o povo a divertir-se e entregava pessoalmente moedas de ouro aos vencedores.

Empreendeu o imperador Cláudio uma única expedição militar. Partindo do porto de Óstia, desembarcou em Marselha. Atravessou a Gália e conduziu suas tropas até a Mancha, passou o estreito e, em alguns dias, conquistou a parte meridional da Inglaterra sem derramar uma só gota de sangue!

Seis meses mais tarde, fazia sua entrada triunfal em Roma. Narciso havia preparado perfeitamente a campanha. Com efeito, Cláudio havia-o enviado como emissário para incitar as legiões, confortavelmente acantonadas nas fronteiras do Reno e pouco presurosas em combater, em participar da expedição inglesa.

Demonstrações públicas, com grande barulho, de benevolência e de generosidade, depois acordos, regulamentos pequenos e mesquinhos, sem ordem, sem lógica, misturados, sucediam-se no seu reinado. Proibição a certos indivíduos de se ausentarem de Roma a mais de três léguas. Velhos recebiam condecorações procuradas pelos jovens, e as valorosas insígnias de triunfo foram distribuídas aos milhares. Num édito, ao lado de

decretos oficiais importantes, recomendava à população um remédio contra a tosse. Mestres eminentes abandonavam em Esculápio, pequena ilha situada no Tibre, em Roma, os escravos enfermos ou atacr.dos de moléstias incuráveis. Cláudio decretou que, em caso de cura, fossem esses escravos libertos. O imperador mandou expulsar os judeus de Roma "porque, atiçados por Cresto, fomentavam sem cessar perturbações". Os Padres da Igreja muitas vezes interpretavam o nome de Cresto como sendo o de Cristo. A expulsão dos judeus efetuou-se no ano de 49. Ora, o Cristo foi crucificado sob o reinado de Tibério.
Cláudio autorizava no espetáculo os embaixadores germânicos a tomarem lugar nos camarotes de orquestra, isto é, nos melhores do teatro. A que razão obedecia ele? Um dia, haviam instalado os germânicos nos lugares do anfiteatro reservados ao povo e verificaram eles que os partas e os armênios ocupavam os camarotes senatoriais. Declararam os germânicos com orgulho que, pela coragem e pela bravura igualavam a partas e armênios e, sem mais, desceram para os camarotes de orquestra. E Cláudio deu seu assentamento.
Era com muita despreocupação e leviandade que o imperador pronunciava e assinava as condenações à morte. Trinta e cinco senadores e mais de trezentos cavaleiros romanos foram executados num só dia. Era Cláudio tão distraído, sua memória era tão fraca que, pouco tempo depois desses massacres, tudo esquecera! Convidava às vezes defuntos para uma festa e se espantava muito, quando lhes notava a ausência ali!

Seu apetite era insaciável; e, quando após as refeições, repousava, estirado de costas, a boca aberta; introduziam-lhe escravos uma pena na garganta para libertar-lhe o estômagol Repousando pouco à noite, adormecia durante as sessões do tribunal de justiça. Podiam os advogados elevar a voz, mas não conseguiam, durante os debates, despertar o juiz supremo. As atividades e o comportamento do imperador eram, definitivamente, inspirados por influências secretas e tenebrosas em que se reconhecia o espírito dos libertos e das mulheres, das .quais a mais célebre foi a temível Messalina.

CLÁUDIO E MESSALINA

POR QUE A IMPERATRIZ NÃO VEM À MESA?”

Jamais encontrando resistência, cansou-se de suas intrigas amorosas.
TÁCITO, "Anais", livro XI, cap. XXVL

Alto e delgado, não era o imperador Cláudio o que se chama vulgarmente um homem magro. Certa dignidade desprendia-se de sua pessoa, a despeito de seu andar um pouco canhestro e cambaleante. De modo que se mostrava com mais vantagem, estendido num leito de repouso. Em contraposição, seu riso era grosseiro e barulhento e, disseram, obsceno. A cólera fazia-lhe subir espuma aos lábios. Estava também, sem cessar, com o nariz a pingar. Além disso, zezeava e sua cabeça vivia continuamente agitada por um tremor nervoso que se acentuava mais sob o efeito duma exaltação qualquer. Exceto uma afecção crônica do estômago, que lhe causava atrozes sofrimentos, era sua saúde, pode-se dizer, boa.

Seu gosto pela crueldade devia ser bastante pronunciado, porque somente de má vontade é que renunciava a dirigir pessoalmente os interrogatórios dos casos mais horríveis, ele que jamais deixava de assistir às execuções capitais. Um dia, deu-lhe vontade de observar uma execução que se realizaria segundo o método antigo. Ausente o carrasco, vigiou o dia inteiro o criminoso, amarrado a um poste, e só partiu à noite, quando outro carrasco, mandado buscar às pressas, acabou a sinistra tarefa. Durante as execuções maciças, tranqüilizava sua consciência ordenando que se virasse a estátua de Augusto, de modo que o clemente imperador não pudesse ver a efusão de sangue. Seu prazer predileto entre todos era o espetáculo dos combates de feras e de gladiadores que, sob o sol ardente, sem armas, tinham de lutar até morrer. Os gladiadores que combatiam em pleno dia, sob o sol queimante do meio-dia, chamavam-se meridiani. O decreto de Augusto, estipulando que os gladiadores deviam parar o combate antes de executar a morte, foi abolido.

De manhã cedo, instalava-se Cláudio no circo e, durante os longos intervalos, quando o povo partia para restaurar-se, ficava no seu lugar. O imperador, que não dispunha sempre dum número suficiente de gladiadores, condenava a lutar na arena, pela menor disputa, pela menor desatenção, pelo mais ínfimo pecadilho, os cenaristas, os maquinistas e os operários que trabalhavam no circo.

Para naturezas como a sua, o pendor pela crueldade aumenta com o medo e a desconfiança. Jamais Cláudio visitou um doente sem que antes tivesse cuidadosamente inspecionado o quarto, a cama e as cobertas. Na mesa, só estava plenamente à vontade, quando os guardas o cercavam, armados de suas lanças. Todas as pessoas recebidas pelo imperador eram obrigadas a submeter-se a uma busca minuciosa. Só à força de observações reiteradas, quanto à grosseria dessas medidas policiais, é que admitiu por fim que as mulheres, as moças e as adolescentes ficassem isentas dessa humilhação. O imperador queixou-se muitas vezes de não se sentir em parte alguma em segurança.

Durante todo o seu reinado, aquela criatura inquieta e estranha foi dominada pela influência

dos libertos e das mulheres. Em certas épocas de sua vida, Cláudio foi apenas um instrumento dócil, obediente aos interesses e aos caprichos daqueles dois grupos. O eunuco Posides, os libertos Félix e Harpocras, Palas, o administrador das finanças e, sobretudo, Narciso, o secretário do gabinete, tramavam na corte as intrigas mais sutis. Em pouco tempo, tornaram-se os homens mais ricos de Roma. Cláudio casara-se duas vezes. Repudiou Emília Lépida, que era virgem, e perdeu Lívia Medulina, que caiu gravemente doente no dia de suas núpcias. Se contraiu dois casamentos, divorciou-se de sua primeira mulher que o importunava com embrulhadas infindáveis, depois da segunda, porque a acreditava corrupta e debochada e suspeitava, além disso, de ter tentado assassiná-lo.



GRAV. 55 — O Fórum de Nerva, em Roma. Acabado por Nerva. íoi construído no reinado de Domiciano. Dele só existem duas colunas com um fragmento do friso. Na frente, à esquerda, apresenta esse maravilhoso friso uma mulher e seu fuso. Diante dela, estão de pé moças fiando. No plano de fundo, à direita sobre o friso, vê-se um jovem Netuno com três moças. A esquerda uma jovem mantém-se de pé diante de uma deusa sentada. Um epigrama de Marcial nos dá a conhecer que, no Fórum de Nerva, houve também livrarias.



GRAV. 56 — Descobriu-se na "vila" Ludovisi, em Roma, o sarcófago de um general romano e, por esta razão, deram-lhe o nome de "Sarcófago de Ludovisi". No centro, ao alto, mantém-se o general de pé, estendendo o braço. Parece que os adversários vencidos sejam cavaleiros asiáticos, reconhecíveis por seus capacetes, semelhantes a bonés com pontas.

Desposou então a filha de seu primo Barbatus Messala, Valéria Messalina. Quem foi na realidade essa mulher cujo nome, ainda em nossos dias, vive maculado dum renome tão duvidoso? Quando Cláudio foi eleito imperador, tinha ela apenas dezessete anos. Era então trinta e três anos mais moça que seu esposo. Flexível, talhe esbelto, sua cabeleira deve ter sido provavelmente dum belo louro veneziano, mas não se pode afirmá-lo, porque Juvenal suspeitava que ela usasse peruca. Tinha um temperamento apaixonado e violento. Messalina deu à luz um sucessor ao trono e foi mesmo o único ato de valor histórico que realizou! Esse nascimento, todavia, foi da mais alta importância, porque não esqueçamos que nem Tibério, nem Calígula, tiveram descendência direta. Cláudio ficou radiante. Chamou seu filho Britânico, como lembrança de sua façanha militar, sua famosa conquista da Inglaterra! Messalina, que dera ao mundo esse precioso menino, tinha licença de satisfazer todos os caprichos que lhe passassem pela cabeça. Não se privou disso. Teve relações amorosas indignas de sua posição com os homens mais diversos: gladiadores, dançarinos, ociosos conhecidos pela sua beleza ou, se lhe dava a veneta, com os que a fascinavam pela sua feiúra. Para lograr os seus fins, utilizava as irresistíveis vantagens que lhe conferia sua posição soberana, e o imprudente que ousasse resistir-lhe era vítima de sua implacável vingança, porque Messalina não recuava jamais diante do assassinato.

Para obter o dinheiro necessário à sua libertinagem, conseguiu subsídios dum comércio florescente: cartas de cidadania, lugares de funcionários e outros favores conversíveis em moedas.

Ora, em função de sua facilidade, os melhores jogos acabam por cansar; e um dia, Messalina, que não encontrava resistência alguma nas suas aventuras da parte de seus

cúmplices, entregou-se a vícios que antes, mesmo em Roma, eram ignorados.
Admitia Cláudio todos os seus destemperos e não via naquilo nenhum inconveniente. Messalina lançou suas vistas sobre o Apoio mais belo de Roma, Caio Sílio. Destruiu seu casamento e tomou-o como amante. De certo, media Sílio os riscos que tal jogo comportava, sabia também que seria ainda mais perigoso a ele recusar-se. Cumulado de presentes suntuosos e na esperança de que os caprichos imperiais acabariam mesmo rarefazendo-se, decidiu simplesmente gozar do instante presente! Parecia também que Messalina tivesse perdido o gosto das intrigas secretas e preferia escandalizar a cidade inteira. Por essa razão, não largava mais Sílio, exibia-se em público a seu lado e, acompanhada de sua comitiva, visitava-o em sua casa. Tácito escrevia:
"Os escravos, os libertos, a corte imperial reuniam-se em casa do amante, como se o trono já lhe pertencesse."
Ignorava Cláudio o adultério de sua mulher ou fingia nada saber? Messalina e Sílio não impuseram mais freio algum à sua escandalosa conduta. Sílio era de opinião que se deveria reagir imediatamente contra um perigo ameaçador, opondo-lhe um perigo tão evidente quanto real. Não queria esperar a morte do velho Cláudio e decidiu desposar Messalina (que tinha então vinte e quatro anos) e adotar Britânico!
Em boa e devida forma, celebraram Messalina e Sílio suas bodas.
Messalina, bígama, acreditava que o imperador pediria o divórcio. Mas Cláudio permanecia mudo, sem reação. Se Roma estava ao corrente da escandalosa afronta, é possível que ninguém ousasse anunciar ao imperador o monstruoso crime; e Tácito talvez tivesse razão quando escrevia que o imperador Cláudio ignorava tudo do novo casamento de Messalina! Ora, Narciso, o secretário do gabinete imperial, era não somente um intrigante de primeira força, mas também excelente funcionário. Desde muito tempo, via com maus olhos a ingerência de Messalina nos negócios do Estado. Por ocasião duma estada do imperador em Óstia, incitou as duas amantes de Cláudio a lhe anunciarem a notícia. Calpúrnia lançou-se aos pés do imperador e lhe disse:
— Messalina celebrou suas núpcias com Silio!
A outra mulher confirmou a veracidade de sua palavras. Calpúrnia conjurou o imperador a interrogar Narciso. O secretário revelou-lhe a verdade.
— Ignoras que foste divorciado? O povo, o Senado, o exército assistiram às núpcias de Messalina e de Sílio. Se não reagires, e imediatamente, Roma será de Sílio.
Aproximava-se o outono. Messalina, na festa das vindimas, participava de uma bacanal. Mais degradada do que nunca, no meio das dançarinas cobertas de peles de animais, apareceu, com os cabelos desfeitos, ao lado de Sílio, coroado de hera. Um tal Valente, antigo amante de Messalina, trepado numa árvore, gritou:
— Um furacão aproxima-se do lado de Óstia.
Com efeito, Cláudio, seguido duma tropa de pretorianos, colocada sob o comando de Narciso, voltava de Óstia. Ora, Cláudio não estava possuído da justa cólera do justiceiro, nem do herói corajoso, meditando sua vingança; tinha, pelo contrário, grande medo de morrer. Perguntava a seus amigos se era ainda imperador!
Teve então Messalina a idéia de ir-lhe ao encontro. Subitamente, encontrou-se sozinha; Sílio excusara-se, sob um vago pretexto de negócios no Fórum. Empoleirada numa carroça

cheia de estéreo, tomou a estrada para Óstia. Ninguém tinha compaixão dela; só se lembravam de suas vergonhosas orgias. Perdido em seus pensamentos, o imperador rodava para Roma. Agitava-lhe a cabeça um tremor nervoso e, quando Messalina se aproximou, fingiu não a ver.

Acompanhada de sua mãe, refugiou-se Messalina no jardim de Lúculo. Pela primeira vez na sua existência, sentia-se verdadeiramente desamparada. Só soube suplicar. Sua mãe aconselhôu-a a suicidar-se para não esperar o carrasco. Mas o desregramento e as perversões haviam enfraquecido sua vontade; ignorava o mais elementar sentimento de honra. Antes que houvesse ela recuperado o domínio de si mesma, os esbirros, aos quais tinha Narciso recomendado celeridade, chegaram ao local. Tremendo, Messalina, agarrou uma espada e aplicou-a à garganta, depois apoiou-a sobre o peito. Mas faltou-lhe a coragem.

Um dos esbirros executou a sinistra tarefa. Cláudio estava à mesa, quando soube da notícia. Não lhe comunicaram nenhum pormenor e ele, aliás, não fez pergunta alguma. Um escravo estendeu-lhe uma taça e ele bebeu como de costume. De repente, pareceu lembrar-se de algo de anormal e perguntou:

— Por que a imperatriz não vem à mesa?

Diante de seus soldados, o imperador (estava com cinqüenta e oito anos) declarou:

— Não tendo tido jamais felicidade em meus casamentos, decidi não mais tomar esposa. Se não mantiver minha palavra, tereis o direito de suprimir-me!

Mal pronunciou estas memoráveis palavras, pôs-se à procura duma nova esposa. Retomou certo interesse por Petina, que havia repudiado outrora. Levou a efeito discretos contactos com Lólia Paulina, a antiga esposa de Calígula. Mas, definitivamente, foi a ambiciosa Júlia Agripina a vencedora. Júlia era a filha de Germânico, o irmão de Cláudio. Com trinta e três anos, fria, calculista, sem coração, utilizava seu parentesco com Cláudio para perturbar por meio de carícias e beijos o homem que envelhecia! Uma união com Agripina teria podido ser considerada como um incesto e para obviar a dificuldade cuidou Cláudio de que o Senado o "obrigasse" a desposar Agripina, upara bem do Estado". A partir desse momento, declararam-se legais as uniões entre tio e sobrinha. "Roma ficou como que transformada. A vida romana dependia da vontade de Agripina! Não foi, como para Messalina, um jogo de simples caprichos: governava ela duma maneira severa e resolutamente viril."

Foi esta a descrição, que fez Tácito nos Anais, da atmosfera de Roma. Sem que Cláudio o soubesse, foi Agripina a verdadeira senhora de Roma. Enquanto que Messalina não se interessava absolutamente por política, Agripina a ela se consagrou apaixonadamente.

Relata também Tácito que, tendo a imperatriz nascido na "capital dos Übios", ali fundou uma colônia de veteranos. Graças a ela, e não a Cláudio, foi que a cidade, no ano de 50 depois de J. C, recebeu o nome de colônia Agrippinensis, a cidade de Colônia (Kòln).

Essa nova união tornou-se escandalosa. Cláudio, como sempre distraído, continuou a chamar Agripina sua "filhinha", sua "filha adotiva". Não se privava de contar a quem quisesse ouvi-lo que, desde o nascimento de Agripina, a havia embalado em seus braços e que a havia, a bem dizer, criado. Os romanos, apesar de tão degradados e corruptos, não puderam admitir aquele incesto legitimado.

Visava Agripina a um objetivo preciso. Queria assegurar a sucessão do Império para Nero, seu filho dum primeiro leito. Para lograr os seus fins, todos os meios lhe pareceram bons. Conseguiu fazer admitir o noivado de Nero, da idade de doze anos, com Otávia, a filha de Cláudio. Nero tornou-se então, ao mesmo tempo, o enteado e o genro do imperador e, dessa maneira, sua pretensão ao trono igualava a de Britânico, filho e sucessor de Cláudio. Tímido de natureza, Britânico foi sendo lentamente posto de lado, enquanto que Nero era preparado para as grandes tarefas que os esperavam. Teve Sêneca como preceptor. Cláudio adotou Nero e lhe concedeu o título de príncipe.

Tendo atingido suas pretensões, esforçou-se Agripina por manter e garantir as vantagens adquiridas. Era preciso agir depressa, porque não ignorava que numerosas pessoas na corte haviam desmascarado o seu jogo. Sabia também que os crimes que cometera, se o eco viesse a chegar aos ouvidos do imperador, poderiam alienar-lhe sua benevolência. Um dia, ao jantar, fez servir a seu esposo cogumelos, seu prato preferido. Continham um veneno terrível que provocava a princípio perturbações mentais e em seguida a morte. Assegurara-se Agripina os serviços da célebre Locusta, envenenadora hábil e muito procurada pela sociedade romana.

Conta-se que após a absorção daquele prato, perdeu Cláudio o uso da palavra. Durante a noite inteira, dores atrozes o torturaram. Ao romper da aurora, morreu. Segundo outra versão, pôde vomitar imediatamente os cogumelos envenenados, mas numa papa, ou com auxílio de um clistér, ter-lhe-iam administrado nova dose do tóxico.

Agripina mandara fechar e vigiar por guardas todas as entradas do palácio. A fim de que o inocente Britânico não adivinhasse, como mais tarde Hamlet, que haviam assassinado seu pai, conservou-o apertado contra o seu seio, como se, desvairada de dor, tivesse sede de consolação.

A 13 de outubro do ano de 54, abriram-se as portas do palácio imperial. Nero, com dezessete anos, apareceu. Os soldados o aclamavam. Nas ruas, as comadres espalhavam que, durante a derradeira sessão no palácio de justiça, tinham ouvido Cláudio afirmar mais de uma vez que tocava no limite de sua existência. Tinham avistado também um cometa. E o raio caíra sobre o mausoléu de seu pai! Eram, não havia dúvida, os presságios da morte.

NERO

ERA VERDADEIRAMENTE UM POETA

> Tive em minhas mãos tabuinhas e cadernos de versos bem conhecidos escritos pela sua própria mão. À primeira vista, verifica-se que não são nem emprestados de terceiros, nem escritos sob ditado de outrem, mas compostos por uma criatura que refletia com inteligência e que criava então com seu próprio esforço.
>
> SUETÔNIO, "Nero", LIL

Completava Agripina seu quadragésimo ano. Até então, consagrara toda a sua existência a um único objetivo: assegurar, através de todas as vicissitudes, o trono a seu filho Nero. Co-regente de Cláudio, tornava-se, depois de havê-lo suprimido, a verdadeira senhora de Roma. Optima mater (a melhor mãe): era assim que Nero chamava, na noite de 13 de outubro do ano de 54 depois de J. C, aquela mulher que, naquele mesmo dia, perpetrara um assassinato.

— Nosso imperador é um orador medíocre! — cochichava a plebe, sorrindo.

— É nosso primeiro regente cujos discursos são feitos por outros!...

Mas o jovem Nero permanecia imperturbável. Nas exéquias de Cláudio, Nero Cláudio Augusto Germânico, filho adotivo de Cláudio, devia pronunciar o panegírico à memória do falecido. Antes de sua adoção pelo imperador, era Nero conhecido pelo apelido de Ahenobarbus, já usado por Domício, seu pai, que tinha o pêlo ruivo. No rosto de Nero, aos dezessete anos, via-se esse mesmo pêlo ruivo.

No seu discurso, fez alusão à linhagem antiga da casa imperial. Enumerou os títulos de glória dos antepassados, os consulados gloriosos e os triunfos conquistados, sem se esquecer de exaltar o período de paz de que Roma gozara durante o reinado de Cláudio.

Confusos, os senadores conferiram a Nero o título de pai da Pátria. E quando recusou ele essa honra insigne, alegando sua extrema mocidade, causou de certo a melhor impressão.

Todavia, quando se pôs a fazer o elogio da sabedoria e da circunspecção de seu predecessor, ultrapassou a medida. Sorrisos surgiram nos rostos dos ouvintes e ninguém conseguiu manter a seriedade. Os mexericos, as falinhas, as histórias licenciosas e escandalosas circulavam, se possível, mais rapidamente em Roma do que em nossos dias em Londres, em Paris ou em Washington! Os criados espalhavam as notícias que bisbilhotavam em casa de seus senhores. Não estava Roma bastante edificada a respeito do que tinham podido ser a "sabedoria" e a "circunspecção" de Cláudio? E ao ouvir tão belas palavras da boca mesma de Nero, filho daquela Agripina que... Comentava-se, a portas fechadas, o envenenamento criminoso do imperador.. . Isso dava o que pensar.

Precisemos desde logo que aquele maravilhoso discurso era obra do filósofo Sêneca, preceptor, amigo e conselheiro de Nero. Sêneca, homem de talento, conhecia bem o gosto e as necessidades de seus contemporâneos e não ignorava o que Roma esperava de Nero. Não ignoravam tampouco os romanos quem fosse o autor do panegírico que Nero teria sido incapaz de compor. Tiveram simplesmente a oportunidade de comprovar, através

daquela capciosa dialética, que o imperador era sobretudo um orador medíocre! Mais tarde, virão a saber que cultivava também a arte do canto.
Já mimada na matéria, aplaudira Roma os oradores mais eloqüentes que tinham brilhado no Fórum. Ouvira Cícero e César, senhores da palavra, depois Augusto, cujo espírito fora dotado dum poder inigualado. Com efeito, foi Augusto um orador excepcional. Se tinha Tibério o hábito de medir suas palavras, seus discursos ambíguos sempre se revelaram duma elegância e dum rigor perfeitos. Mesmo Calígula, padecendo de forte gagueira, soube discorrer muitas vezes com arrebatamento! Quanto a Cláudio, seus períodos, suas expressões, escolhidas e eruditas, haviam sem cessar impressionado seus ouvintes. Nero? Que era, pois, em definitivo, aquele adolescente encarregado de conduzir os destinos do império? Sabia com habilidade manejar o cinzel do escultor; pintava; tomava lições de canto. Se nutria secreto pendor pelas corridas de carros, compunha também poemas! Que importava que lhe faltasse eloqüência! Roma esperava, de uma criatura tão dotada, o êxito mais perfeito. A Cidade Eterna estava a isso habituada! Todas as vezes que um imperador era levado ao campo de Marte, à sua derradeira morada, e novo imperador havia desempenhado perfeitamente a comédia do luto, tinha Roma por costume esperar com o recém-vindo a vinda de tempos melhores! Fez Nero belas promessas. Declarou que, não conhecendo inimigos, não tendo sofrido nenhuma ofensa, subia ao trono de coração puro e liberto de qualquer idéia de vingança! Queria abolir o favoritismo, pôr fim à corrupção dos funcionários, deter a caça às prebendas e sanear a justiça. Pouco preocupado em empreender campanhas militares, garantia ao Senado total liberdade de ação. Como seus predecessores, invocava como modelo Augusto, única estrela verdadeiramente clemente na constelação dos césares romanos.
Mas antes de realizar esses belos e louváveis propósitos, era indispensável regularizar os negócios de família! Britânico, o próprio filho do imperador Cláudio, continuava vivo, e talvez pudesse vingar o assassínio de seu pai. Britânico existia, bem vivo, e sua presença constituía perpétuo perigo para Nero. Durante as saturnais, em boa e jovial companhia, pediu Nero a Britânico que cantasse uma melodia. Estava convencido de que o adolescente se cobriria de ridículo. Mas Britânico, seguro de si e confiante, cantou uma canção terna, fazendo alusão à sua desgraça, quando o haviam suplantado na sucessão ao trono, depois excluído do império legado por seu pai. Foi provavelmente naquele instante que Nero decidiu fazer desaparecer seu meio-irmão. Dirigiu-se a Júlio Polião, tribuno duma coorte de pretorianos, que havia detido Locusta, a célebre envenenadora. Fez pressão sobre ele e ameaçou Locusta de mandá-la executar, se não lhe arranjasse um veneno, a fim de que ele, Nero, pudesse ter paz. Preparou ela uma mistura composta de tóxicos tão violentos que deviam agir com a rapidez do raio.
Imagine-se a cena, tal como a história, em todos os seus pormenores, no-la transmitiu: na mesma sala do imperador, as crianças reais, e entre elas Britânico, tomavam sua refeição. Estavam os adultos estendidos em seus leitos e as crianças permaneciam sentadas.
Um servidor, permanentemente, provava as comidas e as bebidas destinadas a Britânico. Para não comprometer o conluio pela morte súbita do escravo, empregou-se um subterfúgio.

Apresentou-se a Britânico uma bebida quente de que o escravo já havia bebido um gole. O príncipe recusou-a, declarando que estava ela demasiado quente. Foi nesse instante que se lhe acrescentou a água fria à qual estava misturado o veneno. Seu efeito foi tão rápido que Britânico, afônico, teve a respiração subitamente interrompida.
As crianças, sentadas ao lado dele, apavoradas, fugiram. Os adultos, que sabiam do segredo, imóveis, fixaram Nero estendido confortavelmente no seu leito. Seu rosto não denunciou a mínima emoção, nem pestanejou. Muito calmo, notou simplesmente que, sem dúvida, era um daqueles ataques de epilepsia de que sofria Britânico desde a infância.
Quanto a Agripina, o medo pregou-a ao local. Talvez tivesse compreendido naquele instante que um dia seu filho a suprimiria, com a mesma calma e o mesmo sangue-frio. Otávia que, aos doze anos, fora unida a Nero, três anos mais velho do que ela, aprendera a dominar a menor expressão de dor ou de amor. Portanto, após breve interrupção, a refeição prosseguiu como se nada houvesse acontecido!
Britânico, derradeiro descendente masculino da família de Cláudio, passara da vida à morte diante de suas irmãs, de seu meio-irmão e de sua madrasta, quatro meses após o assassinato de seu pai e da tomada do poder por Nero. Reconhecido, Nero concedeu a Locusta a imunidade dos crimes que havia ela cometido. Fez-lhe dom de várias terras e enviou-lhe discípulos que ela deveria formar na arte temível da fabricação das bebidas que não perdoam!
Realizado o crime, distribuiu o imperador ricos presentes a seus partidários e amigos. Depois, "consagrou-se" ao povo. Aboliu ou reduziu certos impostos impopulares e doou enorme quantia de dinheiro à cidade de Roma (quatrocentos sestércios por pessoa). Aos nobres e aos senadores sem fortuna atribuiu uma subvenção anual. Durante os primeiros anos de seu reinado, não foram infelizes os romanos. Sob a influência benéfica de Sêneca e de Barrus, o eminente prefeito da guarda, a legislação e a administração melhoraram sensivelmente. Agripina velava por seu filho e prodigalizava-lhe úteis conselhos. Em seus passeios, saudava Nero por seus nomes os patrícios a quem encontrava. Reter os nomes das famílias da cidade era para éle uma espécie de brinquedo. Quando o Senado lhe exprimia seu reconhecimento e seus agradecimentos, respondia com uma espécie de humildade:
— Sim, se os mereci.
A princípio entre seus íntimos, depois no teatro, declamava seus poemas. A alegria dos ouvintes era sincera. Um dia em que lhe apresentaram por ele assinada uma sentença de morte, exclamou:
— Gostaria de não saber escrever!
O imperador Trajano afirmará mais tarde que os cinco primeiros anos do reinado de Nero foram os mais felizes do império romano. Se esta asserção é verídica, Roma deve isto a Sêneca.
O jovem imperador aparecia aos olhos de seus súditos humano, benévolo, afável e também como um artista de grandes dotes! Revelava vivo interesse pelo teatro e organizava os espetáculos mais variados: jogos em que a força juvenil dos atletas enchia de orgulho Roma, representações de circo, peças de teatro e combates de gladiadores. Carros, puxados por quatro camelos, participavam das corridas. Dizem que um aristocrata

romano, trepado num elefante, exibira-se com um funâmbulo sobre cordas estendidas na arena. Uma comédia intitulada O Incêndio, em que, a cada representação, fazia-se incendiar uma casa, obtinha o mais vivo êxito.
Suntuosos presentes foram distribuídos ao povo: pássaros de todas as raças e de todas as espécies, finas iguarias, rações suplementares de trigo, prata, ouro, pedras preciosas, pérolas, roupas, até mesmo escravos e gado. Distribuíam-se também feras domesticadas. A "bondade" de Nero era inesgotável: oferecia até navios, terras e casas.
Decretou que os gladiadores não deviam lutar até a morte. Medida que não o impediu um dia de ordenar a quatrocentos senadores e a seiscentos nobres que se enfrentassem à espada na arena. Era preciso que o sangue corresse!
— Capricho bem singular!
Tal foi o benevolente comentário do povo. Apresentaram-se batalhas navais em que lutavam monstros marinhos, depois pantomimas particularmente sugestivas. Diante da atenção conquistada dos espectadores, um rapaz, Ícaro, cujo nome de família não nos foi transmitido, fez uma tentativa
de vôo para vir esmagar-se ao lado do camarote de Nero, que foi salpicado de sangue.
O imperador mandou conceder louros aos campeões de eloqüência latina, de poesia e de citara. Aceitou os louros que lhe foram oferecidos pela arte da poesia e da eloqüência, mas, modestamente, recusou a recompensa pela arte da citara. Durante os debates no tribunal de justiça, mandava que as duas partes expusessem o caso em julgamento em sua presença, depois dava a sentença no dia seguinte por escrito. Criou novo estilo de arquitetura. Diante de cada habitação, deviam os arquitetos construir arcadas cujos telhados chatos, de acesso fácil, permitiriam apagar rapidamente os incêndios, tão freqüentes em Roma. As arcadas foram construídas às custas de Nero.
Procurava também reduzir o luxo gritante e escandaloso da rica sociedade romana. Os banquetes públicos não deviam comportar senão um número limitado de pratos. Nos botequins e tabernas só eram autorizadas as refeições frias. De 54 a 59 depois de J. C, isto é, durante o primeiro terço de seu reinado que durou catorze anos, observou Nero estritamente as regras da sabedoria, da prudência e da medida. No relato consagrado ao jovem Nero e ao seu tempo pelo historiador Suetônio, pode-se ler uma frase reveladora. Enumerando as louváveis medidas tomadas pelo jovem Nero, cita igualmente a pena de morte com que eram punidos os cristãos. Chama os cristãos "christiani, seita dada a uma superstição nova muito perigosa". Encontra-se, pois, aqui o primeiro testemunho do pagão Suetônio quanto à existência dos cristãos. Algumas leis decretadas por Nero atestam sua vontade de melhorar a legislação, de atenuar a corrupção geral. Provam ao mesmo tempo que havia ele estudado cuidadosamente esses problemas. Assinou judiciosos decretos destinados a impedir as falsificações de escrituras, os desvios de herança e os testemunhos falsificados.
Nenhum interesse maior apresentavam a seus olhos as conquistas militares. Por uma parte, refletia esse estado de espírito a influência do sábio Sêneca, e, por outra parte, correspondia perfeitamente ao caráter do homem que, com seu temperamento de artista, não foi completamente um louco e um jactancioso.



GRAV. 57 – O imperador Trajano (97-117 depois de J.C.) foi apelidado, a justo título, "Optimus", o melhor.



GRAV.58 – Plotina, a esposa de Tajano.



GRAV.59 – Os baixo-relevos da Coluna Trajana evocam a guerra contra os dácios.

Aliás, os crimes monstruosos de Nero, que parecem provar sua loucura, não datam do começo de seu reinado. A despeito da ridícula fatuidade, da vaidade grotesca, da ambição por assim dizer doentia que levavam o imperador a ser considerado como um artista de gênio respeitava em gera] as regras do jogo durante os concursos e torneios. Quando trapaceava em seu favor, fazia-o de maneira a salvar as aparências não fosse senão, apesar de tudo, para consigo mesmo. Lembremos que historiadores e romancistas modernos contestaram que Nero que, em razão de suas disposições patológicas, nos aparece bem como um possesso de Satã, tivesse sido um poeta autêntico. No entanto, compôs belos poemas. Relata Suetônio que, trinta ? ou cinqüenta anos após sua morte, tivera em mão papiros e tabuinhas nos quais estavam escritos, do próprio punho de Nero, versos conhecidos e apreciados. Acrescenta Suetônio que, pela natureza mesma das correções, tinha a certeza de que esses poemas não tinham sido nem copiados nem escritos sob o ditado dum terceiro, e que eram fruto duma imaginação original. Parece que, no domínio das artes plásticas, haja Nero igualmente revelado um talento incontestável. É possível que se encontre aqui a origem e a gênese da tendência patológica que o levava a buscar a todo preço a aprovação dos outros, porque se não tivesse tido talento, não teria sua mania podido virar loucura. Aparentemente — e os historiadores tomaram o hábito de omitir o fato — foi Nero sem cessar dominado pela paixão, toda impulsiva, da criação artística. Incapaz de distinguir a aprovação autêntica das lisonjas grosseiras, acabou por não mais dominar seus instintos. Não podia assim realizar as

condições psicológicas indispensáveis a toda criação verdadeira, isto é, a disciplina, o senso da medida, a contenção e a modéstia, o respeito, o senso crítico e a religiosidade da arte. Todos esses elementos criadores necessários, pouco a pouco, lhe foram faltando. Dessa forma Nero passou a não ser mais que a caricatura, a contrafação, por assim dizer demente, do artista e do ditador.

ANTES DE ENTRAR EM CENA ESTAVA SEMPRE NERVOSO

> Nerópolis! Era assim que Nero queria chamar a capital do Império Romano. Tirou o nome do mês de abril para chamá-lo de "Neroneus". Sua avidez de glória era patológica. Queria ser imortal.
>
> O AUTOR.

Desde sua elevação ao trono, adjudicou Nero à sua corte, o músico Terpnus, cantor célebre que, de pé, fazia-se acompanhar da kithara, instrumento semelhante à lira e que se segurava na mão. Era o antepassado da nossa citara, do latim cithara, emprestado do persa sithtar, instrumento de três cordas.

Era Terpnus um virtuoso da kithara e, todas as noites, até o romper da aurora, ouvia Nero o grande artista cantar e tocar. Imagine-se esta cena enternecedora: o imperador caprichoso, temível, e o instrumentista de voz maravilhosa que compunha seus cantos. É-se tentado a evocar o jovem Davi cantando diante de Saul!

Começou Nero o estudo do canto e da citara. Seguiu conscienciosamente as diretrizes de seu mestre. Para fortificar suas cordas vocais, estendia-se, durante várias horas, com o peito comprimido por placas de chumbo. Com a ajuda de purgantes e de vomitórios, limpava sua garganta das impurezas nocivas à qualidade da voz. Naquela época, desaconselhavam os médicos as frutas aos cantores. Com docilidade, privava-se Nero dos alimentos considerados nocivos à qualidade de seu canto. Observava dias de jejum em que, para poupar sua garganta, abstinha-se mesmo de comer pão!

Foi Nero medíocre orador. Faltavam à sua voz surda amplitude e flexibilidade. Não é excepcional que indivíduos, diminuídos em virtude de leve defeito físico, desenvolvam ambição especialíssima, precisamente em função de sua deficiência. Nero queria ser cantor. Trabalhou. Infatigável, exercitou-se, atraído decisivamente como o era pelo teatro.

— A música que floresce à sombra não tem valor algum — afirmava ele.

Todavia, Roma, capital entediada, pronta à ironia mordente e à crítica, não era o lugar ideal para a primeira representação dum estreante. Nero escolheu Nápoles para seu primeiro concerto público. A aristocracia, os patrícios e os notáveis foram convidados para o espetáculo. Das cidades vizinhas, afluíram os curiosos para aplaudir o cantor imperial. Não obstante, o teatro não chegou a encher-se e apelou-se para algumas companhias de legionários.

Após a representação — o auditório havia felizmente abandonado o salão — um tremor de terra abalou a cidade e o teatro foi destruído! Nero interpretou o seísmo como um presságio divino e prosseguiu no seu giro artístico! Para poupar sua saúde e sua voz,

dirigiu-se o imperador a uma estação termal. Mas não prolongou a cura. Estava como que hipnotizado pela cena. Tomava suas refeições com os atores e, muitíssimas vezes, depois de ter bebido um gole duma bebida suavizante, anunciava que cantaria a plenos pulmões uma melodia. Tendo-se mostrado especialmente entusiastas, alguns convivas vindos de Alexandria, fez Nero que viessem à Itália numerosos visitantes daquela cidade.

Mas em breve os louvores, as salvas de aplausos, a incensação não bastaram mais a Nero. Ordenou que os jovens aristocratas romanos fossem instruídos na arte de aplaudir. Além disso, para constituir o que se chama a claque, escolheu no povo cinco mil rapazes vigorosos que distribuiu em grupos separados, cada um dos quais foi submetido a um tratamento especial. Havia batidas com o côncavo das mãos imbrix (segundo a forma das telhas romanas), batidas com as mãos abertas, chamadas testa (as telhas chatas), depois o bombus, que imitava o zumbido das abelhas. Os rapazes, suntuosamente trajados, de aparência cuidada, usavam penteados muito arranjados. É bem certo que retiravam seus anelões para não prejudicar o bater das mãos. Recebiam os chefes de claque um salário de 400 mil sestércios, isto é, cerca de oito milhões de francos.

Na sua preocupação de exibir-se em Roma, organizou Nero um concerto, o que, na época, se chamaria um "torneio", segundo a tradição grega.



GRAV. 60 — A Coluna Trajana, de 38 metros de altura, é um verdadeiro livro de imagens históricas, composto de 155 fragmentos. As urnas de Trajano e de sua esposa Plotina

foram enterradas no seu soco. No interior da coluna eleva-se uma escada em caracol. Até a Idade Média, era a coluna encimada por uma estátua de Trajano.

Os campeões mediam-se ali na música, no canto, na poesia, na eloqüência, nos jogos atléticos, nas corridas de carros e de cavalos. A esses jogos olímpicos deu o imperador o nome de Nerônia, devendo realizar-se todos os cinco anos. Mandou Nero construir termas e um ginásio. Na impaciência de brilhar, sentava-se na orchestra, no meio dos senadores, de modo que o auditório lhe suplicasse que fizesse ouvir sua voz divina. Como simples concurrente entre todos os tocadores de citara, retirava Nero seu bilhete da urna e, chegada a sua vez, subia ao palco. Oficiais de sua guarda carregavam a citara.

Segundo o uso, começava ele por um discurso inaugural, depois fazia anunciar pelo ex-cônsul Rufo que ia cantar Níobe. Exercitava-se durante cerca de quatro longas horas, do meio dia às dezesseis horas. Para lograr ocasiões de renovar sua vez de canto, tinha a astúcia de adiar a distribuição dos prêmios e a continuação dos jogos para o ano seguinte!... Fantasiado e mascarado, representava Nero também a tragédia. Tomava cuidado em que as máscaras dos deuses, dos heróis e das heroínas fossem desenhadas à sua semelhança ou à de sua amante.

Desempenhava o imperador preferentemente o papel de Orestes, assassino de sua mãe, o de Édipo, o cego, e o de Hércules desacorrentado. Depois, entregava-se às alegrias das corridas hípicas. Às ocultas, brincava com cavalinhos alinhados em cima duma mesa, depois, sempre às ocultas, assistia às corridas públicas para declarar, afinal, que tinha grande vontade de nelas tomar parte, a fim de aumentar o número de seus troféus. Nos seus jardins, diante de seus escravos, seguia um treinamento rigoroso. Condutor emérito de carros, fazia-se admirar no Circus Maximus.

Compreende-se que Nero tenha tido um fraco pela glória e pelos louros. De todas as cidades gregas onde se realizavam festas e concursos, enviavam-lhe os louros dos tocadores de citara.

— Os gregos têm o ouvido musical. São os únicos que merecem gozar de minha arte — dizia Nero. E partia para aquele nobre país.

Se um festival desdobrava seus faustos sem o concurso e a presença de Nero, era isso notado. Quando ele cantava, ninguém tinha o direito de abandonar o lugar. Se mulheres davam à luz, os primeiros sons que ouviam os recém-nascidos eram os cantos do imperador! Enfastiados, os homens, que não podiam mais suportar aquelas langorosas tiradas, pulavam os muros do recinto. Outros fingiam uma síncope, até mesmo a morte, para que os levassem para fora! No decorrer das Nerônia do ano de 65 depois de J. C. grande número de ouvintes pereceu no aperto das aglomerações, abafadas pelo calor sufocante e pelo ar viciado.

Antes de entrar em cena, o artista imperial, que sentia o conhecido medo dos atores, estava sempre inquieto e nervoso. Recomendava aos juizes que se não deixassem enganar pelo acaso e pelas falsas aparências. Mas éle respeitava escrupulosamente, com angústia mesmo, as regras dos jogos. Quando, vencedor, recebia os louros, tinha a alegria de anunciar êle próprio sua vitória. Para apagar da memória dos assistentes o nome dos antigos concurrentes vitoriosos, mandou lançar suas estátuas e seus retratos nas latrinas.

Durante uma corrida, foi atirado de seu carro e caiu no chão. Rapidamente, recolocaram-no no veículo, mas não pôde terminar sua corrida. Fora em Olímpia, na Grécia. Recebeu, não obstante, um prêmio!

Em honra a Nero, retardou-se de dois anos a abertura dos Jogos Olímpicos que, havia oitocentos anos, se realizavam todos os quatro anos. Antes de sua partida, exonerou de impostos a província de Acaia e cumulou de ricos presentes a população. Em Corinto, pronunciou uma alocução que foi conservada. Podem-se ler nela as frases seguintes: "Minha magnanimidade, nobres gregos, é de antemão a garantia da maior bondade mas, a vós, destino uma graça que não teríeis podido esperar. Recebeis de mim a liberdade, uma liberdade tal que não gozastes nas épocas mais felizes de vossa história, porque jamais cessastes de dilacerar-vos em lutas intestinas. Há soberanos que concederam a uma cidade a liberdade; mas dá-la a um país inteiro, somente Nero era disso capaz!"

Na verdade, reflete esse discurso uma desmedida estima de si mesmo. A um ouvido grego, constituía mesmo uma nota humilhante. Não foram senão palavras, sinceras de certo, porque Nero admirava e venerava em seu foro íntimo tudo quanto era grego. Amava a Grécia e o povo grego, e estava convencido de que o gosto apurado deles, seu teatro, suas olimpíadas e suas profundas aptidões pelas artes eram inigualáveis. O imperador exprimiu e coroou essa convicção sincera dando a liberdade à Grécia, assegurando-lhe dessa maneira o reconhecimento e a afeição dos gregos. É preciso dizê-lo: após sua morte, pareceu Nero aos gregos como a encarnação dum salvador, dum benfeitor e julgaram-no digno duma veneração divina. Mais tarde, nas épocas trágicas de sua história, desejavam ainda seu retorno. Não podiam acreditar que aquele grande amigo da Grécia tivesse morrido. Nero que, durante sua existência, desejava atingir a imortalidade e a glória, encontrara no povo grego o cumprimento póstumo de sua constante nostalgia.

Foi Nero profundamente penetrado pela sua missão de artista, de tragediante, de poeta e de cantor. Os historiadores modernos (como M. P. Charlesworth) tendem mais do que nunca em acreditar no testemunho de Suetônio quanto à autenticidade dos talentos artísticos de Nero. Suetônio, tanto quanto Tácito, aliás, provaram em seus escritos que não foram precisamente admiradores daquele singular personagem: razão suplementar, parece-me, para dar crédito às suas observações sutis e sensatas.

Revestido duma túnica de púrpura e dum manto grego bordado de estrelas de ouro, com a fronte cingida pela coroa olímpica, encerrando na mão direita os louros ganhos nos jogos píticos, Nero, no carro triunfal de Augusto, fez sua entrada em Roma. Os santos troféus foram reunidos em seu quarto, em redor de sua cama.

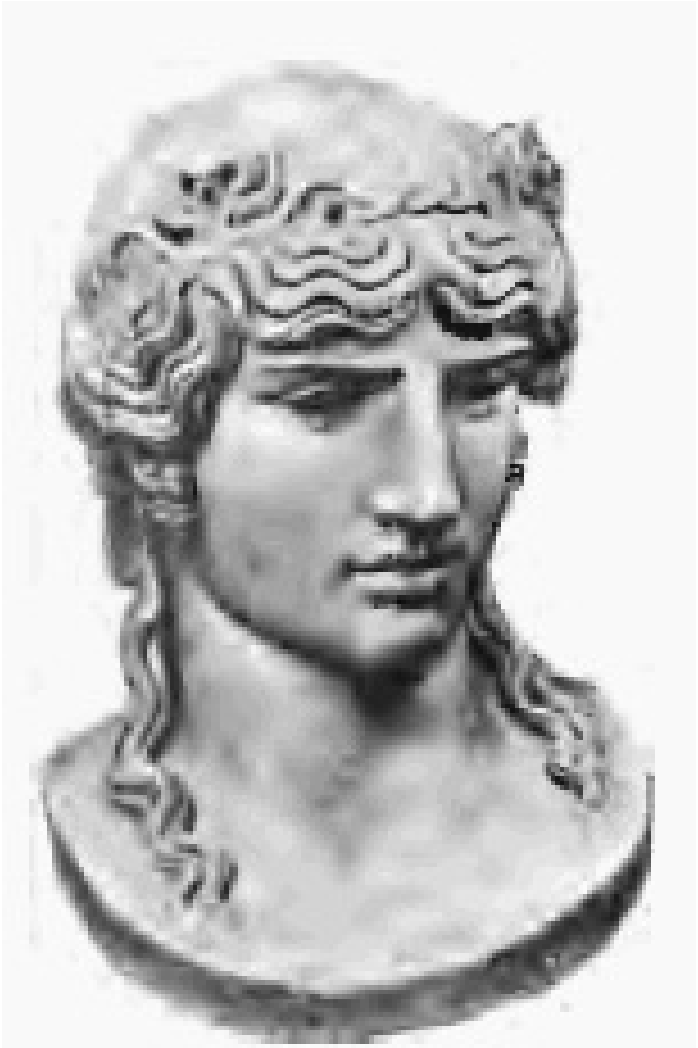
Eis agora que, para não abusar de sua voz preciosa, se comunicava por escrito com seus soldados. Fazia-se também acompanhar por seu professor de canto, encarregado de lembrar-lhe a cada instante que devia poupar seus pulmões e sua garganta. Trazia um lenço diante da boca.

Sob disfarce, tinha por hábito o imperador visitar à noite os lugares escusos, de surrar ou mandar atirar nas cloacas os cidadãos que regressavam tranqüilamente a seus lares, e mesmo arrombar armazéns para pilhá-los! Vendia em leilão o produto de seus roubos. Uma noite em que apostrofava duma maneira grosseira e obscena a esposa dum senador, deram-lhe uma tunda tremenda que quase o matou. A partir desse dia, fez-se acompanhar

de legionários que o seguiam à distância. Os banquetes se prolongavam do meio-dia à meia-noite. Só os interrompia para refrescar-se com banhos quentes ou frios, segundo a estação. Cortesãs e dançarinas serviam-no à mesa. Quando embarcava no Tibre para ir a Óstia, improvisavam-se para satisfação sua orgias à margem do rio. Nenhum desses excessos escapava aos olhos vigilantes de Agripina que não se privava de criticar a conduta de seu filho. Otávia era sempre a esposa fiel, mas Nero não lhe dava atenção. Tinha como amante uma escrava liberta, Cláudia Actéia e, quando exprimiu o desejo de casar-se com ela, fez-lhe Agripina veementes censuras.



GRAV. 61 — Sabina jamais conseguiu atingir a felicidade. A esposa do imperador Adriano era neta da irmã de Trajano. A fim de aproximar-se de seu predecessor e do trono, Adriano desposou-a no ano de 100 depois de J. C.



GRAV. 62 — O belo Antinoo afogou-se no Nilo. por ocasião de um passeio pelo rio, em companhia de Adriano. No lugar onde encontrou ele a morte, fundou Adriano a cidade grega de Antinópolls, hoje em ruínas. A paixão que pelo adolescente da Bitínia nutria o imperador é um dos grandes enigmas da história. Jamais se soube de que maneira Antinoo encontrou a morte. Depois de ter perdido seu amigo, mergulhou o imperador Adriano em profunda melancolia. Chorou o jovem morto e construiu numerosos templos consagrados à sua memória.



GRAV. 63 — Como um milagre, o gênio emerge das trevas da História. Foi Adriano um sábio de excepcional valor, um imperador da paz, da bondade e da ordem, homem dotado de múltiplos talentos. Reinou de 117 a 133 depois de J. C.

Lembremos que não tinham os nobres direito de realizar casamento legal com libertas. Mandou Nero então espalhar o boato de que Actéia era de origem real. Ela lhe permaneceu, aliás, fiel até sua morte e foi enterrada a seu lado. Mau grado suas estreitas relações com

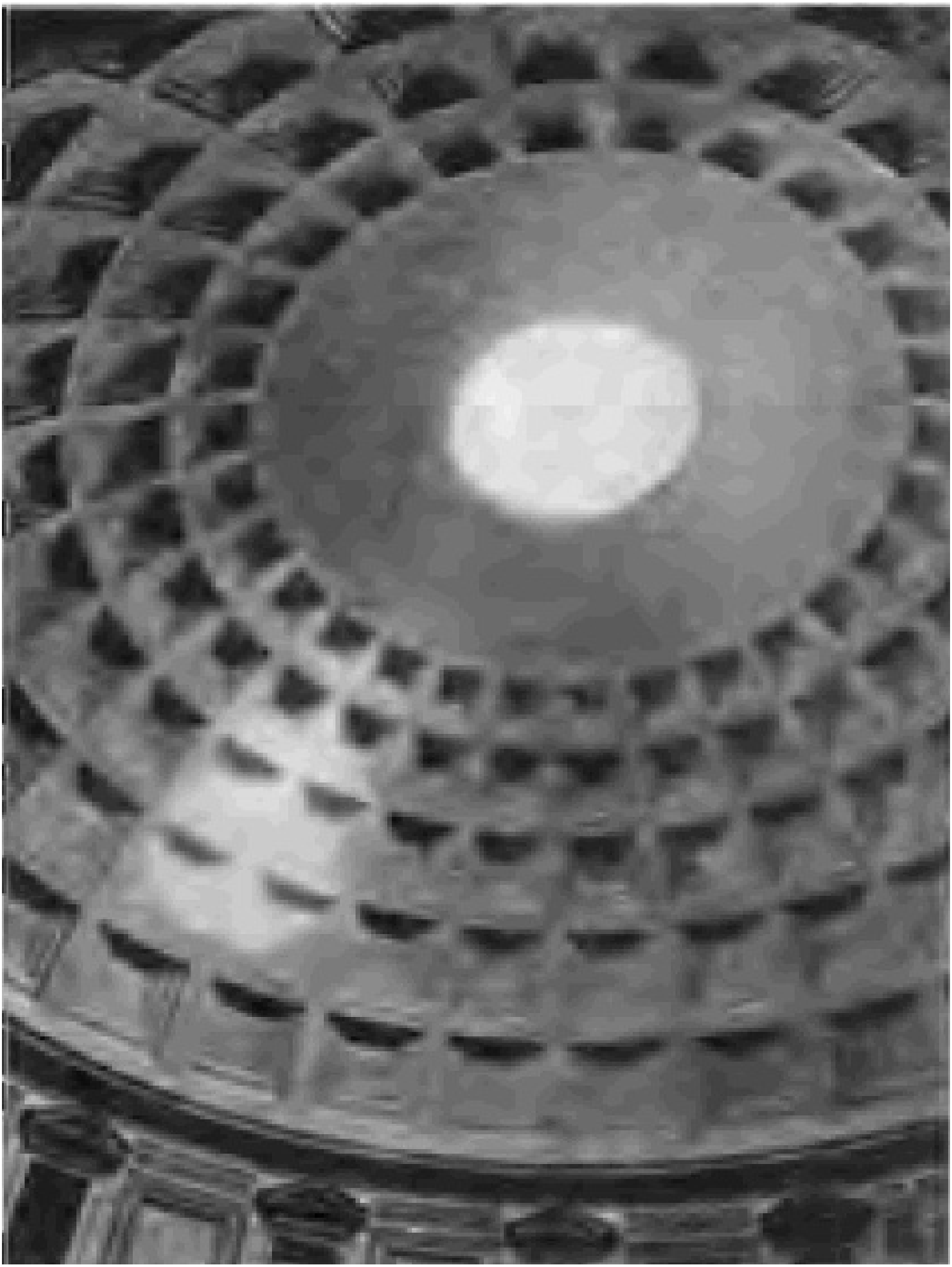
Actéia, fazia a corte a Popéia Sabina, mulher eminentemente bela e inteligente. O marido de Popéia, que maquinara a ligação, foi nomeado governador da Lusitânia, o atual Portugal. Mas à medida que a intimidade entre Nero e a ambiciosa Popéia se amplificava e que a favorita procurava afastar Otávia e obrigar Nero ao divórcio, as ásperas disputas entre a mãe e o filho aumentavam de intensidade. E deu-se a inevitável rutura. Agripina e Popéia odiavam-se. Só uma das duas mulheres podia dominar Nero. Uma delas devia, pois, desaparecer.

Nero quis suprimir sua mãe. Era difícil envenená-la, porque tomava ela suas refeições em sua casa e fiscalizava atentamente suas criadas e o movimento de sua casa. Conseguiu ele, por meio dum subterfúgio, atraí-la a bordo dum navio que mandou afundar. Agripina alcançou a margem a nado. Mandou ela própria dizer a seu querido filho que ainda estava viva! Mas Roma sabia que Nero tinha decidido assassiná-la. Aconselhou-se com Burrus e Sêneca. Burrus recusou-se claramente a ordenar que os legionários praticassem a sinistra tarefa. Quanto a Sêneca, sempre rival de Agripina, concordou com Burrus em encarregar Aniceto, liberto e antigo preceptor de Nero, do assassínio de Agripina.



GRAV. 64 — O Pantéon de Roma, que ainda existe em nossos dias, era o templo dos deuses. Foi construido no reinado de Adriano, de 115-125 depois de J. C. A inscrição se reporta ao templo que, precedentemente, íòra construído no mesmo lugar, por M. Agripa. O grandioso edifício construído em forma de rotunda representa a "perfeição", porque, tanto a altura como o diâmetro medem 43 metros. É uma espécie de "esfera". A luz penetra pela abertura, no centro do teto.





A casa foi cercada, os servidores massacrados e morta a mãe do imperador, a 20 de março do ano de 59 depois de J. C. Quando a quinquagenária viu a espada brandida sobre sua cabeça, gritou para o assassino: — Fere no ventre que pôs Nero no mundo! Por várias vezes, tentara Nero estrangular Otávia. A pedidos instantes de Popéia, divorciou-se, afirmando que Otávia era estéril. Depois deu ordem de condená-la à morte por crime de adultério. Por ocasião do processo, todas as testemunhas, sem exceção, afirmaram a inocência de Otávia. Nero obrigou Aniceto a apresentar-se como testemunha de acusação e a declarar que, graças a um ardil, possuíra Otávia. A infeliz não completara ainda vinte anos. Seus assassinos abriram-lhe as veias. Não havendo o sangue escorrido, sufocaram-na num banho de vapor.

NA IGNOMÍNIA E NA VERGONHA

> Viram-se apenas labaredas e, sem cessar, repercutirem gritos: "O incêndio! Onde? Como? Quem o provocou? Socorro!" Por toda parte só havia confusão e desordem e os homens, como loucos, precipitavam-se e corriam em todas as direções... As crianças, as mulheres, os velhos lançavam gritos dilacerantes. Os ruídos ensurdecedores e a fumaça eram tais que nada se podia ouvir nem distinguir.
>
> DION CÁSSIO, livro XX, cap. XVI.

O dinheiro, pensava Nero, só tinha valor se, pródigamente, pudesse gastá-lo sem restrição. Por isso professava grande admiração por seu tio Calígula que, em tempo-recorde, dilapidara o imenso tesouro acumulado por Tibério. Para pagar os edifícios que mandava construir, dispendia o imperador somas enormes. O vestíbulo do Palácio de Ouro, destinado a servir de residência imperial, era de dimensões tão vastas que podia abrigar a estátua colossal de Nero, da altura de trinta e cinco metros. Dum comprimento de mil e quatrocentos e oitenta metros, comportava a sala três fileiras de colunatas e um lago cercado de construções que ciavam a ilusão de pequenas aglomerações. Encontravam-se ali também campos, vinhedos, pastagens e bosques onde pasciam animais domésticos e animais selvagens. Podia-se admirar esse espetáculo do interior da vasta sala de entrada. Nas salas de refeição, de forros em lambris, estavam dispostas placas de marfim, móveis, ocultando um sistema de encanamentos que permitia a asperção dos convidados com água perfumada. Podia-se tomar banhos de mar e banhos de água de fonte, luxo até então desconhecido em Roma. Quando terminou a construção do imenso edifício, declarou o imperador:

— Possuo afinal uma casa confortável!

Uma vez que não existia em Roma número suficiente de operários para executar seus projetos de construções, o imperador deu ordem de recolher à Itália todos os prisioneiros do Império e condenar de futuro todos os criminosos, sem exceção, aos trabalhos forçados.

Rapidamente, secaram-se as arcas do Estado. Foi preciso suspender o pagamento do soldo

dos legionários e as pensões dos veteranos. Para arranjar dinheiro, teve Nero que recorrer a meios fraudulentos. As sucessões das pessoas que se tinham esquecido de incluir Nero em seu testamento entravam ex-officio nas arcas do fisco. Conferia a maior parte dos cargos em troca de metal sonante.

— Não ignorais do que necessito — dizia ele. — É preciso vigiar para que ninguém guarde nada para si.

Acabou por deitar a mão às oferendas ao templo e mandou fundir os ídolos de prata.

Um dia, Popéia, que se tornara sua mulher, teve a mesma sorte que tanto desejara a Otávia. Grávida, Nero matou-a com um pontapé. Quanto a Sêneca, compreendera bem que os instintos sanguinários do imperador fixar-se-iam um dia em sua pessoa. Por várias vezes, pedira uma dispensa. Oferecia a Nero sua fortuna inteira, mas o imperador o tranqüilizava todas as vezes afirmando-lhe que ele se inquietava sem motivo e que ele, Nero, preferiria morrer a causar-lhe o menor mal. Todavia, obrigou Sêneca a pôr fim a seus dias. A Burrus, seu segundo ministro, enviou um remédio contra doença de garganta e o infeliz morreu fulminado. Não é preciso dizer que, por inveja, levou ao suicídio Corbulão, seu general mais valoroso, que defendera as fronteiras de leste, do Cáucaso ao Eufrates.

Quando se descobriu uma conspiração contra a vida do imperador, a sede de sangue de Nero aumentou até a loucura. Carregados de tríplices cadeias, eram os conspiradores submetidos a interrogatório. Alguns confessavam, outros afirmavam com força que seria um serviço a prestar a Nero o assassiná-lo. Condenados, foram os conspiradores executados; seus filhos também foram exterminados, quer pelo veneno, quer pela fome.

Doravante, a loucura assassina do imperador não teve mais limites. Pelas razões mais insignificantes, romanos foram assassinados. Deu Nero ordem a um tal Traséias para suicidar-se, porque tinha este "a fisionomia sombria e carrancuda de um pedagogo". Os que não se suicidavam, eram confiados aos médicos de Nero para "fazerem uma cura". Éra assim que o imperador designava a operação que consistia em abrir as veias.



GRAV. 65 — Este mausoléu foi construído por Adriano para abrigar suas cinzas e as de seus sucessores. Na sepultura, não se encontraram as urnas e os sarcófagos dos Imperadores. Começada em 130 depois de J. C, foi a construção terminada em 139, por Antonino Pio. Chama-se hoje este mausoléu o Castelo de Santo Angelo.



GRAV. 66 — O Baluarte de Adriano, na Inglaterra (embaixo à esquerda e totalmente à direita) tem um comprimento de 110 quilômetros. A reprodução mostra uma fortaleza que faz parte dele.

Escreveu-se que havia ele manifestado o desejo de fornecer indivíduos vivos como alimento a um egípcio antropófago, célebre pela sua voracidade, que comia carne crua. Transbordante de orgulho e de satisfação, declarava Nero muitas vezes:

Antes de mim, nenhum soberano compreendera que poderia tudo permitir a si mesmo.

Os edifícios antigos, os becos estreitos e tortuosos de Roma desagradaram a Nero, que mandou deitar-lhes fogo. Toda a gente, em Roma, sabia quem era o incendiário e ninguém ousava tocar em seus criados, quando os surpreendia em flagrante, de tochas nas mãos.

Durante seis dias e sete noites lavrou o incêndio, Dois terços das casas da cidade ficaram calcinados. O povo procurava refúgio nas criptas, nos monumentos e nos templos. Os suntuosos palácios, os templos magníficos e quase todas as maravilhas da capital foram reduzidos a cinzas. Do alto da torre do palácio de Mecenas, no Esquilino, contemplava Nero o formidável espetáculo. Exaltado diante da beleza grandiosa e devastadora das altas labaredas, cantou uma balada evocando o sítio de Ilion e confessou que podia afinal ter uma idéia do que fora o incêndio de Tróia!

Para explorar o melhor possível a catástrofe, para dela retirar o máximo de benefícios, encarregou-se Nero da remoção dos escombros e dos cadáveres! Ninguém tinha o direito de aproximar-se das ruínas fumegantes. Acuou assim os romanos à miséria, obrigando-os a "contribuir com donativos voluntários".

Ruas espaçosas foram então abertas segundo um plano preconcebido. As casas não deviam ultrapassar uma altura prevista. Prometeu Nero que mandaria construir colunatas diante dos edifícios. Para obviar o gasto de água, foram as canalizações postas sob a fiscalização. O depósito de aparelhos de extinção de incêndio era obrigatório em cada casa. Se a cidade ganhava assim em beleza, não estavam com isso satisfeitos os romanos. As ruas estreitas do passado, bordadas de altas casas, eram mais frescas que

aquelas largas avenidas sem sombra em que o calor era insuportável. Suspeitavam além disso os romanos de que a boa vontade de Nero dava prova com seus projetos de reconstrução e de urbanismo moderno, dissimulava simplesmente o seu crime.
Espalhando-se como uma onda epidêmica, a sinistra notícia do crime do imperador circulava de casa em casa. Para cortar cerce aqueles perigosos boatos, decretou Nero que eram os cristãos os responsáveis pelo incêndio.
A este propósito, Tácito, nascido na Itália do Norte, no ano de 55 depois de J. C, transmitiu-nos um dos primeiros testemunhos paçaos da existência de Jesus. Posta em dúvida por Hochart e Drews, a autenticidade de seu texto foi reconhecida pelos filólogos do mundo inteiro.
Precisas, pertinentes, essas linhas são tanto mais preciosas quanto escritas por um romano que achava que os cristãos eram uma seita criminosa. Nos Anais (livro XV, cap. XLIV), lê-se o que se segue:
"Esse nome (cristão) vem de Cristo, condenado à morte pelo governador Pôncio Pilatos, sob o reinado de Tibério. A execrável heresia, reprimida provisoriamente, propagava-se de novo, não somente na Judéia onde nascera, mas também em Roma, onde cultos religiosos maléficos e abomináveis afluem e encontram adeptos."
Quantas vezes não se afirmou que não havia testemunho puramente histórico provando a existência de Jesus Cristo? Essas linhas de Tácito são, no entanto, um precioso atestado!
O historiador romano relata em seguida, de maneira bastante desenvolta, que haviam detido indivíduos que se tinham declarado cristãos. Como não se podia convencê-los do crime de incendiário, acusavam-nos de "nutrir surdo ódio contra a espécie humana".
Nero transformou a perseguição que inaugurava contra os cristãos, num espetáculo destinado a divertir o povo. Os corpos dos crentes, costurados dentro de peles de animais, eram lançados em pasto a môlossos, pregados na cruz ou acendidos para servir de tocheiros!
Faz Tácito alusão à compaixão confessa do povo pelos cristãos que, naquela época, começavam a manifestar-se em Roma, "se bem que tivessem sido culpados e merecido o castigo mais severo"!
Foram os cristãos, na verdade, vítimas da crueldade dum só indivíduo, a do imperador, e ninguém se regosijou com a morte deles, exceto Nero, que abria às fogueiras seus jardins imperiais!
Qual era, porém, a aparência física do homem que, à beira da loucura, governava o império de maneira tão arbitrária? De porte médio, Nero — Suetônio o escreve sem nenhuma restrição — desprendia um odor fétido; seu corpo estava coberto de pústulas e de manchas suspeitas. Dum louro ruivo, seus cabelos eram penteados em cachos, como os das mulheres, julgando os romanos esse penteado escandaloso e ridículo. O rosto apresentava alguma beleza. Os olhos dum cinzento azulado, muito míopes, tinham uma expressão ansiosa e como que espantada diante daquele mundo estranho que se deixava insultar e achincalhar tão facilmente. A nuca era espessa e o ventre proeminente. Pernas finas suportavam o torso pesado. Sua saúde mostrava-se robusta e resistente. Mau grado sua vida de orgias, só esteve seriamente doente umas três vezes durante seu reinado.
Durante catorze anos, suportara o império o tirano. Exatamente oito anos após o

assassinato de sua mãe, soube Nero que os gauleses, sob o comando de Júlio Vindex, haviam-se sublevado. Como se pressentisse sua queda e morte próximas, como se se soubesse incapaz de evitar o resultado fatal, reagiu Nero com toda a passividade. Mas quando soube que a Espanha se havia sublevado, teve uma síncope e ficou como que prostrado. De volta a si, rasgou cheio de raiva as vestes e, batendo na testa, exclamou:
— Estou liquidado!
Sua velha ama, que protestava, observou que semelhante sorte já ameaçara outros soberanos.
— Nunca — replicou Nero. — Meu infortúnio é sem igual; perco meu trono enquanto ainda vivo!
Agarrou duas preciosas garrafas de cristal e quebrou-as no solo.
Teve o imperador a idéia de envenenar os senadores, de mandar assassinar os generais, de incendiar de novo a cidade e de soltar as feras, para impedir que o povo extinguisse o fogo.
Depois mergulhou numa espécie de demência. Queria ficar só e declarava que, se perdesse o império, viveria dos proventos de sua arte. Partiria para Alexandria, onde compreendiam o seu gênio, para consagrar-se ao canto e à citara. Mas também esse projeto foi rejeitado. Manifestou Nero o desejo de ir sozinho ao encontro dos rebeldes gauleses. Graças apenas ao poder de suas lágrimas dilacerantes, fá-los-ia reentrar na ordem. Fá-los-ia então ouvirem cantos de vitória, cujo texto apressou-se em compor.
O exército o abandonava. Nero rasgava em pedacinhos as mensagens que anunciavam derrotas e catástrofes e pediu à célebre Locusta um tóxico de efeito rápido. Mas não teve coragem de engoli-lo. Vestido com trajes de luto, quis aparecer diante do povo reunido e implorar seu perdão. Descobriu-se, após sua morte, o texto do discurso.
Cerca da meia-noite, de repente, despertou. Seus guardas de corpo tinham-no também abandonado. Mandou chamar os oficiais de sua escolta. Ninguém respondeu. As portas estavam aferrolhadas: o palácio estava vazio. Seus servidores haviam mesmo levado seus cobertores e o veneno de Locusta! Pôs-se o imperador à procura de Espículo, o célebre gladiador, que devia, como estava combinado, dar-lhe o golpe de misericórdia. Ninguém!
— Não tenho, pois, nem amigo, nem inimigo? — urrou ele, como louco, precipitando-se para a rua, a fim de atirar-se no Tibre.
De novo hesitou. O liberto Faon ofereceu-lhe um refúgio na sua casa de campo. Nero saltou sobre um cavalo e, com o rosto dissimulado sob uma máscara, galopou através da cidade, enquanto os relâmpagos duma tempestade e um tremor de terra misturavam seus estrondos com os gritos dos soldados. Espantado diante de um cadáver decomposto na estrada, o cavalo empertigou-se. A máscara escorregou e revelou as feições do imperador. Um pretoriano reconheceu-o mas não disse nada. Chegado à casa de Faon, Nero deixou-se cair sobre uma cama, gemendo.
Seus amigos aconselharam-no a pôr fim a seus dias, para escapar a uma morte infamante. Nero deu ordem de cavar uma cova de seu tamanho, a fim de poderem prestar-lhe as derradeiras homenagens. Mas, caído ao chão, chorou, exclamando por várias vezes:
— Vede bem o grande artista que vai morrer!

Quando lhe anunciaram que o Senado dera ordem de fustigá-lo até matá-lo, pegou dois punhais para atravessar com eles o coração. Tateou as pontas, mas depois reembainhou-os.

— Vivo na ignomínia e na vergonha! — exclamou. — Não é conveniente para Nero; não, não é digno dele!

À aproximação dos cavaleiros que queriam capturá-lo vivo, cravou, ajudado por um tal Epafrodito, um punhal na garganta. Ora, ao cavaleiro que chegou para liquidá-lo, mas que fingia acorrer para salvar seu imperador, disse Nero:

— Que fidelidade!

Foi seu derradeiro engano.

Com a idade de trinta e dois anos, morreu Nero, seis anos exatamente após o dia sinistro em que mandara assassinar sua esposa Otávia. Livre dele, o império romano regosijava-se. No entanto, durante longos anos, fiéis cobriam de flores o seu túmulo. Suetônio escreveu:

"Vinte anos mais tarde, surgiu entre os partas um rapaz que pretendia ser Nero. Eu era bem moço na ocasião e o nome de Nero gozava ainda de tal prestígio que os partas honraram durante muito tempo o jovem desconhecido que só à força entregaram aos romanos!"

Nero não chegava a morrer na memória dos homens. Esse criminoso nato estimulara a imaginação dos povos mais atrasados. Em lugar duma política rude, disciplinada e severa, oferecera-lhes jogos, gozos, as alegrias puras das artes e espetáculos embriagadores. Conquistara o mundo, não pela razão e pela força da inteligência lógica, mas graças a sensações voluptuosas e isto a tal ponto que o mundo não reconhecera a criminosa loucura do temível cabotino.

PETRÔNIO

O BANQUETE DE TRIMALCIÃO

"Aqui jaz Gaio Pompeu Trimalcião Mecenaciano. Foi piedoso, probo e fiel. Tendo partido de nada, deixou uma fortuna de trinta milhões de sestércios. Jamais deu ouvidos aos filósofos. Salve, ó passante, que lês estas linhas" Era assim que Trimalcião, liberto novo-rico, imaginava, quando se sentia de humor alegre, o epitáfio de seu túmulo.

PETRÔNIO, "Satíricon".

Petrônio, de quem Tácito canta os louvores no livro XVI, capítulo XVIII, de seus Anais, foi uma das numerosas vítimas de Nero. Esse original dormia de dia e passava a noite nos prazeres. Na arte da volúpia e do ócio, atingiu uma mestria excepcional. Falava como pensava e, por esta razão, seus contemporâneos celebravam nele uma homem franco, natural e amável. Espirituoso, tinha a réplica pronta. Procônsul na Bitínia, depois cônsul, teve ocasião de provar que, quando preciso, sabia também manter com habilidade e energia os negócios do Estado.

Nero fizera desse homem o conselheiro de seus prazeres, uma espécie de ministro dos gozos, o que se chama, em latim, um arbiter elegantiae. Essa função de juiz, em matéria de elegância, valia a Petrônio o sobrenome de "árbitro". Tudo quanto Petrônio recomendava como de bom tom era para Nero esplêndido e agradável.

É certo que Petrônio soube impor um luxo mais refinado e um esplendor renovado às festas e prazeres, um pouco murchos, da corte. A atitude, as excelentes maneiras do árbitro, a ciência seguríssima que tinha das artes do agrado, sua personalidade original e superior à dos homens que cercavam Nero, atraíram-lhe depressa inimizades.

Tigelino, favorito de Nero, que invejava Petrônio, subornou um escravo para que prestasse depoimentos falsos e conseguiu fazer deter em Cumes, no ano de 67 depois de J. C, o homem mais elegante do século.

Para escapar ao suplício, Petrônio abriu as veias. Desejoso de manter até o fim a existência de grande estilo que foi a sua e de gozar a vida até seu derradeiro suspiro, tomou cuidado, para não esperdiçar um sangue precioso, de apertar de vez em quando nos pulsos uma atadura, enquanto mandava que se declamassem poemas exaltando a alegria e versos libertinos. Enquanto conversava com seus amigos, distribuía, de sorriso nos lábios, presentes a seus escravos ou mandava fustigá-los. Não se esqueceu de relacionar os vícios de Nero, cuja lista enviou ao mesmo. Era, para Petrônio, como que uma derradeira saudação ou melhor, uma derradeira chicotada, pois morreu à mesa, como se a morte o houvesse surpreendido, o mais naturalmente do mundo.

Se esse Petrônio é o mesmo poeta autor do Satiricon — há unanimidade em assim pensar — foi um dos farsantes mais maliciosos da literatura mundial. Seu romance de costumes deveria ter uns vinte livros. Chegaram a nós apenas fragmentos do décimo quinto e do décimo sexto. Mas são essas páginas um verdadeiro tesouro de descobertas quanto à língua vulgar da época, aos costumes, à imortalidade, aos prazeres e orgias das camadas

sociais mais baixas de Roma. A cena Trimalchionis oferece um exemplo da maneira pela qual, um novo-rico, na época, recebia e divertia seus convidados. Exceto as inscrições murais de Pompéia, não existe, na literatura da Antigüidade, nenhuma obra que, como a de Petrônio, nos tenha fornecido um retrato vivo, tão direto da ética e da concepção da existência da gente miúda, novos-ricos ou necessitados.

"Não sabeis então onde se dá uma festa hoje? Em casa de Trimalcião, distintíssimo senhor! Na sala de jantar, um relógio e um escravo que toca trombeta anunciam as horas para que Trimalcião saiba, a todo momento do dia e da noite, a conta exata c is horas que viveu!"



GRAV. 67 — Antonino Pio foi um dos homens mais excepcionais que ocuparam o trono do império romano. Duma bondade incomparável, foi homem de rara beleza, amável, generoso e cortês. Antonino reinou de 138-161 depois de J. C. Nessa época, atingira o Império o apogeu de seu poder.



GRAV. 68 — Ania Galeria Faustína, esposa de Antonino Pio, morreu em 140 depois de J. C. Sob a instigação de Antonino. foi declarada "Diva Faustina" (A Divina Faustina). Em sua honra, o bom imperador fundou uma instituição para as moças pobres: "Puellae Faustinianae".

Era Trimalcião um velho calvo que, calçado de chinelos e vestido com uma túnica de púrpura, jogava bola com adolescentes de louros cachos sedosos. À noite tomava um banho de água doce, depois um banho de vapor seguido duma ducha fria. Ungido com água perfumada, Trimalcião fazia-se secar, não com toalhas de pano, mas com tecidos de fina lã. Depois, enrolado em cobertas de púrpura, fazia-se transportar de liteira até sua casa. Por todo o percurso, um músico acompanhava a liteira tocando flauta. Na porta de seu palácio, lia-se num cartaz o seguinte:
"Todo escravo que deixar a casa sem a autorização de seu senhor receberá cem golpes de chibata."
Antes das refeições, escravos de Alexandria derramavam água de neve sobre as mãos dos convidados. Outros servidores, pedicuros, tratavam-lhes dos pés. Trabalhando, cantavam, porque naquela casa exigia o costume que se acompanhasse de cânticos, em coro ou em solo, o serviço.
Um banquete romano compunha-se pelo menos de sete serviços: os hors-d'oeuvre? as entradas, dois assados e as sobremesas. Em casa de Trimalcião servia-se um terceiro assado. Os hors-d'oeuvre eram apresentados presos sobre um asno de bronze de Corinto que os escravos traziam numa bandeja. Os bissacos do asno estavam cheios, de um lado de azeitonas verdes, de outro de azeitonas pretas. OJombo carregava bandejas de prata sobre as quais estavam soldados pequenos pratos guarnecidos de leirões assados, aspergidos de mel e salpicados de grãos de papoula. Sobre uma grelha de prata, apresentavam-se aos convivas salsichas fumegantes, ameixas de Damasco e romãs.
Aos sons duma orquestra, Trimalcião, estendido sobre numerosos cochins, dispostos em seu leito de repouso carregado por escravos, surgia então. Depois servia-se o primeiro prato. Sob as asas de uma galinha de madeira, ovos de pavão eram dispostos sobre fina camada de palha. Surpresos, os convivas descobriam nas cascas toutinegras gordas à vontade, enroladas em gema de ovo apimentada. Cantando em coro, levavam de volta os servidores os pratos vazios. Um vinho de Falerno, dc cem anos de idade e servido em talhas, regava a refeição. Aplaudindo com as duas mãos, declarava Trimalcião que o vinho chegava a uma idade mais avançada que os homens. A segunda entrada era apresentada sobre centro de mesa de grandes dimensões; um prato redondo, decorado com os doze signos do Zodíaco, suportava doze taças guarnecidas de comidas correspondentes aos famosos signos. Depois, vinha o primeiro dos três assados: um javali enorme. Quando o trinchavam, tordos escapavam-se do ventre, voejavam pela sala e eram afinal apanhados pelas varinhas com visgo dos passarinheiros. Um adolescente, favorito de Trimalcião, servia a uva e cantava os poemas compostos por seu senhor. Quando um conviva contava uma história em que se tratava dum pobre sujeito ou dum inimigo rico, interrompia-o Trimalcião com estas palavras:
— Diga-me, que significa isso: ser um homem pobre?
Aos sons duma música louca, um demente fazia um menino dançar em cima duma

escada, depois obrigava-o a passar através dum círculo de fogo e lhe estendia uma talha que devia ele equilibrar sobre seus dentes. O anfitrião afirmava que os equilibristas e os tocadores de corneta lhe proporcionavam um prazer que nada podia igualar. E se também havia contratado atores, preferia muito mais vê-los representar farsas por mímicas. No instante em que o adolescente, escravo como os atores, caía da escada, Trimalcião gemia, como se estivesse gravemente ferido. Declarava então liberto o jovem escravo. Não se podia pretender que o grande Trimalcião houvesse experimentado em sua vida qualquer emoção por um escravo!

— É bem certo — dizia o milionário filho da sorte, — que qualquer um pode servir a seus convidados um galo ou peito de frango. Mas meus cozinheiros assam bezerros inteiros. Trazia-se, nesse mesmo instante, um porco inteiro assado. Mas o anfitrião reparava que não fora ele esvaziado! Chamado, o cozinheiro confessava que, de fato, esquecera-se de fazê-lo.

— Tira a roupa — ordenava Trimalcião, — vais ser chicoteado imediatamente!

Depois, de repente, mudava de idéia:

— Esvazia-o aqui, diante de nossos olhos! — ordenava.

O cozinheiro tornava a vestir-se, agarrava sua faca e abria o ventre do porco. Dele saíam chouriços apetitosos e salsichas rechonchudas. Os servidores batiam palmas e elevava-se um brinde ao astucioso cozinheiro que recebia uma coroa de prata. O terceiro assado era um bezerro inteiro! Para apreciar-se a fortuna de Trimalcião, saiba-se que Trimalcião mandava um escriba ler uma declaração em que se dizia que, em um dia, em sua propriedade de campo, em Cumes, haviam nascido trinta meninos e quarenta meninas, tinham sido recebido dez milhões de sestércios, um escravo fora crucificado porque zombara de seu senhor, pois que um incêndio irrompera nos jardins de Pompeu.

— Quando foi então comprado o parque de Pompeu para meu uso? — perguntava estupidamente o ricaço.

Os lambris do forro entreabriam-se e, lentamente, um imenso arco abaixava-se ao alcance das mãos dos convivas. Coroas de ouro, frascos com unguentos perfumados e presentes para os convidados viam-se nele pendurados.

As brincadeiras mais ousadas eram promovidas à vontade e Fortunata, a esposa de Trimalcião, era mulher de conduta bastante escabrosa. As mulheres embriagavam-se. O escravo que servia as bebidas imitava maravilhosamente o rouxinol.

— Novidade, sempre novidades! — gritava o Creso calvo. Dentro em pouco, eram os escravos de Trimalcião (ele próprio antigo liberto) convidados a beber com os convivas.

— O que não quiser beber receberá uma talha de vinho no crânio — decretava o filho da sorte.

Dois adolescentes, providos de altas talhas, fingiam disputar e começavam a bater-se. As talhas caíam, mas eram crustáceos e ostras que delas se derramavam. Um deles os apanhava e, numa travessa, apresentava-os em roda. Semelhantes "surpresas" eram bastante apreciadas.

Avinhado, Trimalcião enternecia-se. Dava ordem de ir buscar seu testamento e, acompanhado em surdina pelos gemidos dos seus servos, mandava-o ler. Depois era o cômputo das medidas de seu túmulo. Os convidados choravam. Os servidores se

lamentavam.
— Sabemos bem que devemos morrer — dizia Trimalcião, — é por isso que precisamos primeiro gozar dos benefícios da existência! E uma vez que levo muito em conta o vosso bem-estar, tomemos um banho. Está quente como a carícia de um forno.
Totalmente ébrio, fazia Trimalcião admirar a toga guarnecida de púrpura que vestiria ao morrer.
— Espero que, frio, agradar-me-á ela tanto quanto agora — dizia.
— Imaginai, pois, que assistis aos meus funerais!
Os tocadores de trompa, que entravam na sala, eram acolhidos com as seguintes palavras:
— Fazei como se eu estivesse morto e tocai agradáveis canções.





GRAV. 69 – O imperador Marco Aurélio e seu irmão Lúcio Vero. Os irmãos reinaram juntos de 161 a 169 depois de J.C. Marco Aurélio sobreviveu a seu irmão durante onze anos e compôs, nos campanamentos militares da Morávia e da Boêmia, seus famosos "Pensamentos".



GRAV.70 – A estátua equeste de bronze de Marco Aurélio ergue-se na Praça do Capitólio. No reinado de Marco Aurélio, houve perseguições cristãs. Mais tarde, acreditaram os cristão que este bronze representava o piedoso Constantino e, por esta razão, foi conservado.

Os músicos sopravam com tanta força em seus instrumentos que os vizinhos acordavam.

Os vigilantes noturnos pensavam que a casa de Trimalcião estivesse em chamas e, armados de machados, de tinas de água na mão, rebentavam a porta de entrada.
"Aproveitando dessa ocasião inesperada — escreve o cronista, — punhamo-nos em fuga, como se tivéssemos o fogo nos calcanhares!"
Assim descrevia Petrônio os seres e as coisas com uma zombaria desdenhosa e um senso agudo da observação. Residindo na corte de Nero, devia observá-la da mesma maneira com que o fazia aos festins ridículos de Trimalcião. Era com o sorriso que desempenhava seu papel de árbitro das elegâncias e partilhava da mesa requintada do imperador-cantor, enquanto o pôde fazer, até sua morte, como.divertidor refinado e espirituoso! Foi, portanto, o genial Cervantes da Antigüidade. Nem antes, nem depois de Petrônio, nenhum escritor surpreendeu ao vivo, como ele, os costumes, os usos e os vícios da capital por ocasião de sua decadência, para apresentá-los à posteridade, com desprezo de certo, mas também com um sutil e secreto sorriso, uma franca resignação, tal um fiel e precioso espelho.

SÊNECA

QUE É O HOMEM?

> Um corpo fraco e frágil, nu, por natureza sem defesa, tendo necessidade do socorro alheio, exposto a todas as injúrias da sorte, temendo o alimento e perecendo tanto pelos benefícios da abundância quanto pelas desgraças da carência!
>
> SÊNECA.

Antes de deixar o reinado sinistro de Nero, convém que nos inclinemos sobre seu ilustre contemporâneo, Sêneca. Por uma dessas estranhas anomalias que nos oferece a história, esse homem genial, um dos maiores mestres do Ocidente, foi precisamente o preceptor do infame Nero! A atrelagem Nero-Sêneca prova, uma vez mais, que o caráter inato de uma criatura é mais determinante que a educação e a cultura e que, se um professor pode modelar as disposições ou as aptidões de um aluno, não pode transformá-las completamente. Façamos votos que os pais de todos os tempos e de todas as eras não o esqueçam! Sêneca foi, na verdade, um dos pensadores mais penetrantes de seu século, um dos grandes precursores da sabedoria e da virtude de todas as civilizações. Não há aqui como que uma espécie de milagre: quase no mesmo momento em que nascia em Belém o Salvador da cristandade, via Sêneca o dia em Córdova, no sul da Espanha? Na mesma época em que o Cristo viveu entre nós, Sêneca escrevia:

"A divindade está próxima de ti. Ela está contigo. Está em ti. Em nós, habita um espírito santo, observador e guarda do bem e do mal. Esse espírito nos estima na medida em que o tivermos tratado. Sem Deus, ninguém é um homem bom" (Sêneca, Cartas a Lucílio).

Compreendera éle o apelo do Cristo? Pressentira o valor daquela mensagem, inconscientemente, através de seu paganismo?

Galião, o irmão de Sêneca, era governador na Grécia. Naquele momento, São Paulo pregava em Corinto a religião do Cristo. A comunidade judia tentou fazer interditar a atividade do apóstolo, que alcançava em toda parte um vivo êxito e uma total adesão. Mas Galião, no ano de 52, decidiu o conflito em favor de São Paulo. É bem possível que Sêneca, nas cartas de seu irmão, tenha tido conhecimento daqueles acontecimentos. Os dois irmãos estimavam-se e Sêneca dedicou a Galião várias de suas obras. Sêneca não podia ignorar tampouco que houvesse cristãos em Roma. Era público e notório que, após o incêndio, Nero os tornara responsáveis pelo crime. As concepções ideais de Sêneca estavam tão próximas das idéias cristãs que se pensou mais tarde que esse sábio era cristão e que trocara correspondência com São Paulo. São Jerônimo certificava que as cartas que chegaram até nós eram autênticas. Em nossos dias, acha-se que são apócrifas. Sêneca viveu muito tempo no Egito, onde seu tio era governador e lá também deve ter tido conhecimento da revelação cristã, porque na época o conflito que opunha cristãos e judeus tornara-se excessivamente áspero e tenso.

Deve-se ao pai de Sêneca, Sêneca, o Reitor, a autoria de várias obras de história e de retórica. Levou a Roma o jovem Lúcio Aneus, que fez seus estudos com o estoico Átalo e Socião. Em lembrança de seus mestres, escreveu Sêneca: "Quando ouvia Átalo discorrer

sobre os vícios, os erros e as desordens da existência, tinha compaixão pela humanidade inteira e pensava que Átalo era infinitamente superior aos homens comuns. Confesso, sem nenhuma vergonha, o amor profundo que tenho por Pitágoras e que Socião soube inspirar-me."

Sêneca foi também um grande poeta dramático. Suas tragédias: Medéia, Fedra, Édipo, exerceram influência permanente sobre a literatura universal.

No reinado de Calígula, foi Sêneca nomeado questor. Seus discursos jurídicos eram duma excelência tal que o jovem imperador, cheio de inveja, estomagou-se e concebeu a idéia de suprimir o sábio. Ora, Calígula é quem foi assassinado. No ano de 41 depois de J. C, o imperador Cláudio baniu Sêneca e enviou-o à Córsega. Deveu Sêneca os oito anos de seu exílio ao ódio de Messalina. As cartas que escreveu então a sua mãe Hélvia são ao mesmo tempo tocantes e sublimes. Suas palavras teriam podido ser pronunciadas por um exilado que, numa província longínqua da Rússia, tivesse aguardado com angústia o retorno ao país natal.



GRAV.71 – Fragmento da Coluna de Marco Aurélio. Representa uma mulher germânica com seu filho que um legionário romano leva cativos.



GRAV.72 – A Coluna de Marco Aurélio foi erigida em 176-193 pelo Senado romano para comemorar as vitórias obtidas contra os marcomanos, os quadas, os sarmatas e o jáziges: Em mármore de Carrara, tem a altura de 29,77 m. A estátua do imperador, que desaparecera, foi substituída, em 1589, por uma estátua de bronze representando o apóstolo Paulo.

"Midamos com nossos passos os países do vasto mundo! Em lugar algum poder-se-ia descobrir um lugar que não pertença aos homens! Por toda parte, o olhar busca o mesmo céu e os mesmos espaços separam o homem do que é divino. Pois bem, que importa onde vivo enquanto meus olhos possam contemplar o espetáculo que jamais os fatiga, enquanto me é permitido ver o sol e as estrelas e fixar meu olhar nos astros para descobrir sua ascensão e seu declínio, suas fugas, seus retornos e as razões que dirigem sua trajetória mais ou menos rápida; enquanto fico com eles e assim permaneço, pelo tempo que é permitido ao homem, em comunicação com o céu, enquanto meu espírito, procurando a visão dos elementos que lhe estão próximos, pode morar nas esferas supremas! E que importa o resto?"

Após a morte de Messalina, foi Sêneca chamado de novo a Roma. Agripina, a segunda esposa de Cláudio, mandou dar-lhe importante função no Estado e tomou-o como preceptor de seu filho.

Se Sêneca teve muito trabalho em manter seu pupilo pelos caminhos da virtude, Nero, bem muitas vezes, considerou-o um moralista que tentava roer-lhe as asas da imaginação! Mas desde o dia em que o jovem Nero subiu ao poder, teve necessidade de conselheiros e foi então que se forjou a amizade entre os dois homens que partilharam a responsabilidade do trono: a amizade e a aliança de Sêneca e de Burrus. Burrus, prefeito da guarda, e Sêneca, o sábio filósofo de caráter amável, tomaram em mãos a direção dos negócios do Estado.

"Tinha-se bastante vontade de continuar as repressões e prosseguir nos assassínios — escreveu Tácito, — mas Burrus e Sêneca a isso se opunham. Quando Burrus morreu — provavelmente assassinado por ordem de Nero — a situação de Sêneca tornou-se precária." (Mors Burri infregit Senecae potentiam. - Anais, XIV, LII -)

A loucura assassina de Nero acabou por alcançar o velho mestre. Sêneca escreveu:

"Quem ignora a crueldade de Nero? Depois de ter matado sua mãe, seus irmãos e suas irmãs, não poderá outra coisa fazer senão suprimir seu preceptor e mestre."

A ordem de pôr fim a seus dias atingiu um homem que, melhor que nenhum outro mbrtal, estava preparado para a morte. Através da história da humanidade (que é também a história das condenações à morte e dos crimes arbitrários), somente o sábio Sócrates, entre os filósofos, enfrentou a morte com a mesma serena tranqüilidade e aureolado da mesma imortalidade que residiam em Sêneca. Não é por acaso que o grego Sócrates foi o pai espiritual do romano Sêneca. Precisamos inclinar-nos sobre a obra dum Sêneca para compreender o que representa uma existência totalmente cheia e como é possível deixá-la com paz na alma.

Não se pode duvidar que Sêneca, antes de pressentir a decisão fatal de Nero, tivesse sopesado o valor fugitivo da existência humana. Apreciava o preço do tempo e sabia a que ponto é perigoso deixar correrem os dias e os anos sem enchê-los plenamente e sem fazê-los frutificar no homem: "Considerei cada dia de minha existência como se fosse o

derradeiro", escreveu ele a Lucílio.
As exortações de Sêneca são, na verdade, bastante atemorizadoras e sua coletânea, Da brevidade da existência, deveria ser lida pelos nossos moços:
"Viveis como se fosseis imortais. Não pensais nunca a que ponto o tempo vos é parcimoniosamente distribuído. Gastais as horas como se dispusésseis delas em abundância e, no entanto, é justamente esse dia que consagrastes a um ser humano ou a uma justa causa o vosso derradeiro dia! Como mortais, tendes medo de tudo, mas desejais esse tudo como se devêsseis viver eternamente..."
"Da mesma maneira que uma conversa interessante ou um livro apaixonante pode enganar o viajor que de repente percebe com surpresa que chegou a seu destino, o homem, tão ocupado pelos múltiplos interesses que liga a seu espírito, não se aperceberá da passagem ininterrupta e rápida da existência, senão quando atingir-lhe o fim! E no entanto, não é a vida o bem mais precioso, o só e único tesouro que possuímos?" "A duração de tua existência — disse Sêneca, — não produzirá rumor. Não te advertirá de sua rapidez. Flui em silêncio... Não existe arte mais difícil que a arte de viver. Mas a maneira como se deve existir, essa aprende-se unicamente enquanto se vive..."
Como utilizar o tempo? Como evitar que o homem não o desperdice? A esta pergunta, dá Sêneca uma resposta clara: "O homem é um ser dotado de razão. Torna-se essa vantagem uma perfeição, quando o homem atinge o alvo para o qual foi criado. Que é que a razão exige do homem? A coisa mais fácil do mundo: viver segundo sua natureza!... Assegura-te de tua salvação e reflete muitas vezes quanto é bom e sábio perfazer a vida antes da morte, para atingir tranqüilamente o fim desta existência, em plena posse duma vida feliz!... Quebramos a vida em partes miúdas, dividimo-la em pedaços... Desejo-te a posse de ti mesmo para que teu espírito atormentado por inquietos pensamentos possa afirmar-se e encontrar a estabilidade e o repouso, a fim de comprazer-se na alegria e na satisfação e que depois de ter tido a revelação dos verdadeiros bens que possui, não tenha mais necessidade da acumulação dos anos!"
"Todas as noites — ensina Sêneca, — precisamos interrogar-nos para saber de que maneira melhoramos e em que sentido é preciso acelerar nossos esforços para um progresso!" Compreendeu Sêneca que o homem possui um valor autêntico, isto é, o que se é, suas capacidades próprias, sua própria faculdade de pensar e seu verdadeiro caráter. São valores esses intransmissíveis, inerentes a cada indivíduo. Os bens materiais que possuímos são de valor bem inferior. "Guarda-te de crer que um ser que depende das coisas exteriores seja feliz! Aquele cuja fonte, de alegria depende do exterior constrói sobre um terreno frágil. Toda alegria que te penetrou, vinda do mundo exterior, a éle fatalmente retornará. Mas o que teve nascimento em ti mesmo é sólido e fiel, acrescenta-se e acompanha o homem até o fim. Tudo mais, o que produz a admiração das turbas, só é agradável e estimulante sob a condição de que, quem o aceita, seja senhor de si mesmo... A alma é mais poderosa que o destino." "É um erro viver segundo a maneira alheia e fazer uma coisa unicamente porque outros a fazem. Inestimável bem é pertencer a si mesmo."
Sabia Sêneca que somente o homem que pode viver segundo sua própria natureza é um ser feliz. Havia penetrado profundamente os segredos da "vida feliz".

"Sou dos que se inscrevem contra a noção de ser a riqueza um bem. Se assim fosse, criaria a riqueza os seres bons." Todavia, não tinha Sêneca a ingenuidade de ignorar que o dinheiro e o conforto, sob condição de não serem superestimados, são coisas bastante úteis. Escreveu a esse propósito: "Confesso de boa vontade que se tem o direito de possuir a fortuna que é de utilidade e que enriquece a existência de muitas vantagens. . . Pode-se duvidar de que um sábio, que possui o conforto material, não disponha duma maior facilidade de expandir sua alma do que se estivesse reduzido ao estado de pobreza? Cessai, pois, de proibir a posse material aos filósofos. A sabedoria jamais condenou alguém à pobreza!" É certo que não deve o homem ser escravo de seus bens; pelo contrário, a fortuna é que deve servir ao homem. "No sábio, a riqueza é que está sujeita, ao passo que sobre o tolo exerce ela seu domínio. O sábio não autoriza e não permite nada à riqueza. Mas vós haveis-vos habituado a ela e a ela vos apegais, como se alguém vos houvesse prometido a posse eterna!"

É de notar que todos os pensamentos escritos por Sêneca há mil e novecentos anos permaneçam "modernos" e duma ardente atualidade. Abordou a vida por todos os lados e, descobrindo sua significação, arrancou-lhe seus segredos e seu véu as últimas questões do além. Era-lhe indiferente a opinião das massas.

"Os negócios da humanidade não são bastante bons para que se possa supor que a maioria prefira o que é melhor. O maior número fornece invariavelmente a prova do que é pior. A aprovação? Que não se esqueça que uma só e mesma coisa é e será aceita ou censurada. Eis o resultado de todo julgamento em que o homem decide, segundo a voz da maioria." Os homens atingidos pela doença de nosso século, a velocidade, a pressa e o medo de não lograr êxito, deveriam ler as páginas de Sêneca em que ele expõe seu ideal sublime na Serenidade da Alma e na Brevidade da Existência.

"Os ocupados não têm tempo de voltar-se para o passado e, se tivessem para isso lazer, a lembrança daquilo de que se deve ter vergonha ser-lhe-ia demasiado penosa. Por esta razão, só a contragosto pensam num passado "mal-vivido" e não ousam aproximar os erros que aparecem à luz... O que cobiça muitos bens com ambição e testemunha um desprezo arrogante, o que os adquiriu pelos abusos e pela astúcia, que os conquistou com avidez e depois os perdeu na dissipação, esse homem deve fatalmente ter medo de sua memória. A recompensa do espírito tranqüilo e feliz é poder evocar os instantes passados de sua existência. Mas a alma dos ocupados é incapaz de olhar para trás. Sua vida, por assim dizer, desapareceu nas profundezas."

Na Serenidade da Alma, pode-se ler: "Cada qual foge de si mesmo e sem descanso. Mas de que serve, se não pode escapar a si mesmo? O homem se segue como uma sombra importuna . . . Por isso é que empreendem os homens perigosos périplos e sulcam os mares. A inconstância, que é sempre inimiga do presente, procura sua fortuna, ora sobre os oceanos, ora sobre terras... Muitas vezes, um velho não tem outras provas para testemunhar sua longa existência senão o número de seus anos!. .. Mas não se deve crer que um ser viveu porque tem o cabelo grisalho e o rosto enrugado. Não viveu muito tempo: existiu apenas!... Viver feliz, e viver segundo sua natureza, é uma só e mesma coisa."

"Subsistimos segundo as leis do homem, se consideramos com cuidado e sobretudo sem

temor as disposições físicas e as necessidades de nossa natureza como um bem efêmero e fugitivo, que nos foi dado somente por certo lapso de tempo... Encontrarás a sabedoria no templo, no Fórum, na cúria, entre os homens de pé diante dos muros e cobertos de pó, de tez fresca ou de mãos calosas. Mas descobrirás o gozo sensual oculto na clandestinidade e na sombra, perto dos banhos, das estufas, dos lugares onde se teme a polícia de costumes, esse gozo sensual efeminado, sem virilidade, gotejando vinho e ungüentos, pálido, pintado e de faces cavadas. Mas o Espírito não muda nunca; não odeia jamais a si mesmo na sua própria aversão, e como é o que existe de maior e de mais belo, não se transforma ele próprio. O bem supremo é estar em harmonia consigo mesmo... Existe a introspecção, a perspicácia, a saúde, a liberdade e a beleza da alma!.. . Que pensas do prazer? Distingo a felicidade do homem e não a felicidade de seu ventre! E esse ventre é mais espaçoso que o dos animais! ... Assim, aprende a regosijar-te, mas sabe que a verdadeira e a pura alegria é um negócio sério!"

"Que maravilha a boa consciência! — exclama Sêneca. — O homem passa a maior parte da existência fazendo o mal; grande parte de sua vida desusa sem que ele faça nada e toda a sua existência se passa enquanto executa ele alguma outra coisa diversa daquela que deveria fazer. .. A duração de nossa existência, que se encontra para trás de nós, é a presa da morte. Guarda a continuidade de tua existência e dependerás menos do amanhã, se prenderes o dia presente. Adiando tua vida, foge elal... Aquele que diz estar em toda parte não está em parte alguma. É preciso que te detenhas junto de certos espíritos bem escolhidos e determinados e, se queres tirar proveito da sabedoria deles, deves nutrir-te de suas presenças."

Um Nero não tinha o poder de amedrontar um homem que havia atingido tal conhecimento. É certo que Sêneca não rejeitou sua vida sem reflexão. Quando verificou que invejosos o caluniavam junto a Nero, solicitou uma audiência. Com palavras corteses, agradeceu ao imperador todos os benefícios que recebera e de que gozara. Declarou que, cumulado pela sorte e pela boa fortuna, tinham sido mal partilhadas a humildade e a moderação. Solicitou o socorro do imperador.

— Não posso mais suportar minhas riquezas. Toma posse de meus bens!

Desejava depositar sua fortuna aos pés de Nero para terminar sua vida na tranqüilidade. Nero recusou:

— Foste tu que me aconselhaste quando, na inexperiência da juventude, eu me afastava do caminho reto. És tu quem dirige minha força para o bem e quem me toma sob sua proteção. Se me entregas tua fortuna, minha cupidez e o medo que sentes diante de minha crueldade serão conhecidos da cidade inteira.

Nero apertou Sêneca nos seus braços e beijou-o. O filósofo agradeceu-lhe. Tácito escreve a este respeito:

— "É sempre assim que terminam as entrevistas com os soberanos."

Após essa audiência, viveu Sêneca uma vida retirada. Raramente o viam em Roma. Seu destino completou-se no ano de 65 depois de J. C. Nero acusou-o de haver participado da conspiração de Pisão e encarregou o tribuno Silvano de comunicar-lhe sua sentença. Foi condenado a pôr fim a seus dias. Muito calmo, pediu Sêneca autorização de redigir seu testamento. Impediram-no disso. Notando lágrimas nos olhos de seus amigos, exclamou:

— Dais de barato a firmeza no infortúnio à qual nos acostumamos desde tantos anosl
Beijou sua esposa Paulina, que queria acompanhá-lo na morte. Bruscamente, abriu as veias, mas os servidores conseguiram salvá-lo.
Sêneca morreu em paz. Com mão firme, abriu as veias do braço, mas o sangue escorreu lentamente do corpo do velho, seco e emagrecido. Abriu então as veias das pernas e dos jarretes. Com um estoicismo puro, tentou dissimular aos assistentes sua dor atroz. Esgotado pela perda de sangue, ditou ainda importante discurso a seu escriba. Como a morte tardasse a chegar, pediu a seu médico Aneu que lhe administrasse forte dose de veneno. O tóxico não produziu efeito algum. Sêneca tomou então um banho muito quente. Aspergiu seu escravo favorito, declarando que oferecia aquela libação a Júpiter, o libertador. Depois, fez-se transportar ao banho de vapor. Ali morreu, sufocado.
"Ninguém cuida de viver sabiamente, pelo contrário, toda a gente se gasta em viver muito tempo. No entanto, se cada qual pudesse lograr viver com sabedoria, ninguém deveria existir muito tempo. Conquistou a sabedoria aquele que morre com a mesma despreocupação com que nasceu."

GALBA

O VELHO AVARENTO

> Ninguém jamais contestou que Sulpício Galba fosse o personagem mais rico que entrou na casa dos Césares.
>
> PLUTARCO, "Galba", cap. III.

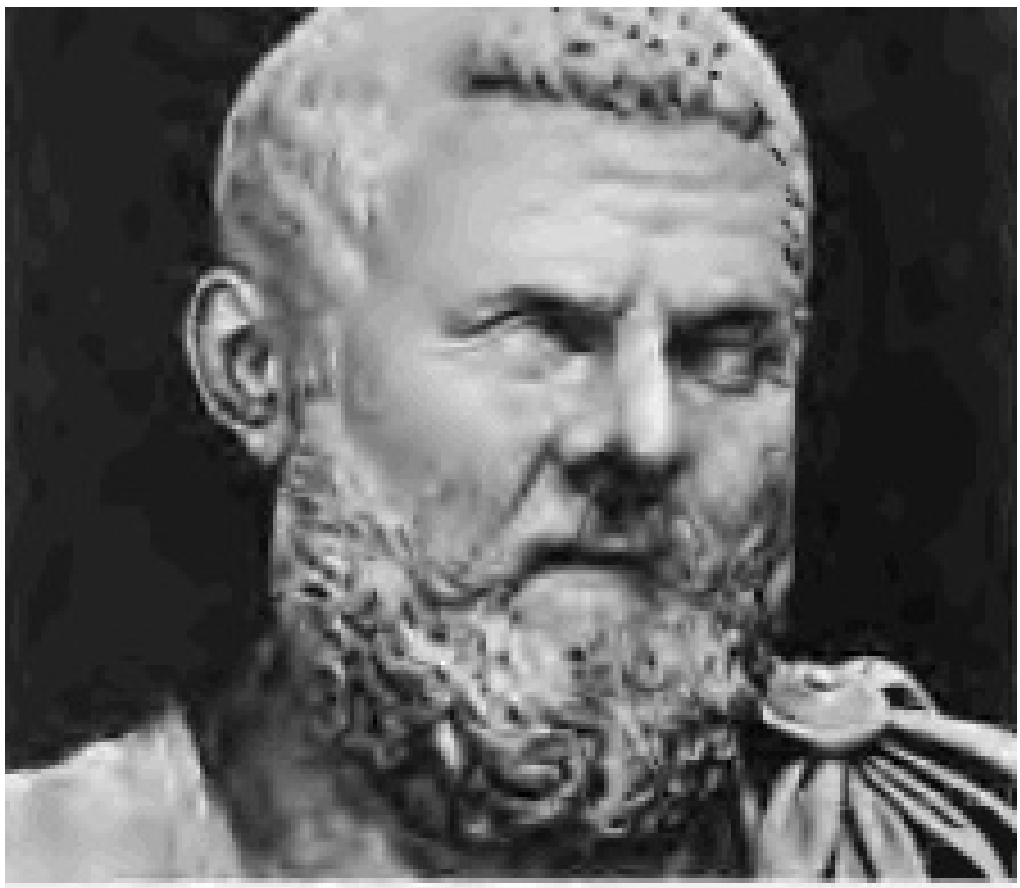
A descendência dos Césares extinguiu-se com Nero, que morreu sem herdeiro. Galba, seu sucessor, não tinha parentesco com ele, nem por filiação natural nem por adoção, e o sangue que corria nas veias desse imperador era totalmente estranho ao dos seis Césares que o haviam precedido. Nascido a 24 de dezembro do ano de 5 antes de J. C, dizia-se Galba, que era com efeito de antiga nobreza, bisneto de Quinto Catulo Catolino. Fazia mesmo remontar sua genealogia a Júpiter e a Pasifaé, mulher de Minos. Ora, mais que a seus antepassados lendários, devia a consideração de que gozava a um parentesco bastante afastado com Lívia, esposa de Augusto. Durante a vida desse imperador, a significação do nome de Galba já era bem vaga e esquecida. Chama-se galbanum a goma resinosa duma planta que cresce na Síria. Galbeum designa a charpa de lã que se traz enrolada no braço e diziam que Galba, doente servira-se duma charpa semelhante para manter os remédios aplicados em seu braço. Em dialeto gaulês, galba significa gordura, e galbae designa a lagarta do bicho-da-seda. O avô de Galba interessava-se pelo passado; era o autor duma história de Roma desde sua fundação. Essa obra não chegou até nós. O pai de Galba, enfermo e disforme, ativo, trabalhador, inteligente mesmo, era advogado. Quando a rica e bela Lívia Ocelina quis desposá-lo para partilhar de sua antiga nobreza, Galba, o pai, sem má intenção, mostrou-lhe francamente sua deformidades. Mas Ocelina não se amedrontou.

Na verdade, o imperador Sérvio Galba proviera da primeira mulher de seu pai, Múmia Acaica. Quando os astrólogos predisseram ao velho Tibério que o jovem Galba tornar-se-ia, no fim de sua vida, imperador de Roma, o misântropo respondeu:

— Neste caso, basta deixá-lo viver, porque num futuro tão distante não me incomodará.

Levava o jovem Galba a vida dum aristocrata abastado e mimado. Passava os verões na sua bela propriedade de Túsculo, perto cie Roma, onde tinham as famílias patrícias suas casas cie campo. Perto de Frascati (a 24 quilômetros de Roma), as escavações trouxeram a lume as ruínas de Túsculo. Quando rapaz, exigia Galba já dos que o cercavam uma atitude deferente e servil. Duas vezes por dia, os libertos e os escravos, segundo velho costume romano, deviam apresentar-se diante dele. Todas as manhãs, homens e mulheres desejavam-lhe um dia agradável, e, à noite, era preciso cumprimentá-lo para desejar-lhe uma boa noite. Estudava as disciplinas científicas árduas da época, especialmente o direito. Contraiu casamento, mas após a morte dc Lépida, sua esposa, ficou só, não porque a tivesse amado apaixonadamente, mas porque, verdadeiro Narciso, só amava a si mesmo — e também os adolescentes vigorosos. Viúva, Agripina, mãe de Nero, interessara-se por Galba, mas teve ele a prudência de evitar-lhe a companhia, tanto quanto suas temíveis mercês.

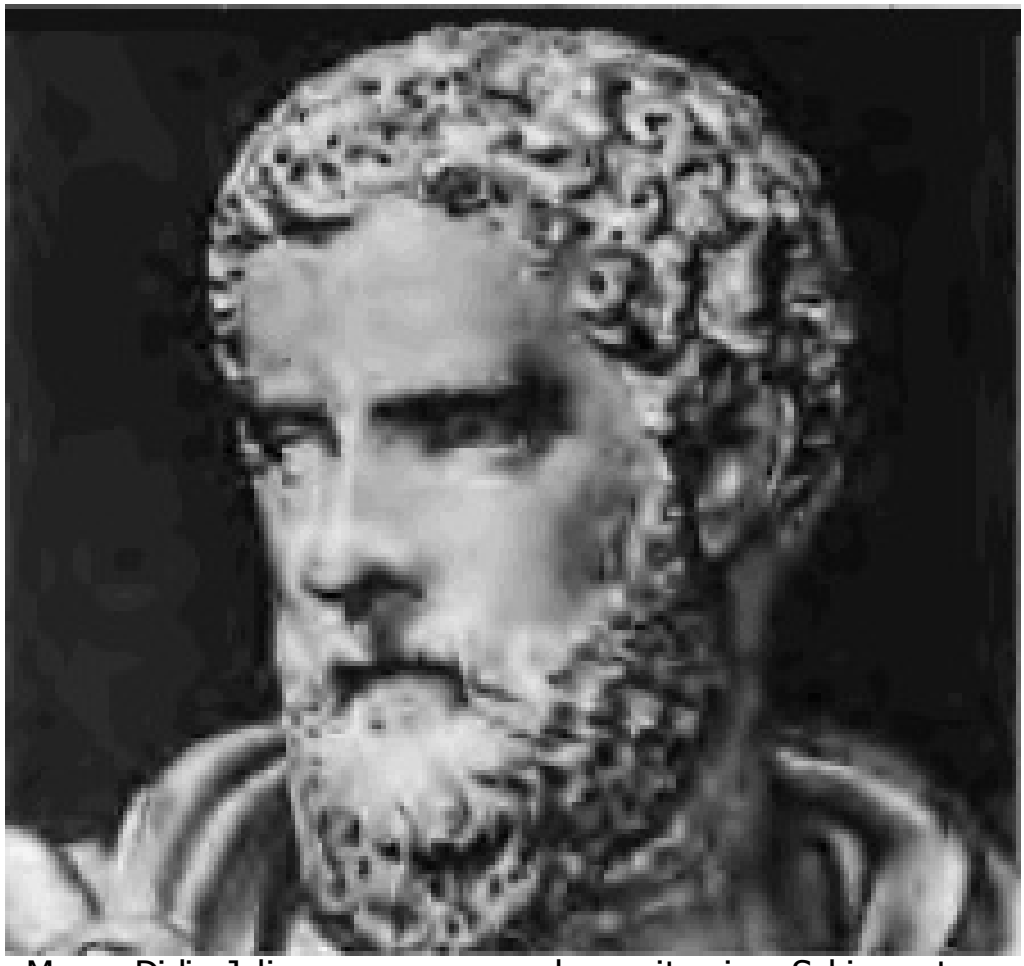
Jovem ainda, foi Galba nomeado pretor. Por ocasião dos Jogos Florais, festejados todos os anos no mês de maio, em honra da deusa Flora, ofereceu aos romanos, para maior alegria deles, a primícia dum espetáculo de escol: os elefantes saltimbancos. Cônsul, governador da Aquitânia, legado da Germânia do Norte, valoroso general durante as campanhas contra os germanos, tais foram as altas funções do homem que, aos setenta e três anos, veio a ser imperador de Roma. Quando, após o assassinato de Calígula, os amigos e partidários de Galba tentaram convencê-lo a fazer-se proclamar imperador, o homem, prudentemente, absteve-se. Cláudio, o sucessor de Calígula, ficou-lhe grato e votou-lhe sincera amizade. Nomeado governador da África, ali vejo Galba a distinguir-se. General severo, temiam-no os legionários, desde seu governo na Aquitânia. Para ele, veteranos e recrutas deviam exercitar-se nas armas e endurecer-se num serviço rigoroso, implacável, sem interrupção e sem repouso, e recusava-se categoricamente a conceder a menor licença. Quando um legionário, na África, vendia o alqueire de trigo de sua ração, dava Galba ordem, em caso de escassez, de deixá-lo morrer de fome. Ornado com as múltiplas insígnias dos triunfos e das honradas, terminou Galba seu período africano.



GRAV. 73 — Públio Helvécio Pertinax distinguiu-se como general, na Rétia. no reinado de Marco Aurélio e, na Grã-Bretanha, no reinado de Cômodo. Após o assassinato de Cômodo, reinou durante dois meses e vinte e cinco dias.



GRAV. 74 — O Imperador Cômodo reinou de 180-192 depois de J. C. Inaugurou uma época sangrenta, caracterizada por crueldades inauditas e assassinatos maciços. Esse íilho desnaturado de Marco Aurélio foi finalmente assassinado pelo gladiador Narciso.



GRAV. 75 — Marco Didio Juliano era um senador muito rico. Subiu ao trono do Império graças a um leilão. Após um reinado de dois meses, foi assassinado em 193 depois de J. C.

Era Roma nessa época governada por Nero. Prudente por natureza, demonstrou Galba uma circunspecção maior ainda do que no passado. Vivia retirado e, quando partia em férias, seus animais de tração eram acompanhados por um segundo comboio, verdadeiro cofre-forte que encerrava um milhão de sestércios, destinados a enfrentar uma fuga eventual ou, pelo contrário, a subornar os homens.

Recebeu Galba então a província de Hispânia Tarraconensis, composta de algumas províncias do norte e de leste da península ibérica. Um dia, no templo, enquanto Galba oferecia um sacrifício aos deuses, produziu-se um milagre. A cabeleira do jovem servo que levava o incensório ficou branca de repente. Os adivinhos interpretaram esse milagre como a certeza reveladora de que um velho seria imperador, após o reinado dum homem jovem: Galba sucederia a Nero.

Todavia, esse dia ainda não chegara. Durante oito anos, administrou Galba sua província espanhola. Continuavam a temê-lo. Assim que aparecia, reforçava-se a disciplina. A população era-lhe grata por isso. Até então os procuradores haviam governado o país a seu bel prazer. Galba, pelo contrário, era enérgico, severo e duro até a crueldade.

Para castigar um cambista desonesto, mandou cortar-lhe as mãos e pregá-las em cima de seu balcão. Mandou crucificar um tutor que havia envenenado seu pupilo. O homem fez valer sua qualidade de cidadão romano e que por esse fato, poderia apelar para o

imperador. Galba "abrandou" então a pena. A cruz seria mais alta do que era de uso e pintada de branco...

Mas Galba não tardou em experimentar certa inquietação diante das queixas provocadas por sua severidade. Era preciso evitar a todo preço atrair a atenção de Nero. Afetou certa indiferença e deixou que os negócios seguissem seu ramerrão, porque "aquele que não age não pode ser citado em justiça". Dois acontecimentos abalaram o espírito do homem que, até então, só desejara viver uma vida tranqüila. Interceptou Galba uma carta de Nero que dava ordem aos procuradores para assassiná-lo. Recordou-se então duma velha profecia que afirmava que, um dia, "o soberano do mundo" sairia da Espanha. Como, mais tarde, Carlos V e Filipe II, Galba acreditou que a predição se referia a si. Decretou o estado de guerra, recrutou novas legiões e organizou uma guarda de corpo segura e experimentada.



GRAV. 76 — O Imperador Sétimo Severo ocupou o trono de 193-211 depois de J. C. Nascido na Aírica, foi proclamado Imperador em Carnuntum. à margem do Danúbio.

Astrólogo distinto, casou-se com Júlia Dorana, "a moça do horóscopo real". Morreu em Eboracum (York).



GRAV. 77 — O Arco de Triunfo de Sétimo Severo no Fórum de Roma foi erecto em 203, pelo Senado e pelo povo, em honra do imperador e de seus filhos Geta e Caracala. A inscrição evoca a celebração do decênio do reinado de Sétimo Severo, em 205 depois de J. C. Nos socos do Arco de Triunfo, vêem-se partes cativos.

Pouco faltou para que Galba não tombasse antes de haver atingido seu alvo. Dirigindo-se às termas, passava por um beco sombrio, quando repercutiram gritos:

— Dever-se-á perder uma ocasião tão propícia?

Que significavam essas palavras? Detidos, os dois escravos, assassinos assalariados, confessaram, sob tortura, que Nero os contratara para aquela tarefa.

Depois vem a notícia inacreditável: Nero está morto! E Galba vem a saber pelo mesmo correio que, em Roma, o povo lhe prestou juramento de fidelidade. O nome de César tornou-se um título: é o detentor do poder supremo. No mês de junho de 68 depois de J. C, toma Galba o título de César. O novo imperador vinha precedido dum renome pouco lisonjeiro. Com setenta e três anos de idade, calvo, o corpo deformado pela gota, de que sofria havia muito tempo, tudo fizera para tornar-se impopular. Esmagado pelas suas próprias dores, era-lhe indiferente o sofrimento alheio. Antes que o nariz ganchoso do senhor se inclinasse sobre a mesa, ouvia o mordomo seus suspiros. Estava furioso o velho

avarento diante do número de comidas e de pratos e calculava mentalmente o montante da despesa.
Por ocasião da primeira representação teatral a que assistiu com o título de imperador, desviou a vista daquele espetáculo a que não estava acostumado.
— Eis o avarento que vem de sua província! — entoaram em coro os comediantes. E os espectadores retomaram o mesmo estribilho.
Tinha as dobradiças emperradas, no verdadeiro sentido da expressão. O artritismo torturava-o a ponto de lhe serem insuportáveis as sandálias mais macias. Suas mãos, deformadas nas articulações dolorosas, não podiam nem ao menos segurar um rolo de papiro. Ao locomover-se, três homens o escoltavam, inseparáveis como sua sombra: Tito Vínio, Cornélio Laco e o liberto Icelo. Vínio, que roubara um dia uma taça de ouro da mesa do imperador Cláudio, era a manifestação viva da cupidez; Laco era a própria preguiça e Icelo encarnava o vício. Dominado por esses valdevinos, o velho sem vontade, gotoso. "reinava" sobre Roma. Quando seus males o torturavam, sua avareza e sua dureza se tornavam rígidas até a ferocidade. Nesses momentos, a menor suspeita bastava para mandar um homem ao carrasco.
O velho sovina reuniu cinqüenta patrícios que encarregou de recuperarem as doações de Nero. Em contraposição, opôs-se à execução de alguns criminosos, capangas do tirano, entre outros o eunuco Haloto, de Tigelino, antigo prefeito dos pretorianos, um dos principais executores da tirania de Nero, cujo castigo foi exigido várias vezes pelo povo.
Era sobretudo sua atitude desatenciosa para com o exército que expunha Galba aos maiores perigos. Jamais cumpria suas promessas. Tratava os oficiais e os soldados com desprezo e não se privava de insultá-los, de humilhá-los. O primeiro exército, que recusava obediência ao imperador, ocupava a Germânia do Norte. O rabugento velho, que sofria agora duma dolorosa excrescência no lado direito, pensava que os oficiais o desprezavam porque não tinha ele filhos. Reuniu as legiões e adotou, perante os soldados, o jovem aristocrata Pisão Frugi Liciniano. Cinco dias mais tarde, a 15 de janeiro do ano de 69 depois de J. C, sucumbia o infeliz adolescente ao mesmo tempo que Galba.
Durante os derradeiros dias da vida de Galba, sucediam-se os acontecimentos com rapidez. A faixa que mantinha a temível excrescência do lado direito afrouxara-se. Tinha o imperador um apetite de papão. Não gemia mais quando lhe serviam uns vinte pratos. Assim que acordava de manhã bem cedo, começava a comer vorazmente. Cercava-se de homens vigorosos e o contemplá-los causava-lhe o único prazer que sentia na sua mísera existência.
Depois dominou o velho uma estranha mania. Entre os tesouros que havia acumulado, escolheu um colar de pérolas rutilantes e pedras preciosas. Queria ornar com ele a estatueta de bronze de uma deusa que possuía na sua propriedade de Túsculo. Encontrara esse bronze um dia na soleira de sua porta, como uma criança abandonada por seus pais. À sua Fortuna, quis oferecer a mais bela jóia que possuía.
Mas a avareza reteve-lhe a mão. Queria oferecer uma jóia única e o colar destinado à Fortuna foi consagrado à Venus Capitolina. Ora, na noite que se seguiu ao sacrifício, a Fortuna lhe apareceu. Insultou-o. No seu sonho, ou através de suas alucinações, viu que a deusa retomava todos os dons que lhe prodigara. Desesperado, o velho gemeu e,

penosamente, levantou-se. Foi preciso oferecer imediatamente um sacrifício expiatório e deu ordem de ativar os preparativos no mesmo instante.
Como um obsessionado, perseguido pela loucura que o tocaiava, partiu o ancião precipitadamente para Túsculo. Sobre o altar, no local onde ardia habitualmente uma labareda radiante, só viu Galba cinzas quentes. No lugar do adolescente vestido de branco, um velho cambaleante, de roupas de luto, mantinha-se de pé.
— Teus assassinos se aproximam! — concluíram os arúspices. Otão, com efeito, estava presente ao sacrifício e Galba havia-o abraçado.
Naquele mesmo dia, aconselharam Galba a dirigir-se ao acampamento dos pretorianos, porque Otão havia tomado conta do poder. Mas Galba, esgotado, torturado por dores agudas em todos os seus membros, decidiu ficar no seu palácio e mandou buscar pretorianos para defendê-lo. Depois vestiu uma armadura de dezoito camisas de pano, endurecidas com sal e vinagre.
— Ai — suspirou o imperador, — algumas espadas bastarão para liquidar tudo!
De repente, ouviram-se gritos ao longe: a revolta estava jugulada. Muitos cidadãos haviam permanecido fiéis ao imperador. Galba desejou ir ao encontro dos portadores de boas notícias. Deixou o palácio. Um soldado, apostrofando-o, acusou-se de ter matado Otão.
— Por ordem de quem? — replicou o imperador, simplesmente para não ter de recompensá-lo.
No caminho para o Fórum, perto do Lago Cúrcio, aproximava-se um grupo de cavaleiros. O povo afastou-se e, num piscar de olhos, foi o velho reumático abandonado pela sua comitiva. Não ignorava Galba o que o esperava. Ofereceu a nuca e gritou as palavras rituais que se pronunciam para o sacrifício de uma vítima expiatória:
— Vamos! Já que é preciso, feri!



GRAV. 78 — O desgraçado Geta, filho de Sétimo Severo e de Júlia Domna, perfidamente assassinado em 212 depois de J. C. por seu irmão Caracala (Bassiano).



GRAV. 79 — Júlia Domna, segunda mulher de Sétimo Severo, era síria. Bela, espirituosa e sábia, teve de assistir, impotente, ao assassinato de seu filho Geta, morto sobre seus joelhos pelo seu irmão Bassiano.

Ninguém tentou socorrê-lo. Em silêncio, horrorizados, tinham os assistentes os olhos pregados naquela matança. Foi o ancião abandonado no local mesmo em que o massacraram. Um soldado que passava cortou-lhe a cabeça para levá-la. Mas não soube por onde pegá-la: Galba era calvo. Pôs então o legionário seu polegar na boca aberta do imperador. E foi assim que apresentou a cabeça a Otão. Este atirou-a aos soldados de sua escolta, que a fisgaram com a ponta de uma lança, enquanto cantavam:

— Agora, podes gozar de tua velhice, Galba.
Alguns dias mais tarde, Árgio, o intendente de Galba, enterrou o tronco e a cabeça nos jardins que bordavam a estrada Aureliana. Nomeado imperador na idade de sessenta e três anos, Galba, após oito meses de reinado, morreu no mesmo ano. "Se ele não houvesse reinado — escreveu Tácito, — teria o mundo pensado que poderia ter dado um bom imperador."

OTÃO

"SEI MORRER MELHOR DO QUE REINAR”

> "Sei morrer melhor do que reinar!" tais foram as palavras de Otão. Plutarco, o historiador grego, escreveu: "Logo que o liberto se afastou, agarrou Otão a espada e, pondo-a de pé, precipitou-se sobre sua ponta. A dor que deve ter sentido arrancou-lhe um gemido e foi assim que os que se achavam do lado de fora compreenderam o que se tinha passado."
>
> PLUTARCO, "Otão". cap. XVII.

Roma, primeira cidade do mundo, era naquela época a cidade da corrupção, o lodaçal de todos os vícios. Entre as sete colinas que dominavam a capital, a devassidão, a perversão, o adultério, a homossexualidade, a crueldade, a traição e a injustiça revelavam suas máscaras hediondas. Calígula, Cláudio, Nero e Galba tinham acumulado tanta ignomínia e lama que Otão, o novo imperador, iria nela afundar-se mais profundamente ainda. Entre os anos de 30 a 69 depois de J. C, a imoralidade repugnante de Roma atingira o paroxismo. Um imperador vivia numa inquietação constante e tremia pela sua existência, como é quase sempre a sorte dos tiranos. A lembrança do sangue derramado, os urros das vítimas massacradas transformaram em infernal angústia as noites dos césares romanos. Culpado de assassínios, depois de tantos julgamentos iníquos e de covardes envenenamentos, o imperador tornava-se fatalmente desconfiado; suspeitava sempre de que se tramavam conspirações contra a sua pessoa. Todos possuíam numerosos espiões a seu soldo; as paredes tinham ouvidos, enquanto lavrava o terror. O oprimidos, os humilhados, os bajuladores, os lisonjeadores hipócritas foram os gênios maléficos que suscitaram nos Césares onipotentes, que se acreditavam infalíveis, miragens ilusórias! Todo imperador, qualquer que ele fosse, era normalmente obrigado a desconfiar.

No reinado do imperador Augusto, ascendiam os homens às altas funções graças a seus méritos, à sua coragem, ao seu talento. No reinado de Cláudio, o melhor meio de obter honradas, superioridade e promoção na hierarquia social consistia em despistar uma conspiração contra a vida do senhor. Foi o que pusera em prática, durante longos anos, Lúcio Otão, o pai do imperador Otão. A empresa não apresentava, aliás, nenhum perigo.

Um escravo revelou a Otão um atentado contra Cláudio, urdido por um cavaleiro romano. Lúcio Otão soube explorar a oportunidade que o acaso lhe trouxera. Domado e obsequioso, o Senado mandou erigir.a estátua de Otão no palácio da justiça e Cláudio conferiu-lhe a nobreza patrícia.

— Entre meus próprios filhos — afirmava ele, — não poderia desejar melhor homem que Otão.

Inteligentemente, soube Lúcio Otão adaptar-se aos costumes da época tão corrupta e tão cheia de venenosas intrigas. Tibério testemunhara-lhe muita amizade e, talvez, devesse Otão sua sorte à surpreendente semelhança que havia entre o imperador e ele.

A 28 de abril do ano de 32 depois de J. C, sua esposa Albia Terência, de origem aristocrática, deu à luz uma criança do sexo masculino, cujas pernas tortas constituíam uma malformação incurável.

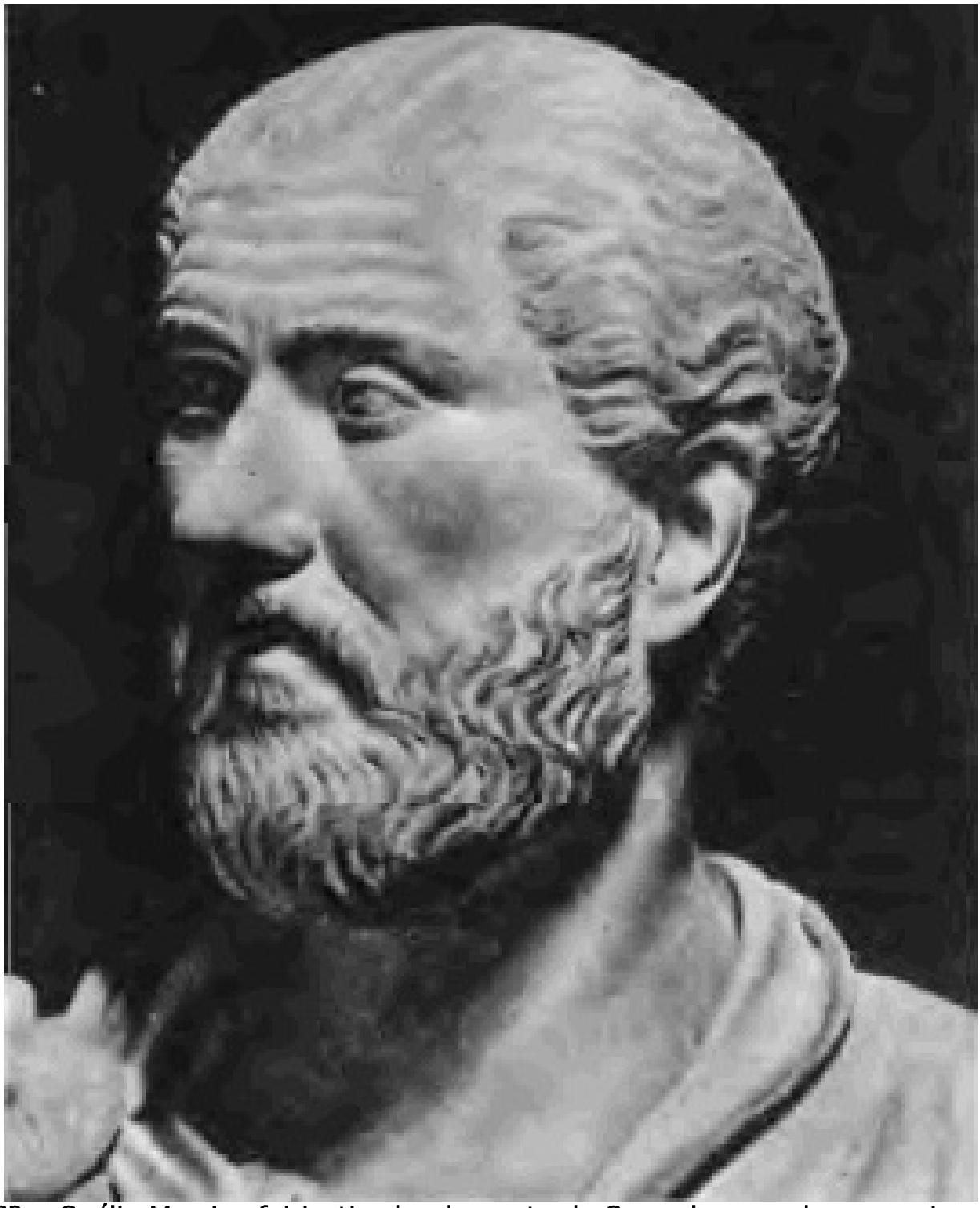
Para desgraça sua, o jovem Marco Sálvio Otão desenvolveu outras taras que, por outro lado, formavam singular contraste com sua vaidade muito acentuada. Mole, depravado, sensual, vagava o adolescente pelas ruas de Roma e, oculto nos cantos sombrios das portas, tocaiava os homens que regressavam ébrios para atacá-los. Havia em Roma bandos de jovens ociosos cuja única qualidade era sua origem nobre. Plauto, o poeta cômico, havia já outrora imortalizado esse tipo clássico da juventude romana depravada.
Otão, o pai, bem cedo surpreendera as baixas e viciosas dileções de seu filho e Marcos Sálvio recebia freqüentes correções. Acuado como um jovem animal selvagem e maléfico, estava o adolescente sempre pronto a fugir do domicílio paterno para gastar mais dinheiro do que possuía e combinar golpes criminosos. Reconcentrado, suportava a chibata e aguardava com impaciência a morte de seu pai.



GRAV.80 – Plautila, esposa de Caracala. Foi morta pelo seu marido, indivíduo instável e assassino.



GRAV.81 – O imperador Caracala, depois de ter assassinado seu irmão Geta, ocupou o trono do império romando de 212-217 depois de J.C. Construiu as famosas termas de Caracala. Em virtude de um manto particular que usava é que Marco Aurélio Antonino Bassiano veio a ser apelidado de Caracala.



GRAV.82 – Opélio Macrino foi instigador da morte de Caracala e proclamou-se imperador. Nascido na África, seu reinado pouco glorioso, durou apenas um ano (217-218 depois de J.C)

Mal o velho Otão deixou o nosso mundo, seu lamentável rebento passou a fazer a corte a uma pessoa de triste reputação e já bastante madura. Incapaz de amá-la, deu pelo menos a impressão de estar por ela muito apaixonado. Essa mulher, uma liberta, apresentava, para o bom êxito dos projetos do rapaz, uma vantagem segura: gozava das boas graças de Nero. Foi assim que Marcos Sálvio Otão penetrou na roda que cercava o imperador. Não houve nisso nada de muito surpreendente, porque o jovem intrigante e o imperial cantor

estavam feitos para entenderem-se. E, da mesma maneira que uma cortesã pode lisonjear a vaidade dum tirano um tanto tolo, pôde ele tomar com Nero algumas liberdades. Não é preciso acrescentar que Otão nada ignorava dos segredos íntimos do imperador. Foi ele quem preparou seu casamento de conveniência com Popéia Sabina, a amante de Nero, e foi ainda éle quem a impeliu ao adultério. Todavia, mudou de opinião, e tê-la-ia bem substituído — era demasiado tarde — pelo seu chefe impaciente. Viu-se Nero mesmo obrigado a enviar Otão em missão à Lusitânia para possuir sozinho Popéia. Naquela época, toda Roma ridicularizava Nero que, furioso, zangava-se contra aquele esposo que cometia adultério com sua própria mulher!

Otão administrou a província durante dez anos. Fica-se surpreendido ao verificar que foi excelente questor. Quando Galba conspirou contra Nero, Otão tornou-se seu aliado. Desde aquela época, acariciava a secreta esperança de subir ao trono e acreditou que essa esperança estava confirmada numa profecia do famoso astrólogo Seleuco, que Tácito e Plutarco designaram pelo nome de Ptolomeu. Se Seleuco havia desde muito predito que Otão substituiria Nero, garantia-lhe agora que "dentro de pouco tempo seria ele imperador"! Foi conscientemente, deliberadamente e com método que Otão preparou sua futura ascensão. Quando o imperador Galba ia à sua casa, a tomar parte num banquete, o jovem homem comprava a preço de ouro, um após outro, os homens que compunham a imperial guarda de corpo. Graças às suas liberalidades, soube conquistar o favor das coortes. E os soldados em breve ficaram seduzidos pela idéia de ter como imperador um senhor cuja generosidade contrastava tão vantajosamente com a sórdida avareza de Galba.

Durante algum tempo, acreditou Otão que Galba o adotaria. Mas quando percebeu que não se tratava disso, projetou um atentado contra o imperador. Procedeu segundo o sistema chamado da avalancha; fez que participassem de seu projeto cinco guardas do corpo e recomendou a cada um deles que conquistasse dois outros mercenários assalariados. Cada homem receberia enorme paga.

Otão foi visitar Galba e, depois de ter conversado amavelmente com éle, despedia-se quando um servidor anunciou que os "arquitetos" esperavam. .. Era a senha convencionada para pôr em movimento o mecanismo da conjuração. O próprio Otão enviou os legionários que deveriam assassinar Galba. Proclamado imperador, ignorava Otão que seu reinado não iria além de noventa e cinco dias. Pôs em cena um verdadeiro culto do herói, votado a Nero, a quem mandou erguer estátuas. E exigiu que o povo o chamasse de "Nero". Dispendeu cinqüenta milhões de sestércios para terminar a construção do Palácio de Ouro do imperador.

Uma manhã, ouviram os servidores gritos que se erguiam do quarto de Otão. Acorreram e encontraram-no estendido no chão, diante de seu leito. Galba, dizia ele, aparecera-lhe em sonho e havia-o atirado da cama abaixo.

Num outro dia, durante violenta tempestade, Otão caiu, como que fulminado. Ouviram-no os servidores pronunciando por várias vezes estas palavras em língua grega:

— Por que, pois, escolhi a flauta mais comprida e mais difícil de tocar?

Bem antes de tê-las em suas mãos, compreendeu que as rédeas do poder lhe escapavam. Com efeito, as legiões que ocupavam a Germânia tinham prestado juramento a Vitélio. Otão deu ordem ao Senado para enviar embaixadores a Vitélio, a fim de comunicar-lhe que

era éle, Otão, quem fora eleito imperador! Mas Vitélio avançava para Roma. Ao pé dos Alpes, alcançou Otão duas vitórias sobre seu adversário. Mas foi totalmente derrotado em Bedriac, entre Cremona e Mântua.

Otão jamais fora o que se chama um herói. Tinha horror às guerras civis. Quando um soldado anunciou que o exército fora esmagado em Bedriac, ninguém em Roma deu crédito às suas palavras. No acampamento imperial, levava-se a coisa em troça. Mas, diante de Otão, precipitou-se o mensageiro sobre a ponta duma espada. O pai do historiador Suetônio assistia à cena e contou mais tarde que o imperador, desesperado, gritara:

— Não quero expor a terríveis perigos homens tão corajosos! Otão cumprimentou pela derradeira vez seu irmão e os amigos presentes, queimou sua correspondência, distribuiu presentes e recebeu os que desejavam entreter-se com ele. Depois de ter bebido um copo de água fresca, ocultou sua espada debaixo de seu travesseiro e mergulhou em profundo sono. A fria energia de que Otão deu prova, ao romper do dia, de cabeça repousada, parece surpreendente: com um único golpe de espada no coração, pôs fim a seus dias. Gemia, quando seus servidores irromperam em seu quarto. Com a mão, ocultou Otão o ferimento, depois mostrou-o mais uma vez para ocultá-lo de novo. Estava morto.

Somente naquele instante é que se veio a conhecer que o imperador era calvo como um ovo. Uma peruca, perfeitamente adaptada a seu crânio havia, durante longos anos, iludido os que o cercavam. Todas as manhãs, mandava fazer massagem em seu rosto com miolo de pão para ter uma tez lisa e macia.

A morte corajosa de Otão acusava tal contraste com sua maneira de viver que vários soldados, em lágrimas, beijaram as mãos e os pés do homem que achavam nobre e valente e seguiram-no na morte, atravessando-se os corações com um golpe de espada. Numerosos cidadãos romanos que haviam desprezado e amaldiçoado Otão enquanto vivo, louvavam-no após sua morte. Houve em Roma "duelos por motivo de fidelidade ao imperador". Estavam as vítimas desses duelos certas, parece, de juntar-se ao imperador no além. Foi na verdade uma época turva e estranha, cheia de confusão, que alterara e desvalorizara a hierarquia das normas e dos valores. A humanidade tinha necessidade de uma idéia, dum ideal capazes de sustentá-la e de aliviá-la de sua miséria. Era bem certo que o Evangelho do Cristo fora revelado aos homens. Era bem certo que o cristianismo tinha já seus mártires. Mas no ano de 69, ainda não havia conquistado o império romano.

VITÉLIO

O IMPERADOR GLUTÃO

Para explicar a bulimia do imperador, os historiadores romanos foram unânimes em pensar que usava êle, após cada refeição, duma pena que lhe permitia esvaziar seu estômago.

O AUTOR.

Lúcio, pai de Vitélio, sofria duma perversão bastante singular. Consistia em aspirar a saliva doutra pessoa. Governador da Síria, atingiu a mais alta função do império romano, quando foi escolhido para representar o imperador, na ausência de Cláudio que prosseguia sua campanha da Inglaterra. Era, contudo, esse alto dignitário do Estado ridicularizado e desprezado pelo povo porque, como um cão submisso e fiel, sorria o jugo duma liberta de quem era o escravo. Como era do conhecimento de todos, bebia-lhe a saliva, misturada com mel.

— Estou sempre rouco — dizia ele, — e essa bebida acalma minha garganta em fogo!

Foi Lúcio quem imaginou prestar ao tirano Calígula o culto reservado aos deuses. Levava até o absurdo a bajulação e a idolatria hipócrita. Seria possível oferecer a Calígula mais honrarias do que já recebera? Era verossímil para um homem se se chamasse Lúcio Vitélio e se estivesse decidido a comportar-se como um derviche, ébrio de seu êxtase, diante do deus Calígula.

Mais tarde, foi o reinado de Cláudio, homem sem vontade, joguete das mulheres e dos libertos. Ora, Cláudio achava Lúcio muito a seu gosto. Estendido de barriga para baixo aos pés de Messalina, rogou-lhe Lúcio que lhe oferecesse uma sandália. Naquele dia, Messalina, condescendente, estendeu-lhe um pé e ele agarrou a sandália bordada. Desde aquele dia, trazia-a consigo, entre sua toga e sua túnica. Se um passante parava diante dele, Lúcio, subitamente, retirava o amuleto de seu esconderijo e beijava-o apaixonadamente...

Morrera o pai de Vítélio dum ataque que o levara em vinte e quatro horas. Que se podia esperar do filho de tal indivíduo?

Vitélio assumiu o poder no ano de 69 depois de J. C., o ano "célebre" dos três imperadores. Galba, Otão e Vitélio só reinaram alguns meses e todos três, Vitélio em primeiro lugar, fracassaram lamentavelmente.

Aulo Vitélio era geralmente conhecido pelo apelido de Spíntria. Passara sua mocidade em Capri, na corte do imperador Tibério, que se comprazia na companhia de rapazes depravados que alegravam seu retiro e sua solidão melancólica. Designava aqueles adolescentes pelo nome de sprintier. Depois de ter ganho as boas graças de Tibério, Aulo Vitélio preencheu em casa de Calígula o emprego de condutor de carros; na casa de Cláudio, distinguiu-se no jogo de dados e, junto a Nero, representou a "voz do povo". Com efeito, um dia, quando Nero, de mau humor, deixou o circo onde tanto desejara participar dos jogos, Aulo Vitélio, à força, trouxe-o de volta, garantindo-lhe que o público o reclamava na arena. A alta proteção dos imperadores devia fatalmente facilitar sua carreira. Pontifex maximus, cônsul, procônsul na África, depois arquiteto-chefe de Roma, tais foram as

etapas de sua ascensão política. Vitélio assassinara o filho de Petrônia, sua primeira mulher. Ora, o filho que lhe dera Galeria Fundana, sua segunda esposa, sofria duma atrofia da língua. Física e psiquicamente, as famílias reinantes daquela época eram taradas. No no de 68 depois de J. C., enviou Galba Vitélio à Alemanha do Sul. Era surpreendente tal decisão, uma vez que se considerava Vitélio um homem perigoso. Mas Galba afirmava, e, em princípio, não lhe faltava razão, que os indivíduos, cujo interesse único da vida se concentrava no comer e no beber, eram bem menos de temer que os outros. Ora, Vitélio era a tal ponto comilão que mesmo em Roma, onde a gulodice era tida em grande honra, não se teria podido descobrir exemplo semelhante.

Além disso, Vitélio era um homem arruinado. Para permitir-se alugar a casa, alojava sua mulher, seu filho e sua filha numa mansarda. Levava uma vida dissoluta e vivia esmagado pelas dívidas. Para empreender uma viagem à Germânia, precisava de dinheiro. Dizem que arrancou das orelhas de sua mãe brincos ornados duma pérola. Perseguido pelos credores, pelos pretores e pelas pessoas a quem havia enganado (e a quem não pagava), defendia-se Vitélio como um belo diabo. Pela acusação e pela intimidação cominatória, tentava reduzir ao silêncio seus perseguidores, que mesmo de noite faziam-no levantar-se da cama.



GRAV. 83 — As Termas de Caracala, começadas em 206 por Sétimo Severo, foram inauguradas em 216 por Caracala. Mil e quinhentas pessoas ao mesmo tempo podiam nelas tomar banho. O grupo colossal do "Touro de Farnésio", a "Flora", o "Hércules de Farnésio" e o "Torso do Belvedeze" fizeram parte da decoração das termas. A reprodução no alto representa o conjunto das termas; a de baixo, as abóbadas do "frigidarium". As instalações de aquecimento encontravam-se provavelmente em peças subterrâneas. Em 847, um tremor de terra destruiu o edifício.



Não lhe faltava psicologia. Osculava os simples legionários. Durante suas locomoções, saudava com cortesia os palafreneiros e os viajantes que encontrava na estrada, pedindo-lhes notícias, indagando da qualidade de suas refeições, enquanto arrotava com satisfação, tendo já engolido enorme quantidade de alimento.

No acampamento, representava Vitélio o perfeito general, paterna], generoso e preocupado com o bem-estar de seus soldados. As penas infamantes eram supressas, as acusações refutadas, as licenças concedidas e, além disso, havia fartas distribuições de presentes.

A admiração que os legionários sentiam por ele manifestou-se subitamente, com entusiasmo, a uma hora tardia da noite. Despertaram Vitélio e, em trajes de dormir, proclamaram-no imperador.

Na verdade, a data desse acontecimento não era duma escolha feliz. Ocorria no dia 2 de janeiro do ano de 69 depois de J. C. Para os romanos, o segundo dia de cada mês era nefasto. Proclamado imperador em Colônia, colônia Agrippinensis, Vitélio, meio adormecido, com a espada do divino César na mão, foi levado em triunfo pelas ruas principais da cidade. Desde essa época, em Colônia, cidade onde a fantasia se dá livre curso, era o carnaval festejado com esplendor. Ao amanhecer, como um gigantesco fanal no céu empalidecente, brotaram chamas. A sala de jantar do general estava a arder. Mas Vitélio

afugentou do espírito os maus presságios:
— Para nós — gritou ele, — o céu brilha com todas as suas luzes!
O imperador tomou o nome de Germânico e marchou contra Otão. Depois de sua vitória em Bedriac, ordenou algumas execuções e comportou-se como um triunfador. A pilhagem, os crimes, os incêndios de suas coortes provocavam-lhe gargalhadas. Se os escravos foram libertados, os homens livres foram reduzidos à escravidão. O chicote era a regra. E se a cabeça de um indivíduo não lhe agradava, Vitélio, com um golpe de espada, a decepava.
Estava o campo de batalha de Bedriac juncado de cadáveres. Ao sentirem a fedentina que se desprendia dos corpos, os militares que acompanhavam Vitélio recuaram, mas ele exclamou:
— Se os cadáveres de nossos inimigos cheiram sempre bem com nossas vitórias, os dos romanos têm melhor odor! Serviu-se vinho e Vitélio bebeu com seus oficiais e ,seus soldados.
Sob as bandeiras e os estandartes das legiões vitoriosas, o novo imperador, ornado com seu manto de general, fez sua entrada em Roma. As trombetas saudavam o começo do reinado dum novo degenerado.
Não resta dúvida que era Nero o ideal de Vitélio. Organizou uma festa em honra dele, na qual cantaram-se as melodias do defunto imperador. Queria ultrapassar-lhe os faustos e, quanto ao Palácio de Ouro, declarou que não compreendia como Nero tinha podido habitar numa casa tão sem conforto. Os cortesãos, que eram ainda desse mundo, regosijaram-se com a boa fortuna e vantagens que se prenunciavam!
Vitélio consagrava pouco tempo aos negócios do Estado. Confiava a direção do governo a seu favorito Asiático, escravo liberto ao qual estava intimamente ligado. Cansado dos caprichos de seu amo, o rapaz fugiu um dia. Pouco tempo depois de sua fuga, viu Vitélio o adolescente a quem amava em Puteoli, onde vendia limonada. O imperador mandou acorrentá-lo e trouxe-o para o palácio. Mas assim que se encontrou de novo em casa do imperador, o jovem favorito se rebelou de novo. Vitélio vendeu-o então a um mestre de esgrima ambulante. Mas mais tarde, quando avistou Asiático na arena, combatendo entre os gladiadores, mandou Vitélio ainda uma vez libertá-lo.
Os momentos mais sagrados e mais importantes da existência do imperador eram os dos repastos e das orgias. Para explicar sua bulimia, os historiadores romanos foram unânimes em pensar que usava ele, após cada refeição, duma pena que lhe permitia esvaziar seu estômago. Esses exercícios repetidos e assíduos haviam-no tornado mestre na arte da eructação! Duma maneira geral, vivia o imperador sem dinheiro e, para remediar essa carência, tinha por costume anunciar sua visita à casa de vários romanos durante um único e mesmo dia. Se os donos assim honrados não dispendiam uma soma enorme para um banquete, tinham toda a probabilidade de ser decapitados! Quando Vitélio chegou a Roma, seu irmão deu uma festa em sua honra. No banquete, serviram-se dois mil peixes de espécies raras e sete mil aves. Para estrear uma travessa de prata de grandes dimensões, as comidas oferecidas na mesa imperial ultrapassaram em originalidade o que se tinha conhecido até então. Fígados de dourados, miolos de faisões e de pavões, línguas de flamengos e leite de moreia, regados de azeites e de molhos preciosos, foram

saboreados pelos convivas. Todas as galeras do Mediterrâneo, e até além do Bósforo, foram requisitadas para a pesca.
Mas o apetite monstruoso de Vitélio aumentava ao comer. As horas em que, entre as refeições, nada havia para devorar, pareciam-lhe vazias e insuportáveis; à noite, sobretudo, quando os cozinheiros dormiam, levantava-se Vitélio, cascavilhava nas cozinhas e nas adegas, onde quebrava os potes e bufetes para descobrir vinhos velhos e bons bocados.
Sofria o imperador doutro grave tormento: era o odor que se desprendia no altar da carne e das guloseimas dos sacrifícios. As oferendas que consagrava aos deuses não tinham de ser, é claro, muito fartas! No entanto, não se podia conter e por vezes arrancava às labaredas do altar os melhores pedaços para engoli-los ali mesmo. No decorrer de suas viagens, quando avistava à beira da estrada hospedarias fechadas à noite, inspecionava os lugares e deitava mão, para engoli-los logo, aos velhos restos de gorduras, de legumes e de carnes que descobria.
Sua crueldade corria parelhas com seu apetite monstruoso. Feria os indivíduos com penalidades refinadas e inventava os meios mais horríveis e mais inverossímeis para suprimir suas vítimas. A um homem que delirava com forte febre, mandou administrar um veneno misturado com água fresca. Sua vingança mais implacável exerceu-se contra seus credores. Assim que avistava algum daqueles que lhe haviam emprestado dinheiro, condenava-o à pena de morte.
A fim de intensificar seu cruel gozo, agraciava algumas vezes condenados, para mandar massacrá-los em seguida à sua vista. Naquela época era perigoso constar dum testamento, porque Vitélio era capaz de enviar para o outro mundo não só o testador como os herdeiros.
Os astrólogos, em geral de origem caldaica, que tinham predito o dia exato da morte do imperador, foram banidos de Roma. Perseguiu-os com seu ódio implacável e mandou matar grande número deles. Diz-se que recusava os cuidados necessários à sua mãe doente porque uma mesopotamiana predissera que éle permaneceria no poder se sobrevivesse à sua mãe. Numa "constante embriaguez", como o escreveu Dion Cássio, reinou Vitélio dessa maneira durante oito meses. Depois os exércitos, um após outro, abandonaram-no. Os soldados prestaram juramento a Vespasiano. Um medo intenso apoderou-se de Vitélio. Na esperança de conservar a fidelidade de alguns de seus partidários, concedeu-lhes somas enormes. A todos os voluntários fez, no caso de vencerem, promessas que teria sido incapaz de cumprir.
Sob o alto comando de seu irmão, enviou uma frota contra seus adversários. Sua infantaria foi desfeita em Cremona pelas legiões de Vespasiano. Em Roma ninguém tinha o direito, sob pena de morte, de fazer alusão a esse acontecimento. Tácito escreveu que Vitélio se comportava como um sonâmbulo a quem se teria brutalmente despertado. Decidiu implorar a clemência do inimigo e entrou em conversações com Flávio, irmão de Vespasiano. Decidido a retirar-se da cena política, abdicou, mas, encorajado por cortesãos, mudou de parecer. No momento em que Sabino e os partidários de Vespasiano depunham as armas, surpreendeu-os e os afugentou até o Capitólio, onde mandou pôr fogo ao templo de Júpiter Máximo. De seu palácio, observava o incêndio, em que encontraram a morte os homens de Sabino.

Mas sua situação permanecia precária. Propôs ao Senado enviar plenipotenciários para negociar um tratado de paz. Vias Vespasiano marchava sobre Roma. Vitélio fugiu, acompanhado dum pasteleiro e dum cozinheiro. Mal o imperador deixou a cidade, recebeu a notícia: Vespasiano estava pronto a assinar a paz.

Vitélio voltou a Roma, mas encontrou o palácio imperial deserto. Com sua enorme pança cercada por um cinto cheio de moedas de ouro, penetrou então o imperador na casa do porteiro. Prendeu um cão de guarda diante da porta e, do interior, entrincheirou-se com a cama e demais móveis. A vanguarda do inimigo veio revistar o palácio. Os soldados interrogaram o porteiro obeso:

— Onde está Vitélio?

Tremendo de medo, o imperador acorreu e procurou enganá-los. Mas um soldado o reconheceu. Vitélio, de joelhos, implorou, graça. Que o prendam, então, mas não o matem! Era o imperador e detinha segredos importantes, susceptíveis de salvar a vida de Vespasiano! Mas os soldados lhe amarraram as mãos atrás das costas e lhe passaram uma corda em torno do pescoço.

Com as roupas rasgadas, semi-nu, arrastaram-no pelas ruas de Roma. Tratado com rudeza e brutalidade, insultavam-no. Os soldados agarraram-no pelos cabelos, puxaram-lhe a cabeça para trás e, sobre seu peito, fixaram a ponta duma espada dirigida para o céu. Assim, foi obrigado a mostrar seu rosto, porque não podia baixar a cabeça.

— Assassino! Ignóbil glutão! — urrava a plebe.

Pesado, canhestro, vacilante, arrastava-se o imperador pelas ruas. Em conseqüência duma ferida na perna, no decorrer duma lição de quadriga que dera a Calígula, Vitélio coxeava. A obesidade e á vermelhidão congestionada da cara faziam dele um personagem grotesco.

Vespasiano não concedeu morte rápida ao carrasco de tantas vítimas. Depois de inúmeras torturas e de ignóbeis refinamentos de crueldade, teve ele um fim atroz. Amarrado a um gancho, arrastaram-no para o Tibre e seu corpo foi lançado na água. Seu filho sofreu a mesma sorte. "Se a guerra civil estava terminada, a paz não estava ainda restabelecida", escreveu Tácito.

Em Roma e nas províncias, os partidários de Vitélio foram descobertos e massacrados pelos insurrectos. Tinha Vitélio ao morrer cinqüenta e cinco anos. Os astrólogos babilônios não se haviam enganado nas suas profecias!

VESPASIANO

UM IMPERADOR CREPITANTE DE ESPIRITO

> Cenis, sua inteligente esposa, ganhava dinheiro com o qual beneficiava a cidade. De todas as partes recebeu ela belos presentes. Em troca de uma retribuição, podiam-se obter cargos, govemadorias, lugares de comando, dignidades de sacerdócio e até mesmo respostas favoráveis do imperador!... Tendo seu filho Tito desaprovado o imposto sobre as latrinas, pôs-lhe Vespasiano sob o nariz algumas moedas de ouro que provinham dessa espécie de renda e exclamou: "Não, meu filho; não têm cheiro — non olet"!
>
> DION CÁSSIO, livro XVI, cap. XIV.

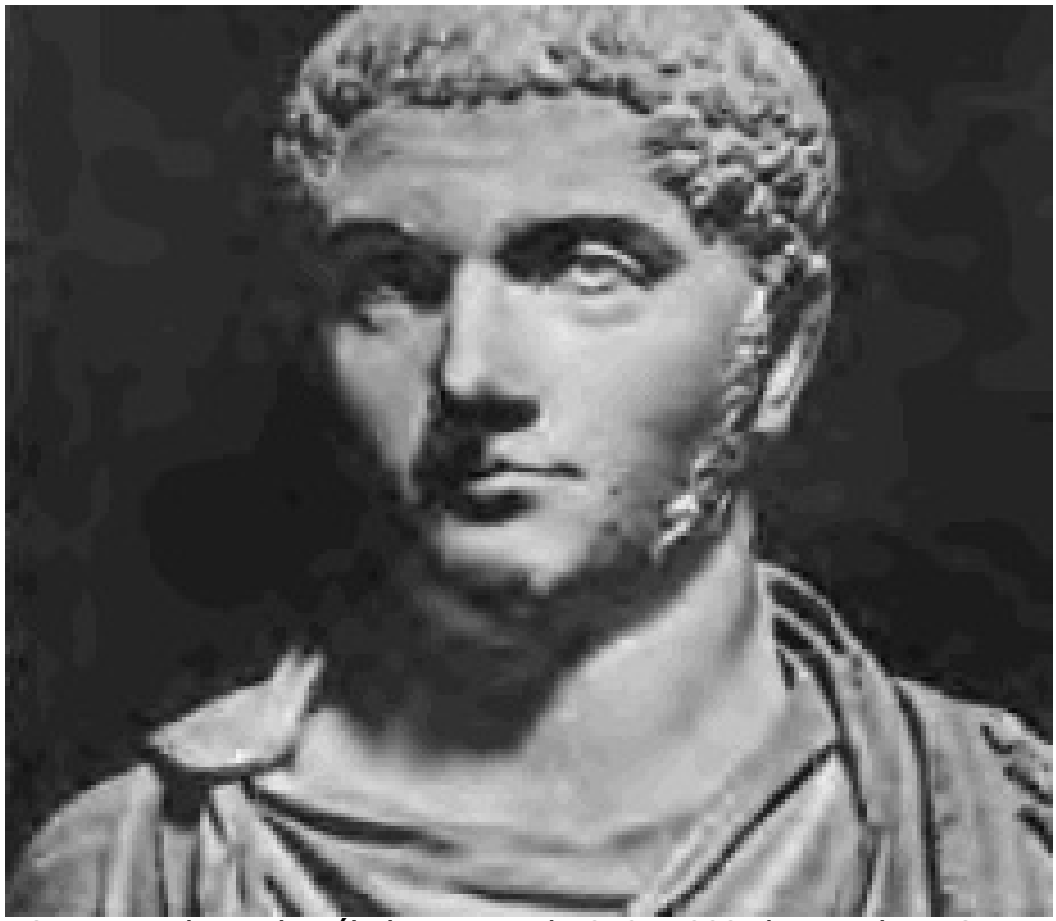
Com Galba, Otão e Vitélio, a aristocracia romana tinha renunciado. Abandonara definitivamente a idéia, a ambição mesma de reinar! Eram as famílias nobres incapazes de dar ao Império um chefe e um senhor. A família dos Flávios, de origem burguesa, não tinha ascendentes nobres. Mas o Estado não tinha necessidade de envergonhar-se; pelo contrário, parecia bem que o reinado dos Flávios, uma época mais clemente devia aparecer para a felicidade de todos.

Vespasiano viu a luz do dia em Falacrina, pequena aldeia situada perto de Reato, na Sabina, velha região da Itália central.

Tito Flávio Vespasiano era filho dum alfandegário. Vespásia Pola, sua mãe, natural de Núrsia, era uma daquelas mães romanas enérgicas cuja ambição esporeava os filhos para os altos feitos, as empresas de grande envergadura e as elevadas funções oficiais. A família dos Flávios era de origem etrusca.

Sob a vigilância de sua avó Tértula, Tito Flávio criou-se numa propriedade rural. Quando imperador, teve Vespasiano muitas vezes a nostalgia de seu país natal e não esqueceu sua querida avó. Nos dias festivos, jamais deixava de servir-se da pequena taça de prata que havia pertencido a Tértula e fazia conservar-lhe a casa de campo como um museu, para manter-lhe o aspecto que tivera quando em vida da grande dama. Casou-se Vespasiano duas vezes: da primeira, com Domitila, antiga amante dum cavaleiro romano, que lhe deu três filhos: Tito, Domiciano e uma filha. Quando ela morreu, tomou como esposa uma liberta, moça inteligente e trabalhadora, que foi secretária de Antônia, a mãe de Cláudio. Cenis possuía as duas qualidades que produzem as melhores secretárias do mundo: excelente memória e uma discreção absoluta. Não é de admirar que o imperador lhe votasse integral fidelidade. Depois da morte de Cenis teve Vespasiano várias favoritas e, a história no-lo comunica de fonte segura, durante sua sesta, revezavam-se no partilhar-lhe o leito. No reinado de Cláudio, distinguiu-se Vespasiano na Germânia e na Inglaterra, onde travou trinta batalhas, submeteu vinte cidades e conquistou Vectis, a atual ilha de Wight. Em 63, foi nomeado governador da África onde, segundo Tácito, dirigia mal os negócios, ao passo que Suetônio afirma o contrário. Se Vespasiano soube lisonjear Calígula e conquistar-lhe as boas graças, nenhum êxito logrou junto a Nero. Sem dúvida suportava mal os recitais de canto e de poesia do imperador, porque adormecia em cada sessão. Por essa razão interdiziam-lhe o acesso à corte.

Naquele tempo, a Judéia, terra onde Jesus Cristo nascera, foi para o império romano fonte de inquietação constante. Fortificadas pelo sentimento de culpa que sentiam os judeus em relação à crucificação do Cristo, as esperanças que depositavam na vinda dum Messias haviam-se tornado uma idéia muito forte e bastante perigosa para Roma.
O historiador romano Suetônio escreveu que, na época, todos os países do Oriente estavam convencidos de que a Judéia tinha por destino "dominar o mundo".
Exaltados ao pensar que, pela vontade de seu deus nacional, reinariam sobre todos os povos da terra, o ódio dos judeus contra os heréticos assurnira perigosa amplitude em Cesaréia e outras cidades. Desde muito tempo achava-se a Palestina sob o domínio romano. Se os judeus tinham recebido a revelação de que seu deus reinaria sobre todos os povos da terra, não haviam compreendido que essa profecia visava antes de tudo ao domínio espiritual. Rebelaram-se, pois, contra Roma, contra os funcionários romanos é contra os povos aliados ao Império. No ano de 67, na. idade de cinqüenta e cinco anos, foi Vespasiano encarregado do comando em chefe das legiões romanas na Judéia. Seu filho Tito acompanhava-o na qualidade de lugar-tenente. Ocupou Vespasiano a Galileia e Samaria. Desenrolaram-se heróicos, combates perto do lago de Genesaré. O monte Tabor e a fortaleza de Jotapata foram tomados. Durante o sítio, foi Tito o primeiro romano que transpôs os muros que cercavam a cidadela.



GRAV. 84 — O imperador Heliogábalo reinou de 218 a 222 depois de J. C. No seu reinado, foi Roma teatro de cenas de devassidáo desconhecidas até então.



GRAV. 85 — Júlia Maméia era a mãe de Alexiano que. conjuntamente com Heliogábalo, foi proclamado imperador aos treze anos de idade. Imperador, Alexiano tomou o nome de Alexandre Severo. Maméia dominou o seu filho e, através dele, o império romano.



GRAV. 86 — A bela Júlia Paula era a primeira mulher do rei-sacerdote Heliogábalo. Este retrato mostra-a na idade talvez de 26 anos. "ensombrada por grande melancolia. Está sonhadora, preocupada mais consigo mesma do que com os outros" (Hans Weber).



GRAV. 87 — Alexandre Severo, 222 a 235 depois de J. C, tinha olhos tão belos, tão brilhantes que, diziam, era difícil suportar seu olhar penetrante. Amado pelos romanos, foi um soberano cheio de bondade, manso e honesto, mas demasiado submisso à sua mãe com a qual foi assassinado.

O defensor de Jotapata chamava-se José ben Matatias. Quando a cidade foi tomada de assalto, conseguiu salvar-se e dirigiu-se ao acampamento dos romanos. Acorrentado, levaram-no à presença de Vespasiano. Pronunciou então palavras proféticas:

— Hoje, carregas-me de ferros. Mas dentro de um ano, imperador, tu me libertarás de minhas cadeias. José ben Matatias, padre e profeta, entrou na história sob o nome de Josefo. Devemos-lhe numerosas informações relativas à sua época. Emigrou para Roma, tornou-se cidadão romano e escreveu as célebres Antigüidades Judaicas, a história do povo judeu, desde suas origens até o ano de 66 depois de j. c.

A profecia do grande visionário cumpriu-se no verão do ano de 69. A primeiro de julho, foi Vespasiano proclamado imperador pelas legiões de Alexandria e a 3 pelo exército da Judéia.

Ora, para o povo — e observa-se aqui como que uma reminiscência obscura do ensinamento do Cristo — a dignidade imperial de Vespasiano não parecia confirmada por um deus. Esperava-se de Vespasiano a realização de um milagre. No Egito, um cego e um paralítico imploravam sua cura. Refratário à fé que ergue montanhas, aconselhava Vespasiano aos doentes que se dirigissem aos médicos. Mas, a instâncias dos que o cercavam, teve sem dúvida de submeter-se a esse dever sagrado, porque a história consigna que curou os dois homens.

"Vários falsos profetas se elevarão e seduzirão muita gente" (MATEUS, XXIV, 11), disse o Cristo. Mas a notícia do milagre chegou a Roma e a consideração que se devia ao imperador tornou-se maior.

Benéfica era a atividade política e social de Vespasiano. Obrigava o exército a uma disciplina severa. Dava muita importância à confirmação dos plenos poderes que lhe devia ser significada por uma lei, ratificada pelo Senado e pelo povo. Gravada numa tabuinha de bronze encontrada em Roma, chegou essa lei até nós em seu texto exato. Vespasiano mostra-se como uma réplica de Augusto, mais sólido e mais robusto. Tinha horror ao que era efeminado; detestava a elegância duvidosa e refinada dos rapazes da época. A um adolescente muito bem cheiroso, disse: — Gostaria bem mais que tresandasse a alho! Ativou Vespasiano os trabalhos de reconstrução de Roma, cujos numerosos quarteirões achavam-se em ruínas desde o incêndio de Nero. Em pessoa, ajudou os homens a removerem os escombros. Proprietários de bens de raiz que deixavam seus terrenos em alqueive ou abandonados podiam perdê-los para os que, desejosos de construir em lugar deles, ofereciam seu concurso. Perto do Fórum mandou Vespasiano erguer o templo da Paz e, no centro da cidade, nos terrenos do Palácio de Ouro de Nero, fez edificar o anfiteatro flaviano, mais tarde chamado o Coliseu.

A fim de retornar à dignidade e à razão seus súditos de costumes corruptos, levou Vespasiano o Senado a publicar um decreto segundo cujos termos toda mulher que entretivesse relações íntimas com um escravo estrangeiro, tomar-se-ia escrava do senhor a quem pertencia seu amante não liberto. Roma mostrava-se estupefacta diante do espetáculo insólito que oferecia um imperador sensato e virtuoso. O burguês que se sentava no trono do Império gostava da retidão e da limpeza. Era uma coisa tão nova, tão excepcional que quase causava escândalo! Vespasiano ignorava o ódio e o rancor e nenhuma satisfação sentia em verter sangue. Sabia-se em segurança. Diante de seu palácio, não se viam guardas! Quando havia no circo combates de animais ferozes, não sentia o imperador prazer algum em ver os gladiadores lutarem. Quando se via forçado a assinar uma sentença de morte, suspirava e derramava lágrimas. De costumes simples, gostos sóbrios, bom e benévolo, ficava Vespasiano indiferente aos testemunhos honoríficos. Para grande assombro da corte, tirava suas botas sem o auxílio de um escravo!

Era até mesmo permitido zombar dele e, sem temer a mínima penalidade, podia-se invectivá-lo. Há um exemplo conhecido: tendo sofrido uma condenação dada pela corte de justiça, o cínico Demétrio, furioso, insultou o imperador que, sem puni-lo, replicou com a simples palavra "cachorro!" Lembremos que os cínicos tiravam seu nome do ginásio Cinosarges, em Atenas, onde ensinavam sua filosofia. Como preconizassem o desprezo pela civilização e pelo progresso, o retorno à natureza (Diógenes) e a palavra kyon signifique em grego "cachorro", Vespasiano, na sua réplica, significou ao filósofo mais ou menos a seguinte idéia:

— Tu és e permanecerás um cínico, isto é, um cachorro que late. Mas os cães que ladram não mordem e, portanto, é supérfluo punir-te!

À mesa, mostrava-se sempre Vespasiano de um humor estranho. Gostava de pilheriar e de contar boas anedotas que, muitas vezes bastante leves, não deixavam de ser excelentes.

Um dia, Mestrio Floro fez-lhe ver que a palavra plostra (carro de carga) era pronunciada de maneira duvidosa e que deveria dizer-se plaustra. Desde esse dia, passou o imperador a chamar Floro de "Flauro".
O imperador criticava muitas vezes a si mesmo e, a este propósito, convém mencionar que o soberano levava bastante longe o senso da economia. Talvez a parcimônia se lhe tivesse imposto. Desde o começo de seu reinado, teve Vespasiano necessidade de 40 bilhões de sestércios para evitar a bancarrota do Estado que seus predecessores haviam tão bem preparado. Aumentou os impostos e os tributos das províncias e traficou com os negócios com uma mestria de que não se envergonharia um cavalheiro de indústria... Por intermédio de Cenis, sua esposa, comprava mercadorias raras, depois, quando havia carência delas no mercado, fazia-as revender com gordos lucros. Traficava com cargos e perdões. Os alexandrinos puseram-lhe o apelido de "vendedor de atum".
Por ocasião das Saturnais, o mímico Favor fez, segundo o costume, uma paródia dos hábitos, dos tiques e falas do imperador e o histrião aludiu também aos seus funerais. Quis então Vespasiano saber em quanto importariam as despesas dessa cerimônia. Quando lhe responderam que se elevariam a dez milhões de sestércios, exclamou:
— Dai-me somente cem milhões de sestércios e lançai-me no Tibre!
Vespasiano deve ter herdado a bossa de negócios de seu pai que foi alfandegário!
Na época, era a urina uma substância preciosa utilizada para curtir as peles. O imperador lançou, pois, um imposto sobre a urina, isto é, sobre as latrinas, e quando seu filho Tito censurou-o a esse respeito, chegou-lhe ao nariz algumas moedas de ouro e perguntou-lha;- "Têm cheiro?" Decorre disso a famosa expressão non olet: "O dinheiro não tem cheiro", venha donde vier. Era Vespasiano um homem de espírito e mesmo quando sentiu os primeiros ataques da doença que iria matá-lo, gracejava:
— Ai! creio que vou tornar-me um deus!



GRAV. 88 — Era aqui que se tomavam as decisões mais importantes. O Fórum foi o centro do vasto Império, ponto de mira da vida de Roma que, pelas 11 horas da manhã, ali atingia seu ponto culminante. Desde a aurora até às 4 horas da tarde, era proibida a circulação de veículos.

De estatura meã, de constituição robusta, tinha Vespasiano um rosto cuja expressão habitual era a de um dispéptico. Levantanda-se cedo, tomava conhecimento da correspondência e dos relatórios administrativos. Recebia seus amigos bem cedo, enquanto se vestia. Prosseguia seu trabalho, concedia-se curto passeio de carro, depois deitava-se para a sesta. Bem repousado, tomava um banho. Sobrestimava o imperador o valor dos banhos frios que, parecem foram a causa de sua doença intestinal.

Aos sessenta e nove anos, o mal derrubou-o. Acamado, ocupava-se ainda com os negócios do Estado, dava audiências aos embaixadores e fiscalizava os julgamentos do tribunal de justiça.

Não queria morrer e, principalmente, em seu leito. Nos derradeiros momentos, reuniu suas pobres forças e levantou-se.

— Um imperador deve abdicar de pé — suspirou e foi nos braços dos oficiais da corte que entregou aos deuses sua alma nobre e viril.

Burguês honesto, filho da região da Sabina, esse etrusco, descendente dos atlantes, vivera sessenta e nove anos, sete meses e sete dias.

TITO

A ERUPÇÃO DO VESÚVIO

> Já uma chuva de cinzas se abatia sobre nós!... Olhei para trás. Como um rio em movimento, um vapor pesado nos acompanhava... As trevas caíram sobre nós e com elas uma chuva de cinzas tão quentes que tivemos de levantar-nos várias vezes para sacudir a espessidão de cinza que ameaçava cufocar-nos.
>
> PLÍNIO, O MOÇO a Cornélio Tácito, livro VI, carta 20.

Imperador aos quarenta anos, morreu Tito dois anos mais tarde, em plena força, em plena maturidade. Reinou apenas dois anos.

Mas sua glória sobreviveu durante longos séculos na. memória dos homens. Tito foi a estréia brilhante que iluminou o céu tão sombrio da história do império romano. Foi, como o disse perfeitamente Suetônio, "o amor e as delícias do gênero humano".

Tito Flávio Vespasiano passou sua infância na corte de Nero, com o infeliz Britânico que Nero mandou envenenar. Diz-se que Tito, por ocasião da refeição em que Britânico pereceu, estava deitado a seu lado e provara da bebida maléfica. Na verdade, o adolescente, então com dezesseis anos de idade, esteve muito tempo doente. Foi isso no ano de 55 depois de J. c.

Não se ignora que acompanhou seu pai à Judéia e foi o primeiro romano que transpôs os muros de recinto da fortaleza de Jotapata. Em 70, pôs Tito cerco a Jerusalém. Composta da cidade baixa, da cidade alta e do Templo, todos três fortificados, foi preciso tomá-los de assalto um após outro. Os judeus defenderam-se encarniçadamente, sustentados pelo ardor de sua fé. Mas, umas após outras, as fortificações caíam. O templo foi incendiado. Os sacerdotes lançaram-se literalmente sobre as espadas dos assaltantes, certos de se entrematarem, outros saltaram dentro do braseiro.

"Para eles, perecer enterrados sob os escombros ch Templo, não era morrer. Era a vitória, a salvação e a beatitude", escreveu Dion Cássio (livro LXVI, cap. VI).

Os soldados aclamaram Tito, a quem chamaram imperador. Quando teve de deixar a província da Judéia, suplicaram-lhe que ficasse ou os levasse com ele. Suspeitou-se um momento que Tito tivesse querido trair seu pai para fazer-se proclamar imperador do Oriente. Mas apressou-se em regressar a Roma. Quando avistou Vespasiano, exclamou, transtornado de emoção e de alegria:

— Eis-me aqui, meu pai, eis-me aqui!

É preciso pedir perdão e verificar que a confiança e a compreensão entre um pai e um filho foram raras na história dos Césares! Tito associava-se intimamente aos negócios do Estado que atormentavam seu pai. Em nome do imperador Vespasiano, ditava e assinava a correspondência e seu pai o considerava um co-regente. Promulgava as leis e os éditos e tomou o comando em chefe da guarda dos pretorianos. General do exército, foi brutal, autoritário e violento. Implacável, mandou executar os homens que julgou perigosos para ele, bem como para seu imperial pai. Não tardou o povo em acusá-lo de crueldade.

Desse aspirante oficial ao trono, ávido de viver e de compreender, não esperava Roma

grande coisa de nobre e de grande. Em companhia de seus amigos, passava Tito as noites em bebedices. Convivia com jovens de costumes duvidosos e não se pode deixar de pôr à sua conta as tristes rixas com a rainha Berenice.

Berenice, irmã de Herodes Agripa II, rei dos judeus, após dois casamentos de curta duração, vivia em união incestuosa com seu irmão. Os Atos dos Apóstolos nos fazem saber que ela teve oportunidade de ouvir São Paulo em Cesaréia. Berenice contribuíra para a elevação de Vespasiano ao trono. Ligada a Tito, casou-se com ele secretamente e cativou-o com sua incomparável beleza que, na época, era célebre. Mas Roma, que não ignorava a conduta escandalosa da princesa, mostrava-se inquieta e temia as reações de Tito, antes mesmo que se tornasse imperador.

Entretanto o temor dos romanos afirmou-se bem vão. Desde o instante em que ascendeu ao trono, rompeu Tito com seus amigos de juventude e escolheu para conselheiros homens avisados e eminentes. Mandou Berenice embora, se bem que essa separação fosse dolorosa para os dois amantes. Na história dos homens não existe talvez nenhum outro soberano que, como Tito, fosse o que se chama um homem de boa vontade. Nenhum mais do que ele, no curso dum reinado tão curto, sofreu provações mais cruéis.



GRAV. 89 — Ahuramazda é o deus da Luz. Foi graças a ele que o persa Ardaschir se tornou rei. Baixo-relevo esculpido no rochedo, perto de Persépolis, no Irã. Do ensino de Zaratustra fez Ardaschir a religião de Estado.

Dois meses após sua ascenção ao poder, foi a península teatro duma das mais terríveis catástrofes da história. A erupção do Vesúvio do ano de 79 depois de J. C, que sepultou as cidades de Herculano, Pompéia e Estábia, já se havia anunciado desde o ano de 63 por graves abalos.

O historiador romano Dion Cássio, nascido em 155 depois de J. G, relatou, segundo a tradição oral, como as labaredas gigantescas brotaram do Vesúvio e como "seres, de tamanho sobreumano, apareceram sobre as montanhas e voaram nos ares". Escreveu que, sob um calor sufocante, vários abalos sísmicos fizeram tremer a terra; a Campânia "aparecia como que agitada por um movimento ondulante" e os cimos das montanhas "pareciam pular".

"O dia tornou-se noite e as trevas, literalmente, surgiram da luz."

Plínio, o Moço, também nos transmitiu seu testemunho da erupção do Vesúvio que teve lugar nos dias 23 e 24 de agosto de 79.

Nascido em Como, em 62, depois de J. C, orador, escritor fecundo, sabe-se como encorajou as ciências e as artes. No momento do cataclisma, estava com dezessete anos. Plínio, o Antigo, o irmão de sua mãe, pereceu sepultado sob os escombros. Naturalista célebre, sábio, emérito, Plínio, o Antigo, comandava a frota romana. Morreu vítima de seu saber e de sua curiosidade científica. Enquanto a maioria dos homens fugia da zona perigosa, o almirante fez-se ao mar para se dirigir a Estábia, hoje Castellmare, no golfo de Nápoles. Queria observar, do mais perto possível, o fenômeno telúrico e nem virará a proa para o largo, quando uma chuva de pedras e de gases ardentes, mortíferos, asfixiou os navegadores. Tentaram os sábios modernos compreender de que maneira, pereceram os habitantes de Pompéia e Herculano. As cinzas da lava que sepultaram os moribundos endureceram-se e conservaram as marcas dos corpos. Depois, estes se decompuseram e nos ocos das marcas só ficaram os esqueletos solidificados.

O arqueólogo italiano José Fionelle teve a idéia de derramar gesso nessas marcas e, dessa maneira, em 1865, os pesquisadores puderam obter perfis humanos cujos rostos tinham conservado a expressão que tinham em 79, na sua derradeira hora. Parece mesmo que os desgraçados foram surpreendidos pela catástrofe. Suas atitudes e seus gestos traem nitidamente que no instante mesmo em que sucumbiram estavam aquelas pessoas preocupadas por um outro cuidado bem diverso do da morte!! Encontraram-se indivíduos sentados, ou adormecidos em seu leito, ou casais enlaçados. Numa loja, encontrou-se um freguês pagando uma compra; as moedas estavam ainda espalhadas em cima do balcão.

Qual foi a causa do fim desses infelizes? Foram os gases deletérios? Foi a onda ardente da lava? Puderam suas massas mortíferas penetrar tão rapidamente em todos os lugares e em todos os sentidos? Foram os homens sufocados pelos vapores, pelas cinzas ardentes ou pelo calor insuportável? Tácito pediu a Plínio, o Moço, que lhe escrevesse um relato pormenorizado da morte de seu tio. Na sua resposta, Plínio faz a narrativa dos acontecimentos que surpreenderam os habitantes da planície nos confins do Vesúvio. Plínio e sua mãe encontravam-se então em Micena.

"As labaredas e o cheiro do enxofre que as precedia puseram os habitantes em fuga. Mas ele (Plínio, o Antigo), que era bastante vivo, sustentado por dois escravos levantou-se e, de repente, tombou no chão. Suponho que o acre e a espessa fumaça o sufocara, pois havia também tapado o seu estômago. Quando a luz voltou, encontrou-se seu corpo intacto, sem nenhuma, equimose, * estando ele vestido com as roupas que trazia no dia anterior. Tinha o aspecto de um homem adormecido e não o de um morto."

Seguiu-se à erupção do Vesúvio uma "epidemia de peste espantosa, como jamais se vira igual". Pensava-se então que houvesse sido propagada pelas cinzas do vulcão. Dion Cássio escreveu que a chuva de cinzas fora tão violenta que voara até a África e a Síria.

O imperador Tito dirigiu-se imediatamente para Campânia. formou uma comissão de assistência e distribuiu socorros e dinheiro aos sinistrados. Os bens das pessoas que pereceram em deixar herdeiros foram empregados na reconstrução das cidades soterradas.

No ano seguinte, estando Tito ausente de Roma, gigantesco incêndio lavrou na capital e durou três dias e três noites. O Capitólio e o templo de Júpiter, o Panteon de Agripa, o teatro de Balbo, o edifício de Otávio e as bibliotecas foram destruídos pelas chamas.

— Estou arruinado! — exclamou Tito, que dominou prontamente sua tristeza e seu infortúnio para organizar os socorros. Deu ordem de retirar dinheiro das arcas do Estado e de utilizar os tesouros de seus palácios para a reconstrução dos edifícios e dos templos.

Desde o reinado de Nero e nos reinados de Galba, de Otão e de Vitélio, estavam muito em moda as denúncias. Sob Tito, os denunciadores, os provocadores e os caluniadores eram publicamente chicoteados no Fórum. Tito mandava-os para a arena do anfiteatro, vendia-os em leilão como escravos ou expulsava-os para ilhas insalubres.

Ninguém foi executado por ordem ou com o consentimento do imperador.

— Preferiria morrer a fazer perecer um ser humano — tinha ele costume de declarar.

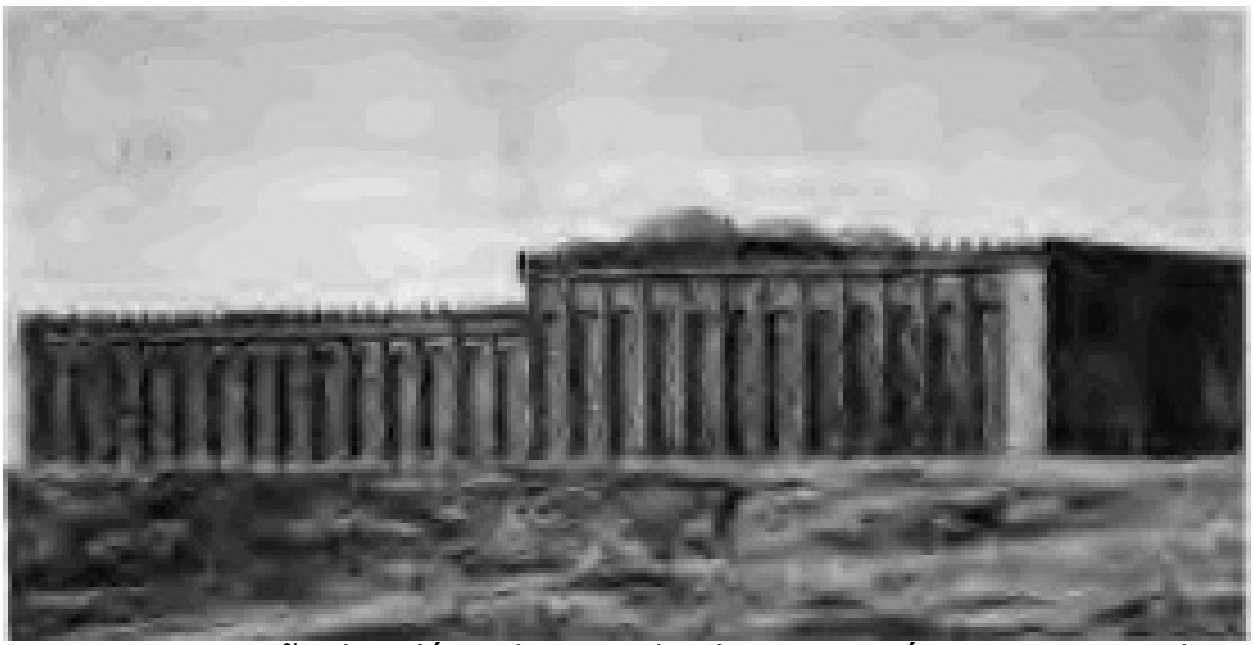
Quando fizeram comparecer à sua presença dois patrícios que conspiravam contra seu trono, disse-lhes Tito muito calmamente:

— Só destino dispõe do poder!

Enlouquecida à idéia da terrível sentença, a mãe de ura dos patrícios já via seu filho pregado à cruz. Tito apressou-se em fazer-lhe saber que seu filho gozava de boa saúde. No dia seguinte, na arena, colocou-se entre os dois homens e, quando lhe trouxeram as armas dos gladiadores para verificá-las, estendeu-as o imperador aos dois ambiciosos que, segundo toda probabilidade, tinham projetado sua morte. A admiração dos romanos presentes à cena não conheceu limites. Possuía Tito todas as qualidades requeridas para agradar e para suscitar a admiração. Levemente corpulento, era de estatura mediana, mas devia ter um porte nobre e magnífico.



GRAV.90 – Ruínas do castelo de Ardaschir, rei da Pérsia. Reinou de 226 a 241 depois de J.C. e fundou o vasto império dos Sassânidas. O império do Irã só desapareceu em 641.



GRAV.91 – Reconstituição do palácio do rei Ardaschir, cujas ruínas existem ainda perto de Firuzabad.



GRAV.92 – Planalto solitário do Irã, com altares sagrados a Ahuramazda, deus da Luz. Zaratustra foi seu profeta. O masdeismo não tinha templos.

Esgrimista e cavaleiro emérito ue certo, foi também um orador de primeira ordem e um excelente poeta. Cantava acompanhando-se com citara.

Possuía Tito tal mestria em estehografia que achava um prazer fazer apostas com seus escribas. Imitando com perfeição todas as letras, achava muitas vezes que teria podido ser am excelente falsário.

Depois da morte de sua primeira mulher, Arrecina Tértula, Tito casou-se com Márcia Furnila, descendente duma família da aristocracia romana. Deu ela à luz uma filha, Júlia, que se tornou mais tarde a amante adulada de Domiciano. Tito separou-se de Márcia Furnila.

Era o imperador incorruptível e não aceitava presente nem de um particular, nem de uma cidade, nem um príncipe, se bem que o mundo estivesse disposto a depor tesouros a seus pés. Era generoso e a inauguração do anfiteatro do Coliseu, que, ?em nossos dias, causa admiração ao mundo inteiro, foi uma festa popular sem igual na memória dos homens do tempo. Vespasiano começara, no centro da cidade, a construção do edifício.

No ano de 80, foi terminado e Tito organizou festejos que duraram cem dias. À imagem da fábula, apresentou combates de grous e de anões, depois mostrou um combate entre quatro elefantes. Nove mil animais morreram na ocasião. Mulheres foram exibir-se na arena como domadoras. Gladiadores travaram batalhas aquáticas e combates em terra firme. Tito mandou encher de água a arena do Coliseu e ofereceu ao povo fascinado o

espetáculo maravilhoso de cavalos, touros e outros animais amestrados. O teatro continha 87.000 lugares sentados •e 20.000 lugares em pé, nas galerias. As entradas, em número de oitenta, traziam números; distribuíam-se bilhetes com os números dos lugares e, dessa maneira, a imensa multidão dos ?espectadores era perfeitamente canalizada para respeitar a ordem da entrada e da saída.

Ê provável que Tito tivesse sido também o inventor da loteria. Mandava atirar sobre o público uma multidão de bolinhas de madeira ocas contendo bilhetes que podiam ser reembolsados com objetos neles anotados, entre os quais, roupas, jóias de prata e de ouro, cavalos, bois, cabras, carneiros e até mesmo escravos.

As termas, que Tito mandou construir rapidamente sobre o terreno do Palácio de Ouro de Nero (onde se iria descobrir mais tarde o grupo de Laocoonte) foram inauguradas por ocasião duma festa. O povo, entusiasmado, aceitava todos aqueles admiráveis benefícios. Ficava surpreso e por vezes atarantado com tantas maravilhas e bondade.

Todos os que se dirigiam ao imperador para pedidos ou solicitações eram recebidos e nenhum voltava para casa sem um encorajamento. Quando se fazia notar ao imperador que não poderia ele cumprir suas promessas, respondia:

— Aquele que se dirigiu a Tito não deve regressar triste e desiludido.

Uma noite, durante um jantar, pensou que não havia praticado durante o dia um ato só de bondade.

— Amigos — disse ele, — perdi meu dia!

Jamais fraquejou e relaxou seus esforços para se tornar popular; é de crer que adivinhava que seu reinado seria de curta duração. Não se esquecia jamais de. conceder aos pobres livre acesso às termas e conhecia de tal modo a psicologia popular que deixava entrar os mais necessitados, quando tomava seu banho.

Com a catástrofe da erupção do Vesúvio, os tremores de terra, a peste e o incêndio de Roma, não foi o céu clemente para com esse nobre imperador. Mas tinha Tito outra preocupação, talvez a mais séria e mais grave: seu irmão Domiciano fazia sem cessar intrigas contra ele. Sublevava as legiões contra sua autoridade e procurava por todos os meios prejudicá-lo. Tito jamais se decidiu a tocar em seu irmão. Não o baniu, mas, pelo contrário, nomeou-o co-regente e sucessor do trono, a datar do primeiro dia de seu reinado. Em particular, implorou-lhe que lhe demonstrasse igual afeição fraternal. Quando terminaram as grandes festas de inauguração, o imperador, perante o povo reunido, chorou amargamente. Compreendera que seu fim estava próximo. Durante o verão de 81, partiu para a Sabínia e uma noite, à primeira parada, a febre derrubou-o. Tito fez-se transportar em liteira. Sem cessar, afastava as cortinas, olhava o céu e suspirava:

— Não mereci que a vida me seja arrebatada. Exceto uma, não conheço ação alguma de que tivesse de envergonhar-me! Suetônio e Dion Cássio declararam que se ignorava o ato de que se sentia ele culpado. Alguns supunham que o imperador pensava nas relações secretas que entretivera com Domícia, a esposa de seu irmão. Mas nada de menos certov. Domícia declarou, sob juramento, que esse comércio culposo jamais existira.

Pretendeu Suetônio com sutileza que Domícia não teria negado o fato, se tivesse sido exato. Gostava ela de exibir seus pecados. Dion Cássio adiantou outro argumento, também plausível. Creu que o imperador se julgava covarde e criminoso por não ter mandado

executar seu irmão que tentara suprimi-lo. Esta explicação seria tanto mais fundada se, como o suspeitavam na época, Domiciano provocou ou acelerou o "destino" de seu irmão. Existem também vagos rumores a propósito dum pseudo-envenenamento. Dion Cássio relata que Domiciano pusera seu irmão moribundo, mas que respirava ainda, numa grande tina cheia de neve, quando ter-se-ia podido salvá-lo com cuidados apropriados. Domiciano afirmou que queria suspender a febre. Na realidade, desejava acelerar um fim que tardava a chegar.

Com a idade de quarenta e dois anos, deu Tito o último suspiro na casa de campo de sua família, na Sabínia onde seu pai morreu. O povo inteiro estava enlutado. O Senado prestou ao ilustre defunto homenagens, elogios e honrarias. Os judeus declararam que a morte prematura de Tito era a justa punição daquele que destruiu o templo de Jerusalém. Sem esperar o derradeiro suspiro de seu irmão, voltou Domiciano a toda a pressa para Roma e féz-se proclamar imperador.

DOMICIANO

O IMPERADOR PEGA MOSCAS

> Arrebatado, colérico, Domiciano era também dissimulado e pérfido. . . Excetuadas algumas mulheres, não amava ninguém. E quando fingia sentir afeição por uma criatura, havia-a, com certeza, escolhido para vítima.
>
> DION CÁSSIO, livro LXVII, cap. I.

— Está alguém com o imperador?

Um visitante, solicitando com urgência ser recebido, fez a pergunta a Víbio Crispo.

— Não, nem mesmo uma mosca! — respondeu Crispo. Surpreendido, repetiu o estrangeiro essas palavras estranhas.

— Nem mesmo uma mosca! — tornou a dizer Crispo.

Todos os dias, retirava-se o imperador durante uma hora aos seus aposentos particulares. Sua atividade secreta, se bem que motivada fora, era um segredo de Polichinelo para a corte. Com a ponta fina de um punção, Domiciano espetava as moscas que apanhava.

Após o nascimento de um filho, proclamou sua esposa Domícia imperatriz, sob o nome de Augusta. Depois repudiou-a. Estava ela apaixonada pelo ator Paris, espécie de Casanova de viril beleza, adulado pelas damas da alta sociedade romana. Louco de ciúme, Domiciano assassinou Paris em plena rua. Ora, pouco tempo depois tornou a unir-se à esposa repudiada.

— Ignoro o que sinto — disse ele, — mas ajo de acordo com a vontade do povo.

Não passava isso, na verdade, de pura invenção. Filha dum general famoso, casou-se Domícia em primeiras núpcias com Élio Lâmia, inegavelmente perseguido pela má sorte. Não somente o imperador seduzira e roubara-lhe a mulher, mas um dia, enquanto cantava e louvavam-lhe a beleza da voz, respondera:

— Não procurem saber: se minha voz é tão pura e agradável é porque vivo na abstinência…

Posto ao corrente disso, Domiciano mandou executar o infeliz. Depois desse acontecimento, vivia Domícia no terror da vingança de seu imperial esposo.

Teve Domiciano a ambição de ultrapassar os êxitos e os faustos dos imperadores que o haviam precedido. Ofereceu espetáculos duma magnificência inaudita. Além de combates náuticos, lutas de animais selvagens e jogos de gladiadores oferecidos no anfiteatro flávio, organizou corridas de carros com dois cavalos atrelados, depois quadrigas e batalhas gigantescas no Circo Máximo. Inaugurou combates de gladiadores que lutavam à luz de tochas e, como Nero, féz mulheres lutarem. Tinha um andar duvidoso e singular e suas faces, provavelmente pintadas, mostravam-se rosadas. Não porque quisesse parecer tímido e pudico, mas antes, como o escreveu Tácito, porque fazia questão de ocultar a vermelhidão da vergonha que bem muitas vezes lhe subia à fronte. Talvez desejasse dar ao povo a ilusão de ser um homem enérgico. Seus grandes olhos míopes fixavam sempre um ponto perdido ao longe na arena. Ao envelhecer, torna-se calvo e obeso. Quando faziam pilhéria com seu crânio pelado, ficava profundamente vexado. Compôs um opúsculo

tratando da calvície e ofereceu-o a um companheiro de desdita com a seguinte dedicatória: "Podes verificar que sou grande e belo, e, não obstante, meus cabelos estão ameaçados de sofrer a mesma sorte que os teus. Suporto minha desgraça com coragem porque, jovem ainda, a calvície dá-me o aspecto de um velho! Não esqueças nunca que nada é mais maravilhoso e, porém, mais perecível do que a beleza!"

Sentado no seu camarote, era o imperador acompanhado por um anão trajado de púrpura e com uma cabeça informe e minúscula. Ouvia-se a conversa dos dois e os cortesãos cochichavam aos ouvidos que o imperador confiava ao homenzinho os graves problemas e os sérios negócios do Estado. Sua majestade o imperador gostava da cor vermelha e sua toga de púrpura era talhada de acordo com a moda dos costureiros gregos.

Promulgou Domiciano várias leis bastante originais. Por exemplo, proibiu aos momos e dançarinos que se exibissem nas cenas públicas. Só podiam representar e dançar nas casas particulares. Proibiu também a castração e o preço dos eunucos, na medida em que os antepassados dos negreiros podiam ainda encontrá-los, foi fixado numa soma irrisória. As mulheres de costumes levianos não tinham o direito, nem de se fazerem transportar em liteira, nem de aceitar uma herança. As vestais que infringiam seu voto de castidade eram punidas com a morte. Mais tarde, fê-las tratar segundo "o costume em vigor nos antepassados", isto é, deviam sofrer a morte da vestal Cornélia que foi enterrada viva, enquanto seus amantes eram açoitados até morrerem.

Intentou Domiciano numerosos processos contra as vestais e, segundo Plínio, o Moço, em nenhum desses julgamentos a culpabilidade da vítima ficou estabelecida! Parece que a crueldade de Domiciano se haja lentamente revelado, depois progressivamente amplificado porque, no começo de seu reinado, evitava as efusões de sangue. Tentou mesmo proibir os sacrifícios de bois sobre o altar. Ao envelhecer, tornou-se dissimulado e pérfido; tornou-se mestre na arte de surpreender, de maneira bem cruel, os indivíduos a quem queria punir. Convidava-os, fingindo extremo bom humor e, depois de haver-lhes feito o elogio, condenava-os à morte.

Sabia-se por experiência, em Roma, que, quando Domiciano começava a falar com palavras amáveis, é que o processo teria um resultado fatal.

Sem compaixão, Domiciano pilhava e escravizava o povo. Uma acusação, uma simples queixa bastavam para que os bens e a fortuna de um indivíduo fossem confiscadas. Viu-se, como no reinado de Tibério (Domiciano considerava-o, pelo menos nesse plano, como seu modelo), os processos de lesa-majestade voltarem à moda. Os palácios que o imperador mandava construir absorviam fortunas enormes: cada telha era emplacada de ouro. Aumentou-se o imposto exigido dos judeus. Outrora, todo judeu adulto tinha de pagar uma taxa em proveito das autoridades de Jerusalém. Mas, desde Tito, devia pagá-la ao imperador. O imposto sobre os judeus era uma espécie de tributo para compensar a tolerância que o Estado mostrava para com a religião semítica.

Sem dúvida os cristãos, que pertenciam também à categoria dos homens que "dissimulavam sua origem", pagavam igualmente um imposto. A historiografia religiosa afirma que Domiciano perseguiu os cristãos, Flávio Clemente, primo do imperador e terceiro bispo de Roma, bem como Flávia Domitila, sua esposa, contam-se entre os mártires das perseguições. Relata Suetônio que, jovem ainda, assistiu a um processo em

que um ancião de noventa anos teve de demonstrar perante o procurador e importante conselho se pertencia ou não à religião judaica.
Domiciano era tão vaidoso quanto Nero. Quando tornou a unir-se à sua mulher, declarou-a de novo digna de tomar lugar no "trono de deus".
— Salve o nosso senhor e a nossa senhora! — urrava o povo no anfiteatro.
E todos os éditos começavam com esta fórmula: "Nosso Senhor e Deus ordena". Foi Domiciano o primeiro imperador que impôs aos romanos que o considerassem, mesmo enquanto vivo, um deus. Não deviam os funcionários esquecer-se disso todas as vezes que lhe dirigiam a palavra.
Cuidava Domiciano que as esculturas que o representavam e que se colocavam no Capitólio, fossem de prata ou de ouro puro. Seu peso fixava-se rigorosamente de antemão e ai! se elas se apresentassem mais leves à verificação! Mandou construir numerosos arcos de triunfo, ornados de insígnias de vitórias e de imagens de quadrigas. De noite, o povo cobria-os de dizeres em que se repetia muitas vezes a palavra: "Basta! Basta"!
Se o êxito coroou as campanhas e as guerras de conquista empreendidas por Domiciano para sua própria glória nos arredores das fronteiras germânicas, perto do Tauno, depois na Inglaterra e no Danúbio inferior, deve-se isso unicamente à estratégia dos generais de valor que lhes assumiram o comando.
Ora, invejoso e ciumento como o fora Nero, Domiciano ficou despeitado com as proezas de seus valorosos oficiais. Destituiu-os no momento preciso em que preparavam uma campanha de grande envergadura. Foi assim que agiu com o corajoso Agrícola, que invadira a Escócia. Foi Agrícola quem ensinou aos romanos que a Inglaterra era verdadeiramente... uma ilha. Tácito, genro de Agrícola, escreveu que, por ocasião de sua morte, Roma se convencera de que fora envenenado por ordem de Domiciano.
Semelhante política não podia durar. As atrozes calamidades que caracterizaram os reinados de Tibério, de Calígula e de Nero haviam reaparecido, escreveu o historiador Rostovtzeff a respeito de Domiciano. Em todos os lugares, assim que ele aparecia, semeava o imperador o terror. Era detestado. E, como de costume, começaram os conjurados suas surdas conspirações. Domícia, a esposa imperial, tomou nelas parte e os astrólogos caldeus profetizaram o acontecimento com precisão. Tremendo de medo, Domiciano fechava-se em seus aposentos. Plínio assinalou as maravilhosas propriedades das famosas pedras brancas da Capadócia, duras como o mármore e que, polidas, brilhavam como espelhos. O imperador mandou prepará-las para revestir as paredes das salas e dos quartos onde se mantinha. Ansioso e trêmulo, sempre na espectativa da punhalada do assassino, não desviava o imperador mais seu olhar, pesado e fatigado, das belas pedras espelhantes. Podia surpreender nelas o que se passava às suas costas e, dessa maneira, gozava duma relativa tranqüilidade. Quando interrogava prisioneiros, encerrava-se com eles e suas mãos trêmulas não largavam suas correntes.
O astrólogo Ascletarião predissera-lhe morte por homicídio. Domiciano perguntou que gênero de morte esperava ele! Ascletarião respondeu a Domiciano que, dentro em pouco, iria ser dilacerado por molossos. O imperador mandou então executá-lo e fez vigiar a incineração para que os cães não pudessem aproximar-se... Uma tempestade destruiu a fogueira e o corpo semiconsumido do astrólogo foi despedaçado por cães ferozes.

Domiciano convenceu-se então de que seu fim estava próximo. Quando lhe ofereciam frutas, dizia: — Guardai-as para amanhã,, se estiver eu ainda neste mundo para saboreá-las!

Não conseguia mais dormir. Levantava-se bruscamente, mandava acender tochas e, como louco, esquadrinhava as trevas com seu olhar desvairado.

A 16 de setembro de 96, estava a lua colocada sob o signo do Aquário e a 18 de setembro dele saía. No mesmo instante, Marte e Saturno entravam no Aquário; sua conjunção era o seguro presságio de uma catástrofe.

Sabia o imperador que deveria morrer na quinta hora. Quando ela se aproximou, quis conhecer a hora. Para tranqüilizá-lo, garantiram-lhe que eram seis horas. Acalmado, tomou um banho. Partênio, seu criado, anunciou-lhe a visita dum emissário que havia descoberto uma conspiração. Era preciso recebê-lo. Domiciano deu ordem aos homens presentes para se retirarem. Dirigiu-se a seu quarto de dormir acompanhado por Estefânio, o intendente da cristã Domitila. Em virtude dum ferimento, como o declarou, trazia Estefânio no braço esquerdo um penso de lã. Parecia totalmente inofensivo. Mas entre a pele e o estofo, dissimulava-se um punhal. Estefânio apresentou ao imperador a denúncia da pseudo-conjuração. O imperador leu a missiva e não pôde ocultar seu espanto. Nesse instante, Estefânio enfiou-lhe seu punhal no ventre.

Dizem que Domiciano chamou seus servidores em socorro. Reclamava seu punhal, oculto sob seu travesseiro. Mas encontrou-se apenas o cabo e não a lâmina. Louco de cólera e de pavor, precipitou-se o imperador sobre Estefânio, derrubou-o no chão e tentou arrancar-lhe a arma, enquanto procurava enfiar-lhe nas órbitas seus dedos ensangüentados. Mas o vigoroso Estefânio subjugou-o e venceu-o.

Domiciano reinara quinze anos e, como o escreveu Dion Cássio, jamais amara verdadeiramente uma criatura humana. Excelente atirador, colocava diante de si jovens escravos, que deviam manter a mão direita aberta por cima de suas cabeças, com os dedos afastados. Atirava flechas untadas de veneno erftre os dedos deles, sem nunca feri-los. Diz-se também que era dotado Domiciano de algum espírito.

— Gostaria de ser tão bonito quanto Marcos o acredita ser — afirmava ele com humor.

— Os imperadores encontram-se sempre numa triste posição — disse éle doutra vez — porque quando descobrem uma conspiração, os homens sempre acreditam que os imperadores se enganam, a menos que sejam verdadeiramente abatidosl Durante os derradeiros meses de sua existência, ficava Domiciano sozinho. No decorrer de seus passeios, mandava fechar e vigiar os lugares aonde se dirigia. Mas entregou-se, até o fim, à pior devassidão. Após sua morte, sentiu o povo um prazer imenso em quebrar seus bustos. Todas as suas efígies foram derrubadas, depois fundidas.

TRAJANO

É PROIBIDO PERSEGUIR

Trajano foi a reencamação de César.

ERNST KORNEMANN.

Imperador, procuro sempre comportar-me diante de meus súditos da mesma maneira que desejava outrora, como simples particular, que o imperador se comportasse para comigo.

"Sentença de Trajano", em EUTRÓPIO, VIII, 5.

No ano de 96, depois de J. C. um acontecimento inesperado abalou Roma. Pela primeira vez na sua história, era um imperador eleito entre os membros do Senado. Com a idade de 64 anos, o senador Nerva, jurista emérito, enfraquecido, debilitado, tanto pelos ataques da moléstia quanto pelos da idade, conseguiu restabelecer o equilíbrio financeiro comprometido do Estado.

Todos os que — e eram numerosos — Domiciano fizera deter por crime de lesa-majestade foram postos em liberdade. Os exilados reentraram na Itália. Todos os escravos que, sob o regime de Domiciano, tinham traído seus senhores, foram condenados à morte. Nerva proibiu que fossem citadas em juízo as pessoas "que praticavam o culto judaico". É bastante provável que a designação do famoso "culto judaico" estigmatizasse a fé cristã.

O imperador prescreveu por decreto restituir seus bens às famílias expropriadas por Domiciano. Para os necessitados, instaurou um "fundo social". Decretou também que uma dotação especial serviria para a compra de terras em proveito dos pobres. Quando a tesouraria da corte entrou em déficit, deu Nerva ordem para vender os ricos trajes, o ouro, a baixela de prata e as jóias preciosas pertencentes à casa imperial. Mandou vender também vários palácios.

Premido pelas circunstâncias, o imperador ensinou a faustosa Roma a fazer economias. Suprimiram-se os sacrifícios demasiado onerosos; as corridas e os espetáculos, tão dispendiosos, sofreram restrições. A castração, os casamentos entre tio e sobrinha foram interditos.



O Império Romano, tal como se apresentava de 117 depois de J. C. (morte de Trajano), até 211 depois de J. C. (morte de Sétimo Severo). Até a morte de Teodósio (395), o poder do Império não havia diminuído. Somente os provincias da Dada (após a invasão dos godos, 250 a 270), da Mesopotâmia
e do sudoeste da Alemanha foram abandonadas.

Não é, pois, de surpreender que o imperador tenha podido orgulhar-se mais tarde de afirmar:

— Desde o dia em que assumi o poder, não cometi nenhum ato repreensível que possa, livremente impedir-me de abdicar, para viver, sem medo e sem riscos, a existência tranqüila de um simples particular.

Todavia, Nerva, de boa fé, enganava-se pesadamente. Sua vida estava em perigo. Aqui e ali

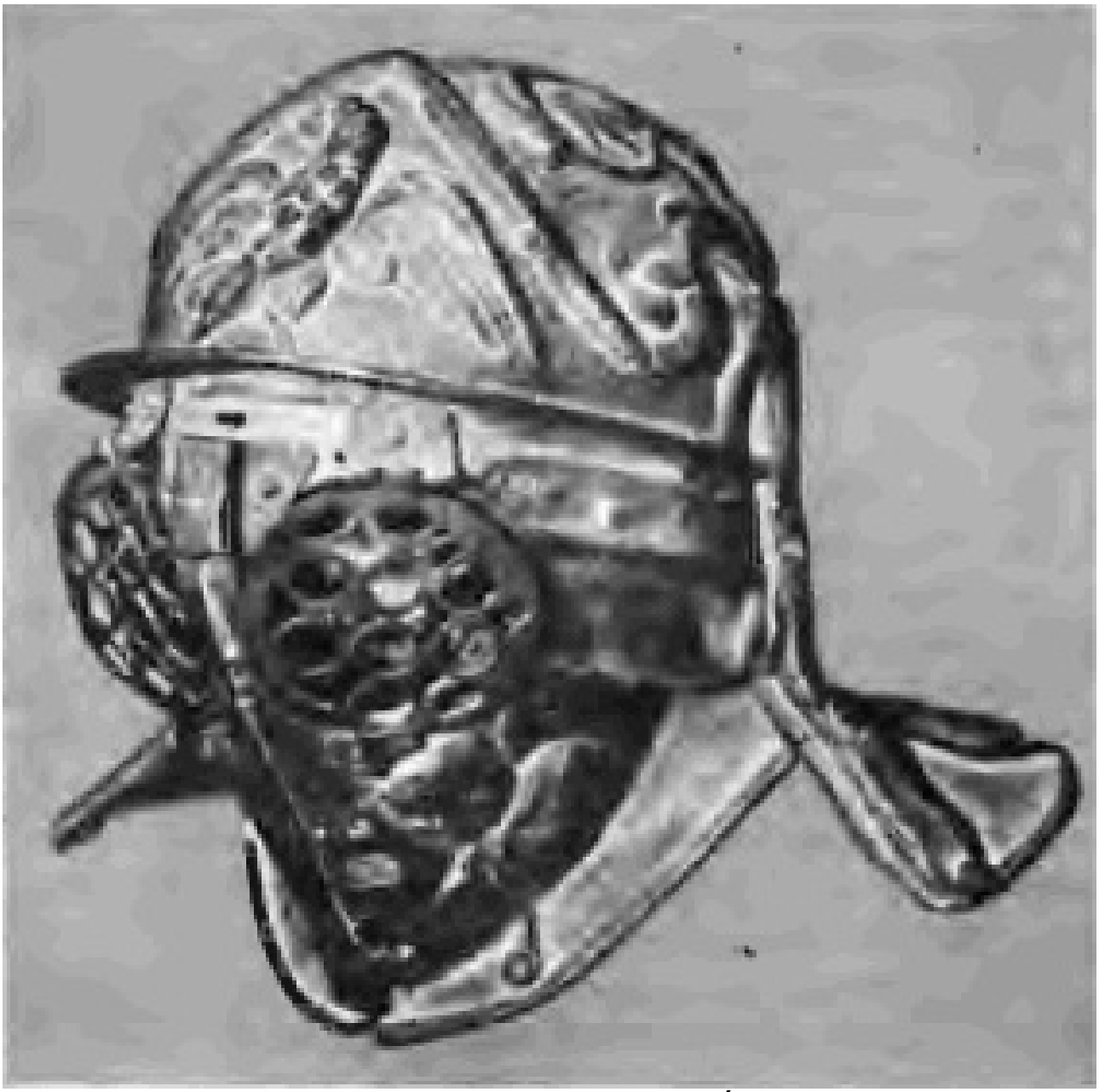
tramavam-se surdas conspiratas. De certo, o imperador, sempre confiante e sem armas, aproximava-se dos perigosos conspiradores, impunha-lhes sua mansa serenidade, e, com isso, lhes causava vergonha. Mas quando enfim Nerva compreendeu que abusavam de sua bondade, que o desprezavam talvez, porque, filósofo e sábio, era demasiado honesto, demasiado probo para o gosto de Roma corrompida, que lhe era preciso intervir energicamente para esclarecer a situação tão perturbada, adotou o governador romano da Alemanha e nomeou-o imperador. Foi a resolução mais importante e também a melhor que Nerva tomou durante seu reinado. Um ato de "divina previsão", como o escreveu o historiador romano Eutrópio.

Nasceu na Itálica, perto de Sevilha, sobre o Guadalquivir, Marcos Úlpio Trajano, que, embora espanhol, descendia duma família de colonos romanos. Se o imperador Nerva tivesse cometido desazo de escolher, para suceder-lhe, entre os membros de sua família, a salvação de Roma e do Império teria sido ameaçada. Não ignorava isso. Mas fazia "ele mais questão da salvação da pátria do que das inúmeras ambições de seus parentes. Tinha a convicção de que Trajano era o homem indispensável.

Trajano, com quarenta e oito anos de idade, eleito pelo seu renome e pelos seus méritos, foi nomeado imperador por adoção. Essa escolha, em que o sangue não teve nenhuma superioridade decisiva, constantemente mantida durante cem anos de Nerva a Marco Aurélio, assegurou a Roma chefes inteligentes, capazes e valorosos. Mas na época de Trajano, foi não só excepcional mas verdadeiramente inédito. O segundo século depois de J. C, foi, desta maneira, a época mais feliz do Império Romano.



GRAV. 93 — O Saalburgo. situado perto de Bad Homburgo. Entre os anos de 1893 1907, efetuou-se ali a reconstituição de um castelo romano, tal como deve ter-se mostrado na época. No reinado do imperador Adriano, a segunda coorte da Rétia foi ali instalada. Compunha-se de 500 homens, dos quais 120 cavaleiros.



GRAV. 94 — Este capacete de bronze de viseira baixada é a testemunha muda dos Jogos esplêndidos (e onerosos) tão apreciados pelos imperadores e pelo povo romano.



GRAV. 95 — Eis um calçado romano, que pertenceu a um legionário, cerca do ano de 200 depois de J. C. Como se pode verificar, o calçado era perfeitamente concebido, de maneira a evitar o esquentamento do pé. Foi descoberto, bem conservado, num poço inutilizado.

Nerva morreu depois de ter reinado um ano, quatro meses e nove dias. Trajano tomou a direção do governo para cumprir sua missão de chefe ambicioso, obstinado talvez, mas benfazejo e glorioso. Desejava igualar Alexandre. Tinha o senso da grandeza; mas não conseguiu atingir o ideal do grande conquistador.

Trajano, na verdade, não media esforços. O Grande Circo, arruinado, foi reconstruído e aumentado e ele mostrou-se aos romanos com altivo porte. Edifícios públicos, estradas, portos, foram construídos e consertados, bem como a famosa estrada dos pauis pontinos, com suas luxuosas casas e suas pontes. Na Renânia, construiu castelos; lançou pontes sobre o Reno e mandou construir cidades à margem do Neckar, depois abrir uma estrada que ligava Maiença a Baden-Baden, atravessando Heildelberg.

Os testemunhos da vontade de construir e de criar do imperador estenderam-se do Danúbio até a Dobrudja, província húngara. Na África, nos confins do Saara, fundou a colônia de Timgad, a Pompéia africana, que escavações recentes trouxeram a lume.

Se Trajano gostava da caça e tinha grande prazer em banquetear-se, não ultrapassava jamais a medida. Suportava sem dano grande quantidade de vinho. Implacavelmente, perseguia os traidores e os delatores, reservando para esses vis indivíduos um castigo exemplar e duma ordem especial. Depois de uma surra de pau, eram embarcados em batéis que se abandonavam no mar durante uma tempestade. Mas, comumente, hesitava o imperador em infligir punições. Para com os senadores observava uma atitude reservada e cortês. Passeava sozinho, deambulando pelas ruas de Roma.

Quando Plínio, o Moço, governador da Bitínia, no reinado de Trajano, dirigiu-se ao imperador para saber como devia comportar-se para com os cristãos de sua província (circulavam no

país os boatos mais contraditórios), Trajano lhe respondeu: — É proibido perseguir os cristãos! Não é digno de viver no nosso século o homem que dá ouvidos às denúncias anônimas!

Com Trajano, abriu-se uma era de tolerância e de humanidade.

A Dácia, situada na margem setentrional do Danúbio, compreendia a Valáquia, a Transilvânia e a Hungria Oriental. Pouco numerosas, as memórias que chegaram até nós sobre a história dos dácios, dão-nos um retrato bastante impreciso na verdade, do rei Decébalo, homem de inteligência superior, altivo, astuto e que, a preço algum, quis concordar com sua derrota.

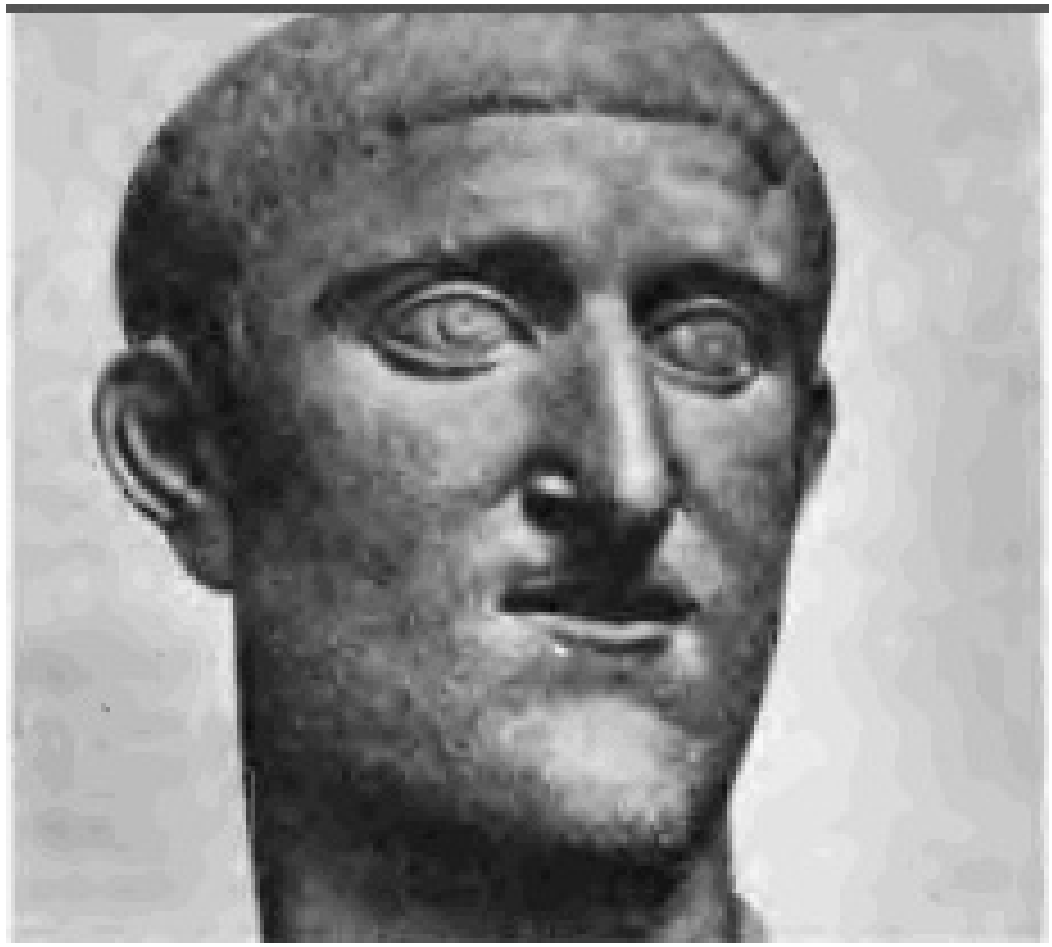
Trajano atacou os dácios e submeteu-os. Decébalo fingiu declarar-se vencido, entrou em conversações e aceitou os tratados que os romanos lhe impunham. Mas recusou a rendição e retomou a luta. Entrementes, sua irmã foi capturada pelos romanos e Decébalo teve ainda de submeter-se. Diante de Trajano, humilhou-se, de joelhos e jogou ao chão suas armas. O imperador concluiu a paz e regressou à Itália. Foi de curta duração a trégua. O rei Decébalo e os dácios, segundo o costume dos povos originários das regiões situadas ao norte do Danúbio, não ligavam aos tratados. Tomando mais uma vez o comando em chefe do exército romano, Trajano reabriu a luta contra os dácios. Vários corpos do exército dácio formaram dissidência e foi Decébalo constrangido a pedir uma segunda vez a paz. Mas, durante esse tempo, reuniu suas forças, empregou todos os meios de pressão para levar povos a participarem duma guerra contra Roma e enviou emissários, ou antes assassinos, ao acampamento de Trajano. Desmascarados, os homens, sob tortura, confessaram.

Indômito, Decébalo, recorreu a outro ardil. Convidou Longínio, general romano de grande mérito, que muitas vezes acuara seus exércitos em situações críticas. Assim que Longínio entrou no acampamento dos bárbaros, Decébalo fê-lo prisioneiro. Depois ofereceu a Trajano a liberdade de seu general em troca da restituição das regiões danubianas. A resposta ambígua de Trajano deixou Decébalo perplexo. Mas Longínio, fiel ao seu imperador, cuidoso de impedir toda chantagem possível do rei Decébalo, absorveu um veneno mortal.

A fim de fiscalizar mais facilmente os dácios, mandou Trajano construir uma ponte de pedra sobre o Danúbio. O bitínio Dion Cássio, que escreveu cerca de 229 uma história romana em vinte volumes, exprimiu sua grande admiração. Segundo ele, essa ponte, perto da Porta de Ferro, ultrapassava em beleza todas as magníficas construções de Trajano. Era obra de Apoiodoro de Damasco, célebre arquiteto grego, um dos engenheiros mais dotados do mundo antigo.

A ponte permitiu que se empreendessem campanhas metódicas para submeter a Dácia. Os romanos bateram-se valentemente. Depois de ter perdido seu estado-maior, e em seguida o país inteiro, Decébalo, na iminência de ser capturado, suicidou-se. Sua cabeça foi levada triunfalmente a Roma. A Dácia tornou-se província romana. Na Dobrudja, para comemorar a vitória, erigiu-se um monumento grandioso, o Tropaeum Trajani, cujos vestígios foram descobertos por Moltke em 1837. Graças à traição de um dácio, os tesouros do rei bárbaro, enterrados no leito do Istrio, foram descobertos pelos romanos. À margem do rio elevava-se a residência do rei refratário e é com surpresa que se pode ler,

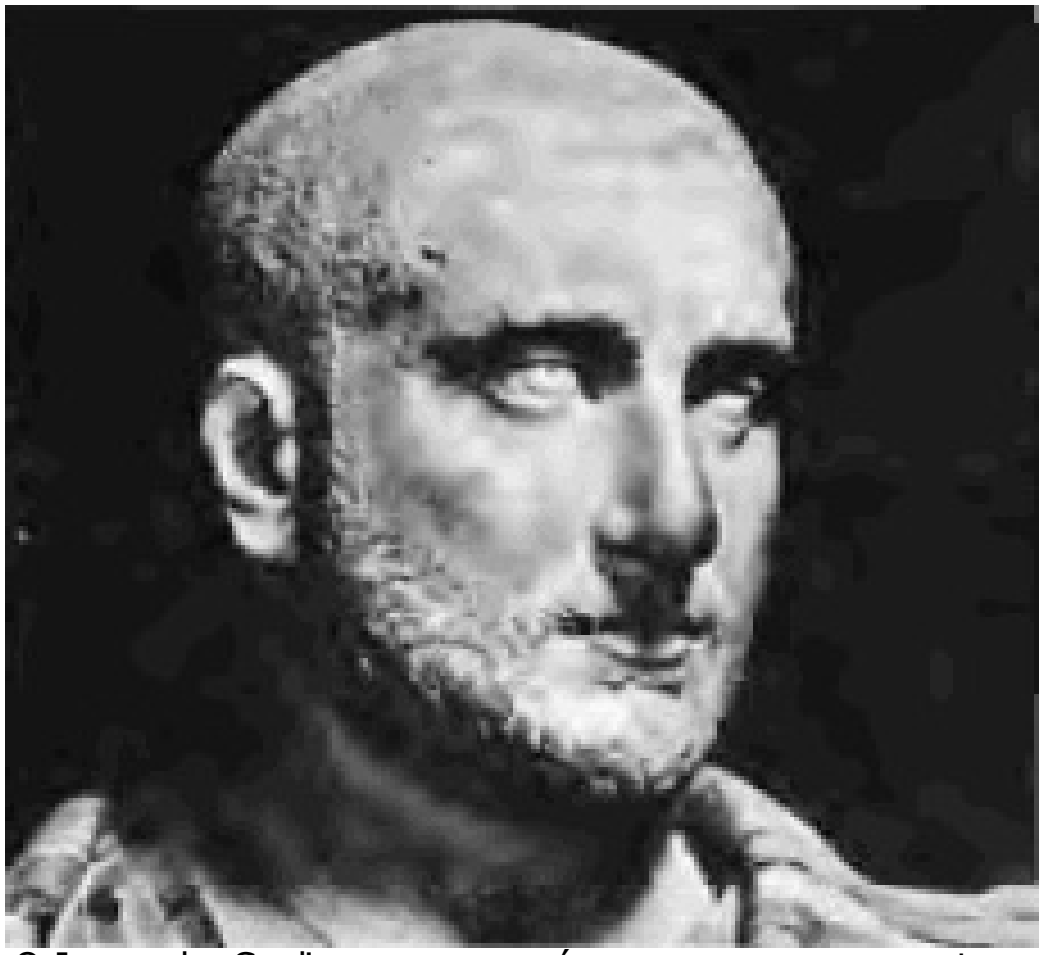
na obra de Dion Cássio, que o povo nômade tinha um rei que possuía um castelo fortificado.
Os colonos romanos emigraram para a Dácia, país que, hoje, tem o nome de Rumânia (Romênia), onde se fala uma língua semi-eslava e semi-romana. Impulsionado pela tarefa que se havia imposto, como que impelido pelo espírito empreendedor, prosseguiu Trajano sua obra. As festas comemorativas da vitória prolongaram-se por cento e trinta dias. Na arena, milhares de feras, milhares de prisioneiros dácios enfrentaram-se em atrozes combates. Pela primeira vez, admitiu-se em Roma a coragem e a bravura do povo que Trajano havia vencido. Reconstituiu o imperador as bibliotecas e encarregou o arquiteto Anolodoro da construção, entre o Capitólio e o Quirinal, dum novo mercado chamado Fórum Trajani. Mandou erguer o emblema mais grandioso da arte plástica romana, a coluna de Trajano, verdadeiro livro de imagens de pedra que se enrolavam em torno da coluna, evocando em cento e cinqüenta e cinco cenas as façanhas das legiões romanas no Drave, no Save e no Danúbio.
Podia-se nela admirar a construção da célebre ponte, os barcos carregados de mercadorias vogando pelo rio, os legionários em marcha, de tocaia e atacando; reconhecia-se nela Trajano, a pé, no meio de seus soldados, a fuga das crianças e das mulheres dácias. O retrato de Quinto Lúsio, o antigo xeque marroquino, comandante em chefe dos exércitos de Trajano, dotado de notável inteligência, verdadeiro Otelo do império romano, figurava entre as cento e cinqüenta e cinco cenas da coluna.



GRAV. 96 — O Imperador MaxImIno, camponês inculto, originário da Trácia. Reinou de 235 a 238 depois de J. C. Proclamado imperador em Maiença, foi um lugar-tenente de valor.



GRAV. 97 — De rara beleza, o filho de MaxImIno, proclamado Imperador romano, ao mesmo tempo que seu pai, foi assassinado com seu pai a 10 de maio de 238.



GRAV. 98 — O Imperador Gordiano n ocupou só por poucas semanas o trono do Império. Foi proclamado imperador com seu velho pai, no ano de 238 depois de J. C. Morreu assassinado.

Entre os títulos honoríficos que o Senado lhe conferiu, Trajano só estimava um: o optimus, o melhor. Glorificava a retidão e a lealdade de seu caráter, ao passo que só devia as outras distinções às suas vitórias militares.

Sua união com Plotina continuava estéril. A julgar pelas reproduções das medalhas, era a imperatriz dotada de grande beleza. Viveu retirada, em perfeita harmonia com Marciana, a irmã do imperador. Quando entrou pela primeira vez no palácio imperial, disse:

— Queiram os deuses que eu deixe um dia esta morada tal como nela entrei, livre e pura de toda falta! Seu voto haveria de ser ouvido.

Homem de ação, era Trajano incapaz de levar uma existência calma e pacífica. Admirável chefe de Estado, foi também o último grande soldado que ocupou o trono e sua individualidade, toda dum bloco, direita, franca e potente, ocultava o gênio militar de um César. Queria empreender uma guerra de conquista contra os partas. Ora, na Pérsia erguiam-se verdadeiras cidades gregas, tão grandiosas como Ctesifonte e Seleusia, residências dos partas.

Seguindo a rota de Alexandre, o Grande, Trajano, vitorioso, penetrou até o Eufrates e entrou em Babilônia. Embaixadores da Índia solicitaram uma entrevista. Avançou então e chegou até a Média. Os sátrapas e os reis ofereceram-lhe presentes dum maravilhoso esplendor, notadamente um cavalo amestrado que caiu de joelhos diante de Trajano. Nas estradas que se estendiam infinitamente, os exércitos romanos, sem combater,

avançaram através da Mesopotâmia, da Assíria e da Armênia. Com as conquistas de Trajano, o império romano chegou às fronteiras de regiões jamais atingidas.
Em Antióquia, foi o imperador surpreendido por um tremor de terra duma violência inaudita, que fez perecerem milhares de homem (114 a 116 depois de J. C). No momento mesmo em que sua casa desmoronava, saltou Trajano pela janela. Acampou durante vários dias, num hipódromo ao ar livre, depois prosseguiu seu caminho. Diante do Golfo Pérsico, o Oceano Indico abria a seus olhos sua ondulante imensidade. Trajano mandou então construir e armar uma frota. Queria conquistar as Índias que haviam exaltado a imaginação de Alexandre e que devia com efeito atingir. Mas, atrás dos conquistadores, os países submetidos se insurgiram e rejeitaram a soberania romana. Com efeito, se Trajano partilhava das ambições e alvos de Alexandre, não possuía o dom mágico de seu grande modelo, que sabia garantir-se a fidelidade dos soberanos e das cidades. Depois de haver conquistado os países, era Trajano incapaz de mantê-los sob tutela. Ignorava a sutil tática dos casamentos "diplomáticos" que o grande Alexandre soube ativar com felicidade, e não sabia tampouco tratar os orientais com a habilidade e a sutileza que caracterizavam o macedônio. Quando Trajano, triste e resignado, olhava um navio que aparelhava para as Índias, suspirava:
— Se fosse mais moço, gostaria, também eu, de partir para esse país.
Enquanto que em Roma o Senado, embaraçado com os nomes estrangeiros e as distâncias dos países longínquos e desconhecidos, encontrava-se na incapacidade de enumerar ao povo as conquistas do imperador, penetrava Trajano na Arábia e atacava os atrenos que, como muitos outros povos, estavam em dissidência.
A capital dos atrenos, situada no centro duma região desértica, era uma cidade pobre e pouco extensa. Não havia lá nem fonte, nem água potável, nem pastos, nem florestas. Estando a cidade colocada "sob a proteção do deus do Sol", era perigoso empreender-lhe o cerco. A cavalaria de Trajano sofreu severa derrota e o imperador quase é ferido, porque a "veneranda cabeça grisalha" fora reconhecida. Uma tempestade de areia e uma invasão de mosquitos obrigaram o imperador a leventar imediatamente o cerco.
Onde se encontrava a cidade de Atra (ou Hatra)? Sob qual duna de areia está sepultada? Ignora-se.
Se Trajano nutria ainda numerosos projetos, a doença atingiu o homem que envelhecia. Não querendo morrer num solo estrangeiro, apressou o imperador seu regresso. No seu foro íntimo, recusava a idéia mesma da morte. Sob o comando do general Públio Élio Adriano, deixou o exército na Síria. No caminho de regresso, na Cilícia, na Ásia Menor, seu estado piorou.
Um dia, acreditou que queriam envenená-lo. Depois veio o ataque de apoplexia que o deixou semi-paralítico. Desde muito tempo estava atingido pela hidropisia. Agora, sofria graves perturbações respiratórias.
Morrer? Era possível desaparecer daquela forma, tão rapidamente?
Trajano esqueceu-se até de designar seu sucessor. E foi Plotina, a imperatriz, que lhe sugeriu adotar Adriano. Mas Trajano recusou categoricamente. A seu ver, carecia Adriano de força e dinamismo, e Trajano queria dar o poder a um homem de grande envergadura. Era demasiado tarde. Os minutos agora estavam contados para aquele grande imperador

romano que tinha reinado dezenove anos, seis meses e treze dias.

ADRIANO

O GÊNIO POLÍTICO

Fenômeno excepcional, o gênio, como o milagre, rasga as trevas da História. Adriano era um sábio, tal como a humanidade só esporadicamente os conhece. Imperador da paz, da bondade e da ordem social, foi um predestinado, dotado de talentos e faculdades mais diversas.

O AUTOR.

O imperador Trajano morreu!

Da Inglaterra ao Nilo, do Guadalquivir, na Espanha, até o Eufrates e o Tigre, as legiões romanas, anunciado o luto e conhecida a notícia, demonstraram idêntica e profunda tristeza. Trajano morreu!

Os dácios respiravam à vontade, e um dia talvez tentarão reconquistar sua independência. Sobre sua morte, também os partas estabelecerão a esperança duma paz próxima. Na câmara mortuária, os íntimos de Trajano conversavam em voz baixa. Inteligente, culta, Plotina, a esposa imperial, de espírito pronto e lúcido e que, nos seus julgamentos, bem muitas vezes ia além do seu tempo, estava ali, abismada em sua dor. Desde cerca de vinte anos, profunda amizade, feita de compreensão mútua, ligava-a a Adriano que, naqueles dias, atingia seu quadragésimo primeiro ano. Desejava Plotina que subisse ele ao trono, mas, se bem que lhe houvesse Trajano dado os mais altos cargos do Estado, não o havia adotado. Atiano e Plotina estavam perplexos: que seria preciso decidir para salvar o Império? A triste notícia não havia chegado ainda fora do palácio, mas por trás das pesadas cortinas da câmara mortuária, velavam os guardas, os senadores conversavam em voz baixa e os tribunos esperavam as ordens a dar aos emissários para enviá-los aos generais dos exércitos estacionados na Alemanha, na Inglaterra, no Egito e na Partia. Recorreu Plotina então a um subterfúgio. O imperador estava morto, mas ninguém, exceto os íntimos reunidos à sua cabeceira, tivera conhecimento da catástrofe. Foi Atiano que imitou perfeitamente a voz do defunto? Seja como for, do lado de fora ouviu-se com efeito a voz enfraquecida do imperador pronunciando as palavras de adoção que faziam de Adriano seu filho e seu sucessor.

As cortinas correram então para dar passagem aos amigos seguros que anunciariam a triste notícia. O imperador dera o derradeiro suspiro. Os estafetas deixaram Roma a toda a velocidade e percorreram o vasto império até a capital da Síria, para entregar a Adriano, o governador por todos respeitado, o despacho contendo a famosa mensagem. Os antepassados de Adriano, parentes de Trajano, eram originários da mesma província espanhola que os do defunto imperador, nascido às margens do Guadalquivir. Foi naqueles lugares que, mil anos antes de J. C., os etruscos e os fenícios, as grandes potências marítimas de então, lutaram pela supremacia dos mares.

Domícia Paulina, sua mãe, vira o dia em Cádix. A língua materna de Adriano era o espanhol.

Jovem perdera seu pai, e Trajano tornou-se seu tutor. Foi em Roma que o jovem Adriano

estudou a língua grega e as disciplinas intelectuais daquele dia que tinham o poder de exaltar sua imaginação tanto quanto seu coração. Os artistas, os escultores, os homens de Estado gregos, e sobretudo a filosofia de Platão, suscitaram nele uma admiração entusiástica. Em Roma, apelidaram o jovem espanhol de "pequeno grego". Aos quinze anos, recruta novinho em folha, o nosso jovem imprudente entregou-se à caça com tanto ardor e temeridade que Trajano foi obrigado a chamá-lo para Roma. Oficial das legiões do Danúbio, apaixonava-se também pela caça, não desgostava do vinho e contraía dívidas. Depois, sobreveio o grande acontecimento: Trajano, que estacionava em Colônia, foi eleito imperador.

Após uma carreira desabalada, Adriano, com vinte e dois anos de idade, chegou àquela cidade. Quando seu carro quebrava o tirante, rodas ou molas, prosseguia sua viagem a pé. Chegou ao destino antes de seu cunhado Servânio que, adversário declarado do belo adolescente ardente e apaixonado, procurava desde muito tempo prejudicá-lo junto a Trajano. E Adriano felicitou Trajano, o novo imperador. De caráter e temperamento opostos, os dois homens não podiam ter um pelo outro uma confiança completa. Mas Adriano, secundado por Plotina, conseguiu garantir-se doutra maneira as boas graças do imperador. Casou-se com Sabina, neta da irmã de Trajano. Se Trajano não ficou satisfeito com tal união, soube Plotina abrandar todos os choques e conflitos. A amizade entre Plotina e Adriano tornou-se mais estreita. Quando Adriano, governador na Síria, recebeu ao mesmo tempo a notícia da morte de Trajano e a de sua adoção, compreendeu imediatamente o papel importante que havia desempenhado sua nobre amiga. Pediu ao Senado a confirmação de sua eleição como imperador e rogou-lhe que se abstivesse para com ele, no presente e para o futuro, dos testemunhos de honras habituais na circunstância.

A paz no mundo! Foi a idéia mestra que dirigiu a existência do novo imperador, à qual, aliás, ficou fiel até a morte. Foi Adriano um dos soberanos mais benéficos e generosos da antigüidade. Personalidade de exceção, a universalidade de seus dons e de suas qualidades representava a quintessência do espírito antigo: a humanidade e virtude viril, a resistência física, a cortesia perfeita, uma inteligência superior, uma multidão de dons e faculdades dos mais raros. Desde o início de seu reinado, abandonou o imperador as províncias situadas a leste do Eufrates e do Tigre. Compreendeu que era impossível mantê-las sob o domínio romano. Assim, as conquistas de Trajano no país dos partas, na Assíria e nas terras entre os dois rios ficaram perdidas para Roma. Era Adriano um político genial e esta excelência afirmou-se desde o momento em que tomou conta do poder. Agia segundo a sua consciência, seu livre arbítrio e seu próprio julgamento. Não ignorava que as perturbações que surgiam nas fronteiras mais afastadas do império, exigiam do Estado esforços por demais pesados e desproporcionados, em relação ao seu poder e às suas forças militares. Seu objetivo era aumentar a potência defensiva do império, a fim de assegurar e manter a paz. Tal medida verificou-se, sem dúvida, impopular e os generais romanos, descontentes, amuaram-se, porque uma paz estável contrariava as grandes esperanças de suas carreiras. Mas Adriano soube conciliar-se a opinião do povo. Com um traço de estilete, suprimiu as dívidas que os cidadãos tinham para com o tesouro do Estado. Diante do Fórum, alegre fogueira consumiu milhares de documentos de dívidas.

Com uma habilidade e uma inteligência sutis, familiarizou-se Adriano com os problemas mais árduos da economia política, pára equilibrar e pôr em ordem as finanças do Estado. Instaurou as bases duma assistência social e estabeleceu, entre ele e os senadores, relações de confiança e de compreensão mútuas, que permitiram uma colaboração frutífera. Pontual, comparecia às sessões do Senado, de cuja grandeza fazia questão. Por ocasião das eleições, os cidadãos tarados ou indignos nenhuma possibilidade tinham de ser eleitos senadores. Adriano visitava seus amigos enfermos. Hospitaleiro, recebia muito e, por ocasião dos banquetes que oferecia, eram os negócios de Estado um dos principais assuntos de conversa. Concedeu socorros financeiros às cidades e aos campos e soube ligar a si grande número de amigos e colaboradores, inteligentes, devotados e ajuizados.
Preferindo o simples ao pomposo, inimigo do luxo, do fausto e de todo excesso, exigia Adriano, em contraposição, que se observassem as formalidades. Seu comportamento, sua cultura, sua perfeita cortesia serviam de modelo aos que o cercavam.

UM ESPIRITO DOS TEMPOS MODERNOS

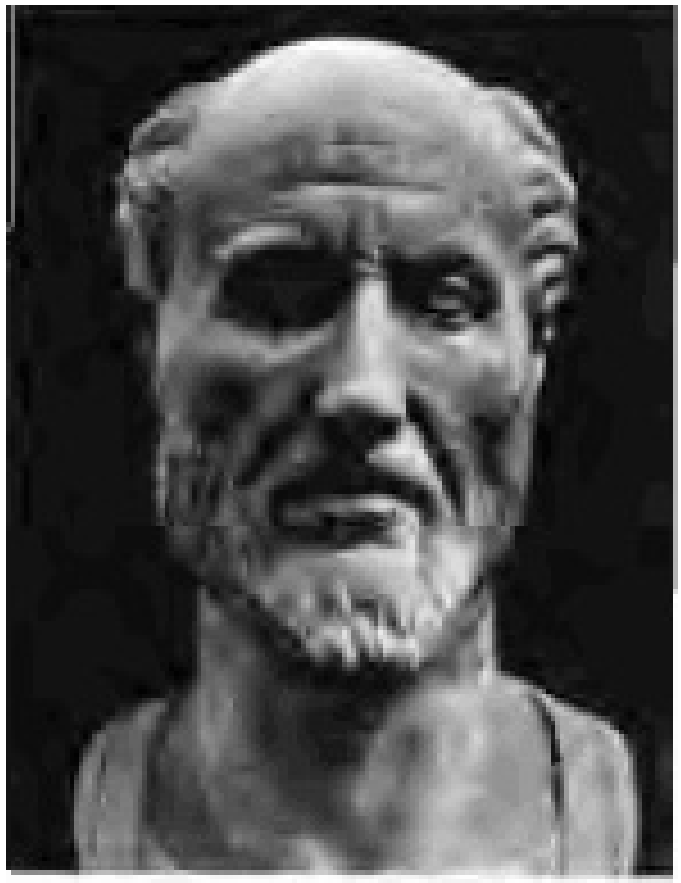
> Quem entre os homens teve uma curiosidade tão extensa e variada, um espírito tão ágil e universal, um pensamento tão lúcido que surpreendia mesmo os seus íntimos por uma perspicácia que lhes penetrava os segredos mais recônditos? Quem teve ao mesmo tempo tanta condescendência e rigor, frieza no cálculo e pronta decisão na ação? Possuía profundo conhecimento dos desejos e das nostálgicas necessidades da humanidade a que satisfazia ora com fórmulas, ideais e concepções filosóficas, ora com atos, de modo que, em toda parte onde aparecia, era acolhido com alegria delirante.
>
> WILHELM WEBER, Cambridge Ancient History, vol. XI, cap. VIII, 3.

Possuía Adriano o que em nossos dias se chama uma "presença", uma irradiação extraordinária. Indiferente ao lado puramente exterior de suas altas funções, consagrava-se o imperador exclusivamente às tarefas e aos problemas essenciais. Sua cultura e sua formação eram gregas e, através dele, o mundo helênico reviveu uma maravilhosa renascença material e espiritual.
Assim, de maneira indireta, é verdade, a Grécia submetida conquistou uma vitória tardia sobre o conquistador romano! Nò quarto ano de seu reinado, no ano 121 depois de J. C., empreendeu Adriano a primeira de suas numerosas viagens. Verdadeiro imperador ambulante, um dos monarcas mais "viajeiros" da história, andava sempre, como se diz, por montes e vales.
Dum extremo a outro, percorreu o vasto império, com sua chancelaria e seus funcionários. Exercendo uma vigilância esclarecida, observava até os mínimos pormenores dos negócios locais. Era pois um verdadeiro estado-maior "administrativo", que, de carro, a cavalo e a pé, se encaminhava para as províncias da Europa, da África do Norte e da Ásia.
O imperador e seu cortejo, homens silenciosos e ponderados, dirigiam-se à Gália, à Germânia, à Grécia, à Ásia Menor e ao Egito. Adriano tinha horror ao barulho e um de seus funcionários estava encarregado de velar para que a calma reinasse em torno dele.

A fim de provar a seus companheiros que a fadiga física não podia ser obstáculo aos seus longos périplos, Adriano, coberto com sua armadura, caminhava muitas vezes a pé durante uns trinta quilômetros. Usava trajes simples, não aceitava nem o ouro, nem as armas, nem as jóias que queriam oferecer-lhe e visitava os soldados doentes no hospital. Foi ele quem reorganizou o exército, constiruindo-o, em primeiro lugar, em corpos defensivos.
Nas províncias limítrofes do império, milícias fronteiriças foram criadas para preservar o mundo cultivado das agressões "bárbaras". Os acampamentos das legiões ocupavam terrenos judiciosamente escolhidos. Duma maneira geral, organizou o exército romano segundo uma concepção revolucionária e toda nova. Não tinham os oficiais autorização para receber presentes dos soldados e todo luxo ostentatório estava proibido. Possuía Adriano uma faculdade única e salutar no plano prático: sabia reconhecer com autoridade e precisão se uma instituição, uma função, os fornecimentos ao exército ou os materiais de construção eram úteis e conformes ao fim proposto ou se tinham sido votados ou adquiridos unicamente porque uma associação qualquer de interesses queria obter encargos, trabalhos ou dinheiro. Tudo quanto não era indispensável e duma utilidade urgente e precisa foi suprimido. Soube Adriano impor limites à guerra do papel, à burocracia onerosa que é muitas vezes a ruína dum país. Foi ele quem formou o tipo clássico do funcionário modelo. A rapidez de seu pensamento, a vivacidade de seu espírito, aberto a todas as coisas, eram surpreendente. Usava barba, e isto que, em nossos dias, parece de pouca importância, provava naquela época, de maneira incontestável, a independência absoluta de suas concepções. Não se deve esquecer que desde Alexandre, o Grande, isto é, desde quinhentos anos, os homens da Antigüidade greco-romana traziam o rosto raspado. Somente os marginais, os originais, isto é, os cristãos e os filósofos, faziam exceção à regra. Sócrates, Platão, Epicuro tinham usado barba; e a de Adriano era a prova do respeito de suas concepções tradicionais. Precisamente, no reatar as tradições antigas, o classicismo, é que Adriano se mostrava em avanço sobre o seu tempo.



GRAV. 99 — Sarcófago dum filósofo, datando do 3.° século depois de J. C. O baixo-relevo representa provavelmente Plotino, ensinando à imperatriz Salonina.



GRAV.100 – Plotino, o célebre filósofo originário de Licópolis, no Egito, o "derradeiro homem da Antiguidade", acompanhou Gordiano na sua campanha contra a Pérsia, de 242 a 243. Em Roma, entretivera o filósofo relações intelectuais estreitas com o imperador e sua esposa. Após o assassinato do imperador, deixou-se para Plotino o projeto de fundar uma Colônia filosófica, a "República de Platão". Plotino acreditava num criador único.



GRAV.101 – Ensino escolar, perto do Mosela, cerca de 190 depois de J.C. Este extraordinário monumento funerário foi descoberto no porão do muro de recinto constantiniano, em Neumagen.

Intuitiva e sutil, Plotina havia-o pelo menos secundado e apoiado na afirmação de suas opiniões, livres e despojadas de qualquer preconceito. Por ordem de Adriano, somente os homens providos de barba, ou susceptíveis de deixar crescer uma, podiam ser oficiais e, desta maneira, ficavam os jovens colocados na impossibilidade de ascender a esse grau. O colar de barba tornou-se moda e foi adotado no reinado de Adriano, depois no tempo de seus sucessores. Nas esculturas, nos baixos-relevos da época, os homens trazem barba, o

que permite, aliás, aos historiadores modernos identificá-los mais facilmente. Os soldados adoravam o seu imperador. Comia com eles, bebia e marchava com eles, sem nunca utilizar-se de carro. Atingiu o Império Romano um poderio sem igual e, mau grado sua força temida (ou graças a ela), não levava a guerra a parte alguma. A campanha contra os dácios foi rapidamente terminada e, quando ofereceram a Adriano o desfile triunfal, recusou-o. E foi a estátua da vitória sobre os dácios, a de Trajano, que penetrou em Roma pela Porta Triumphalis. Quanto aos partas, consideravam Adriano como um aliado cordial e um libertador. Os armênios que, no reinado de Trajano, estiveram submetidos à administração dum governador romano, tinham de novo o seu rei. Os mesopotâmios obtiveram uma exoneração de seu tributo. Adriano ofereceu ricos presentes aos reis albaneses e caucasianos, fazendo deles aliados seus. Os reis bactrianos do Hindu-Kuch enviaram a Adriano embaixadores encarregados de obter seus favores. As relações "internacionais" que regiam o mundo de então eram reguladas da maneira mais satisfatória.

No interior do Império nada escapava à perspicácia sempre desperta do soberano. Estava em toda parte ao mesmo tempo e seus "relatores" (frumentarii) percorriam as províncias e controlavam, para dirigir seus relatórios a Adriano, as atividades dos altos funcionários. Esse sistema de "espionagem" interna servia unicamente para manter Adriano ao corrente dos negócios do Estado e nunca dele abusava para oprimir a liberdade individual dos cidadãos romanos.

Desejava ser nada mais que o servidor de seu povo. Mantinha-se de pé, quando recebia os senadores e estes, no exercício de suas funções, deviam usar a toga regulamentar. Reorganizou a jurisprudência e mandou o célebre jurista Sálvio Juliano colecionar os antigos éditos legislativos. Esses trabalhos preparatórios foram, aliás, de maior utilidade para o futuro Corpus Júris do imperador Justiniano. Foram interditas as acusações de lesa-majestade e os senhores não tinham mais direito de vida e de morte sobre seus escravos. As condenações à morte, mesmo as dos escravos, deviam ser pronunciadas exclusivamente perante as cortes de justiça públicas.

Adriano mandou publicar um decreto proibindo a venda de escravos dos dois sexos às duras escolas de gladiadores. Esses tratos só se podiam efetuar sob a fiscalização do Estado e devidamente motivados. Severas e rápidas, as punições reservadas aos pródigos. Os indivíduos que, obrigados pela lei, deviam conservar e fazer frutificar seus bens de família, mas os haviam estupidamente dilapidado, eram surrados a pau, de público, no anfiteatro.

Suprimiu o imperador as penas de trabalhos forçados e as penitenciárias, tão temidos pelo povo. Até então, exigia o costume que, quando um romano tivesse sido assassinado em sua casa, fossem os escravos interrogados sob tortura. Aboliu Adriano esse costume desumano e somente os escravos testemunhas do assassínio foram no futuro interrogados. A filosofia humana de Adriano dirigia-se também aos escravos que, para ele, eram antes de tudo homens. Decretou Adriano que nas termas, deviam os homens ficar separados das mulheres para o uso dos banhos. Por esta razão, mandou construir'.novas termas. Na sua própria casa, exigiu igualmente a separação dos sexos para as abluções. Havia, aliás, duas salas de banhos à sua disposição.

Todavia, mau grado sua rígida severidade, não era Adriano o que se chama um puritano. Foi um homem moderno, não somente em relação ao seu tempo, mas também em relação ao nosso ponto de vista atual. Democrata avant la lettre, era acessível a todos, dirigia a palavra tanto aos pobres como aos ricos, tanto aos oficiais como aos soldados. Um dia, na rua, uma mulher o interpelou para apresentar-lhe uma petição.

— Estou com pressa! — respondeu o imperador, apressando o passo.

Ela protestou:

— Então, não devia ser imperador! Voltou atrás e ouviu-a com paciência.

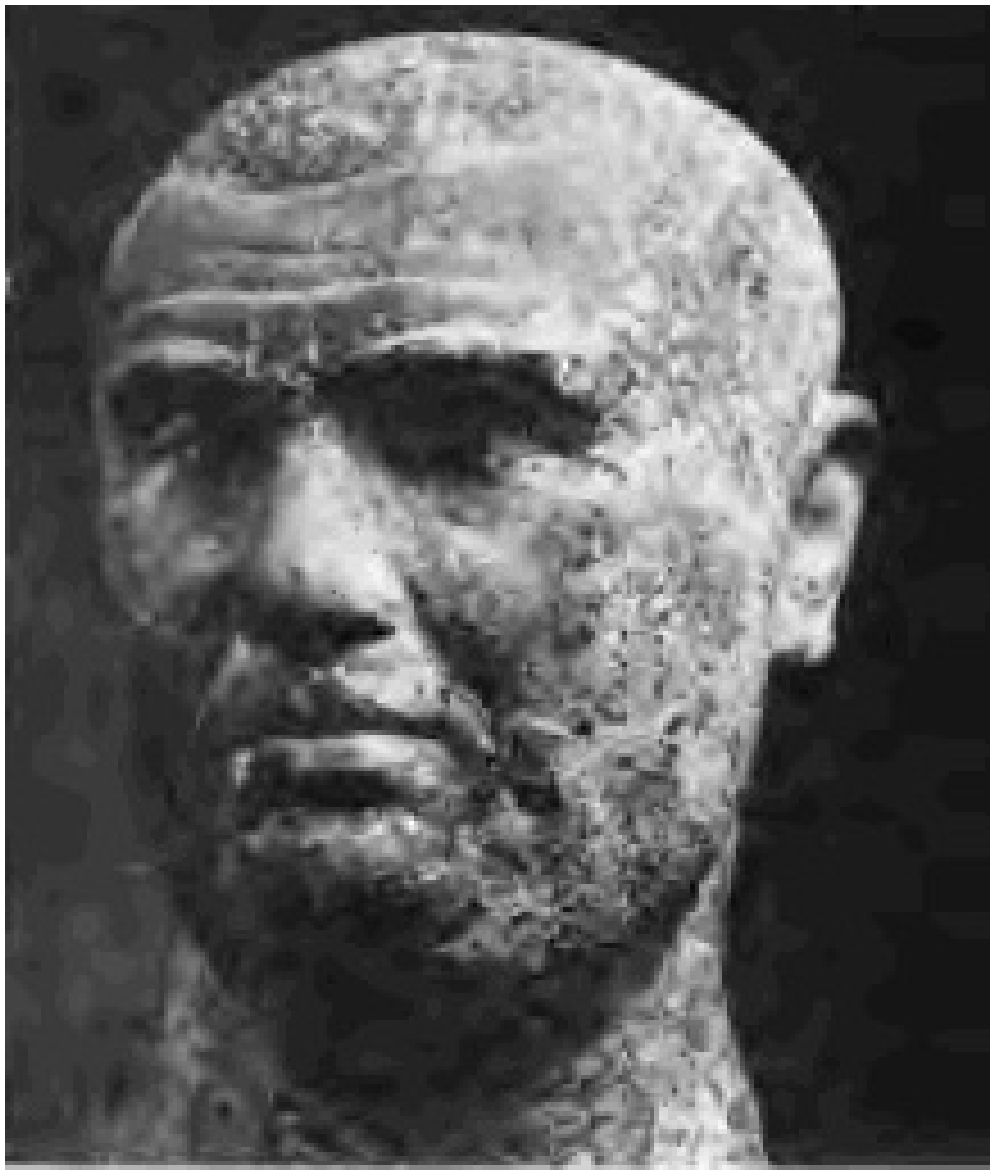
Para os romanos, as Alemanhas eram países frios, de invernos longos e rigorosos. Dion Cássio relatou, com transbordante admiração, que o imperador jamais cobria a cabeça. "Mesmo sob a neve das Alemanhas ou sob o ardente sol do Egito, Adriano jamais usava chapéu.

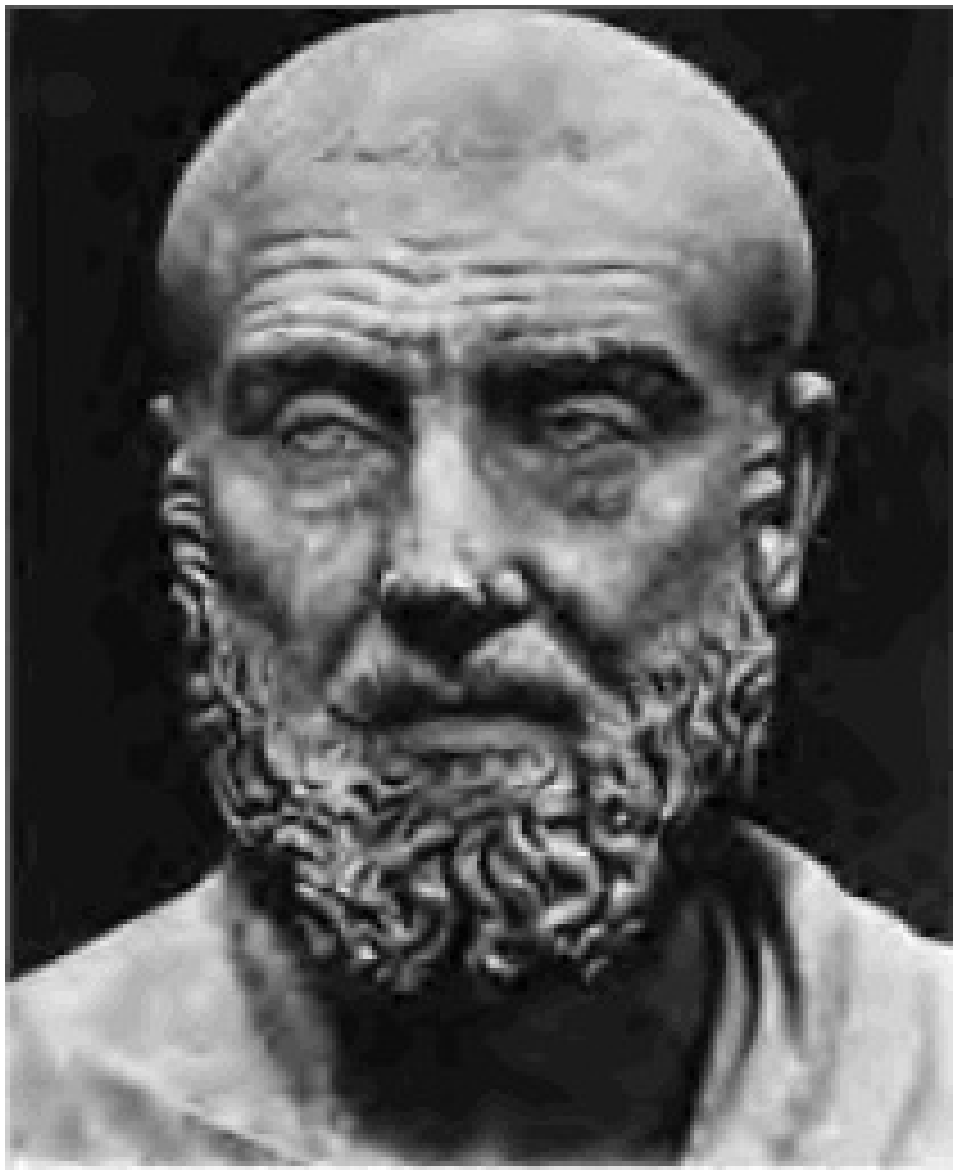
Êlio Espartiano, o célebre biógrafo romano, escreveu na sua História de Augusto:

"Raramente, um imperador realizou com tanta facilidade e rapidez trajetos entre pontos tão distantes!" Sabe-se também que, na Sicília, escalou o Etna para contemplar o nascer do sol, capricho que seus contemporâneos julgaram absolutamente incompreensível. O imperador votava ao sol verdadeiro ôulto. Ê possível que tenha sido o resultado dos estudos que empreendeu na época de Armana como o da sobrevivência da lembrança sagrada, de mil e quinhentos anos de idade, do faraó Equenaton.

A segunda viagem que o imperador fez em redor do mundo civilizado realizou-se de 128 a 134 depois de J. C. Percorreu a Gália, a Espanha, a Inglaterra e a Germânia. Na Grã-Bretanha, mandou construir a célebre obra de fortificação, baluarte de mais de cem quilômetros de comprimento, começando na embocadura do Tyne para terminar no estuário do Solway. A fortificação germano-rética, o Limes, que se estendia de Andernach até o Danúbio e Ratisbona, foi reforçada. Naquela época, um acontecimento súbito e bastante singular suroreendeu a corte: Adriano despediu Suetônio Tranqüilo, o célebre historiador e secretário do gabinete imperial. Dizem que Suetônio permitira-se com Sabina, a esposa de Adriano, liberdades incompatíveis com a etiqueta. Ademais, estava Adriano muito descontente com sua esposa, mulher irritadiça, sempre de mau humor, da qual se teria certamente separado, se não houvesse ocupado as altas funções de imperador.

A cultura de Adriano era vasta e mostrava-se ele brilhante em várias disciplinas. Poeta, escritor excelente, gostava de trocar suas obras com os poetas de seu tempo. Catão, Cícero,





GRAV. 102 — Após a morte dos imperadores Gordiano I e Gordiano II. Balbino e Pupiano foram proclamados imperadores pelo Senado (238 depois de J. C). Balbino teve a seu cargo a administração, Pupiano o comando em chefe do exército. Mas o regime a dois só durou poucos dias. Os imperadores enciumaram-se. Após um reinado de três meses, foram massacrados.



GRAV. 103 — Era em posição estendida que os romanos tomavam suas refeições, porque achavam que era incômodo e malsão estar sentado. O imperador Balbino e sua esposa em seu sarcófago.

Virgílio e Salústio não tinham segredos para ele. Aprofundara-se no pensamento de Homero e de Platão. Considerava-se um astrólogo de valor e, no começo de cada ano, anotava os acontecimentos que, segundo suas previsões, deveriam sobrevir em sua vida. No correr do ano que precedeu sua morte, fixou, de maneira bastante precisa, é verdade, as etapas que a sorte lhe reservava, bem como a hora e o minuto exatos de sua morte.

Adriano protegia os filósofos Epicteto e Heliodoro, bem como os oradores, os músicos, os matemáticos, os pintores e os astrólogos. Gostava, em contraposição, de contrariá-los e de levar a contradição às suas controvérsias, com aquela mesma fina ironia com que o fará mais tarde Frederico, o Grande com Voltaire. Sua memória era prodigiosa. Com surpreendente rapidez, ditava seus discursos, duma forma sólida e brilhante, e retinha de cor textos difíceis. Era capaz ao mesmo tempo de escrever, de falar e de ouvir uma conversa. "Por mais incrível que isso pudesse parecer!", como disse o seu biógrafo.

Como tantos outros homens de Estado de alto valor (basta pensar em Napoleao, em Bismarck, em Churchill), tinha Adriano excelente memória visual. Reconhecia simples soldados a quem não via durante longos anos. Não somente havia-lhes retido o nome, mas até seu número de matrícula. Recordava-se do nome de milhares de pessoas, a ponto de poder pronunciá-los corretamente! Essa faculdade e certo dom de ubiqüidade surpreendiam

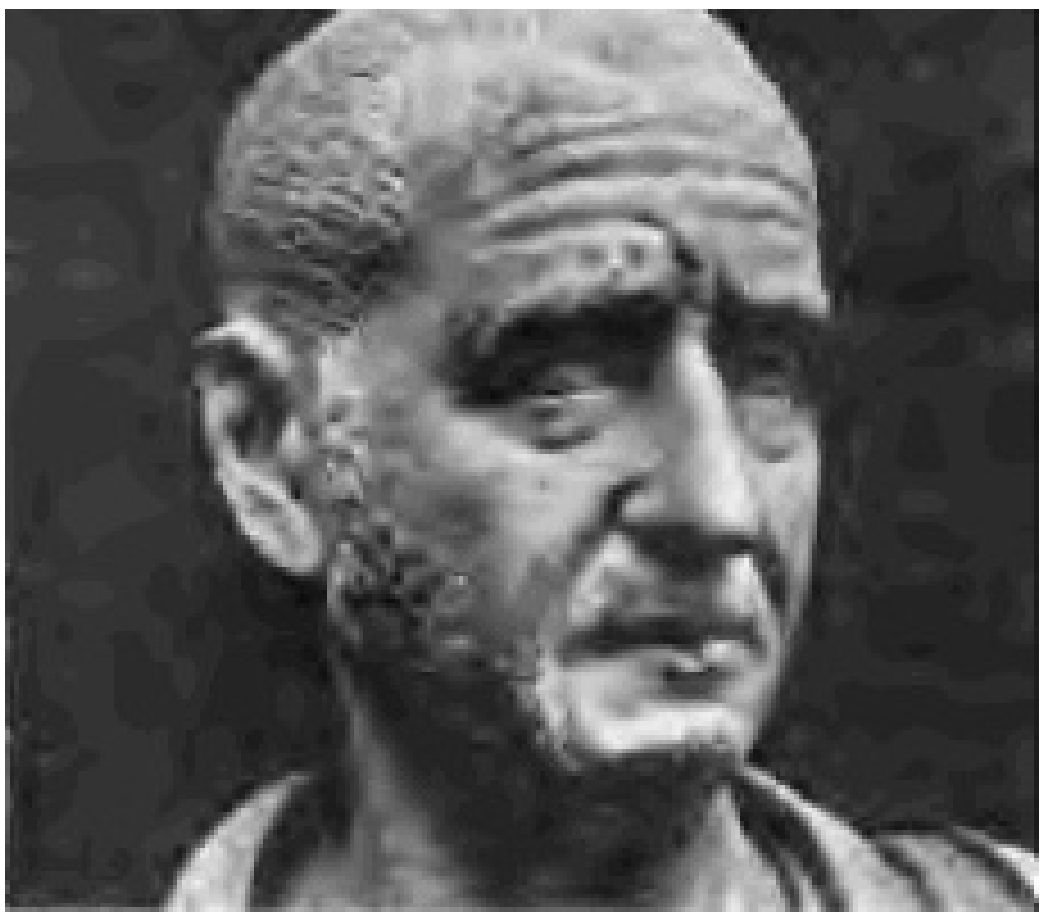
tanto o Senado como os habitantes das regiões que percorreu por ocasião de suas viagens. O imperador tinha também a vantagem imensa do senso do humor. Um velho de cabelos brancos apresentou-lhe um dia uma petição. Adriano opôs-lhe uma recusa peremptória. Pouco tempo depois, o homem voltou, com os cabelos tintos de preto. Tendo-o reconhecido, disse-lhe o imperador: — Já rejeitei esse mesmo pedido quando teu pai mo apresentou!

O DIVINO ANTINOO

> Foi Adriano o primeiro e o maior filo-heleno que ocupou o trono dos Césares. Galiano, no 3° século e Juliano, no 4° século, seguiram-lhe as pegadas. No reinado de Adriano, tornou-se o helenismo a principal força civilizadora do Império Romano.
>
> HERMANN BENGSTON, "História da Grécia", 5.a parte.

O imperador tomava freqüentemente seus banhos nas termas, com o povo. Notando um velho que, depois de ter flectido os joelhos, cocava as costas contra a parede, perguntou-lhe o imperador:
— Por que te fazes uma massagem, não com uma suave mão, mas com o mármore?
— Porque não tenho escravos — respondeu o velho.
Nesse mesmo dia, ofereceu-lhe Adriano vários escravos, bem como uma soma suficiente para mantê-los. Quando voltou às termas, encontrou Adriano vários velhos, de joelhos flectidos, que esfregavam as costas contra a parede. O imperador chamou-os à sua presença e deu-lhes ordem de fazerem massagens uns nos outros!
A anedota seguinte poderia contar-se entre os caprichos ou rasgos de espírito do grande imperador. Com a ajuda de Decriano, seu arquiteto, mandou reerguer o Colosso, a estátua monumental que Nero erigira no vestíbulo de seu Palácio de Ouro. Arrastado por vinte e quatro elefantes, o enorme bloco esculpido, que tinha cerca de quarenta metros de altura (o soclo foi conservado), foi levado a uma praça situada ao noroeste do Coliseu, a qual passou a chamar "colossaT, em memória daquela esmagadora escultura. O imperador, para desfazer a semelhança do rosto com o de Nero, mandou esculpir de novo as feições e consagrou a estátua ao deus do sol. Adriano gostava dos cães e dos cavalos; mandou fazer túmulos para seus animais preferidos. Borístenes, seu cavalo de caça, teve mesmo uma esteia com epitáfio.
O imperador esteve por três vezes em Atenas, nos anos de 124 a 125, de 128 a 129 e de 131 a 132 depois de J. C. Com a fundação da cidade de Adriano, tornou-se, por assim dizer, o segundo fundador de Atenas. Terminou o Olimpieion, construiu o templo de Hera, o Panteon, o Pórtico (e sua biblioteca), um ginásio, um aqueduto, o Pan-Helenion e um templo de Zeus. Fez-se iniciar nos mistérios de Eleusis. Para o povo de Atenas, era o imperador Adriano o emblema e o iniciador dum novo florescimento de seu gênio. A porta de Adriano, que liga a antiga à nova Atenas, traz ainda a seguinte inscrição:

"Aqui se encontra a antiga Atenas, a cidade de Teseu." E do outro lado:
"Aqui se encontra não a cidade de Teseu, mas a cidade de Adriano."
Seu amor pela Grécia era tão profundo que fundou uma Federação Pan-Helênica que deveria agrupar todas as cidades gregas do Império Romano.
No que concerne a Jerusalém, é certo que nutria as melhores intenções para com a cidade que, desde sua destruição por Tito, só aparecia aos olhos dos visitantes como uma ferida aberta. Adriano empreendeu sua reconstrução; no local onde se erguiam as ruínas do templo de Jeová, quis elevar um templo a Júpiter. Indignados, os judeus se revoltaram. Comandados por seu messias Barcoquebas, sublevaram-se e Adriano deu ordem a seu general Júlio Severo para arrasar todas as cidades judaicas. Para o imperador da paz, foi uma decisão grave, que só tomou a contragosto e que o afetou profundamente. No ano de 130, quando Adriano, acompanhado de Sabina, sua esposa, e duma corte imponente, demorou-se algum tempo no Egito, trágico acontecimento ensombrou-lhe a existência até sua morte. Júlia Balbila, dama da corte, fez gravar sobre o colosso de Memnon poemas gregos exaltando a estada do imperador no Egito.
Antinoo, o belo adolescente tão amado por Adriano, estava com a corte no Egito. Dizem que o rapaz se afogou durante um passeio pelo Nilo. Se bem que o imperador tenha afirmado que Antinoo perecera afogado, não se pode prestar fé absoluta às suas palavras. Dion Cássio, o historiador de origem bitiniana, achou que Antinoo morrera por amor a Adriano, "porque, para assegurar o bom êxito dos projetos mantidos secretos pelo imperador, era necessário o sacrifício, livre e voluntariamente aceito de uma criatura humana".



GRAV. 104 — O imperador Décio (249-251) foi o primeiro imperador romano morto pelo inimigo (os godos) em país bárbaro. Caiu no campo de honra, presumivelmente traído pelo seu lugar-tenente Galo.



GRAV. 105 — Galo foi proclamado Imperador pelo exército, após a batalha de Abrlto. Nefastos foram os dois anos de seu reinado: os persas ocuparam a Mesopotâmia, os godos penetraram na Mésia, uma epidemia de peste devastou o mundo. Em 253, Galo e seu filho foram assassinados.





GRAV. 106 — Gordiano III e seu assassino, Filipe, o Árabe. Filipe, o Árabe, imperador de

244 a 249, conseguiu sublevar os legionários contra Gordiano que massacraram.

Esmagado pela desgraça que foi para êle a morte de Antinoo, o imperador jamais se refez do seu pesar. Chorou o desaparecido, "como se chora uma esposa".
No lugar onde Antinoo pereceu, fundou Adriano, a 30 de outubro de 130, a cidade de Altinópolis, à margem leste do Nilo, a pouca distância de Hermópolis, situada na outra margem. Se as ruas de Pompéia tinham a largura de nove metros e cinqüenta no máximo, em Antinoópolis havia uma avenida de vinte metros de largura, orlada de termas, de templos, ornada dum teatro e dum monumento que se presume ser o túmulo de Antinoo. Como hoje em Nova York, eram as ruas traçadas em ângulo reto e numeradas da mesma maneira que naquela cidade ultra-moderna.
Em todas as cidades do Império Romano mandou o imperador erigir estátuas à memória de Antinoo. Acreditou mesmo ter descoberto uma nova estrela, a estrela de Antinoo. Zombaram de Adriano, que considerava um deus o seu amigo desaparecido. Para o imperador, não era ele outro senão Osiris, emergindo de novo das águas do Nilo. No santuário de Antinoópolis, devia ele ser adorado com Amon. Nas cidades gregas da Ásia Menor, do Egito e da Europa, instaurou-se um culto de Antinoo, com os de Hermes, de Pan, de Apoio e de Asclépios. Na Itália, foi identificado a Silvano.
Que valor, pensava Adriano, podia ter a existência aqui na terra, se o único, o nobre, o belo Antinoo não podia ressuscitar?
Adriano mandou erguer templos e capelas, vazios de deuses. A que divindades destinava esses templos? Procurou um deus novo? Adorava, no entanto, os deuses romanos. Esperava um dia reencontrar, num dos templos vazios o adolescente Antinoo ressuscitado?
Desde longos anos, possuía Adriano uma magnífica propriedade perto do monte Arcese. Era a sua Tivoli (Tibur), situada no meio da Campânia. A "vila", que mandara construir, era sua morada predileta. Em nossos dias, as ruínas da bela morada ocupam uruia extensão mais ou menos igual a dois terços dum quilômetro quadrado.
O imperador dera às diferentes partes de sua casa de campo os mesmos nomes das cidades mais célebres visitadas no correr de suas viagens. Havia nela bibliotecas, um teatro, banhos, arcadas; e o pequeno, bem como o grande palácio, são mesmo os edifícios mais extravagantes da Antigüidade, com suas linhas ousadas e sinuosas de concepção moderna. Foram precisos mais de quinze anos para se levar a cabo a construção. Descobriram-se nela, em nossos dias, nada menos de dezesseis imagens de Antinoo, estátuas, bustos e baixos-relevos. De que natureza foram pois, as meditações do velho imperador quando, sozinho, perambulava pelas salas, pelas colunatas e pelo parque de Tivoli? Invisível, Antinoo, o desaparecido bem-amado, estava presente e tão perto de seu pensamento! Ora, Adriano declinava. As sangrias de nariz, de que sofria desde muito tempo, multiplicaram-se e agravaram-se.
Mandou construir um monumento funerário, um mausoléu gigantesco, destinado a acolhê-lo com os seus sucessores. Adriano havia admirado muito as pirâmides do Egito, mas quis que seu mausoléu, símbolo da eternidade, fosse de forma arredondada; o círculo lhe aparecia como o símbolo da eternidade. Diante do campo de Marte, empreenderam-se grandes trabalhos. Como num formigueiro, escravos azafamados arrastavam pedras e

caliça, a fim de que crescesse o edifício dedicado à glória dos imperadores romanos. O monumento chama-se hoje o Castelo de Santo Ângelo. A urna contendo as cinzas de Adriano devia ser depositada nele, sozinha, até a morte de seu sucessor, e assim por diante até o fim dos tempos.
Adriano esperara viver muito tempo. Mas compreendeu que seu fim estava próximo. Escolheu Lúcio Ceiônio (que era tísico) para seu sucessor.
Um dia, mandou Adriano executar um tal Servânio, velho de noventa anos, e seu neto. Causou estupefação essa explosão de cólera da parte de um homem ponderado e sensato como o imperador.
— Deuses! Sois testemunhas de minha inocência — implorou Servânio.
— Adriano quer morrer, mas não o poderá!
Com efeito, o estado de Adriano piorava.
— É triste — ditava o imperador, — querer morrer e não ser capaz disso!

Lúcio Ceiônio morreu de repente, em conseqüência duma forte hemorragia. Ameaçado pela hidropisia, chamou Adriano à sua cabeceira os mais eminentes senadores. Apresentou-lhes Antonino, o Pio, que escolhera para suceder-lhe. Determinou também que Antonino devia adotar, como filho e sucessor, o jovem Marco Aurélio.
Adriano pressentia a morte. Dirigiu-se uma derradeira vez à Baía, à beira-mar. Queria rever o belo e majestoso Mediterrâneo, cujas ondas o haviam levado, embalando-lhe as esperanças, até aqueles países exóticos e longínquos. O suave espetáculo parecia reaproximá-lo da alma de Antinoo. Mas seus sofrimentos eram intoleráveis; e chamou a morte com tal força que suplicou aos que o cercavam que lhe ministrassem um veneno. Exigiu que lhe dessem sua espada e prometeu dinheiro e impunidade aos que o ajudassem a morrer. Mas ninguém atendeu aos apelos de seu desespero. Mandou chamar então Mastor, o bárbaro, antigo prisioneiro de guerra. Com ameaças e promessas, quis obrigá-lo a liquidá-lo. Traçou uma cruz sobre seu peito para indicar a Mastor o local onde devia ferir.
Mas o bárbaro fugiu.
E Adriano chorou as lágrimas mais amargas que uma criatura possa verter.
Chorou porque possuía o poder de dispor da vida dos outros, mas não o de pôr fim a seus dias. Depois, veio-lhe a idéia de que um tratamento apropriado poderia prolongar-lhe a existência:
— Tantos médicos são responsáveis pela morte dos soberanos!
Tais foram, segundo o rumor público, suas derradeiras palavras.

ANTONINO PIO

UM SOBERANO PIEDOSO E DISTINTO

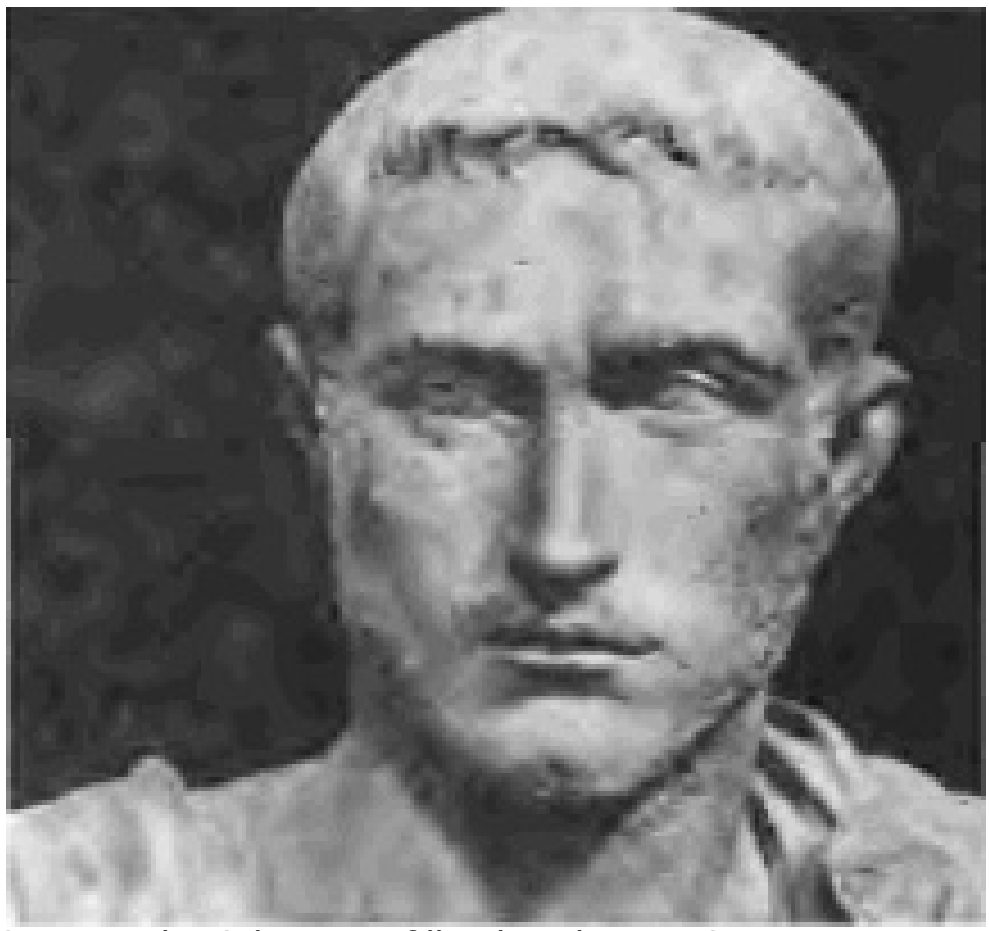
> Duma beleza notável, tinha um caráter agradável e numerosos talentos. Aristocrata até a ponta das unhas, imprimia-se em sua conduta grande dignidade. Orador de valor, sábio emérito, proprietário rural esclarecido, era sóbrio, trabalhador, amável, generoso e respeitoso do direito alheio. Todas as suas qualidades equilibravam-se perfeitamente e jamais fazia exibição delas. Por esta razão gozava do respeito e da estima de todas as pessoas de bem e pode-se dizer que mereceu ser comparado a Numa Pompílio.
>
> JÚLIO CAPITULINO, "Antonino Pio", II.

O reinado de Adriano, imperador da Paz, foi tão maravilhoso e benéfico que a grande máquina do Estado continuou a funcionar numa ordem perfeita e com uma precisão notável. Não é demais louvar a sabedoria e a circunspecção de Adriano. Enfraquecido pelo sofrimento, tinha, com uma clarividência excepcional, preparado o futuro do Império. Antes de morrer, designou, não somente seu sucessor, mas também o imperador que deveria suceder a este último. Ora, Antonino Pio e Marco Aurélio realizaram as esperanças de Roma e cumpriram sua alta missão sem desfalecimento. Sob o reinado deles, o Império se manteve no nível mais elevado de sua história. Vinte anos de paz! Quarenta anos de ordem e de justiça! Com os derradeiros anos do reinado de Marco Aurélio, encerrava-se a época feliz da história de Roma. Depois dele, a potência mundial que foi Roma mergulhou nas perturbações, nas desordens, na confusão, no assassinato dos imperadores, nas invasões germânicas, no terror e no declínio. Antonino Pio foi um soberano benévolo, inteligente e de belo porte. Cantavam-se seus louvores em todas as partes. Por ocasião da morte de Adriano, tinha ele cinqüenta e dois anos, e os romanos o comparavam a Numa Pompílio, segundo rei de Roma, soberano sábio e piedoso, amigo da paz. Era preciso olhar para bem longe, no passado da história de Roma para reencontrar um soberano comparável a esse nobre e elegante proprietário rural que subira ao trono. Presidiu, no ano de 147 depois de J. C, o noningentésimo aniversário da fundação de Roma.

Nascera em Lanúvio, no Lácio, mas sua família era originária de Nemauso, a provençal Nimes. Como um homem da província — a lei era formal — não podia ser eleito senador sem possuir terras na Itália, os Antoninos haviam comprado terras na Campânia. Antonino vivia na sua propriedade de Lório, onde se dedicava à criação de bois e cavalos, ao mesmo tempo que criava galinhas. Foi nesse meio que cresceu Marco Aurélio. Antonino cuidou de seu filho adotivo com amor de pai. Ensinou-lhe as belezas e os segredos da vida rural e a ciência toda de sabedoria da administração das terras. Antonino ocupou o trono durante vinte e três anos. Ao inverso de Adriano, jamais saiu da Itália. Foram os anos mais felizes do Império. Edward Gibbon, historiador inglês, achava que a época dos Antoninos, os reinados de Antonino e de Marco Aurélio representavam também as épocas mais afortunadas da espécie humana. Ernst Kornemann, historiador alemão, pensava, em contraposição* que o reinado de Antonino foi um "desencadeamento de negligências" que precipitou o declínio do Império. De certo, no norte, os germânicos aumentavam seu poder,

bem como os partas a leste. Quem sabe se guerras preventivas não teriam sido necessárias? Mas, segundo Kornemann, "quanto à política exterior, Antonino viveu nas nuvens". Justifica-se tal censura? De fato, um soberano que crê que uma paz estável e duradoura é possível e que quer poupar a seu povo guerras esgotantes pode ser na verdade censurado, dizendo-se que vive nas nuvens? Foi Antonino um homem probo, honesto, um pai para sua pátria. Antes de promulgar um decreto, consultava seus amigos e seus conselheiros, porque lhe repugnava praticar atos de autócrata. Na memória dos homens, seu nome, no entanto, vive semi-esquecido; e são as cabeças brutais, as de Nero e de Domiciano, as de brutos e violentos tais como Sila e Antônio, que permanecem vivas na imaginação popular.

Ai! Parece mesmo que os soberanos equilibrados, sábios, clementes, econômicos e benévolos, que sabem poupar a seu país as calamidades e as catástrofes, estejam destinados a permanecer na sombra da história.



GRAV. 107 — O Imperador Galiano era filho de Valeriano. Seu pai morreu cativo na Pérsia. Gallano procurou dominar o cristianismo com a ajuda das idéias e da procura de Deus de Plotino. Esse imperador, incompreendido pelos seus contemporâneos, reinou de 253 a 268 depois de J. C.



GRAV. 108 — Os baluartes de Roma foram apressadamente construídos pelo imperador Aureliano, em 271 depois de J. C, a fim de preservar Roma contra a invasão dos bárbaros. Os legionários romanos, dispersos no vasto império ameaçado por todas as partes, os prisioneiros de guerra e os artesãos Tomanos tiveram de construir o recinto fortificado. O baluarte mede mais de 18 quilômetros e atravessou, na época, cemitérios e quarteirões de habitação.

Desde a ascensão de Antonino ao trono, o Senado recusou a Adriano as honras oficiais. Não se podia perdoar ao defunto imperador as derradeiras execuções de homens respeitados e leais. Antonino suplicou ao Senado que não recusasse a Adriano a entrada do Olimpo.

— Se Adriano foi um homem mau, portanto vosso inimigo, não sou vosso imperador. Ou então é que para vós, a obra que ele realizou é nula e não acontecida, até mesmo minha adoção!

Diante da firmeza de Antonino, o Senado cedeu e concedeu ao defunto as honras dos funerais oficiais. O Senado outorgou a Antonino o nome de Pius (o Piedoso) e os

historiadores romanos dão ao assunto explicações diferentes. É de crer-se que o imperador deveu esse sobrenome à sua bondade, à sua benevolência e à sua circunspecção. É claro que, naquela época, não entendiam os romanos pelo qualificativo de "piedoso" a piedade cristã, mas a perfeição moral do ensino dos estóicos. Antonino, aliás, não perseguiu os cristãos. Quando o Senado lhe ofereceu o título de pai da Pátria, Antonino, depois de ter recusado essa honra, aceitou-a com agradecimentos comovidos.

Durante o terceiro ano de seu reinado, Faustina, sua esposa, morreu. O Senado declarou-a deusa. Em sua honra, mandou éle cunhar medalhas que traziam a inscrição Diva Faustina. Faustina tinha uma filha de. nome igual. No ano de 145 depois de J. C, quatro anos após a morte de sua mãe, a jovem e bela Faustina casou-se com Marco Aurélio, filho adotivo de Antonino.

O trem de vida do imperador era reduzido e modesto. Seus próprios escravos, caçadores de pássaros, pescadores e caçadores alimentavam-lhe a mesa. Ofereceu ao povo termas de sua propriedade. Viveu no seu palácio, a casa de Tibério, no Palatino, ou na sua propriedade de Campânia. Evitava os longos percursos, demasiado onerosos, a seu ver, porque, imperador, não podia viajar sem uma comitiva numerosa. Em Roma, na sua residência, era o imperador o centro do mundo. Gozava duma estima e dum prestígio incomparáveis; e os povos lhe testemunhavam as mais inalteráveis demonstrações de respeito. Quando o rei dos partas preparou uma agressão contra os armênios, bastou uma carta de Antonino para dissuadi-lo disso. Por nove vezes, fez importantes donativos de dinheiro ao povo. No ano de 145, no dia das núpcias de sua filha, distribuiu presentes aos soldados; e à memória de sua esposa, fundou uma ordem para as moças pobres e sem família, a Puellae Faustinianae. Mandou construir em Roma numerosos edifícios e terminou a construção do mausoléu de Adriano, o castelo de Santo Ângelo que, na época era uma pura maravilha.



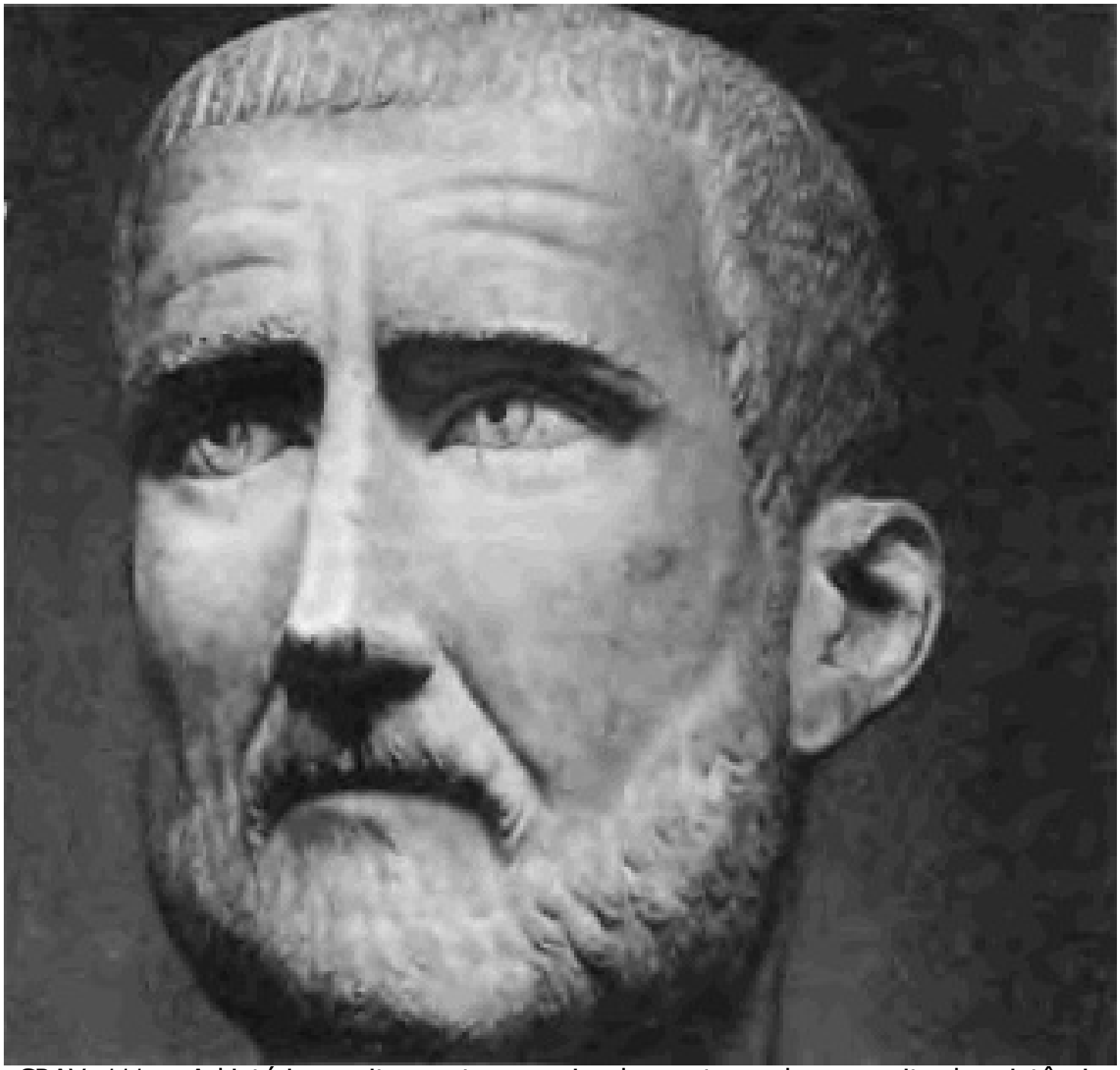
GRAV. 109 — Arco de Triunfo e colunatas de Palmira. Nenhuma outra cidade da Antigüidade possuiu uma via principal, de 1.600 metros como a de Palmira. A estrada atravessou este Arco. Era extremamente movimentada.



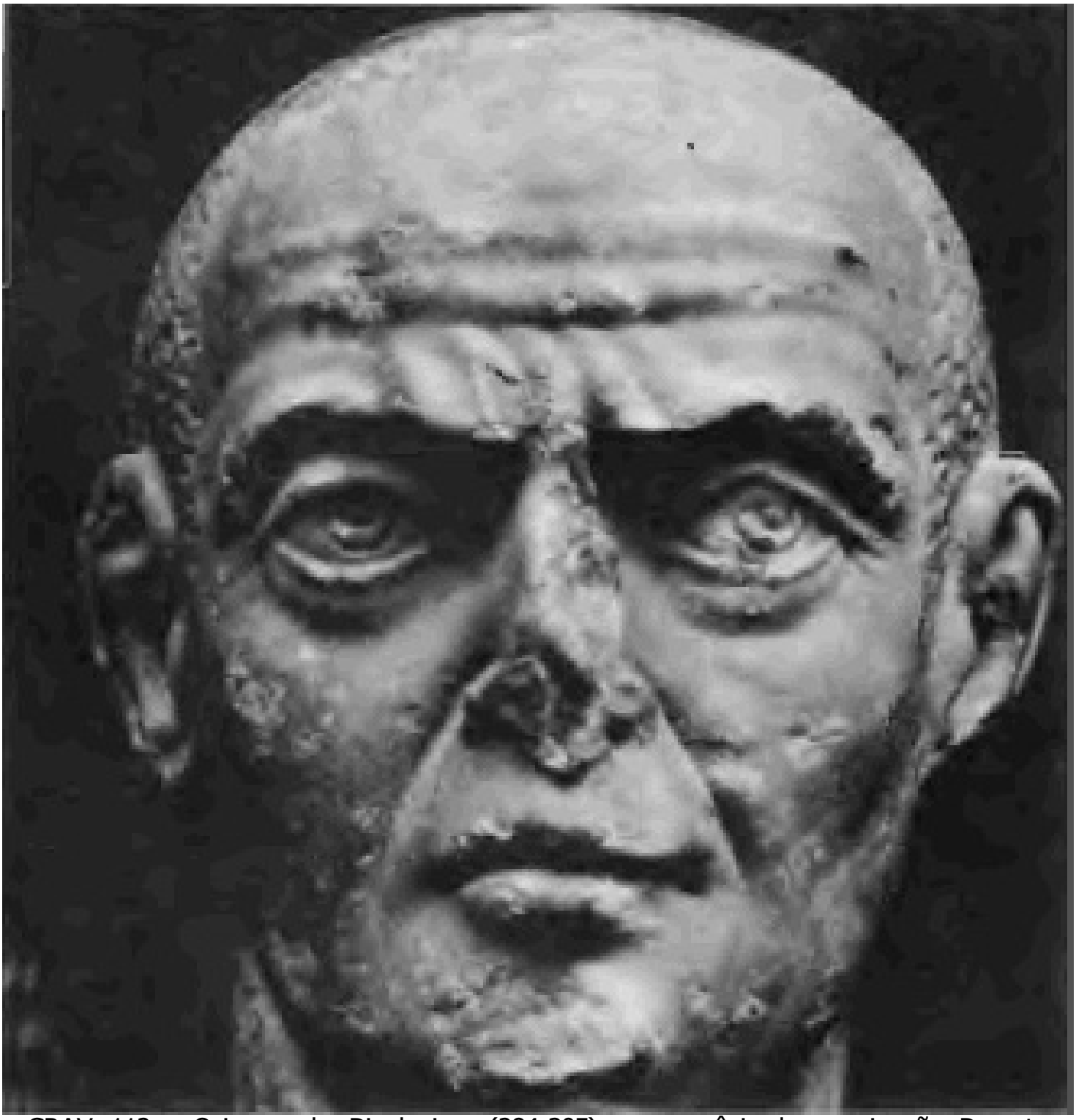
GRAV. 110 — O grande templo do deus Bêl. Até o dia em que o imperador Aureliano, em 273, destruiu a cidade, foi ela governada pela rainha Zenóbia. Bêl, o deus supremo dos babilônios, eqüivale ao Baal fenício.

Ao norte da Grã Bretanha, por ordem do imperador, construiu-se uma sólida fortificação contra os bárbaros, entre a foz do Forth e a foz do Clyde, ao sul da Escócia. Em 148, fez Antonino colocar para leste, mais adiante, o famoso Limes, baluarte contra os germânicos e mandou substituir as torres de madeira por torres de pedra. Construiu-se o novo Limes, em linha reta, de Miltenberg sobre o Mein até Lorch, em Remstal. Dali, deixava éle a direção norte-sul, paralela ao Reno e ao Neckar, para tomar a direção oeste-leste, que segue o Danúbio. No plano militar, é preciso dizer, essa obra de arte fortificada não estava de acordo com o objetivo proposto. No plano da organização e do trabalho coletivo, em contraposição, foi um êxito. Era esse baluarte também a prova visível da vontade de Antonino de defender o Império por todos os meios "pacíficos". A paz, a tranqüilidade e a segurança eram para éle como que palavras de ordem. — Roma não necessita mais de muros — dizia o povo reconhecido.

Se não houvesse éle protestado, os meses de setembro e de outubro chamar-se-iam hoje Antonini e Faustitni. Todavia, durante o seu reinado, houve algumas catástrofes e tristes presságios. Como de costume, os adivinhos caldeus profetizaram. Sobreveio uma fome. O Circo Máximo veio abaixo. Um terremoto abalou a terra, provavelmente no ano de 140 depois de J. C. e cidades, em Rodes, em Cos e na Caria, foram destruídas. Um incêndio devastou Roma, o Tibre saiu de seu leito, cometas rasgaram o céu com suas curvas luminosas, uma mulher deu à luz a uma criança com duas cabeças e, na Arábia, uma serpente tentou engolir-se a si mesma, no que só logrou êxito pela metade.



GRAV. 111 — A história escrita mostrou-se singularmente muda a respeito da existência do imperador Marco Aurélio Probo. Deveria, no entanto, contar-se entre as grandes figuras da História. Importou a vinha para a Alemanha e a Hungria e foi um general valoroso. Em 282, foi morto em Sirmio.



GRAV. 112 — O imperador Diocleciano (284-305) era um gênio da organização. Durante vinte anos, reinou sobre o mundo, depois retirou-se para sua propriedade em Salona, na Iugoslávia. Possuímos poucas esculturas desse homem excepcional.

Imperador aos cinqüenta e dois anos, Antonino, que morreu aos setenta e cinco anos, ocupou-se com os negócios do Estado até seu fim. Velho, conservava seu belo porte. De estatura esbelta, sentiu, para o fim da vida, que não se mantinha mais muito erecto. Mandou então preparar finas tabuinhas de tilha que dispunha como colete em redor do peito e do dorso. Desta maneira, manteve uma atitude reta e rígida. Quando teve o imperador o pressentimento de que sua derradeira hora se aproximava, mandou

transportar de seu quarto de dormir para o de seu filho adotivo e sucessor Marco Aurélio, a estátua de ouro da deusa Fortuna, símbolo de seu reinado.
Mau grado o delírio e a febre, interessou-se ainda pelos negócios politicos e pelas atividades dos reis dos países distantes. Depois, voltou-se de lado, como para procurar dormir. E adormeceu para a eternidade.

MARCO AURÉLIO

OS TEMPOS TERMINARAM

> "Os tempos terminaram!", escreveu Marco Aurélio. Queria significar com isso o momento em que "tu terás esquecido tudo" e o tempo em que todos te terão esquecido." Pensa que em breve não serás mais nada, nem aqui, nem em lugar algum".
>
> MARCO AURÉLIO, "Pensamentos", livro VII, XXI Q livro XII, XXI.

Como Trajano, provinha Marco Aurélio duma família que residia na Espanha, mas nasceu em Roma, no monte Célio, no ano de 121 depois de J. C. Quando da morte de Adriano, estava Marco Aurélio com dezessete anos. O imperador Adriano reconhecera, desde bem moço, as faculdades excepcionais do rapaz. Por assim dizer, fora quem o descobrira. E sem a clarividência de Adriano, Marco Aurélio, segundo toda verossimilhança, teria sido ou um funcionário, ou um oficial obscuro, cuja existência ficaria desconhecida de nós.

Adriano fizera instruir o jovem Marco em numerosas disciplinas. Conhecemos os nomes de seus preceptores, ilustres ou obscuros, e sabe-se que Marco Aurélio venerava seus mestres. Ambicioso, privava-se do sono para trabalhar. Estudou a literatura, a arte dramática, a música, a geometria, a gramática, a retórica, o direito e sobretudo a filosofia. Alguns de seus mestres eram gregos, outros romanos, e o rapaz viveu de acordo com os preceitos da doutrina estóica. Compunham seu único cardápio pão e figos; dormia simplesmente no chão e trabalhava sem descanso. Numa carta a Fronto, seu velho preceptor, pode-se ler:

"Estou cansado a ponto de ter a respiração supressa."

Aos quinze anos, o que era demasiado cedo, viu Marco Aurélio ser-lhe atribuída a toga virilis, que, para um jovem romano, confirmava, com justo orgulho seu, sua maioridade.

No mesmo ano, deu-lhe o imperador Adriano como esposa Fábia, filha de Lúcio Ceiônio Cômodo. Essa união não durou muito. Por ocasião da morte de Adriano, Antonino Pio tomou a seu cargo a educação do jovem Marco e fez anular o casamento entre os dois jovens. Na idade de vinte e três anos, Marco desposou a filha de Antonino, a encantadora Faustina, que, bastante inteligente e culta, tomou parte ativa nos estudos de seu jovem esposo.

Doravante, secundou Marco Antonino Pio na direção dos negócios do Estado. O imperador não concedia mesmo a menor promoção sem consultar Marco, Antonino e seu filho adotivo, fiel e devotado, viveram no palácio de Tibério, no Palatino, e, sem dúvida alguma, o jovem príncipe deve ter aproveitado, em todos os planos, das longas conversações com o velho aristocrata. Continuou, aliás, a seguir os cursos de seus mestres. Estoico, incapaz do menor compromisso, procurava atingir a perfeição. A disciplina de si mesmo, o dever cumprido, para consigo e para com o próximo, a ataraxia, o perfeito equilíbrio da alma, tais eram as qualidades que queria adquirir. Seu modo de vida foi dos mais simples e se recebia todos os dias cidadãos mais dignos e mais distintos de Roma, não dava audiência revestido do traje de aparato, nas vastas e luxuosas salas do palácio, mas em traje de passeio, no seu quarto de dormir. Quando acompanhava o imperador, levava a toga

regulamentar, mas, comumente, andava vestido com uma túnica de cór escura. Diferentemente dos jovens patrícios romanos, não se fazia preceder à noite, por escravos portadores de tochas. De certo, jamais esqueceu o que representava: o futuro imperador de Roma.

Consciente da tarefa esmagadora que o aguardava, poderia gozar sem segunda intenção de sua vida presente? Não, sem dúvida, porque nele o estoico essencialmente racionalista, devia obrigatoriamente prever e pesar o aspecto, todo negativo, de seu alto destino. Marco Aurélio não podia ser feliz e o futuro inspirava-lhe pesada apreensão. O ardor excessivo com que prosseguira seus estudos, as longas vigílias, as noites insones, a rigorosa disciplina do espírito e da memória, a renúncia à "vida ativa e sadia" haviam minado sua saúde. Mas perseverou no estudo dos filósofos e todas as noites exercitava-se na retórica latina e grega.



GRAV. 113 — Constâncio Cloro, nascido na Ilíria, foi nomeado César pelo Imperador Diocleciano. Com Helena, beatif icada mais tarde, fundadora de numerosas Igrejas cristãs, tivera um filho, Constâncio. Constâncio Cloro foi excelente general e soberano generoso. Vencedor na Grã-Bretanha, morreu em York, em 306 depois de J. C.



GRAV. 114 — A Porta Negra, em Treves, é a maior porta de cidade construída pelos romanos. Fez parte da grande fortificação de Treves, disposta no 4° século. Constâncio Cloro e seu filho Constantino governaram em Treves. É possível que tivesse sido Constantino o construtor desta porta.

Quando da morte do imperador Antonino, atingia Marco Aurélio seus quarenta anos. Prudente, clarividente, duvidando de sua boa sorte, mandou chamar Lúcio Vero, segundo filho adotivo de Adriano e nomeou-o co-regente. Conferiu-lhe o título imperial de Augusto e decidiu associá-lo ao poder com direitos iguais. De saúde delicada, estava Marco Aurélio persuadido de que não podia reinar sozinho. Vero devia encarregar-se duma parte importante dos negócios militares. Partilha e repartição equitável: tal foi seu projeto. Pela primeira vez na história romana, dois Augustos com direitos iguais partilhavam a direção do Estado: um para as províncias do oeste, o outro para as do leste, prefigurando assim a futura partilha do Império. Mas esse belo projeto estava destinado a malograr-se e, sozinho, teve Marco Aurélio de enfrentar as inúmeras dificuldades que surgiram no decurso de seu reinado.

Após a solene cerimônia fúnebre, Marco Aurélio e Vero depositaram as cinzas de Antonino Pio, seu pai adotivo, no mausoléu de Adriano. Agrupado diante do enorme edifício circular, o cortejo, cercado por uma fileira de legionários, deve ter apresentado um espetáculo grandioso. No alto do gigantesco monumento fora plantado um viridente bosquezinho e a impressão de conjunto evocava antes um sítio natural que uma obra criada pela mão do

homem.
Imperador, abandonou Marco Aurélio seus estudos para consagrar-se à administração do país. Filósofo, possuía também o estofo dum homem de ação. E, como a nuvem de tempestade anuncia o raio, graves perigos ameaçavam o vasto império. A leste, Vologésio III, rei dos partas, ativava seus preparativos de guerra contra Roma. Seus exércitos já ocupavam alguns países da Armênia e da Síria. Marco Aurélio confiou a Vero, seu co-regente, o comando em chefe das legiões despachadas contra os exércitos de Vologésio.
Vero, que tinha poucos pontos comuns com seu irmão adotivo, gostava do vinho, da boa mesa e de mulheres. A vida oriental, em Antióquia, a princípio, cidade de luxo por excelência, depois em Dafne, paraíso de delícias e orgias, estava a seu gosto e desejou não mais rever Roma e não mais submeter-se à disciplina dos estóicos. Enviou aos partas um tratado de paz, que recusaram.
A Vero, mais moço do que ele, havia dado Marco Aurélio como esposa sua filha Lucília, de quinze anos de idade. Marco Aurélio tinha por Vero sincera afeição e desejava sua felicidade. Mas o imperador tinha desejado também que seu meio-irmão e genro o secundasse na sua tarefa esmagadora. Se sua esperança sofreu decepção, não lhe retirou por isso sua confiança e chamou Vero a Roma. O Senado conferiu aos dois Césares o título de "pai da Pátria".
Obrigado a velar ao mesmo tempo em todas as fronteiras, nomeou Marco Aurélio seu general Avídio Cássio, governador das províncias asiáticas. E enquanto Cássio repelia os partas para além do Eufrates e do Tigre, era a Itália ameaçada pelo norte. Da mesma maneira que outrora, os cimbros e os teutões fizeram Roma tremer: os germanos ameaçavam o país. Os marcomanos e os quadas, depois de terem derrubado o Limes ao norte do Danúbio, invadiram a Panônia, a atual Baixa-Áustria. Sob o comando de Balomar, rei marcomano, penetraram na Estíria e ocuparam as regiões de Laibach, de Õdenburgo e de Buda. Somente a fronteira dos Alpes foi mantida pelas tropas romanas. Perto da Aquiléia, na Itália do Norte, os germanos ameaçavam o derradeiro bastião que defendia a fronteira italiana.
Nesse ano de 168, verdadeiro começo da migração dos povos germânicos, o perigo que ameaçava Roma atingira uma amplitude sem precedente.
Acompanhado de Vero, Marco tomou de assalto Aquiléia e obrigou os germanos a baterem em retirada. Desde os primeiros êxitos, Vero aconselhou-o a não ir mais adiante. Mas Marco Aurélio perseguiu os exércitos "bárbaros". Queria restabelecer a fronteira do Danúbio e transpôs os Alpes. Entretanto, catástrofe espantosa abatia-se sobre Roma. Uma epidemia desconhecida, provavelmente trazida do oriente pelos soldados, devastava o país. Era a peste? Não se sabe, como se ignora a natureza exata do flagelo que devastou Atenas ao tempo de Péricles. Dezenas de milhares de pessoas pereceram. Empilhados em carroças, foram os cadáveres evacuados das cidades. Foi a epidemia mais desastrosa e mais persistente que o mundo antigo tivera de sofrer. Promulgavam os dois imperadores decretos interditando a inumação dos cadáveres nas propriedades privadas. Mas a peste intensificou-se, atacou a Itália do Norte, transpôs os Alpes e dizimou as populações da Renânia e as legiões romanas. Os germanos, diante do flagelo, retomaram então coragem.
Os povos germânicos, enumerados por Júlio Capitolino e Dion Cássio, traziam nomes que,

em grande parte, permaneceram ignorados de nós. Os historiadores romanos mencionam os ósios, e os bessern, os kostoboks e os jáziges sarmatas, povos do leste que haviam invadido as regiões danubianas. Entre os povos germânicos, além dos bastarnes, houve os suevos, hoje os suábios, de que faziam parte os marcomanos, os quadas e os hermúnduros. Os historiadores romanos citam também os lombardos de longas barbas, e tribos de cavaleiros nômades, guerreiros ferozes e implacáveis. No meio dos combatentes tombados no campo de batalha, os legionários romanos, com grande surpresa, encontravam mulheres armadas. Decidiram os irmãos imperiais que Vero regressaria a Roma para apresentar seu relatório ao Senado. Durante a viagem, ainda quando estava Marco a seu lado, sucumbiu Vero a um ataque apoplético (169 depois de J. C).

Após numerosos e sangrentos combates travados em espessas e sombrias florestas e às margens de rios até então desconhecidos dos romanos, foram batidos os marcomanos e os jáziges. Espalhou-se que Marco havia conquistado sua vitória sobre os quadas graças a um milagre. Cercados pelos quadas, as legiões romanas, sob o ardente sol dum dia de verão tórrido, estavam dizimadas pela sede. Implorou então o imperador o socorro dos deuses. Rebentou uma tempestade, seguida duma chuva torrencial. Os cristãos afirmaram que o milagre fora devido à presença no exército romano duma legião composta de soldados cristãos. Tendo Marco sabido que os cristãos, graças às suas orações, tinham o poder de obter o que parecia impossível, suplicara-lhes que implorassem ao seu Deus, o qual com efeito atendera-lhes ao apelo. Dali por diante foi essa legião chamada a Tonante. Pode-se ler a narrativa das cenas comovedoras em que os romanos recolheram o precioso líquido nos seus escudos e nos seus capacetes, onde o sangue das feridas estava misturado à chuva, o qual os homens partilhavam com suas montarias, exaustas e moribundas. Entrementes, avançavam os bárbaros para o sul. Os kostoboks penetraram na Grécia e pilharam o santuário de Eleusis. Os chates, povos germânicos, transpuseram o Reno, e os mouros africanos atravessaram o Mediterrâneo para invadir a Espanha. O imperador mandou os pretorianos e a guarda de Roma para reforçarem seu exército e mobilizou os gladiadores. Numerosos escravos foram armados e os valorosos ganhavam assim sua liberdade. Povos germânicos passaram-se para o lado dos romanos e Marco Aurélio incorporou-os ao seu exército. Na margem esquerda do Danúbio, vastas províncias foram evacuadas pelos povos submetidos e os derradeiros quadas retiraram-se para as regiões de leste.



GRAV. 115 — Utensílios domésticos: Pá para bolo do primeiro século depois de J. C. Chave de casa de Pompéia, datando do primeiro século depois de J. C. Numerosos romanos encerravam suas esposas à noite, levando a chave de casa. Depois do crepúsculo, a mulher não devia mais sair. Jarro de bronze. Belo exemplar do artesanato romano. Balança de bronze, datando do primeiro século depois de J. C. Os pesos romanos usuais em Roma eram a libra ou o ás, a libra romana que correspondia a cerca de 327 gramas, depois a única, a onça, correspondente a 27,3 gramas.



GRAV. 116 — Este mosaico representa o Cristo, como o "Hélio" ou "Sol Invicto". Desde o imperador Aureliano, filho duma sacerdotisa do sol, e que introduziu em Roma o culto oriental do sol, era o deus do sol em Roma o deu supremo, até o dia em que o cristianismo conquistou a vitória. Este mosaico é um belo exemplar da maneira pela qual o sol penetrou na simbólica cristã.

Mas a guerra, onerosíssima, esvaziara os cofres do Estado Deu o imperador ordem de efetuar vendas públicas no Fórum, o Fórum do divino Trajano. O mobiliário dos palácios imperiais, o ouro, os cristais, o marfim, as jóias, os ornamentos bordados de ouro da imperatriz, todos esses tesouros foram vendidos no Fórum. Mas quando as hostilidades contra os marcomanos e os germanos cessaram, vitoriosamente terminadas, anunciou o imperador que os cidadãos tinham o direito de restituir os objetos adquiridos pela mesma soma dispendida por ocasião da compra.

De seu pai adotivo herdara Marco Aurélio também o nome de Antonino. Sobre os cento e dezesseis baixos-relevos da coluna Antonina, em Roma, as vitórias de Marco Aurélio estão representadas. Como obras de arte, não igualam esses baixos-relevos os da coluna trajana. As regiões longínquas, sombrias e selvagens, totalmente desconhecidas dos mediterrâneos, onde as legiões romanas lutaram para barrar o caminho aos germanos, não tinham podido inspirar a imaginação dos artistas romanos.

Entretanto, quando o imperador, na perseguição aos bárbaros, penetrou até a Silésia e até a fronteira galiciana, tiveram as legiões de atravessar espessas florestas de faias, de pinheiros e de abetos; e quando o imperador sofreu frio, fadiga e esgotamento devidos aos ataques encarniçados do inimigo e viu-se, durante muito tempo, na impossibilidade de fazer chegarem notícias suas a Roma: nesse momento preciso da campanha vitoriosa, circulou em Roma o boato de que Marco Anrélio morrera no campo de batalha.

Cássio, o "mais hábil governador" do imperador, administrava a Síria, que era aliás sua terra natal. Foi um homem de pulso, violento, brutal mesmo e sem piedade para com seus inimigos. Crucificava os prisioneiros e os desertores eram executados, tendo as pernas cortadas à altura do tronco. Quando um alto funcionário administra uma colônia que é ao mesmo tempo sua terra natal, é sempre difícil não ceder à tentação! Cássio não fugiu à regra. Desde que teve conhecimento do boato da morte de Marco Aurélio, fomentou uma sublevação para assegurar-se o poder.

O papel desempenhado nesse caso por Faustina, a esposa de Marco, permaneceu obscuro. A saúde precária de seu esposo, os perigos que ele corria nas suas longínquas campanhas tinham podido sugerir-lhe que o imperador arriscava por demais sua vida, a cada instante de sua existência. Cômodo, o filho de Marco Aurélio, era ainda bem jovem e suas disposições naturais tornavam-no pouco apto a subir ao trono. Faustina deve ter temido pela sua segurança e dizem que aconselhou Cássio a tomar, se Marco Aurélio desaparecesse, não somente o poder, mas também sua mão...

Já Antióquia prestava homenagem ao pérfido Cássio. Mas Marco Aurélio acorrera. Diante de seus soldados, pronunciou um grande discurso.

— Se era para bem do país, cederia de boa vontade os encargos do Estado a Cássio. Estou sobrecarregado de dores e sem cessar exposto ao perigo. Vivo desde muito tempo no estrangeiro. Minha saúde é tão má que não posso absorver sem sofrimento o menor alimento e meu sono é por isso perturbado. Só receio uma coisa: que Cássio, por vergonha, ponha fim a seus dias, ou que um terceiro o suprima! Receio essa eventualidade, porque ela me despojaria da mais bela recompensa que minha luta contra Cássio possa reservar-me e que consistiria em perdoar ao ofensor, em conservar minha amizade ao que me traiu e permanecer leal ao infiel! O acontecimento tão temido por Marco veio, com efeito, a ocorrer. Cássio, que durante três meses e seis dias, quis realizar seu sonho tão louco e tão ambicioso, teve a cabeça cortada. Um legionário depôs aos pés de Marco Aurélio o sinistro troféu. Enojado e frustrado, mandou o imperador enterrar a cabeça sem olhá-la. Depois, soube ainda duma terrível notícia: a morte de Faustina, a esposa bem-amada, a "mãe dos acampamentos", como a chamavam os legionários, a adorável filha de Antonino Pio que afirmava a quem quisesse ouvi-lo:

— Gostaria mais de viver no deserto com minha filha que no palácio imperial sem sua

doce presença.
Sucumbira em conseqüência duma doença natural e conhecida?
Pusera fim a seus dias, curvada ao peso da vergonha ou transida de medo, medindo a responsabilidade que lhe cabia na conjuração de Cássio contra Marco?
O imperador quis ignorar os mexericos e mandou destruir sem lê-las as cartas encontradas nas bagagens dum tal Pudens. Marco Aurélio ignorou o ódio e o sangue derramado causava-lhe horror. Os gladiadores na arena não deviam combater na sua presença senão sob condição expressa de que a vida deles fosse salvaguardada. Proibia-se aos lutadores o porte de armas brancas e mau grado as injunções prementes do público, não autorizava que um leão. amestrado em atacar homens e devorá-los, fosse largado na arena. Mandou mesmo prender o domador da fera. Quando suplicaram ao imperador que o pusesse em liberdade, replicou que ele nada tinha feito para merecer tal benefício.
— Que o céu nos preserve — disse ele, — a mim e a vós, senadores, de condenar à morte um ser humano!
No ano de 176, o imperador, acompanhado de seu filho, com a idade de quinze anos, voltou triunfalmente a Roma. Sua tristeza era profunda. Com Cássio, perdera um colaborador, um alter ego de valor, e era por isso responsável, até certo ponto, porque, de olhos fechados, dera-lhe confiança absoluta. Mas em Roma houve o regosijo habitual das festas da vitória. Colocou-se a primeira pedra da coluna antonina, consagrada à memória da segunda invasão germânica, repelida vitoriosamente pelos romanos. Sobre o Capitólio, pode-se admirar ainda a célebre estátua de Marco Aurélio, recoberta outrora duma fina camada de ouro, admirável e perfeito modelo das estátuas eqüestres. Foi-nos conservada essa escultura porque, mais tarde, e por engano, acreditou-se que representava Constantino, o primeiro imperador cristãol Mas a força transbordante, a potência expansiva dos germanos não estavam esgotadas e o imperador só se beneficiou em Roma dum curto período de repouso. Seus generais o chamaram e retomou com eles o duro fardo da vida militar nos campos entrincheirados às margens do Danúbio e na Boêmia. Se o inimigo, em todas as frentes, parecia submetido, a revolta troava e o perigo não estava conjurado.
Preocupado em restabelecer uma situação nítida e estável, decidiu Marco Aurélio fixar as fronteiras do Império até os montes Metálicos, os Sudetos e os Cárpatos. Perto do Danúbio, estabeleceu novo acampamento de legionários cuja missão era repelir os marcomanos (o Castra Regina, hoje Ratisbona). Duas novas províncias, a Marcomânia e a Samárcia, foram constituídas na Boêmia e na Hungria.
Foi em Viena que o imperador, em alguns dias, veio a ser vítima duma terrível doença. Seu organismo, enfraquecido por uma afecção crônica do estômago, não pôde provavelmente resistir. Morreu a 17 de março de 180 depois de J. C. Foi com efeito nos acampamentos da Morávia e da Boêmia que o imperador, no decorrer de suas longas vigílias solitárias, escreveu em língua grega seus célebres Pensamentos, cujo verdadeiro título é A si mesmo. Essa recolta de máximas e de pensamentos que Marco Aurélio compôs, é inútil dizê-lo, sem cogitar de sua vulgarização, proporcionou a gerações de leitores a tranqüilidade e a paz da alma. Na Inglaterra, por exemplo, desde o século XVIII até nossos dias, mais de duzentas traduções dos solilóquios de Marco Aurélio foram publicadas.
De certo, nas suas conversações "consigo mesmo", diria-se Marco Aurélio aos deuses,

mas, na verdade, recolhia-se diante de uma única divindade, diante de um Deus universal. "Assim os homens procuram enseadas para onde desejam retirar-se, estadas calmas no campo, à beira-mar e também nas montanhas!... Tais desejos são pueris, pois que é possível, a qualquer hora, concentrarmo-nos em nós mesmos. Nenhum lugar existe no mundo em que o homem encontre a tranqüilidade e a paz, salvo em sua alma... Lembra-te de todos os angustiados que, inimigos saturados de desconfiança e de ódio lutaram até a morte e deitaram-se uma derradeira vez sobre o solo, para não ser mais que cinza!... Pensa no abismo desse infinito que nos cerca, como no nada da aprovação, no vazio da inconstância e na impotência do homem!..

Marco Aurélio foi um psicólogo de primeira ordem.

"O caráter específico de um indivíduo determina seus atos que, automaticamente, são conformes à sua natureza."

De certo, antes de Marco Aurélio (e depois dele), os filósofos tinham compreendido que o temperamento permanece um denominador invariável e que, por conseqüência, é preciso julgar os homens tais como eles são.

Marco não ignorava que somente a bondade permite uma dominação sobre o homem.

"Alguém me odeia? É assunto dele", escrevia Marco Aurélio, para acrescentar: "Quanto a mim, sou bom e caritativo para com to.dos, e estou pronto a mostrar a cada um os seus erros. E sem o censurar absolutamente, testemunhar-lhe-ei bondade e afeição, sinceras e leais".

Não ignorava o imperador tampouco a natureza e o valor do papel que o homem é chamado a desempenhar na história. Queixas-te dum acontecimento que o destino te reservou?... A cada um de nós só é contada uma parcela ínfima da duração, indefinida e sem limites. Todos nós desaparecemos na eternidade ... Diante da terra inteira, como é minúsculo este lugar sobre o qual vives a tua existência! Pesa bem estas verdades, e compreende, homem, que importa antes de tudo agir segundo tua natureza e suportar o que a natureza te traz em partilha... O globo terrestre é apenas uma parcela infinitesimal do universo e o lugar onde vive o homem só ocupa uma parte ínfima da terra. O número dos humanos é, na verdade, limitado... Guarda-te de esperar a cidade perfeita e fica feliz com o mínimo progresso realizado.,,

Assim se exprimia Marco Aurélio. Não é exagerado pretender que foi, entre os monarcas da História, o seu maior filósofo. "Os tempos terminaram em que terás esquecido tudo, em que todos te terão esquecido. Pensa que, em breve, não serás mais nada, nem aqui nem em lugar algum."

Como tal homem pôde perseguir os cristãos? Uma sombra, mesmo ligeira, escureceu a glória do imperador filósofo? Bem de certo, a morte de São Justino e de seus seis companheiros: os martírios do marcionista Metrodoro e do venerável Piônio; a tortura e a morte na fogueira de Carpos e de Papilos em Pérgamo; o suplício deliberadamente aceito da cristã Agatônica: todos esses crimes foram praticados no reinado de Marco

Aurélio. Eusébio transmitiu-nos a carta-circular que as Igrejas de Lugdunum (Lião) e de Viena dirigiram em 177 às comunidades cristãs da Ásia e da Frígia. Não é senão um terrível grito de cólera, a espantosa narrativa da raiva popular diante do espetáculo das atrocidades sofridas pelos cristãos, torturados e queimados vivos! Que sofrimentos os de

Santa Blandina, jovem escrava mártir, entregue aos animais com São Potino, ancião de oitenta anos! Com que rara coragem os primeiros cristãos, pelo triunfo da verdade eterna, conquistaram a vitória contra o sofrimento e contra a morte!

Ora, convém precisar que tais perseguições tiveram lugar nas províncias afastadas da residência de Marco Aurélio, que, no seu édito à província da Ásia, proibia qualquer repressão contra os cristãos. O Estado tinha o poder de punir unicamente quando os cristãos se tornavam culpados de atos repreensíveis contra a segurança do Império. Ora, naquela época, os governadores que os perseguiram estavam sediados fora da Itália e o imperador achava-se na impossibilidade material de proibir-lhes as atividades criminosas. Ê certo que estava inocente das sevícias conscientemente infligidas aos perseguidos, Marco Aurélio foi o imperador mais religiosamente humano, no sentido preciso da palavra, o mais caritativo da história romana, o estóico, justo e respeitoso da velha tradição romana do Direito e do Dever, o filósofo mais tolerante daquele mundo brutal e hostil. É o verdadeiro santo da Antigüidade. Segundo João Stuart Mill, foi Marco Aurélio, no sentido anti-dogmático do termo, mais cristão que todos os monarcas cristãos que reinaram após ele. Seu humanismo ultrapassa o de todos os soberanos da História.

O mundo e a eternidade, o céu imenso constelado do universo e até o homem tão fraco, trazendo em si a alegria e a miséria e que, sem verdadeira esperança, deve aceitar a crueldade de seu destino sem se queixar: tais foram os problemas que preocuparam a inteligência do pensador solitário. Longe de sua pátria, o quinquagenário velava sob a tenda, erguida sobre um solo estrangeiro onde soprava o vento da imensa planície danubiana, e sua profunda meditação era pontuada pelas rudes palavras de ordem das sentinelas e pelos cantos amorosos das mulheres marcomanas que, ao longe, tratavam de seus feridos.

E sob o céu brilhante de estrelas, elevava-se o que será o grito eterno dos corações dilacerados de angústia: "Como alcançar a paz da alma"?

Marco Aurélio havia respondido: "Age segundo as exigências da natureza. Deixa-te conduzir pela tua natureza". Foi assim que ele se aproximou da sabedoria e da paz extra-temporais, "porque é perfeitamente possível que nos tornemos um ser divino, sem ser, pelos outros, reconhecidos como tal", escreveu ele.

CÔMODO

O MONSTRO

> Tinha matado um avestruz e trazia aos assistentes a cabeça do animal. Com a mão direita segurava a espada ensangüentada. Se não pronunciou nenhuma palavra, a expressão de seu rosto careteante indicava claramente que tinha ele vontade de fazer o mesmo conosco.
>
> DION CÁSSIO, "História Romana", livro LXXII, cap. XXI.

De temperamento perfeitamente equilibrado, Marco Aurélio, cuja bondade foi um verdadeiro sacerdócio, alcançara a paz da alma, a tranqüilidade do coração, "calmo como o mar tranqüilizado". Ora, serão precisamente a bondade e o otimismo desse puro filantropo os elementos de sua única fraqueza. Sabe-se que quis ele ignorar deliberadamente as ignomínias e as taras de seus parentes. Enganava-se voluntariamente a respeito do valor moral de seu irmão e a indulgência que testemunhou para com sua esposa era ilimitada! Esse homem, fundamentalmente inteligente, nomeou seu filho imperador, mau grado sua inaptidão absoluta e definitiva. Tenebroso, como o pode ser uma fatalidade enigmática, Cômodo, com dezenove anos de idade, velava à cabeceira de seu pai. Dion Cássio pretendia saber de fonte segura que o bom Marco Aurélio "não morreu em conseqüência da moléstia infecciosa que devia matá-lo", mas antes graças aos bons cuidados de seus médicos "que queriam ganhar as boas graças de seu filho". Acrescentava o historiador que o imperador, tendo descoberto as tratativas do parricídio, fingira ignorá-las, depois dera ordem aos soldados de servirem fielmente ao novo imperador.

Roma beneficiara-se com as vantagens de ter tido em reinados sucessivos cinco imperadores esclarecidos e judiciosos. Muito parece que o desenrolar dos acontecimentos na evolução da História obedeça a alternâncias comparáveis às que dirigem a natureza, onde o dia sucede à noite, isto é, parece nitida mente que a tirania, a perseguição e o terror são mesmo os contrapesos indispensáveis à gestação duma era clemente e feliz.

Se Marco Aurélio nos transmitiu os apelos e as exortações mais sublimes já saídas da pena dum não-cristão, dirigira-os em primeiro lugar a si mesmo e não a seu filho, que teria tido tanta necessidade de ouvi-los!

Minadas, corroídas por uma tremenda degenerescência e isto desde a segunda geração, tinham podido as dinastias romanas manter-se graças à adoção, única capaz de assegurar a sucessão ao trono. Escolhendo seu filho, Marco Aurélio sucumbiu, mau grado sua sabedoria e sua perspicácia, à cegueira de que dão testemunho muitas vezes os pais para com os filhos nascidos de sua carne e de seu sangue. Mesmo se tivesse dado a seu filho Cômodo os preceptores mais eminentes de seu tempo, teriam sido estes impotentes em atenuar o temperamento e o caráter do jovem, gangrenados pelas suas taras! Pode-se afirmar que os conselhos e as exortações de Marco Aurélio dirigiam-se, pense-se o que se pensar a respeito, a seu filho Cômodo? Era Cômodo o filho legítimo de Marco Aurélio? Terá Faustina merecido sua triste reputação? Seja como for, os métodos de educação do imperador fracassaram diante do comportamento de seu filho, da mesma maneira que os

de Sêneca foram impotentes em reformar o caráter corrompido e depravado de seu aluno Nero. E, como se isto fosse possível e mesmo imaginável, Cômodo se avantajou ao ignóbil Nero pela sua cruel e odiosa monstruosidade. Durante quatro anos, foi, enquanto vivo seu pai, co-regente; e é evidente que Marco Aurélio deve ter-lhe penetrado a verdadeira natureza. Mas, estóico, tendo atingido um perfeito domínio de si mesmo, pertencia a essa espécie de educadores que, obedecendo à voz da razão e não aos ressentimentos da cólera, nenhuma autoridade possuem sobre seus alunos e são também, ai! pais que "sempre agiram o melhor possível no interesse de seus filhos criminosos".

Foi na idade de doze anos que o instinto de crueldade do rapaz se manifestou com virulência pela primeira vez. Para seu gosto estava a água de seu banho demasiado morna. Ordenou que atirassem o mestre banhista dentro da fornalha! Muito felizmente, o escravo encarregado de executar a sinistra tarefa desobedeceu e queimou, em vez, uma pele de carneiro. Contente consigo, enganado, Cômodo foi aspirar o odor sufocante do braseiro!



GRAV. 117 — Em Roma, a dança era a arte das mulheres e das crianças. Os homens não dançavam. Cinedo, dançarino, era uma injúria. Pelos fins do 2.° século, danças harmoniosas e cheias de graça, imitadas de danças gregas, estavam em voga, em Roma. O imperador Calígula foi dançarino célebre.



GRAV. 118 — No reinado do imperador Galiano (238-263 depois de J. C), a escultura romana era expressionista. Este sarcófago, que reúne além da morte os esposos romanos (à esquerda e à direita) representa o voto deles, mudo e profundo, de fidelidade. No centro, a deusa protetora do casamento.

Quando morreu Marco Aurélio, Cômodo, chefe supremo do poderoso exército romano, viu-se obrigado a rematar a esmagadora missão que seu pai se impusera, isto é, conquistar uma vitória decisiva e definitiva sobre os quadas e os marcomanos, depois de concluir uma paz que poria fim às guerras com os germanos. Mas, desde o começo de seu reinado, o rapaz só teve ouvidos para os maus conselheiros.

Freqüentava comediantes, histriões e jovens depravados que lhe sugeriam que a guerra empreendida nas regiões selvagens da planície danubiana era demasiado perigosa e seu resultado problemático. Concluiu Cômodo com os germanos um tratado de paz atamancado. Renunciou às províncias que Marco Aurélio conquistara com tantos esforços e efusão de sangue! Essa política era contrária à que projetara seu pai e os amigos de Marco Aurélio em vão lhe aconselharam a prosseguir os alvos que se havia imposto o imperador defunto. Mau grado seu fracasso, não se privou dos faustos duma entrada triunfal em Roma. Saotero, companheiro de suas orgias, tomou lugar no carro, por trás do jovem imperador. Cômodo se voltava sem cessar e, diante da multidão beijava seu amigo. Depois, o rebento corrompido do grande Marco Aurélio pôs-se a dilapidar furiosamente os tesouros do Império. À noite, embriagado, freqüentava as tavernas e os lupanares. De dia, escolhia os mais ignóbeis crápulas de Roma para enviá-los, com o título de governador, para as províncias. Os senadores detestavam-no, mas curvavam a espinha. Ora, quanto

mais o imperador media o desprezo de que era objeto, tanto mais se manifestava a sua crueldade.
Lucília, sua irmã, um tal Quadrato e Paterno, o chefe da guarda de corpo, fomentaram uma conjura contra Cômodo. Cláudio Pompeiano deveria dar-lhe o golpe fatal. Numa noite do ano de 183 depois de J. C, saía Cômodo por uma porta secreta do anfiteatro para voltar aos seus aposentos. Brandindo uma espada, lançou-se Pompeiano sobre ele, gritando:
— É o Senado quem te envia este golpe! O desastrado fez fracassar assim a conjura.
Preso, com Quadrato e alguns outros, sofreu a pena de morte. Exilada em Capri, foi Lucília assassinada. Circulavam em Roma os boatos mais contraditórios. A guarda pensava que Saotero, o caro amigo de Cômodo, era responsável pela desastrosa fama e pela impopularidade do imperador. Uma noite, Saotero foi assassinado. Paterno, o prefeito da guarda, acreditou poder dessa maneira provocar uma reviravolta da situação. Mas saiu-se mal. Foi executado, juntamente com vários outros conspiradores.
Mas Cômodo tinha medo. Não aparecia mais em público; não recebia nem correspondência nem emissário sem que fossem examinados e controlados antes por Perennis. Sem a autorização deste, ninguém tinha acesso aos aposentos imperiais. Desta maneira, com o velhaco Perennis na direção dos negócios do Estado, duma parte, e o imperador que se consagrava exclusivamente à sua vida de prazeres, por outra parte, uma espécie de disciplina cruel de estilo oriental reinava na corte. Os encargos do Estado repousavam nos ombros de Perennis, enquanto que Cômodo, sempre embriagado, presidia banquetes, tomava sem cessar banhos quentes e entregava-se à pior devassidão com suas trezentas concubinas, escolhidas entre as mais belas cortesãs de Roma. Havia, além disso, comprado trezentos adolescentes particularmente belos. Como nos reinados de Calígula, de Nero, de Vitélio e de Domiciano, Roma, achincalhada e impotente, sofria os caprichos cruéis daquele imperador demente. Vitimário voluntário, executava Cômodo, pessoalmente, no altar os animais oferecidos em sacrifício. Lutava na arena; matava os indivíduos cujo rosto lhe desagradava. Pilhava descaradamente os cidadãos e assassinou Crispina, sua esposa. Com a ajuda de suas concubinas, executou senadores, nobres patrícias e seu próprio filho. Sua loucura assassina acabou por se voltar contra Perennis que, declarado inimigo público, foi literalmente retalhado pelos soldados. Cleandro, o novo favorito do imperador, originário da Ásia Menor, era, como Saotero, um liberto. Mais cínico ainda que seus predecessores, estava Cleandro encarregado de executar, em nome de seu senhor, crimes atrozes. Os prefeitos da guarda foram sem cessar despedidos e as altas funções oficiais, nas províncias, puderam ser adquiridas mediante pagamentos em moeda sonante. Cleandro soube ganhar dinheiro de tudo e, rapidamente, as intrigas na corte tornaram-se de complexidade tão impenetrável que o próprio Cleandro veio a ser vítima delas.
O imperador sempre tinha necessidade dum bode expiatório.
Um dia, em Roma, sobreveio a fome e lavrou a revolta. Capturado pela plebe, Cleandro foi lapidado. Na corte, cada qual temia pela sua vida. Os filhos que Cleandro tivera com as concubinas de Cômodo, foram executados. Juliano e Regilo, sucessores de Cleandro, foram suprimidos quase logo que nomeados. Sucediam-se as execuções capitais dia após dia e cônsules, altos funcionários, cortesãos pereceram com suas famílias.
Lutando contra a demência do imperador, o mesmo que dizer por meio do absurdo,

conferiu-lhe o Senado os títulos de "Pio" e de "Feliz". Para encontrar um pretexto de novas sevícias, inventou Cômodo, peça por peça, um pretenso atentado contra sua pessoa. Encarnando a desgraça, a miséria e o terror, fazendo-se chamar "Hercules romano", como seu ilustre modelo, seus retratos o representavam enfeitado com uma pele de leão e brandindo uma maça. O Hércules romano, também chamado Britânico pelo povo, lutava no anfiteatro de Lavínio contra as feras. Na sua megalomania, queria Cômodo mudar o nome de Roma para chamá-la Colônia Comodiana. Sua amiga, Márcia, que mais tarde se converteu ao cristianismo, sugeria-lhe essas estupidezes. Doutorada na arte da troça, único meio de defesa que ainda possuía o Senado, a douta assembléia aprovava os projetos mais extravagantes do imperador e não hesitou em elevá-lo à dignidade de um deus! Um dia, um servidor, "por engano", lançou por uma janela do palácio imperial uma tabuinha sobre a qual estavam inscritos nomes de dignitários que o imperador queria suprimir. Desumana e extraordinária era a imaginação de que dava prova Cômodo na preparação de seus assassínios. Suprimiu Moteleno, o prefeito da guarda, oferecendo-lhe figos envenenados. Vestido com trajes de mulher, mas armado duma clava como Hércules, matava leões e homens acorrentados. Os paralíticos, disfarçados de "serpentes", eram alvos ideais para as flechas de seu arco. Em público, combatia como um gladiador e mandava registrar o número de suas vítimas. Em suma, é absolutamente incompreensível que uma cidade como Roma tenha podido suportar sem reagir os crimes e os atentados perpetrados pelo seu imperador!

Cumulava de injúrias porcas de sua invenção pessoas a quem logo em seguida abraçava com efusão. Por ocasião de uma inspeção, empurrou Luliano, prefeito da guarda, para dentro duma piscina, depois obrigou-o a dançar nu em pêlo diante de seus convidados.

Tinha Cômodo o hábito de tomar suas refeições no banho. Penetrava no templo sagrado com as mãos vermelhas de sangue de suas vítimas. Tendo sua amiga Márcia sido retratada em trajes de amazona, tomou éle o nome de Amazônio e decretou que os doze meses do ano deveriam doravante trazer, com seu nome, os belos sobrenomes com que o haviam gratificado! De saúde débil, tinha momentos de euforia seguidos de longos períodos de depressão. Sofria de tumores no tórax que as mais suntuosas vestes de seda não podiam ocultar. Quando os romanos começaram a entrever seu fim próximo, reapareceu o imperador no anfiteatro, fantasiado de mulherl Preguiçoso ao extremo, era Cômodo incapaz de concentrar seu pensamento num assunto determinado. Não se ocupava mais com os negócios do Estado e às petições e súplicas reagia, respondendo fora do assunto. As cartas do imperador limitavam-se a esta única palavra: "Salve"!

Era possível, em troca de gorda soma de dinheiro, transferir uma condenação à morte para outra pessoa! Mandava o imperador publicar em periódicos, as famosas Acta urbis e Acta diurna, notícias obscenas, cruéis e ultrajantes. Para Cômodo, a cidade de Roma era um joguete de que se servia ao léu de sua fantasia. Um dia, deu ordem de incendiar a cidade. No derradeiro momento, Letas, o prefeito da guarda, conseguiu impedir o crime. Foi afinal Letas quem empreendeu pôr termo às crueldades e à miséria que acabrunhavam o povo romano. Com a cumplicidade de Márcia, a amante de Cômodo, preparou o assassinato do imperador. Deram-lhe primeiro um veneno. Tardando este a produzir efeito, apelaram para o atleta com quem o imperador lutava. Foi éle que estrangulou Cômodo.

O povo, em delírio, reclamou o gancho para arrastar o cadáver até o Tibre. Mas, por mais estupefaciente que isso possa parecer, foram as cinzas de Cômodo transportadas para o mausoléu de Adriano, o atual Castelo de Santo Ângelo. As numerosas estátuas do temível tirano que o representavam como Hércules, como gladiador ou como herói, foram arrancadas dos pedestais e demolidas. Destruiu-se o menor objeto que pudesse lembrar Cômodo. Não mandara contruir edifício algum, mas seu nome se ostentava nos edifícios construídos pelos seus predecessores. O nome maldito foi apagado. De Cômodo só restava para sempre, na memória dos homens, a lembrança dum fantasma de rosto bestial, de longos cabelos louros desbotados pelas tinturas dos cabeleireiros e cobertos de espesso pó de ouro.

PERTINAX E JULIANO

UM IMPÉRIO À VENDA

> Isto se passava no ano de 198. O que oferecia aos soldados maior soma podia ser eleito imperador. Por 6.000 denários mais ou menos para cada homem, adquiriu Juliano o tão cobiçado trono imperial.
>
> DION CÁSSIO, LXXIII, 11.
>
> Estupefactos com a noticia, fomos tomados de terror ao pensar nas reações de Juliano e de seus soldados. Foi o caso dos individuos que haviam mantido outrora relaçõea constantes com Pertinax. Era o meu. Pertinax havia-me distinguido, depois nomeado pretor. Por várias vezes, aliás, no tribunal de justiça, havia eu desmascarado Julianot acusado de diversos delitos.
>
> DION CÁSSIO, LXXIII, 12.

"Pertinax era um homem honrado. Seu reinado durou pouco e morreu assassinado por seus soldados." É com estas palavras que começa o livro LXXIII de Dion Cássio, senador, autor duma História Romana em oitenta tomos, que se conserva para nós como uma fonte de informações preciosas sobre os costumes e os acontecimentos do tempo. Observador perspicaz, foi Dion Cássio a testemunha objetiva dos reinados de vários imperadores. Participava das sessões do Senado, partilhando com seus contemporâneos as angústias e os terrores duma existência sem cessar ameaçada. "Os pretorianos elegeram-me imperador — disse Pertinax, — mas abriria mão voluntariamente dessa honra! Quero abdicar. A idade, meu estado de saúde precária e minhas próprias ocupações impedem-me de aspirar ao trono!" Dizem que ele se dirigiu ao Senado e rogou a Glábrio, patrício emérito entre todos, que tomasse o poder em seu lugar. Mas Glábrio, cortésmente, recusou a oferta. E ninguém, na douta assembléia, tinha a intenção de disputar-lhe o lugar. "Prodigamos ao soberano sinceros elogios — escreveu Dion Cássio, — e confirmâmo-lo na sua dignidade de imperador.

Homem honesto, gozava, exceto uma grave moléstia nas pernas, de excelente saúde."

A 31 de dezembro do ano de 192 depois de J. C. atingira o imperador Pertinax os sessenta e dois anos. De certo, não tinha o velho soberano nenhuma das qualidades requerida para despertar o entusiasmo dos soldados e se dava provas de boa vontade, era na verdade pouco apto para o comando. Incapaz da mais ínfima iniciativa, era Pertinax impopular e os romanos desprezavam suas atividades sonsas, seus discursos melosos e conciliadores. Por outra parte, aceitava ele os presentes com tanta gana e avidez que a cidade vivia a fazer pilhérias a respeito. Parecia ele não ver que sua esposa o enganava abertamente com um músico. Mas Pertinax tinha qualidades sólidas e preciosas. Era fácil ser recebido no palácio e resolvia, de maneira inteligente e sensata, os problemas que lhe eram submetidos. "Convidava-nos — escreveu Dion Cássio, — a refeições frugais".

Se o imperador Cômodo deixara a triste recordação dum lamaçal de injustiça, de vícios e de loucura, esforçava-se Pertinax em restabelecer a ordem e impedir que os pretorianos abusassem da população civil. Promulgava leis equitativas, baixava os impostos excessivos e restabeleceu assim o equilíbrio econômico e jurídico do Estado. Seu modelo era Marco

Aurélio.
Pertinax ordenou a venda dos objetos preciosos que Cômodo havia roubado e, entre outros, estofos de seda bordados a ouro, ricos mantos gregos e dálmatas, a toga dum gladiador célebre, jóias de ouro, pedras preciosas, travessas e vasos de ouro, de marfim e de prata. Entre os objetos vendidos em leilão, encontravam-se os potes samnitas nos quais Cômodo conservava loções para embranquecer a tez. Verdadeiras obras-primas, as carruagens "modernas", de rodas esculpidas, tinham os seus apreciadores. Alguns desses veículos estavam guarnecidos de assentos móveis que se podia fazer girar, de maneira a evitar os raios do sol; outros estavam munidos de relógios e de instrumentos de medir distâncias; outros ainda eram preparados com refinamento e adaptados às exigências dos vícios particulares do defunto imperador.
Os escravos, quer adolescentes ou prostitutas, foram igualmente vendidos em leilão. Mas dignitários bem intencionados, acreditando divertir o imperador, reservaram alguns deles para o palácio. Num acesso de generosidade excepcional, ofereceu Pertinax a seus pretorianos o produto dessas vendas. Esforçou-se Pertinax em restituir a seus proprietários legítimos os bens que Cômodo lhes havia arrebatado. Os escravos de que seu predecessor se apropriara foram devolvidos a seus antigos senhores.
Levava o imperador um trem de vida simples e reduzido. Seu filho morava na sua antiga residência e freqüentava uma escola pública. Pouco dispendiosos eram os banquetes oferecidos no palácio imperial. Compreende-se facilmente que a nova ordem, os repastos frugais e a economia severa chocassem numerosos oficiais, funcionários e cortesãos. Não tinham mais os soldados autorização para roubar e pilhar. Os libertos do imperador não tinham mais o direito de agir a seu bel-prazer; e aos guardas, mal-remunerados, era proibido dormir nas horas de serviço.
Leto, prefeito dos pretorianos, censurava-se amargamente ter escolhido Pertinax para imperador, porque Sua Majestade gostava de zombar dele, chamando-o de "falador indiscreto". Um dia, trezentos soldados marcharam contra o palácio imperial. Os guardas nem mesmo tentaram deter a tropa. Detestavam seu parcimonioso soberano. Estava Pertinax inspecionando seus escravos, quando os trezentos soldados, decididos ao crime, apareceram diante dele. Teria podido mandar abater os intrusos pelos guardas noturnos e pelos oficiais da corte. Pretende Dion Cássio que ele teria podido fechar as portas do palácio para ocultar-se e fugir em seguida. Mas de que natureza poderia ser a reação daquele homem manso e conciliador? Começou muito simplesmente por um longo discurso que, evidentemente, nenhum efeito produziu sobre os espíritos limitados e obtusos da soldadesca. Um golpe de lança atravessou o peito do imperador. Rezou uma prece a Júpiter, ocultou o rosto com a toga. Punhaladas acabaram com o doce velho barbudo, inofensivo, sem gênio, apaixonado pelas belas-letras, e que jamais se concedera o simples prazer de saborear um faisão assado! Durante dois meses e vinte e cinco dias, reinara Pertinax sobre o império romano. Se o Senado exprimiu seu sincero pesar por ter perdido seu imperador, os pretorianos levaram em troça o que o Senado pudesse dizer e pensar!
Se, em nossos dias, alguns dentre nós crêem viver uma época perigosa, de futuro turvo e incerto que lhes inspira apreensão e temor, que pensem no ano de 193 depois de J. C, em que a existência era ainda mais precária!

Se os romanos, duma maneira geral, viveram no terror, seu temor era mais intenso ainda, quando lhe apresentavam novo imperador!
E Roma iria conhecer o espetáculo mais vergonhoso e mais ridículo de sua história. Como na feira, como num leilão, Roma e o Império foram vendidos ao que mais desse! Os adjucadores foram, é claro, os assassinos do imperador. Sulpiciano e Juliano apresentaram suas candidaturas. Os oficiais deram-lhe a compreender sem rebuços que o homem que oferecesse aos soldados a maior quantia de dinheiro seria nomeado imperador. E os lanços começaram. E os leiloeiros gritavam:
— Sulpiciano oferece tanto, quem dá mais? O indiferente Juliano oferecia mais e anunciava sua oferta à soldadesca com gestos que fazia com os dedos. Por fim foi o trono do imperador adjudicado a Juliano pela quantia de 6.200 dracmas por soldado. Alguns receberam sua parte logo ali. Outros levaram somente a promessa dum próximo pagamento.
Cercado da guarda pretoriana, foi Juliano proclamado imperador. Mânlia Escantília, sua esposa, e Dídia Clara, sua filha, receberam o título de "Augusta", que conhecemos graças às medalhas que foram conservadas. As duas mulheres chegaram ao palácio. Nervosas, sem grande confiança no seu bom êxito, pouco seguras, pressentiam sem dúvida a queda próxima de tantos maravilhosos esplendores que as embriagavam. O povo nada quis saber daquele imperador que havia comprado o seu trono. Sua passagem era acolhida por uma saravaida de pedras e os guardas que o acompanhavam ao palácio tiveram de protegê-lo com seus escudos. Os romanos e as romanas amaldiçoavam o imperador. E quando ele sacrificava aos deuses, rogavam a Júpiter que não lhe desse ouvido às preces. O povo perseguia-o atirando-lhe pedras e quando Juliano, para acalmar o furor da multidão, erguia a mão direita num gesto solene, as invectivas aumentavam de intensidade. Urrando, sapateando, a multidão invadia o circo para injuriar o imperador. Durante uma noite, o povo romano ocupou o circo para manifestar sua cólera, depois, famintos, sem voz, os cidadãos voltaram para suas casas sem ter obtido satisfação. Pescênio Niger, governador da Síria, e Sétimo Severo, governador da Ilíria, revoltaram-se contra o imperador. Severo, à frente de seu exército, marchou sobre Roma. Juliano quis precipitar-se a seu encontro com os pretorianos, mas como não fora capaz de satisfazer-lhes as exigências, como não houvesse ainda pago as quantias que lhes devia, mostraram-se os pretorianos pouco entusiasmados. O povo romano pôs-se a ridicularizá-lo.
Em Ravena, apoderou-se Severo da frota. Medindo sua impotência, Juliano quis obter pelas súplicas o que não podia ganhar pela força: ofereceria a Severo vestais e sacerdotes! Mas os senadores opuseram-se a esse ridículo projeto e declararam que um homem incapaz de vencer seu adversário pelas armas não tinha o direito de reinar. Todavia, persuadiu Juliano o Senado a declarar Sétimo Severo "inimigo público". Mas Severo, que avançava, despachara para Roma agentes secretos e soldados à paisana. Aterrorizado, tentou Juliano concluir a paz e ofereceu a Severo a partilha do trono com, provavelmente, a segunda intenção de suprimi-lo mais cedo ou mais tarde. Mas Severo proclamou que preferia erigir-se como inimigo a aparecer, aos olhos do mundo, como o colega dum covarde. Assim, não restava outra saída a Juliano, desesperado, senão cavar fossos, construir muralhas, transformar Roma em acampamento militar e preparar a defesa da cidade. Reinou então

uma desordem indescritível. As ordens contraditórias confundiam os defensores; e os homens, os cavalos e os elefantes acampavam nas ruas e nas praças. Os guardas de corpo do imperador, moles e corruptos, cruzavam os braços; e os cidadãos tremiam de medo. Loucos furiosos a carregar no lombo torres de combate, os elefantes desmontavam seus cornacas.

"Por vezes — escreveu Dion Cássio, — ríamos como loucos, quando o imperador fazia barricadas nas portas do palácio!..."

Para pôr-se definitivamente em abrigo, mandou mudar as fechaduras!

Mas o pobre Juliano, abandonado por todos, não tardou em achar-se sozinho no imenso palácio vazio. O Senado retirou-lhe o título de imperador. No seu quarto, deitou-se no seu leito de repouso. Pálido, batia os dentes e tremia de medo. Um soldado penetrou na peça e, com um golpe de espada, abriu-lhe o peito.

— Qual é o meu crime? — murmurou Juliano.

— Matei, em toda a minha vida, um homem?

Foi assim, dessa lamentável maneira que morreu o imperador Juliano, após um reinado de dois meses e cinco dias.

SÉTIMO SEVERO

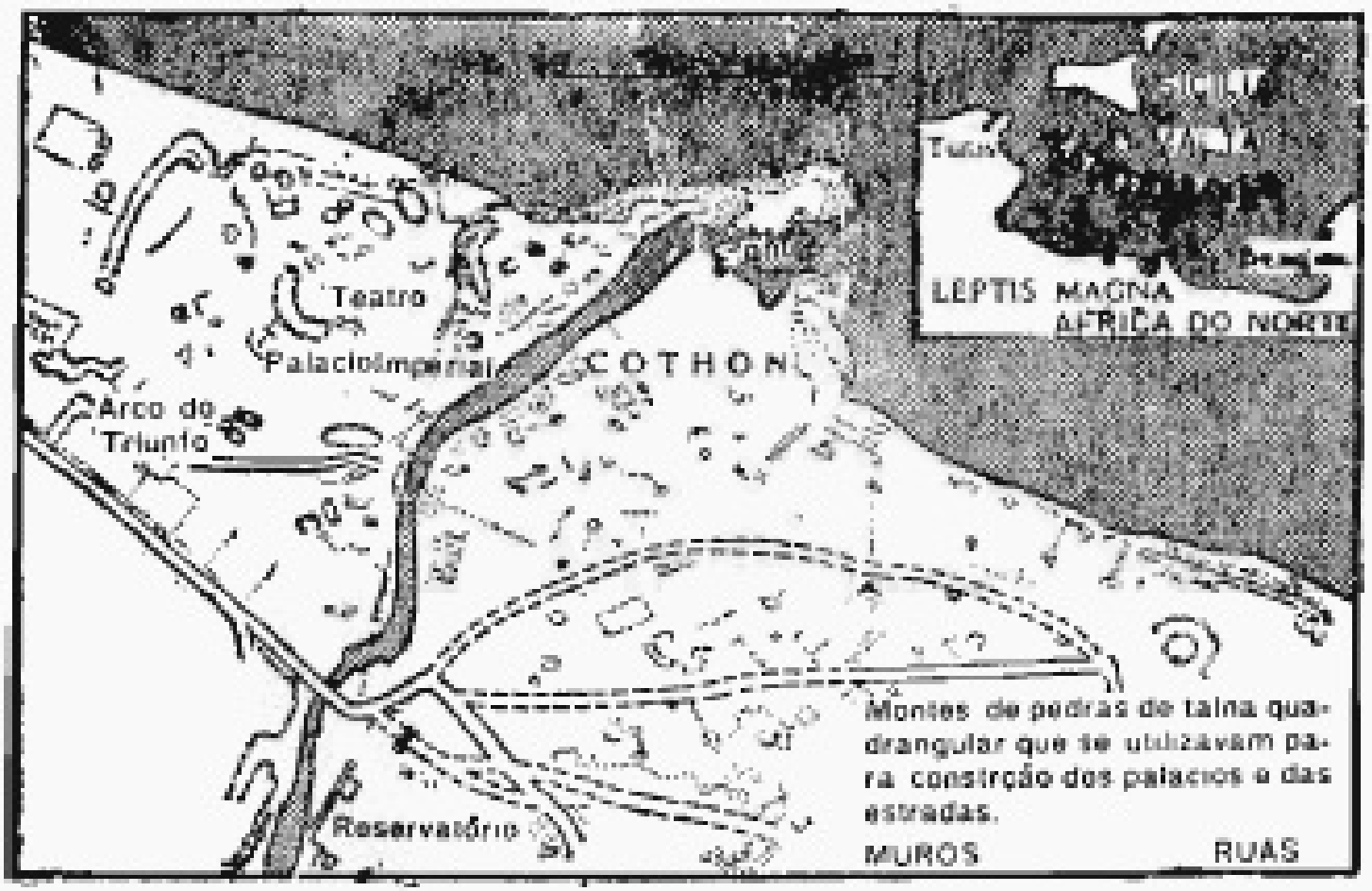
O TEMÍVEL FENÍCIO

> Era o imperador um homem duro, obstinado e violento. Nos derradeiros anos de sua vida, fazia-se transportar em liteira. Quando quiseram obrigá-lo a abdicar, sob pretexto de sua fraqueza física, calmo, declarou: "Governa-se com a cabeça e não com as pernas".
>
> ÉLIO ESPARTIANO, "Severo", XVIII, 11.

Nascido na África, o novo César vira a luz do dia em Leptis Magna (Tripolitânia), cidade fundada cerca do ano de 1.000 antes de J. C pelos fenícios, povo de navegadores de origem semítica.

Se sua família gozava desde muito tempo do direito de cidadania romana, seus antepassados, dos quais várias gerações são de nós conhecidas, tinham nas suas veias sangue púnico. Sétimo Severo falava correntemente a língua fenícia, ao passo que tinha um sotaque bastante pronunciado ao exprimir-se em latim.

Sua carreira seguiu uma ascensão rápida. Assistente do pro-cônsul da África, foi nomeado pretor na Espanha. Depois fez seus estudos em Atenas, onde se consagrou ao estudo e à prática dos ritos sagrados. Deixou a Grécia, quando nomeado governador da Gália, Márcia, sua primeira esposa, morrera. Interessando-se pela astrologia, pediu Severo para ver os horóscopos de algumas moças em idade de casar e sua atenção veio a ser atraída pelo duma esplêndida beldade cujas predições indicavam que deveria desposar um soberano. Júlio Bassiano, seu pai, era sacerdote de Baal, deus do Sol, em Emeso, na Síria. Severo ficou completamente satisfeito com esse presente dos deuses, mas os astros deixaram de anunciar-lhe que Júlia iria enganá-lo!



Leptis Magna foi fundada pelos fenicios. Os romanos construiram ali uma magnifica cidade de mármore, hoje em ruinas. Leptis Magna é a cidade natal de Sétimo Severo.

Governador, detinha Sétimo Severo também o comando dos exércitos estacionados na Panônia, região situada entre o Danúbio e o Drave. A 13 de agosto de 193, em Carnunto, a quarenta e dois quilômetros a leste de Viena, os legionários proclamaram imperador o seu generalíssimo. Durante todo o percurso de sua marcha sobre Roma, a multidão aclamou-o. Consideravam-no o vingador do bom e lamentado Pertinax. Mas quando os romanos compreenderam que o novo imperador se preparava para entrar em Roma à frente de seu exército, enlouquecidos, deixaram-se dominar pelo pânico. Severo não quis correr riscos e subiu ao Capitólio, cercado pelos seus soldados. Protegido pela sua guarda de corpo, entrou no palácio.

As coortes pretorianas tumultuavam lá fora. Reclamavam dez mil sestércios por homem. Indignado, viu-se Severo, no entanto, obrigado a ceder às suas exigências. Mas assim que segurou com mão firme as rédeas do poder, governou de acordo com a sua consciência. Despediu a guarda pretoriana e criou nova guarda, mais poderosa e mais segura, composta de seus legionários. Depois encheu os armaze'ns de trigo, que estavam perigosamente desabastecidos. Enviou um exército à África e uma legião à Grécia e à Trácia, porque queria passar à frente de Pescênio Niger, governador da Síria, que lhe disputava o trono e já ocupava Bizâncio. Quando Niger percebeu que o novo imperador estava decidido a

defender suas prerrogativas, propôs reinarem juntos. Mas Severo recusou. Perto de Isso, na Cilícia, travou a batalha. Se dispunha Niger dum formidável exército e dum material de guarda superior ao de Severo, faltava-lhe inteligência, circunspecção e sangue-frio. Fazia-se chamar o "segundo Alexandre"! Havia quinhentos anos que o célebre, o autêntico Alexandre batera Dario em Isso. Quando se perguntava a Niger quem lhe dava o direito de trazer o nome do valoroso general, puxava da espada, exclamando: "Esta aqui"! Na batalha de Isso, perdeu Niger vinte mil homens. Pôs-se em fuga, mas perseguido pela tropas de Severo, não foi além de Antióquia. Agarraram-no e cortaram-lhe a cabeça. Deu Severo ordem de fincá-la num poste que levantaram diante de Bizâncio. Pensava com isso o imperador obter a capitulação da cidade. Aos habitantes de Antióquia e aos napolitanos que tinham sido partidários de Niger, infligiu penas severas. Mandou executar os senadores que tinham tido certa consideração por Niger.

Empreendeu então Severo o assédio de Bizâncio. Foi Dion Cássio quem nos transmitiu o relato pormenorizado das operações. Cercavam a cidade baluartes espessos e torres. Sólidas fortificações e um castelo dominavam o Bósforo. Os cais situados no interior do recinto estavam fechados por pesadas correntes e os diques que conduziam ao mar eram protegidos por altas torres. Naquela época possuíam os bizantinos imensas máquinas com as quais lançavam sobre o inimigo blocos de pedra e traves. Tinham também, como meios de defesa, ganchos gigantescos que, rápidos como o raio, se abaixavam para levantar cargas que atingiam o peso de um barco! Cita também Dion o nome de Prisco, seu compatriota, o inventor desses aparelhos. Condenado à morte, Severo agraciou-o mais tarde, porque teve necessidade da ciência do prodigioso técnico. Os sitiados realizaram prodígios de coragem e de resistência, enfrentando a fome e a morte. De noite, mergulhadores tomavam de assalto os batéis inimigos, levantavam as âncoras e os conduziam para perto dos baluartes, donde uma chuva de pedras, de traves e ferragens se abatia sobre os navios. Quando a cidade ficou totalmente cercada, sitiados, os bizantinos serviram-se como projetis de pedras de talha dos teatros, de estátuas de bronze e até mesmo de cavalos vivos. As mulheres cortaram seus cabelos com os quais teciam cordas. Famintos, os sitiados faziam amolecer couro para engoli-lo, depois, como canibais, entredevoraram-se. Aproveitando duma tempestade, a frota deles tentou uma surtida desesperada que acabou por um naufrágio e numa efusão de sangue. Sem mais forças, a cidade rendeu-se.

Implacáveis, os romanos exterminaram os soldados e os funcionários bizantinos, mas pouparam os habitantes. Todavia, doou Severo a fortaleza conquistada aos habitantes de Perinto, cidade vizinha de Bizâncio, que "a tratou como aldeia e torturou-a de mil maneiras". Dion Cássio escreveu:

"Vi Bizâncio em ruínas, mas conhecia-a outrora viva. e orgulhosa. E ouvi sua voz miraculosa. Do lado do mar erguiam-se as sete torres. Se se lançava um grito na direção da primeira, ela repetia, o eco repercutia na segunda torre, e assim por diante. As sete torres transmitiam a voz. Bizâncio tinha o ouvido fino!"

Durante o sítio, empreendeu o imperador expedições punitivas contra os osroenos, os adiabenos e os árabes. Conseguiu convencer os partas. Cheia de orgulho e entusiasmo, Roma ofereceu ao imperador uma entrada triunfal e o Senado conferiu-lhe os títulos de

Arabicus, de Adiabenicus e de Parthicus. Sétimo Severo recusou a honra insigne da entrada triunfal bem como o título de Parthicus, porque não queria humilhar os partas. Na Gália, estava Albino em rebelião franca. O imperador declarou-o inimigo público e pôs-se em campanha. Encontrou seu adversário perto de Tinúrcio, provavelmente a atual Tournus, em Saône-et-Loire. Atingido por uma bola de chumbo, Sétimo Severo caiu do cavalo e rolou no chão.

Em Roma, o Senado, persuadido de que o imperador estava condenado, procurava um sucessor. Mas Sétimo Severo, dotado duma resistência física pouco comum, recuperou suas forças. Desde muito tempo desprezava os senadores da cidade que o renegavam a ele, o Africano. Não se esqueceu disso e, para humilhá-los, deu aos romanos de origem provincial a maioria no Senado. Quanto a ele, pertencia, dizia, à família de Marco Aurélio e, em virtude dessa indiscutível superioridade, concedeu o título de deus ao imundo Cômodo.

Quando trouxeram Albino, mais morto do que vivo, à presença de Severo, mandou cortar-lhe a cabeça e despachá-la para Roma. Deu ordem para depositarem-lhe o corpo diante de sua casa e proibiu que o enterrassem. Grande número de partidários de Albino foi executado, contando-se entre eles, grandes damas francesas e espanholas.

Lugdunum (Lião), residência de Albino e capital da Gália desde Augusto, perdeu seu poder e sua irradiação em favor de Trèves, cujo desenvolvimento aumentou desde aquela época.

Raivoso, transbordante de ódio, o temível Sétimo Severo voltou a Roma. Sem demora, mandou executar quarenta e um patrícios e senadores. Narciso, que havia estrangulado o imperador Cômodo, foi lançado como pasto aos leões. A glória e a ascensão rápida do imperador estavam encharcadas de sangue. Desgraçado de quem falasse sem conter a língua ou quem pilheriasse de maneira ambígua! A espada do imperador baixava-lhe sobre a cabeça.

— Eis o imperador! É digno do seu nome! É verdade, é pertinaz (Pertinax) e severo (Severo)!

O homem que, levianamente, pronunciara tais palavras foi estrangulado.

O historiador Élio Espartiano afirma que Severo empreendeu suas expedições militares, não porque fossem necessárias na época, mas porque estava ávido de glória. O imperador preparou minuciosamente uma ofensiva contra os partas. Conquistou Ctésifon, a capital, que abandonou à pilhagem e ao massacre por seus legionários. Trazendo consigo milhares de prisioneiros, atravessou a Mesopotâmia, que tornou a ser de novo província romana. A cidade de Atra não capitulou. A fortaleza defendeu-se encarniçadamente; suas catapultas aperfeiçoadas eram de graade alcance. Dizem que esses aparelhos lançavam dois projetis ao mesmo tempo. Os sitiados jogaram também sobre os assaltantes nafta, à qual ateavam fogo em seguida.

"Foi assim que Deus socorreu sua cidade!", escreveu Dion Cássio. E Severo levantou o sítio.

Abordou em seguida as costas do norte do Egito. Curioso, ávido de conhecer, quis penetrar os segredos e os mistérios terrenos e ultra-terrenos! Percorreu o país e admirou as obrasprimas da arquitetura egípcia. No decorrer de suas andanças, descobriu preciosos manuscritos que tratavam das ciências herméticas e secretas, os quais ocultou no túmulo de Alexandre, o Grande. Nenhum vivente deveria conhecê-los. Nenhum ser humano podia

olhar o corpo de Alexandre. Naqueles tempos, o túmulo achava-se de certo inviolado.
O imperador atravessou em seguida suas províncias africanas. Leptis, sua cidade natal, tornou mais altas suas portas, e Cartago, a antiga capital púnica, retomou sua posição de cidade mundial. Sétimo Severo considerava-se, como se sabe, um nobre descendente dos cartagineses e, nesta honra, mandou erigir um monumento grandioso em Libissa, na Bitínia, para exaltar a memória de Aníbal, pois ali tombara o famoso chefe cartaginês. Cunharam-se medalhas com a efígie de Tanit-Caelestis, a antiga deusa protetora da cidade. Em nossos dias, podem-se admirar as ruínas dos edifícios construídos por Sétimo Severo, romano de origem fenícia. Em Ciucul, na Numídia, descobriu-se um templo muito bem conservado, consagrado à família de Sétimo, bem como ruínas de outros lugares sagrados, arcos de triunfo, instalações portuárias, antigos mercados e cidades tragadas e desaparecidas. Sétimo Severo mandou construir baluartes nas fronteiras avançadas em zonas desérticás e, dessa maneira, a segurança do tráfico das caravanas ficou garantida. Sublinhemos que a África do Norte gozava, sob o reinado de Sétimo Severo e de seus sucessores, duma prosperidade sem igual. Se o imperador era um homem brutal e temível, Plautiano, prefeito da guarda, era, se possível, mais perigoso ainda. Ávido de possuir e de acumular, deitou mão a todas as riquezas que pôde desviar para proveito seu. Nem uma cidade, nem uma província pôde escapar à pilhagem sistemática de Plautiano. Roubou até as zebras sagradas das ilhas do Mar Vermelho! Mais do que o imperador — e não é pouco isso — vivia Plautiano sedento de sangue. Na sua residência, mandou castrar uma centena de aristocratas romanos, porque queria que os servidores e os preceptores de Plautília, sua filha, fossem eunucos! Em suma, detinha Plautiano um poder bem mais extenso que o imperador; e efígies suas foram erguidas em Roma e nas províncias do Império.



GRAV. 119 — Médico romano, sentado diante de seu armário contendo seus instrumentos médicos. Baixo-relevo sobre um sarcófago, que data do 3.° século depois de J. C.



GRAV. 120 — Negociantes e artesãos. Tabuleta dum tal M. Vecíllo Verecundo, na Rua da Abundância, trazida a lume em Pompéia.



GRAV. 121 — Brinquedos de crianças. Baixo-relevo dum sarcófago.



GRAV. 122 — Era assim que se viajava no ano de 300 depois de J. C. Os cavalos eram rápidos e ia-se sentado confortavelmente. Entre as duas atrelagens, crianças brincam. Baixo-relevo dum sarcófago antigo.

Sétimo Severo deu Plautília como esposa a seu filho Antonino, que viveu em contínua desinteligência com seu irmão Geta. Os dois filhos de Severo, de natureza fundamentalmente perversa, grosseiros, brutais e mal-educados, só freqüentavam a ralé romana.

— Tenho tanto afeto por Plautiano — afirmava o imperador, — que quereria que ele sobrevivesse até mesmo à minha memoria!

A imperatriz Júlia teve de suportar as ofensas e exigências mais insolentes de Plautiano. Tentou mesmo comprometê-la aos olhos de Severo. Sujeitou os que a cercavam a afrontas ultrajantes e a penosos interrogatórios; submeteu nobres patrícias a ignóbeis torturas, sob pretexto de vagas conspiratas nas quais mergulhava a pobre Júlia. A infeliz imperatriz só achava repouso e consolo nas obras de filosofia e nos seus colóquios com os sofistas.

Plautiano refocilava-se na devassidão mais enojante em companhia de prostitutas e de adolescentes corruptos. Empanturra-va-se em regabofes, embriagava-se, mergulhava nas volúpias mais degradantes. Um de seus prazeres prediletos era ver lutarem, no anfiteatro, as mulheres gladiadoras. Não temendo nenhuma autoridade, com liberdade de satisfazer

seus caprichos mais repelentes, mantinha-se firme nos estribos. Rácio Constante, governador da Sardenha, afirmava:
— Ver-se-á mais facilmente o céu vir abaixo que a queda e a desgraça de Plautiano!
Ora, um ano mais tarde, correu Plautiano para sua perda. E nem por isso o céu veio abaixo.
— Por que tremes? Por que essa palidez no teu rosto? Não és mais rico que o imperador e seu filho?
Mas a indignação, o ressentimento da multidão romana oprimida, exasperada por outra parte em conseqüência de nova erupção do Vesúvio, não puderam declarar-se e explodir abertamente. Em contraposição, o imperador veio a saber que Plautiano fomentava uma conjura contra sua pessoa e contra seu filho Antonino. Sétimo Severo mandou chamá-lo ao palácio. O velhaco não demorou a chegar e só foi na porta, quando a guarda do imperador impediu que os guardas de corpo de Plautiano o acompanhassem, que o imundo, surpreendido, recuou. Mas era preciso apresentar-se ao imperador.
— Em que pensavas? Por que quiseste atentar contra nossos dias?
Severo permitiu que Plautiano se lavasse de suas suspeitas. Mas quando éle negou, dum salto levantou-se o imperador e esbofeteou-o. Presente, o pai do imperador impediu que ele matasse o celerado e foi um criado quem disso se encarregou.
Apresentaram a Júlia e a Plautília, que trocavam algumas palavras, pêlos da barba do morto. Júlia mostrou-se radiante de alegria; Plautília, pelo contrário, pôs-se a chorar. Dion Cássio escreveu:
"Assim, o homem mais poderoso de seu tempo, que sonhava atingir um poder sem cessar aumentado, que semeara o pânico e o terror, esse homem foi abatido como um cão e lançado na valeta!"
Plautília e Pláutio, os filhos de Plautiano, exilados nas ilhas Lipari, viveram no temor e nas privações, até o dia em que Antonino os assassinou. Depois da morte do todo-poderoso Plautiano, Antonino e Geta, filhos de Severo, refocilavam-se na lama. Impudicos, exibiam, no escândalo, seu triunfo ignóbil. Entretinham relações sórdidas com gladiadores e condutores de carros. Violavam as mulheres e não recuavam diante de crime nenhum. O certo é que a luta fratrícida começou e, para suprimir aquele que incomodava o outro, provocavam ambos, durante as corridas de carros, terríveis colisões entre seus veículos!
Dion Cássio relata um acontecimento que, naquela época, foi, a bem dizer, bastante cômico. Suspeitava-se de que um desconhecido aspirava ao poder. Uma testemunha afirmou tê-lo surpreendido, de orelha colada a uma porta. Era um senador calvo: eis tudo quanto se sabia do personagem desconhecido! Todos os senadores de crânio pelado ou pouco guarnecido de cabelos tremiam de medo. O próprio Dion Cássio, que era senador, escreveu:
"Não posso calar aqui o que me aconteceu, por mais ridículo que pareça! Estava nervoso e perturbado, a ponto de minhas mãos tatearem involuntariamente meus cabelos! E muitos dos meus colegas me imitaram! O senador, de cuja traição se suspeitava, fora visto, envolto numa toga de cor púrpura. Todos os olhares se dirigiram então para Bébio Marcelo, apertado
numa toga púrpura e calvo como um ovo!"

Quando caminhou para o suplício, gritou Marcelo para seus filhos:

— Meu único pesar é deixar vocês vivos após minha morte! Compreendeu enfim o velho imperador que seus filhos, em Roma, em período de paz, estavam expostos à pior depravação e que seu exército,.em repouso, abandonara toda disciplina! Enquanto preparava uma expedição à Grã-Bretanha, teve o pressentimento que não regressaria vivo a Roma.

Dion Cássio deixou uma narrativa bastante fantasista a respeito da vida dos autóctones.

"Moravam, não em casas, mas em tendas; não tinham roupas nem calçados; tinham em comum suas mulheres e seus filhosl"

Um dia em que Júlia Domna, apelidada "a mãe dos acampamentos" pelos soldados, e que acompanhava sempre o imperador durante suas campanhas, zombava da mulher do caledônio Argentócoro, cuja depravação de costumes se ostentava francamente, respondeu-lhe a caledônia:

— Melhor que as romanas, sabemos ouvir os apelos de nossa natureza. Em plena luz, escolhemos e amamos os melhores dentre os bravos, enquanto que vós, romanas, em segredo, abismai-vos no adultério com os piores dentre todos os homens!

Tais foram as dignas palavras duma escocesa da época! E os "melhores" a que fazia ela alusão foram homens duros, fortes e corajosos até a temeridade.

"Suportam facilmente, é verdade, as misérias, a fome, o frio e as dificuldades de toda espécie", escreveu Dion Cássio. Sétimo Severo invadiu a Caledônia. Pode-se pensar que levou suas legiões até a foz do Forth. Deve, em todo o caso, ter penetrado longe bastante na direção do norte, porque observou "que o sol permanecia muito tempo imóvel no horizonte." Estava a Escócia destinada a tornar-se uma província romana. Graças às inscrições descobertas há pouco, sabe-se que Severo instaurara ali um culto a Tanit, deusa cartaginesa e protetora do imperador.

Sofrendo atrozmente de gota, Sétimo Severo, durante a campanha da Inglaterra, fez-se transportar em liteira. Vivia, além disso inquieto e atormentado pela deplorável conduta de seus filhos. Antonino sobretudo causava-lhe grandes cuidados. Colérico a ponto de perder todo domínio de si mesmo, amoral, desnaturado, queria Antonino suprimir seu irmão. Um dia, por pouco não abateu seu pai com violento golpe de espada na nuca. Aterrorizadas, as pessoas presentes, foram dominadas de estupor, e Antonino teve medo. Mais tarde, sozinho com seu filho, Severo apostrofou-o:

— Se queres suprimir-me, és livre. Gozas da plenitude de tuas forças e eu sou um velho.

Confuso, Antonino não se moveu.

Algum tempo antes desse incidente, os soldados, compadecidos com os sofrimentos de Severo, quiseram proclamar Antonino imperador. Severo fez-se transportar ao tribunal, puniu implacavelmente os responsáveis por essa iniciativa inoportuna, exceto seu filho, e declarou:

— Sabeis agora que se governa com a cabeça e não com as pernas!

No ano de 211, o velho imperador quis regressar a Roma. Mas os caledônios se revoltaram e Severo retomou as armas. Entretanto, enquanto ativava os preparativos duma nova campanha, morreu em Eboracum (York), a 4 de fevereiro de 211. Dion Cássio escreveu que se esse imperador representava o tipo mesmo do adversário temível, podia ser também

um excelente amigo. Perseverava nas suas empresas e nos seus projetos como nas suas missões; com tenacidade e teimosia levava-os a termo.
O imperador levantava-se cedo. Desde o romper da aurora, ocupava-se com os negócios do Estado. Pela manhã, presidia o tribunal de justiça. Ao meio-dia dava um passeio a cavalo. Depois vinham o banho e a refeição em família. Ao almoço seguia-se curta sesta, depois Severo despachava negócios correntes e seguia um curso de fonética para aperfeiçoar sua dicção. Segundo banho precedia a refeição da noite. É surpreendente verificar que o imperador, mau grado uma vida tão perfeitamente regrada, só tenha podido atingir a idade de sessenta e cinco anos.
Pouco antes de sua morte, mandou que lhe trouxessem a urna destinada a conservar suas cinzas.

Em breve conterás o que resta dum homem para o qual o mundo era demasiado estreito! — exclamou.
Sua derradeira palavra, dirigida à sua guarda, foi: Laboremus! (Trabalhemos!). Até o final permaneceu ativo e lúcido.
— Pois bem! passem-me ainda cartas, se resta alguma coisa a decidir — murmurou num sopro, antes de dar o último suspiro.

GETA, BASSIANO-CARACALA, JÚLIA DOMNA

SORRI ENTÃO, JÚLIA!

> Com o rosto oculto no colo de sua mãe, foi Geta assassinado por seu irmão Bassiano. Júlia Domna não teve permissão para chorá-lo. Ferido de morte, Geta expirou nos braços de sua mãe, inundando-a com seu sangue.
>
> HERODIANO, "História dos Imperadores", III, IV.

"Se bem se reflete, verifica-se, na verdade, que nenhum gênio, no decurso da história, deixou à posteridade um descendente que fosse um homem superior. Ou os grandes morriam sem prole, ou então deixavam na terra rebentos cuja existência a humanidade teria de bom grado esquecido!" Foi Élio Espartiano, historiador romano que viveu cerca do ano de 300 depois de J. C, quem escreveu aquelas palavras. Entre outros exemplos cita Homero, Demóstenes, Virgílio, César e Augusto (poder-se-ia acrescentar à lista Napoleão e Goethe) e precisa que melhor teria valido a Sétimo Severo que Bassiano não houvesse nascido!

Na rua Júlia, em Roma, sob o peristilo do Palácio Marquês delia Rovere-Sacchetti, pode-se admirar .o famoso baixo-relevo de Sacchetti. O imperador Sétimo Severo é nele representado sentado na sella curulis, tendo, à sua direita, seu filho Geta, e à sua esquerda, seu filho Bassiano, chamado mais tarde Caracala. Entre os dois príncipes, reconhece-se o jurisconsulto Papiniano e, junto do imperador, seu favorito Plautiano. Três dos personagens que figuram nesse baixo-relèvo, o imperador, Geta e Plautiano estão sem cabeça. Conhece-se a história dessa mutilação.

O baixo-relevo foi terminado no ano de 205. Talharam-no para comemorar a nomeação para o consulado dos príncipes Bassiano e Geta. A 23 de janeiro, por ocasião da morte de Plautiano, a cabeça do prefeito desapareceu da pedra. Em 212, quebrou-se a de Geta. A cabeça do imperador, pelo contrário, foi mutilada bem mais tarde. Devem-se estas informações a Ludwig Budde que, em 1955, empreendeu frutíferas pesquisas por conta do Instituto Alemão de Arqueologia.

Pouco antes de sua morte, Sétimo Severo suplicou a seus filhos que se esquecessem de seus ressentimentos e de suas querelas e vivessem em boa e fraternal inteligência. Mas os irmãos inimigos outro pensamento não tinham senão o de se suprimirem! Nomeados ambos imperadores por seu pai, deviam reinar juntos. Em Eboracum (hoje York, na Inglaterra), junto do catafalco de Sétimo Severo, Bassiano e Geta, simulando uma afeição e uma admiração mútuas, preparavam já em segredo seu crime. Nenhuma dúvida era possível: só um deles deveria reinar e viver! Animados de tais sentimentos os irmãos atravessaram a Mancha, a Gália, depois a Itália, sempre alertas, vigiando suas armas, sua alimentação, que nunca tomaram em comum.

Parece que Geta foi muito mais popular entre os soldados que Bassiano. As feições de seu rosto se assemelhavam muito às de seu pai e os legionários concluíam daí que deveria èle ter também o mesmo caráter. Era Bassiano, sem dúvida alguma, um homem totalmente desprovido de escrúpulos. Durante as saturnais, tentou assassinar Geta, mas o atentado,

mal preparado, fracassou.
Em Roma, depois de ter partilhado o palácio imperial, viveram os irmãos separadamente e as portas de comunicação entre seus aposentos foram muradas. As saídas, os corredores com barricadas eram vigiados pelos guardas. Em raras ocasiões, em presença de Júlia Domna, sua mãe, os dois irmãos apareceram em público, cada qual cercado pela sua guarda de corpo. Tendo sido infrutíferas todas as tentativas de reconciliação, pensou-se em repartir o Império, como aconteceu, com efeito, cento e oitenta e cinco anos mais tarde, no reinado dos filhos de Teodósio. Bassiano devia receber a Europa e o oeste da África, e Geta a Ásia e o Egito com Antióquia (ou Alexandria) como residência.
Júlia Domna sentia-se profundamente infeliz. Bela ainda, inteligente e culta pelo contacto com filósofos e sábios, se teve amantes, foi antes de tudo uma mãe amorosa e muito ligada a seus filhos. Quiz Júlia, a todo preço evitar que o império romano, por causa do desacordo de seus filhos, fosse desmembrado. Viúva e mãe de imperador, semelhante cisão lhe aparecia como uma monstruosidade.



GRAV.123 – O Túmulo de Cecília Metela, na Via Ápia. Cecília viveu cerca do ano de 50 antes de J.C. Era originária duma família patrícia, da qual seis dos membros foram cônsules.



GRAV.124 – Aqueduto romano de Espoleto (Úmbria), reconstruído.

Graças a um sacrifício solene, esperava o Senado obter dos deuses a reconciliação dos irmãos inimigos. O animal que deveria ser oferecido à deusa Concórdia estava pronto para o sacrifício e o cônsul que presidia ao rito sagrado deixara sua casa para dirigir-se ao templo. Mas "alguém" havia desviado o curso normal dos acontecimentos. O cônsul não encontrou os vitimários e os vitimários não puderam reunir-se ao cônsul. Para os romanos, que acreditavam firmemente nos presságios, essas complicações nada auguravam de bom! Bassiano compreendeu que não poderia atingir seu irmão sem empregar a astúbia. No mês de fevereiro do ano de 212 depois de J. C, dirigiu-se êle aos aposentos de sua mãe e fingiu haver refletido. T pejava a conciliação; Geta era seu irmão, dizia êle, e cabia a ele, o mais velho, estender-lhe a mão. Rogou a Júlia Domna que o mandasse chamar para que pudessem trocar o beijo da paz.

Por uma vez mostrou-se Geta confiante. Sozinho, dirigiu-se ao quarto de sua mãe. Os centuriões, que Bassiano havia escondido nos corredores, penetraram, de espada nua, na peça. Geta abraçou-se com sua mãe.

— Mãe! — gritou ele, — Mãe! Assassinam-me!

Louca de dor, Júlia Dorrna, apertou seu filho em seus braços e tentou protegê-lo com seu corpo. Mas os centuriões se lançaram sobre sua presa e feriram Júlia na mão. Geta expirou sobre os joelhos de sua mãe, cujo vestido ficou vermelho do sangue de seu filho. É

desta maneira que se precisa interpretar as palavras que os romanos cochichavam aos ouvidos:
— Sabias? Geta voltou ao seio de sua mãe!
Na idade de vinte e dois anos, Geta lançou o derradeiro suspiro. Bassiano, fratricida, orgulhava-se de seu crime como se houvesse praticado uma proesa excepcional e meritória! Júlia Domna não teve o direito de verter uma lágrima. Dia e noite, Bassiano fazia-a vigiar secretamente. Como se lhe tivesse proporcionado uma alegria imensa, obrigava-a a rir e a pilheriar. Todas as suas palavras, todos os gestos, espionados, eram transmitidos a Bassiano.
Depois do assassinato de seu irmão, Bassiano, perseguido pelo remorso, comportou-se como verdadeiro déspota. A hereditariedade síria transmitida por sua mãe marcara-lhe o caráter e a conduta. Malévolo, hipócrita, vivia minado pela angústia do terror. Afundava-se na superstição e na magia.
Como um louco e um obsessionado, percorria as ruas de
Roma.
— Perseguem-me, querem a minha morte — cochichava aos ouvidos dos amigos a quem encontrava.
Clamando sem cessar que sua vida estava ameaçada, prometia Bassiano a suas tropas mundos e fundos!
— Sou apenas um soldado, como vós — afirmava. — Quero viver apenas para vós e cumular-vos de presentes! Todos os meus tesouros vos pertencem!
Com seus soldados, queria morrer! O imperador autorizou os exilados a regressarem a Roma. Depois, mais criminoso (se possível) que todos os sádicos Césares que reinaram antes dele, féz correr torrentes de sangue e dizimou a população. Sob o pretexto falacioso de terem servido, ou estimado Geta, servidores da corte, soldados, amigos de Geta, homens e mulheres, foram executados. Vinte mil pessoas foram mortas. Não devia mais ser pronunciado o nome de Geta. E nos monumentos, nas inscrições concernentes à família de Sétimo Severo, na Itália, na Ásia Menor e na África, o nome de Geta foi apagado. O célebre jurisconsulto Papiniano encontrou igualmente a morte na hecatombe. É verossímil que Sétimo Severo lhe haja confiado seus filhos e tenha ele tentado reconciliá-los. Talvez tenha provocado uma reação de Bassiano. Dizem que Bassiano havia encarregado Papiniano de justificar, perante o Senado, e perante o povo, o assassinato de Geta. Ora, Papiniano replicara que era mais fácil ser um fratricida que justificar-lhe os atos! Citam-se ainda suas palavras:
— Acusar um inocente a quem se assassinou é cometer segundo crime.
Quando subiu ao suplício, Papiniano, então prefeito do pretório, declarou que o homem que, sem vingá-lo, lhe sucederia, não passaria de um tolo! Devem os deuses ter ouvido essas palavras proféticas, porque Macrino, que se tornou com efeito sucessor de Papiniano, assassinou o imperador. Quando Papiniano foi executado, o imperador que, naqueles dias, era chamado Antonino por seu povo, quis saber por qual motivo a cabeça do condenado fora cortada com um machado e não com uma espada.
Mas a lista das vítimas deveria tornar-se ainda maior. Queria Antonino desembaraçar-se de seu preceptor Cilo. Quando os esbirros o prenderam, estava éle no banho. Os

pretorianos conduziram-no ao palácio, de tamancos como estava e envolto apenas numa túnica leve. Na rua, os soldados espancaram-no e reduziram a tiras seu leve traje.
Transeuntes comentaram com veemência essa cena escandalosa. Ouvindo-os, Antonino precipitou-se para a rua, lançou seu manto sobre os ombros de seu mestre e exclamou: — Parai! Não tendes o direito de maltratar meu velho professor!
Algumas horas mais tarde, o velhaco mandou à morte o tribuno por éle encarregado de executar Cilo, sob pretexto de que havia ele esquecido de cortar-lhe a cabeça! Roma oferecia um espetáculo lamentável. Tudo quanto contava de homens eminentes, honrados e dignos, foi condenado à morte. Vários romanos sofreram a pena capital porque tinham cedido a uma necessidade natural nas proximidades duma das numerosas estátuas do imperador. Num só dia, fez Antonino um gladiador lutar contra três adversários. Enquanto o desgraçado, esmagado pela fadiga, sucumbia durante o seu derradeiro combate, ordenou o imperador que lhe fizessem solenes funerais.

CARACALA

O MANTO

> O manto cor de púrpura, chamado "caracala", que o imperador gostava de trazer sobre os ombros, era famoso. Está na origem do nome que se deu ao soberano. Identificando-se com o que foi a glória e a grandeza de Alexandre, o Grande, com o espirito perturbado pelo renome do grande conquistador, tinha Caracala preferência pelos macedônios. Um dia em que cumprimentava um tribuno militar porque montava na sela com destreza, apostrofou-o: "Donde és e donde vens?" Tendo sabido que era macedônio, prosseguiu o imperador: "Como te chamas?" — "Antígono". — Como se chama teu pai?" Depois de ter ouvido da boca do homem que o nome de seu pai era Filipe, acrescentou o imperador: "Sei agora o que desejava saber".
>
> DION CÁSSIO, cap. LXXVII, 7-8.

Alexandre, o Grande, encarnava para Caracala o ideal que queria atingir e ao qual se identificava. Diante de seus soldados, através da imperecível memória do puro gênio militar deixada por Alexandre, quis Caracala ultrapassar as façanhas do glorioso general. Imaginava constantemente novos pretextos a fim de provocar uma guerra. Sem interrupção, mantinha seus soldados em armas e dispendia sem conta somas consideráveis para sustento de suas legiões. O soldo pago aos legionários era tão elevado que se viu obrigado a desvalorizar a moeda, medida a que seu pai Sétimo Severo já havia recorrido. Rapidamente, foi o tesouro dilapidado e as arcas do Estado esvaziaram-se. A essa bancarrota é que se deve atribuir o ato excepcional, de alcance histórico, praticado por Caracala. Com efeito, no ano de 212 depois de J. C, concedeu o direito de cidadania romaua às populações livres das províncias do Império, realizando assim a unidade do Estado. Como se tivera tomado antes o cuidado de aumentar o imposto sobre as sucessões, a extensão do direito de cidadania drenou.para as arcas do Estado somas consideráveis.

O imperador viaja pelo mundo. Nos países onde devia parar, construíam-se às pressas hotéis confortáveis, anfiteatros e hipódromos. Foram assim dispendidas fortunas.
— Todas as loucuras são praticadas com o fim de reduzir-nos a nada — diziam os romanos.
Em geral, o imperador nem mesmo comparecia aos lugares! Dava então ordem de demolir o que estava construído.
— Ninguém, exceto eu, deve ter dinheiro. Preciso de muito para dá-lo a meus soldados — declarava o imperador. Colérico, imprevidente, o imperador que se enganava redondamente a respeito do valor de suas faculdades intelectuais, não passava de um estouvado, e suas decisões, sempre precipitadas, eram constantemente desastrosas. Desagradava-lhe tomar conselho, sobretudo com homens qualificados.
Se o imperador não gostava de ninguém no mundo, perseguia com seu ódio os valorosos que se distinguiam em qualquer disciplina. Os que, entre os homens eminentes, não tinham sido enviados à morte, foram despachados para regiões em que o clima malsão

debilitava. Com tais "recompensas", expatriava as criaturas que temia ou detestava e numerosos homens de valor morreram, derrubados por um sol tórrido ou por um frio rigoroso. Outros foram despojados e reduzidos à mendicidade.

Para justificar taifs iniquidades e para salvar as aparências, perpetrava seus crimes com uma astúcia tão pérfida que se pensou que deve ter herdado de sua mãe todos os vícios orientais.

Um ano após o assassinato de Geta, em 213 depois de J. C, deixou Roma o imperador para não mais a ela voltar. As famosas termas que mandara construir e que se contam entre as ruínas mais suntuosas da Roma antiga, jamais Caracala vê-las-ia concluídas. Viveu os quatro últimos anos de seu reinado nas províncias romanas. Em agosto de 213, quando passou o Limes, conquistou às margens do Meine retumbante vitória contra os germanos e tomou o título de Germanicus maximus. Depois de ter acampado perto do Danúbio, na primavera do ano de 214, dirigiu-se Caracala à Macedônia, atravessando a Trácia.

Ficou como que enfeitiçado pela sua própria gana de assemelhar-se a todo preço a seu ídolo, Alexandre, o Grande!



GRAV. 125 — O aqueduto de Cláudio era um dos onze aquedutos que na época do Império abasteciam Roma. Foi acabado por Cláudio, em 52 depois de J. C. Construído de pedra, levava o aqueduto a água sobre uma distância de 72 quilômetros, das cercanias de Arcoli à Porta Maior, por pontes e túneis. Diariamente fornecia a Roma 191.000 metros cúbicos de água.



GRAV. 126 — A Ponte de Céstio. O homem, de que a ponte leva o nome, viveu aí pelo ano de 10 antes de J. C. Mandou construir para si um túmulo em forma de pirâmide, com 37 metros de altura e que ainda existe em nossos dias.

Convencido de que encarnava a réplica viva do Macedônio, tentava, diante de um espelho, imitar, para esposar-lhe as atitudes, o porte de cabeça ligeiramente pendida de Alexandre. Apelidaram-no "o macaco de Alexandre". Até mesmo para beber, servia-se duma taça que, pensava, havia pertencido a seu ídolo. Trazia ao lado armas que o grande general segurara em suas mãos. Nos acampamentos militares de Roma e do Império, foram erectas estátuas de Alexandre. Fundou uma falange de dezesseis mil picadores que deviam estacionar na Macedônia. A "falange de Alexandre" eqüivalia em efetivos a uma divisão moderna e estava equipada exatamente como o foram outrora os soldados de Alexandre. Espartanos nela se engajaram. Caracala (sem êxito aliás) entrou em conversações com o rei dos partas, cuja filha desejava desposar para herdar o reino. Como Alexandre, cultivava a esperança de reinar sobre as índias.

Em maio de 215, acompanhado de sua mãe, dirigiu-se o imperador a Antióquia. Sofria, naquela época, de alucinações e perturbações de origem nervosa. Tinha freqüentes síncopes. No seu delírio, acreditava-se perseguido pelos manes daqueles a quem havia assassinado e, do além, seu pai e seu irmão, sinistras aparições, atormentavam-no com suas virulentas censuras e seus trágicos apelos! Enfraquecido, deprimido, não ousava empreender novas expedições. Mas as informações que recebeu de Alexandria, a ardente cidade da margem do Nilo, arrancaram-no de seu torpor e de suas depressões. Os habitantes da cidade famosa, que trazia orgulhosamente o nome de seu ídolo, ousavam injuriar, criticar e ridicularizar a atitude do imperador dos romanos, censurando-lhe até mesmo o assassinato de seu irmão Geta!

Caracala viajou para Alexandria. Hipócrita e velhaco como de costume, convocou a um banquete todos os dignitários da cidade com a secreta esperança de dar-lhes sumiço. E, depois de ter mandado fechar as portas da cidade, fez ocupar por suas tropas as ruas e os telhados. Milhares de homens foram massacrados. Todos os que, amigos ou inimigos, caíram nas mãos dos soldados foram massacrados imediatamente. "A cidade era espaçosa e larga — escreveu Dion Cássio, — mas se se tivesse querido, uma vez que se massacrava de dia e de noite, teria sido impossível distinguir entre os supliciados."

Dessa forma, cada qual por sua vez, vieram as províncias romanas a ser vítimas expiatórias de sua crueldade, de sua amoralidade e de sua loucura assassina. Sublinha Dion Cássio que de todas as partes, no vasto império, foi o nome do imperador aviltado, execrado, coberto de vergonha. O povo dera também a Antonino Bassiano o apelido de Tarantes, que relembrava um gladiador baixinho, célebre pela sua feiúra e pela sua crueldade. Todavia, Bassiano entrou na História com o nome de Caracala.

Fisicamente pouco resistente, não podia o imperador suportar nem os fortes calores, nem os frios rigorosos. De modo que mandou fazer para si roupas que tinham a aparência duma espécie de armadura. Pensava preservar-se das punhaladas de um assassino eventual, sem suportar o peso duma couraça. Sobre sua pseudo-armadura, trazia um manto de púrpura. Ignora-se se esse traje era de origem celta, síria ou persa, mas sabe-se que não era talhado numa única peça de tecido, como o exigia o costume em Roma. Compunha-se de uma reunião de pedaços de pano. Cobria o corpo e caía quase até os pés. Esse manto, o primeiro sem dúvida de corte "moderno", chamava-se um caracallus e deu ao imperador seu apelido. Os soldados traziam também mantos do mesmo corte.

Inteligente, duma competência desconhecida dos que a cercavam, Júlia Domna ocupava-se com os negócios do Estado. Em Roma como em Antióquia, se bem que seu filho só desse pouca atenção aos sábios conselhos de sua mãe, não cessava esta, na medida do possível, de manter com mão esperta e segura as rédeas do governo. Era, de certo, preciso agir com prudência, com muita habilidade, para poupar a susceptibilidade do irascível imperador, mas Júlia Domna, morando em Antióquia, entretinha correspondência seguida, e em grego e em latim, com todas as províncias do Império. Recebia os altos funcionários e os embaixadores e prosseguia, como antes, seus estudos de filosofia.

Quanto a Caracala, seus pendores pelo vício, pelo assassínio e pela desafeição, o hábito de abandonar aos outros as responsabilidades do governo, ativavam fatalmente sua perda. Um egípcio, chamado Serápis, mestre na arte da quiromância, predissera que num futuro

próximo, Macrino reinaria no Império. Acorrentado, condenado à morte, repetiu o egípcio suas palavras proféticas.
Despachou-se ao imperador, de regresso a Antióquia, uma carta por meio da qual foi posto ao corrente da sinistra profecia. Ora, Sua Majestade, todo entregue à alegria de assistir a uma corrida de carros, esqueceu-se de abrir a correspondência e mandou a carta para Macrino que, em Roma, cuidava dos negócios civis. Macrino leu a missiva e não perdeu um minuto. Encarregou um soldado, descontente por não ter recebido o adiantamento com que contava, de suprimir o imperador. Entrementes, Caracala havia partido em peregrinação para Carres, hoje Harran, célebre por ter ali residido Abraão e pela derrota que os partas infligiram a Crasso, no ano de 53 antes de J. C. Sacrificava aqui o imperador ao seu pendor pelos cultos mágicos orientais e pela astrologia. Queria rezar no santuário de Luna. Desde muito tempo, aliás, instaurara em Roma, como religião de Estado, o culto solar semítico-sírio.
Dominado pelo remorso e pelo medo que o impeliam a procurar na magia e nas ciências ocultas um exutório para suas obsessões mórbidas, perdera o imperador a confiança de seus soldados. Nem mesmo se dava conta de que, descontentes e irritados, mau grado seu soldo bastante elevado, desprezavam seu chefe que, outrora, pretendera ser um deles! Uma tropa de cavaleiros acompanhou o imperador na sua viagem precipitada. Para satisfazer uma necessidade natural, Caracala parou e, afastando-se da estrada, meteu-se nas moitas. O soldado Marcial alcançou o imperador e enfiou-lhe o punhal no coração. O assassino foi abatido imediatamente por um arqueiro cita.
Pôde então Júlia Domna sem constrangimento derramar lágrimas. Com seus dois filhos, perdera também seu título de imperatriz. Incapaz de suportar o peso de sua desdita, suicidou-se.

HELIOGÁBALO

UM JOVEM SACERDOTE DE GRANDE BELEZA

> Não lhe bastava proibir e abolir os cultos romanos, queria exterminar todas as religiões que existiam no vasto mundo, para instaurar a culto único e universal de seu deus Heliogábalo.
>
> LAMPRÍDIO, "Antonius Heliogabalus".

Não é excepcional que indivíduos simples, medíocres e sem ambição, sejam levados, graças a uma reação toda elementar, a reagir contra a aproximação de um perigo ameaçador e do medo que lhes inspira, de modo a assumir riscos e responsabilidades que ultrapassam de muito suas aptidões normais e suas capacidades naturais. Içados então a um poder a que, aliás, jamais esperaram atingir, não passam de joguetes da fatalidade, dóceis papagaios flutuando ao léu da brisa e que o menor sopro de vento faz recair no chão! Opílio Macríno pertencia a essa espécie de indivíduos. Não foi um segundo Macbeth. Nem sua própria ambição, nem a de uma mulher ávida de glória a seu lado prevaleceram entre os numerosos motivos que o levaram a assassinar o imperador. Foi unicamente o medo inspirado por sua situação precária e perigosa que o decidira a agir. De profissão jurista, era Macrino prefeito do pretório no reinado de Caracala. Segundo uma profecia devia um dia, ele, homem de condição modesta, subir ao trono do Império Romano. Sedutora e cheia de miríficas promessas, a profecia era sobretudo perigosa para o homem que escolhera, quando se vivia sob o reinado dum Caracala, que nunca hesitava em fazer caírem cabeças! Se Caracala tivesse tido conhecimento da fatal revelação, Macrino poderia ter contado como certo que seria abatido pelos esbirros do imperador.

A 8 de abril do ano de 217 depois de J. C, foi Caracala assassinado. Macrino agira com mais rapidez que seu senhor. Se o medo armara seu braço, foi também ele que o levou a pretender o trono. Foi ele ainda que o incitou a tomar o nome de Antonino que, na época, era sagrado. Soberanos benéficos, sábios e venerados, os nomes de Antonino Pio, de Marco Aurélio e Lúcio Vero resplandeciam, na memória dos homens, com uma espécie de clarão indizível de felicidade.

Ora, Macrino não tinha parentesco nem com os Antoninos, nem com a família de Severo. Tomou simplesmente o nome de Antonino e declarou ao Senado que as legiões tinham conferido também o título de imperador a seu filho Diadumeniano, de nove anos de idade. Adotando o nome sagrado de Antonino, que o defunto imperador trouxera como seu único título de glória, contava assim mascarar o assassinato de Caracala. Originário da Mauritânia, não possuía Macrino nenhuma das qualidades que fazem os homens de Estado ou os grandes capitães. Somente sua coragem, a que dá aos fracos o desespero, levou-o a visar a tão alto. De certo, jamais antes um homem de condição tão modesta e que nem mesmo senador era, reinara sobre o império. Mas os tempos eram propícios e, aos olhos dos romanos, não importa qual desconhecido valia mais que o demônio Caracala. Ora, Macrino recomendou ao Senado que elevasse seu imundo predecessor à dignidade de um deus.

Da parte de um assassino, se foi incompreensível vê-lo exaltar sua vítima, para a posteridade, foi ainda mais surpreendente verificar que o Senado obedeceu a essa singular' injunção. O crime de Macrino era um segredo de polichinelo e, sem nenhuma dúvida, criam os senadores melhor ocultá-lo aos olhos do mundo, elevando assim Caracala à dignidade de um deus!

Para um déspota, tenha sido tirano, ditador ou César, não há melhor meio, se procura apagar da memória dos homens um passado sobrecarregado e duvidoso, que pretender ou adquirir a glória militar. Desde o verão de 217 depois de J. C, o imperador Macrino entrou em guerra contra os partas. E, como por encanto, as dúvidas e o cepticismo que o exército e a população tinham nutrido a seu respeito se esmaeceram, apagaram-se logo.

Desgraçadamente, os retumbantes êxitos militares com que contava o imperador não se realizaram. Depois de haver conquistado algumas vitórias de pouca importância contra os mearistas partas, Macrino solicitou (não há outro termo) a paz ao rei Artaban, que muito contente ficou de vér-se livre da guerra a tão bom preço.

O imperador dirigiu-se então a Antióquia onde, saboreando as delícias de uma vida de prazeres e de festas, deleitava-se ao quente sol de sua glória e de sua recente dignidade. Consagrava muito tempo ao cuidado da barba. Caminhava a passos medidos e, por ocasião das audiências que concedia, sua voz afetada tinha um timbre tão surdo que era difícil compreender o que dizia.

Entretanto em Roma, após a morte de Caracala e o tratado de paz com os partas, teve o povo a alegria de viver um ano de calma e de tranqüilidade. (Herodiano). Em compensação, as legiões começavam a desprezar seu novo chefe. Após a vitória das armas, o tratado de paz com os partas era tão penoso e vergonhoso que os soldados tiveram a impressão de serem os vencidos.

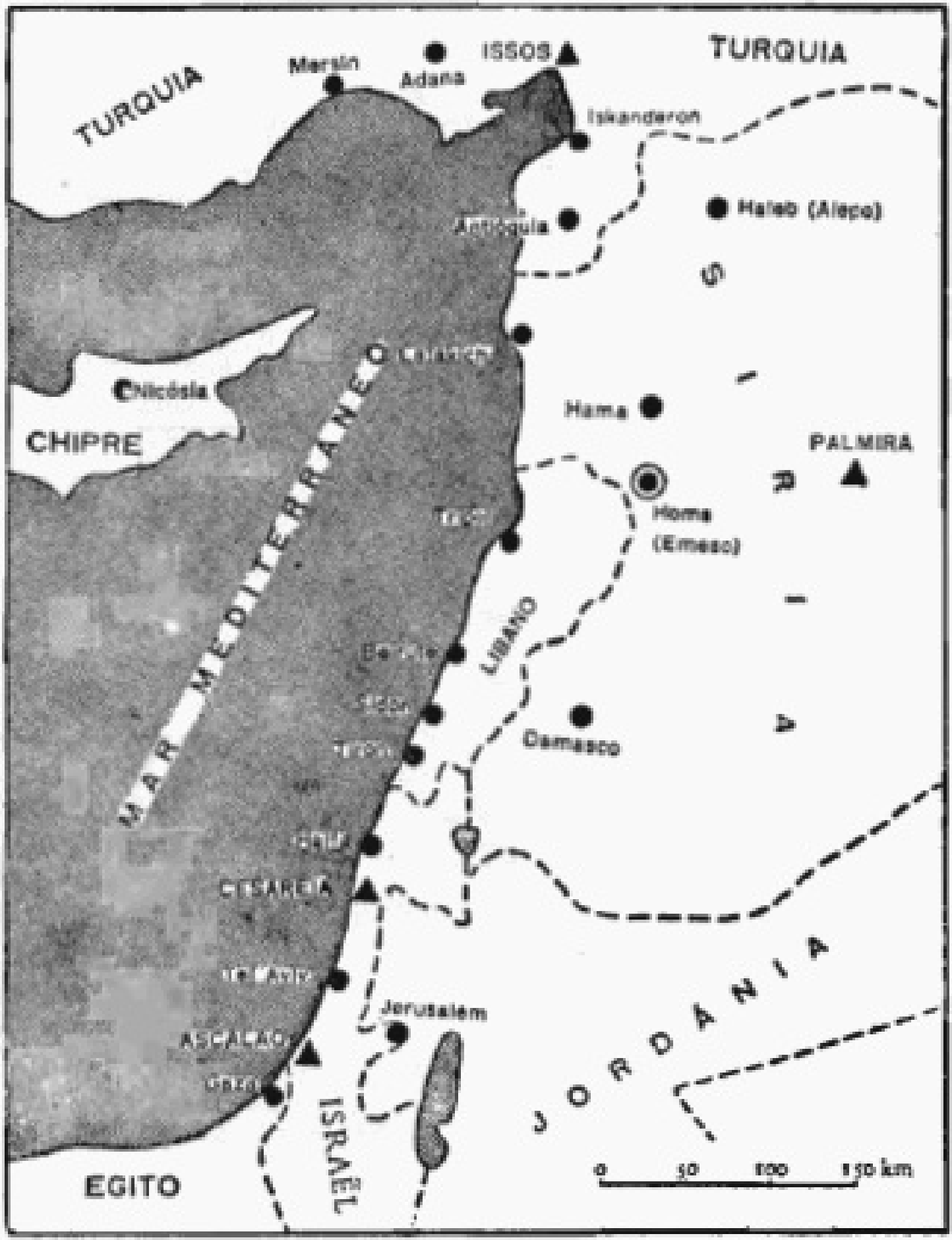
Macrino, suprema ironia, prometera a Artaban fortes somas de dinheiro para indenizá-lo dos estragos e devastações cometidos pelas tropas. Quando o imperador deu a conhecer seu projeto de baixar o montante do soldo, os legionários romanos, exasperados, começaram a fazer ameaças. Tomou corpo a idéia de suprimir o imperador.

Ora, a dinastia dos Severos não estava extinta. Afastados do poder, os membros dessa família não quiseram deixar-se arrebatar, por intrusos que a ele não tinham direito, o honrado nome de Antonino. Júlia Mesa, a irmã de Júlia Domna, a esposa de Sétimo Severo, tinha duas filhas, Sêmis e Maméia. Ambas tinham um filho: Sêmis deu à luz Vário Avito, e Maméia Alexandre. Toda a família vivia em Émeso, à margem do Oronte, na Síria, seu país de origem. Em nossos dias, Émeso chama-se Homs. Os habitantes de Émeso adoravam o Sol, Heliogábalo (Baal), sob a forma duma pedra negra cênica que se dizia ter caído do céu. O filho de Sêmis era grão-sacerdote de Heliogábalo (Elagábalo).

Júlia Domna, sabe-se, era a filha dum grão-sacerdote de Heliogábalo, e Vário Avito, o filho de Sêmis, exerceu, desde os catorze anos, a mesma função. A família estava estreitamente associada ao culto de Baal.

Vário Avito era, pois, o filho legítimo do sírio Vário Marcelo e de Sêmis. Aproveitando-se das perturbações e das desordens, Júlia Mesa, a astuta e matreira avó, declarou que Vário Avito era o filho ilegítimo de Caracalal Descendia, pois, segundo essa revelação, em linha direta da casa dos Severos! E só um Severo, digno de trazer o nome de Antonino, podia

ser eleito imperador.
Pôde-se verificar que, aos olhos de Júlia Mesa, a reputação de sua filha tinha importância bem secundária em relação com a aspiração ao trono de seu neto. E Sêmis, na esperança de ver seu filho reinar em Roma, não hesitou, diante do povo, em expor-se ao escândalo e à vergonha. Conseguiram as duas mulheres, à força de persuasão, convencer os romanos que o jovem grão-sacerdote era, com efeito, o bastardo de Caracala. Lembremos que naquela época, eram os Antoninos venerados como deuses. O novo Antonino não tardou em receber as homenagens e os testemunhos honoríficos das cidades do império romano.
Júlia Mesa, a avó, já o dissemos, era não somente bastante rica, mas também matreira, astuta e inteligente. Sêmis, sua filha, era sobretudo ambiciosa, corajosa, de certo, e sutil. Avito, seu filho, adolescente efeminado, gastava sem conta. De belo aspecto físico, dotado, o jovem sacerdote era adorado pelos soldados e seu templo nunca estava vazio. Avito, pretenso filho legítimo de Caracala, foi proclamado imperador. De novo, ficou ameaçada a existência de Macrino. Em Ime, perto de Antióquia, travou-se a luta entre o exército de Macrino e os partidários de Avito. O exército de Avito, incapaz de sustentar o combate, foi derrotado. Mas Sêmis e Mesa, chorando e gritando, saltaram de seu carro e impediram que os fujões abandonassem a batalha, que se reacendeu com ardor. Quando Macrino compreendeu que o inimigo estava decidido a resistir, pôs-se em fuga em companhia de seu filho Diadumeniano. Ficou provado que o exército mais medíocre pode conquistar a vitória, se o adversário é ainda mais covarde do que ele! Detidos em Calcedônia (Bósforo), foram Macrino e seu filho assassinados durante sua transferência para Antióquia. Entrementes, Mesa, distribuindo com prodigalidade dons e favores, conquistara para sua casa os legionários de Macrino. Notemos que, na história romana, foi Macrino o primeiro imperador que, no decorrer de seu reinado, nunca residiu em Roma.



Na Antigüidade, era Émeso célebre pelo seu templo consagrado a Heliogábalo, 'deus do Sol,

adorado sob a forma duma pedra negra cônica que se dizia ter caído do céu. O imperador "Vário Avisto, que se fazia chamar Heliogábalo, foi grão-sacerdote do Sol desde a idade de catorze anos.

O belo adolescente, grão-sacerdote do culto do Sol, tornou-se o senhor incontestado de Roma. Em honra ao deus que adorava, foi chamado mais tarde Heliogábalo (Elagábalo). Mas Heliogábalo, o magnífico Adônis, foi também o monstro mais cruel que haja ocupado o trono do Império. Por seus vícios abjetos e suas invenções dementes, avantajou-se de cem côvados ao satânico Nero!

Quando no Senado leu-se a mensagem anunciando a nomeação de Heliogábalo imperador dos romanos, houve, como sempre em semelhante circunstância, uma explosão de alegria e barulhentas manifestações de entusiasmo. Cantava-se os louvores de Heliogábalo, amaldiçoando-se Macrino e seu filho. Para familiarizar os romanos com sua figura e seu porte orientais, enviara Heliogábalo a Roma seu retrato em tamanho natural, representando-o vestido com seu traje sacerdotal. O quadro foi exposto no Senado, ao lado da estátua da Vitória. Na primavera do ano de 219, fez Heliogábalo sua entrada solene em Roma. Vestido com roupas dum luxo inaudito, pintado como uma moça, os olhos brilhando com um clarão singular (devido ao emprego de essências), um colar de pérolas em torno do pescoço e a fronte cingida por um diadema de diamantes refulgentes, tomou posse da cidade o soberano oriental. A avó e a mãe, sentadas a seus lados, como em êxtase no seu amor e na sua admiração pelo belo adolescente, estavam entretanto inquietas, porque não ignoravam que lhes seria preciso dirigir e disciplinar o instrumento, insubmisso e indócil, de suas ambições desmedidas!

Roma foi teatro de cenas dum fausto nunca visto. Sobre um carro, o aerólito sagrado, a famosa pedra negra de Émeso, foi apresentada à multidão por ocasião duma procissão de excepcional esplendor. O jovem sírio trouxera consigo o deus que adorava. Caminhava diante dos cavalos, às arrecuas, para não perder de vista o deus Heliogábalo, para o qual haviam erguido em Roma dois templos: um, sobre o Palatino, o outro nas proximidades da atual Porta Maior.

Tinha o jovem imperador a intenção de impor Heliogábalo como o deus oficial e principal dos romanos, o que iria presidir a todos os cultos reunidos, inclusive as religiões dos judeus e dos cristãos, que deviam, por assim dizer, pôr-se a serviço de Heliogábalo, deus único e universal!

O soberano oriental separou-se de Júlia Paula, sua jovem esposa. Os bustos que se possuem de Júlia Paula mostram-nos um rosto de admirável beleza, mas de expressão melancólica e um tanto obstinada.

Para revelar e ao mesmo tempo selar aos olhos do mundo a união, o casamento divino dos deuses orientais e dos deuses romanos, escolheu o jovem imperador como esposa uma vestal, Aquília Severa, que, por conseqüência, era obrigada por juramento a viver em castidade absoluta.

Decretou que uma união entre um grão-sacerdote e uma sacerdotisa era não somente bem adequada, mas sagrada, e que os filhos provenientes de tal casamento possuíam todas as possibilidades de assemelhar-se aos deuses. Foi o primeiro escândalo que o imperador

ofereceu em pasto ao romanos e que provocou grande descontentamento na população inteira. Divorciou-se, aliás, da vestal pouco tempo depois de havê-la desposado. Por sua ordem, a efígie de Tanit, a Celeste, a divina deusa de Cartago, foi transferida para o templo de Heliogábalo.

Parece que a Celeste foi então venerada como uma Magna Mater. Seu culto comportava ritos mágicos e orgíacos, associados a sacrifícios de crianças. Heliogábalo quis não somente abolir os cultos romanos consagrados, mas esperava obrigar o mundo inteiro a adorar seu deus. Por ocasião de cerimônias oficiais, ao som dos címbalos e dos tamborins, executava o imperador passos de dança em redor dos altares, enquanto sírias cantavam melopéias orientais.

Pasmados diante do fausto desse culto, à vista do aerólito, a pedra divina caída do céu, fascinados pelos ritos orientais rutilantes de cures do imperador-sacerdote, estavam os romanos maravilhados, embriagados de eflúvios de incenso e de música desconhecida.

Quem era, afinal, esse deus que Heliogábalo adorava? Eram, antes de tudo, os prazeres sexuais, as crises de histeria, a depravação e o vício. Em toda a península, ordenava Heliogábalo que se arrebatassem a seus pais os mais belos filhos da aristocracia para oferecê-los em sacrifício a seu deus. As ciências secretas e mágicas deviam servi-lo; os feiticeiros e os magos lhe ofereceriam em holocausto as mais belas vítimas. O povo recebeu freqüentemente dons. O imperador não distribuía nem dinheiro nem ouro, mas gado bem gordo, cabelos, asnos e escravos.

— Que significam, pois, essas práticas? — perguntou-se por fim ao tirano.

— Dessa maneira é que devem agir os verdadeiros imperadores!

— replicava, não sem orgulho, Heliogábalo.

E MORRERAM SUFOCADOS SOB AS FLORES

> Na sala de banquete, tinha mandado Heliogábalo preparar um forro reversível. A dado sinal, massas de violetas, de flores de toda a espécie caíram sobre os convivas, cobrindo-os de tal dilúvio odorífero que alguns, enterrados sob o alude, pereceram sufocados, não tendo conseguido respirar livremente.
>
> A. LAMPRÍDIO, "Antonius Heliogabalus", livro XXI.

Imperador aos catorze anos, Heliogábalo iria morrer aos 18. No palácio imperial, levava-se vida grande. Mandara construir nele termas abertas ao público, não, é claro, preocupado com a saúde do povo, mas simplesmente para ter ao alcance da mão vítimas já prontas que serviam às suas estroinices extravagantes e à sua loucura.

Tinha o imperador permanentemente a seu lado, um atleta, um gigante de Esmirna, cujo pai era cozinheiro. Chamava-se Aurélio Zotico esse gladiador e se se precisa que, em alemão, a palavra Zote designa o que é obsceno, equívoco, licencioso, poder-se-ia facilmente imaginar quem fosse aquele belo herói!

Sua Majestade o imperador Heliogábalo, depois de ter feito entrar em Roma Aurélio Zotico, em meio de faustoso cortejo, nomeou-o primeiro gentil-homem da câmara e escancarou-

lhe as portas de seu palácio todo refulgente. Ao avistar o célebre gladiador, o imperador, dum salto, levantou-se, de cabeça pendida e olhos baixos, corando como uma donzela. Zotico não se constrangia em explorar a predileção vergonhosa que Heliogábalo revelava pela sua pessoa. Traficava favores e petições, adquirindo dessa maneira uma fortuna considerável. Em boa e devida forma, na presença da "mãe da noiva", fez Heliogábalo celebrar seu casamento com Zotico! Nomeou Heliogábalo prefeito do pretório um dançarino; escolheu para prefeito da guarda um condutor de carros e um cabeleireiro chamado Cláudio ganhou o cargo de prefeito do abastecimento de cereais. Tem-se vergonha em escrevê-lo, mas esses homens só conseguiram esses altos cargos graças à sua depravação.

"Heliogábalo reuniu em torno de si os seres mais imundos e mais tarados da terra", relata Aurélio Vitor. Como principais coletores dos impostos (sobre as sucessões) nomeou o imperador um arrieiro, um cursor, um cozinheiro e um ferreiro. Mas quando o adolescente, mole e covarde, tinha de ir ao campo militar ou ao Senado, fazia-se acompanhar por sua avó, porque, sem ela, não conseguia impor-se ao mínimo respeito! Até então, jamais uma mulher pusera os pés no Senado.

Maméia, a irmã de Sêmis, diante da deficiência de Heliogábalo, incapaz de governar sozinho, fizera eleger co-imperador o seu filho Alexandre. Primo de Heliogábalo, era Alexandre um rapaz trabalhador e inteligente. Adorado pelos soldados, tinha-o o Senado em grande estima. Pressentindo que a opinião pública pendia a favor de Alexandre, tornou-se Heliogábalo sombrio e desconfiado. Consciente do perigo de que estava sua pessoa ameaçada, contratou mercenários para suprimir seu primo. Se os pretorianos, com efeito, ocuparam o palácio, não foi para matar Alexandre, mas para protegê-lo.

Louco de angústia, com o coração em ponto de rebentar, aguardava Heliogábalo impacientemente a notícia do assassinato de Alexandre. Entretanto, quando ouviu os passos pesados dos soldados, foi tomado dum medo atroz. Escondeu-se no seu quarto, por trás duma cortina, e graças unicamente à intervenção do prefeito do pretório teve a vida salva. Mau grado isto, Heliogábalo não abandonou a idéia de fazer desaparecer seu primo. Pressentia que o Senado inteiro estava do lado de Alexandre e houve por bem ordenar que os senadores deixassem Roma imediatamente.

Ora, o senador Sabino, homem corajoso, ficou na capital. O imperador encarregou um centurião de suprimi-lo, mas Sabino teve a sorte a seu favor: o centurião era surdo. Por ocasião dos mesmos acontecimentos, o célebre jurisconsulto Ulpiano esteve igualmente em perigo de morte.

O imperador gostava dos banquetes, do vinho, das flores e do incenso. Cada festa estivai era consagrada a uma cor determinada: verde, rosa, violeta, azul. Votava-se a uma cor escolhida cada um dos resplendentes dias de verão. O perfume dos vinhos valorizava-se por meio dos aromas mais sutis. O gosto do vinho rosado via-se melhorado graças à essência de pinha. Os soalhos das salas de festa desapareciam sob rosas, lírios, violetas e narcisos.

Na sala do banquete, mandara Heliogábalo preparar um forro reversível. A dado sinal, massas de violetas e de flores de toda a espécie caíam sobre os convivas, cobrindo-os de tal dilúvio odorífero que alguns, enterrados sob o alude, pereceram sufocados, não tendo

conseguido escapar para o ar livre. A água da piscina em que Heliogábalo se recreava era perfumada com essência de rosas; e oferecia a seus favoritos bacias cheias dessa água na qual tomara seu banho. Quando se dirigia às termas, cercado de sua corte, mandava distribuir óleos raros e preciosos. Mandou construir, em lugares afastados da costa, onde não era possível levar a água do mar, piscinas que oferecia a seus amigos. Desejoso de contemplar uma montanha coberta de neve, exigiu um dia que lha trouxessem, de países longínquos, em imensas tinas!

Nos seus aposentos, os coxins e as almofadas deviam ser estofados com peles de coelho e penas de peru. Saturado de perfumes, o imperador estendia-se sobre seu leito juncado de flores. Um dia, fez servir, durante um banquete, seiscentas cabeças de cegonha de que só saboreava os miolos. Noutras ocasiões, exigia vinte e duas travessas de carnes raras. Entre os serviços, os convivas, em companhia das cortesãs, partilhavam de seu banho e lhe afirmavam sem cessar a imensa alegria que lhes causavam os ágapes.

Sua Majestade colecionava também os réptis e sentia grande alegria em soltá-los à noite, quando o povo estava reunido nos jogos. No pânico geral que se seguia, numerosos cidadãos eram pisados ou feridos.

Um dia, atrelava leões ao seu carro. Noutro, atrelava tigres ou elefantes e vestia trajes apropriados em honra da divindade a que esses animais pertenciam. Criava áspides, víboras do Egito, hipopótamos, crocodilos e um rinoceronte. Um dia, fartou-se de seu zoo. Mandou então "capturar" as mais belas moças de Roma que atrelou nuas, às duas e às quatro, a um carro que conduzia pelas ruas da cidade.

Irreconhecível sob um disfarce e coberto por uma peruca, freqüentava Heliogábalo as espeluncas mais infames. Às vezes, acocorado na soleiia duma das peças de seus aposentos, puxava, à passagem dum cortesão, as cortinas pregadas sobre anéis de ouro e, com uma voz adocicada, lânguida e cheia de sedução, interpelava o passante.

Efeminado, o imperador gostava de fiar lã; usava uma retícula nos cabelos, pintava as pálpebras com alvaiade e carmim. Depilava a barba.

Heliogábalo era incapaz de manter-se em repouso, numa atitude calma e tranqüila e, não somente quando andava, mas no templo, durante os sacrifícios ou por ocasião de suas audiências ou de seus discursos, saltitava, balançava-se e dançava sem cessar.

Ornado duma túnica verde, exibia-se também no papel de condutor de carro, designando como árbitros seus guardas de corpo, sua avó e suas numerosas concubinas. Como um autêntico condutor de carro, mendigava o imperador, com profundas reverências, peças de ouro dos oficiais e dos árbitros. Dotado duma linda voz, cantava agradavelmente e tocava flauta, trompa, um instrumento de três cordas e órgão. Dizem que foi ò primeiro romano a vestir-se unicamente de seda, que apreciava acima de tudo. Possuía uma túnica de ouro, uma cor de púrpura e uma túnica persa bordada de pedras preciosas, tão pesada que se queixava muitas vezes ao andar com ela. Até sapatos tinha éle encrustados de jóias e cingia-lhe a fronte um diadema destinado a realçar a feminina beleza de seu rosto de traços puros.

No teatro, ria ruidosamente, com tais explosões que os espectadores não podiam ouvir os atores. Mandava reunir, num edifício público, as mulheres públicas de Roma para dirigir-lhes discursos grosseiros e obscenos.

Quando, durante uma bacanal, seus amigos, embriagados estavam adormecidos, fechava as portas e apagava as luzes para introduzir na sala leões, leopardos e ursos. Domados, eram esses animais inofensivos, porque lhes haviam arrancado os dentes. Heliogábalo não queria que seus amigos perecessem; desejava somente fazer-lhes medo. Conseguia-o tão bem que alguns, aterrorizados, morriam duma crise cardíaca. Foi Heliogábalo o inventor do colchão pneumático. No decurso dos banquetes, eram os escravos encarregados de esvaziar os colchões para fazer os convivas rolarem para baixo da mesa!

Tinha a seu serviço artesãos que, na cera, na madeira, no marfim, na argila, no mármore ou na pedra, imitavam, a ponto de provocar engano, certas comidas. Durante as refeições, mandava servir a seus convidados esses admiráveis simulacros. Um dia, encomendou a seus escravos, prometendo-lhes miríficas recompensas, mil libras de teias de aranha. Quando lhe apresentaram dez mil libras desse frágil material, declarou muito simplesmente que isso provava que Roma era uma grandíssima cidade!

A seus amigos, oferecia caixas cheias de râs, de escorpiões, de serpentes ou de moscas. Pela soma de cem mil sestércios, comprou uma prostituta de grande beleza que entretinha, sem tocá-la, como "donzela" No porto, mandava afundar navios carregados de mercadorias, afirmando que assim provava a grandeza de sua alma.

Era de noite que Heliogábalo executava o trabalho que lhe incumbia como imperador e levantava-se muito tarde pela manhã. Raramente seus cortesãos o deixavam, após uma audiência, sem ter recebido suntuosos presentes. Somente aqueles que tinham reputação de economia voltavam de mãos vazias, porque Sua Majestade detestava as pessoas previdentes e parcimoniosas.

Tendo os padres sírios predito a Heliogábalo uma morte violenta, mandou trançar, para se enforcar, cordas vermelhas; temperaram-se espadas de ouro para que com elas traspassasse o coração e estavam à sua disposição todas as espécies de veneno. Ordenou mesmo que se construísse uma elevada torre para que pudesse, em caso de extrema urgência, precipitar-se no vácuo. Mas os soldados e, antes de tudo, os pretorianos, não lhe permitiram que atentasse contra seus dias. Heliogábalo projetou novo atentado contra a vida de seu primo. Mas, como da primeira vez, só conseguiu o imperador provocar a cólera de sua guarda. No derradeiro minuto, seguido de sua mãe e, para salvar sua vida, em companhia da mãe de Alexandre e de seu primo, apareceu no acampamento dos pretorianos e tentou acalmar os soldados.

Os pretorianos não tiravam os olhos de cima dele. Como uma fera apanhada na armadilha, estava ali, exposto aos olhares que o espiavam. A cena, trágica, tornou-se então burlesca. As duas mães, encolerizadas, discutiam violentamente, porque cada qual desejava o trono para seu próprio filho. A atmosfera pesada de ameaça ficou em breve supersaturada de ódio. Heliogábalo tentou fugir e, refugiado com sua mãe numa latrina, encontraram-nos abraçados estreitamente. Os soldados cortaram-lhes a cabeça e despojaram os dois de suas vestes. A multidão arrastou os corpos mutilados e nus pelas ruas de Roma e pelas pedras das calçadas até a ponte Emiliana. Depois, bem lastreados para que os cadáveres não pudessem emergir, precipitaram-nos no Tibre.

Assim acabou, aos dezoito anos, o demente coroado, a respeito ' de quem escreveu o historiador romano Lamprídio: "Sua existência foi tão paradoxal quanto o foi seu nome".

ALEXANDRE SEVERO

O FAVORITO DOS ROMANOS

> Alexandre Severo, jovem sírio, de dezessete anos de idade, tinha olhos que esplendiam maravilhoso brilho. Menino sensato e dócil, obedecia à sua mãe que se ocupava ativamente com os negócios do Estado. O adolescente queria construir um templo à glória do Cristo e incorporar seu culto ao dos deuses romanos. Dizem que Adriano tivera a mesma ambição.
>
> LAMPRÍDIO, "Alexandre Severo", cap. XLIII.

Após o assassinato do extravagante Heliogábalo, consideravam os romanos a pessoa de seu primo Alexandre como um dom dos deuses. Estava-se no ano de 222 depois de J. C, o ano de 975 da fundação de Roma. Naquele tempo, acreditava-se tenazmente nos milagres, nas revelações sobrenaturais e nas manifestações divinas. Quando um novo imperador assumia o poder, via-se nisso um sinal dos deuses. Dizia-se que, por ocasião do nascimento de Alexandre Severo, uma estrela cintilante aparecera no céu da Síria, parada acima da casa dele. Deve-se verificar aqui, sem dúvida, a influência da doutrina cristã, que exaltava o rei do mundo e sua estréia. É que a idéia dum sinal divino que, no céu, velava sobre o berço do Eleito, impressionara os espíritos.

Os pretorianos elevaram ao trono o adolescente que mal atingia os catorze anos. Imperador, recebeu os nomes de Marco Aurélio, Alexandre Severo. Foi-lhe proposto como modelo Alexandre, o Grande e o Senado cumulou-o de honras e títulos. Ora, na verdade, foram as sírias, Maméia, a mãe, e Mesa, a avó, que mantiveram as rédeas do governo. Mesa morreu pouco tempo depois da ascensão de Alexandre ao trono e foi Maméia, mulher inteligente, mas ávida das riquezas e das honras deste mundo, quem subjugou seu filho e, desta maneira, reinou sobre o Império. Criou um conselho de Estado permanente, composto de dezesseis senadores dignos e competentes. Nomeou presidente do conselho de Estado o jurisconsulto Ulpiano que, já nas suas atribuições de prefeito do pretório, exerceu ao mesmo tempo a suprema justiça imperial.

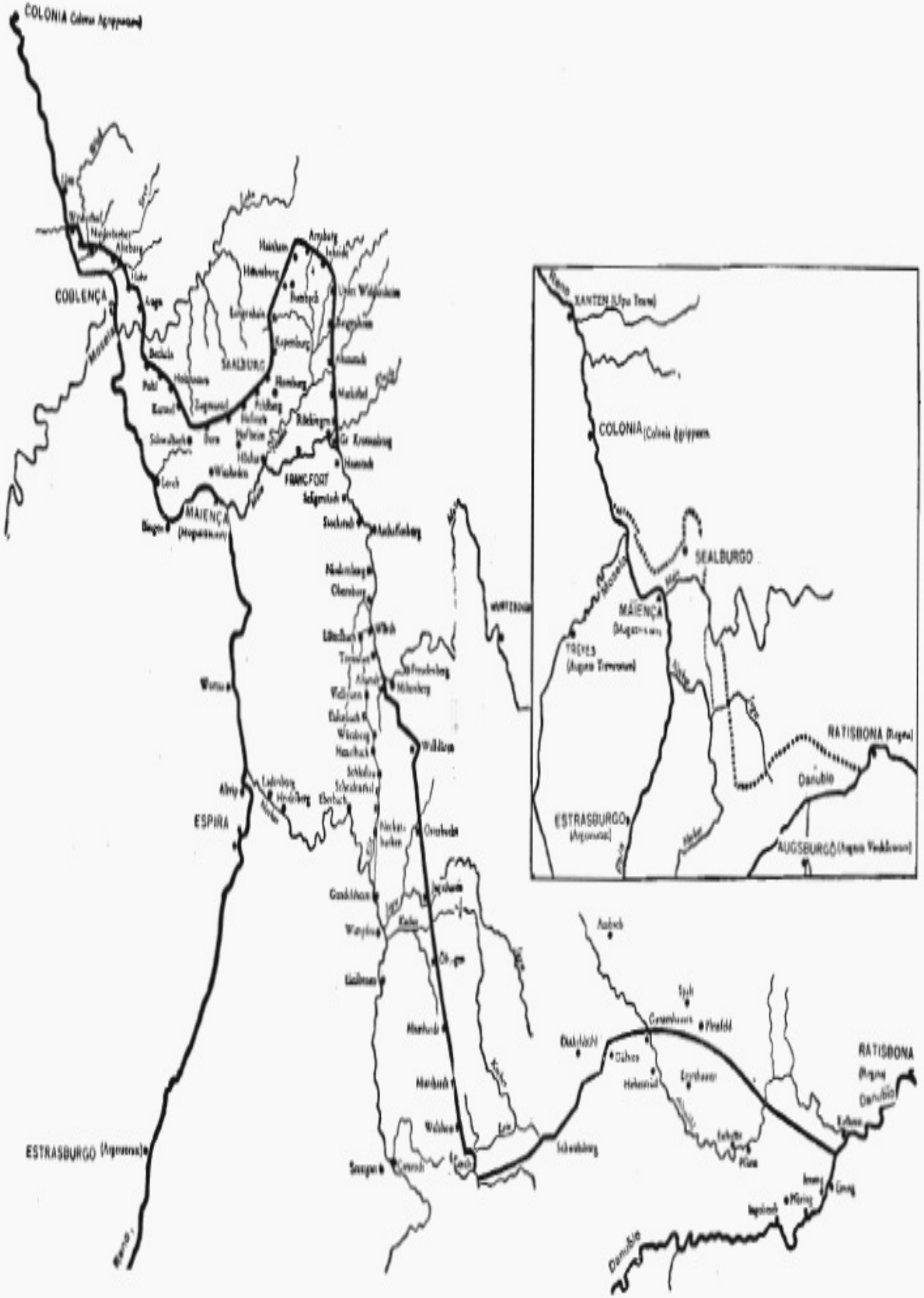
Maméia não tinha em vista o título de imperatriz, mas egéria, desejava reinar de maneira efetiva, à sombra do filho. Naquele império anarquizado e ao abandono, queria restabelecer a ordem.

Para consegui-lo, era preciso que fosse ela a única a dirigir a inteligência de seu filho. Perto dele, não tolerava nenhuma outra mulher. Quando Alexandre desposou a filha de um patrício (que Maméia havia escolhido), foi então sua felicidade de curta duração.

O Senado conferiu ao sogro de Alexandre o título de César. Mas quando este último quis agir de conformidade com as atribuições de seu título, foi simplesmente executado sob a acusação de alta traição. A infeliz esposa (chamava-se Mêmia ou Herência Orbiana), expulsa dc palácio por sua sogra, foi banida para a África. Alexandre, no entanto, amava-a ternamente!

Ê verdade que, com o apoio dos preceptores mais eminentes da época, logrou Maméia modelar o melhor que pôde o caráter caprichoso e fraco de seu filho. Na verdade, seus pacientes esforços viram-se coroados de êxito. Se Alexandre não teve, na origem, um

temperamento duma força normal e duma firmeza média, sua honestidade visceral, sua probidade, seu amor à ordem e o afeto, sem nenhuma falha, que dedicava à sua mãe, fizeram dele uma criatura de escol. De certo, o jovem soberano, honrado e louvado como um deus pelos romanos, não gostava de tomar decisões, nem agir sob sua única responsabilidade. Manso como os zéfiros do Líbano, sua terra natal, só agia sob obrigação do dever. Com a condição expressa de consultar sua mãe, nunca se furtava a nenhuma decisão. Jamais ousava contrariá-la; ela dominava-o totalmente. Por esta razão, o povo romano conferiu à mãe o título supremo e bem pretensioso de "mãe da Pátria", o que significava então "mãe da Humanidade"!


COLONIA Colonia Agrippinensis
COBLENÇA
MAIENÇA
ESPIRA
ESTRASBURGO
SEALBURGO
FRANCFORT
RATISBONA
AUGSBURGO
XANTEN
TREYES
Danubio

Os olhos de Alexandre eram belos e brilhantes e dizem que poucas criaturas podiam suportar-lhe o olhar. De boa memória, atribuíam-lhe o dom de saber ler os pensamentos dos outros. Astrólogo eminente, autorizou os caldeus a se reinstalarem em
Roma. Estavam banidos da capital, desde o ano de 139 antes de J. C.
Sob o reinado de Alexandre Severo, puderam trabalhar em Roma com toda a liberdade. Acreditava-se, naqueles tempos, que as criaturas capazes de predizer o futuro eram da maior utilidade para o Estado.
O imperador estudava geometria, pintava e cantava. Mas, contrariamente a Nero e Heliogábalo, só cantava em particular, diante de seus escravos. Os historiadores romanos atribuíram ao imperador venerado numerosos talentos e faculdades que foram provavelmente obra de sua imaginação, talvez porque se sentissem felizes por ter aquele sábio sobrevivido a Heliogábalo, porém mais simplesmente sem dúvida para exprimir a admiração e a estima que sentiam pelo imperador. Sírio de nascimento, queria sem cessar mascarar e fazer esquecer sua origem estrangeira. Seu comportamento foi menos "orientaF que o de Heliogábalo. Desejoso de ser, a todo preço, considerado como um romano, encolerizava-se quando os habitantes de Antióquia e de Alexandria o chamavam, mesmo por brincadeira, o "sacerdote sírio".
Todos os dias, o imperador, ao romper do dia, dirigia-se ao templo. Se Lamprídio disse a verdade, Alexandre Severo venerava não só os deuses romanos e os imperadores divinizados, mas também a Apblônio de Tiana.
Esse grande taumaturgo, admirável pregador, que viajou muito, viveu no 1.° século depois de J. C.. É apresentado pela lenda, ora como um feiticeiro, ora como um ser divino. Júlia Domna, admiradora de Apolônio, encarregou Filostrato, o reitor grego, de escrever uma biografia de Apolônio que, embora demasiado romanceada, parece em parte urna espécie de imitação do Novo Testamento.
Pretende-se que Alexandre Severo teve a intenção de edificar um templo para nele venerar o Cristo. Emprestou-se o mesmo desejo a Adriano, que construíra vários templos sem deuses. Os conselheiros de Alexandre advertiram-no contra tal projeto. Na opinião deles, era perigoso construir um templo para o Deus dos cristãos porque, dessa maneira, todos os homens corriam o risco de se tornar cristãos.
O imperador concedeu aos judeus a liberdade de exercer seu culto. Foi proibido perseguir os cristãos. Júlia Maméia convidou o grande apologista Orígenes de Alexandria, um dos Padres da Igreja, para pregar sermões no palácio. Por outra parte, Júlio Africano, historiador cristão, dedicou sua obra a seu amigo Alexandre Severo.
De manhã bem cedo, montava o imperador a cavalo, ia à caça ou à pesca, ou passeava simplesmente a pé. Depois ocupava-se com os negócios de Estado e ninguém nessa ocupação o surpreendeu nervoso, desagradável ou irritado. Em seguida, lia obras consagradas à vida de Alexandre, o Grande. Estudava Platão, cuja "REPÚBLICA" era sua leitura predileta, bem como Cícero e Horácio. Praticava os esportes, de preferência a natação, e fazia ungir seu corpo com essências raras. Depois do banho, uma rápida refeição, composta de leite, de pão e de ovos, permitia-lhe muitas vezes abster-se de almoçar. À tarde, ocupava-se primeiro com a correspondência com seus secretários, depois recebia seus amigos e outros solicitantes. Ulpiano, o jurisconsulto, assistia aos

colóquios importantes. Sóbrio, o imperador bebia muita água fresca; e no verão, cortava seu vinho com suco de rosas. O gosto bastante pronunciado que tinha Alexandre pela essência de rosa foi, na verdade, seu único traço comum com seu primo Heliogábalo. Desde o começo de seu reinado, os indivíduos duvidosos aos quais Heliogábalo confiara altas funções, foram demitidos de seus cargos.

Os dançarinos, os homossexuais prostituídos, os novos-ricos grosseiros e incultos foram eliminados do Senado, do exército e do pessoal do palácio. O imperador despediu os eunucos, que ofereceu como escravos a damas da burguesia ou a seus amigos.

Na sua opinião, nem os homens nem as mulheres da nobreza deviam tolerar aquele "terceiro sexo". Se Heliogábalo não passou de um escravo dos eunucos, ordenou Alexandre:

— Se esses ociosos não querem trabalhar, tem o homem o direito de suprimi-los sem julgamento prévio.

Os anões, os loucos, os cantores de vozes de soprano, os bufões e os momos foram declarados propriedades do Estado. O Estado tomou também a seu cargo as mulheres de maus costumes.

Quanto aos juizes facilmente corruptíveis, acabou para eles a traficância no emprego.

Clemente e tolerante comumente, o jovem imperador sabia ser severo e cruel para com os juizes corruptos. Quando Sétimo Arabiano, um jurista que confundia voluntariamente o teu e o meu, cruzou o imperador no Senado, Alexandre Severo, arrebatado, exclamou:

— Deuses do céu! esse Arabiano ainda está vivo?! E ousa pôr os pés aqui, no Senado?!

Não gostava o imperador de favorecer os homens à espera de prebendas, mas, pelo contrário, apelava, na provisão dos altos cargos, para os homens competentes e capazes, demasiado altivos para solicitar um favoritismo qualquer. Os médicos, os técnicos e os sábios receberam cargos bem remunerados. O Estado concedeu empréstimos, sem juros, aos órfãos e filhos de famílias pobres. Sem acordo prévio do Senado, ninguém podia ser eleito senador e, como nos tempos antigos, o consentimento do Senado era necessário para a nomeação dum cônsul.

Quando Maméia exortou seu filho à severidade mais estrita, respondeu Alexandre que sua maneira de governar garantia tanto a segurança social quanto a estabilidade política. Trabalhador consciencioso, o jovem imperador, durante noites inteiras, examinava as listas dos oficiais e dos homens de seus exércitos para bem conhecer e medir suas aptidões, seus postos e seu soldo; anotava os nomes dos que mereciam promoção e elaborava projetos precisos e detalhados, referentes aos depósitos de armas e aos abastecimentos, para poupar a suas tropas cargas muito pesadas no decurso das campanhas. Dotava as expedições militares em terra estrangeira dum número largamente suficiente de animais vigorosos de carga e de tração. Alexandre Severo visitava os doentes e os feridos; e por ocasião de marchas forçadas, fazia transportar os doentes em carros. Confiavam-se os combatentes atingidos por ferimentos graves e deixados nas cidades atravessadas, aos cuidados vigilantes dos habitantes considerados como seguros e experimentados.

Quando projetava uma expedição, o imperador preparava-a minuciosamente de antemão. Prevenia seus legionários do dia e da hora da partida, como das distâncias que seria preciso percorrer. Em contraposição, não revelava nunca nem o objetivo, nem o plano da batalha, cuidoso de deixar o inimigo na ignorância de seus desígnios, e não queria permitir-

lhe que marcasse a mais ínfima vantagem. Os soldados adoravam seu jovem chefe. Tinham consciência da vigilância que ele lhes testemunhava. Bem uniformizados, acantonados nas melhores condições possíveis, eram admiravelmente equipados e armados. Seus puros-sangues eram velozes, seus arneses e selas perfeitamente equilibrados e concebidos. No conjunto, as legiões exibiam belo aspecto. Representavam orgulhosamente o poder e a glória de Roma.

Ora, na realidade, o exército romano, composto de homens originários de tantos países diferentes, não era, naquela época, um corpo homogêneo, capaz de resistir a todos os assaltos. Por outro lado, os predecessores de Alexandre haviam estragado demais, corrompido mesmo os soldados, que se revelavam diante do esforço, indolentes e caprichosos. Intenção louvável em si, teve Alexandre a idéia de estabelecer corpos de exército perto de suas guarnições como camponeses fronteiriços, em terras, aliás, que lhes foram dadas. No plano militar, teve esta medida conseqüências desastrosas, porque a atividade sedentária, o amor ao solo enfraqueciam a ranidez, a prontidão ao revide e o gosto pela profissão de soldados verdadeiros. De todas as partes do mundo, trouxe Alexandre a Roma todas as espécies de comerciantes, aos quais concedeu facilidades de negociar e sérias vantagens financeiras. Fixou em taxa razoável os impostos dos artífices, dos alfaiates, dos tecelões de linho, dos vidraceiros, dos ferreiros e dos ourives. Criou a corporação de ofício dos comerciantes de frutas e leçumes, do comércio vinícola e dos couros. Um dia, o povo reclamou uma baixa de preços e o imperador quis saber quais eram afinal as mercadorias demasiado caras. Os romanos responderam:

— A carne de boi e a carne de porco!

Alexandre Severo, em lugar de baixar os preços, promulgou um decreto proibindo o abate. Dois anos mais tarde, quando revogou o decreto, houve tal abundância de carne que pôde ser vendida a preços bastante moderados. O imperador preferia as simples togas de linho às ricas vestes de púrpura ou adamascados de ouro.

— Os fios de ouro endurecem os panos e seu contacto com a pele é desagradável — afirmava ele.

Usava faixas nas barrigas das pernas e calções brancos modelando as formas do corpo. Na coluna de Trajano, os calções compridos representavam os bárbaros; mas no 2.° século depois de J. C, as tropas romanas, estacionadas perto do Reno e na planície danubiana, usavam-nos. Sendo o clima mais frio do que na Itália, tinham-se os romanos acostumado a seu uso, a exemplo dos celtas, dos dácios e dos germanos. No 3.° século depois de J. C, o imperador também adotara o uso de calças.

Concebeu Alexandre Severo o projeto de fazer os funcionários da corte usarem uniformes de acordo com sua posição. Não se tratava de roupas militares, mas queria o imperador reconhecer ao primeiro olhar a quem se dirigia. Desejava vestir os escravos duma maneira particular, a fim de que não se tornasse fácil para eles misturarem-se com os homens livres. Ora, parece que os jurisconsultos Ulpiano e Paulo abrandaram os projetos de Alexandre. Objetaram-lhe, e com razão, que tal medida suscitaria profundo descontentamento. Por outra parte, os escravos, naquela época, eram menos numerosos do que no passado, porque, em virtude de razões puramente humanitárias, tendia-se a fazer deles homens livres.

"Segundo as leis da natureza, ensinou Ulpiano, todos os homens são iguais."
O imperador exigiu que os banhos dos homens e das mulheres fossem estritamente separados. Esta medida, outrora em vigor, fora abolida no reinado de Keliogábalo. Para evitar que as oitocentas termas públicas de Roma viesse a carecer de subsídios para sua manutenção, abandonou-lhes Alexandre o usufruto das florestas do Estado. Abastecia as termas com óleo de iluminação. Sabe-se que era possível tomar banhos de noite. No ano de 222 depois de J. C, mandou Alexandre construir em Roma o derradeiro aqueduto antigo. As medalhas do ano de 226 depois de J. G, algumas das quais trazem a imagem das termas, testemunham a que ponto era o banho coisa essencial e capital para os romanos.
Lcvava-se em Roma uma existência agradável. Os soldados amavam seu imperador, mas, seja que não os tenha coberto de ouro como seus predecessores, seja talvez também porque era equilibrado, justo e razoável, esse senhor, nobre e virtuoso, desconcertava-os ainda mais do que o fizera o vicioso Heliogábalo.
Ulpiano, prefeito do pretório, que, sem desfalecimentos, velava pela manutenção da justiça e da ordem, foi em breve considerado pela soldadesca como um sério adversário. Pretenderam os pretorianos que fizera ele massacrar Flaviano e Cresto para tomar o lugíir deles! Os espíritos exaltaram-se; foi mesmo uma revolta. Perseguido pelos pretorianos, refugiou-se Ulpiano no palácio imperial. A cena dramática que se desenrolou faz compreender a que ponto a própria existência do imperador era então ameaçada. A guarda lançou-se sobre Ulpiano e Alexandre, cobrindo com sua toga de púrpura os ombros de seu melhor amigo e conselheiro, tentou protegê-lo. Mas assassinaram o grande general ali mesmo à sua vista.
Revelou então o imperador a fraqueza de seu caráter. Não ousou entregar à justiça o instigador da desordem, um tal Epagato. Nomeou o assassino prefeito e mandou-o para o Egito e depois para Creta. Somente muito mais tarde, quando os pretorianos já se haviam esquecido até mesmo de que ele vivia, é que o fez citar em justiça e condenar à morte.

OS ALTOS FEITOS DE ARDASCHIR

"Não há potência sem exército, nem exército sem dinheiro, nem dinheiro sem agricultura, nem agricultura sem justiça", tais foram as palavras de Ardaschir, rei sassânida.

O trono de Roma, senhora do mundo, estava ocupado por um adolescente de coração generoso sobre o qual, doce e vigilante, velava sua mãe. Com toda a honestidade, com toda a sinceridade, Maméia e Alexandre desejavam evitar, durante seu reinado, toda efusão de sangue. No curso dos anos de 222 a 235 depois de J. C, brilhante como um fino raio de luz que vara o horizonte velado de nuvens, um apelo desconhecido, estranho ao caráter de Roma, penetrou o espírito do jovem Alexandre, Da boca dos judeus ou dos cristãos, deve ter ouvido estranhas palavras:

— Não faças a outrem, o que não queres que te façam a ti. Esta máxima de ouro, que se encontra nos Provérbios de Salomão, estava gravada numa parede do palácio do imperador pagão!

Um dia, soube Alexandre que um soldado maltratara uma pobre velha. O adolescente expulsou o legionário do exército e deu-o como escravo à velha e Charron, o antigo soldado, teve de ganhar também o sustento de sua senhora. Em contraposição, as tropas sentiram-se ultrajadas com a sentença. Ora, a todo momento e em todo lugar, prosseguia esse descontentamento e ameaçava o imperador. Um dia, teve de despedir uma legião inteira. Nos longos e fastidientos discursos de reprovação que lhes dirigia, chamava-os "cidadãos" e não mais "soldados".

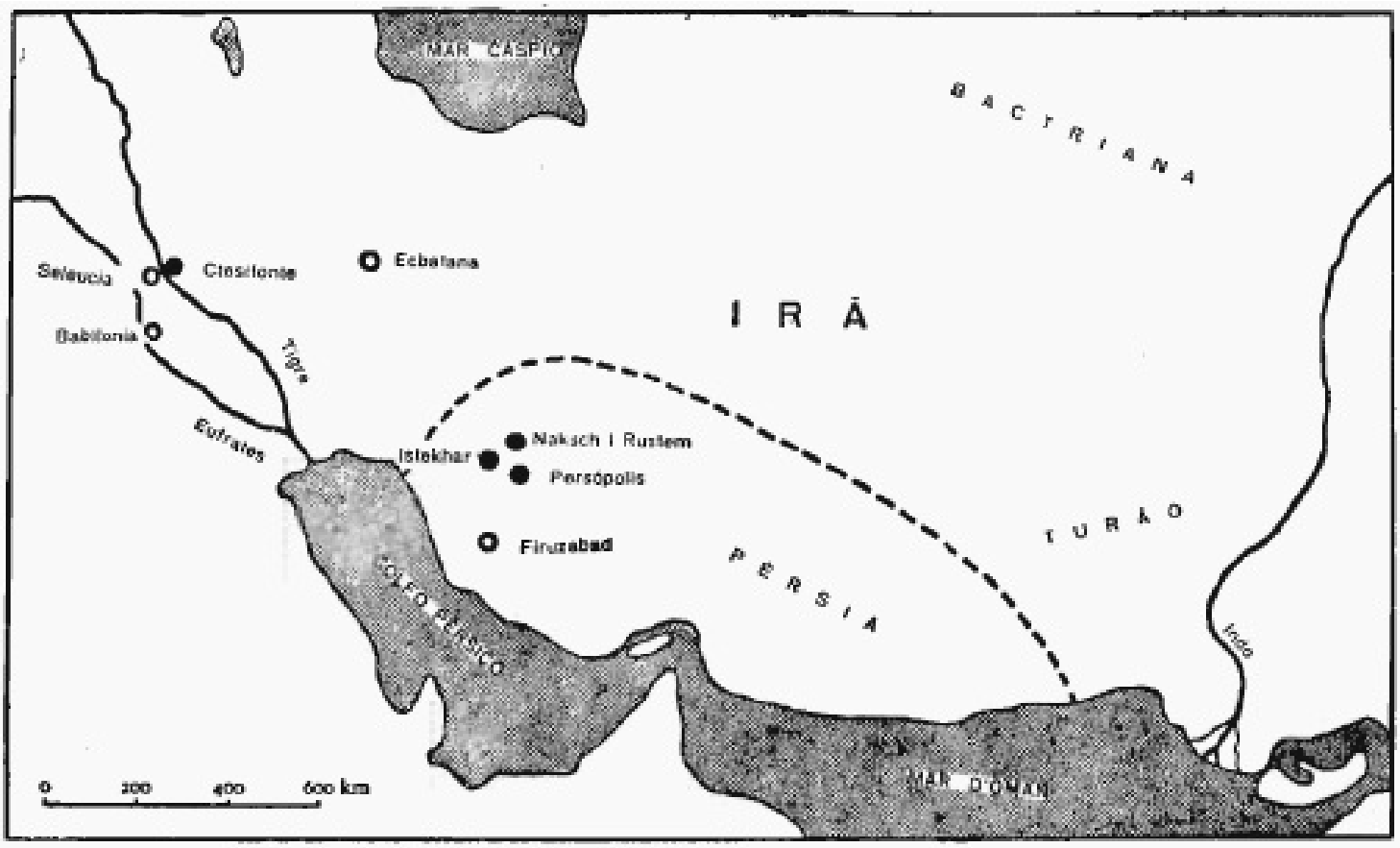
Muitas vezes, o imperador tomava suas refeições, com seus legionários, sob a tenda, partilhando do rancho comum. Se Alexandre oferecia a seus melhores pretorianos, escudos de prata, era capaz, como imperador, de viver como um simples soldado. Dizem que nunca sentia temor diante de seus legionários. "Se um soldado está bem trajado, suficientemente armado, convenientemente alojado, se sua barriga está cheia e seu cinturão guarnecido de moedas de prata, jamais será perigoso", tinha éle costume de dizer.

Eram os soldados efetivamente tão inofensivos quanto o pensava éle? Gibbon, o historiador inglês, escreveu na sua HISTÓRIA DA DECADÊNCIA E DA QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO:

"Desde o reinado de Augusto ao de Alexandre Severo, os inimigos de Roma estavam no seu próprio sangue: eram os tiranos e os soldados."

Pouco mais ou menos na mesma época em que Alexandre Severo foi eleito imperador de Roma, o Irã vasto planalto da Ásia, viveu uma das horas mais decisivas de sua história. Os romanos não compreenderam e não penetraram jamais a natureza e a importância dos acontecimentos que se desenrolavam na região situada entre a Mesopotâmia e a índia, o Mar Cáspio e o Golfo Pérsico. Embora nessa época tivesse a China empreendido o comércio da seda com o Irã e embaixadores e comerciantes romanos se tivessem aventurado algumas vezes até a China, para os nossos romanos, o alto platô, país dos partas, estava "do outro lado do mundo". Ora, na realidade, Roma havia deixado de representar aos olhos dos povos "a única senhora do mundo". E ao lado do império romano, outra potência mundial tomava impulso. A face do globo, com o império dos sassânidas,

devia adquirir como que um segundo olho. Outrora, ao lado da potência dos medas, foi a Pérsia uma província de pouca importância. Mas no ano de 550 antes de J. C, um príncipe inteligente e corajoso, filho da pequena província de Parsa, derrubou o grande rei meda, conquistou Ecbatana, capital da Média, e declarou-se rei dos reis. A dinastia de Ciro, os aquemênidas, manteve-se durante cerca de duzentos e vinte anos, até 331 antes de J. C. quando, de repente, Alexandre, o Grande, após a batalha de Guagameles, na planície do Tigre, conquistou o império persa. Sob o reinado dos Selêucidas, reis macedônios, o império persa declinou e à dinastia dos Selêucidas sucedeu outra, igualmente de origem estrangeira, os Arsácidas, família parta, descendente dos parnas, povo nômade que vivia perto do lago Arai. Os Arsácidas reinaram durante quinhentos anos. Depois, da mesma maneira que no ano de 550 antes de J. C, a pequena província de Parsa, na pessoa de um de seus filhos, jovem ardente e forte, derrubou em 226 depois de J. C, o grande rei. Um persa conquistou o vasto império, aboliu a dinastia estrangeira e fundou uma nova!



Em 550 antes de J. C, Ciro, originário da Pérsia, província do Irã> derrubou o grande rei do império meda, conquistou Ecbatana, capital do Irãs e fundou o império dos aquemênidas. Em Persépolis, encontram-se as ruínas grandiosas do palácio e dos túmulos dos aquemênidas. Essa dinastia reinou até 331 antes de J. C, quando Alexandre, o Grande, conquistou o império persa. Seguiu-se o reinado de quinhentos anos dos arsácidas, dinastia parta, isto é, não persa. No ano de 226 depois de J. C, o Irã foi reconquistado por um homem originário de Parsa. Ardaschir fundou a dianastia dos sassâmidas, cuja residência foi Istakhar. A nova capital foi Clesifonte onde residiram os poderosos reis Ardaschir e Sapor.

Por duas vezes, pois, em 550 antes de J. C. e em 226 depois de J. C, foi o Irã conquistado pela pequena província de Parsa. Ciro e Ardaschir tinham nascido no coração do Irão, a

antiga província de Parsa, hoje Fars, que constitui ainda a mais autêntica e mais característica do Irã. Em Parsa, berço dos grandes conquistadores Ciro, Dario e Xerxes, que, na época de Ardaschir, tinham desaparecido havia mais de setecentos anos, a tradição conservava-se viva. Lembravam-se da grande epopéia dos Aquemênidas e de suas tentativas para conquistar a Grécia e, com ela, a Europa. Ali, um homem sonhou com um império tal que o mundo jamais vira! Como muitos conquistadores, era Ardaschir de origem humilde e como em tantos outros casos semelhantes, provou-se mais tarde, com apoio de textos, de maneira precisa, que éle proviera duma família nobre! Ora, a referência que temos, mais categórica e mais importante, é-nos fornecida pelo historiador árabe Mohamed Tabary que, em 923, redigiu uma CRÔNICA UNIVERSAL, explicando o que se passara no ano de 914. Ardaschir era filho de Sassan, simples soldado, e da mulher dum tintureiro, chamado Babec. Alguns pretendem que Sassan era um alto dignitário de Istakhar, capital da província de Parsa. Pouco importa. Sassan, simples soldado (ou sacerdote) foi, pois, o fundador da dinastia dos Sassânidas. Naturalmente, os poetas e cronistas persas exaltaram, embelezaram e glorificaram as origens de Ardaschir. Provaram de maneira irrefutável que proviera ele duma família principesca, descendendo em linha direta dos grandes reis Ciro, Dario e Xerxes. Segundo suas afirmativas, o destino e o tempo, no decurso dos séculos, haviam rebaixado a dinastia real para fazer desses heróis simples mortais.

Fortalecido pelas suas origens nobres, estava Ardaschir convicto de ser e de encarnar o herdeiro legítimo da antiga monarquia. Revoltou-se contra Sapor, seu irmão mais velho, e tomou o título de rei de Parsa. Queria libertar seu povo do domínio dos partas e recolocar no trono do Irã a velha dinastia persa que, outrora, fora arruinada por Alexandre, o Grande. Após três batalhas decisivas, foram os partas vencidos. Durante o derradeiro combate, no ano de 227 depois de J. C, Artabão V, o grande rei, perdeu a vida. Seus descendentes só puderam fazer valer seus direitos na Armênia! Desde então, Ardaschir passou a ser chamado, como seus antepassados e seus sucessores, o Rei dos Reis.

Como outrora, após a vitória de Ciro sobre os medas, a cidade de Parsa, verdadeiro centro e coração do Irã> retomou, com o reinado de Ardaschir, seu poder e sua irradiação sobre o país. A velha religião de Zoroastro conheceu então uma espécie de renovação. Se, desde longos séculos, veneravam os iranianos Ormuzd (Ahuramazda), o deus supremo, Ahriman, o princípio do Mal, e o profeta Zoroastro, numerosos altares haviam-se derrocado, as lâmpadas estavam extintas e os magos e os sacerdotes tinham perdido todo o poder.

Ardaschir instalou o mazdeismo como religião do Estado e conferiu de novo aos magos a dignidade do sacerdócio. Mandou colecionar e traduzir uma vez mais os livros sagrados do Zend-Avesta; todas as outras religiões foram proibidas. Demolidos os templos, desapareceram os deuses estrangeiros; perseguiram-se os judeus e os cristãos. Até mesmo os céticos de origem persa foram alvo das medidas de repressão. A administração do império conheceu uma reorganização e uma coordenação rigorosas. Se alguns raros feudais obtiveram o direito de exercer as funções de governador, numerosos régulos viram-se destronados. Ardaschir declarava muitas vezes:

— Não há potência sem exército, nem exército sem dinheiro, nem dinheiro sem agricultura, nem agricultura sem justiça. Não ignorou o rei que o trono e o altar são duas

forças inseparáveis; soube também que um soberano sem religião torna-se, ipso facto, um tirano. Fortalecido com esta suma de sabedoria, não somente construiu um novo império, mas fundou uma potência mundial.
No plano histórico, o nascimento do novo império persa constituiu o acontecimento mais importante do 3.° século depois de J. C. Roma cessara de encarnar a única potência mundial. Com o Império dos Sassânidas, encontrara Roma um rival de seu porte. Ora, no plano espiritual e moral, foi o império persa triturado entre duas forças contraditórias. A oeste, teve de defender-se contra o cristianismo vitorioso. A leste, tentava resistir ao avanço do budismo.
O rei Ardaschir reinou de 223 a 241 depois de J. C, e Sapor I, seu sucessor, de 241 a 271. Os dois reis consolidaram o império, estenderam sua influência para o oeste e para o leste e rivalizaram em todos os planos com o império romano. A irradiação espiritual do império sassânida floresceu até a nossa Idade Média ocidental. Dos Sassânidas, herdamos a cavalaria e a nobreza, os torneios, os combates singulares a cavalo e com lança, os costumes e modos corteses, a feudalidade e a religião do Estado. A era dos Sassânidas irradiou-se pelo mundo até a vitória dos árabes, isto é, a do Islão, no ano de 651, quando o Irã passou a integrar-se no Califado. Quanto a Ardaschir, era inevitável que, ávido de poder e de glória, se embatesse contra a vontade e a resistência de Roma. Quando se declarava o herdeiro do antigo império persa, exigia automaticamente de Roma a restituição das províncias asiáticas que deviam voltar a pertencer-lhe. Invadiu então a Mesopotâmia e a Síria, colocadas sob domínio romano, e os cavaleiros de Ardaschir penetraram até a Ásia Menor. Roma jamais sofrerá semelhante provocação durante a longa ascensão de seu poder e de sua irradiação.
Alexandre Severo enviou a Ardaschir uma carta em que o exortava a não atacar os países estrangeiros, nem pôr a Ásia a ferro e sangue. "É bastante perigoso lançar uma guerra — escrevia o jovem e pacífico imperador, — porque uma guerra com Roma em nada se assemelha a esses embates rápidos, a essas guerrilhas com hordas bárbaras". Teve Alexandre o cuidado de lembrar ao rei persa as inesquecíveis vitórias de Augusto, de Trajano e de Sétimo Severo. Ardaschir mandou a Antióquia, na Síria, uma embaixada encarregada de levar sua resposta a Alexandre. Um dia, quatrocentos persas, esplêndidos soldados de elevada estatura, com armas de ouro, apresentaram-se diante do imperador, a quem entregaram a mensagem do Rei dos Reis. Ardaschir exigia de Roma o abandono da Síria e de suas possessões asiáticas para que, enfim, sob o domínio persa, seu antigo e poderoso império que, num passado distante, atacara a Grécia, voltasse a ser o que foi, intacto e temível.
A esta mensagem arrogante, replicou o imperador pela detenção dos quatrocentos emissários, que foram tratados como prisioneiros de guerra.
Pouco resoluto, pouco empreendedor, mas refletido e prudente, Alexandre Severo ditou as medidas destinadas a opor-se aos projetos de seu adversário. No decorrer dos anos de 231 e 232, em companhia de sua mãe, residiu em Antióquia, onde tentou ainda uma vez resolver o conflito por via diplomática. O perigo latente, de que Roma estava ameaçada no interior, manifestou-se então ainda uma vez. Quanto aos soldados, passaram um inverno agradável. Visitaram os banhos reservados às mulheres, beberam à vontade e divertiram-

se do melhor modo. Não ocultavam a opinião que tinham de seu "governo de saia", o de Maméia, todo-poderosa à sombra de seu filho! Alexandre mandou pôr a ferros os rebeldes mais excitados, mas a insurreição tomava corpo. No tribunal, diante dos legionários acusados e dos que ainda estavam livres, pronunciou o jovem imperador um de seus aborrecidos discursos que, mau grado uma maravilhosa dialética, não acabava mais.

— Se a disciplina se relaxa, perderemos não somente nosso prestígio e nosso renome, mas também o Império. Os soldados romanos, vossos camaradas, meus legionários, levam uma vida de devassidão. Embriagam-se, rondam os banhos e comportam-se como gregos!

Os soldados resmungaram, depois puseram-se a dar berros.

— Tendes o direito de gritar durante as batalhas — disse o imperador, — mas não diante de vosso chefe. Provai vossa força combatendo os germanos e os persas, e não medindo-vos comigo. Se desprezais a lei, não sois dignos de ser chamados cidadãos romanos!

Aqui e ali, no vasto império, houve desordens e revoltas. Ora, se as perturbações foram rapidamente reprimidas, o deplorável estado de espírito que reinava no exército constituía um grave e permanente perigo, diante dos conflitos de grande envergadura de que Roma estava ameaçada.

No ano de 232, três corpos do exército avançavam para a Mesopotâmia. O primeiro atravessou a Armênia, o segundo a Mesopotâmia do Norte e o terceiro, sob o alto comando de Alexandre, marchou ao encontro do exército persa ao sul do Eufrates. Se o primeiro corpo do exército registrou a princípio alguns êxitos e penetrou até a Média, sofreu ao voltar enormes perdas, devidas ao frio rigoroso e ao mau estado das estradas de montanha.

Chegada até as planícies pantanosas de Babilônia, a coluna que atravessou o norte da Mesopotâmia foi assaltada e derrotada pelo exército persa e seus temíveis couraceiros. Tiveram os romanos grande número de mortos. Quanto a Alexandre, sempre irresoluto, manobrou suas tropas com tanta lentidão que suas legiões foram dizimadas pela doença e pelo esgotamento.

No plano estratégico, estavam as operações de antemão fadadas a fracasso. Dividir em pedaços o exército era prova de leviandade e imprevidência. As três formações, demasiado afastadas umas das outras, ficaram na impossibilidade de se socorrer. E o resultado do grande choque entre Roma e a Pérsia estava antecipadamente previsto. A Pérsia arrebatou a vitória. Todavia, não conseguiu Ardaschir conservar a Mesopotâmia. Tendo os persas sofrido perdas demasiado pesadas, fez o rei cessar (provisoriamente) as hostilidades. Puderam os romanos retomar posse das sólidas fortificações estabelecidas nas fronteiras que tiveram de abandonar. Nenhum tratado de paz foi assinado.

Alexandre que, em Roma, se vangloriava de ter obtido estrondosa vitória, na realidade fora o grande vencido. Suas perdas em homens era elevadas.

Mas, o Império não o ignorava, outro perigo, bem mais temível ainda, ameaçava Roraa. Era a invasão do Norte: a dos germanos!

A BARREIRA DO DESTINO

Se o Limes não tivesse existido, a civilização da Europa central seria muito diferente do que é hoje. Provavelmente, uma Europa unida teria nascido, desde longos séculos. E, praticamente, toda a Europa continental se exprimiria por meio das línguas românicas.

O AUTOR.

No ano de 83 depois de J. C, o imperador Domiciano tomara uma decisão pesada de conseqüências para a história da Europa. A fim de reservar à fortaleza de Maiença (Mogúncia) uma zona periférica inconquistável, de deter para sempre as incursões dos germanos, proteger as conquistas romanas na Gália e ao sudoeste da Germânia, construiu Domiciano o Limes, baluarte destinado a defender e salvaguardar as fronteiras do Império.
Na verdade, o Limes teve um valor incalculável, de alcance histórico. Graças a essa obra fortificada, as civilizações germânica e romana permaneceram, em larga medida, separadas e estranhas uma à outra. Enquanto que a parte da Gália que é hoje a França foi, durante quinhentos anos (de 50 antes de J. C. a 476 depois de J. C.) uma província romana, herdeira da cultura e da língua latinas, mas perdendo, dessa maneira, seu velho idioma celta, a língua alemã, graças à barreira do Limes, permanecia praticamente imutável. As diferenças raciais dos povos germânicos subsistiram e o mundo germânico permaneceu isolado. Assim, o Limes está na origem ao mesmo tempo da fortuna e da desgraça da Alemanha. Constituiu bem a barreira que o destino impôs à Europa. A palavra limes caracteriza e significa aqui a idéia de um "terreno limítrofe intransponível", isto é, dum "rochedo", dum "rio", dum "amontoado de pedras". Limes significava também "um caminho passando entre duas terras pertencentes a donos diferentes". Na origem, um limes era apenas uma senda que separava dois campos ou duas propriedades, isto é, uma linha de demarcação. Foi por esta razão que aquela espécie de zona franca, a faixa de terra inculta, deserta e inabitada que marcava a fronteira germânica, foi denominada Limes. Mas, desde o reinado de Domiciano, o Limes tornou-se, de terreno inculto, de zona neutra, uma linha fortificada. Para começar, abriu-se uma vereda na floresta para facilitar as patrulhas encarregadas da proteção das fronteiras.
A idéia de uma fronteira fortificada era bem característica do estado de espírito que reinava em fins do 1.° século depois de J. C. O império romano aspirava à calma e à segurança. A decadência e o declínio manifestaram-se em breve através das múltiplas faces da atividade espiritual do mundo antigo. Foi a época em que a sociedade entrou em letargia. No decorrer do 2.° século depois de J. C, essa anquilose, essa paralisia da vida espiritual piorou, e no 3.° século a civilização antiga estava em pleno declínio.
Depois da obra que se tornou clássica de Gibbon, numerosos historiadores analisaram as causas da decadência e da queda do império romano. Trata-se, segundo as palavras do historiador Ernst Kornemann, do "problema dos problemas" que, por muitas vezes, foi resolvido e formulado de maneira bem diferente. Bem parece que nos aproximamos da verdade, se procuramos explicar as razões do declínio do mundo antigo por causas tão variadas quanto múltiplas... A decadência se manifestou ao mesmo tempo nos planos político, social e econômico e, em primeiro lugar, no plano espiritual. No que concerne aos

adversários políticos do império, foram, em derradeira instância, os germanos que, através de suas lutas contra Roma, imprimiram à carta da Europa um aspecto novo.
Ora, convém precisar que, numa esquina de sua história, fizera Roma séria tentativa visando conquistar e depois anexar bem ao longe, ao norte da Europa, a totalidade dos países germânicos. Não se deve esquecer que no ano de 6, depois de J. C, as regiões germânicas situadas entre o Reno e o Elba foram uma província romana administrada por P. Quintílio Varo, parente de Augusto.
As guerras de libertação de Armínio, no ano de 9 depois de J. C, foram como um fim antecipado da conquista dos países germânicos pelos romanos. Sem nenhuma dúvida, Armínio foi o "libertador da Germânia", como o confessou Tácito com imparcial objetividade. As três legiões de Varo foram aniquiladas por ocasião da batalha de Teutoburgerwald em que Varo encontrou a morte.



GRAV. 127 — O Arco de Triunfo de Constantino, de mármore branco, foi construído pelo Senado romano, em 312, depois de J. C. Devia comemorar sua memória com sua vitória sobre Mexêncio na. Ponte Múlvlo. O monumento foi acabado a tempo para o jubileu do primeiro decênio do reinado de Constantino, em 315 depois de J. C. Nas inscrições, Constantino é designado como
o "fundador da paz".



GRAV. 128 — A Basílica de Constantino era uma majestosa construção em tijolos que dominava o Fórum de Roma. Obra dum arquiteto desconhecido, viria o edifício a influenciar fortemente a arquitetura de toda a Europa.

Todavia, a batalha não se realizou no local onde, em nossos dias, se ergueu o monumento comemorativo da vitória de Armínio (perto de Detmold). Os queruscos e seus aliados infligiram às legiões do imperador Augusto, atacando-as de surpresa, uma derrota decisiva num sub-bosque pantanoso e não nas montanhas.

Por outra parte, o nome germânico de Armínio não era Hermann, sob o qual entrou na história da Alemanha. Filho de Seimer, príncipe querusco, alistou-se com seu irmão Flávio no exército romano e foi chamado amicus populi romani (amigo do povo romano). De volta a seu país, o jovem príncipe desposou Tusnelda, filha de Segesto, que se opunha ao casamento.

Cerca de oitenta anos depois da vitória de Armínio, chefe dum dos povos germânicos, sobre as legiões romanas (em 88 ou 89 depois de J. C), o imperador Domiciano começara a construção do Limes. Autócrata, como o foi o chinês Ch'in Shi-huang-ti, que criou os terraplenos das fortificações denominadas mais tarde a Grande Muralha da China, foi Domiciano um déspota. Por princípio, não tolerava resistência nenhuma à sua vontade. Mas foi um grande organizador e um administrador emérito. Vencedor dos chates, povos do norte da província de Hesse que, na época, foram os mais temíveis inimigos de Roma, percebeu perfeitamente os múltiplos perigos e os delicados problemas que a fronteira do Norte apresentava a Roma.

Domiciano começou a construção do Limes, Adriano (117-138) reforçou as defesas,

consolidou-as pela adjunção duma paliçada, de baluartes e de fossos. No reinado de Antonino Pio o Limes foi traçado mais para diante, para leste e reforçado. As fortificações seguiram então uma linha reta, mau grado a natureza do terreno. Numa extensão de 550 quilômetros, do Reno (perto de Hõnningen) até o Danúbio (perto de Ratisbona), elevava-se a barreira romana. Partindo a Europa em duas partes, foi na verdade a causa profunda de incessantes conflitos. Nenhuma outra fortificação de fronteira, erguida pelos romanos nas províncias limítrofes, na Grã-Bretanha, na África, na Síria e na
Rumània, teve sobre a história conseqüências tão determinantes como a criação do Limes na fronteira germânica. A primeira vaga de assalto apareceu no ano de 213 depois de J. C, na fronteira do norte do império romano. Da Renânia e do Alto Danúbio, isto é, das marcas da Germânia do Norte e da Rétia, os germanos do oeste e seus irmãos de leste puseram-se em movimento. Foi então que apareceram os alemães.
Este nome é composto das palavras alie (todos) e Mairnen (homens). Foi, pois, uma reunião, uma associação de homens. Várias tribos tinham-se reunido em torno dos semnônios (povo imigrado que se fixara naquela região), e essa mistura de povos se chamou, pela primeira vez, os alemães. Concluíram uma aliança com os chates, povo sedentário que habitava o norte do Mein e que, no passado, dera o que fazer a Domiciano. No ano de 213 depois de J. C, os alemães e os chates transpuseram as fronteiras do império romano. Na Rétia e na Nórica, procedia Roma à reconstrução das estradas. No ano de 213, Caracala venceu os alemães perto de Miltenberg, sobre o Reno. Para substituir as paliçadas apodrecidas pelas chuvas, elevaram os romanos sobre o Limes rético, ao norte do Danúbio, muros de pedra, da altura de dois e três metros e de um metro de espessura. O muro do diabo, fortificação imponente, tinha mais de 166 quilômetros. Aliás, diante da Germânia, constituía o Limes um baluarte de terra, com um fosso de ângulos salientes. Diante do fosso, outro, bem menos profundo, estava cavado contendo fincadas as estacas que constituíam a paliçada. Essas estacas, dum diâmetro de trinta centímetros, tinham três a quatro metros de altura. A obra fortificada tinha cerca de vinte metros de largura. Foi possível reencontrar os vestígios do Limes. Do alto da montanha de Sayn, pode-se admirar por quarenta metros a reconstituição das paliçadas. Deram elas bastantes dificuldades aos sábios que procuraram os traços do Limes. Esses exploradores pacientes não mediam a utilidade do estreito fosso que não podia constituir, pensavam eles, um obstáculo para o assaltante. No leito desse fosso, encontraram-se pedras, carvão de madeira, pregos e destroços de ardósias. Um dia, descobriram-se, nos pântanos de Odenwald, paliçadas admiravelmente conservadas. E a utilidade, a razão de ser do estreito fosso apareceu claramente; devia ter servido de alicerce para um muro de paliçadas que se estendia por centenas de quilômetros através das florestas e das colinas. O material encontrado no fosso fora utilizado para a confecção das estacas.
O Limes não era somente um baluarte protegido por um fosso e paliçadas, tinha também torres de madeira dominando o horizonte nos lugares estratégicos, onde a vista não encontrava obstáculos. Podem-se contar mais de mil torres de vigia onde, de uma para outra, as sentinelas podiam interpelar-se. De dia, os sinais se faziam do alto das torres com fumaça, cujas volutas escapavam para o céu por meio de aberturas feitas nos tetos. De noite, as sentinelas comunicavam-se por meio de sinais luminosos. Para indicar a

aproximação das tropas aliadas, mantinham-se tochas acesas e imóveis. Para assinalar a aproximação do inimigo, agitavam-nas. Era a "telegrafia", tal como se praticava no decorrer dos primeiros séculos depois de J. C. Para dar a conhecer às sentinelas a aproximação do perigo, recorria-se também aos toques de trompa. Perto do Limes, a distância regular, casamatas de madeira, de forma retangular, abrigavam os guardas campestres. Para o interior, elevavam-se fortalezas tais como Heddesdorf, Bendorf e Niederberg. E até nas zonas de segurança, as retaguardas eram protegidas pela célebre cidadela de Maiença, campo central de legionários.

A obra fortificada compreendia também torres de pedra, reproduzidas com exatidão na coluna de Trajano e na de Marco-Aurélio. Na montanha de Sayn, pode-se admirar a reconstituição duma torre de pedra do Limes. Dessa montanha goza-se duma vista esplêndida sobre o vale de Brexbach, até Andernach.

Em 232, depois de J. C, fizeram os alemães nova incursão no império romano. Ultrapassaram o Limes, não só na fronteira renana, mas também na parte setentrional da Rétia. Os autóctones das províncias invadidas esconderam no solo, ocultos em ânforas, seu dinheiro e suas jóias. Como não lhes foi mais possível recuperar seus bens, encontram-se ainda em nossos dias semelhantes tesouros.

Roma alistou, de todas as partes do mundo, até mesmo da Espanha, legiões encarregadas de defender as províncias ameaçadas. À sua frente, Alexandre Severo, a marchas forçadas, acorreu aos lugares de combate. Para lutar contra os cavaleiros alemães, havia o imperador engajado, no Oriente, arqueiros e trânsfugas partas. Perto de Maiença, lançaram os romanos sobre o Reno uma ponte de barcos. Os romanos levaram vantagem nos primeiros reencontros com os alemães. Depois, veio a catástrofe. Ainda bem não se haviam travado as operações decisivas quando, de todas as partes, graves sub-levações irrompem no exército romano. Rapidamente, o imperador dissolve vários corpos de tropas. Sua mãe, a seu lado, tivera a idéia, verdadeiramente estapafúrdia, de diminuir os sòldos. Por avareza? Menosprezava ela o perigo? Seja como for, não procurou o jovem imperador senão esquivar-se ao combate. A conselho de Maméia, entrou em tratativas com o inimigo. Mas os soldados, atarantados — tratava-se provavelmente das legiões panonianas — não compreenderam mais porque se batiam! Se o imperador entrava em conciliábulos com o inimigo, oferecia, de certo, dinheiro ao adversário! Ora, os legionários preferiam beneficiar-se a si mesmos com esses tesouros, isto é, desejavam ir ao combate. A crise estava iminente. Não havia uma pitonisa drúida predito a Alexandre quando ele partiu para a guerra:

— Vai! Mas não esperes conquistar a vitória; e desconfia de tuas tropas!

Mas o imperador não levara a sério essas palavras proféticas. Como de costume, naquela mesma noite, jantou sob a tenda aberta. Perto das 7 horas, deitou-se para descansar um pouco. A tenda estava erguida na proximidade da aldeia de Bretzenheim, perto de Maiença. Era uma fresca noite de março, do ano de 235 depois de J. C.

— Que há? — exclamou Alexandre, despertado bruscamente de seu sono.

— Trazes-me uma mensagem?

Um homem, pálido, tremente, mantinha-se de pé, diante do imperador. O legionário, que se enganara, penetrara sem o saber, na tenda do imperador. Medindo o seu erro, apavorado,

uma louca idéia apoderou-se de seu espírito. Que aconteceria se o imperador se conservasse vivo? Que punição, deveria ele sofrer no dia seguinte? Precipitou-se para fora, chamou seus camaradas para ajudá-lo a suprimir Alexandre. Os homens acorreram e, como loucos furiosos, atravessaram com suas espadas seu chefe sem defesa.

O jovem imperador sempre obedecera cegamente a sua mãe. Desta vez, ela o acompanhou na morte. Se Maméia dera a vida a um filho, resplendente de dons e de qualidades, não tinha, infelizmente, posto no mundo um herói!

O aspecto trágico do destino do desgraçado imperador reflete-se na visão que obsessionou seus assassinos, quando seu corpo inanimado banhava-se no próprio sangue. Nos restos de sua refeição da noite, encontraram-se as mesmas rações a que tinham direito os legionários!

MAXIMINO, OS TRÊS GORDIANOS, MÁXIMO PUPIENO E BALBINO

O URSO ENRAIVECIDO

> "Precipitou-se contra o muro, rolou pelo chão, berrou frases desconexas, destituídas de sentido, depois pegou sua espada, como se tivesse o poder de massacrar imediatamente o Senado inteiro. Rasgou suas vestes, bateu nos servidores e quis arrancar os olhos de seu jovem filho."
>
> JÚLIO CAPITULINO, "OS dois Maximinos", cap. XVII.

Maximino, filho dum godo e duma alana, nasceu numa aldeia trácia. Naquela época, a civilização de seu país natal era ainda bem primitiva. Foi pois um filho da fortuna que, duma província afastada do império romano, apareceu de repente no coração mesmo dos acontecimentos. Notemos logo que, imperador, nunca pôs os pés em Roma.

Alto, robusto, inculto e orgulhoso, possuía Maximino certa beleza máscula. Dizem que nunca bebia menos de uma ânfora capitulina de vinho por dia. Essa bilha, cujo tipo era conservado no Monte Capitulino, tinha valor, como o metro, de medida-padrão. Continha 26 litros e 200! Maximino devorava cerca de quarenta libras de carne por dia e não comia legumes! Sua força era tal que, com um murro, quebrava a queixada dum cavalo. Em virtude de seu talhe gigantesco e de sua força hercúlea, acreditava firmemente que havia atingido a imortalidade! Ora, no teatro, e sem que ele o haja percebido, zombaram dele.

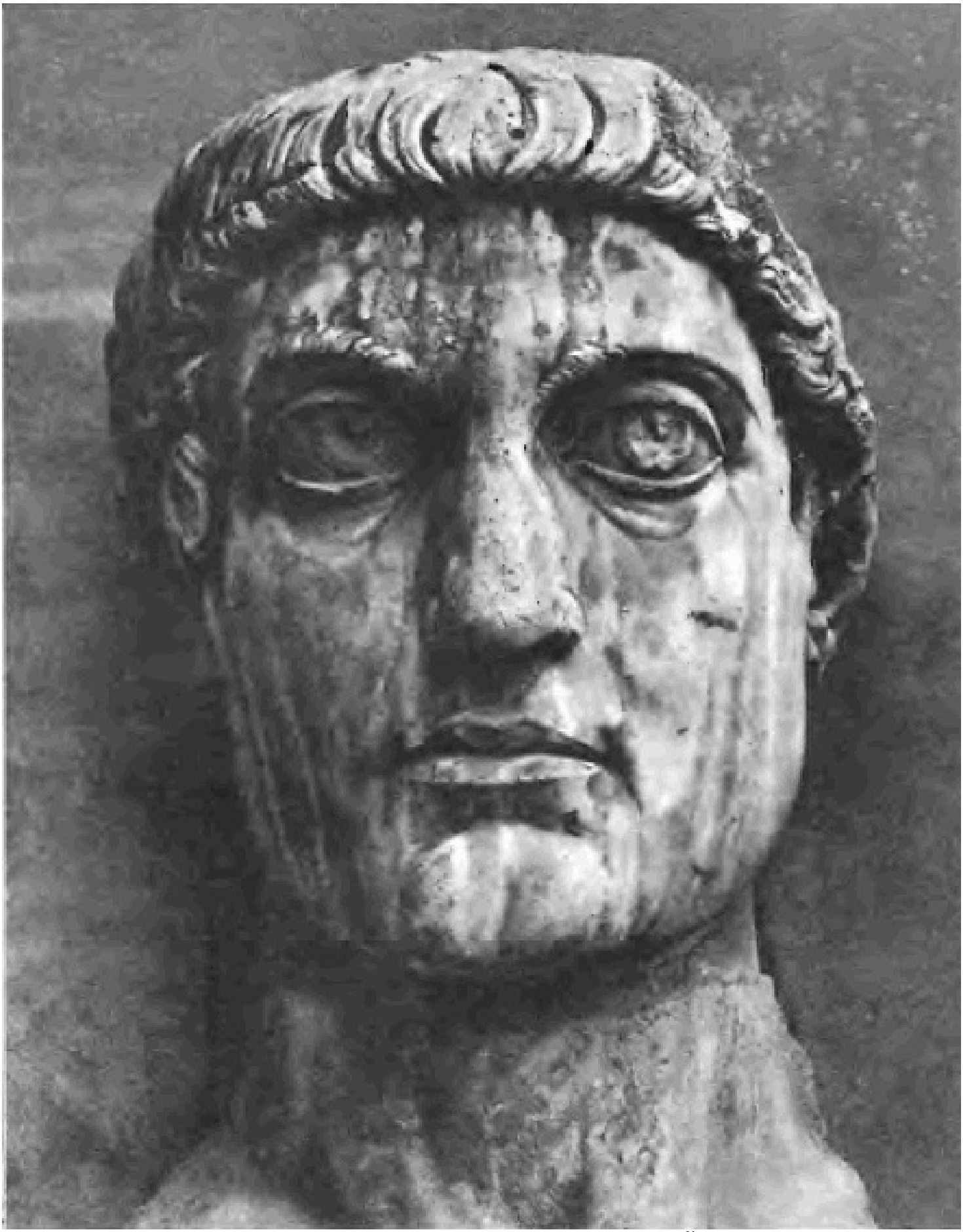
— Aquele que não pode ser abatido por um só homem, poderá sê-lo por vários — dizia-se com ironia.

Em 232 depois de J. C, comandava Maximino a segunda legião trajana no Egito. Por ocasião do conflito com a Pérsia, era governador na Mesopotâmia. Mais tarde, o imperador Alexandre Severo confiou a esse oficial corajoso e merecedor o comando em chefe dos recrutas do exército do Reno, quer dizer que se tornou ele o chefe indiscutido, encarregado do recrutamento e da instrução. Responsável pela disciplina, soube Maximino inculcar aos soldados o que se chama o espírito militar. Seus legionários não tinham o direito de dedicar-se a um ofício ou a um artesanato. Somente a caça, segundo a opinião do general, era compatível com a profissão das armas.

Foi, na verdade, Maximino um chefe amado e admirado pelos soldados, e não é de admirar que os recrutas, que se achavam rebelados após a morte de Alexandre Severo, proclamassem Maximino imperador. Em Roma, quando o Senado teve conhecimento da nomeação ao trono, inclinou-se diante do fato consumado. Assinalemos, todavia, que numerosos senadores se mostraram violentamente contrários ao aventureiro. Desde o começo de seu reinado, escapou o imperador por um triz a um atentado fomentado pelos centuriões. Pensavam, fazendo-o transpor o Reno, atraí-lo para o interior dos países inimigos. Depois de ter-lhe cortado toda possibilidade de retirada, quiseram massacrá-lo. Dizem que o instigador da conjura era um tal Magno, antigo cônsul, que visava apoderar-se do trono.

Ora, o novo imperador era um homem expedito, vigilante e perspicaz. Sem interrogatório e sem julgamento, mandou executar os conjurados. Quatro mil homens pereceram, sendo-

lhes confiscados os bens. Dessa maneira, o guardador de gado da Trácia imaginava demonstrar de uma vez por todas seu poder e sua autoridade.
Perto de Maiença, Maximino transpôs o Reno e avançou profundamente pela Germânia. Nas margens do Main, no atual país de Wurtemberg, como um vândalo, incendiou as aldeias, capturou numerosos rebanhos, fez milhares de prisioneiros, pilhou, saqueou à sua passagem tudo quanto os autóctones tinham, durante gerações, sabido construir. Os arqueixos orientais, os lanceiros africanos, os sírios e os mouros do imperador romano apareceram, aos olhos dos germanos, como seres animados duma invencibilidade satânica.
Quanto aos germanos, Tácito, cem anos antes, deles deixara o seguinte retrato:
"Seus escudos são negros e pintam o corpo. Escolhem, para bater-se, as noites mais opacas. A visão, funesta e sinistra, de tal desfile de fantasmas, basta para inspirar terror. Nenhum adversário pode suportar essa visão terrífica e quase infernal. Porque as primeiras de todas as vítimas desses atrozes combates, são os olhos!"



GRAV. 129 — Constantino, o Grande, primeiro imperador cristão. O homem que, pela primeira vez na História, reuniu o cristianismo à coroa e abriu uma era nova. A ciência

moderna conseguiu esclarecer e explicar a existência desse imperador.

As hostilidades travaram-se num terreno pesado, pantanoso, verossimilmente ao norte de Wurtemberg, na fronteira badense. Por ocasião das primeiras escaramuças, os romanos e seus mercenários estrangeiros aferraram-se selvagemente com os alemães que, pouco tempo antes, haviam transposto o Limes. Maximino batera-se nas primeiras linhas. Imperador, achara que seu dever era aquele.

A vitória alcançada por Maximino contra o inimigo conjurou provisoriamente os perigos da invasão germânica. O imperador tomou o título de Germanicus Maximus. As ruínas das fortificações que datam daquela época provam que a paz se restabeleceu às margens do Reno e no alto Danúbio. Maximino nomeou seu filho, rapazola de sedutora beleza, César, isto é, co-imperador. Nos quartéis de inverno, em Sirmium, à margem do Save, perto de Belgrado, celebraram-se as festas da vitória.

No decurso dos anos de 236 e 237, mediu-se o imperador, vitoriosamente, com os dácios e os sarmatas. Na primavera do ano de 238, voltou a Sirmium, onde se aquartelou e recebeu os embaixadores vindos de Roma e das províncias. Ora, nada o atraía a Roma. Sentia-se à vontade e feliz, na grande planície do Save, entre os guerreiros e os cavalos. Concebeu Maximino o projeto de submeter todos os povos germânicos até o Mar do Norte.

Perseguiu sem descanso os partidários da dinastia imperial extinta. Exerceu sua vingança com extrema crueldade. Mandou crucificar homens, partindo-lhes o crânio e lançando-os em pasto para os animais selvagens. Talvez tenha acreditado que um homem de origem tão humilde quanto a sua, tinha obrigação de empregar semelhante violência, a fim de fazer-se respeitar e temer e para conservar o poder. Foi por isso que Jacob Burckardt escreveu: "Seu reinado foi, no princípio, mais monstruoso do que o de não importa qual outro imperador tomado ao acaso." Recalcando, talvez sem razão, o sentimento de sua inferioridade, odiava os senadores e todas as famílias nobres sem exceção. Cecília Paulina, sua esposa, esforçou-se por abrandar
esse ódio temível. Mas morreu e Maximino detestava cada vez mais o que lembrasse, de perto ou de longe, Alexandre Severo, seu predecessor! Votava-lhe ódio tal que ordenou novas perseguições contra... os cristãos, unicamente porque Alexandre tolerara o cristianismo nascente!

Santo Hipólito e o exegeta Orígenes, que haviam entretido relações cordiais com Maméia, foram perseguidos pela vingança do imperador. Exilados para a Sardenha, São Ponciano e Santo Hipólito. Na Capadócia e no Ponto, Sereniano, governador das províncias, perseguiu os cristãos. Todavia, não pôde ser Maximino contado entre os autênticos perseguidores deles, porque, em virtude de razões de política interna, tolerou a manutenção do sacerdócio das comunidades cristãs. As sevícias na Capadócia e no Ponto não devem ser imputadas totalmente a Maximino. Naquelas províncias, haviam tornado os cristãos responsáveis por um tremor de terra!

O imperador tinha sem cessar necessidade de dinheiro. O império era vasto, o inimigo não se desarmava e a defesa custava extremamente caro. Aumentaram-se os impostos e seu pagamento obtinha-se à custa dos meios de coerção mais rigorosos. Sob a ameaça incessante de ver seus bens confiscados, as famílias abastadas não tiveram mais repouso

nem trégua. O imperador lançara as vistas sobre as oferendas dos templos. Os objetos do culto de ouro e de prata, os ídolos, as estátuas e os vasos consagrados foram fundidos e convertidos em vil moeda. Provocavam tais medidas a indignação e a cólera geral, e não é de admirar que jovens patrícios romanos tenham abatido, em Trisdro, na África (a 175 quilômetros ao sul de Cartago, perto de El Djem), o procurador imperial encarregado de cobrar os impostos e confiscar-lhes as propriedades de campo.

Nomearam imperador um homem idoso e de muito mérito, o procônsul Gordiano. Contra a vontade deste, paramentaram-no com a púrpura imperial. O velho recusou, protestou, clamando em altos brados a seus deuses, rolando pelo chão, suplicando a seus "benfeitores" que o deixassem em paz. Os patrícios ameaçaram-no com a espada. De bom grado ou à força, era preciso que fosse imperador. Passavam-se estes acontecimentos no ano de 238. Gordiano estava com oitenta anos.

Seu andar era rígido, característico das pessoas de idade avançada. Riquíssimo, amava as belas letras, mas sucumbia em geral ao sono durante suas refeições. Acabou familiarizando-se com a idéia de terminar seus dias no papel de imperador. Na companhia de seu filho, nomeado César, dirigiu-se a Cartago. O Senado romano confirmou a eleição dos dois Gordianos. Maximino foi expulso do trono e, na capital, o povo em regosijo, festejou a "queda do tirano". Numerosos partidários do imperador da Trácia foram massacrados.

Na África, contava Maximino entre seus fiéis um tal Capeliano, governador da Numídia. Capeliano sublevou sua província e conseguiu persuadir os insurretos a entrarem em luta contra Gordiano. O velho enviou seu filho aos locais para restabelecer a ordem. Mas, no decorrer duma batalha encarniçada, o jovem Gordiano foi morto. Gordiano, o pai, suicidou-se. Quando a sinistra notícia da morte dos dois Gordianos chegou a Roma, o Senado, que ficou apavorado, aguardando a reação de Maximino, elegeu entre seus membros dois imperadores: Máximo Pupieno e Balbino.

Gozando de direitos e de poderes iguais, os dois Césares, com a ajuda duma comissão formada de vinte senadores, deviam organizar a defesa da península contra os ataques de Maximino, o temido ex-imperador. O povo e os soldados proclamaram além disso imperador romano Gordiano, o neto de Gordiano. Sob o reinado de três imperadores reunidos, pensava Roma estar em condições de lutar contra o quarto, decaído, que aguardava sua hora na fronteira germânica! Maximino comportou-se então como um urso. Incapaz de compreender o que lhe acontecia, esgotava suas forças em acessos de furor. Precipitava-se contra uma parede, rolava no chão, batia em seus servidores e queria arrancar os olhos de seu filho! Acabou afogando seu pesar e sua cólera no vinho. Recuperando o domínio de si mesmo, reuniu seu exército, no qual havia arrolado trânsfugas germânicos, e com sua cavalaria transpôs os Alpes. Quando a vanguarda germânica achou-se em vista de Emona, a atual Laibach, encontrou a cidade abandonada e deserta. Famintos, não puderam os soldados encontrar a menor subsistência! Pouco tempo antes de sua chegada, é verdade, quinhentos lobos, cruéis precursores da fome, haviam atravessado a cidade.

Em cada povoado, à sua passagem, Maximino e seus soldados tiveram a mesma sorte: era a devastação! Roma cambatia-os com a arma mais temível e destruidora que possa

existir: a fome. Em Aquiléia, Maximino deu de encontro a uma resistência armada. Mas todas as suas tentativas para tomar de assalto a fortaleza fracassaram.
Os habitantes de Aquiléia, que não ignoravam a sorte reservada à sua cidade se caísse ela em mãos de Maximino, defenderam-se com a coragem do desespero. Por fim, a segunda legião parta de Maximino interveio. Não para investir a praça, mas, famintos, esgotados e sem esperança, os legionários assassinaram muito naturalmente seu chefe e seu filho, cuja beleza era célebre.
Um mês após a morte do poderoso Maximino, os pretorianos massacraram os dois imperadores eleitos pelo Senado, Pupieno e Balbino, incapazes de entender-se e de realizar a paz... entre si. E um menino de treze anos foi nomeado imperador de Roma.
Os soldados, o povo e o Senado saudaram altissonamente a escolha de Gordiano III, neto do digno ancião que o destino não poupara. Na realidade, o menino César representava a vitória da soldadesca que, uma vez mais, arrogara-se o direito de escolher um senhor. Com a nomeação de Pupieno e de Balbino, o Senado participara, pela última vez, da eleição dum imperador.
Doravante, a digna assembléia cessará de ser tida em conta. Durante oitocentos anos, participara ativamente do desenrolar da história romana. A partir daquele dia, tendo abdicado todo poder real e legal, o Senado foi apenas uma instituição sem valor e sem prestígio!
O historiador alemão Ernst Kornemann sublinhou, com felicidade, esta hora decisiva da história de Roma: "Com o Senado, as bases aristocráticas do Estado romano desapareceram. Com um governo puramente militar, toda atividade econômica, toda cultura intelectual de valor e dum nível elevado não eram mais imagináveis! Era como se um furacão houvesse soprado sobre o país, como se um dilúvio houvesse inundado o vasto império! Tudo quanto havia de belo, de nobre e de bom na natureza e na existência dos homens não existia mais. Só restava um solo chato e árido." O ano de 238, de tão lamentável reputação com seus seis imperadores, assinalava também outro acontecimento histórico. Foi igualmente em 238, na embocadura do Danúbio, que os godos transpuseram a fronteira romana.

FILIPE, O ÁRABE E DÉCIO

OS GODOS EM MARCHA

> Com os tigres, as hienas, as girafas, os leopardos e os hipopótamos, um historiador romano enumera também "mil pares de gladiadores imperiais".
>
> "Gordiano III era um adolescente cheio da felicidade de viver. Belo e encantador, era amado por todos. Transbordante dê alegria na maneira de conduzir-se, suas cartas revelam um espírito distinto e superior. De parte sua mocidade, nada podia tomá-lo inapto a reinar."
>
> JÚLIO CAPITULINO, "OS três Gordianos", cap. XXXI.

Desde o 1.° de outubro do ano de 226 depois de J. C, nova potência mundial nascera: o império persa da dinastia dos Sassânidas. Ardaschir e Sapor (Shahpuhr I), os dois primeiros reis sassânidas, tinham estabelecido no Oriente, durante um reinado de um meio século, um poder com o qual era preciso doravante contar. Uma vez mais, a Ásia se ergueu contra a Europa.

Conscientes de sua força e seguros de suas esperanças, os dois reis abriram, por assim dizer, uma era gloriosa que deveria prolongar-se até 642 depois de J. C. Grande número de fatores culturais, noções de cavalheirismo, as instituições da Igreja testemunham ainda em nossos dias o gênio dos Sassânidas e de seus descendentes.

Em 238, ano da morte de Maximino, Roma, mais uma vez, teve de temer pesados conflitos: ao norte, a ameaça dos povos germânicos, a leste, a da Pérsia.

Ardaschir morreu em 239. Sapor, seu filho, deu a conhecer então ao mundo que a Ásia, se a força não a detivesse, estenderia sem trégua seus tentáculos para o oeste. Se Ardaschir conquistara Nisibis e Carres, Sapor atacou a Mesopotâmia e as províncias romanas da Síria. Antióquia e Oronte estavam ameaçadas.

Considerando-se os fatos sob certa perspectiva, fica-se estupefacto à idéia de que Roma haja enviado seu jovem imperador ao Oriente, para deter o avanço dos povos orientais. Gordiano III tinha apenas treze anos. Corajoso, inteligente e hábil, o adolescente escapara à influência das intrigas tão complicadas da corte, à educação deplorável de sua mãe, mulher versátil e influenciável, e aos perigos das cabalas pérfidas dos eunucos do palácio. Gordiano III ofereceu o raro exemplo dum discípulo respeitoso que, com uma lealdade sem desfalecimento, permaneceu fiel e devotado a seu mestre. E como Sêneca, o retórico Misiteu foi um homem cuja inteligência superior dominou o seu tempo.

Gordiano III desposara a filha de seu mestre, jovem mulher de maravilhosa beleza, que respondia ao belo nome de Fúria Sabínia Tranquilina. Imperador, Gordiano elevou seu preceptor aos cargos mais altos, mais representativos e mais dignos. O Senado conferiu-lhe os títulos honoríficos de pai do soberano e de protetor do Estado. Ora, mau grado o poder que detinha em suas mãos, era Misiteu de uma lealdade absoluta para com o jovem imperador. O mestre e o aluno, a marchas forçadas, partiram para o Oriente. Misiteu, chefe do exército e estratego, revelou qualidades notáveis, e o imperador deu prova duma inteligência lúcida e perspicaz. É-nos conhecida uma das cartas que dirigiu a Misiteu. Pode-se ler nela: "Infeliz do soberano diante do qual não se ousa dizer a verdade. Tal rei, não

podendo identificar-se com o povo, é constrangido, por uma parte, a crer no que bem se lhe quer contar e, por outra parte, a forjar-se uma idéia pessoal através do que diz o maior número."
Pela longa estrada que avançava pela Ásia, levaram os romanos as tropas do exército do Danúbio. Durante esse tempo, os cárpios, hordas germânicas, infiltravam-se através das brechas da fronteira. Mas Misiteu travou o combate e conseguiu restabelecer a ordem. Depois, com o imperador dirigiu-se para a Ásia, a fim de libertar a Síria do jugo dos persas. Com a vitória de Resena, reconquistou Roma a Mesopotâmia. Nas fileiras do exército romano, havia também um homem eminente: o filósofo Plotino. Nascido em uma grande família romana estabelecida no Egito, foi Plotino, sem dúvida, o derradeiro grande espírito que, através de sua lúcida filosofia. abarcou o pensamento inteiro da Antigüidade. Ora, para Plotino, o pensamento filosófico deixara de ser transcendental. Curvara-se sobre os problemas da essência da alma e, com efeito, sua existência inteira foi consagrada à procura, eterna e sem fim, de um Deus invisível. Plotino foi, na verdade, uma espécie de santo. Se se juntou ao exército em marcha para o leste, não o fez para combater como um soldado, mas para olhar e aprender, na qualidade de sábio, curioso de adquirir sabedoria e conhecimentos. De sejoso de visitar as Índias, queria, antes de tudo, penetrar as filosofias dos persas, dos hindus e dos sábios do Extremo Oriente. Confiou sua sorte ao imperador e a Misiteu, que tinham admiravelmente organizado a expedição. De noite, Misiteu, sem se fazer reconhecer, aproximava-se das sentinelas e falava-lhes com benevolência. Inspecionava as tendas dos legionários, velava pelo bem-estar dos soldados; e exercia sobre todos os mínimos detalhes da vida dos homens uma fiscalização vigilante. Sob o comando em chefe de Misiteu, estava o exército organizado com uma perfeição e uma disciplina como nunca se conhecera.
"E porque amou a esse ponto o imperador e o Estado, foi por todos venerado", relata o cronista.
Partir para leste! Tal era o sonho desse homem excepcional. Nas pegadas de Alexandre, o Grande, Misiteu queria chegar até o Indo e, quem sabe? atingir a China. Mas foi atacado por uma gripe infecciosa que o levou em poucos dias. Sofria duma doença do estômago, como o pretenderam alguns, ou foi vítima dum envenenamento, como o afirmaram outros? Morreu após a absorção dum purgante que médicos subornados por um árabe lhe administraram. Com a idade de quarenta e cinco anos, Júlio Filipe, o Árabe, filho dum xeque (árabe ou sírio), originário da Traconítida, áspera região rochosa situada além das fronteiras orientais da Palestina, conseguiu apoderar-se, sem combate, do comando abandonado pelo eminente chefe do exército.
Por meio de baixas manobras, dum sábio solapamento dos abastecimentos, logrou sublevar os soldados contra o jovem Gordiano. Não era de porte o imperador para lutar com o Árabe, homem de baixa extração, grosseiro, brutal, arrogante e sem escrúpulos. Jacob Burckhardt tem sem dúvida razão, quando escreve:
"Seria conceder demasiada honra a Filipe acreditar que tenha sido um xeque árabe; descendia duma tribo síria de deplorável reputação, originária duma região situada ao sul da Síria e a leste do Jordão."
Depois de ter tentado em vão opor-se a Filipe, Gordiano quis pactuar com ele. Teve de

tolerar-lhe a presença a seu lado, até o dia em que o infeliz veio a ser assassinado. Conhece-se o lugar em que foi abatido Gordiano III. Entre Circésio e Dura-Europos, perto da confluência do Chaboras e do Eufrates, erigiram os romanos à memória do adolescente um monumento que ainda existe. Filipe fez transportar a Roma os despojos de Gordiano (morto aos dezessete anos) e ao mesmo tempo mandou anunciar que o imperador sucumbira a uma grave moléstia.

Quanto a Plotino, logrou, ao fim da campanha, atingir Antióquia, donde alcançou Roma.

Após um africano e um sírio, coube o reino de Roma a um árabe. Filipe, o Árabe cedeu a princípio algumas províncias, depois concluiu a paz com os persas e confiou a vigilância das fronteiras de leste- a seu irmão Prisco.

Precipitavam-se os acontecimentos e teve de seguir com urgência para a fronteira do norte do império romano. No decurso do outono de 246, na Dácia, lutou com êxito contra os Carpas. Graças a esta vitória, a província da Dácia permaneceu romana. Filipe, o Árabe, tomou o nome de Carpicus Maximus. Ao sul de Damasco, fundou a cidade de Filipópolis e conferiu-lhe os direitos de que gozavam as colônias.

Existem ainda imponentes vestígios dos esplêndidos edifícios que Filipe, o Árabe construíra de acordo com os modelos dos palácios, teatros, templos e termas de Roma. A cidade de Filipópolis, na Trácia, fundada por Filipe da Macedônia, pai de Alexandre, o Grande, foi igualmente declarada colônia romana.

Enquanto o vasto Império Romano, minado no interior e ameaçado no exterior, começava a desagregar-se, enquanto nas fronteiras proclamavam os soldados sem cessar novos imperadores, Filipe, o Árabe, no ano de 248 depois de J. C, celebrou o milenário da fundação de Roma. Haviam decorrido dez séculos desde o dia em que Rômulo e alguns pastores fixaram suas tendas nas margens do Tibre.



Sob o reinado de Filipe, o Árabe (244 a 249), ameaçaram os godos a Dácia e assediaram Marcianópolis, capital da Mésia. Kniva o rei godo, inflingiu a Décio severa derrota. Os godos conquistaram Filípolis. Em 251, Décio, vencido pelos godos, foi assassinado. Todas as cidades indicadas no mapa acima foram investidas, conquistadas, pilhadas e destruídas pelos godos.

Na verdade, a data exata da cerimônia comemorativa caía a 21 de abril de 247, mas Filipe, o Árabe, recuou a festa um ano. Desenrolaram-se essas festas da celebração com um fausto solene. Nenhum estrangeiro teve permissão de a elas assistir; os escravos também receberam ordem de ocultar-se. Coros compostos de vinte e sete rapazes e de vinte e sete moças da aristocracia imploraram a bênção dos deuses. Duraram três noites os sacrifícios oferecidos nas margens do Tibre. Houve jogos esplêndidos no Circo Máximo, danças e música no Campo de Marte, iluminado por tochas e lampiões. O historiador romano Júlio Capitulino deixou-nos uma descrição dos festejos. Gordiano III havia previsto um desfile triunfal para celebrar as vitórias que conquistara contra os persas com seu mestre Misiteu. Estava morto o adolescente, mas os animais que capturara, milhares de feras, tinham sido levados a Roma. Foi Filipe quem os expôs ao povo. Conhece-se a composição dessa coleção de feras: dez alces, dez tigres, dez hienas, dez leões selvagens, dez girafas, seis hipopótamos, um rinoceronte, vinte asnos selvagens, trinta leopardos e sessenta leões domados. Os sacrifícios e os combates na areia, com suas matanças, estavam destinados a inaugurar nova era, gloriosa para o Império Romano. Ora, foi, na realidade, o crepúsculo, o declínio, o desmembramento e a decomposição. Enquanto Filipe

presidia aos festejos em Roma, os primeiros francos aproximavam-se do Reno; os godos, os carpas e os vândalos atravessavam o Danúbio e os blêmios da Etiópia entravam no Egito. Nas províncias romanas, numerosos foram os proprietários rurais que armaram seus escravos e seus rendeiros para resistir aos invasores, porque o governo era incapaz de assegurar a proteção das províncias.

Depois as legiões panonianas se insurgiram. Na Mésia, os godos causavam profundas devastações. Naquela província danubiana, os legionários proclamaram imperador um tal Pacaciano. No Oriente, foi o romano Jotapiano quem revestiu a púrpura imperial. Um terceiro pretendente, Urânio Antonino, deu-se a conhecer na Síria. Tendo perdido toda esperança na sua força e no seu poder, ofereceu Filipe, o Árabe ao Senado sua abdicação. Os senadores não se pronunciaram e Filipe enviou Décio, seu melhor general, contra o rebelde Pacaciano. Entrementes, Pacaciano e Jotapiano foram massacrados por seus legionários. E os soldados proclamaram Décio imperador. Ora, o general recusou essa honra, esse duvidoso presente que trazia invariavelmente uma morte violenta ao que o aceitava. Mas os legionários ameaçaram; e Décio, diante da firme vontade deles, cedeu. Revestido da púrpura imperial, marchou contra Filipe, que esmagou em Verona, em 249. Morria assim o derradeiro imperador oriental de Roma. Formidáveis invasões dos godos, perto do Danúbio abalaram de novo o império romano. Nenhum outro povo germânico teve, tanto quanto os godos, uma atividade de repercussões tão decisivas para a História da migração dos povos. Onde era então a pátria desses povos temerários e aventureiros? E qual a significação de seu nome?

Os godos foram chamados pelos romanos Gothi ou Guttones: Tácito chamava-os Gothones. Segundo Plínio, eram originários das costas do Mar Báltico e do Frische-Haff, e o historiador afirma que os godos eram um povo germânico. Os godos chamavam-se a si mesmos Gutans ou Gutos, e na Germânia, diziam-se Gutthiuda. Compõe-se este nome de gut (bom) e thiuda: Volk (povo).

Provavelmente, vinham de Gotland e Goetaland, parte meridional da Suécia onde seu nome foi conservado. Aquartelaram-se a princípio na embocadura do Vístula, para avançar em seguida para o leste da Europa. No começo do 3.° século, no momento preciso em que os alemães apareceram a oeste, os godos, povo poderoso, ocuparam as costas do Mar Negro. Sob o reinado de Filipe, o Árabe (244 a 249) ameaçaram a Dácia e assediaram Marcianópolis, capital da Mésia. Em 250, em Nicópolis, recuaram diante de Décio, mas, sob o comando do rei Kniva, liquidaram o exército romano e pilharam Filipópolis, perto da cadeia de montanhas de Hemo (Bálcãs). Sem encarar por preço nenhum uma retirada possível, invadiram os godos a Macedônia e penetraram até as Termópilas. Remontando para o norte, esmagaram em Mésia, perto de Abrito, na Dobrudja, a parte mais importante dos exércitos romanos. Desde o começo da batalha, Herênio Etrusco, o filho do imperador, foi atingido por uma flecha mortal. Cercado num movimento de tropas, o imperador Décio, depois de ter sido atraído a uma armadilha no meio dum terreno pantanoso, onde se estorvaram as valentes legiões, foi morto pelos godos (junho do anò de 251 depois de J. C.).



Os godos eram originários da Gotlândia, ilha da Suécia, no Mar Báltico, e de Goetaland, a parte meridional da Suécia onde seu nome foi conservado. Como uma força da natureza, penetraram, em vagas possantes, até o Mar Negro, a Asia Menor e Atenas.



GRAV. 130 — Os pretorianos constituíam a Guarda Imperial. Serviam durante um período de dezesseis anos, recebiam um soldo triplo, traziam armaduras douradas e plumas. Intervinham muitas vezes nas sucessões dos imperadores e vendiam seus favores em troca de dinheiro de contado. A guarda pretoriana compunha-se habitualmente de dez

coortes. Uma coorte comportava 500 homens e, desde Sétimo Severo, cerca de mil homens. No ano de 312, Constantino dissolveu a guarda pretoriana.

As agressões dos godos que, de maneira tão súbita, surgiram na cena da história da Europa, apareciam na época com a força irresistível dos fenômenos naturais absolutamente inevitáveis. Nos confins do Mar Negro, e após a conquista do Bósforo, estabeleceram os godos sólida potência naval. Em 253, com sua frota composta dum grande número de barcos chatos, velejaram na direção de Pítio. Depois de tomar de assalto a cidade, sitiaram e conquistaram Trebizonda, donde se puseram ao mar com uma frota inteira. Em 258, os godos voltaram ao Mar de Azov, onde se tinham estabelecido. Mas esse povo instável, conquistador, tornou a embarcar em 259, na direção do Bósforo da Trácia e tomou de assalto Calcedônia, Nicomédia, Nicéia, Prusa, Apaméia e Cius. Por ocasião duma terceira expedição, empreendida com quinhentos navios, destruíram Cícico. Depois de ter atravessado o Mar Egeu, abordaram o Pireu, o porto de Atenas, donde atingiram o Épiro.

Entre a extremidade do Peloponeso e da Tessália, todas as cidades e todos os campos foram pilhados e saqueados por hordas de godos. Acompanhado por um comboio importante, o grosso do exército regressou à planície danubiana. Mas algumas tribos, com seus barcos, prusseguiram na pilhagem das costas da Ásia Menor. Destruíram o célebre templo de Diana em Éfeso, depois voltaram a seu país.

GALO E EMILIANO

A HORA DO PERIGO

"Um imperador substituiu o outro, para ser, por sua vez, abatido. É verdadeiramente surpreendente que no 3° século depois de J. C, fosse ainda a púrpura imperial tão cobiçada! O punhal e o veneno foram as "causas naturais" do fim dos imperadores."

O AUTOR.

Quando o chefe duma grande potência cai no campo da honra, pode-se augurar que esse fato representa um péssimo presságio para a história de seu país.

Décio foi o primeiro imperador romano que sucumbiu à mão do adversário, em plena batalha. Seu corpo não pôde ser sepultado. Sua morte heróica não serviu de nada. Não pôde deter a inevitável vitória dos godos. As províncias danubianas, a leste do Império, dilaceradas pelas forças inimigas, foram profundas feridas abertas que somente o sangue romano teria podido cicatrizar.

O homem capaz de restabelecer uma situação que parecia desesperada, o chefe de exército bastante poderoso para assegurar uma defesa eficaz e salvar Roma e o Império, só teria tido que colher as honras e a púrpura que a Cidade das sete colinas muito por feliz se daria em conceder-lhe! Víbio Treboniano Galo era governador da Mésia Inferior, província do sul do Danúbio. Encontrava-se Galo, pois, nos próprios locais onde a honra de Roma devia ser salvaguardada e a morte do imperador Décio vingada. A planície danubiana estava devastada e os godos tinham levado cativos os habitantes da Trácia inda vivos. Depois de ter saqueado cidades e campos, o povo migrador pilhara tudo quanto, a seus olhos, representava um valor, mesmo insignificante.

Donde vinha Galo? Oriundo duma família etrusca, era um homem astucioso, sutil de certo, mas sem envergadura. Não era de porte a reerguer a situação tão complexa e tão grave na qual se encontrava o exército. Fortemente diminuído, o exército danubiano proclamou-o imperador e Roma aprovou a nomeação.

Galo abandonou aos godos imensa presa. Viu-se obrigado a assistir, impotente, à detenção de oficiais e dignitários romanos que os godos aprisionaram. Não somente teve de deixar aos godos livre passagem através do país, mas foi-lhe preciso prometer pagar-lhes todos os anos somas em ouro consideráveis. Desde longos séculos, tinha Roma hábito de receber tais tributos e não de distribuir ouro a bárbaros. Descontentes, ficaram os romanos escandalizados com as decisões de Galo; os patrícios zombavam daquele homem que fizera concessões indignas da grandeza de Roma!

Para disfarçar a vergonha numa situação tão precária, nomeou o imperador Galo co-regente Hostiliano, o segundo filho de Décio. Mas Hostiliano, derradeiro sobrevivente da família, morreu em conseqüência da peste que, naquela época, devastava o leste da Europa e, um pouco mais tarde, dizimaria a Ásia Menor.

Assim que se tornou conhecida em Roma a notícia, o rumor público propagou que Galo havia assassinado o filho de Décio, o heróico imperador. Depois, a calúnia envenenou o conflito: não servira Galo na reserva, quando Décio, à frente dos exércitos, combatia os

godos? E se ficara nas derradeiras linhas, por que, naquele momento, não tentara o impossível para salvar seu chefe? Sem Galo, cochichava-se nas ruas da capital, o imperador Décio não teria caído na emboscada! Galo regressou imediatamente a Roma. Diante do Senado, mostrou atitude respeitosa, mas fez troça ruidosa dos boatos que circulavam a seu respeito. Riu, bebeu, divertiu-se o melhor que pôde na capital ameaçada.
Entretempos, na Mésia Inferior, Emílio Emiliano pusera-se à frente dos soldados. Depois de reunir os corpos de exército em debandada, atacou o adversário. Repeliu os godos para além do Danúbio. Os soldados proclamaram imperador o homem que lhes salvara a vida e o Império, numa situação trágica. Emiliano regressou a marchas forçadas à Itália para surpreender Galo.
Galo renunciou a contragosto à vida dissipada que levava às margens do Tibre para travar sangrento combate, prometendo ser implacável. Avançou ao encontro de seu rival na planície de Espoleto, onde os exércitos dos adversários imperiais estavam em vista. Mas Galo não pôde impedir que seus soldados fizessem funestas comparações. Galo comprara, a peso de ouro a paz no Danúbio e abandonara os valorosos oficiais romanos à terrível sorte do cativeiro. Emiliano, pelo contrário, vencera os godos e detivera o avanço dos agressores. E eis que os legionários de Galo vinham a saber que Emiliano recompensaria regiamente os trânsfugas que passassem para seu campo. Assassinaram simplesmente o imperador Galo e, com ele (era um triste hábito), seu filho Vilsiano.
Esse assassinato decidiu do resultado da guerra civil. O Senado confirmou a nomeação de Emiliano. Hércules, o Vencedor, e Marte, o Vingador, foram os títulos honoríficos com que, deslumbrado, glorificou-se Emiliano durante quatro meses. Podem-se ler esses títulos de glória nas medalhas da épo~a. A este propósito, como o homem só enterra seu ouro nas horas do perigo, as coleções que encantam os numismatas provêm, em geral, das épocas mais agitadas da humanidade, e as que glorificam Emiliano chegaram-nos em grande número. Pouco tempo antes de sua morte, o desgraçado Galo enviara seu general Valeriano procurar reforços na Gália e na Germânia. Se o fiel Valeriano chegou tarde demais para cumprir sua missão e salvar seu chefe, não abandonou a esperança de vingá-lo.
As tropas de Emiliano comportaram-se então com o mesmo vandalismo, com a mesma crueldade que os legionários de Galo. Os soldados acampados na planície de Espoleto viram chegar os exércitos de Valeriano. A comparação foi fácil; compreenderam imediatamente que aqueles exércitos eram mais poderosos que os deles e, sobretudo, que o adversário que se aproximava revelava-se como um chefe valoroso e experimentado.
Num ardente dia do mês de agosto do ano de 253 depois de de J. C., mataram Emiliano, que só reinara quatro meses. Na Rétia, os exércitos da Germânia e da Gália proclamaram imperador o cônsul P. Licínio Valeriano. Naqueles tempos, deve-se ter notado, era bem raro que um homem fosse nomeado imperador sem ter mergulhado suas mãos no sangue. Ora, desta vez, não só o Senado, mas o império romano inteiro aprovaram o novo César.
O imperador Valeriano é uma das figuras mais trágicas da história romana. Nenhum soberano de Roma teve de dominar adversidades tão cruéis. Com sessenta anos de idade ao revestir a púrpura, declarou-se abertamente "inimigo da tirania". Grande erudito, Valeriano foi um soberano sábio e avisado. Psicólogo fino, facilitou a carreira de oficiais valorosíssimos Cláudio, Aureliano e Probo que, mais tarde, salvaram sua pátria. Ora, como

tantos outros homens honestos e probos, teve a fraqueza de deixar-se cegar pelas atuações de seu filho e não julgar o temperamento instável desse singular personagem. Sentiu-se muito orgulhoso e cumulado, quando o Senado conferiu a esse filho adorado o título imperial e o chamou Augusto. O co-regente, o Dom Carlos da história romana, personagem complexo e estranho, chamava-se P. Licínio Egnácio Galiano.

O pai e o filho herdavam uma sucessão bem pesada e comprometida. O Império encontrava-se ameaçado em todas as suas fronteiras. Se os germanos eram então os adversários mais agressivos e mais perigosos, constituíam os persas inimigos poderosos e astutos. Roma tinha de defender-se em todas as frentes contra esses temíveis exércitos estrangeiros. Era a Pérsia então uma potência mundial, tanto quanto Roma. Os germanos, pelo contrário, pela primeira vez na sua história, tentaram, ao norte do Mar Negro, fundar um Estado. Eram como as primeiras vagas anunciando a maré que invadiria a Itália. Hordas de francos penetraram então na Gália, avançaram até a Espanha e, pouco tempo depois, por Gibraltar, desembarcai am na África do Norte (257).

Diante dessa situação dramática e desesperada, o imperador Valeriano, em 254, procedeu à partilha do Império, Reservava o leste, com Antióquia como residência, para si, e seu filho foi encarregado da defesa do oeste.

Teve essa decisão importância capital. Pela primeira vez na História, o valor do Oriente aparecia claramente aos olhos do mundo. Valeriano, imperador, escolhia sua residência no leste, na direção do mundo grego, enquanto que Galiano, seu filho, governava a oeste o mundo latino. Pela primeira vez, o Império dividido, foi a cena "orientar* exposta em plena luz à vista dos espectadores "ocidentais". A parte oriental do império romano começava a pesar bem mais fortemente na balança, e a importância de Roma diminuiu, a ponto de deixar de ser o centro do mundo.

No momento preciso em que o pai e o filho se separaram para um adeus definitivo, quando os "bárbaros" — podiam-se chamar também os godos e os boranos de piratas — irradiavam-se de sua base no Mar Negro para saquear as costas e os campos, nesse momento preciso, compreendeu o rei da Pérsia que havia soado para ele a hora da ação. Depois de Dario I, foi o rei Sapor sem dúvida o mais inteligente soberano do Irã. Seu reinado, com efeito, deveria marcar a História com um sinete indelével.

VALERIANO

UM MORTO VIVO

Tal foi a vida do imperador Valeriano, cujo trágico destino abalou (em 260 depois de J. C.) o mundo com uma emoção profunda. Os cambistas, espantados, fitaram as medalhas cunhadas com a efígie de seu imperador cativo. Até a morte do infeliz imperador, o rei Sapor tratou Valeriawo como um escravo.

O AUTOR.

Bagdad está construída, em grande parte, com pedras extraídas das pedreiras perto das margens do Tigre, a trinta quilômetros cia cidade. Lá é que se elevavam as ruínas grandiosas dum esplêndido palácio, com sua imensa sala de recepção cujas abóbadas davam vertigem! Perto do palácio, jaziam os escombros de uma aglomeração desaparecida e os construtores de Bagdad haviam-se servido, com toda a liberdade, dos maravilhosos materiais de construção que encontravam ao alcance da mão.

A história da antiga cidade (em ruínas) é mais prodigiosa que a da Bagdad moderna. Ctesifonte foi a residência de inverno dos reis partas e o grande sassânida Sapor I ali mantinha sua corte de maneira permanente. Segundo grande rei da dinastia dos Sassânidas, construirá em Ctesifonte um magnífico palácio. Queria Sapor realizar o sonho de Ardaschir, seu pai, que nutrira a ambição de reinar "sobre a terra inteira". Dum dinamismo, duma energia excepcionais, organizador de primeira ordem, tinha Sapor uma idéia muito nítida e consciente do alvo que queria atingir. A realização dum império universal, dum persa dominando a Ásia e a Europa, o estabelecimento duma hegemonia dos Sassânidas não passariam de um sonho? Tão próximo do alvo tão cobiçado, não se tornaria realidade o sonho?

Como seu pai Ardaschir, era Sapor I um adorador do fogo; seus sacerdotes, os "magos"', fortalecidos pela onipotência que uma religião de Estado oferece, eram senhores do mal, da expiação dos pecados, de oráculo e da magia. Das torres que se erguiam sobre as colinas, subiam para o céu nuvens de incenso. Ahuramazda, o deus invisível, tinha a seus pés um imenso império, concreto, materializado, e o espírito de seu profeta Zaratustra celebrava sua ressurreição no novo império persa.

Soberano severo, inflexível, deu Sapor prova de certa tolerância. Foi sob seu reinado que o babilônio Manes, um dos personagens mais singulares e mais interessantes da história das religiões, revelou sua doutrina secreta "da luz e das trevas". O primeiro sermão maniqueu realizou-se num domingo, a 20 de março do ano de 242 depois de J. C. Naquele dia, em Ctesifonte, sob a alta proteção do rei Sapor, o jovem Manes expôs sua surpreendente revelação.

Trinta anos mais tarde, teve Manes a sorte de tantos taumaturgos: foi executado. Mas tendo-se sua doutrina espalhado pelo mundo, tornou-se conhecida dos romanos, filtrou-se até as ilhas britânicas. Depois de haver representado um dos maiores perigos para o cristianismo, desapareceu o maniqueismo, em virtude mesmo de sua luta contra o cristianismo.

Nessa doutrina, a luz e as trevas são dois princípios eternos que, por ocasião da gênese, se separaram. Mas as trevas penetraram a luz, insidiosamente, da mesma maneira que a serpente se introduziu no paraíso terrestre. Pela primeira vez, o mal apareceu no mundo inquieto.

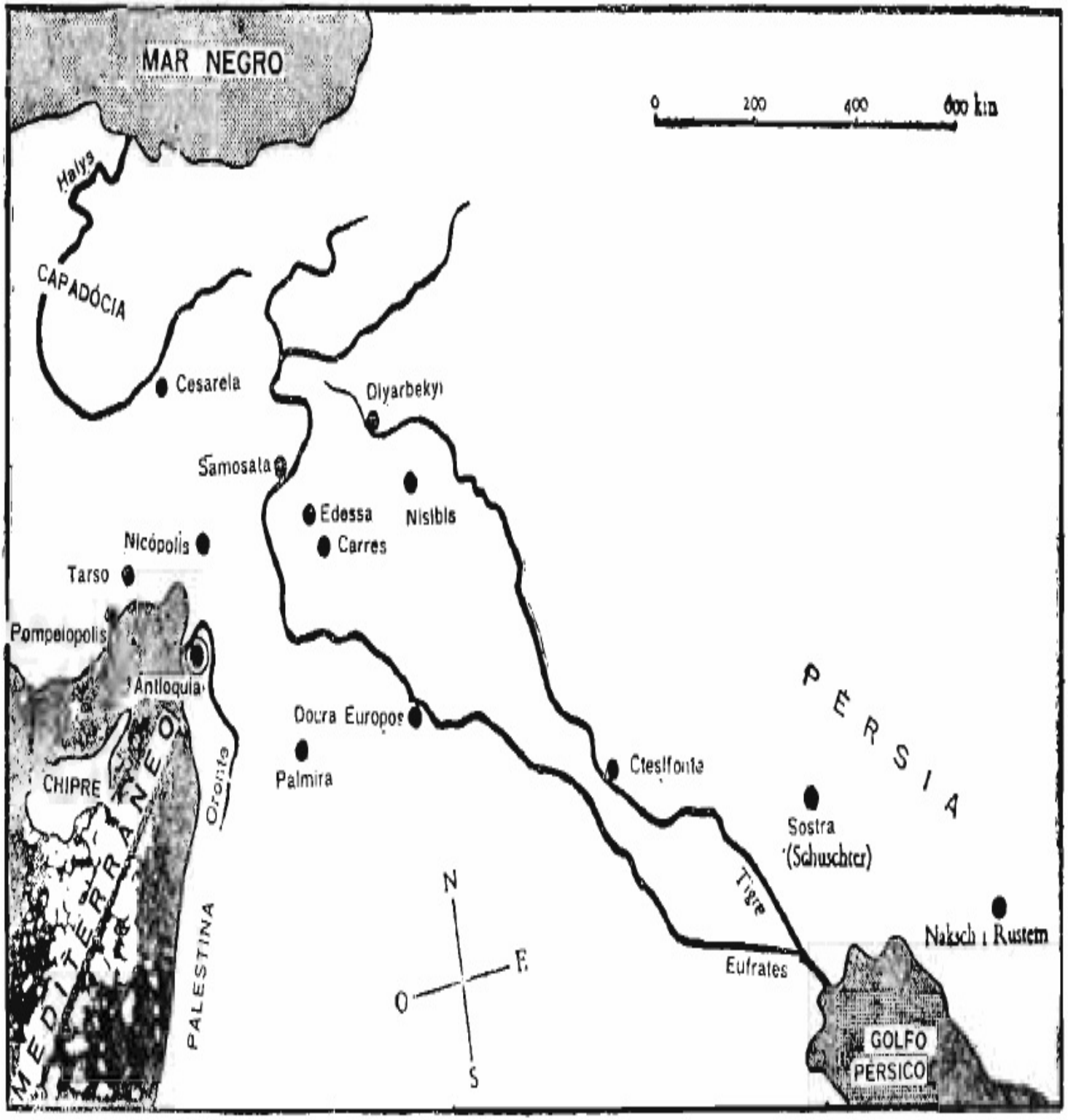
O ensino de Manes é, de fato, uma religião derivada do cristianismo, uma mistura de idéia filosóficas da Pérsia antiga, da Grécia e do cristianismo. O próprio Manes dizia-se "apóstolo de Jesus Cristo".

Segundo sua doutrina, profetas enviaram a luz aos homens: Adão, Noé e Abraão, os patriarcas bíblicos, mas também Buda, Zaratustra, Manes e, antes de tudo Jesus, que, segundo as palavras de Manes, "apareceu na Judéia". O Cristo foi "o derradeiro profeta antes de Manes", que se considerava como "o maior profeta e apóstolo de Jesus Cristo". Sabemos de tudo isso graças a Santo Agostinho. Mas o parentesco estreito que existe entre o cristianismo e o maniqueismo foi descoberto em Turfan (na província chinesa de Sin-kiang), onde escavações recentes trouxeram a lume inscrições maniquéias. Manes exprimia-se em aramaico, a língua do Galileu. O rei Sapor tinha pelo jovem e fanático religioso uma amizade e uma compreensão profundas e concedeu-lhe a permissão de difundir sua doutrina pelo país. Depois de ter tentado suprimir a cristianismo que, naquele tempo, florescia em todas as partes na terra, proibiu Sapor um dia que os magos perseguissem os cristãos. Decidira tolerar no seu império a eclosão de todas as formas de religião. Os magos celebravam os cultos antigos de Ahuramazda e de seu profeta Zoroastro, os maniqueus revelavam a doutrina da Luz, os judeus adoravam Javé, os cristãos Jesus, os xamanes idolatravam seus manipansos e os espíritos mágicos e os brâmanes suas inúmeras divindades. Decretou Sapor que os fiéis das diferentes religiões podiam em paz seguir o ideal e dobrar-se aos cultos que lhes convinham. Todavia, procurou Sapor alargar e aperfeiçoar a obra que seu pai Ardaschir começara no plano religioso. Ardaschir encarregara um alto dignitário eclesiástico (Tansar) de recolher os diferentes textos do Avesta, os livros sagrados dos antigos persas, e publicá-los como um escrito canônico autorizado. Sapor acrescentou à lista dos livros sagrados trabalhos científicos, obras médicas, astronômicas e metafísicas provenientes da Índia, da Grécia e de outros países. O grande rei persa possuía uma cultura universal.

É surpreendente verificar a potência e a riqueza das correntes religiosas que se manifestaram em redor do ano de 250 depois de J. C. Na Europa e na Ásia, cinco idéias mestras, de alcance universal, sondavam os corações e a inteligência dos homens. No Ocidente, a religião judeu-cristã; na Pérsia, as doutrinas de Ahuramazda e de Manes; na Índia, o budismo, com sua expansão cultural em Gandhara, província afegã. Essas quatro correntes religiosas tinham todas sofrido a influência da filosofia grega que, graças à sua interpenetração com o pensamento oriental, foi chamada helenismo.

Ameaçado na sua própria essência pelo cristianismo e pelo budismo, Ahuramazda, o deus antigo, adquirira na Pérsia dos Sassânidas uma força e uma vida novas, precisamente através da luta que teve de sustentar contra religiões mais recentes, Se Ardaschir, pai de Sapor, contentara-se com ser rei do lrf, o filho intitulou-se "grande rei do Irã e de todos os países". Em língua persa, o título Shahansha i Eran u Aneran significa textualmente "grande Rei do Irã e do não-Irã ". Astuto e cruel, tinha Sapor um espírito empreendedor

essencialmente dinâmico. Possuía, duvida-se um tanto, um harém e, como se poderá verificar posteriormente, era esse o ponto vulnerável de sua natureza.
O homem que, naquela época, ambicionava instaurar uma potência mundial, via-se obrigado a levar Roma em conta, ou mais exatamente, vencer Roma, para a repelir, para lançá-la fora da Ásia. Estrategista avisado, não ignorava Sapor que lhe era preciso, para começar, libertar-se da ameaça que lhe pesava no flanco direito, isto é, a Armênia.
No ano de 252 depois de J. C, o rei da Pérsia invadiu aquele país áspero e montanhoso onde, desde trinta anos, o rei Cosroés vinha-se defendendo com êxito contra os ataques interiores ou exteriores. Uma biografia não romanceada desse rei constituiria um livro verdadeiramente apaixonante. Sapor conseguiu mandar assassinar Cosroés. Tirídates, filho deste, era ainda menino. Como se dá muitas vezes o caso, a queda da realeza armênia foi provocada por agitações internas do país. Sem dúvida existia um partido dos nobres, oposto a Tirídates, que teve de procurar refúgio entre os romanos. Os outros membros da casa real, Artavasdés à frente, submeteram-se aos reis da Pérsia. O medo do senhor, isto é, o medo do rei Sapor, não era o móvel único que levava aqueles povos à submissão. Os homens eram atraídos e como que fascinados pelo renascimento e pelo ardor da fé em Ahuramazda e em seu profeta Zararustra. Convém sublinhar que o novo império persa não se edificara unicamente graças ao poder dos dois grandes Sassânidas, Ardaschir e Sapor, mas sobretudo sob a pressão e a intensificação do mazdeismo e da nova doutrina de Manes. A queda da Armênia abriu uma brecha perigosa nas linhas fortificadas a leste do império romano. Sapor atacou a Mesopotâmia. Pilhando e saqueando à sua passagem, as tropas do rei invadiram a Síria, sitiaram Antióquia e atravessaram a Capadócia. A cidade de Tiana foi tomada de assalto e Cesaréia investida. Valeriano, que passara dos sessenta anos, experimentava as maiores dificuldades em enfrentar aquela grave situação. É que a catástrofe do Oriente-Próximo surpreendera-o no momento crítico em que os godos e os boranos multiplicavam suas agressões e suas piratarias, tanto em terra como no mar. Bem parece que o velho imperador tenha, de fato, ganho algumas vitórias contra os persas, porque as medalhas cunhadas no ano de 259 trazem inscrições celebrando esses altos feitos sobre os partas e a paz que disso resultava no Oriente: Victoría Partnica e Restitutor Orientis. Mas Valeriano, hesitante, sentia-se atenazado pela angústia e pela incerteza do dia seguinte.



Depois de deixar sua residência em Antióquia, Valeriano avançou até a Capadócia, mas, ao receber más noticias, deu meia-volta e escolheu para quartel-general Samosata, fortaleza do Eufrates. Contando com o apoio da sólida fortaleza de Edessa, queria Valeriano resistir aos persas. Ora, o adversário conseguiu desbloquear a defesa em Dura-Europos (onde desde 1929 se realizam escavações). Em Naksch-i-Rustem, pode-se admirar, esculpida na rocha, a representação do imperador Valeriano cativo, acorrentado, de joelhos diante do rei Sapor a cavalo. O imperador romano morreu no cativeiro.

Não esqueçamos que o imperador Valeriano vivera numa época em que, não importa qual general romano, por mais insignificante que fosse, que houvesse obtido alguns êxitos

militares, acreditava-se habilitado a seu ato de rebelião ou conquista da púrpura imperial! Naqueles tempos, como em nossos dias, era a ditadura o meio mais seguro empregado por um homem que sonhava exercer o poder, mas, é preciso dizê-lo, o temerário que a isso recorresse, assinava sua sentença de morte. Era, aliás, por essa razão que Valeriano não ousava confiar seus lugares-tenentes numerosos corpos de exército, porque era bastante perigoso conceder plenos poderes a quem quer que fosse.

Depois de ter nomeado prefeito do pretório, isto é, comandante em chefe, um tal Sucessiano, mandou-o combater os boranos. Despachou o General Félix para Bizâncio, com a missão de pôr a cidade em estado de defesa. Mas para os godos, não constituíam essas medidas preventivas um obstáculo intransponível. Com efeito, as ordens formais, as medidas de segurança e de proteção, todos os projetos do velho imperador pareciam diminuídos, alterados e como que paralisados pela indecisão do imperador.

Depois de ter deixado Antióquia, avançou Valeriano até a Capadócia. Mas quando soube dos grandes reveses do exército, deu meia-volta e escolheu como quartel general Samosata, fortaleza construída no Alto Eufrates. Contando com a resistência da inexpugnável fortaleza de Edessa, acreditava, em seu quartel-general, resistir aos persas.

O rei Sapor enviou seu filho Hormisdas (Ormuzd) para tomar posição sobre o Eufrates. Os persas conseguiram encontrar um ponto fraco em Dura-Europos (aquele caravansará situado à margem do Eufrates, local onde se vem prosseguindo desde 1928 a escavações das mais interessantes do mundo antigo oriental e que foi posto a lume pelo Instituto de Belas Artes da França e pela Universidade de Yale). Ao nordeste, ao pé dum penhasco, é a cidade banhada pelo Eufrates.

No cume do penhasco abrupto elevava-se uma espécie de Acrópole. Os vestígios permitiram identificar que a cidade era um recinto fortificado, de pedra, com torres, uma rede de ruas quadrangulares, um palácio de justiça de estilo romano e ricas moradias.

Provavelmente, uma parte da cidade teve de desaparecer com o lento solapamento causado pelo curso do Eufrates. Nas paredes, descobriram-se gravuras que representavam cavaleiros persas. As escavações provam a dificuldade, a severidade do assédio que os persas tinham tentado, bem como a tenacidade da defesa dos assediados. Os persas atacaram a cidade cavando galerias subterrâneas e os romanos defenderam-se cavando sapas mais profundas. Numerosos assaltos ocorreram debaixo da terra! Trouxeram-se a lume vários esqueletos tendo na cintura bolsas guarnecidas de medalhas de prata do ano de 255 depois de J. C.

Em meio desse tremendo perigo, enviou o céu mais um flagelo contra os romanos, o qual lhes centuplicou a miséria e os perigos. A peste dizimou as legiões do imperador Valeriano. Enquanto seus soldados, como que estrangulados por uma mão invisível, caíam aos milhares, o velho imperador interrogava a si mesmo com angustia, a fim de conhecer as razões escolhidas pelo céu e que haviam prevalecido para descarregar sobre Roma tal punição. Na sua angústia, teve Valeriano a idéia diabólica de punir os cristãos, porque era preciso encontrar responsáveis, bodes-expiatórios para aquele trágico destino. Pensava assim reconciliar-se com o céu e acalmar as cóleras dos antigos deuses de Roma, e depois desviar a atenção dos cidadãos romanos, tendida para aquele Oriente a fogo e sangue, para fixá-la, última esperança, sobre aqueles cristãos tão maléficos.

Estes, no entanto, rezavam com fervor pela vitória do imperador romano. Mas era a seu Deus que imploravam. Interrogado pelo governador romano da província da África, São Cipriano, bispo de Cartago, declarava:
— Sou cristão. Não conheço outro Deus senão o Deus revelado. Nós, cristãos, servimos a tal Deus e imploramos-lhe dia e noite que salve a humanidade e proteja o imperador. Mas as cabeças desses homens leais caíram sob o machado do carrasco. Foi executado grande número de cristãos. Na catacumba de Pretextato, o bispo cristão de Roma foi massacrado, enquanto celebrava a missa. O diácono São Lourenço foi martirizado até que a morte o libertasse. Em Cartago, condenaram São Cipriano à morte pela espada. Na Espanha, o bispo Frutuoso morreu como mártir.
— Eis o que acontece quando não se veneram mais os deuses e quando se recusa uma piedosa saudação diante da face divina do imperador! — gritara o juiz romano para o desgraçado bispo, durante seu suplício.
Com efeito, se não se "veneram mais os deuses romanos — pensava Valeriano, em desespero, — enviam-nos eles a peste e os persas".
Ora, se o velho imperador feria duramente os cristãos, mostrava-se incapaz de deter o avanço dos persas! No ano de 260 depois de J. C, Sapor investiu contra Edessa. A cidade heróica defendeu-se corajosamente. Valeriano estava por fim decidido a travar batalha. Enfraquecido pela epidemia, com soldados famintos, sem coragem, esgotados e desmoralizados, o exército romano travou a luta. Imediatamente, compreenderam os combatentes que o próprio imperador perdera toda a esperança.
No derradeiro momento, tentou Valeriano uma sortida desesperada. Depois pediu aos persas que entabolassem conversações de paz. Graças a fortíssima soma de dinheiro, incitou-os a concluir a paz. Mas o astucioso Sapor, que tinha excelente serviço de informações, nada ignorava da situação catastrófica de Valeriano.
Depois de ter recusado encetar as conversações de armistício, Sapor "cedeu" às instâncias dos romanos. Aceitou uma conferência entre os dois adversários com a condição de que o imperador Valeriano se apresentasse a ele em pessoa. Sem desconfiança, dirigiu-se Valeriano ao acampamento inimigo, onde foi feito prisioneiro. Se constituía esse ato desleal um atentado pérfido às leis da guerra, pouco se lhe deu o rei Sapor. O imperador romano era, pois, prisioneiro dos bárbaros. Cativo e escravo, estava, mau grado a ignomínia e a vergonha, vivo!
Tal foi a sorte lastimável do imperador e do Império Romano. Ora, o mundo de então tinha o ouvido fino. Sem telégrafo, sem telefone, sem avião, as notícias se propagavam e percorriam, com uma velocidade surpreendente, distâncias enormes. E o cativeiro do imperador explodiu, como um trovão, sobre todos os exércitos e sobre todas as províncias romanas].. . Em Roma, os gritos dos bateleiros do Tibre cessaram, as pesadas carroças paravam nas ruas, as pragas se extinguiam no silêncio nos lábios almocreves. Os cambistas, espantados, fixavam com um olhar apavorado as medalhas cunhadas com a efígie do imperador. Os caldeireiros, os encantadores de serpentes, até mesmo os mendigos perderam a respiração. Pelos oitenta e cinco quilômetros que contavam as ruas de Roma espalhou-se o mais sinistro boato que algum dia houvesse ferido as orelhas romanas: o imperador estava prisioneiro!

Depois, como uma maré invasora, a ameaça dos persas rompeu os diques de defesa do Ocidente. Antióquia tombou. Um nobre cidadão sírio da cidade, Maríades, indicou o caminho às tropas do rei persa. Esse homem, depois de ter desviado os dinheiros públicos de Antióquia, fora expulso pelo conselho da cidade. Agora, traía a pátria. Provavelmente, teve o cuidado de fazer desaparecerem testemunhas, importunas pessoas gradas de Antióquia.
Se as reservas da fábrica de moedas e os tesouros da cidade puderam ser postos em lugar seguro, não suspeitou a multidão da traição. Os habitantes assistiam a uma representação teatral, quando o rei Sapor entrou na cidade. Os persas incendiaram as casas e os campos vizinhos. Por ordem de Sapor, o traidor Maríades foi queimado vivo, talvez porque sua traição não tivesse sido total e perfeita e houvesse ajudado a colocar em lugar seguro o ouro e o tesouro da cidade. Numerosas cidades pequenas, bem como Tarso e Cesaréia, as capitais da Cilícia e da Capadócia, caíram nas mãos dos persas. Em Paflagônia, no norte da Ásia Menor, os cavaleiros persas atingiram as costas do Mar Negro.
Num desfile interminável, os prisioneiros se arrastavam pelas estradas desérticas do Oriente. Uma vez por dia, somente, como o gado, levavam-nos ao bebedouro. Dizem que a famosa barragem do imperador Bend-i-Kaiser, em Susiana, foi construída por esses prisioneiros.
Até sua morte, foi o imperador Valeriano tratado pelo rei Sapor como um vil escravo. Mandava-o a passeio, acorrentado e revestido da púrpura imperial. Quando o rei colocava o pé nos estribos para cavalgar seu animal, devia o imperador estender-se no chão, de bruços, enquanto. Sapor lhe pousava um pé nas costas.
— Isto é também vencer — exclamava o persa, rindo, — e não somente pintar as vitórias nas paredes, como fazem os romanos!
Tal foi, até o fim de sua existência, o tratamento infligido ao imperador de Roma. Parece bem que Valeriano tenha vivido ainda numerosos anos. Após sua morte, por ordem de Sapor, foi empalhado, besuntado de vermelho e exposto num templo "para vergonha eterna de Roma".
É possível que os cristãos hajam, nos seus escritos, enegrecido demais o quadro das misérias sofridas pelo imperador cativo, esse Valeriano que os havia perseguido com tanta intolerância e crueldade. Alguns historiadores pensam que, nas suas lendas, os sofrimentos do vencido tenham sido fortemente avolumados.
Todavia, é certo que Sapor que, depois, veio a ser seriamente ameaçado pelos romanos e por seus aliados, tenha descarregado o peso de sua cólera e de seus terríveis ressentimentos sobre seu destacado prisioneiro. É fato bem conhecido e admitido que os persas, naquela época, eram homens cruéis. Em Naksch-i-Rustan, não longe das ruínas de Persépolis, pode-se ver, esculpida na rocha, uma representação do imperador Valeriano, acorrentado e de joelhos diante do rei Sapor, sentado em seu cavalo. O baixo-relevo acha-se perfeitamente conservado. Nenhum povo, naquele momento, estava em condições de resistir ao impetuoso avmço dos persas. Os exércitos de Sapor pilhavam, incendiavam e massacravam sem encontrar uma posição capaz de deter seu ímpeto irresistível. Por fim, os romanos, em fuga, dispersos, reuniram-se e elegeram como chefe um general chamado Calixto, apelidado Balista, que se aliou com Macriano, comandante do grande quartel

general romano. Depois de ter requisitado os barcos dos portos da Cilícia, Balista embarcou para Soloi (Pompeiópolis) cercada pelos persas. Massacrou ali milhares de soldados persas. Teve a seu ativo a captura mais importante da época: a do harém de Sapor.

O comportamento do grande rei conquistador acusou então radical transformação. A perda de suas concubinas e a de importantes corpos de exército feriram-no profundamente. Dirigiu-se às pressas a Ctesifonte, sua residência. Quando lhe perguntaram o que, com tamanha urgência, o trazia a seus muros, alegou estar obrigado a celebrar rapidamente uma festa!

Durante aquele período de perturbações e desordens, a cidade de Edessa, a despeito da peste e dos assaltos dos persas, havia-se agüentado bem. Batendo em retirada, foi Sapor obrigado a passar nos arredores da fortaleza. Consciente da resistência inabalável de Edessa, Sapor, à frente dum exército enfraquecido e esgotado, não ousava engajar hostilidades. E os habitantes de Edessa, triunfantes, viram com seus olhos o grande Sapor comprar a peso de ouro (aquele ouro roubado dos romanos) uma passagem livre através de suas terras. Doravante, uma espécie de paralisia freiou, anquilosou o dinamismo até então invencível do rei da Pérsia, ávido de conquista. No oásis de Palmira, encontrou Sapor adversários de seu porte, bloquearam seu avanço vitorioso para o Oriente. Por outra parte, no final de seu reinado, os negócios internos de seu reino preocuparam-no a tal ponto que não pôde, para o futuro, encarar a eventualidade duma guerra contra os romanos. Fatigado dos combates, o rei da Pérsia viveu em paz e entregou-se à construção de edifícios grandiosos. É possível também que a filosofia conciliante de Manes tivesse uma influência moderadora sobre o ardor combativo de Sapor. Talvez o grande doutrinário tivesse em vista unir numa fé única e suprema as três principais religiões do temno, a saber: o cristianismo, o budismo e o mazdeísmo. Quem sabe qual tenha sido a divindade a quem o grande soberano persa, no fim de sua existência e após um reinado de trinta anos, considerou como o verdadeiro Deus?

Medalhas parecem provar que ele mantinha toda a sua fidelidade a Ahuramazda, Ormuzd, o deus da Luz. Essas moedas, de mil e setecentos anos de idade, mostram-nos um rosto expressivo, franco, inteligente; pode-se ler numa face a seguinte inscrição:

"Adorador de Ormuzd, o excelente Sapor, Rei dos Reis do Irã germe divino dos deuses."

GALIANO

O AMIGO DOS CRISTÃOS

> Roma não compreendeu a natureza do novo imperador. Detestava seu pai e amava profundamente sua esposa. Transmitiu-nos o archote do espírito helênico.
>
> O AUTOR.

Filho indigno, foi Galiano, no entanto, um homem de gênio. Não fez um gesto para ir em socorro de seu pai, prisioneiro dos persas. Nem mesmo um embaixador enviou ao rei Sapor, para negociar a libertação do imperador ou para suavizar-lhe a sorte! Muito pelo contrário, sentia-se Galiano feliz por estar liberto daquele pai, bom, rígido e severo. Por ocasião do desfile triunfal para comemorar-se o décimo aniversário de sua ascensão ao poder, mandou homens disfarçarem-se de persas, para representar prisioneiros de guerra. Vários comediantes percorreram as fileiras dos pseudo-cativos, como se procurassem uma cabeça conhecida. E quando os interrogavam, respondiam eles:

— Procuramos o pai do imperador!

Foi Galiano um personagem estranho e original. Abandonou imediatamente, e para sempre, a política das perseguições cristãs ordenadas por seu pai. Por um édito de tolerância, restituiram-se às comunidades cristãs seus bens confiscados, suas igrejas interditas e seus cemitérios. Galiano foi, por assim dizer, o amigo dos cristãos, e é por isso que os partidários da antiga religião romana, nas suas memórias, alteraram a biografia desse imperador. Do lado cristão, pelo contrário, apresentaram-no com as preciosas qualidades que ele sem dúvida realmente possuiu.

No reinado de Galiano, o mundo greco-romano viveu sua última e breve renascença do gênio helênico. Como Adriano, foi Galiano um admirador entusiasta do gênio de Atenas, um partidário convicto da cultura e da civilização gregas. Dirigiu-se à Grécia, onde se fez iniciar nos mistérios de Eleusis, burgo da Ática cujo templo era consagrado a Deméter.

Os iniciados do culto eram obrigados a segredo absoluto e nem um escritor da Antigüidade rompeu seu juramento! Por esta razão, os ritos desses mistérios permaneceram por assim dizer totalmente desconhecidos. Sabe-se que algumas representações dramáticas provocavam entre os assistentes violenta excitação religiosa.

Galiano mandou cunhar medalhas nas quais era ele representado sob os traços de Deméter, isto é, como deidade feminina e trazendo o nome de Galiana. Em nossos dias, isto causa espanto e parece ridículo, mas sem nenhuma dúvida os homens da Antigüidade aproximaram-se do mistério da deusa. Cornélia Salonina, a esposa de Galiano, era uma mulher duma finura, duma sensibilidade e duma cultura excepcionais. Era grega, nascida na Bitínia. Infelizmente, os historiadores pouco se preocuparam com aquela mulher tão cheia de dons e tão apaixonante. Após sua morte, uma medalha comemorativa ornada com seu retrato trazia a inscrição: Augusta m pace. Foi a primeira a ser acompanhada dum texto cristão. Era cristã Salonina?

O imperador e sua esposa veneravam o grande filósofo grego da época, Plotino, nascido em Nicópolis, no Egito. O filósofo neo-platônico, sem ter adotado a fé cristã, era, no

entanto, cristão acima do sentido estreito e dogmático da palavra. Com o neo-platonismo, a filosofia grega conheceu um renovamento graças ao qual sua missão humanitária sondava uma vez mais, a consciência dos homens. Através da angústia, das vicissitudes e das desordens do tempo, a consciência acusava o ardente desejo de conhecer Deus. Para Plotino, o fim do homem era "tornar-se semelhante a Deus". Ê certo que Plotino soube o que era o cristianismo. Porfírio, seu discípulo, compôs uma obra na qual se dirige aos cristãos. Os homens de então, que acreditavam ainda nos antigos deuses romanos e nas religiões do Oriente, estiveram, sob muitos aspectos, bem mais próximos dos cristãos do que se seria tentado a pensar. As crenças antigas e o cristianismo eram como que "ocidentalizados" pelo helenismo.

Se Galiano cessou as perseguições contra os cristãos, não foi porque os considerasse como seres inofensivos. Afirmava muitas vezes que não era com a espada, mas pelo espírito ser possível refutar a nova religião.

Ao cristianismo queria Galiano opor as idéias filosóficas de Plotino, sua busca de Deus, autêntica e convincente. Talvez sofresse a influência de sua esposa Salonina, que não o deixava nunca e que se encontrava a seu lado no dia em que, no acampamento, recebeu os golpes mortais. Em todos os lugares, no mundo romano, em Atenas, na Síria, no Egito, os homens mais eminentes e entre eles, cristãos, encorajados por Galiano, desvendavam e faziam progredir as idéias sublimes e preciosas da cultura clássica. O Ocidente deve a Galiano a revelação e a transmissão da qualidade do espírito e do modo de existência da Grécia.

Ora, precisamente no seu reinado, catástrofes feriram, uma após outra, o império romano, já tão duramente provado. Em 262 depois de J. C, grande número de cidades da Ásia Menor foram destruídas por um tremor de terra. Durante longos anos, a peste prosseguiu sua sinistra messe no Império. Galiano, cujo modelo foi Augusto, procurou, com uma vigilância digna de seu predecessor, e a energia e prontidão dum chefe, deter toda ameaça e todo perigo. Como o escreveu Eutrópio, teve períodos de abatimento em que cedia, desencorajado, a uma espécie de pesada passividade. Durante sete anos, resistiu aos ataques incessantes dos germanos nas fronteiras renanas. Era preciso deter as hordas dos alemães, dos godos e dos hérulos. Galiano esforçou-se por defender as províncias danubianas, a Gália, a África e a Itália. Mandou fortificar as cidades ameaçadas e em nossos dias recintos construídos no tempo de Galiano, Verona, por exemplo, testemunham a pressa corn que foram edificados, Galiano teve, sem cessar, de contar com os usurpadores. Durante seu reinado, tal número de ambiciosos cobiçaram a púrpura imperial que, na História, esses generais são designados pelo nome de "trinta tiranos"!

Mau grado os êxitos alcançados contra Póstumo, não pôde Galiano impedir que o traidor ficasse senhor das províncias da Gália. "Imperador independente", residia Póstumo em Treves (Augusta Treverorum), onde mandou erigir construções magníficas. Reinando na Gália, na Inglaterra e na Espanha, o usurpador comportava-se como se o mundo lhe tivesse pertencido.

Quando o nobre Galiano provocou-o em combate singular, a fim de poupar o sangue de milhares de soldados, respondeu Póstumo que não nascera "gladiador"! Um dia, em Maiença (Moguntiacum), foi o rebelde assassinado por seus mercenários.

Se o Limes, a famosa obra de defesa, fora construído para preservar a paz, a guerra, no momento, estava no auge e as fortificações caíam e se desmoronavam umas após outras. Galiano reorganizou o exército. Criou um exército móvel de reserva, de ação rápida e imediata. A arma mais importante, isto é, a cavalaria, compunha-se de dáJmatas, de mouros e de germanos. Esse corpo, destinado a voar rapidamente em socorro dos territórios limítrofes ameaçados, estacionava em Milão.

Respondendo às exigências da época, a cavalaria manobrava com extrema mobilidade. A guerra contra a Pérsia demonstrara que a infantaria, em face da cavalaria ligeira dos persas, era demasiado lenta e demasiado pesada para mover-se. Todavia, a infantaria permanecia o que foi dois mil anos antes e o que deveria permanecer dois mil anos depois: o núcleo central, a força, a potência decisiva do exército.

Galiano foi o único imperador da época, eriçada de violências e de perturbações, que, no outono do ano de 263, pôde festejar o décimo aniversário de sua ascensão ao trono. Cinco anos mais tarde, depois de ter infligido pesada derrota aos godos e aos hérulos que, pilhando e saqueando, haviam avançado até Atenas e Corinto, o soberano, inquieto, sempre alerta, dirigiu-se a toda a pressa do Danúbio à Itália. Um dissidente, Auréolo, general de cavalaria, sitiava Milão.

O imperador agia sempre com energia e prontidão. Ora, sua vigilância, sua faculdade de tomar decisões rápidas deviam ser as causas de sua perda. Anunciou-se a Galiano a aproximação dos exércitos de Auréolo que, na realidade, estavam cercados em Milão. Era um simples ardil. Diante da tenda do imperador, achavam-se de tocaia os conjurados. De cabeça nua, sem o capacete, sem armadura, precipitou-se o imperador para fora e caiu como que fulminado sob os golpes dos assassinos. Seus contemporâneos tinham-no conhecido mal. Personalidade original, duma individualidade fora do comum, meio-pagão, meio-cristão, odiava seu pai e era profundamente ligado à sua esposa. Massacraram toda a sua família. Duramente golpeado pela sorte durante sua existência, o destino encarniçou-se sobre ele após sua morte. Ora, é certo que Galiano, que infelizmente pouco conhecemos, é um dos grandes personagens da história romana. Graças a seus esforços é que nos foi transmitido o archote do helenismo.

É surpreendente verificar que esse César romano, que reinou numa época trágica do Império, tão pesada de agressões, de derrotas e traições, tenha tido tempo de preparar um projeto original, digno duma inovação, duma inspiração "modernas". Queria criar, em Campânia, um falanstério inspirado pela "República" de Platão onde, sob a presidência de Plotino, os discípulos da filosofia neo-platônica poderiam viver e trabalhar com toda a independência. Ora, se a cidade ideal não pôde ser realizada, "Platonópolis", tal como uma estrela serena e luminosa, proclama, apesar de tudo, a glória do imperador Galiano.

ZENÓBIA E AURELIANO

UMA MULHER CHEFE DE IMPÉRIO

A rainha de Palmira foi, talvez, a soberana mais extraordinária, da Antigüidade. Reinou de 267 a 272 depois de J. C. Foi vencida por Aureliano. Presa por uma corrente de ouro, conduziram-na pelas ruas de Roma.

O AUTOR.

Em nossos dias, silenciosas e isoladas, as ruínas de Palmira erguem-se no meio duma região desértica da Síria. Poderosa e florescente na Antigüidade, a cidade, situada no deserto da Arábia do Norte, não passa hoje dum lugar desolado onde parece plainar a morte. O homem que pisa o solo árido onde se elevam colunatas partidas, ruínas monumentais dos templos e dos palácios desmoronados, compreende que a história enterrada sob aqueles escombros milenares traz um sinete de excepcional grandeza.

A meio caminho, entre o Mediterrâneo e o Eufrates, foi outroía Palmira uma cidade poderosa, ligando a civilização do Golfo Pérsico às metrópoles do Mediterrâneo. Era ali que as caravanas do mundo antigo encontravam as do Extremo Oriente. Transportadas em lombo de camelos, as mercadorias raras e preciosas de Edessa à beira do Oruente, e de Dura-Europos atingiam Palmira. Da China, da índia, da Pérsia, da Arábia do Sul, fardos de seda, de incenso, de marfim e de todas as riquezas da terra acumulavam-se no mercado de Palmira. Negociavam-se ali também as pedras preciosas e as pérolas finas.

A água, fonte de abundância e de vida, recolhida em enormes reservatórios subterrâneos, tornara aquele oásis célebre. Sobre a estrada principal, de vários quilômetros de comprimento e que abria sua perspectiva através de um arco de triunfo, elevava-se o grande templo do Sol. Setecentas e cinqüenta colunas brancas veiadas de rosa (das quais cento e cinqüenta estão ainda de pé em nossos dias) brilhavam à luz, e edifícios grandiosos, mistura surpreendente de arquitetura grega, romana e oriental, perfilavam-se sob um imutável céu cerúleo. No decorrer dos vinte últimos anos, numerosos arqueólogos empreenderam escavações naquele oásis transbordante de maravilhas. Ruínas vieram a lume e o grande templo de Baal Samen foi explorado até o mínimo detalhe. Descobriram ali uma sala destinada aos banquetes religiosos e um altar. Descobriu-se recentemente o teatro de Palmira. Palmira é um nome grego significando o "lugar das tàmaras". Antes da era grega, o oásis chamava-se Tadmor (em hebraico, tamar significa tâmara). Na realidade, não houve tamareira em Palmira. Mas era a cidade cercada de magníficos jardins e as flores de Palmira eram célebres no mundo antigo. O homem pensativo que, durante longas horas, percorre os imensos campos de ruínas, tem dificuldade em compreender que uma cidade tão poderosa tenha podido desaparecer. Palmira foi, não só por sua atividade própria, uma cidade de importância universal, mas ambicionou, num momento de sua história, tornar-se uma potência mundial, isto é, apoderar-se da alta supremacia ligada ao mundo antigo. Ora, esse sonho de poder e de glória desabrochara no cérebro duma mulher. Os habitantes de Palmira falavam e escreviam o aramaico — exprimiam-se os árabes por meio da língua do Cristo. Utilizava-se o grego como segunda

língua. A nobreza, os grandes financistas de Palmira eram provavelmente de origem árabe. Gerações de comerciantes, cujas tradições inscreviam-se nas práticas de vários séculos, negociantes e comerciantes que deveram ter sido verdadeiros Cristóvãos Colombos por haver encontrado as estradas que iam ter à China, arqueiros, cavaleiros dos mais famosos da época, eram as forças e o irradiante poder do oásis. As "casas altas", as torres de eternidade que os palmirenses construíam em vida para servir-lhes de sepultura, dão testemunho da riqueza da cidade. Em nossos dias, podem ser vistas, perto da antiga cidade, as pequenas torres com seus túmulos que se erguem ainda sobre as colinas.
Quando o imperador Valeriano estava cativo dos persas e seu filho Galiano reinava sobre um império ameaçado por todas as partes, um árabe salvou Roma. Sétimo Odenato, o fiel soberano árabe de Palmira, respeitou e manteve sua obediência a Roma. Quando Odenato suprimiu um usurpador romano e expulsou os persas da Mesopotâmia e da Armênia, Galiano, reconhecido, confiou ao palmirense a proteção do leste. Pouco tempo depois o xeque árabe tornou-se governador geral do Oriente.
Odenato e sua cidade maravilhosa haviam adquirido posição única. No plano prático, o soberano do oásis tinha as prerrogativas de imperador.
Num dia de abril do ano de 267 depois de J. C, no apogeu de sua glória, foi Odenato assassinado. Atingira a irradiação duma potência transbordante, ao ver do imperador romano? Fora Roma, enciumada, a instigadora do crime? Ignora-se. O sucessor legítimo do rei dos desertos era seu filhe Vabalotos. Mas tinha o príncipe muito pouca idade para reinar e sua mãe, a viúva de Odenato, assumiu os encargos do governo. Assim, pela primeira vez na História, uma mulher de raça árabe, via-se colocada à testa dum vasto império. Foi a célebre Zenóbia.
Zenóbia é um nome grego, sendo o nome oriental da rainha Bat-Zabbai, "filha de Zabbai". Zenóbia declarava que sua origem provinha em linha reta dos soberanos egípcios, da dinastia de Cleópatra de sangue macedônio. Diz-se que foi incomparavelmente mais bela que Cleópatra e duma castidade como que virginal. Com o único fito de assegurar sua descendência, diz-nos a História, é que permitia que seu esposo Odenato a conhecesse uma vez por mês!
Tinha Zenóbia cabeleira escura, dentes de alvura deslumbrante e grandes olhos negros reluzentes. Cultivara com método uma inteligência de natureza, dizia-se, muito masculina. Cássio Longino, o célebre filósofo e retórico, foi seu mestre. Instruiu a resplendente Zenóbia nas belezas da língua e da literatura gregas. Discípulo dum egípcio emérito e tendo ele próprio ensinado em Atenas, foi Longino um homem duma maturidade e duma experiência superiores. Tanto para o mestre como para a principesca aluna, tinha o Egito, em todos os planos, uma grandeza e uma importância capitais. Longino tornou-se mais tarde o conselheiro íntimo e o ministro da rainha de Palmíra.
De espírito curioso, dotada duma inteligência penetrante, falava Zenóbia correntemente o sírio, o aramaico, o grego e o latim. Os estupefacientes êxitos militares obtidos por Odenato foram devidos, em grande parte, aos conselhos, à coragem moral e à sutileza de espírito de sua companheira. Que se pense na intrepidez desse príncipe árabe que ousou atacar o vasto império persa investindo contra Ctesíonte, sua capital! O Mundo oriental de então admirava e venerava o casal admirável e corajoso. Quanto a Roma, é forçoso dizê-

lo, considerou a princípio Odenato e Zenóbia como os vingadores do imperador Valeriano!
Quando Odenato não tinha suas tropas engajadas numa expedição militar, quando não estava absorvido pelos negócios de Estado, dirigia-se à caça. Matava leões e panteras. Naquele tempo, havia provavelmente na Síria imensas florestas, nas quais devia haver além do mais ursos. Zenóbia acompanhava seu esposo à caça e ali também, pela sua coragem e pelo seu ardor, igualava os homens. Enrijecida, resistente, não temia nem o calor nem o frio, nunca viajava em carro fechado mas, pelo contrário, montava em sela como um cavaleiro. À frente de suas tropas, cavalgava durante longas horas, sem fadiga aparente.
Por ocasião da morte de Odenato, era Palmira uma cidade florescente que irradiava pela Síria e por grande parte do Oriente. Os países vizinhos, a Arábia, a Armênia e a Pérsia, temiam Zenóbia, solicitavam seus favores e sua amizade. Mas Zenóbia ambicionava a conquista dum poder mais universal ainda! Longino, com entusiasmo, fazia-a apreciar o gênio do Egito. E não era o Egito o coroamento da cultura, a pérola rara do mundo, com cinco mil anos de existência? Não era aquele país o celeiro de trigo do império romano? Zabdas, chefe de seu estado-maior, no decorrer de longas conversações noturnas, submetera-lhe um plano de conquista. Zenóbia queria reinar sobre o país dos faraós e de seus pretensos antepassados. Não podia ter paz enquanto não colhesse, para ela e para seu jovem filho, aquele fruto que, a seus olhos, era o mais belo de todos.
À frente dum magnífico exército, enviou o general Zabdas ao Nilo. Ao mesmo tempo atacou a Arábia. O momento era favorável: Probo, o prefeito romano do Egito, estava ausente. Quando regressou éle às pressas, foi demasiado tarde. Os palmirenses haviam conquistado o Egito e Probo, envergonhado, suicidou-se.
Em Roma, um homem inteligente e capaz, no plano militar entende-se, sucedera a Galiano. Cláudio II era um oficial originário da Ilíria, chamada hoje Iugoslávia. Durante um ano e meio, combateu pelo Império, com êxito. Derrotou os alemães perto do lago de Garda e obteve, em Nish, uma vitória decisiva sobre os godos. Suas vitórias anunciavam a restauração do Império, mas em 270, Cláudio, o Godo, morreu de peste. Sucedeu-lhe Aureliano. Dotado de grande força física, foi um soldado brilhante, disciplinado e excelente estrategista. Corajoso e intrépido, executava operações militares com precisão e tenacidade. Quando tomava uma decisão, dela não se desviava mais e, duma maneira geral, foi, entre os lugares-tenentes romanos na Ilíria, a personalidade mais saliente. Distinguira-se na guerra contra os godos e, por ocasião da morte de Cláudio, era inegavelmente o indicado para ascender ao trono. O novo imperador, todavia, carecia de amabilidade, de tato e de finura no domínio espiritual.
Mas a obra realizada por Aureliano, no decurso de seu reinado, é admirável. Para garantir suas retaguardas, assinou em primeiro lugar um tratado com Zenóbia. Governava ele a oeste e abandonou a Zenóbia e a seu filho a direção do Oriente Próximo. Aureliano começou então a pôr de novo em ordem o Império que, de todos os lados, estava como que sendo atenazado e roído pelos seus agressores.
Na Polônia, conseguiu o imperador repelir os vândalos, mas os jutos e os alemães infligiram-lhe pesada derrota em Picência.
Roma estava ameaçada. Com a vitória obtida sobre o adversário em Ticino, Aureliano

restabeleceu a situação. Segundo uma tática que dava frutos, incorporava o inimigo vencido nas fileiras de seu exército. Cercou Roma de muralhas da altura de seis metros e da largura de quatro. Essas muralhas, que se estendem por dezenove quilômetros, ainda existem. O recinto estava dotado de torres e de dezoito portas. Como os legionários romanos estivessem constantemente em expedições e em campanhas, foi a obra construída por civis e pelos prisioneiros de guerra. O imperador abandonou aos godos a província da Dácia. Depois de ter restabelecido a ordem e a paz a oeste, tinha Aureliano as mãos livres, a cabeça limpa e lúcida para ocupar-se com os negócios do Oriente. O choque que se produziu então entre o duro e brilhante soldado e a inteligente e ambiciosa rainha de Palmira manteve o mundo em suspenso. Orgulhosos de seus êxitos, ocuparam os palmirenses o Egito e cunharam medalhas em uma de cujas faces vinha a efígie de seu rei Vabalotos e na outra a do imperador Aureliano. Em breve, só se viu nas medalhas a efígie do palmirense (desde 11 de março de 271). No verão do ano de 271, Zenóbia outorgou-se o título de Augusta, isto é, coroou-se imperatriz e seu filho tornou-se Augusto. Palmira destacara-se do império romano. Foi, para Aureliano, uma verdadeira provocação.

Não era homem para tolerar semelhante atitude. Depois de ter rompido as relações políticas e comerciais com Palmira, levantou um exército e reconquistou o Egito. Para o fim do ano de 271, os longos comboios do exército imperial tomaram o caminho de leste. Na fronteira da Capadócia, a cidade de Tiana resistiu, mas teve de capitular após um sítio muito curto.

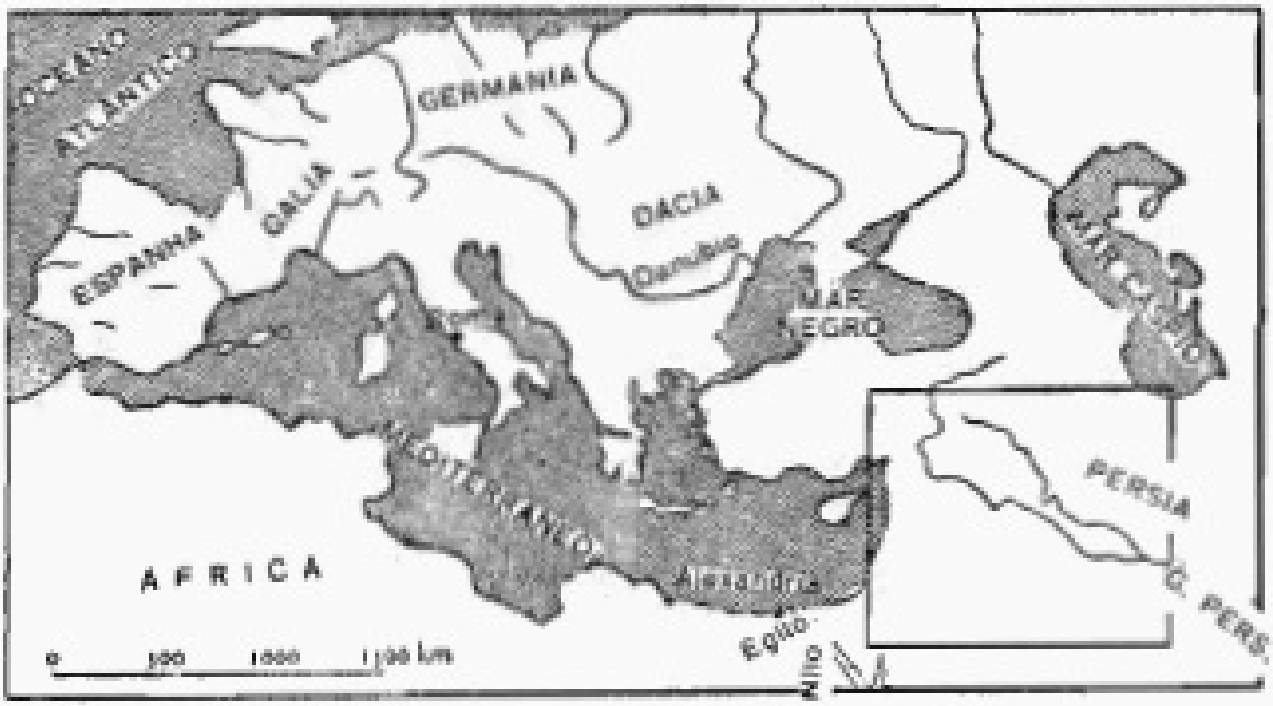
O imperador tratou os habitantes com clemência. Em seguida, a propaganda operou seu efeito e a maior parte das cidades escancarou suas portas ao imperador dos romanos. Zenóbia procurou o apoio do rei dos persas, mas o velho Sapor não estava decidido a levar socorro à célebre rainha. Em Antióquia, em presença da rainha, travou-se o combate. A sorte das armas abandonou Zenóbia. Aureliano conquistou a vitória contra a famosa cavalaria palmirense. Antióquia caiu nas mãos dos romanos e, de novo, o imperador, avisado e clemente, poupou os habitantes.

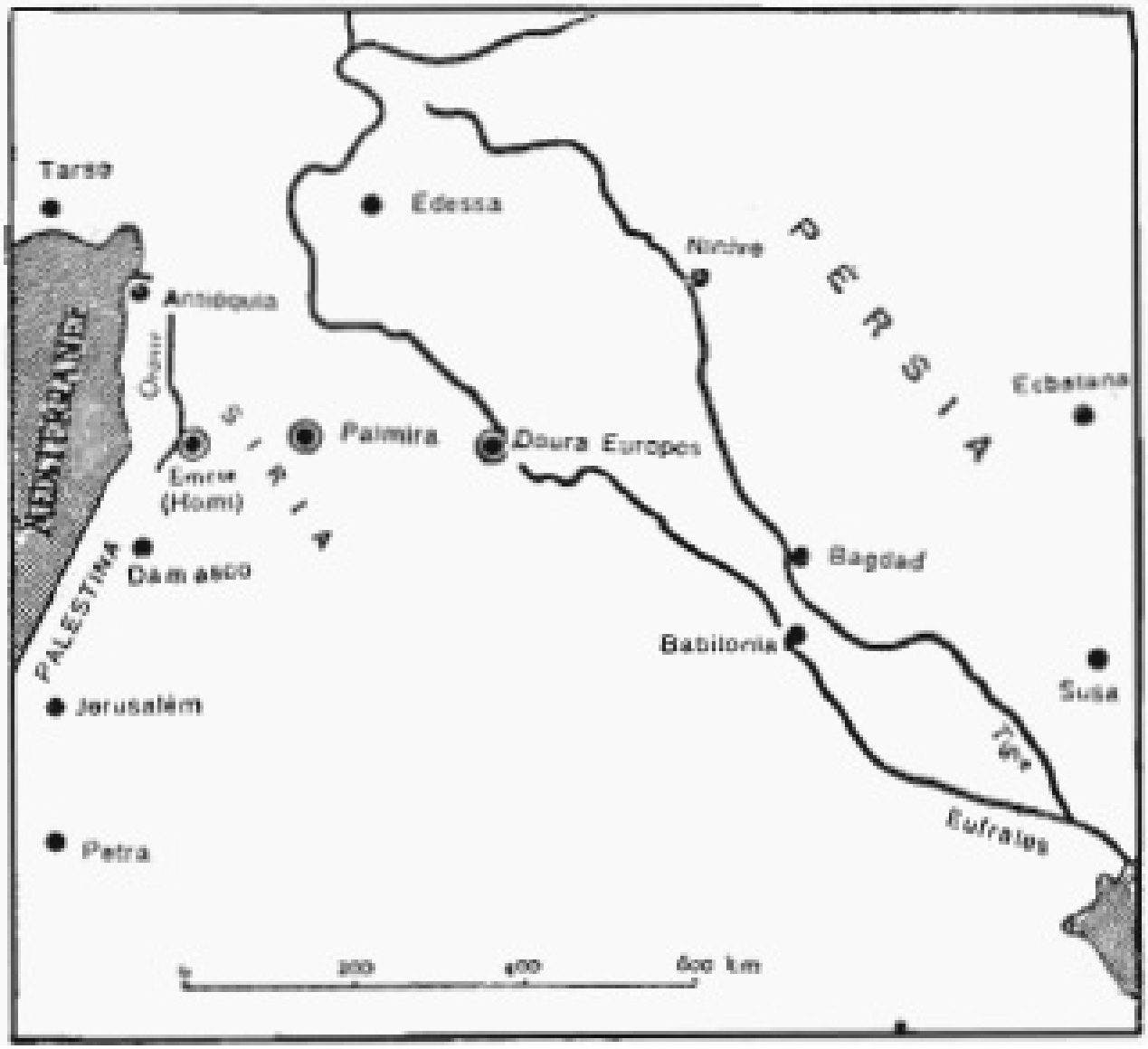
O exército de Zenóbia retomou o caminho das intérminas estradas de caravanas. Aureliano mandou oferecer à rainha uma proposta de paz. Exigia sua submissão e atraía sua atenção para a hecatombe de combatentes tombados no Oronte.

— Só havia romanos — respondeu Zenóbia com desprezo.

Em Émeso, travou ela nova batalha. Os legionários romanos, pondo-lhe em debandada as tropas, alcançaram vitória.

— O deus do Sol de Émeso deixou seu santuário para dar a vitória a Roma — declarou Aureliano.


OCEANO ATLÂNTICO
GERMANIA
GALIA
ESPANHA
DÁCIA
Danúbio
MAR NEGRO
MAR CÁSPIO
MEDITERRÂNEO
PÉRSIA
AFRICA
Alexandria
Egito
Nilo
G. PERS.
0 500 1000 1500 km


Tarso
Edessa
Nisibe
PÉRSIA
Antioquia
Orontes
MEDITERRÂNEO
Palmira
Dura Europos
Ecbatana
Emesa (Homs)
Damasco
Bagdad
Babilonia
PALESTINA
Jerusalém
Susa
Tigre
Eufrates
Petra
0 200 400 600 km

Entre as metrópoles do Mediterrâneo e a civilização do Golfo Pérsico, foi Palmira outrora como que um elo de trocas internacionais. No reinado de Zenóbia, rainha árabe, tinha o oásis grande poder. Aureliano derrotou o exército de Zenóbia em Emeso. Em Dura-Europos onde, na sua fuga, quis a rainha passar o Eufrates, caiu prisioneira.

De Baal, deus oriental purificado pela cultura grega, fez Aureliano um deus romano. A 25 de dezembro de 274, em Roma, no campo de Marte, foi consagrado o templo do Sol. Para lutar contra o novo deus da cristandade, só um deus onipresente como Baal, deus da luz, podia enfrentá-lo com eficácia. Foi uma tentativa dos incréus: um ensaio de monoteísmo pagão. Embora vencedores, estavam esgotados os soldados romanos. Extenuados, queimados por um sol implacável, partiram a marchas forçadas para Palmira. A cidade maravilhosa estava extraordinariamente abastecida; seu sítio representava uma empresa muito arriscada e penosa. Os assaltantes careciam de água e Aureliano foi ferido por uma flecha. Mas aquele grande militar não desesperou e não abandonou a tarefa que se impusera. Naquela luta implacável, Zenóbia, crendo-se bem prematuramente perdida, cedeu a seu tenaz adversário, cujo cálculo e ciência ultrapassavam mesmo suas maiores esperanças. Compreendeu que o tempo era impotente para vencer o exército de Aureliano e que nem a fome, nem o desencorajamento, dizimariam os legionários romanos. Em lombo de camelo, pôs-se em fuga na direção de Dura-Europos, à margem do Eufrates. Estava decidida a obter socorro rápido e urgente dos persas; pensava, graças a seu encanto, beleza e persuasão, ganhá-los para sua causa. Mas os cavaleiros romanos estavam-lhe aos calcanhares.

Tendo alcançado o Eufrates, Zenóbia estava já com um pé na barca que devia transportá-la para a outra margem, que representava para ela a liberdade! Mas os romanos se apoderaram da rainha e de seu filho. Desencorajada diante da fuga da rainha, Palmira abandonou toda resistência. Levaram a rainha à presença de Aureliano. O imperador perguntou-lhe em virtude de que direito acreditara ela poder rebelar-se contra os senhores de Roma. Zenóbia replicou, com sutileza, que não lhe fora possível considerar como imperadores romanos nem os predecessores de Aureliano, nem os usurpadores!

— Tu, somente, és meu vencedor e meu senhor! Mas em breve a rainha cativa perdeu a coragem. Quando soube que os legionários exigiam sua cabeça, sua altivez e sua segurança abandonaram-na. Esqueceu o exemplo de Cleópatra, que ensinara que uma rainha deve preferir a morte
voluntária à vergonha do cativeiro. Traindo seus amigos, seus mestres e seus conselheiros, deu a entender que sua obstinação e sua rebelião contra Rema tinham sido a conseqüência dos maus conselhos que recebera. Tinham-na, a ela, fraca mulher, enganado e ludibriado.

O rude e severo Aureliano mandou decapitar os ministros mais eminentes de Palmira. Longino contou-se entre as vítimas do terror e do desespero da rainha que, pouco tempo antes, fora uma das mulheres mais nobres e mais valentes da História. Longino morreu com aquela calma dignidade que deveria ser o apanágio dos filósofos. Perfeitamente plácido e senhor de si, sem uma queixa, só tinha palavras de consolação para seus companheiros de miséria e deplorava a sorte da rainha desventurada. Acompanhou o carrasco, resignado, sem que uma emoção aparente traísse sua dor.

Em Palmira, o imperador romano apoderou-se dum importante tesouro: ouro, prata, seda, pedras preciosas, armas, cavalos e camelos. As imensas riquezas contidas nos edifícios públicos, nos templos, nos armazéns e nos celeiros do oásis mais rico do mundo caíram nas mãos dos romanos. Dizem que Aureliano poupou as propriedades privadas. Para com os habitantes da cidade exerceu sua proverbial clemência. O vencedor Aureliano, o imperador de Roma, cujo nome andava em todos os lábios, mal acabava de transpor o Bósforo, na viagem de regresso, quando soube que Palmira se achava de novo em revolta contra ele. Deu meia-volta e, desta vez, com uma crueldade digna dos asiáticos, Aureliano, numa explosão de cólera, exerceu seu furor contra os homens, as mulheres e as crianças de Palmira e até mesmo contra os camponeses dos arredores. Ora, depois de ter dado a ordem de saquear a cidade, ficou aterrado diante do espetáculo da destruição do maravilhoso oásis. Os palmirenses que sobreviveram à destruição tiveram o direito de reconstruir a cidade. Mas foi esse um arrependimento bem ligeiro e gratuito. Palmira não deveria mais renascer de suas cinzas. Tais como se apresentam em nossos dias, as ruínas de Palmira têm mil e setecentos anos de existência!

O imperador Aureliano reconquistara o Império Romano na sua quase totalidade, quando um personagem curioso se ergueu contra éle. Firmo, armador e fabricante de papel, era de origem grega. Nascido em Seleucia, na Síria, estabelecera-se em Alexandria, no Egito, onde ajuntara uma fortuna colossal na fabricação do papel. De Copta, entretia florescente negócio de seda com a China. Regularmente, suas naves atravessavam o Oceano Índico.

Imagine-se que no ano de 270 depois de J. C, transportada por barcos ou em lombo de camelo, a "seda de Firmo", era expedida duma extremidade do mundo à outra. As patrícias romanas, como as damas de Palmira, usavam vestidos de seda de Firmo.

Assim que soube que Aureliano, depois de sua primeira conquista de Palmira, avançava pelo caminho de regresso, aliou-se com tribos núbias. Fomentou verdadeira revolução e, no começo do ano de 273, proclamou-se imperador romano. As legiões de Aureliano restabeleceram imediatamente a ordem e sabe-se, percorrendo a história, que o rei do papel e da seda, tão temerário e aventuroso, pôs fim a seus dias. Em Roma, a entrada triunfal de Aureliano eclipsou em seu fausto todos os desfiles de seus predecessores. Vinte elefantes, quatro tigres reais, duzentos animais dos mais raros do mundo e mil e seiscentos gladiadores participaram dos jogos cruéis do anfiteatro. O desfile mostrava os troféus dos homens de armas vencidos, os ricos tesouros da Ásia, os embaixadores da Etiópia, da Arábia, da Pérsia, da Índia, da China, e a interminável procissão dos prisioneiros godos, vândalos, - sármatas, alemães, francos, gauleses, sírios e egípcios. Nele se contemplava o suntuoso guarda-roupa da rainha de Palmira, depois a captura mais preciosa da campanha do Oriente: Zenóbia, a rainha. Um escravo a conduzia, amarrada a uma corrente de ouro forjada, em torno de seu pescoço. Frágil, mas admirável e bela, a desventurada parecia como que esmagada ao peso de suas próprias jóias. A pé, precedia o suntuoso carro de combate sobre o qual projetara fazer sua entrada triunfal em Roma!

O carro de Aureliano tinha, atrelados, quatro cèrvos capturados por ocasião da guerra contra os godos. À vista daquele desfile surpreendente que, durante longas horas, atravessou as ruas da capital, os romanos ficaram todos a princípio petrificados e mudos de surpresa. Depois houve uma explosão de entusiasmo, depressa reprimido quando

reconheceram, entre os acorrentados, o senador e usurpador Tétrico que, por sua própria conta, se proclamara imperador da Gália. O imperador assegurara-se de sua presença para o dia de seu triunfo. Com sua vitória sobre Tétrico, reconquistara Aureliano a Gália. Foi a primeira vez que um senador romano participou em Roma de um desfile triunfal. Mas Aureliano agraciou-o e confiou-lhe um cargo administrativo na Itália Meridional.

DIOCLECIANO

UM GÊNIO DA ORGANIZAÇÃO

> "Sutil, perspicaz, era Diocleciano dotado duma inteligência penetrante. Obrigado a tomar medidas brutais e impopulares, procurou desviar para outros a amargura e a exasperação que suscitavam elas no povo. Idoso, abdicou e retirou-se para sua propriedade de campo, em Salona. De rara grandeza de alma, foi o único entre todos os imperadores de Roma desde sua fundação que abandonou, por plena vontade, a embriaguez do poder para retomar a existência dum simples cidadão retirado dos negócios."
>
> EUTRÓPIO, "História de Roma", livro IX.

O imperador Aureliano, homem de guerra emérito, depois de ter combatido com êxito os godos e os vândalos, detivera o avanço dos alemães e fizera de Roma a fortaleza mais poderosa do mundo. Reconquistara a província gaulesa dissidente, esmagara o poder de Palmira e submetera a rainha Zenóbia. É verdade que os historiadores escreveram que o imperador, depois de ter exibido aos olhos da população Zenóbia, num desfile triunfal, doara à rainha uma "vila" em Tivoli (Tibur), depois lhe dera como esposo um senador romano. A frágil e bela rainha terminou mesmo sua existência nas delícias da vida burguesa? Se a História desenrolasse seus quadros segundo os golpes de varinha duma fada favorável, se a rainha de Palmira tivesse sido a prisioneira dum homem de tempera diversa da de Aureliano, desprovido, sabe-se de todo sentimentalismo, poder-se-ia conceder algum crédito ao dizer do cronista. Quanto a mim, que detenho a pena, sou cético a respeito do presente da "vila" de Tivoli e da escolha do esposo romano para a rainha, e creio ser mais verossímil que tenha ela terminado sua existência cativa e acorrentada. O vencedor de Zenóbia era agora o senhor mais poderoso do mundo e o representante de Deus na terra. Solitário, ocupava para seus súditos situação tão elevada que se aproximava da que viria a caber aos futuros imperadores pela graça de Deus!
Ora, o deus de Aureliano não era o nosso Deus cristão, mas o deus do Sol que lhe concedera a vitória contra Zenóbia, depois o império do mundo. No lugar mesmo onde, até aqui, Júpiter Capitolino havia dominado o Panteón romano, o deus oriental do Sol se colocara. Deus supremo, Baal, o invencível, tronejava acima das divindades romanas. Esse culto do Sol, por Aureliano venerado, exaltando um deus único, demonstra a evolução, bastante surpreendente da inteligência antiga. Uma espécie de "monoteísmo" preparava, em suma, a possibilidade dum reconhecimento futuro oficial do Deus cristão. Com Aureliano, inicia-se a geração dos grandes ilírios, isto é, o reinado à moda oriental, em que os soberanos se tornarão os "iguais a deus" e os "imperadores pela graça de Deus". Aureliano estendia sua mão para o norte, para o leste e para o oeste, como se estendesse o punho para pegar o céu e o sol! Ora, esse incomparável guerreiro morreu em virtude de um concurso de circunstâncias absurdas, e por culpa da insondável estupidez humana ou duma fatalidade brutal. Cerca do fim do ano de 274, dirigiu-se Aureliano de novo ao Oriente, para arrancar a Mesopotâmia das mãos dos persas, isto é, para reconquistar a antiga província romana. A tragédia ocorreu perto de Cenofrúrio, entre Perinto e Bizâncio,

em 275. O homem que havia restaurado o império romano em decomposição pereceu em conseqüência da astúcia de um de seus secretários.
Por um motivo fútil, o secretário Eros provocara a ira do imperador. O medo insensato que experimentou diante da cólera de Aureliano inspirou a Eros a idéia diabólica de falsificar uma carta, nela escrevendo os nomes dos guerreiros mais bravos que, segundo o escrito falsificado, deveriam ser executados. Eros mostrou a falsificação aos soldados cuja vida, naquela carta, estava ameaçadal Diante daquela iniqüidade, decidiram os homens suprimir o inflexível imperador. Realizado o crime, descobriram a falsificação e lapidaram o falsário.
Consternados, os legionários abstiveram-se de escolher um imperador nas suas fileiras. Confiaram a eleição ao Senado, cujo poder real, desde muito tempo, era inexistente. Este, então, retomou um papel preponderante. Em setembro de 275, o senador Tácito foi proclamado imperador. Naqueles tempos, tal honra eqüivalia a uma antecipada sentença de morte. Tácito (que não tinha parentesco com a família do historiador do mesmo nome) estava com setenta e cinco anos. Como o exigia seu dever, partiu para Ásia Menor, a fim de combater os godos. Depois de seis meses de reinado, no mês de abril do ano de 276, foi assassinado em Tiana. O exército de leste escolheu então para imperador um ilírio, Marco Aurélio Probo, o oficial mais digno do exército romano. Se a História não lhe houvesse pregado uma má peça, contar-se-ia entre os maiores soberanos de Roma. Conseguiu, graças a uma série de ofensivas calculadas com precisão, restabelecer em pouco tempo o poder do Império. Em um ano, libertou a Gália da invasão germânica. Do Reno ao Danúbio, no Egito, repeliu os ataques dos bárbaros, submeteu montanheses insurretos, abateu os usurpadores no interior das províncias e transplantou para o Império grande número de prisioneiros germânicos. A Polônia, seu país de origem, foi objeto de seus mais atentos cuidados.
Probo impôs reformas agrárias e exportou a vinha para a Alemanha e a Hungria. Preparava uma expedição contra os persas, quando foi abatido em Sírmio, em 282. A duração de seu reinado ultrapassou de um ano o de Aureliano. Honrado como senhor e deus, realizara uma obra tão importante — senão mais — quanto a do grande guerreiro. Mas a crônica só forneceu a seu respeito raras precisões e Probo é pouco conhecido.
Caro, sucessor de Aureliano, e seus filhos Carino e Numeriano, residindo um a oeste e outro a leste, são, na história dos Césares, personagens bem apagados e fugitivos, porque todos três pereceram de morte violenta. Acompanhando seu pai numa expedição vitoriosa contra os persas, Numeriano tomou em Ctesifonte, cidade conquistada, a direção do exército para reconduzi-lo a Roma.
No outono de 284, os exércitos romanos atingiram a Nicomédia. Fez-se então uma descoberta macabra. Desde algum tempo, uma fedentina insuportável desprendia-se da liteira imperial. Verificou-se que ela ocultava um corpo em decomposição. Durante vários dias, os soldados tinham transportado o cadáver do imperador! Árrio Áper, seu sogro, fora o assassino. O assassino teve de expiar seu crime, poucos dias depois de havê-lo cometido.
É o homem, por essência, um ser complexo e impossível se torna dele traçar um retrato em algumas palavras, por mais precisas e impressionantes que possam ser. Por isso é

que a história é uma arte, com a condição de que o cronista seja bem sucedido, numa síntese concisa, no apanhar ao vivo um personagem e no relatar dele o essencial com exatidão. Caio Aurélio Valério Diocletianus, Diocleciano, foi sem dúvida um dos personagens mais complexos da História; uma natureza ora luminosa, ora toda em semi-tons. Se não atingia a irradiação de um gênio universal, seus dons e sua inteligência ultrapassavam de longe a média. Militar medíocre, foi um organizador de gênio. Graças às suas fraquezas "demasiado humanas", cometeu, como imperador, graves erros. Colocado no termo de uma época, foi o derradeiro grande imperador pagão. Antes de sua ascensão ao poder, usava o nome de Diocles. De origem simples, nascera na Dalmácia, provavelmente em Salona, onde construiu, para o fim de sua vida, um magnífico palácio. Não se conhece o ano de seu nascimento. Todavia, no momento de sua abdicação, em 305 depois de J. C, a efígie das medalhas mostra o retrato dum setuagenário. Deve ter nascido cerca do ano de 235.

A 17 de novembro de 284, em Nicomédia, na Bitínia, foi Diocleciano proclamado Augusto, isto é, imperador, pelos legionários. Pronunciou então uma alocução. Brandindo uma espada nua, de olhos voltados para o sol, jurou que estava inocente da morte de Numeriano. Depois, num gesto rápido como um relâmpago, enfiou a espada no peito de Árrio Áper, prefeito do pretório, sogro de seu predecessor.

Convém explicar aqui que esse assassínio, duma significação evidente, não foi conseqüência dum capricho ou dum ato irrefletido! Áper, em latim, significa "javali". Um adivinho havia predito a Diocles:

— Serás imperador, quando tiveres matado um javali. Agora, o javali, morto, jazia no seu sangue. A profecia realizara-se. Naqueles tempos, em que a superstição dava fé cega às fórmulas mágicas e aos mistérios, o gesto de Diocleciano teve, pois, um sentido profundo. Estupefactos, não esconderam

os soldados a sua admiração. Com toda a certeza, Sua Majestade tinha o espírito pronto, e os deuses com Elal Todavia, não possuía Diocleciano a alma generosa e aventureira de um herói ávido de êxito e de glória, que desprezasse a intriga baixa, mas era ardente nas lutas contra seus semelhantes. Suas faculdades mostravam-se mais como de ordem prática, pouco feitas para atrair-lhe rapidamente uma glória fácil.

Gibbon, que dele traçou um retrato psicológico extremamente sutil, escreveu que seu caráter enérgico e viril evoluíra ainda aos influxos benéficos da experiência e de seu conhecimento dos homens. Acrescenta Gibbon que suas disposições naturais eram uma mistura equilibrada de generosidade e de moderação, de doçura e de firmeza, e de perfeita dissimulação que ele ocultava sob uma retidão toda militar. Tenaz, soube, no entanto, adaptar-se às circunstâncias e sobretudo mostrou-se senhor na arte de subordinar suas paixões... e as de seus servidores aos fins que queria atingir. Tinha costume de justificar, sob pretextos de justiça e de necessidade públicas imperiosas, as medidas que era levado a tomar. H. Mattingly descreveu as reações de seus contemporâneos. Objeto da admiração mais sincera, a estima que tinham por ele era feita de desconfiança e dum ligeiro malestar.

Diocleciano cercava-se duma "pompa toda imperial", dava claramente a compreender que se considerava como o instrumento de Deus sobre a terra. Imperador pela graça de Deus,

estabeleceu Diocleciano uma autarquia marcada duma atmosfera religiosa que acentuava o caráter sagrado e sobrenatural de seu cargo, na qual o cerimonial da corte e o culto do imperador exprimiam a veneração devida ao mais nobre senhor reinante na terra, representante direto de Deus. Após a terrível crise à qual, no 3.° século, o Império Romano esteve a ponto de sucumbir, a centralização do poder imperial correspondia sem dúvida às necessidades e às exigências da época. "Se era possível salvar o Império Romano, a salvação devia vir do alto, tal foi a crença popular", escreveu Rostovtzeff. Vestido com a toga imperial de seda adamascada de ouro, ornado de um diadema encrustado de pérolas, calçado com finos sapatos realçados corri pérolas e pedras preciosas, mantinha Diocleciano sua corte em Nicomédia (hoje Izmit), não longe de Istambul. No decurso de suas viagens, por assim dizer ininterruptas, através da Ásia e da Europa, fez-se venerar como um deus. E o imperador de Roma tornou-se um personagem inacessível, como que aureolado por um esplendor sobrenatural.

No seu isolamento solene, pontificava o imperador no Sacrum Palatium. Todo cidadão desejoso de ser recebido, introduzido pelos funcionários e pelos eunucos até o santo dos santos, devia prosternar-se diante do imperador e dirigir-lhe a palavra como a um deus.

No começo da audiência, era preciso ajoelhar-se e beijar a toga imperial. A "proskynèse", segundo a etiqueta real da Pérsia antiga, era igualmente exigida para respeitar também os parentes do imperador. Seu título oficial era o de senhor (dominus) e não mais a denominação de "primeiro cidadão" (princeps), como no tempo de Augusto. Os cidadãos livres eram chamados "súditos" e o principado tornara-se o "dominato". Diocleciano teve uma filha, Valéria, mas nenhum descendente masculino. Tendo compreendido que o império era por demais extenso para ser governado por um só homem, nomeou, no verão do ano de 285, seu camarada de guerra, Maximiano, "César" e mandou-o para a Gália. Pouco tempo depois, em reconhecimento aos méritos e esforços tão preciosos de Maximiano, Diocleciano proclamou-o Augusto e co-imperador. Roma teve, pois, dois imperadores: Maximiano, a oeste, e Diocleciano, a leste. Os dois "Augustos" eram considerados como "irmãos", nobre aliança graças à qual Diocleciano elevou a seu nível o co-imperador. Todavia, reservou para si o domínio e a direção suprema do Império. Se escolheu o Leste para residência foi porque devia resolver problemas diplomáticos e militares, delicados e importantes. No Oriente, era preciso sobretudo preservar as fronteiras contra os empreendimentos dos Sassânidas. A potência econômica excepcional do Leste, fazia dele o centro do Império Romano.

De Nicomédia, onde havia ascendido ao poder, fez Diocleciano sua residência. Embelezou a cidade, construindo grande número de edifícios. Foi lá que, mais tarde, veio a renunciar às honras imperiais. O retórico Libânio, uma geração depois, chamou Nicomédia "a mais bela metrópole do mundo".

Roma, a cidade caprichosa, mimada, cruel, empanturrada de triunfos, a cidade das arenas, dos teatros e das termas grandiosas, entrava na sombra. O centro do Império Romano deslocara-se para o Oriente.

O imperador Maximiano (raramente em Roma) residia em Milão, na proximidade da fronteira do norte, sem cessar ameaçada. Foi nessa época que Milão começou a eclipsar Roma. Durante sete anos, o reinado dos imperadores Diocleciano e Maximiniano

harmonizou-se perfeitamente. Inteligente e prudente, apelou Diocleciano para os deuses, a fim de santificar e imortalizar seu novo sistema de governo. Sob a proteção do deus supremo, Júpiter optimus maximus, reinou Diocleciano doravante sob o título religioso de Jovius. Maximiano recebeu o título de Herculius. À imagem do deus Hércules que, no Olimpo, foi o braço direito de Júpiter, os dois Césares, na terra, deviam trabalhar de acordo, num perfeito entendimento.

Os imperadores venceram numerosos inimigos: os burgúndios, os alemães, os francos, os sármatas, os godos e os árabes. Mau grado as vitórias conquistadas por Cláudio, Aureliano e Probo, nenhum desses adversários tão temidos depusera as armas. Os dois soberanos que, dum continente a outro, se entendiam tão harmoniosamente — sem telefone e sem telégrafo — encontraram-se em Milão. Através das estradas cobertas de neve, tinham, em pleno inverno, transposto os Alpes. Se os milaneses os receberam com entusiasmo, ficaram os bravos burgueses bem embaraçados pela presença de dois imperadores ao mesmo tempo, porque seu cerimonial estava preparado para receber apenas um!

Quando Diocleciano compreendeu que dois chefes não bastariam para vencer ameaças permanentes do exterior e tarefas administrativas ingratas do interior, criou em 293 sua célebre tetrarquia, o regime dos quatro. Cada imperador "Augusto" era secundado por um césar. Hábil psicólogo, como o foi durante toda a sua vida, escolhera Diocleciano dois prefeitos do pretório, homens seguros e fiéis.

Galério, césar de Diocleciano, devia governar a Gália, com Treves como residência. Essa cidade tornou-se então uma das mais magníficas e mais atraentes do Ocidente. Constâncio, o césar de Maximiano, administrou as províncias do sul do Danúbio, do Inn ao Mar Negro. Residia em Sirmi (Mitrovitza), à margem do Save inferior. A fim de consolidar as boas relações entre os quatro soberanos, foram os césares adotados pelos "Augustos". Ficou decidido que, após vinte anos de reinado, poderiam postular a sucessão dos dois imperadores que, dessa maneira, teriam a possibilidade de abdicar, isto é, de deixar, vivos, o poder, sem correr o risco do assassinato, sob qualquer forma. Além disso, tiveram os césares, após seus divórcios, de casar com as filhas de seus pais adotivos. Em nossos dias ainda, pode-se admirar em Veneza, na praça de São Marcos, o monumento dos Tetrarcas. Os quatro monarcas formam um grupo de quatro estátuas de pórfiro.

Diocleciano conservou, pois, o poder supremo. Adulado como o "fundador da paz eterna", recebeu o título de Invencível. Na história dos homens, é raro que uma idéia tão convencional e tão artificial se haja concretizado de maneira tão perfeita. Dos quatro cantos do mundo, os imperadores, em perfeito acordo, administravam, fiscalizavam e conquistavam vitórias contra os inimigos. Caráusio, general e governador da Grã-Bretanha, conquistou a ilha inteira e fez-se proclamar imperador. Cercado em Boulogne, foi derrotado e reconquistada a Grã-Bretanha.

A história romana, de 295 a 305, orgulhava-se no seu êxito duma grande vitória sobre os alemães, de batalhas gloriosas perto do Danúbio, de triunfos sobre os persas, de êxitos na África, duma revolução abafada que rebentara no Egito, da extensão do domínio romano a leste (além do Tigre) e de múltiplas construções de obras fortificadas.

Em Roma, a maravilha da arquitetura da época tomou forma: as termas de Diocleciano. Entre as oitocentas termas da capital, as de Diocleciano ultrapassavam todas as outras

pelas suas riquezas e pelas suas dimensões. As termas de Caracala nem se lhe podiam comparar. Da sala central, com suas grandes abóbadas em aresta e suas fachadas de colunas, fez Miguel Ângelo sua igreja de Santa Maria dos Anjos. Sobre as ruínas, em nossos dias, eleva-se o Museu Nacional da Itália. Projetar, financiar, criar, organizar, construir: tais foram as atividades que correspondiam às necessidades e às faculdades mais magistrais do temperamento de Diocleciano. Criou fábricas de armas em Antióquia, em Edessa, em Damasco e, provavelmente, em Irenópolis (Cilícia) e em Cesaréia (Capadócia). Criou também fábricas de tecelagem de lã e de pano e tinturarias de púrpura. Estradas se traçaram e rasgaram e obras fortificadas se construíram nas fronteiras. Nas quatro residências: Nicomédia, Sírmio, Treves e Milão, edifícios e maravilhosos palácios se ergueram. Os indestrutíveis vestígios romanos de Treves são um vivo testemunho da época. Em Cartago, em Antióquia, o ardor do construtor, do imperador inacessível, manifestavam-se. Em Dafne (Síria), mandou construir dois palácios, cinco termas, um estádio e um santuário dedicado a Hécate, erguido no alto duma montanha. O templo de Apoio de Mileto foi aumentado e uma piscina,. preparada em Alexandria, fornecia a frescura repousante. Por outra parte, foi Diocleciano um administrador dum poder de criação inaudito e instaurou os poderes públicos mais despóticos da Antigüidade, nos quais um número crescente de funcionários do Estado encontravam-se, por assim dizer, destituídos de toda liberdade de ação; todos eram subordinados ao poder supremo. A hierarquia dos funcionários desenvolveu-se de maneira inquietante e em proporções até então desconhecidas nesse domínio. Uma administração central tinha o encargo de supervisionar todas as funções exigidas por uma máquina de Estado monstruosa. Suprimiram-se as administrações autônomas e cada órgão de fiscalização ou de supervisão era fiscalizado igualmente por outro órgão de fiscalização e de supervisão. O sistema era tão simples quanto brutal e categórico; até mesmo os altos funcionários do governo central não eram senão servidores e escravos do Estado. As províncias do Império foram reagrupadas e reunidas em conscrições-dioceses.

Ora, essas medidas não eram a conseqüência nem duma megalomania, nem de um despotismo demoníaco, nem de uma idiosincrasia de tudo regulamentar; eram apenas a obra de um monomaníaco obsedado pela idéia de controlar a máquina do Estado até nas suas menores molas para descobrir, nas suas manifestações, a confirmação de seu próprio valor. É possível, aliás, que Diocleciano tenha querido considerar o Império Romano como um imenso espelho no qual, poderoso como um deus, pudesse sozinho refletir-se e adorar-se?

Após a avalanche das catástrofes que, no 3.° século, se haviam abatido sobre o Império, impunham-se reformas. Era absolutamente preciso premunir Roma, de uma vez por todas, contra todos os perigos latentes, internos ou externos. É fato estabelecido que os "antigos romanos" não existiam mais. E quando a tradição deixou de ser viva, só um sistema, um aparelho perfeitamente concebidos são aptos para lutar contra os sintomas da degenerescência. Diocleciano tentou salvar o Império com seu sistema burocrático aperfeiçoado. As dileções e inclinações dum povo sucedem-se e atraem-se como o fluxo e o refluxo. A inclinação pela guerra, depressa saturada, é seguida dum desejo e duma necessidade de paz, mais duráveis. Por esta razão, o amor à paz entre as nações

turbulentas é, em geral, um sintoma de lassidão, em vez de ser um indício dum "caráter essencialmente bom e pacífico". Ora, após a vitória de César sobre Pompéu, após um século de guerras civis sangrentas, Roma, cansada dos Césares, foi tomada dum desejo de paz e de tranqüilidade que não mais a deixou.

Quando no ano de 31 antes de J. C, a batalha de Ácio foi ganha e no ano de 30, conquistado o Egito, Augusto desarmou suas legiões. O exército foi reduzido à metade de seus efetivos, mantiveram-se somente vinte e oito legiões em armas e estacionadas nas fronteiras do império. Não houve exército de reserva. A batalha de Teutoburgerwald em que Varo, no ano 9 depois de J. C, perdeu três legiões, demonstrou o perigo de semelhante política. Augusto, o grande homem de Estado, o criador do principado, foi ao mesmo tempo o pai (pagão) da idéia da paz universal. Em Roma a ara pacis Augusti, o altar da paz de Augusto, é disso o testemunho vivo. E essas disposições "românticas" da era de Augusto, esse ideal da paz eterna, esse raio de luz que precedeu o Salvador da cristandade, perdurava no espírito dos imperadores que se sucederam no trono.

Se Trajano, o derradeiro grande soldado colocado no trono romano, tomara a ofensiva contra os dácios e os partas, realizando assim um projeto grato a César, cuja execução golpes mortais dos idos de março impediram, a política de Roma nem por isso era, no conjunto e por princípio, uma política de defesa.

Depois de Augusto, outro imperador dirigiu, por sua vez, uma política resolutamente "anti-militarista". Foi Adriano, admirador da Grécia, homem sensível e culto que, na sua mocidade, apelidaram de Graeculus, o "greguinho". Imperador, abandonou em 117 a política de conquista de seu predecessor Trajano. Penetrado da idéia da pax Augustae, quis ser um imperador da Paz e reinar, com uma sabedoria verdadeiramente helênica, como um "servidor glorioso" do Estado e do povo. Essa desmilitarização enfraqueceu mais uma vez o poder do Império Romano, cercado de povos cuja hierarquia dos valores culturais não era matizada, isto é, de povos pouco civilizados que, conscientes de sua jovem força, aguardavam o momento em que poderiam atacar o grande império. No 3.° século, depois de J. C., o antagonismo entre as duas tendências contraditórias esteve a pique de acarretar a ruína de Roma. Duma parte, o mundo civilizado estava penetrado da nostalgia das religiões místicas, da idéia da paz augustiniana, do ideal da "paz em toda a terra", e doutra parte, ao norte, os povos germânicos, ignorando totalmente esses ideais pacíficos, elevavam seus castelos fortificados e precipitavam-se ao assalto de Roma com todo o ardor de suas forças primitivas, de seus ameaçadores gritos de guerra, enquanto que no Oriente, em vigília desde Alexandre, o Grande, o império dos Sassânidas, subjugado, conhecia em 226, redespertar magistral. As legiões romanas estacionadas nas fronteiras tinham uma atitude pouco romana porque, desde muito tempo, não eram os homens recrutados mais na população da Itália, mas, pelo contrário, entre os povos das marcas do império. A civilização romana penetrara até as fronteiras. Mesmo nos acampamentos militares, "vivia-se bem e confortavelmente". O exército das fronteiras era apenas uma espécie de "corpo defensivo". Era já bem tempo de agir e de remediar esse estado de coisas, e Diocleciano, para reforçar as tropas fronteiriças, criou no interior um exército de reserva.

Os esforços e os retoques importantes em favor da defesa, o aumento dos efetivos

militares, o aparelho administrativo gigantesco, as cortes imperiais dispendiosas e as construções de edifícios públicos constituíam orçamentos que necessitavam de uma reforma fiscal. Todos os anos, fixava o imperador a importância dos impostos exigíveis para o exercício corrente. Por conseqüência das somas que tinha de pagar ao Estado no ano seguinte. Os impostos assentavam-se sobre duas bases essenciais: o iugum e o caput. O iugum era o arpente (O Ha 25), e o caput designava a cabeça (o homem que trabalhava o arpente). Considerava-se a mão de obra feminina como meio-caput.

A imposição, o jugatio, além do iugum e do caput, era calculada segundo o número dos animais domésticos. Todos os haveres sem exceção deviam ser declarados; e o camponês, responsável por suas terras e por suas "cabeças", tinha obrigação de pagar imposto. Para facilitar sua tarefa, o Estado prendia (por sorte ou por desgraça) o camponês à sua gleba e este não tinha mais a possibilidade de mudar sua condição.

As cidades eram obrigadas a fornecer o dinheiro e as mercadorias manufaturadas de que o Estado tinha necessidade. Um grupo de ricos cidadãos, os "curiais" eram, na qualidade de conselheiros municipais, responsáveis pelas cidades. Com sua fortuna pessoal, garantiam pagamentos pontuais de seus concidadãos. Como os camponeses, os curiais — e por esta razão, não se apressavam em aceitar a função — não podiam mais abandonar seu cargo, que transmitiam a seus filhos. Os artesãos e os comerciantes estavam agrupados em corporações e consequentemente deviam pagar impostos. Verdadeiro exército de funcionários esforçava-se, sem descanso, em frustrar as tentativas dos coletores que procuravam fraudar ao mesmo tempo o fisco e o contribuinte.

Assim, os camponeses, os artesãos e os comerciantes totalmente submetidos faziam paralisar a economia. A vida inteira da nação encontrava-se como que jugulada por um sistema administrativo rigoroso. Todo-poderosos, viviam os funcionários, apesar de tudo, amedrontados. O medo engendrava a desonestidade. Graças a métodos de fiscalização severos e à imposição inflexível, indispensável para levantar as somas necessárias ao pagamento da construção, da administração e do exército, obtívera Diocleciano de seu povo uma resignação geral. Era preciso calar-se, obedecer e pagar. Só Roma estava isenta de imposto. Era o único privilégio da antiga metrópole. O julgamento da História, fortemente influenciado pelos escritos antigos de fonte cristã, condenou severamente, e de maneira negativa, as medidas tomadas por Diocleciano, último imperador pagão. Ora, naqueles tempos, a ciência da economia política era embrionária, a fiscalização dos mercados elementar e a ciência sociológica não estava prevista. Um passado próximo ensinara aos senhores de Roma que, por falta de uma reorganização séria da economia e das finanças, a decadência avançava, inevitável, e era impossível obter a segurança militar sem exigir sacrifícios da nação inteira. Diocleciano resolveu o problema com seu "estado de aperto"; chamá-lo-iam, em nossos dias, a "economia de guerra". Tinha por fim essencial o equipamento do exército.

Hoje, não se ignora mais que a economia planificada de Diocleciano era bastante fraca em mais de um ponto. Mais surpreendente de notar, com todo o conhecimento dos fatos históricos, é que o mundo moderno tenha recaído nos mesmos erros para verificar posteriormente que semelhantes métodos não podem lograr êxitol

No reinado de Diocleciano, tentou-se também limitar a alta dos preços. Em 301, fixou o

imperador, de maneira uniforme para o Império, os preços das mercadorias, os ganhos dos operários e os salários. Cria-se assim evitar exigências repetidas da corte e do exército. Todo mercador, que ultrapassasse no seu comércio os preços máximos, era passível da pena capital. Se bem que tivesse sido precedido por uma estabilização do valor monetário com base no padrão-ouro, não obteve esse sistema êxito algum. Tornando-se raras as mercadorias, florescia o mercado negro, e o sangue correu.

"Acuados, os comerciantes não ousavam mais vender, e a carestia dos víveres aumentou em proporções alarmantes", escreveu o cristão Lactâncio, na sua obra De mortibus persecutorum.

Promulgada em 301, num édito, a "tarifa dos preços máximos" de Diocleciano tornou-se pública e foi gravada em pedras. Algumas ainda existem. Quando se percorre a lista das mercadorias cujos preços foram tarifados, a vida cotidiana daquela época passada toma a nossos olhos relevo impressionante. Tinham os romanos uma alimentação extremamente variada. Fica-se estupefacto diante do número de alimentos então em venda. Citemos em primeiro lugar as aves domésticas. O ganso, a perdiz, o pombo selvagem, o pombo doméstico, a franga, o pato e o pavão eram evidentemente iguarias procuradas pelos cidadãos abastados. Os pardais, os tordos, os pintassilgos, os arganazes e as codornizes contavam-se entre os acepipes. Os estorninhos não parecem ter sido muito apreciados. Podiam-se também .procurar as rolas "cevadas".

Quanto aos legumes, fora da maior parte das espécies conhecidas, encontravam-se cenouras, alcachofras, aspargos e azeitonas. Havia abundância de frutas: maçãs pequenas e vermelhas, figos da Síria, tâmaras, damascos, pêssegos, cerejas e melões. Acrescentemos as amêndoas, as nozes, "os peixes de rocha" e o vinho do Egito.

As "pedras de tarifas máximas", cujo texto se gravava em latim ou em grego, ou nas duas línguas ao mesmo tempo, e das quais se descobrem sem cessar fragmentos nas províncias outrora romanas, proporcionam-nos interessantes detalhes a respeito da maneira de viajar, de locomover-se naquela época. Existiam veículos-camas, veículos de carga e veículos de luxo. Fabricavam-se para uso dos veículos de transporte, eixos, cubos, raios, bancos e uma espécie de ferradura não pregada no casco do animal. Guarda-pós guarneciam as liteiras. Podiam-se comprar mantos com capuz, romeiras, vestidos inteiriços com colchetes e roupas de baixo de pêlo de coelho. Vendiam-se peles de carneiros para os chapéus e gorros, tecidos de linho e lençóis, capas para colchões, fronhas de travesseiros, canetas, tinta e pergaminho açafroado.

Interessa conhecer algumas corporações de ofícios. Havia operários qualificados para a pavimentação (de mármore), marcheteiros especializados em encrustações murais ou mosaicos, polidores, tosquiadores, veterinários, barbeiros, alfaiates, costureiros, massagistas especializados nas termas, professores, advogados. No que concerne à história da economia política, a lei sobre os preços máximos constitui o documento mais importante e mais completo da Antigüidade. Ignora-se durante quantos anos esteve em vigor esse decreto. Provavelmente foi abolido o mais tardar em 305, por ocasião da abdicação de Diocleciano. Se é possível conhecer, graças a essa lei, a vida cotidiana da época, sabe-se também a que ponto a economia foi "planificada" até no mínimo detalhe. Se bem que a diferença hierárquica persistisse entre o escravo, servus, e o camponês

enfeudado, colonus, a planificação operou um nivelamento profundo na vida dos "súditos" do Estado autocrático.
Cria o imperador Diocleciano no poder de Júpiter, deus supremo e onipotente da Roma antiga. Tolerava Mitra, divindade mazdeana, não porque esse deus fosse de origem oriental, mas porque os legionários o preferiam às outras divindades. Lembremos que o imperador exigia de seus súditos uma obediência absoluta, adoratio.
Quando Diocleciano compreendeu que, sob a influência do cristianismo, o mundo romano acusava tal decadência, começou, no ano de 303, e provavelmente sob a instigação de Galério, a perseguir os cristãos.
Essa perseguição foi, pelo menos parcialmente, conseqüência dum fato preciso. Por ocasião de um sacrifício, não conseguiu o imperador imolar convenientemente a vítima. O resultado desastroso da oferenda, a que césar Galério assistiu, foi imputado à influência nefasta e oculta dos cristãos. Todos os servidores do palácio receberam então a ordem de sacrificar aos deuses de Roma. Os que a isso se recusavam eram espancados a cacete.
Descobriu-se, durante essa repressão, que o próprio palácio imperial estava "minado" pelo ideal cristão. Decidiu o imperador uma "depuração" do exército e dos funcionários. Sob a ameaça do sacrifício obrigatório, as numerosas pessoas que se recusaram a ele submeter-se foram despedidas. Nascido em 250 depois de J. C, mais ou menos, e convertido ao cristianismo em 305, Lactâncio, originário da província romana da África, evocou na sua obra Da Morte dos Perseguidores dos Cristãos, o terror das vítimas e o castigo divino que feriu seus carrascos.
Se Diocleciano mostrou-se demasiado avisado para organizar imediatamente repressões de grande envergadura, as lutas religiosas, pelas reações que provocaram entre as vítimas, foram perigosas e tomaram muitas vezes uma amplitude imprevista. Na manhã de 23 de fevereiro de 303, procedeu-se a uma intervenção criminosa que se revelou inoperante e desastrosa.
Em Nicomédia, perto do palácio imperial, erguia-se uma basílica cristã. Das janelas do palácio, podiam-se ver os cristãos que, todos os dias, se dirigiam à reza. Era uma comunidade pacífica cujos prosélitos aumentavam com uma rapidez surpreendente.
A 23 de fevereiro, foram forçadas as portas da basílica e os agressores tentaram apoderar-se da "efígie do deus". Os lugares-tenentes e os soldados do imperador queimaram os textos sagrados, pilharam e destruíram o que lhes caiu nas mãos. Os pretorianos, armados de machados e de alavancas, chegaram em boa ordem e demoliram a igreja que, algumas horas antes, erguia orgulhosamente suas flechas para o céu. Os cristãos que, a despeito da primeira depuração, tinham conservado seus postos e suas funções no exército e na administração, foram ameaçados de prisão. O édito de depuração era válido para o Império, mas até então o sangue não havia corrido. Em Nicomédia, um cristão corajoso arrancou o decreto afixado num edifício público. Rasgou-o em pedacinhos e gritou ironicamente que só se tinham inscrito nele "as vitórias conquistadas contra os godos e os sármatas".
Acusado por Diocleciano e Maximiano de crime de lesa-majestade, condenaram-no a ser queimado vivo. O Martiriológjco Romano faz menção desse exemplo. Os imperadores ordenaram que "se aplicassem todas as torturas conhecidas". Mas o homem soube

suportar seu martírio com uma serenidade de alma tal que não se conseguiu descobrir em seu rosto o menor sinal dc sofrimento. Foi, como o relata Lactâncio, "assado vivo e suportou seu calvário com uma paciência admirável. Queimaram-no até ficar reduzido a cinzas".

Pouco tempo depois, o palácio imperial em Nicomédia incendiou-se e pouco faltou para que os dois velhos imperadores nele perecessem. Diocleciano ordenou que fossem todos os servidores submetidos à tortura.

Quinze dias mais tarde, o palácio ardia de novo. Galério lançou suas suspeitas sobre os cristãos. Ora, segundo Lactâncio, foi "Galério que, pela segunda vez, pusera fogo ao palácio". A dramática narração de Lactâncio é pormenorizada e redigida com pena severa e agressiva. Testemunha ocular, não há lugar para pôr em dúvida suas asserções, mau grado a veemência do tom. Por outro lado, o historiador cristão Eusébio confirma que Galério foi o verdadeiro instigador das perseguições cristãs.

A situação de Diocleciano era delicada. Prisca, sua esposa, e Valéria, sua filha, convencidas da pureza e da veracidade das idéias cristãs, tinham-se secretamente convertido. Diocleciano obrigou-as a participar dos sacrifícios pagãos. Os servidores do palácio que se recusaram a executar os ritos foram, a princípio, submetidos às mais refinadas torturas, e depois liquidados. Antímio, o bispo de Nicomédia, morreu como mártir. Duma maneira geral, todo cristão que caísse entre as mãos dos carrascos sofria a pena merecida por um incendiário. Massacravam-se os homens sem processo, sem julgamento prévio. Pedro, o camareiro de Diocleciano, morreu em conseqüência da tortura. O confessor Donato ficou seis anos numa masmorra imunda e sofreu suplício mais de nove vezes. Jamais renegou sua fé e saiu vivo de sua prisão após longo calvário. Doroteu e Gorgônio, dois altos funcionários da corte, contrários às perseguições cristãs, foram executados da maneira mais cruel.

Houve assim milhares de mártires. Citemos eníre os mais célebres: São Sebastião e Santa Inês em Roma, Santa Lúcia em Siracusa, Santa Catarina em Alexandria e Santa Bárbara em Nicomédia. Em Tiro, no Egito, em Saragoça, em Treves, morreram os cristãos pela sua fé e foi-lhes concedida a coroa de mártir.

Quando os cristãos enterravam as vítimas de sua fé, desenterravam-nas e lançavam-nas ao mar, a fim de que a veneração desses mortos não provocasse a conversão de futuros prosélitos!

Em algumas regiões do Império, encontravam os cristãos uma tolerância, confessada ou oculta, entre os funcionários, excedidos, escandalizados pelas horríveis efusões de sangue. Na Gália e na Grã-Bretanha, governadas por Constâncio, somente as igrejas foram arrasadas, mas pouparam-se as criaturas humanas. Em outras províncias, desenrolaram-se cenas odiosas. Os governadores faziam arrastar os cristãos para diante dos altares pagãos. Depois libertavam-nos, declarando bem alto que tinham cumprido os sacrifícios de uso. Mas, a fim de que ninguém desse crédito a tais declarações, proclamavam os cristãos em altas vozes sua fé inabalável!

Todavia, alguns governadores deram prova de uma crueldade extrema. Torturas refinadas, variantes sádicas de execuções desconhecidas até então foram inventadas. Um cidadezinha da Frígia, talvez Eumenéia, declarou-se inteiramente cristã. Cercada pelos

legionários, foi incendiada com todos os seus habitantes.
Outros governadores — não por clemência, mas antes por crueldade — fizeram o impossível para evitar a execução dos cristãos. Gabavam-se então de não ter matado, mas de ter tido a alegria de "quebrar a resistência" dos crentes. Relata Lactâncio que o governador da Bitínia mostrava-se orgulhoso, como se tivesse vencido uma tribo de bárbaros, quando um cristão, após ter resistido durante dois anos, renegava sua fé. Contavam-se entre os mais humanos, os governadores que mandaram executar os cristãos rapidamente, sem tortura. Mas em muitas províncias, e sobretudo a leste, na governadoria de Galeria, a "caça às feiticeiras" tomara uma amplitude até então desconhecida no Império. Na verdade, o paganismo em agonia e os antigos deuses arrancados de seus pedestais não recuaram diante de crueldade alguma antes de afundar no nada, para dar lugar à religião nova: O cristianismo venceu na dor e no sofrimento. Não se deve também esquecer o entusiasmo, a força de alma da Igreja primitiva, a vontade de sacrifício, a alegria pura de morrer como mártir, naturais nos primeiros cristãos. Entre as mulheres, houve adeptas que suplicaram mesmo aos carrascos que as executassem porque eram cristãs. Outras precipitaram-se na arena para ali serem devoradas pelas feras. Outras ainda atraíram voluntariamente a atenção dos governadores tão grande era a paixão que animava sua fé, quando marchavam para o suplício.
Em nenhum momento, tentaram os cristãos escapar a seus perseguidores, fomentando uma rebelião ou uma revolução. Curvaram-se diante da autoridade e da perseguição pagas e ofereceram a César o que a César era devido. Mas na provação deram testemunho de uma coragem sublime. Imitando a paixão e o ensinamento do Cristo, venceram no sofrimento, não pela espada, mas pela aceitação e pela resignação. Seu estoicismo diante da dor ultrapassava qualquer medida imaginável e não pode ser aqui descrito. Esses mediadores entre o Cristo e nós que, pela sua morte expiatória, permitiram e ativaram a vitória do cristianismo, conservando para o mundo a palavra viva do
Evangelho, transmitiram-nos o ideal cristão, isto é, em definitivo, a essência mesma da cultura ocidental. Esses homens dum outro tempo foram duma tempera desconhecida de nossa época cínica, incrédula e bem muitas vezes covarde. Até a morte, persistiram essas criaturas na sua fé, com excepcional obstinação, porque estavam convencidas de que, com o seu derradeiro suspiro, penetrariam na beatitude eterna. Parece miraculoso que uma fé tão sublime tenha podido existir. A ação do Cristo operava com uma eficácia soberana. O dinamismo dos primeiros cristãos foi sem igual, o poder espiritual, intemporal, exerceu uma irradiação única e sem igual. Foi assim que o cristianismo recebeu o impulso que o transportou no tempo, na duração e na eternidade dos homens.
No começo, freiou Diocleciano o furor coletivo que se desencadeara contra os cristãos de Nicomédia. Preocupado em conservar o domínio sobre o conjunto das perseguições, promulgou segundo édito ordenando apenas a detenção do clero. Com toda objetividade, parece que tenha sido partidário da moderação. Convém julgá-lo com equidade. Pagão, não era supersticioso; acreditava, pelo contrário, com sinceridade, nos deuses romanos que, no passado, tinham forjado o poder e a grandeza de Roma. Os romanos e seus partidários, querendo manter a tradição, reclamavam para suas divindades o direito de antigüidade. Todavia, o africano Arnóbio, na época das perseguições, em 305, escreveu e afirmou com

coragem, numa obra composta de sete livros, as idéias seguintes: "Vosso culto também, no momento em que se iniciou, era novo. Ora, o valor de uma religião não pode ser julgado segundo sua antigüidade, mas segundo sua divindade; o. que importa não é conhecer o dia em que se começou a adorar um Deus, mas a natureza mesma desse Deus. Existe uma divindade mais antiga do que ele? A quem deve a eternidade aquilo que, precisamente, lhe confere sua natureza de eternidade? Não é a sucessão ininterrupta dos tempos infinitos a conseqüência natural de sua duração, que será sem fim? Ora, vossos deuses romanos eram apenas homens. Onde existem núpcias, casamentos, partos', parteiras, ofícios, doenças, onde a liberdade condiciona a escravidão, onde se encontram ferimentos, golpes, sangue, amoricos, saudades nostálgicas e volúpia, onde todas as emoções são a conseqüência da instabilidade, precisamente aí, nada de divino pode existir."

As concepções religiosas de Diocleciano eram de natureza totalmente diversa. Aquele homem seco, alto, cujo rosto pálido se ornava de um grande nariz aquilino, professava uma fé sincera em sua religião. Venerava os deuses romanos, aguardava com ansiedade seus presságios e, curioso das revelações do futuro, esquadrinhava as entranhas dos animais sacrificados para ali surpreender a vontade do céu. Somente contra os maniqueus persas sentia ódio feroz. Diocleciano enviava os discípulos de Manes, com seus textos sagrados, ou para a fogueira, ou para as galeras, porque nas suas pessoas percebia o imperador não só os perigosos fanáticos religiosos, mas os inimigos políticos, os partidário, os agentes secretos do rei dos persas. Para Diocleciano, a propagação da mística maniquéia arriscava amplificar a potência dos deuses persas e, com eía, a de seu inimigo. Para Diocleciano, só Júpiter era o Deus e o protetor do Império. Convicto de que Júpiter lhe dera o poder e a glória, protegia as divindades romanas.

Diocleciano ignorava o êxtase e a graça da beatitude celeste; não era, pois, um místico. O cristianismo não podia tocar o espírito calculador, a inteligência organizadora e fria daquela criatura positiva. Deuses novos e, antes de tudo, um Deus único, incompreensível e inacessível, pareciam-lhe temíveis e susceptíveis de provocar a vingança dos deuses romanos. Inabalável, tinha Diocleciano fé na missão eterna da civilização romana, graças à sua cultura, à sua língua e à sua religião. Foi, entre os imperadores do fim da Antigüidade, o único a querer preservar e conservar intacta a hegemonia romana tradicional. O Estado greco-bizantino do Oriente era como uma contra-corrente antagonista desse derradeiro profeta de Roma. Durante o ano das perseguições cristãs, o dálmata grisalho, em companhia de Maximiano, dirigiu-se a Roma para festejar o vigésimo aniversário de seu reinado. Mas Diocleciano sentia-se angustiado. Tornava-se neurastênico. Seu estado psíquico se agravou e, um ano mais tarde, por ocasião da viagem de regresso a Nicomédia, grave depressão nervosa esteve a ponto de provocar-lhe a morte.

Ignora-se a natureza exata da moléstia aguda de que foi vítima (talvez um ataque de apoplexia), mas tem-se certeza de que a 13 de dezembro de 304, a corte, crendo seu fim próximo, rezava orações pela vida do imperador. Parece bem que a doença deve ter afetado e diminuído as faculdades mentais de Diocleciano. A 1.° de março de 305 apareceu em público. Era a sombra de si mesmo.

Dois meses mais tarde, a 1.° de maio de 305, Diocleciano e seu co-imperador abdicaram. A abdicação de Maximiano realizou-se em Milão. Perto de Nicomédia, ao pé duma colina,

Diocleciano apresentou-se perante o exército com o qual ganhara tantas batalhas. Com os olhos cheios de lágrimas, declarou que se sentia demasiado idoso, doente, e que tinha necessidade de repouso.
Constâncio e Galério, os dois césares, sucederam aos imperadores demissionários. Começava uma segunda tetrarquia. Durante vinte anos, reinara Diocleciano sobre o mundo, defendera o Império e criara uma administração de engrenagens gigantescas. Agora, o grande organizador retirava-se para sua cidade natal, Salona, na Dalmácia. Completara os vinte anos de reinado previstos no seu sistema tetrárquico. Agora, queria viver a existência pacífica dum campônio. Desejava o ancião, de toda a sua alma, a calma, o repouso de que queria gozar. Tendo previsto o dia de sua abdicação, mandara construir para si um sólido palácio, bem concebido, copiado do modelo dum acampamento romano. Esse palácio era ao mesmo tempo uma fortaleza, uma casa de campo e uma "vila". Diocleciano queria viver os derradeiros dias de sua existência numa fortaleza, porque lhe importava sua segurança. Desconfiava dos cristãos e não ignorava que na corte numerosas personalidades se haviam convertido em segredo.
O palácio, cujas fachadas de leste e de oeste mediam 215 metros, afetava a forma de um trapézio retangular. As paredes maciças que o enclausuravam dos lados norte, leste e oeste, tinham uma espessura de 2 m 10. Na f?ce meridional, atingiam uma altura de 24 metros! Ao sul, estava o palácio orientado para o mar, e a fachada media 181 metros. A nove metros acima do solo, na fachada do sul, havia um corredor, coberto e abrigado, servindo de passeio e ornado de colunas e de vinte a quatro arcadas. Era ali que o velho imperador passeava lentamente todos os dias, perdido nas suas contemplações e nas suas recordações. Muitas vezes, seu olhar errava pelo mar que vinha quebrar-se contra os alicerces e os contra-fortes do palácio.
Com a idade, a prudência, a fina astúcia e a manha de Diocleciano aguçaram-se ainda mais. Em caso de perigo, um subterrâneo permitir-lhe-ia fugir para o mar.
Era a fortaleza perto de Salona tão imponente que na Idade Média uma cidade inteira se agrupou em redor dela, como aninhada sob sua proteção. Era Espalato, hoje Split, na Iugoslávia. Em 1926, contaram-se no interior da fortaleza 278 casas e 3.200 habitantes. A potência da construção sobre o litoral do Adriático dá testemunho da violenta vontade que, durante toda a sua existência, se abrigava no corpo do grande construtor.
Os apartamentos situados na face sul do palácio abrigavam todas as peças necessárias ao trem de vida de um soberano. Um triclinium (sala de refeições), cubicula (quartos de dormir), ninféias (salas guarnecidas de banheiros, de fontes e de estátuas), bibliotecas, banhos, em suma, todo o conforto que a arquitetura greco-romana pudera realizar. No circuito do recinto estavam situados, ao mesmo nível, as lojas, os entrepostos, os locais dos escravos, os estábulos e os fornos. No andar, encontravam-se os apartamentos dos oficiais e da comitiva, porque o imperador tinha consigo sua corte toda completa.
O palácio tinha acesso por três portões. O portão principal, voltado para Salona, é a célebre Porta Áurea, de quatro metros e meio de altura e mais de quatro metros de largura. Por ocasião das escavações realizadas de 1904 a 1910, percebeu-se que os alicerces da porta atingiam a perto de três metros de profundidade.
Fiel ao deus que venerava, mandara Diocleciano erguer no interior do palácio um templo de

Júpiter. Um aqueduto de oito quilômetros de comprimento, ora aéreo, ora subterrâneo, levava ao palácio a água potável do rio Jader. Sobre os 670 metros que media o aqueduto, eram os arcos suportados por pilares de 16 m 50 de altura. Quando se procedeu, em 1878-1879, à sua reconstrução, um terço do comprimento primitivo podia ser ainda utilizado tal qual, com um mínimo de reparações. Tinha a água importância capital para o velho imperador, porque todo o interesse de sua existência, seus cuidados mais atentos tinham sido dedicados à cultura de suas hortas. Pode-se dizer que foi isso a consolação de sua velhice.

Operários e escravos, mestres e artesãos gregos, pedreiros e canteiros da região participavam da construção do edifício. As pedras provinham das pedreiras da província. Mas os materiais das colunas do palácio vinham das pedreiras de mármore do Egito, granito rosa, pórfiro, mármore cinzento, vermelho e branco. Para embelezar as salas, colossais esculturas egípcias foram transportadas por mar.

Todavia, uma viagem rápida interrompeu o repouso do imperador. Teve de comparecer a uma conferência, em Carnunto, à margem do Danúbio, para ajudar Galério a repor a ordem nos negócios do governo. Se recusou a oferta de retomar suas funções imperiais, foi testemunha do desmoronamento de seu sistema administrativo. Soube que sua esposa e sua filha estavam sendo perseguidas, depois, que tinham sido assassinadas no momento em que tentavam juntar-se a ele. Seu espírito tornou-se sombrio e taciturno. Sem repouso, percorria as imensas galerias de seu palácio. Proferia nomes que ninguém compreendia. Diocleciano perguntava a si mesmo por qual razão a obra de sua vida, a organização criada e construída para durar, havia-se desmoronado tão rapidamente. Morreu sozinho, constituindo assim a única exceção na sucessão dos imperadores que, todos, pereceram assassinados. No seu palácio de Salona, mandara Diocleciano construir um mausoléu de forma octogonal, cercado de vinte e quatro colunas. O sarcófago, de pórfiro vermelho, devia ser colocado no meio da cúpula central. Esse túmulo do famoso conservador do espírito romano era coberto por uma tapeçaria de púrpura. Quando os raios do sol poente penetravam pela janela em ogiva, tomava também a penumbra uma tonalidade dum vermelho-dourado. Era ali que o imperador desejava repousar pela eternidade. Mas lá só ficou durante meio século, porque o sarcófago e seu conteúdo foram roubados. Para além da morte, devia o cristianismo encontrar uma espécie de vingança. Nos próprios lugares onde repousava o imperador que quis salvar o Império Romano e seus deuses antigos, construiu-se uma igreja cristã; a catedral de Espalato.

CONSTANTINO

O PRIMEIRO IMPERADOR CRISTÃO

> "À hora do meio-dia, ao iniciar-se o declínio do dia, vira o imperador, com seus próprios olhos, no céu, esboçado por uma luz bem acima do sol, o signo vitorioso da Cruz e as seguintes palavras: "Com este sinal vencerás".
>
> EUSÉBIO, "A Vida de Constantino", I, XXVIII.

Em Salona, como acabamos de ver, no palácio mais magnificente da terra, vivia o velho imperador Diocleciano. Cultivava férteis hortas, enquanto que, fora do torvelinho, contemplava aquele mundo agitado que tanto trabalho lhe dera para organizar. Acreditara ele na perenidade de seu sistema tetrárquico? Pensara que a organização administrativa que criara seria eterna? Percebera, pelo contrário, a falência daquela ordem social que tanta dificuldade tivera em instaurar? Como ele, seu colega Maximiano havia abdicado, em conformidade com as convenções estabelecidas entre os dois monarcas. Ora, Maximiano, cuja saúde era excelente, continuava a ocupar-se com os negócios do Estado. Gostava da política, esse grande jogo de balanço internacional que, na tábua de xadrez dos povos, se apoiava no exército romano e nos de seus adversários e lhes provocava reações psicológicas. Tinha necessidade de atividade. A ociosidade, a vida campesina e "o repouso com honra" causavam-lhe horror. Poderia tal homem, voluntariamente, retirar-se, aceitar sua aposentadoria definitiva?

Roma encontrava-se de novo governada por quatro imperadores. No cume da hierarquia, os Augustos, e dois imperadores suplentes, os Césares. Era a tetrarquia de Diocleciano. Os dois Augustos, Constâncio, no Ocidente e Galério, no Oriente, tinham temperamento e caráter fundamentalmente opostos.

Constâncio, o mais velho, se bem que seus pais, de origem ilíria, não tivessem trazido nome ilustre, foi homem duma educação perfeita e duma dignidade exemplar. Generoso, dotado dum gosto delicado e refinado, gostava dos vinhos finos, dos prazeres da vida e das mulheres de grande beleza. Bem jovem, mas já general experimentado e apreciado, ocupava alto cargo na Ilíria. Ignora-se que haja levado para Naísso (hoje Nisch) Flávia Helena, sua amante, ou se a conheceu na fortaleza romana à margem do Nissay. Filha de um taberneiro, agradou infinitamente ao jovem e inteligente soldado, também de humilde extração. Não a desposou, mas para Helena o concubinato não era uma humilhação porque, segundo a lei romana, os governadores e os superiores dos lugares-tenentes não os autorizavam a concluir iustum matrimonium com mulheres indígenas. Constâncio era pagão, Helena também e o filho que, em Naísso, coroou-lhes a união, será mais tarde o primeiro imperador cristão da terra.

Alma sublime (o adjetivo não é demasiado forte), Helena, graças a seu filho, abraçou mais tarde a religião cristã. Mandou construir várias igrejas, entre outras a igreja do Santo Sepulcro, no monte Calvário, em Jerusalém, onde se descobriu a verdadeira cruz. Canonizada, é conhecida pelo nome de Santa Helena. Nomeado César por Diocleciano, foi Constâncio obrigado a repudiar Helena para casar com Teodora, filha do imperador

Maximiano. De sua esposa legítima teve Constâncio dois filhos e três filhas. Constantino, o primeiro filho "da mão esquerda", foi educado por estrangeiros, longe de seus pais, de seus meios-irmãos e de suas meias-irmãs. Por conseqüência, não pôde o jovem Constantino beneficiar-se, durante sua mocidade, da influência pró-cristã de seu pai, que deu prova duma compreensão profunda e bastante avisada das correntes religiosas de seu tempo. Pagão, portava-se com extrema tolerância para com os cristãos. Se, na época das perseguições ordenadas por Diocleciano, foi obrigado a destruir as igrejas, nenhum crente, no seu governatorato, foi condenado à morte. Era pagão, de certo, mas, adorador apenas de Baal, tendia logicamente para o puro monoteísmo, como Sêneca, Epicteto, Marco-Aurélio, Apolônio de Tiana e Plotino. Mais tarde, seu filho Constantino procurou fazer que o considerassem como o primeiro imperador cristão.

"Meu pai foi o único a exercer a caridade e, com uma piedade admirável, em todos os seus atos fez apelo ao divino Salvador."

Constando, é preciso dizê-lo, deu a uma de suas filhas o nome de Anastácia que, na época, só era de uso entre os judeus e os cristãos. Dizem também que convidou padres cristãos para sua corte.

Encontrou-se recentemente na Inglaterra um busto de Constâncio, apelidado Constâncio Cloro (o Pálido). Reconquistara, com efeito, a Inglaterra. Remontando o Tâmisa, erguera sua tenda em Londres. Constâncio iria, aliás, morrer na Inglaterra, em Eburacum (York), como o imperador Sétimo Severo. O imperador Galério, duro e intolerante, era homem de essência bem diversa. Irrefletido e impulsivo, enganava-se muitas vezes nos seus cálculos e nas suas previsões. Era ambicioso e, no correr dos anos de 303 e 304, perseguiu com encarniçamento os cristãos.

Lembremos que foi Galério quem induziu Diocleciano à perseguição dos crentes. Com a mesma segurança de que dera prova por ocasião de suas sevícias contra os cristãos, ocupou seu novo cargo imperial. Sucessor de Diocleciano, acreditava-se, com toda lógica, o chefe supremo da tetrarquia, o imperador principal entre os quatro monarcas. Agia, aliás, em decorrência disso, sem ouvir a opinião de Constâncio, seu companheiro do Ocidente e mais velho do que ele, a quem., normalmente, teria devido caber o comando da tetrarquia.

Era com desconfiança que os dois Augustos se olhavam: Constâncio Cloro, que residia na Gália, e o robusto Galério, que residia a leste, na planície do Danúbio. A situação mostrava-se tensa; os dois césares, Severo e Daia, eram mstrurnentos dóceis entre as mãos de Galério. Em suma, num mundo governado por quatro imperadores, Galério reinava, de fato, sozinho. Os dois homens de confiança de Galério, Severo e Daia, vigiavam estreitamente Constâncio, que não tinha, praticamente, nenhuma liberdade de ação.

As mãos de Constâncio viam-se tanto mais ligadas quanto seu filho Constantino vivia na corte de Galério, seu adversário oculto e não declarado. Educado no Oriente Próximo, o jovem Constantino, longe de seu pai e de sua mãe Helena, tivera dura aprendizagem da vida. Tendo terminado sua formação militar sob a fiscalização de Diocleciano,. o rapaz, no palácio do genial organizador em Nicomédia (para onde convergia a política internacional) medira as grandes correntes que dirigem a História. Filho de uma mulher estrangeira para a tetrarquia, isto é, estrangeiro ele próprio na corte de Diocleciano, era Constantino objeto duma vigilância de todos os instantes. Todavia, foi promovido tríbunus primi ordinis.

Excelente observador, é verossímil que Diocleciano, mais de uma vez, tenha percebido na pessoa daquele belo adolescente louro e de elevada estatura, um sucessor digno de si. Mas a tetrarquia não era hereditária e os imperadores não podiam escolher seus césares entre os membros de suas famílias respectivas. Assim, o rapaz sofreu mais de uma humilhação. Assistiu à abdicação de Diocleciano e foi Daia, e não ele, quem recebeu o título de césar. Depois, tendo de acompanhar o imperador Galério, colocaram-no de novo sob estreita vigilância. Como um refém, cadeias invisíveis retinham-no na corte de Galério que, desconfiado e suspeitoso, possuía com a pessoa dele uma espécie de penhor que o garantia contra qualquer tentativa hostil de Constâncio, seu co-imperador e pai de Constantino. De certo, o corajoso jovemy que aspirava a um alto destino, ocupou posição elevada na corte de Galério. Jovem general, distinguiu-se na planície do Danúbio durante as guerras defensivas contra a invasão dos sármatas. Todavia, jamais pôde escapar a vigilância rigorosa que se exercia contra ele. Entrementes, preparou Constâncio uma expedição contra os pictos e os escotos (os antepassados dos escoceses). Ocorreu então o que se chama um "momento histórico"! Constâncio despachou a seu colega Galério um emissário, rogando-lhe que lhe enviasse seu filho Constantino, de que necessitava para sua campanha britânica. A decisão de Galério era delicada. Reter Constantino teria sido um ato de hostilidade declarada. Se o deixasse partir, pai e filho teriam liberdade de agir à sua vontade.

Posto diante de um problema complexo e difícil de resolver, Galério, como de costume, agiu sem nenhum escrúpulo. Deu a Constantino ordem de juntar-se a seu pai mas, segundo toda a probabilidade, encarregou Severo de aprisioná-lo, no decorrer da viagem. Ora, Constantino teria de percorrer as províncias colocadas sob o domínio do césar Severo. Compreendem-se as razões que obrigaram Constantino a fugir, com grande segredo, duma muda a outra, e a extenuar e depois matar suas montarias esgotadas, para que seus perseguidores não pudessem: apanhá-lo.

Em Boulogne-sur-mer, antes de atravessar a Mancha, realizou-se, por fim, o encontro, por tanto tempo adiado, entre pai e filho. Ao lado de seu pai, lutou Constantino contra as tribos britânicas. Os soldados, na maior parte germânicos, adoravam o rapaz e Croco (ou Eroco), príncipe alemão aliado, considerava-o já como o futuro Augusto. Era precisamente o desejo de Constâncio que, doente desde muito tempo, morreu em Eboracum. O exército romano, composto de elementos bárbaros, proclamou Constantino imperador, a 25 de julho de 306.

Uma embaixada foi ter com Galério para anunciar o que acontecera na Bretanha e pedir-lhe seu consentimento. O astucioso Galério nomeou Severo, que lhe era totalmente devotado, Augusto, isto é, imperador, e reconheceu Constantino como imperador suplente, nomeando-o césar. Constantino pareceu satisfeito, porque possuía, como o precisou Josef Vogt, seu melhor biógrafo moderno, "o dom precioso de saber esperar sua hora".

Ora, a morte de Constâncio Cloro provocara um sobressalto de revolta entre os alemães e os francos. Constantino passou imediatamente ao ataque. Apoderou-se dos reis deles, Ascário e Ragaiso, encarcerou-os em Treves, depois mandou lançá-los como pasto às feras na arena da cidade. Reorganizou a frota do Reno e lançou em Colônia uma ponte sobre o Reno. Retirado para sua casa de campo de Lucânia, na Itália meridional, o ex-

imperador Maximiano sentia-se irritado. Não podia admitir que o rebento ilegítimo de Constâncio Cloro tivesse sido proclamado imperador, enquanto que seu próprio filho, Maxêncio, tinha de ficar na sombra. Maxêncio vivia nos arredores de Roma e Maximiano, furioso, mergulhado em reflexões amargas, construía planos para o futuro.

Severo, que governava a Itália meridional, era impopular em Roma. No passado, Maximiano, que residia em Milão, havia por este motivo afastado a antiga capital do centro da política mundial.

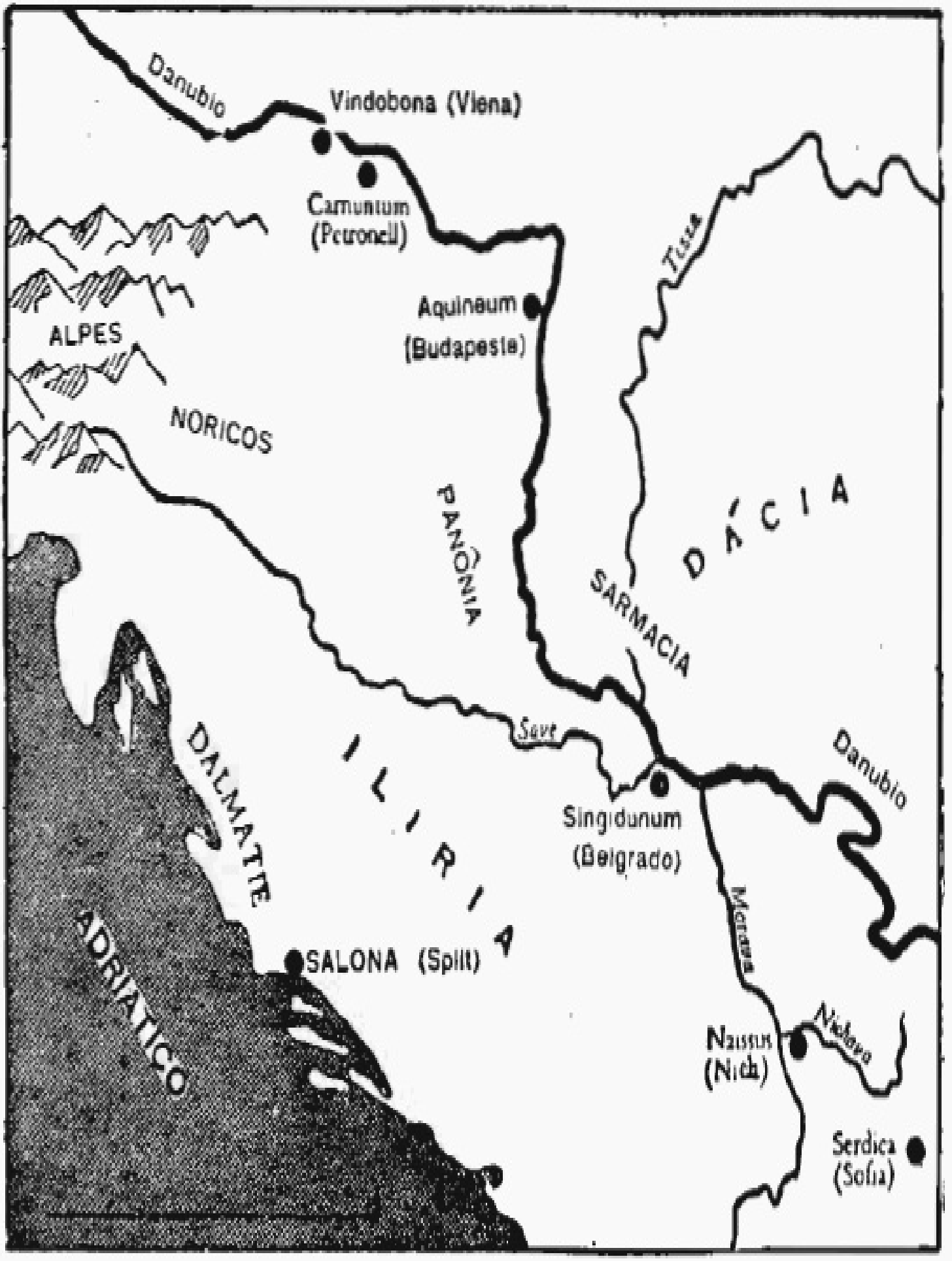
Quanto a Diocleciano, reinava no Oriente. Por ocasião das raras estadas que teve de fazer em Roma, impressionaram-no, desfavoravelmente, a cidade e a população. Presentemente, desejava Severo dissolver a guarda pretoriana e impor pesadas taxas à Itália.

Ficaram escandalizados os romanos com o ultraje que representavam tais projetos. Não era Roma a única cidade imperial? Não fora ela que criara o poder e a glória do Império? No ano seguinte, novo centenário da fundação de Roma devia ser comemorado e, nessa ocasião, Roma, a orgulhosa senhora do universo, desejava receber as honras que lhe eram devidas. Os pretorianos não queriam deixar-se afastar da cena política. Ficaram nos seus acampamentos, depois entraram abertamente em revolta. Maxêncio foi então proclamado imperador. E, pela derradeira vez, foi Roma cidade imperial. Ora, Galério, que só tolerara a contragosto a proclamação de Constantino, decidiu desta vez opor-se pela força à ascensão de Maxêncio. Detestava seu genro, esposo duma sua filha do primeiro leito, indolente, mole, sem virilidade, mas nem por isso menos arrogante e pretensioso. Mandou Severo contra Maxêncio. Mas Maximiano e Maxêncio, o pai e o filho, uniram seus esforços e conseguiram capturar Severo. Quando Galério se dirigiu ao local para encarregar-se pessoalmente das operações, encontrara Severo assassinado.

Nesse jogo de xadrez não escasseavam as manobras hábeis. Para conservar a amizade de Constantino, o ex-imperador Maximiano deu-lhe como esposa sua filha Fausta. Se a moça ainda não era núbil, Constantino, contudo, a amava ternamente, e desde a idade mais tenra, considerava-a como sua noiva.

Incapaz de gozar, com toda a tranqüilidade, o seu repouso, o velho Maximiano proclamou Constantino Augusto e féz-se, ao mesmo tempo, chamar Augusto pelo seu novo genro! Maximiano e Constantino, de perfeito acordo, foram aclamados pela multidão. Mas o velho não estava tranqüilizado, porque seu filho, em Roma, usava igualmente a púrpura. Dirigiu-se, pois, a Roma e, diante dos legionários reunidos, arrancou a toga imperial dos ombros de Maxêncio.

Mas os legionários romanos tomaram o partido do filho. Não gostavam de Maximiano, que reinara em Milão. O velho havia-se profundamente enganado e tratou de pôr-se em fuga para pedir proteção a Constantino, seu genro.


Danubio
Vindobona (Viena)
Carnuntum (Petronell)
Aquincum (Budapeste)
Tisia
ALPES
NORICOS
PANÔNIA
DÁCIA
SARMACIA
Save
Danubio
DALMATE
ILÍRIA
Singidunum (Belgrado)
Morava
ADRIÁTICO
SALONA (Spill)
Naissus (Nich)
Nichava
Serdica (Sofia)

Em Salona (hoje Split, na Iugoslávia), o imperador Diocleciano, cerca do ano de 500, mandou construir um palácio grandioso. Assim que abdicou, em 305, para ali se retirou definitivamente. Em 308 depois de J. C, em Camunto, principal fortaleza romana das províncias danubianas (perto de Petronell e Deustch-Altenburg), realizou-se o famoso congresso dos três imperadores: Diocleciano, Maximiano e Galério. Constantino, o Grande, nasceu em Naísso (Nish).

A tetrarquia, a obra grandiosa, mas muito artificial de Diocleciano, desmoronara-se. Não tinha ele previsto que os imperadores, após sua abdicação, reaparecessem para retomar o poder. Somente um deus, naquela época, seria capaz de levar socorro ao Império que se desagregava. E nessa situação inextrincável, apelou o imperador Galério para Júpiter. No ano de 308, Jovius, o ilustre ancião de Salona, o ex-imperador Diocleciano, foi chamado a uma conferência em Carnunto, a mais importante fortaleza das províncias danubianas, situada a 42 quilômetros a leste de Viena.

Diocleciano deixou, pois, seu suntuoso palácio na Dalmácia para presidir o congresso imperial às margens do Danúbio. Maximiano e Galério estavam presentes, mas não conseguiram persuadir Diocleciano a retomar a púrpura. O velho preferia cuidar de suas hortas a ocupar-se com a "grande" política! Ás ruínas de Carnunto conservaram os alicerces de palácios suntuosos e de magníficas residências, onde se podem identificar os limites do acampamento entrincheirado, os anfiteatros civis e militares e seus vastos recintos ovais, os túmulos com sua inscrições que comemoram, desde séculos, o amor dos sobreviventes pelos seres queridos que ali se encontram encinerados. Esses vestígios grandiosos, bem como o altar de Mitra (datando de 308 e que se encontra atualmente no Museum Garnuntium, o museu de antigüidades romanas mais moderno Ja Áustria), evocam da maneira mais impressionante a grandeza de Roma. Os nomes de Diocleciano, de Maximiano, de Galério e de Licínio estão gravados na pedra do altar de Mitra, diante do qual Diocleciano, o ilustre ancião, executava os sacrifícios.

Durante os debates no congresso de Carnunto, afirmou Diocleciano:

— Se cultivásseis vosso jardim em Salona, como eu, serieis mais felizes!

Maximiano teve de consentir em retirar-se ainda uma vez da política. Para substituir Severo, assassinado, os imperadores chamaram Licínio e conferiram-lhe o título de Augusto. Maxêncio, o usurpador de Roma, foi declarado inimigo público. O historiador Mommsen escreveu, a propósito das ruínas de Carnunto:

"Os vienenses têm às suas portas uma Pompéia pura, mas não sabem explorá-la."

Em nossos dias, apreciam seu tesouro, diante de nossos olhos maravilhados, um mundo foi posto a lume, graças às escavações empreendidas. Os altares dos sacrifícios, as efígies do culto, os bustos e as estatuetas, as mênades dansando, torsos, medalhas, taças, jarros, urnas, copos de vidro e garrafas, colheres, pinças e instrumentos cirúrgicos são-nos conhecidos. Depois de ter visitado Carnunto, o turista atento enriqueceu-se duma preciosa experiência. Ali, sente-se ao vivo a presença dos imperadores romanos que, longe de seu país, defenderam com encarníçamento a fronteira danubiana e levaram até as regiões mais recuadas a civilização, a cultura e a força construtiva de Roma. Ali, compreende-se que as distâncias não existiam para aqueles homens. Não foram mesmo um obstáculo sério para um velho fatigado como Diocleciano! Naquele mundo em

decomposição, a velha raposa fizera mais uma vez admirar seu gênio organizador. A "ordem" estava restabelecida. Mas certos soberanos ambiciosos, ávidos de reformar e de fazer tremer o mundo, tinham brilhado pela ausência no congresso de Carnunto.

A inveja desempenhou de novo seu papel destruidor. É perfeitamente compreensível que Constantino e Daia não estivessem satisfeitos com ver Licínio proclamado Augusto. Constantino sentia-se humilhado e, com Daia, reclamou os mesmos títulos! O velho Maximiano, sempre alerta, não podia suportar seu exílio. Procurava erguer sua filha Fausta contra seu esposo, e fomentava uma revolta entre os legionários de seu genro Constantino. Mas, desta vez, desmascarado, foi executado. Constantino, resolutamente, libertou-se dos entraves que constituía aquele sistema hierárquico ultrapassado. Declarou-se o descendente direto de Cláudio II, o Godo e tomou como deus protetor da segunda e nova dinastia flaviana o deus do Sol invencível, o Sol Invictus de Aureliano. Reconheceu-se simplesmente como o descendente e o herdeiro direto de uma dinastia ilustre. Estigmatizando o tirano Maxêncio, revelou plenamente sua hostilidade contra ele. Mas procurou ganhar as simpatias dos cristãos de Roma e da Itália.

Quanto a Maxêncio, achou um pretexto para entrar em guerra contra Constantino. Invocando o afeto que tivera por seu defunto pai, declarou que Constantino assassinara este último sem razão válida. Para começar as hostilidades, mandou derrubar as estátuas de Constantino em Roma. Na Germânia, na Gália e na Bretanha, recrutava Constantino tropas e transpôs os Alpes. Maxêncio, à frente dum exército muito mais numeroso, estacionava em Roma onde mandara construir edifícios magníficos, entre os quais um circo famoso à entrada da cidade, o Urbis Fanum, o templo de Roma, diante de San Sebastiano, e a célebre Basílica Nova. A basílica era o edifício coberto mais vasto da Antigüidade. Edificado segundo o modelo das salas das termas, tinha a forma duma imensa galeria abobadada. A basílica romana servia de lugar de reunião e abrigava o tribunal. Mais tarde, os arquitetos cristãos inspiraram-se na forma e nos volumes daqueles edifícios para construir suas basílicas, isto é, as primeiras igrejas cristãs. A basílica de Maxêncio, especialmente, serviu de modelo a Miguel Ângelo, quando construiu o zimbório de São Pedro.

Roma preparou, para o ano de 313, o grande jubileu de sua fundação. Para retomar seu lugar e tornar-se de novo o centro e a senhora do mundo, tinha Roma necessidade de um imperador aureolado de glória. Se os romanos acreditaram que Maxêncio seria esse homem que procuravam, compreenderam bem depressa que o novo ídolo não era, na verdade, senão um tirano egoísta, duro e depravado.

À frente de 90.000 infantes e de 8.000 cavaleiros, acampava Constantino às portas de Roma. Maxêncio dispunha de 170.000 infantes e de 18.000 cavaleiros. Encerrou-se em Roma e mandou demolir a ponte sobre, o Tibre. Era em Roma mesmo, a metrópole inexpugnável, que queria resistir aos ataques de Constantino.

Maxêncio sacrificava aos deuses e consultava os oráculos das sibilas. O nome de Sibila, cuja origem remonta aos gregos da Ásia Menor, designa as sacerdotisas e as profetisas de Apoio, cujos oráculos Virgílio descreveu na Eneida. Os oráculos ordenaram a Maxêncio que repelisse o agressor. Transpôs o Tibre numa ponte de barcas, composta de duas partes separadas ligadas por correntes, fácil de destruir em caso de necessidade. A batalha

realizou-se na margem oposta, perto da ponte Múlvio.
Constantino deu, a princípio, uma carga de cavalaria, depois, em boa ordem, a infantaria travou o combate. Seus legionários estavam animados dum sentimento até então desconhecido dos mercenários; um espírito novo, irresistível, na sua fúria combativa. Inferiores em número, mas entusiastas, ultrapassaram pela sua coragem os legionários de Maxêncio, cujas tropas se batiam sem vigor. As tropas só desejavam desembaraçar-se de seu tirano. Derrotados, os soldados romanos procuraram salvar-se correndo para a cidade e utilizando-se da ponte de barcas. Mas a ponte veio abaixo, Maxêncio caiu n'água e afogou-se.
Quando a notícia da morte do imperador espalhou-se em Roma, ninguém ousou manifestar alegria. Duvidava-se da veracidade do fato e temia-se a cólera de Maxêncio. O historiador grego Zósimo, que escreveu cerca do ano de 425, uma história romana, evocou, em estilo vivo, a atmosfera reinante então nas ruas de Roma. Mas quando a população pôde ver a cabeça de Maxêncio, enfiada na ponta duma lança, um entusiasmo louco explodiu.
Constantino condenou alguns partidários do imperador vencido. O Senado consagrou a Constantino os edifícios construídos em honra de Maxêncio e conferiu-lhe o título supremo de Augusto.
O imperador fez uma entrada triunfal na cidade. A 29 de outubro de 312, libertador de Roma e núncio da paz, Constantino, vindo pela via Flamínia, entrou na cidade pela Porta Triumphalis. Sabe-se que o arco de triunfo de Constantino fora elevado por Maxêncio, mas para sua própria glória! Só veio a terminar-se em 315, três anos após a entrada de Constantino em Roma.
Queria o costume que o desfile triunfal terminasse obrigatoriamente pela marcha para o Capitólio, onde o imperador sacrificava a Júpiter. Ora, Constantino renunciou a essa cerimônia e não sacrificou aos deuses pagãos, quando seu povo aguardava esse gesto ritual, sobretudo da mão de Constantino, que entrava em Roma pela primeira vez em sua vida. O Senado que, por tradição, venerava sinceramente os deuses romanos, esperava com satisfação não dissimulada uma confirmação da crença nos deuses antigos.
Mas Constantino evitou o. templo capitolino. Antes da batalha da ponte Múlvio, um acontecimento sobrenatural deveu ter-lhe tocado a alma e revoltado sua consciência. Era o que se pensava então nas altas esferas romanas e foi também o que pretende a lenda. A respeito da lenta evolução que se operou no espírito de Constantino, elaborou a ciência histórica várias teses. Na nossa época, tão pobre na sua fé, tão contida nas sublimes experiências religiosas, mas sedenta de revelação, é compreensível que tantos teólogos e historiadores analisem escrupulosamente a transformação religiosa vivida por Constantino. No nosso século, racional, cético e repleto de lógica, há carência total de visionários. Ora, a conversão espiritual de Constantino representava, após a existência do Cristo e a conversão de São Paulo, o acontecimento psicológico mais rico de conseqüências históricas.
Em 312, antes da batalha da ponte Múlvio, o imperador romano, de origem ilíria, teve a súbita revelação da onipotência do Deus dos cristãos.
Eusébio, o mais fértil dos autores do império romano-cristão, contemporâneo e favorito de Constantino, deixou-nos uma relação da visão do imperador. Lactâncio, seu contemporâneo,

deu versão diferente do famoso sonho pelo qual foi Constantino advertido da revelação divina.
Constantino teve uma visão. O sol e a cruz traçavam no céu um signo desconhecido. Durante seu sono, uma voz lhe ordenou que colocasse o emblema divino no escudo de seus soldados. Obedecendo a essa injunção divina, Constantino fez suas tropas combaterem sob a proteção do signo sagrado. Deu ordem de gravar nos escudos a letra grega X. Essa letra corresponde ao Ch, do nome de Cristo em latim. Na haste da direita, no alto do X, mandou Constantino ajuntar o traço curvo da letra R, no nome de Cristo. Era o monograma de Cristo: tf
Esse signo reaparece, quando se imita e reproduz a Cruz com as duas primeiras letras do nome de Cristo — o khi e o rho — gravadas no capacete de Constantino.
O capacete monogramado do imperador será reproduzido nas medalhas alguns anos após a batalha da ponte Múlvio. A batalha ocorreu em 312; e a medalha de prata de Ticino foi cunhada em 315. Na ponta da crista do capacete imperial, há o monograma
No khi deitado, encontra-se o rho grego, isto é, as duas primeiras letras (C e R) do nome de Cristo. Essa medalha encontra-se no gabinete de numismática da cidade de Munique. Foi autêntica ou imaginada pelos historiadores a visão de Constantino?
Nossa fonte mais preciosa,, a Vita Constantini de Eusébio constitui-se, em nossos dias, objeto de apaixonadas controvérsias. No seu tempo, era Eusébio um sábio. Fez seus estudos de teologia em Cesaréia, na Palestina. A faculdade de teologia daquela cidade fora fundada por Panfílio e deram a Eusébio o sobrenome de Panfílio. A Faculdade possuía uma das bibliotecas mais célebres da época, a do exegeta Orígenes. Martirizado, por ocasião das perseguições cristãs do imperador Décio, morreu Orígenes em conseqüência de suas torturas em 254. Eusébio escreveu grande número de obras importantes. Sua Vida de Constantino é um verdadeiro canto de amor dedicado à vitória do cristianismo. A ciência histórica moderna tem certeza de que as indicações capitais de Eusébio são autênticas.
Ora, numerosos historiadores tentam provar que não foi Eusébio quem compôs a Vita Constantini. Estimam que, se tal obra tivesse existido no 4.° século, os escritores da época tê-la-iam utilizado, ou pelo menos mencionado. Ora, nenhum autor do 4.° século fez alusão a uma biografia de Constantino escrita por Eusébio, e esta restrição parece confirmar que existe dela uma tardia contrafação cristã. Quem defende esta idéia com tanta inteligência quanto erudição é o historiador belga Henri Grégoire.
Era Eusébio muito piedoso e o amor à verdade estava inerente à sua profunda fé cristã. Com a história de sua própria época, escrevia a biografia de um homem a quem conhecia intimamente. Constantino descrevera a Eusébio, com numerosos detalhes, a visão da cruz divina que lhe aparecera. Segundo o relato do venerável historiador, que viveu de 260 a 340 depois de J. C, Constantino, antes da batalha da ponte Mélvio, rogou o auxílio de Deus. Suplicou-lhe que lhe desse a prova e a revelação de sua verdadeira essência. Enquanto o imperador suplicava, mergulhado em suas preces, o signo divino lhe aparecera. No céu, numa auréola luminosa acima do sol, viu, como que cristalizadas pela luz, a Santa Cruz e estas palavras gravadas no azul:
In hoc signo vinces (com este sinal vencerás).
Não se pode duvidar da realidade do fato. Constantino fez, muito confidencialmente, alusão

à sua visão, e, duma maneira geral, estão os sábios convencidos da veracidade das confidencias e dos textos. A autenticidade da visão, pelo contrário, está sujeita a discussões. Uma visão só é, e só resta autêntica, duma maneira subjetiva, isto é, só tem valor para a pessoa que é dela objeto com a condição de que essa criatura predestinada esteja em condição de receptividade. A maneira pela qual a visão forma unidade com a representação subjetiva, a maneira pela qual uma é criada ou provocada pela outra, a identidade entre a ação exercida pela potência do sobrenatural e pela força divina guardam seu impenetrável segredo. Por conseqüência, o que importa aqui para o caso de Constantino, não é essencialmente saber se a visão era "autêntica", mas penetrar o estado de receptividade de Constantino, seu desejo de ser escolhido para perceber o signo do Deus, verdadeiro e único. O que importa é que Constantino o tenha descrito, e, por fim, que tenha crido nele. É interessante verificar que a ciência histórica moderna tende a concluir que ela foi "autêntica", e nada imaginária ou inventada. Ora, neste caso, a autenticidade evidente é verossímil. Heinz Kraft escreveu, com justa razão, que a fabulação, a imaginação da visão não correspondem absolutamente ao caráter e ao temperamento de Constantino.

"A visão foi relatada por testemunhas dignas de fé; e a fé na crença cristã de Constantino, depois de 312, não é objeto de dúvida alguma."

Kornemann, especialista na história da Antigüidade, escreveu:

"Que o Deus cristão tenha penetrado a alma do homem mais nobre e mais eminente de seu tempo, que essa revelação tenha constituído o "acontecimento subjetivo" capital da existência de Constantino, é um fato que, em nossos dias, não se pode negar."

Duma maneira geral, as apreciações gerais de Burckhardt, que achava que o imperador era um político positivo, materialista, nada místico nem religioso, estão atualmente ultrapassadas. Jacob Burckhardt, historiador de arte, filósofo de origem suíça, via em Constantino um ser que se aproximara do mistério divino pela graça de uma "segunda mão", isto é, por superstição, e que se serviu do cristianismo unicamente com um fim político.

Quanto ao belga Henri Grégoire, considera a visão da Cruz apenas uma lenda tendenciosa, se bem que tardia e desprovida de qualquer valor de autenticidade.

Ora, o lado lendário da narrativa da visão e a impressão que dela se destaca, supõem uma conversão brutal, miraculosa, inesperada, e esses fatores são a conseqüência imediata da falta de atenção concedida até então à evolução intelectual de Constantino. Consciente da missão que deveu cumprir, "mais e mais cristianizado e certo de ser um eleito" (Heinz Kraft), Constantino descobriu o cristianismo, não duma maneira brutal e súbita, mas lentamente e duma maneira absolutamente lógica. Não se tratava aqui duma conversão espetacular, mas duma evolução lenta, perfeitamente coerente. Penetrado pelos imperativos da missão que tinha de cumprir, sua convicção íntima lhe trazia a firmeza e a autoridade com as quais agiu por ocasião da batalha que travou contra Maxêncio. Ora, não se deve esquecer que sua posição, a priori, era precária naquele ano de 312. Considerava-se Roma inexpugnável. Seu adversário dispunha dum exército superior em efetivos. As experiências que Constantino fizera no curso de suas campanhas germânicas não podiam ser-lhe de socorro algum aqui, no que se refere à tomada da fortaleza mais moderna e

mais poderosa do mundo. Por outra parte os arúspices pagãos lhe tinham aconselhado que se abstivesse de provocar uma guerra contra Maxêncio. Foi, pois, seu puro apostolado que o impeliu à ação e o fez colocar o combate decisivo sob o signo do Deus invisível. Foi por esta razão que se voltou para Cristo, mediador último, cujos discípulos, sacrifícios e ideal de amor não tinham podido ser nem dominados, nem surpreendidos pela potência terrestre do imperador romano.

Constantino tinha uma memória precisa e exata dos fatos. Na corte de Diocleciano, depois na de Galério, pudera verificar a ineficácia e a inutilidade das perseguições cristãs. Jovem já simpatizante com a fé cristã, detestava Diocleciano e Galério. Sem traí-los, surpreendera tantas palavras e tantos segredos! Num tijolo proveniente do palácio de Diocleciano em Split, descobriu-se um peixe gravado (uma espécie de golfinho). Alguns indícios fazem crer que um homem perseguido, acuado, traçou às pressas aquele símbolo. Colocara contra a parede o lado gravado do tijolo, a firrí de dissimular a mensagem aos profanos. Ora, o peixe, representado geralmente sob a forma de um golfinho, era o símbolo do Cristo, porque no nome grego que designa o peixe, ICHTYS, estavam contidas as iniciais de Jesus Christus Theu Yios Soter. Traduzida do grego, a frase significa: "Jesus Cristo Filho de Deus, o Redentor". Não se saberá jamais o nome do homem, que, forte em sua fé, mas tombando sob a angústia, no palácio de Espalato, traçou assim em segredo, o signo que testemunhava seu amor a Cristo. O jovem Constantino, educado na corte de Diocleciano, percebeu, freqüentes vezes, os divinos signos reveladores, e é certo que a gravidade do problema da Redenção não podia escapar-lhe. Sofreu, por outra parte, a influência moderadora de seu pai, tão tolerante; depois teve conhecimento do fim trágico de Galério. O inimigo irredutível dos cristãos morreu, com efeito, após cruel agonia, nos pavores provocados pela evolução dum câncer.

Diante de seu fim iminente, Galério pensou que o Deus dos cristãos lhe dera a terrível moléstia. E o feroz perseguidor, a 30 de abril de 311, pouco antes de sua morte, promulgou um édito todo cheio de tolerância, em favor dos crentes. Não se deve esquecer por outra parte que as correntes religiosas e a evolução intelectual da época favoreciam e exigiam um gesto decisivo. Se Constantino tivesse sofrido as dúvidas, as certezas e as angústias duma trágica crise de consciência, em seus atos reagiu lentamente e com prudência. Jovem, havia adorado Júpiter, Hércules e Apoio. Depois, foi o deus do Sol, invisível, único, invencível, perto já da concepção cristã. Finalmente o deus do Sol invisível apareceu-lhe como o Deus cristão. Seu símbolo divino representava uma cruz sem ponta, um T sobre a qual estava desenhado o sol. No começo de seu reinado, não se recomendou Constantino ainda abertamente pelo nome de cristão. Os tempos não haviam passado. O Senado era pagão, paga também a maioria da população do Império. Assim, a inscrição descoberta no arco de triunfo confirma a prudência do imperador: "À inspiração da Divindade". Se as representações figurativas são ainda alegorias do deus do Sol, o texto menciona já a "divindade" e faz nitidamente aparecer a transição entre o culto solar e o cristianismo. Constantino estava sem dúvida intimamente convencido de que devia ao Deus dos cristãos sua vitória sobre Maxêncio. Ofereceu ao papa, para residência episcopal, o palácio de Latrão, propriedade de sua esposa Fausta. Segundo a tradição da comunidade cristã de Roma, o papado existia desde São Pedro. Estava ali, sobre o túmulo onde se eleva o

zimbório de São Pedro, cuja basílica primitiva foi construída por Constantino em 324. Constantino mandou igualmente edificar a basílica de Latrão, "mãe e chefe de todas as igrejas cristãs". Na África, restituiu os bens espoliados às comunidades cristãs e exonerou do imposto os dignitários da Igreja.
O homem que, pela primeira vez na História, associou o cristianismo à coroa era o precursor duma era nova.

A VITÓRIA DA FÉ

> "Entre os imperadores romanos, somente Constantino, venerava, com uma piedade sem igual, o Deus soberano e proclamava com franqueza o ensinamento do Cristo. Glorificou sua Igreja como nenhum outro antes dele; apagou os erros do politeismo e extirpou a idolatria".
>
> EUSÉBIO, "A Vida de Constantino", LV, 75.

A visão de Constantino constituiu na História um momento decisivo. A favor dessa revelação, o signo da Cruz penetrou a cultura do Ocidente. Se a mudança, a transformação dos deuses e dos símbolos se efetuaram lentamente, de acordo com uma progressão bem calculada e perfeitamente dirigida, essa prudência prova que Constantino tinha um instinto seguro daquilo que o Império Romano podia sem perigo "digerir" e assimilar. O homem moderno possui a Cruz que, para éle, é uma revelação admitida e indiscutível. Por conseqüência, é-nos difícil, em relação a nós, comparar, medir os problemas que se erguiam diante do imperador dum mundo pagão e que teve a princípio de encontrar, depois revelar publicamente o sinal divino da religião nova.
Por falta de provas, os ataques contra Eusébio, testemunha ocular principal, mais ou menos fracassaram. No que concerne ao texto de sua obra, nenhuma objeção válida pôde provar que não tivesse sido éle o autor da Vida de Constantino. É a conclusão de Vogt, especialista na questão, depois de ter aprofundado a vida e os atos de Constantino, durante longos anos. A lealdade tocante e quase ingênua, o estilo direto, como que penetrado de seu próprio júbilo, com os quais se exprimiu Eusébio, não poderão surpreender o leitor, se se considerar que foi contemporâneo e amigo do imperador. Admirável testemunha.
A crítica histórica moderna tende de novo a prestar fé à autenticidade dos escritos de Eusébio e considera Constantino como um imperador cristão. A maior parte dos historiadores pensa que a conversão autêntica de Constantino é um fato histórico. Citemos de memória Alföldi, De Cavalieri, Baynes, Palanque e Vogt. Ora, além desses sábios "modernos", existe uma incorruptível testemunha que confirmou e garantiu a veracidade da fé cristã do imperador. Foi seu sobrinho, Juliano, o Apóstata. Esse imperador romano (361-363) foi educado numa ascese cristã rigorosa, mas posteriormente, incrédulo, renegou sua fé e tentou restabelecer o paganismo. Não é possível fazer de Juliano (como foi o caso de Eusébio) um apologista de Constantino, porque odiava ele profundamente o seu tio. Ora, nas suas opiniões mais malévolas, repetia sem cessar que Constantino se convertera ao cristianismo e que abandonara o deus do Sol.

Perturbado pelo deslumbramento de sua visão celeste, o imperador Constantino mandou chamar os padres que ensinavam o Evangelho. Interrogou-os a respeito da natureza desse Deus e da significação do Signo. Os padres ensinaram ao imperador o que era Deus, "o verdadeiro Filho do Deus único". Explicaram-lhe que o signo era o símbolo da imortalidade e da vitória alcançada contra a morte por Aquele que descera à terra. Demonstraram-lhe também o valor dos atos do Cristo entre os homens.

Que idade tinha então o imperador que fazia perguntas tão perturbadoras e que recebeu respostas tão pesadas de conseqüências para a civilização ocidental? Discute-se o ano do nascimento de Constantino. Joseph Vogt opta por 285. Se a data for exata, Constantino tinha vinte e sete anos por ocasião da revelação. E esse homem, jovem, consciente de seu prodigioso apostolado, devia, desde o instante solene de sua visão até a hora de sua morte, prosseguir no seu objetivo com uma fé crescente, revigorada e inabalável.

Depois da vitória contra Maxêncio, relata Eusébio, Constantino, com toda a franqueza, anunciou aos romanos a boa nova do Filho de Deus. E todos os povos, "até o sol poente à beira do oceano", em reuniões jubilosas, celebraram sua libertação. Não se cansaram de "entoar os louvores do herói vitorioso, do piedoso servidor de Deus e do benfeitor da humanidade". Pela graça de Deus, forjara Constantino a salvação da humanidade.

No Império Romano, havia ainda três imperadores reinantes: Constantino, Licínio e Maximino Daia. A fim de prender a si Licínio, restabeleceu Constantino relações amistosas com ele.

Em fevereiro de 313, núpcias suntuosas se celebraram em Milão. O imperador Constantino casava sua meia-irmã Constância com Licínio que, naquela época, estava governando as províncias danubianas e balcânicas. Licínio dispunha dum poder importante. Constância não se sentiu satisfeita com essa união. Seu esposo obrigou-a a adotar um filho que tivera duma escrava, porque não podia esperar outra descendência. O casamento deles fora concluído em virtude de razões políticas, segundo o desejo de Constantino. E Constância, como fiel romana, submetera-se às razões de Estado. Em Milão, os dois imperadores decidiram instaurar a liberdade religiosa; o cristianismo devia ser tolerado. Os imperadores confessaram-se discípulos da religião da Summa Divinitas. A Divindade Suprema. Era prematuro nomear abertamente o Deus cristão. Segundo o acordo de Milão, os bens espoliados, os lugares de reunião dos cristãos deviam ser restituídos, as diversas comunidades cristãs reconhecidas. De futuro, cada cidadão teria o direito de viver segundo a religião de sua escolha. Ê inútil sublinhar que a liberdade religiosa aproveitava em primeiro lugar aos cristãos. Com o fim de aliciar Licínio à sua fé, de predispô-lo favoravelmente para com o cristianismo, de facilitar-lhe, em larga medida, a aplicação da nova política religiosa, prometeu Constantino a seu confrade aumentar-lhe o poder soberano e os territórios com prejuízo de Maximino Daia, que reinava sobre as províncias do leste. Para Daia, as convenções de Milão constituíam uma ameaça séria. Decidiu ganhar dianteira a Licínio e atacar as províncias balcânicas. Demasiado ocupado em repelir os francos renanos, Constantino, segundo toda a probabilidade, não podia socorrer seu colega. Daia não era precisamente o que se chama uma criatura atraente.

Ilírio, brutal e grosseiro, homem de baixa extração, cego pelo poder a que havia ascendido, debochado, era dominado pelas mulheres; bebia demais, era supersticioso e sem talentos

políticos e militares. Pela severidade de suas perseguições tinha, pelo contrário, ultrapassado de cem côvados o imperador Diocleciano, contudo tão temível, com suas exterminações perfeitamente organizadas. Maximino Daia estava convencido de que encarnava o senhor supremo de todos os soberanos absolutos. Apoderava-se do que lhe apetecia possuir e não respeitava nunca o direito dos cidadãos. No correr do inverno de 312-313, com sua prodigalidade barulhenta, desejava corromper os soldados da Trácia e da Ilíria, comandados pelo parcimonioso Licínio. Ignorando qualquer escrúpulo e as atenções mais naturais, fez os animais de carga correrem pelas montanhas cobertas de neve da Ásia Menor. Esgotados, seus soldados pereceram e o exército de Daia sofreu perdas consideráveis. Durante onze dias, sitiou Bizâncio. Apoderou-se da fortaleza, bem como de Perinto e de Heracléia e marchou sobre Andrinopla. Em Tzirallum, não longe de Heracléia, na Trácia, travou-se a batalha, a 1.° de maio de 313.

Os adversários dirigiram-se a deuses diferentes. Antes da batalha, os soldados de Licínio imploraram o deus do Sol invencível, o que não era ainda o Deus cristão. Mas a tradição cristã assinala aqui a aparição de um anjo. Os soldados de Maximino Daia tinham posto sua confiança no poder dos antigos deuses romanos, na infalível vidência dos advinhos e dos oráculos. A 1.° de maio de 313, Licínio, à frente dum exército bem inferior em número, alcançou retumbante vitória contra Daia. Venceu, sob a divina proteção do deus invisível, senão verdadeiramente cristão. Maximino Daia mandou executar, como vulgares trapaceiros, os adivinhos que tinham anunciado sua vitória. Eusébio relata a severidade com a qual o destino feriu Maximino Daia, que morreu de lepra ou de sífilis.

"Inexoravelmente, sem esperança, suas entranhas se decompuseram. .. Por causa de sua voracidade, seu corpo estava como um amontoado de gordura que se desmanchava em podridão."

Miserável destroço, torturado por insuportáveis dores, Daia acusou-se perante Deus. Mandou cessar as perseguições, promulgou ordens para a reconstrução das igrejas e pediu aos cristãos que rezassem por ele. Eusébio escreveu que, na verdade, merecia Daia sua punição. Não somente fizera perecerem milhares de cristãos pelo fogo, pela espada, pela força e pela crucificação, não somente os lançara às feras ou precipitara no mar, mas havia-os mutilado — homens, mulheres e crianças, de olhos vasados, de pés esmagados — para mandá-los depois para as minas, onde morriam lamentavelmente, como cães. Ora, o próprio Daia, de olhos apodrecidos, ficou cego. Mau grado seus intoleráveis sofrimentos, resistiu ainda algum tempo à morte e refugiou-se na Ásia Menor. Morreu em Tarso, no decurso do outono do ano de 313.

— Minhas duras experiências ensinaram-me que o Deus dos cristãos é o verdadeiro Deus — declarou antes de expirar. Licínio mandou precipitar a esposa de Daia no Oronte e estrangulou-lhe o filho, de oito anos de idade, bem como a filha, de sete anos.

Enfim, reinava Constantino no Ocidente e o imperador Licínio no Oriente. A tetrarquia de Diocleciano não existia mais. Os dois chefes de Estado, ligados por um parentesco direto, teriam podido fundar um império romano sob o signo da paz e da tolerância religiosa.

Favoravelmente impressionado por Constantino, desde seu encontro em Milão, dirigira Licínio aos governadores das províncias asiáticas proclamações, ordenando a liberdade dos cultos. Mas, ai! pouco a pouco, sua tolerância se esfumou para dar lugar ao ódio e às

perseguições.
Consciente do perigo que representava a atitude de Licínio, Constantino quis criar um Estado intermediário entre seu mundo e o de seu co-imperador. Casou sua meia-irmã Anastácia com um tal Bassiano, a quem nomeou César e ao qual confiou o governo da Itália e da Ilíria.
Instável, incapaz de manter palavra, chicanista, mentiroso, agressivo, Licínio tinha um espírito rebelde e intrigante. Dedicou-se tão bem a suas ocultas conspiratas que Senécio levou seu irmão Bassiano a assassinar Constantino. Mas este surpreendeu a conjura. Mandou executar Bassânio e exigiu de Licínio a extradição de Senécio. Licínio recusou. No ano de 314, a primeira guerra entre os dois imperadores começou. Na batalha de Cibalis, à margem do-Save, Constantino ganhou uma primeira vitória, a 8 de outubro de 314. O resultado de um segundo assalto, na Trácia ficou indeciso. Concluíram então uma paz coxa e decidiram que cada qual se limitaria aos territórios colocados sob sua obediência — sendo os de Constantino, aliás, os mais importantes. Foi, pela primeira vez, uma verdadeira partilha do Império; houve dois Estados poderosos e estritamente separados e autônomos. Nenhum deles tinha o direito de imiscuir-se no outro. Durante o verão de 315, voltou o imperador Constantino a Roma para celebrar o decênio. Absteve-se de sacrificar aos deuses pagãos. Em contraposição, avistou-se com o papa Silvestre e pode-se supor, com toda a verossimilhança que a construção das primeiras igrejas foi um dos assuntos de suas conversas. Constantino confiou aos cristãos altos cargos. A efígie do Sol Invictus desapareceu das medalhas e o domingo foi reconhecido oficialmente como um dia feriado. A instauração do repouso dominical demonstra a reviravolta que se operou então, a transição essencial, capital, em que o Deus cristão substituiu o deus do Sol. O domingo, dia do Sol (dies solis) é como uma ponte ligando o culto do Sol ao cristianismo. Não se ignora que o dies solis era o primeiro dia da semana do calendário romano. Entre os cristãos, esse dia era consagrado à reunião dos crentes. Agora, a instauração do dies sob's, como feriado público, aproveitava aos cristãos e aos adoradores do deus Sol, porque, até então, o primeiro dia da semana não era feriado. Pouco mais ou menos na mesma época, começaram os cristãos a comemorar o nascimento do Cristo a 25 de dezembro, que é o dia do nascimento do sol invictus. Fiel servidor da religião revelada, Constantino fundiu o paganismo e suas festas no molde cristão. Seu adversário prosseguiu um caminho bem diferente. No ano de 321, começou Licínio suas ferozes perseguições contra os cristãos. As igrejas foram destruídas, os dignitários condenados à morte e os fiéis lançados na prisão. Eusébio escreveu a este propósito:
"Licínio estava convencido de que nossos atos e nossas orações só serviam para obter o favor de Deus em proveito de Constantino."
Alguns cristãos "foram executados segundo uma técnica moderna. Com a espada, cortavam-se os corpos em pequenos pedaços, e, após essa horrenda crueldade, essas ignóbeis sevícias, lançavam-nos ao mar para que fossem devorados pelos tubarões".
Quando, em 324, os godos atravessaram o Danúbio e penetraram no império romano, Licínio deveria tê-los repelido. Não se moveu. Assim, foi Constantino obrigado a violar o acordo que lhe interdizia passar as fronteiras do leste. Teve de pisar as terras de Licínio para defender o Império contra os godos.

Entre os dois imperadores, uma luta de morte pelo poder se travou. Licínio invocou os deuses pagãos. Reuniu os adivinhos, os profetas egípcios, os envenenadores especializados, os mágicos, os sacerdotes e os astrólogos, e sacrificou aos deuses que interrogava para conhecer o resultado da guerra. Os intérpretes da vontade dos deuses, por meio de sentenças herméticas e pela força "sobrenatural" dos poemas, oráculos e cantos, afirmaram que Licínio conquistaria a vitória. Os augures também concluíram, observando o vôo dos pássaros, que a fortuna lhe sorriria. E os arúspicos confirmaram esses presságios. "Essa batalha demonstrará qual de nós dois possui a boa crença — afirmou Licínio. — Se nossos deuses alcançarem a vitória, levaremos a guerra contra todos os infiéis (os cristãos)." Constantino colocou-se ainda uma vez sob a proteção do "signo da vitória". A 3 de julho de 324, esmagou Licínio numa memorável batalha, em Andrinopla. Tornou-se então o senhor da Europa. Licínio, acuado, ocupou Bizâncio, mas Constantino investiu a cidade. Refugiado na Ásia, veio a ser Licínio definitivamente posto fora de combate em Crisópolis. Bizâncio e Calcedônia depuseram as armas.

Deve-se lembrar que Constância, a meia-irmã de Constantino, havia desposado Licínio. Implorou a seu irmão o perdão para Licínio. Constantino concedeu-lhe a vida e autorizou o casal a viver, livre e em paz, em Tessalônica.

Ora, o autócrata Licínio era incapaz de viver sem exercer seu poder temível e sem se entregar a nebulosas intrigas. Abriu conversações com os bárbaros das províncias danubianas. Essa violação da palavra dada, essa traição, provocaram sua detenção. Condenado pelo Senado romano, Licínio foi executado.

Senhor do mundo, primeiro imperador cristão da terra, exaltou Constantino a força vitoriosa do signo miraculoso. Consciente de encarnar o eleito de Deus, derrubou todos os obstáculos que interditavam aos cristãos o exercício de seu culto. Declarou solenemente que estava encarregado de realizar na terra a vontade de Deus.

Os mais altos cargos do Estado foram confiados a cristãos. Em Roma, um cristão torna-se proefectus urbis, prefeito da cidade. As comunidades cristãs receberam subvenções imperiais para construir e restaurar as igrejas. Num conselho supremo, os altos dignitários cristãos reuniram-se em torno do imperador. Constantino regulamentou e organizou os negócios da Igreja. As comunidades cristãs não estavam de modo algum agrupadas numa crença unânime. As Faculdades de teologia, os doutrinários professavam concepções diferentes e muitas vezes antagônicas. O ensinamento cristão era obscurecido por questões insidiosas quanto à revelação, por dúvidas, por opiniões contraditórias e por um sectarismo obstinado. A heresia foi o valor espiritual temível que caracterizou a época. Na origem, essa palavra grega significa "o que foi escolhido". Serviam-se dela então para designar as doutrinas que se afastavam do ensinamento cristão oficial e ortodoxo. Não se deve esquecer que essas lutas são o espelho de uma época em que os cristãos, "através das reações provocadas pelos filósofos da Antigüidade, construíram e regulamentaram sua fé e sua doutrina" (Vogt).

Constantino desejava a unificação das Igrejas cristãs. Para ele, o "catolicismo" era a unidade tão desejada. Ora, no Oriente, sobretudo, esse fim se achava longe de ser atingido. As opiniões e as concepções mais contraditórias eram ali discutidas com paixão. Em 318, em Alexandria, um padre, Ário, ensinava uma doutrina nova. O heresiarca foi

excomungado por Alexandre, seu bispo. Mas outros dignitários orientais aliaram-se à sua doutrina e lhe concederam sua proteção. O arianismo se propagou e as comunidades cristãs do Oriente começaram a agitar-se. Ário ensinava que o Cristo e Deus o Pai eram dois seres distintos, de essência análoga mas não consubstanciai. Para resolver a questão, o imperador Constantino reuniu, de maio a julho de 325, os bispos do Império no concilio de Nicéia, na Bitínia. A fim de que todos os altos dignitários da Igreja pudessem a ele comparecer, ordenou Constantino que se pusesse em serviço a "posta pública" e se colocassem à disposição dos organizadores todos os animais de carga necessários ao seu bom funcionamento.

Grande número de servidores de Deus, cerca de trezentos e vinte bispos, a maior parte ocorridos do Oriente, reuniram-se em Nicéia, no palácio imperial. Viam-se ali homens que aprenderam a medir suas palavras, outros que se distinguiam pelo exemplo de sua vida ascética e de sua piedosa e perseverante constância, outros ainda eram célebres pela sua humildade exemplar. Veteranos anciãos acotovelavam jovens fanáticos, entrados de pouco ao serviço da cristandade. O imperador fazia-se ouvir na língua latina e a assembléia era tão cosmopolita que se tornava preciso traduzir seus discursos. Quando se exprimiu em grego, foi compreendido por grande número de ouvintes. Constantino conseguiu convencer uns e confundir outros e pôs todos de acordo quanto aos problemas discutidos. Segundo seu desejo, decidiu a assembléia que todos os cristãos, sem exceção, celebrariam doravante a Páscoa uma vez por ano, "porque o Salvador nos legou um só dia para nossa libertação, o dia de seu Calvário sagrado e, segundo sua vontade, a Igreja católica será uma".

A decisão mais importante do sínodo foi a que cortou as controvérsias suscitadas pela doutrina de Ário. No Símbolo de Nicéia, compôs-se a "verdadeira" profissão de fé dos cristãos. Em 327, por ocasião dum segundo concilio, Constantino quis trazer Ário de novo à profissão de fé cristã. Tropeçou na firme oposição de bispo Atanásio, e as exegeses, as controvérsias recomeçaram com ímpeto, durante vários anos. Destituído, foi Atanásio banido para Treves.

Durante o lapso de tempo que separou os dois concílios (ano de 326), tornou-se o imperador cristão culpado duma falta grave. Duma ligação com Mamertina, sua concubina, tivera Constantino um filho, Crispo. Fausta, a esposa legítima do imperador, apaixonou-se pelo filho mais velho de seu esposo. Ora, quando Fausta verificou que os ternos sentimentos que sentia por Crispo não eram retribuídos, quando o rapaz, de vinte anos, repeliu suas propostas, a decepção e o despeito inspiraram a Fausta a idéia diabólica de caluniar Crispo junto a seu pai. Pretendeu (é o que se supõe) que Crispo tentara abusar dela. O episódio faz pensar em D. Carlos e seu pai Felipe II, da Espanha, em Pedro, o Grande, que mandou executar seu filho Aleixo. Burckhardt cita a esse propósito o caso de Solimão, o Magnífico e de seu nobre filho ? Mustafá, que pereceu vítima das intrigas de Roxolana. Constantino celebrou em Roma o segundo decênio de sua ascensão ao trono. Teria Crispo advertido seu pai da aproximação desse vigésimo aniversário da tomada do poder, data na qual, segundo o sistema de Diocleciano, teria ele de abdicar? Desempenhou Fausta, para com seu enteado, o papel de Fedra? De sua união com Constantino haviam nascido três filhos, e podia-se supor que quisesse ela perder Crispo aos olhos de seu pai,

para salvaguardar os direitos de seus próprios filhos? O imperador, tão ponderado, entrou em violenta cólera. Sem lhe dar oportunidade de justificar-se ou de explicar sua verdadeira conduta, mandou Constantino executar Crispo em Pola, na Dalmácia. Ora, o jovem Crispo, que se tinha casado aos catorze anos, estava inocente do crime de que o acusavam. Foi a piedosa Helena, mãe de Constantino, quem descobriu a impostura. Suprimiu-se então Fausta. Obrigaram-na a tomar um banho de vapor nas termas do palácio, enquanto os servidores aqueciam os fornos ao extremo. Morreu ela sufocada. Depois do drama, promulgou Constantino uma lei interditando o concubinato. Sem dúvida, experimentou profundo remorso pela sua falta. Sem dúvida, compreendera que sua infideli-dade insuflara em sua esposa o desejo e o gosto do fruto proibido.

Naquela época, houve um acontecimento que guardou um valor capital. Constantino transferiu a sede do Império para Bizâncio, que tomou o nome de Constentinopla, glorificando desta maneira o nome do primeiro imperador cristão sobre a terra. Antes de escolher Bizâncio, sonhara Constantino com outras cidades: Sérdica (Sofia), Salônica, Sírmio e Tróia. Decidiu-se por Bizâncio, situada na proximidade da metrópole administrativa de seu predecessor Diocleciano. Bizâncio estava destinada a tornar-se uma Roma cristã, uma Roma oriental, e o traçado da nova cidade era calcado sobre o de Roma. Tendo os trabalhos de construção começado a 26 de novembro de 326, foi Constantinopla inaugurada a 11 de maio de 330. Constantino regulamentou então a sucessão ao trono. Cada um de seus filhos devia receber uma parte do Império; uma quarta parte era reservada a seu sobrinho. Na semana de Páscoa do ano de 337, contraiu o senhor do mundo uma grave moléstia.

Às pressas, dirigiu-se às benéficas águas de Drepano, cidade que desbatizara para dar-lhe o nome de "Helenópolis", em honra de sua mãe. Seu estado de saúde não melhorou. Pressentindo seu fim próximo, fez-se Constantino transportar para Anquirena, subúrbio de Nicomédia (Bitínia). Somente na hora da morte é que recebeu, das mãos do bispo Eusébio de Nicomédia, o batismo cristão. Escolhera delibera-damente aquele instante para entrar no seio da Igreja cristã. Desta maneira, pensava, os erros que cometera durante sua existência apareceriam aos olhos dos homens como os desvarios de um incrédulo. Tendo recebido o batismo, entrou na vida eterna com a alma desembaraçada de todo pecado. Havia Constantino acariciado o projeto de fazer-se batizar nas águas do Jordão, "nas ondas onde, para nossa edificação, nosso Salvador recebeu o batismo".

— Enfim eis chegado — dizia ele — o momento tão esperado e que desejei de toda a minha alma para encontrar a salvação em Deus!

No derradeiro dia de Pentecostes do ano de 337, o homem que recebera a revelação do signo sagrado e que o havia legado para sempre ao Ocidente, adormeceu para a eternidade. Num sarcófago de ouro, os despojos de Constantino, o Grande, foram transportados para Constantinopla e expostos na sala mais vasta e mais suntuosa do palácio imperial. Velas brilhavam em candelabros de ouro e inundavam com sua quente luz o catafalco sobre o qual repousava o imperador, com a fronte cingida por um diadema, revestido com sua veste dé batismo. Recusara levar a púrpura imperial depois de ter sido recebido nas fontes batismais. Dia e noite, os legionários velaram o seu corpo. Na hora marcada, os altos funcionários, os dignitários e os chefes do exército ajoelharam-se diante

dos despojos mortais de Constantino. O ceremonial da corte desenrolou-se segundo o costume, ritual frio e inexorável, "para o único entre os mortais que, além da morte, permanecia o imperador".

Depois, com a vinda de Constante que, único dos filhos do ilustre defunto, acompanhara seu pai na cidade enlutada, o sacófago foi transferido para a igreja dos Apóstolos. Constantino mandara construí-la perto da nova metrópole e "elevava-se para o céu a uma altura prodigiosa".

Eusébio relata que a cúpula da igreja brilhava com um esplendor tão deslumbrante que atraía de muito longe o olhar. O mausoléu de Constantino, contíguo à igreja, estava ornado de doze esteias glorificando os Apóstolos. O sarcófago foi colocado no centro, de modo que, de cada lado, seus apóstolos pareciam velar juntamente com o protetor dos cristãos. Constantino, imperador do mundo, quis encarnar o décimo terceiro apóstolo, o anunciador da fé. E, vencedor, graças àquela fé alegre e invencível, esperava ser digno de receber, após sua morte, o nome de apóstolo.

Naquele lugar, não repousava, solitário e abandonado. Ordenara que celebrassem, naquele mausoléu, missas pelo repouso de sua alma. Esperava ouvir as preces que, perto dele, os homens dirigiam aos apóstolos de Cristo. Foi Constantino seguramente um homem feliz, porque alcançara a fé. Graças a ele, e para além da morte, centenas de milhões de humanos acederam à pura revelação da religião cristã. Foi feliz, indizívelmente, porque soube que conheceria a vida eterna, penetrando na radiosa luz de Deus.